

Rosa Cristina Hood Gautério

***ESCRÍNIO*, ANDRADINA DE OLIVEIRA E SOCIEDADE(S):
ENTRELAÇOS DE UM LEGADO FEMINISTA**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de Doutora em Literatura.
Orientadora: Professora Doutora Zahidé Lupinacci Muzart.

Florianópolis

2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Gautério, Rosa Cristina Hood

Escrínio, Andradina de Oliveira e sociedade(s) :
entrelaços de um legado feminista / Rosa Cristina Hood
Gautério ; orientadora, Zahidé Lupinacci Muzart -
Florianópolis, SC, 2015.

391 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Literatura.

Inclui referências

1. Literatura. 2. Literatura. 3. Escrínio. 4. Andradina
América de Andrada e Oliveira. 5. Periodismo feminino Sul-
rio-grandense. I. Muzart, Zahidé Lupinacci. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Literatura. III. Título.

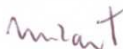
*“Escrínio, Andradina de Oliveira e sociedade(s):
entrelaços de um legado feminista”*

Rosa Cristina Hood Gautério

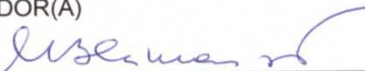
Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título

DOUTORA EM LITERATURA

Área de concentração em Literaturas e aprovada na sua
forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da
Universidade Federal de Santa Catarina.

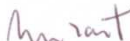


Prof^a. Dr^a. Zahide Lupinacci Muzart
ORIENTADOR(A)

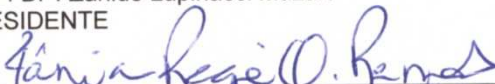


Prof^a Dr^a Maria Lúcia de Barros Camargo
COORDENADORA DO CURSO

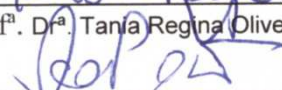
BANCA EXAMINADORA:



Prof^a. Dr^a. Zahide Lupinacci Muzart
PRESIDENTE



Prof^a. Dr^a. Tania Regina Oliveira Ramos (UFSC)



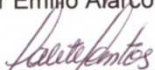
Prof^a. Dr^a. Simone Pereira Schmidt (UFSC)



Prof^a. Dr^a. Zilma Gesser Nunes (UFSC)



Prof. Dr. Artur Emilio Alarcón Vaz (FURG)



Prof^a. Dr^a. Salete Rosa Pezzi dos Santos (UCS)

À memória de

ANDRADINA AMÉRICA DE ANDRADA
E OLIVEIRA

(Porto Alegre, RS, 12 de junho de 1864 - São
Paulo, SP, 19 de junho de 1935).

“Mãe amantíssima” de Adalberon e Lola de
Oliveira, e diretora e mantenedora do
periódico *Escrínio* (Rio Grande do Sul, 1898
– 1910).

AGRADECIMENTOS

Para a presente pós-graduação, na realização da tese, contei com muitas pessoas que contribuíram para a conclusão de um trabalho tão extenso. Entre muitas delas, destaco, com apreço, e com o meu eterno agradecimento:

À professora Dr^a Zahidé Lupinacci Muzart pela atenção que dedicou a esta pesquisa, pelos livros presenteados, pelas sugestões bibliográficas e a confiança depositada ao meu trabalho.

Aos tios, Luci e Fred, pela generosa acolhida em Florianópolis, como fundamental apoio e ponto de partida para a possibilidade de realização de mais esse projeto de vida.

Aos demais tios, aos irmãos, sobrinho e cunhadas pelo auxílio e estímulo; aos primos pela assistência, colaboração, as muitas hospedagens e apoio para o sucesso do projeto, muito obrigada.

Aos amigos no Brasil, como fontes de estímulo constante. À amiga Claudia Maydana, pelas traduções; ao amigo Rafael Claumann pela formatação do trabalho. E aos amigos e fora do Brasil que, quando no estágio de doutoramento no exterior, dividiram momentos, conversas e abraços nas horas precisas. E cabe destacar a amiga e anfitriã em Lisboa, Maria Manuel, a Miúcha, pela assistência permanente e por dividir comigo o grupo dos seus preciosos amigos.

Agradecimento especial à minha mãe, Guacira Hood, pela coragem e pela força de sucumbir à minha ausência e pelo permanente apoio pessoal, minha especial gratidão.

Aos membros da Banca Examinadora que me orientaram para o melhor resultado possível do trabalho e, especialmente, ao professor Dr. Artur Alarcon Vaz que influenciou minha formação e atendeu-me desde o início das pesquisas. Igualmente, a professora Dr^a Tânia Regina Oliveira Ramos pela disposição e sempre tão generosa nos auxílios a mim prestados.

À professora Dr^a Yasmin Jamil Nadaf pelo incentivo e envio de material relativo ao meu objeto de pesquisa. À historiadora professora Hilda Agnes Hubner Flores, não só por ter me recebido em sua casa, Porto Alegre, disponibilizado um valioso material do seu acervo particular, como também pela assistência permanente em todo o período das minhas pesquisas.

Agradeço, da mesma forma, à professora Dr^a Vânia Pinheiro Chaves, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, enquanto preciosa orientadora do meu estágio de doutorado sanduíche na instituição, onde estive filiada ao Centro de Literaturas e Culturas

Lusófonas e Europeia – CLEPUL – e não poderia deixar de agradecer o apoio sistemático da professora Dr^a Isabel Maria da Cruz Lousada, colaboradora do Centro e investigadora da Universidade Nova de Lisboa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES - pelo imprescindível apoio financeiro tanto no Brasil, quanto no Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE – Processo BEX 6199/13-5), que possibilitou minha dedicação exclusiva ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, da Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC.

RESUMO

Esta tese de doutorado teve por objetivo analisar a trajetória histórica do periódico feminino gaúcho *Escrínio*, publicado, inicialmente, na cidade de Bagé, (RS), em 2 de janeiro de 1898 e, posteriormente, tendo sido editado nas cidades Sul-rio-grandenses: Rio Grande, Santa Marie e Porto Alegre, esta última onde encerrou suas publicações em 25 de junho de 1910. Editado pela escritora Andradina América de Andrada e Oliveira (1864-1935), o periódico mostrou-se como substrato na consolidação de uma rede de comunicação nas diversas relações estabelecidas entre as mulheres intelectuais no Brasil e fora do país. Nesse contexto, tomou-se não só o periódico como fonte primária de pesquisa, como também os jornais editados em espaços geopolíticos distintos, buscando-se um ponto de contato entre feministas portuguesas e gaúchas. Concomitantemente, ampliou-se o *corpus* de estudo, considerando-se inserção de Andradina no universo das letras, no exame de algumas suas obras literárias as quais serviram de tribuna para seu um discurso crítico, nos mínimos detalhes da vida cotidiana, ocupando uma relevância no processo de discussões sobre o regime patriarcal, mecanismo dominante da época. Sendo assim, o estudo propiciou o vínculo do periódico e sua redatora, com o pensamento evolutivo do feminismo, promovendo uma reflexão entre gênero, subjetividade e relações de poder, em tempos difíceis para a produção intelectual das mulheres oitocentistas.

Palavras-chave: Imprensa Feminina Sul-rio-grandense. *Escrínio*. Andradina. Literatura.

ABSTRACT

This doctoral thesis aimed to analyse the historical trajectory of the feminine journal *Escrevão*, from Rio Grande do Sul, initially published in Bagé on January 2nd, 1898 and, later, edited in the Southern cities of Rio Grande do Sul: Rio Grande, Santa Maria and Porto Alegre, the latter being the one which ended the publishing on June 25th, 1910. Edited by the writer Andradina América de Andrada e Oliveira (1864-1935), the journal proved to be the basis for the consolidation of a communication network in the diverse relations established among the intellectual women in and outside the country. In this context, not only the journal was taken as primary source of research, but also the newspapers which were edited in distinct geopolitical spaces, pursuing a contact point between feminists from Portugal and Rio Grande do Sul (gaúchas). Simultaneously, the corpus of study was broadened, taking into account the insertion of Andradina in the literature universe through the examination of some of her literary work, which served as a platform for her critical speech down to the smallest detail of everyday life. Thus, this study enabled to see the link between the journal and its writer, who showed the evolutionary thought of feminism, promoting reflection towards gender, subjectivity and power relations in difficult times for the intellectual production of women from the nineteenth century.

Key-words: Southern Rio Grande do Sul. Feminine Press. *Escrevão*. Andradina. Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: PRIMEIRAS PÁGINAS.....	11
CAPÍTULO 1. MO(VI)MENTOS: ANDRADINA DE OLIVEIRA ENTRE LETRAS, IDEIAS E MEMÓRIAS.....	22
1.1. O Sul de Andradina: história e sociedade, um breve panorama. 28	
1.2. Páginas de um tempo: uma vida em notas	33
1.3. Literatura, imprensa e periodismo: uma relação mútua, justificativas	87
1.4. (Re)escrevendo a vida: outras tramas...outros dramas	91
CAPÍTULO 2. <i>ESCRÍNIO</i> , A IMPRENSA FEMINISTA NO CENÁRIO RIO-GRANDENSE	129
2.1. Em revista: imprensa, sociedade e mulheres	130
2.2. A imprensa Sul-rio-grandense	136
2.3. Surge a imprensa feminina no Rio Grande do Sul.....	149
2.4. Fases e faces: o perfil de um periódico chamado <i>Escrínio</i>	159
2.5. <i>Escrínio</i> : páginas abertas	203
CAPÍTULO 3. PALAVRAS CRUZADAS, TRÂNSITOS ATLÂNTICOS	226
3.1. Notas de um diálogo: o <i>Almanaque de Lembranças Luso- Brasileiro</i>	229
3.2. Jornalismo feminino luso-brasileiro: mulher, mulheres, o lugar comum	252
3.3. A Grande aliança	275
4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E OUTRAS CONCLUSÕES: ÚLTIMAS PÁGINAS	305
5. FONTES DE CONSULTA.....	312
5.1. Periódicos/anuários consultados no Brasil.....	336
5.2. <i>Escrínio</i> : exemplares consultados.....	340

5.3. Periódicos/anuários consultados em Portugal	343
6. BIBLIOTECAS E ACERVOS CONSULTADOS.....	346
7. ANEXOS.....	348
Anexo I: Cronologia do jornal <i>Esscrínio</i>	348
Anexo II: Colaboradoras do jornal <i>Esscrínio</i> – 1ª Fase, Bagé (1901)	351
Anexo III: Colaboradoras da Revista <i>Esscrínio</i> – 2ª Fase, Santa Maria (1901).....	353
Anexo IV: Colaboradoras do jornal <i>Esscrínio</i> – 3ª Fase, Porto Alegre (1901).....	354
Anexo V: Colaboradoras do jornal <i>Esscrínio</i> – 4ª Fase, Porto Alegre (1903).....	356
Anexo VI: Colaboradoras da Revista <i>Esscrínio</i> – 5ª Fase, Porto Alegre (1909-1910).....	357
Anexo VII: Índice onomástico reduzido	368
Anexo VIII: Apontamentos biográficos de Andradina América de Andrada e Oliveira (1864-1935), diretora do jornal <i>Esscrínio</i>	370
Anexo IX: Fotos/registros/documentos – outras leituras	375

INTRODUÇÃO: PRIMEIRAS PÁGINAS

A presente tese é resultado de um interesse que se iniciou pelo estudo sobre crônica, nascido ainda na iniciação científica, época em que foi realizado o projeto “A crônica brasileira: percurso e tipologia”, orientado pelo professor Dr. Carlos Alexandre Baumgarten, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no Rio Grande do Sul. Essa motivação inicial foi se modificando ao longo da minha caminhada acadêmica, quando, no Programa de Mestrado, participei do projeto “O sistema literário rio-grandino no século XIX: estudo sobre sua formação e consolidação”, sob coordenação do professor Dr. Artur Alarcon Vaz, na mesma universidade. Esse estudo empreendeu uma estreita ligação entre a imprensa e a literatura, uma vez que se pretendeu mostrar que as crônicas publicadas nos periódicos da região integraram o momento da formação e consolidação do gênero na literatura brasileira. Tive, então, a oportunidade de adentrar no universo sociocultural do Brasil oitocentista pelo viés da imprensa. Com isso, o interesse pela temática foi mudando: ao utilizar os jornais, chamaram-me particular atenção dois periódicos femininos: o *Corymbo* (1883) e o *Escrínio* (1898). A reconstituição daquele universo começou a se configurar diante de mim a partir de uma nova temática: imprensa e gênero.

No Brasil, tanto a campanha abolicionista, quanto a republicana, no final do século XIX, foram episódios que geraram profundas mudanças na sociedade. Aliados à noção de progresso, os movimentos estavam intrinsecamente fundamentados em dois princípios universais: liberdade e igualdade. Com este fim, e na visão dos modernizadores do progresso,¹ a sociedade precisava ser reordenada e a célula principal para a conversão dos indivíduos à nova ordem recaía

¹No que diz respeito à formação histórica da sociedade brasileira e, mais especificamente, ao contexto do final do século XIX, havia um projeto de reforma social que pretendia preparar os cidadãos de uma velha ordem – colonial –, para uma nova, Republicana. Para isso, os reformadores sociais, ou seja, médicos higienistas, demógrafos, sanitaristas, bem como o positivismo – como nova corrente do pensamento moderno – a igreja, trabalhavam para fundamentar uma sociedade moderna que, segundo eles, devia se fundar num sistema de relações marcado pela obrigatoriedade e por papéis socialmente determinados. Para tanto, havia um discurso de ordem indispensável à moralização de hábitos, costumes e comportamentos, que impunha um novo modelo de “feminilidade”, isto é, uma representação simbólica da mulher que, como esposa e educadora, seria a regeneradora da sociedade. Apoiando esse propósito, muitos periódicos contribuíram com o projeto, entre eles *A mãe de Família: educação da infância e Higiene da Família*, que surge no Rio de Janeiro, em 1879, dirigido pelo médico Carlos Costa (BICALHO, 1988). O *Hebdomadário* tinha como objetivo “instruir as mães de família, ensinar-lhes a nutrir e criar os seus filhos, demonstrando-lhes que a educação da primeira idade compete exclusivamente à mãe” (Ibidem., p. 80).

sobre a mãe, indivíduo fundamental na família que, interlocutora com o Estado, transformou-se na mentora intelectual dos futuros e novos cidadãos, os filhos.

Indispensáveis nesse processo, os jornais tiveram grande influência no destino da nação. A história da imprensa é narrada a partir da história social, econômica e política do país que se transformava. Folhas afinadas com um ideário político, propagandístico e/ou pedagógico foram veículos preferenciais para a divulgação das ideias de um novo Brasil. Isso significa dizer que, tanto para a história, quanto para a sociologia, a antropologia e/ou áreas afins e, especificamente, ao estudo presente, desenvolvido pelo viés da literatura, além de um grande arquivo da história social, os jornais são também fontes efetivas de práticas sociais e artísticas que favoreceram a ordem cultural de um tempo.

Naquele Brasil, surgiu a imprensa produzida por mulheres, que contribuiu definitivamente para a (re)definição de papéis sociais ao revelar leitoras, escritoras e jornalistas com mentalidades articuladas ao novo tempo. Por diferentes épocas, esse periodismo assumiu a função de agente de cultura e, logo, revelou-nos o universo de leituras e condições materiais que favoreceram a circulação dos textos e divulgação de ideias de emancipação entre as mulheres.

Essa “feminização” (BICALHO, 1988) do periodismo, que aconteceu em diferentes contextos, lugares e períodos, como na Europa² e nas Américas,³ ampliou a esfera cultural e abriu um espaço para o exterior às mulheres. Portanto, a imprensa feminina contribuiu para que elas saíssem da periferia de suas relações, quase especificamente do âmbito doméstico.

Em geral, os conteúdos dos jornais editados pelas mulheres contemplavam literatura, recreação e artigos dedicados à família. Eles mantinham um compromisso com a formação moral das suas leitoras, esposas e mães. Os jornais tinham um claro intuito: valorizá-las na intimidade do lar, mas, ao mesmo tempo, propunham a igualdade entre os cônjuges. Sendo assim, mesmo que o espírito progressista considerasse as mulheres inferiores de inteligência,⁴ “nenhuma mudança

² Segundo Dulcília S. Buitoni (1986), o primeiro periódico feminino surgiu em 1693, na Inglaterra, com o título de *Lad's Mercury*, que durou entre 1704 a 1840.

³ Segundo a autora, Dulcília (1986), o primeiro jornal feminino norte-americano foi o *American Magazine*, entretanto, o mais conhecido é o *Ladies' Magazine*, que surgiu em 1828.

⁴ Fundamentado pela ciência da época, a diferenciação entre os sexos levava a identificar que a natureza feminina é mais afetiva, isto é, apresenta uma incapacidade de objetivar-se no mundo exterior e, portanto, a sociedade deveria criar perspectivas de ação das mulheres no interior dos

social ocorre sem que a sociedade tenha já caminhado no sentido de possibilitá-la” (ALVES, 1999, p. 97). Neste contexto, um grupo de mulheres que propunha defender publicamente seus interesses pautava-se nos argumentos utilizados pela própria retórica do patriotismo, o qual defendia o progresso do país com a participação das “boas mães”. Nasce daí uma imprensa feminina reivindicatória.

Entender as questões de gênero é reconhecer que o conceito é atravessado por processos e transformações sociais reconhecidas pelos Estudos Feministas. Pensar em feminismo é pensar ainda no século XIX, quando as mulheres passaram a apresentar ideias de autonomia; pensar em feminismo é pensar num sistema de significação muito amplo que constituiu e constitui grandes mudanças nas estruturas sociais até os nossos dias. Nesse sentido, gênero passou a ocupar uma posição de politização do feminino, embora nem todo o trabalho que englobe o conceito implique uma militância, insinuando, também, outros repertórios.

Uma democracia que ora excluiu as mulheres da ordem pública, ora as promoveu ao papel ícone do progresso da nação foi a imagem de uma democracia arraigada em contradições e que, em grande parte, ignorou o papel delas na sociedade. Entretanto, mães e esposas não representaram a totalidade de identidades criadas pela tal democracia. Muito, muito mais, as mulheres multiplicaram suas identidades fora do ambiente doméstico e adentraram no século XX tornando-se professoras, escritoras, médicas, oradoras, jornalistas e, com maior ou menor grau de comprometimento, recusaram uma ordem soberana.

Paralelamente, enquanto um grupo de mulheres cultivou um espírito missionário, indo às ruas reclamar igualdade dos direitos sociais, outro grupo, embora sem esse propósito, formado por mulheres empregadas como lavadeiras, doceiras ou domésticas, era, enquanto representação, agente de mudança social. De uma ou de outra maneira, os dois grupos ficaram longe de uma condição de passividade social e desempenharam papéis históricos de grande significação. Assim sendo, no mundo das aparências, as identidades femininas se multiplicaram e

espaços domésticos; enquanto à natureza masculina era reservada uma especialização no campo profissional e uma existência pessoal diversificada. (SIMMEL, [s.d.]). Para o Positivismo, uma corrente de ideias do século XIX que lutava para se estabelecer como pensamento político central no Brasil, que consolidava esse pensamento da ciência, elas, as mães, a partir de uma concepção simbólica da diferença entre homens e mulheres, tinham uma função nobre: formar bons cidadãos. E, com isso, inegavelmente estabeleceram o lugar das mulheres na esfera privada, sedimentando uma herança patriarcal consolidada em padrões de subordinação.

representaram o anúncio de uma liberdade que, em tempos de outrora, foi pronunciado por Nísia Floresta.

Por estar vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – e filiada à linha de pesquisa “Crítica feminista e estudo de gênero”, justifico a pertinência desta tese ao realizar uma releitura biobibliográfica da gaúcha Andradina América de Andrada e Oliveira, com a intenção de, não só retificar informações sobre a vida, a obra e, particularmente, sobre o jornal *Escrínio*, publicado por ela no Rio Grande do Sul entre 1898 a 1910, como, também, completar dados parciais que ficaram entre os estilhaços de sua história e da história das mulheres brasileiras. Não pretendi adentrar em debates sobre as teorias feministas, análises de classes sociais ou discussões dialéticas contrapondo ideias, nem mesmo discorrer sobre as teorias do discurso; embora, de uma maneira ou de outra, esses assuntos conservem prováveis aproximações no contexto dessa pesquisa. Trata-se, entretanto, de uma seleção de fatos, de pessoas, de documentos e de textos que se estendem entre os meados do século XIX a início do século XX, como fontes significativas no âmbito das ideias historiográficas no tratamento da História das Mulheres.

Por essa via, a tese visa investigar a trajetória histórica do periódico feminino gaúcho *Escrínio* (1898-1910), no que diz respeito à sua atuação como substrato no entrelaçamento entre as intelectuais do sul do Brasil e de fora do país, e a vinculação de sua redatora, Andradina de Oliveira, com o pensamento evolutivo de feminismo. Nosso estudo, que compreende a averiguação de fatos e de dados acerca de uma determinada realidade, tem a literatura, a memória e a história, como fonte na construção deste processo, a fim de promover uma reflexão entre gênero, subjetividade e as relações de poder, caros à crítica feminista.

Consideramos como amparo de pesquisa toda a variedade de publicações, tais como correspondências, fotografias, prêmios literários, lançamento de obras, artigos críticos, notas, romances em folhetins, poemas, charadas, seções variadas e publicidade, enfim, todo o tipo de registro que se possa colocar em pauta para o estudo da própria história do pensamento feminino.

Fizeram parte do *corpus* os periódicos brasileiros, como *Corymbo* (Rio Grande); *Eco do Sul* (Rio Grande); *O Independente* (Porto Alegre); *Correio do Povo* (Porto Alegre); *A Mensageira* (São Paulo); *A Violeta* (Cuiabá); *Folha do Norte* (Pará). Nesses periódicos encontramos correspondências, notícias e colaborações da autora. E, igualmente, os periódicos portugueses: *A Folha de Beja* (Beja), *A*

Madrugada (Lisboa), *A Voz Feminina* (Lisboa) e *Sociedade Futura* (Lisboa). A análise de tais fontes possibilitou-nos investigar o vínculo de Andradina com intelectuais não só brasileiras, mas, também, de outros países, como Portugal.

Levando em consideração que nosso estudo trata de uma temática bastante ampla, o viés literário conta com a interseção do indivíduo e suas atribuições no processo histórico. Com esse fim, acrescentamos ao *corpus* uma leitura seletiva das obras literárias de Andradina, com o intuito de delinear tópicos e temáticas que serviram à sua criação, assim como na compreensão do contexto dos seus enunciados.

Acrescentamos, ainda, muitas imagens e fotos, porque esse material não é mero esboço figurativo, pois as fotos resgatam da memória a vida silenciada pelas palavras. De certa forma, através das imagens fotográficas poderemos fazer leituras e indagações a partir daquilo que se vê.

Os jornais, aos quais coube um papel significativo como veículo de divulgação das propostas, ideias e das ideologias feministas, foram igualmente um meio para a exibição de grande parte da produção literária produzida pelas mulheres, tratando-se, nesse âmbito, de uma articulação importante entre literatura e imprensa. Por essa via, foram os jornais e as revistas ferramentas que contribuíram, inclusive, para a conquista das mulheres como primeiro público-leitor no Brasil, segundo apontam os estudos de Maria Helena Werneck (1985) e foram, concomitantemente, os periódicos os primeiros e principais veículos de produção letrada feminina, em conformidade com as pesquisas de Constância Lima Duarte (2003).

Em relação ao conceito “imprensa feminina”, compreendemos, nesta tese, uma imprensa escrita por mulheres e para mulheres, isto é, periódicos fundados e dirigidos por elas e dedicados ao público feminino. A partir dessa definição, entendemos que a pesquisa apresenta um tema bastante amplo, pois privilegia, abundantemente, as questões de interesse específico, para um público igualmente específico.

Com um olhar apontado para o entre séculos, trabalhamos a partir de um recorte temporal que se estende entre 1898 e 1910, período em que Andradina redige e publica o *Esgrínio*. Entrelaçado com a história das mulheres, o estudo permitiu sistematizar as relações estabelecidas entre suas colaboradoras na articulação do pensamento oitocentista que se propaga, tanto na valorização da intelectualidade feminina, quanto na luta pelo reconhecimento profissional e assuntos que convergem para a igualdade de direitos.

Por último, cabe salientar que, para narrar essa história, o recorte dado ao estudo é uma figurada divisão cronológica, pois o estudo se estende um pouco além, pois a ênfase é dada em outra História, porque é disso que tratamos aqui, ou seja, tratamos da História Humana, uma história de longa duração, uma história escrita até nossos dias.

Feitas as considerações gerais, passo a apresentar a organização do trabalho em capítulos e respectivos subtemas, organizados da seguinte maneira:

No Capítulo 1, intitulado “Mo(vi)mentos: Andradina de Oliveira entre letras, ideias e memórias”, realizamos uma revisão biobibliográfica, tendo em vista fatos da vida pessoal de Andradina que incidiram na sua vida profissional.

Essa parte permite-nos ampliar nossa compreensão sobre essa mulher que sendo ao mesmo tempo filha, esposa, mãe, professora, escritora, dramaturga, conferencista e jornalista, de todos os seus dons, escolheu a palavra escrita como caminho da transformação que desejava ver na sociedade. As várias vozes que coabitaram em uma só mulher tiveram atuação em dois eixos significativos: educação e cultura. Para a intelectual, investir na educação era uma ação imprescindível para a questão feminina.

Obstinada a criar espaços e ultrapassar barreiras, sua condição intelectual compactua com as discussões vindouras no início do século XX. Trata-se da pena que escreve o livro *Divórcio?* (1912), na crença de que sua luta daria chances para a transformação social. Com base nesta relação e para entender o seu envolvimento com as complexas questões relacionadas ao movimento feminista a partir da sua literatura, buscamos inventariar algumas obras, a fim de analisar não só o quanto sua escrita foi consciente, como permanece sendo forte testemunho da essência do seu pensamento.

No presente capítulo procuramos, ainda, fazer uma pequena introdução da história do extremo sul do Brasil, levando em conta os elementos de formação daquela sociedade - colonização, revoluções e conquistas - com destaque ao processo de formação intelectual no contexto em que, tempos depois, Andradina iria influenciar. Para esses fins, subdividimos o capítulo em quatro subtemas subsequentes.

Considerando o cenário brasileiro do século XIX, o primeiro subtema conta com o título “O sul de Andradina: história e sociedade, um breve panorama.” Reservado a alguns aspectos e cenários da sociedade gaúcha, interessa-nos, neste estudo, observar o desenvolvimento sociocultural do Rio Grande do Sul, que tinha, à

época, uma sociedade formada por uma parcela de cultura europeia, graças ao fluxo imigratório. Nessa relação, houve um impulso econômico, resultado do ciclo das charqueadas, da criação de gado, agricultura e, conseqüentemente, de um comércio abastecido por navios estrangeiros que aportavam nas cidades, notadamente Porto Alegre e Rio Grande, somado à rede fluvial lacustre que facilitava a integração com os países da América Platina como a Argentina, Paraguai e Uruguai. Esses dois fatores foram responsáveis pelo alcance de um nível de desenvolvimento cultural significativo ainda nos primórdios de sua formação.

No segundo subtema, apresentamos, em “Páginas de um tempo: uma vida em notas,” o recuo do tempo, ou seja, revisitamos a infância, adolescência e fragmentos do vivido, buscando os principais momentos da vida de Andradina para compor um cenário onde aquilo que viveu, em relação às perdas e às ausências, ressignificou seu futuro e refletiu nas transformações do seu viver e na sua atuação na sociedade.

Na medida em que rememoramos sua biografia, buscando nela a formação da mulher ativa, autônoma e vanguardista, procuramos ampliar os significados de sua vivência. Nesse ínterim, as revistas, os livros e, principalmente, os jornais dão a dimensão dessa significação, quando noticiam, passo a passo, os caminhos percorridos pela intelectual na sua incessante atividade intelectual no Brasil e pelos países vizinhos.

No terceiro subtema deste Capítulo 1, “Literatura, imprensa e periodismo: uma relação mútua, justificativas”, estabelecemos uma conexão entre imprensa e literatura no contexto cultural do Rio Grande do Sul. Para isso, identificamos um número expressivo de jornais que serviram à ilustração, sempre aliados ao “processo civilizatório”, na emergência de um jornalismo vinculado à literatura ou vice e versa.

Caracterizando este contexto, tiveram os periódicos literários fundamental importância para o enriquecimento cultural da, então, Província de São Pedro, porque tendo em vista os altos custos dos livros, foram eles e os folhetins, especificamente, que serviram para “popularizar” a leitura e a literatura.

Muitos foram os jornais femininos espalhados por todo o Estado. Embora muitos tenham sucumbido em curtos espaços de tempo, evidenciaram uma rede de contato que se formava entre as mulheres letradas, principalmente.

A partir desse mundo letrado, no quarto subtema, “(Re)escrevendo a vida: outras tramas, outros dramas”, consideramos a inserção de Andradina de Oliveira no universo das letras. Nesta seção,

contemplamos uma análise de algumas das obras da escritora que serviram de tribuna para um discurso crítico. Cabe, nesse espaço, apontá-la como sujeito do processo histórico, uma vez que, por meio da literatura, ocupou uma posição relevante dentro do processo de discussões sobre a manutenção do regime patriarcal como mecanismo dominante da época. Dessa forma, torna-se relevante promover sua literatura também pelo viés político-cultural que, a partir de temas como o divórcio, projetou-a num tempo e nas múltiplas faces de atuação feminista.

Assim como na literatura, o periodismo exercido por Andradina também compactuou na difícil celeuma que uniu as companheiras feministas. Por essa via, o Capítulo 2, cujo título é “*Escrínio, a imprensa feminista no cenário Sul-rio-grandense*”, se estende ao inventário do jornal, com intenção de analisarmos o universo de ação no qual, durante doze anos, Andradina consagra aos interesses e ao progresso das mulheres.

A partir de uma concisa passagem pelo surgimento do periodismo feminino no Brasil, adentramos no contexto sociocultural rio-grandense, tendo em vista o processo de formação de um jornalismo articulado e influenciado por questões político-revolucionárias. Nesta perspectiva, também surge um jornalismo voltado à cultura, quando nasce um número de mulheres colaboradoras constantes nos jornais Sul-rio-grandenses e, por tanto, a imprensa feminina no Rio Grande do Sul. Com esses propósitos, dividimos o capítulo em cinco subtemas. O primeiro, sob o título “Em revista: imprensa, sociedade e mulheres,” está reservado à temática mais geral sobre a imprensa. Tratamos de definir um conceito sobre “imprensa feminina” utilizado na tese e, considerando o cenário brasileiro, o texto dá vazão ao surgimento da imprensa escrita por mulheres no Brasil. No segundo subtema, “A imprensa Sul-rio-grandense”, versamos, especificamente, sobre este cenário, quando pontuamos o surgimento da imprensa nascida sob a força da revolução, mas a partir de uma conjuntura que abre um filão de motivos para o surgimento de uma imprensa de cunho cultural; e, por essa via, o surgimento da imprensa feminina, que é mote do terceiro subtema: “Surge a imprensa feminina no Rio Grande do Sul.” Neste, demarcamos a importância dos pequenos jornais que surgiram em todo o estado, mas damos ênfase para a cidade de Rio Grande, onde Andradina teve participação relevante na sociedade e, inclusive, iniciou sua vida literária, ao lançar *Preludiando*, contos, em 1897.

No quarto subtema, “Fases e faces: o perfil de um periódico chamado *Escrínio*”, tratamos, especificamente, do jornal publicado por

Andradina, que, a partir de um histórico das publicações, possibilita uma análise situada no contexto cultural, regional e nacional, na busca do expressivo pensamento da jornalista atrelado a questões do seu tempo. Partindo desse princípio, registramos a relação complexa com que Andradina lidava com a luta pela emancipação das mulheres no seu exercício de jornalista; complexa porque ela não ignorava os velhos fundamentos referentes ao papel da mulher como mãe e esposa dedicada ao lar. Para tanto, avaliamos os mecanismos com os quais ela advogava em favor do progresso feminino.

No quinto subtema, “*Escrínio: páginas abertas*”, lançamos mão de um apurado exame crítico nos conteúdos dos diferentes textos, procurando compreender a forma e o grau de comprometimento que a intelectual teve com o embrionário movimento feminista. Sendo assim, evidenciamos um cenário político-cultural mais amplo, constatando que o *Escrínio* não tratava de publicações de nível meramente local, e que Andradina garantiu projeção pelas causas que advogava, reunindo um grande grupo de mulheres em torno do seu periódico.

No Capítulo 3, “Palavras cruzadas, trânsitos atlânticos”, exploramos a conjuntura dos contatos entre as intelectuais feministas. Procuramos deslocar a memória entre os dois lados do Atlântico e observar as aproximações dentre mulheres situadas em espaços geopolíticos distintos; digamos que são espaços comuns quando se trata da atuação feminista por uma sociedade mais justa. Nessa direção, dividimos o referido capítulo em três subtemas, dispostos da seguinte maneira:

O primeiro é intitulado “Notas de um diálogo: o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*”. O referido anuário que circulou entre Brasil e Portugal por mais de oitenta anos contou, em suas páginas, com uma presença feminina e, dessa forma, representou uma vitrine para a literatura escrita por mulheres num âmbito mais alargado, fazendo circular seus textos e obras. E se a literatura funciona como reflexo das relações culturais, o anuário foi, certamente, uma ferramenta para o processo de formação da literatura escrita pelas mulheres, instituindo, assim, mais uma vitória do penoso processo social sobre a identidade cultural feminina.

Entretanto, a promoção do sujeito feminino foi elencada pelas diferenças de gênero, pois o índice dos nomes de colaboradores e colaboradoras, nas páginas primeiras, estava disposto de forma distinta. A separação constava de “Senhoras”, para as mulheres, e “Autores”, para os homens, o que define o poder do universo masculino. E, entre as “Senhoras”, muitas são brasileiras e gaúchas que desfilam nas páginas

do Almanaque, várias das quais apresentam variados gêneros textuais, inclusive ao defender suas posições feministas.

Não deixamos de observar a forma com que as relações de caráter literário são apresentadas no anuário. Para tanto, pontuamos algumas curiosidades, apresentadas a partir de fotos e de pequenos comentários, que o órgão publicava frequentemente.

Andradina é presença garantida nas páginas do anuário. No início do século XX, notadamente, ela aparece homenageada no texto “D. Andradina de Oliveira”, que confere legitimidade à intelectual brasileira. A escritora está presente no anuário, igualmente, com poemas e resenhas.

Sobre a presença relevante das mulheres e os entrelaços luso-brasileiros, justificamos, no segundo subtema, “Jornalismo feminino luso-brasileiro: mulher, mulheres, o lugar-comum”, o encadeamento de ideias que se desdobraram em discussões amplas no âmbito das relações feministas entre as mulheres brasileiras e portuguesas. Relações que, por vezes, estenderam-se através dos jornais, cartas, literatura e contatos pessoais. Notadamente a aliança luso-brasileira deu-se fortemente amparada pelo nome relevante da lisboeta Ana de Castro Osório, o elo de formação da rede de apoio das ações feministas, lá e cá.

“Lá e cá” é a exata expressão de “A Grande aliança”, título do terceiro e último subtema. Nesse contexto se entrecruza com o Brasil o nome da portuguesa Ana de Castro Osório (1872-1935), feminista atuante, admirada e muito conhecida nos trópicos, colaboradora em muitos jornais, como o *Corymbo*, de Rio Grande, no Rio Grande do Sul.

A influência de Ana C. Osório estava intimamente ligada a uma intervenção cívica, pois “socializar o mundo” era, para ela, a grande meta. Para a intelectual portuguesa, a educação e o trabalho, assim como o pensamento de Andradina, eram um caminho indispensável para a afirmação social das mulheres. Nestes termos, sua ação estendeu-se em muitas obras de cunho pedagógico, muitas das quais ligadas à literatura com vínculo direto com o Brasil, pois alguns dos seus livros foram adotados nas escolas do país.

Nesse subtema nos detivemos nas relações estabelecidas entre a lisboeta, que viveu durante quatro anos nos trópicos, e as intelectuais brasileiras, muitas das quais são gaúchas. As viagens constantes, inclusive para o Rio Grande do Sul, resultam em diversas conferências, que estão compiladas, assim como seu claro propósito de “socializar o mundo”, em *A grande aliança*, livro publicado por Ana de Castro Osório, em Portugal.

Na parte final da tese, “Algumas considerações e outras conclusões: últimas páginas”, serão retomados os pontos principais que nortearam o estudo desta tese, e onde apresentamos algumas notas críticas que resultaram da reunião de informações no estudo.

Logo após, apresentamos, nas “Fontes de Consultas”, as obras utilizadas para o estudo. Nesta parte constam, também, as referências dos “Periódicos/anuários consultados no Brasil”; do “Escrínio: exemplares consultados”; e “Periódicos/anuários consultados em Portugal”.

Posteriormente, referenciamos Bibliotecas e Acervos consultados e, na sequência, coube-nos sistematizar os anexos, que estão dispostos da seguinte maneira:

- Anexo I: Cronologia do jornal *Escrínio*
- Anexo II: Colaboradoras do jornal *Escrínio* - 1ª Fase, Bagé (1901)
- Anexo III: Colaboradoras da Revista *Escrínio* - 2ª Fase, Santa Maria (1901)
- Anexo IV: Colaboradoras do jornal *Escrínio* - 3ª Fase, Porto Alegre (1901)
- Anexo V: Colaboradoras do jornal *Escrínio* - 4ª Fase, Porto Alegre (1903)
- Anexo VI: Colaboradoras da Revista *Escrínio* - 5ª Fase, Porto Alegre (1909-1910)
- Anexo VII: Índice onomástico reduzido
- Anexo VIII: Cronologia, apontamentos biográficos de Andradina América de Andrada e Oliveira (1864-1935), diretora do jornal *Escrínio*
- Anexo IX: Fotos/registros/documentos - outras leituras

CAPÍTULO 1. MO(VI)MENTOS: ANDRADINA DE OLIVEIRA ENTRE LETRAS, IDEIAS E MEMÓRIAS

A serpente

*A serpente alisou de Eva
Os cabelos...
Que lhe tapavam o corpo...
Enroscou-se
Nos seus ombros...
A acariciar-lhe ao ouvido
O gosto tão prazeroso
Do fruto mais proibido
Com um falar de prazer
Na saliva repartido
E a língua bifurcada
Num movimento furtivo
- Desobedece...
Insinuou a serpente
Estendendo-lhe depois
...um livro*

Thereza Horta

(Facebook, 4 de março de 2014)

Dos livros sagrados são extraídas as três personagens simbólicas que marcam o nosso inconsciente e se perpetuam no imaginário humano: Adão, Eva e a Serpente. Deste tratamento alegórico, partem interpretações que sugerem o pecado nato com a tônica posta na mulher, pois “que o primeiro contato de Eva com as forças do mal, personificado pela serpente, inoculasse na própria natureza do feminino algo como estigma atávico que predisponha à transgressão” (ARAÚJO, 1999, p. 46). A malévola Eva, que fez a humanidade cair na danação, provocou a crença virulenta que percorreu a história da humanidade. Sendo assim, sob interferência dos fatores divinos e sem possibilidade de contestação, as mulheres teriam a subserviência como destino natural e inexorável.

E o que é a bela poesia que nos serviu de epígrafe senão uma referência simbólica da desestabilizadora legitimação da ordem da criação? O que verdadeiramente se cumpriu: o “sexo amável” rebelou-se e a inocente e doce Eva foi abduzida pela serpente que “a acariciar-lhe ao ouvido [...] Com um falar de prazer [...] E a língua bifurcada... Num

movimento furtivo... – *Desobedece*, Insinuou a serpente... *Estendendo-lhe depois um livro*". Eis que a complexidade do verbo “desobedecer” está, por excelência, associada à primeira ação do movimento feminista que tomou fôlego. Assim como a Serpente que usa a língua bifurcada como sensor de direção, as mulheres usaram a língua – palavra escrita, falada, conhecimento – como dispositivo para alcance de suas atuações.

Ao longo dos muitos séculos, desaparece o medo da vingança divina, mas permanece o sentimento atormentado da natureza vinculada à maternidade e ao casamento que “direta ou indiretamente, refletiu sobre o papel da mulher e o ideal de domesticidade” (VAQUINHAS, 2006, p. 41), bem como sobre a obediência. Entretanto, mesmo submetidas a um modelo, feitas para o lar e tendo o comportamento vigiado pelo clero e administradores sociais, as mulheres não só retomam como desconstroem a lógica binária “natureza” *versus* “cultura” a partir de um discurso paulatinamente mais agudo ao passar das gerações.

Esta é a mulher deque tratamos nesta tese; ou seja,

a constância do dualismo natureza/cultura e seus efeitos na concepção do corpo feminino são indissociados de interpretações das relações natureza/mulher [...]. Tudo o que sabemos sobre o corpo feminino, no passado e no presente, existe na forma de representações e discursos, que são efeitos de mediações, nunca inocentes e nunca isentos de interpretações (SCHMIDT, 2012, p. 1).

Pois é desse lugar das “interpretações” que a mulher emerge nas “mediações”, desconstruindo os discursos calcados pelo olhar patriarcal, disseminado na história ocidental:

Na mitologia, nas artes visuais, nas doutrinas religiosas, nos tratados filosóficos, nas ciências médicas e sociais, na psicanálise, na literatura e nos meios midiáticos, o corpo feminino é sacralizado pela sua capacidade gerativa, exaltado pela beleza, repudiado pela impureza, erotizado pelo olhar masculino, controlado pelo aparato estatal, e explorado e aviltado pela violência de discursos e práticas que se disseminaram no campo social (Ibidem, p. 1).

Fundamentado pela cultura humanista, da teoria conceitual do dualismo natureza/mulher, proliferam-se discursos alicerçados na diferença sexual, quando corpo/mente e inferioridade/superioridade imbricaram na legitimação de um ser sobre o outro, portanto, da hierarquia e do poder político de controle.

Contemplamos, neste primeiro capítulo, considerações sobre Andradina América de Andrada e Oliveira, sua importância na sociedade e nas atividades culturais do seu estado, o Rio Grande do Sul e nos ocupamos com o contexto sociocultural da virada do século XIX ao XX, especialmente o sulino. Assim sendo, dividimos a matéria em quatro subtemas para compor um painel abrangente sobre a formação, a trajetória profissional e a importância da atuação de Andradina no Estado, no Brasil e fora do país. Para fechar o capítulo, dar-se-á atenção a algumas das obras mais relevantes da autora na realização do nosso estudo, que abordam aspectos diversos da cultura, do universo e das agruras das mulheres no seu tempo.

Se, por um lado, constatamos que a multiplicidade de temáticas – como “mulher”, “feminismo”, “escrita feminina”, “biografias”, “periodismo feminino” e “sexo” – aparecem como indicativo de estudos de gênero em programas acadêmicos das instituições de ensino superior, como na UFSC, e está mergulhada em um leque de análises que problematizam as relações sociais, por outro lado, reconhecemos que pesquisadores e pesquisadoras levantam uma relevante parte do patrimônio cultural em geral e das mulheres, em particular. Fruto da iniciativa de grupos de pesquisa – com merecido reconhecimento ao Grupo de Trabalho (GT) na linha de estudo *A mulher na Literatura*, com mais de vinte e cinco anos de história – que integram e promovem uma intensa troca de conhecimento e experiências entre instituições localizadas em estados, regiões e países distintos e provocam, sob o binômio “Mulher” *versus* “Literatura”, uma revisão na história e na memória intelectual do patrimônio cultural da humanidade.

Unir as diversas narrativas no conjunto das bibliografias e biografias femininas legitimadas pelas pesquisas realizadas a partir de periódicos, romances, cartas, diários, crônicas, etc. demanda uma compreensão dos processos apurados em cada estudo, em cada tempo e, sobretudo, entender o nosso papel de pesquisadora nesse processo, reconhecendo que tais narrativas nos afetam e ligam os tempos de outrora com o nosso próprio tempo e com a nossa própria história.

Até muito pouco tempo, tínhamos tido como incontestável a afirmação de que todas as mulheres viviam totalmente submersas no seio autoritário da família patriarcal e burguesa no Brasil, pois parte dos

estudos históricos tinha como referência a imagem de uma mulher absorta, recatada e submissa. Sinhás e sinhazinhas adornavam os lares, organizavam bailes e saraus ao gosto de piano e canto, isto é, compunham-se de um grupo de damas que se limitavam às vivências domésticas. Porém, uma revisão sociocultural realizada pela própria história e/ou áreas de outros conhecimentos, como a sociologia, a antropologia e, particularmente, a literatura, trouxe apropriada relativização da abrangência deste modelo canonizado sobre a organização da sociedade brasileira.

Mulheres “à margem do modelo” é justamente o perfil de análise dos estudos empreendidos por Mariza Correa em *Repensando a família patriarcal brasileira* (1981). Nesta pesquisa, a autora discute as relações familiares vinculadas à propriedade escravagista no Brasil como modelo familiar de parâmetros absolutos da organização social, “determinando um tipo fixo onde os personagens, uma vez definidos, apenas se substituem no decorrer das gerações, nada ameaçando sua hegemonia, e um tronco de onde brotam todas as outras relações sociais” (1981, p. 6). A seu ver, todos os demais casos que não se enquadravam no modelo de “família patriarcal” eram vistos como desordem, portanto, não reconhecidos socialmente.

Em favor dessa argumentação, os estudos de Ana Maria Magaldi e Luciano Figueiredo, intitulado *Quitandas e quitutes, um estudo sobre rebeldia e transgressão femininas numa sociedade colonial* (1985), analisam o papel ocupado pelas mulheres no comércio mineiro durante o século XVIII,⁵ e, também, negam o caráter absoluto do modelo, uma vez que, segundo os autores, a participação das mulheres no comércio varejista e/ou ambulante daquele estado supera os estereótipos “de acomodação e passividade da mulher diante da realidade social que a cercava” (1985, p. 51).

Comprometida com esta mesma ideia, a historiadora Hilda Agnes Hubner Flores, no livro *Sociedade: preconceitos e conquistas* (1989), também relativiza o modelo. Segundo a pesquisadora, as mudanças sociais ocorridas no seio das famílias sul-rio-grandenses do século XIX, particularmente dos grupos localizados nas pradarias da campanha gaúcha,⁶ valendo-se de circunstâncias de um longo decênio de luta armada no território que ficou conhecido como Revolução

⁵ Sobre o papel das mulheres no comércio e na sociedade mineira, ver FIGUEIREDO (1997)

⁶ “Abrange a Campanha Gaúcha ou Campos Limpos, região marcada pela presença do solo de brunizans (classe de solos), oriundo da decomposição de rochas sedimentares, o que possibilita o desenvolvimento da pecuária bovina”. Disponível em: <<http://pradariasgeo.webnode.com.br/aspectos-naturais/solo/>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

Farroupilha (1834-1845),⁷ produziram efeitos sobre as famílias e seu cotidiano, dinamizando o espaço ocupado pelas mulheres e, desse modo, sendo impossível ignorá-las como sujeitos daquela história.⁸ A revolução afastou os chefes de famílias de casa, fazendo com que as mulheres estancieiras ficassem “supervisionando as lides campeiras e domésticas, [...] cuidando dos filhos, administrando a propriedade,

⁷ Teve lugar na então Província do Rio Grande de São Pedro a revolução que ficou conhecida como Revolução Farroupilha. Esta foi uma longa guerra civil, resultado da instabilidade do governo central (imperial) com a Província, que ocorreu entre 1835 a 1845. Tratava-se de uma forte corrente da ideologia do liberalismo contra os conservadores, no poder. Havia, então, dois grupos políticos distintos: o imperial ou conservadores, no poder e o liberal ou farroupilhas, os revoltosos. Os liberais reclamavam pela autonomia política provincial, tendo como queixa principal a pecuária gaúcha, que era o principal foco da economia brasileira. Os estancieiros/fazendeiros transformaram-se nos principais produtores de charque no Brasil (produto utilizado principalmente na alimentação dos escravos no país), vendido notadamente para as regiões Sudeste e Centro-oeste brasileiras. Entretanto, a concorrência com o produto da região platina (Argentina, Uruguai e Paraguai) tornou a economia gaúcha insustentável, uma vez que as altas taxas do produto brasileiro impediam lucros aos fazendeiros. Buscando um acordo com o governo central, o que não aconteceu, a luta armada se instaurou com caráter separatista, estendendo-se até Santa Catarina. Durante a disputa, os gaúchos chegaram a ter dois governos na mesma região: do Império, sediado em Porto Alegre, e o da República Rio-Grandense, assim chamado pelos revoltosos, sediado na cidade do Rio Grande. A Revolução resultou na declaração de independência da Província Rio-Grandense como “Estado Republicano”, dando origem à República Rio-Grandense. Irradiando a influência de uma “Revolução Liberal”, a “Guerra dos Farrapos” influenciou outros movimentos nas demais províncias do país, tal como a Sabinada, na Bahia. No cenário político, a Revolução ficou também conhecida como “Guerra dos Farrapos”, para identificar os grupos políticos que defendiam ideias exaltadas em defesa de um regime republicano em que as províncias tivessem maior autonomia, em contraposição aos grupos políticos conservadores, que ficaram conhecidos, entre o povo, como os “Caramurus”.

⁸ Percorrendo mais um pouco um pequeno trecho sobre a presença das mulheres na história do Brasil, começamos pelo distante século XVIII, em Minas Gerais: segundo Luciano Figueiredo (1997), em *Século do outro*, que se refere à questão de proprietárias de terras – sesmarias –, “encontramos a participação respeitável de mulheres que, como roceiras em pequenas propriedades arrendadas, aparecem nas listagens de algumas freguesias que pagavam o dízimo à Coroa” (p. 143). Naquele Estado, a presença feminina foi “quase exclusiva num mercado onde se consumia gêneros a varejo” (p. 144), isto é, “o destaque da presença feminina no comércio concentrava-se nas mulheres que eram chamadas de ‘negras do tabuleiro’” (p. 145), além de serem, também, proprietárias de vendas (estabelecimento comercial). O comércio exercido pelas mulheres era parte importante para o desenvolvimento da região mineira, pois “estes estabelecimentos comerciais dotados de grande mobilidade faziam chegar às populações trabalhadoras das vilas e das áreas de mineração aquilo que importava ao seu consumo imediato” (p. 145). Percorrendo um pouco mais pelo Brasil colonial, algumas mulheres do sertão nordestino exerciam atividades consideradas ofício masculino, como carpintaria, plantio e colheita, carregando feixes de lenha e, com a enxada nas mãos, faziam a lida na roça. Entre as roceiras pobres e as fazendeiras ricas, “as diferenças alimentares e de estilo de vida deixaram marcas diferenciadas em suas fisionomias” (FALCI, 1997, p. 244). Segundo o autor, as ricas, esguias e gordas (gordura como sinônimo de encanto e beleza) eram fotografadas ora em pé, ao lado do marido, ora sentadas e rodeadas dos filhos, “tudo de acordo com o esperado dessa categoria de mulher: fisionomia austera, de comando, sem nenhum riso nos lábios” (p. 246).

coordenando escravos, zelando pela guarda e defesa do lar, providenciando sustento, rezando pelos vivos e chorando os mortos” (FLORES, 1989, p. 37). Mesmo nos setores mais tradicionais da sociedade gaúcha, muitas mulheres fugiram do estereótipo da época, sugerindo que nem sempre o comportamento das esposas e mães de família compartilhava um modelo de um grupo social dominante.

No Brasil, a proclamação da República (1889) promove uma intensa transformação social: o fortalecimento da família burguesa e o século XX batendo à porta, a urbanização e a modernização da sociedade, exigem novos modelos femininos. O Estado passa a ser regulador dos interesses sociais e repete inúmeras campanhas com o objetivo de construir um novo modelo de sociedade e, para essa transformação, “coloca no centro a faculdade maternal da mulher, qualidade definida não apenas fisicamente, mas também psíquica e socialmente” (KAPPELI, 1991, p. 542). Ao impetrar a ênfase na família como motor central de mudança social, “a tônica é posta na contribuição cultural da mulher” (Ibidem, p. 542) e surge uma ordem simbólica que postula à esposa-mãe alguma posição social. Simbólica porque, na verdade, as mulheres tornaram-se modelos patrióticos como produto do processo de interesse econômico e cultural das transformações desejadas, sob o controle do Estado.

Embora a República formalizasse a separação entre a Igreja e o Estado, a educação feminina tinha ainda uma sólida formação cristã. Esse pensamento fez com que grande parte dos educadores brasileiros considerasse “a educação feminina uma preparação para a maternidade” (HAHNER, 2003, p. 131), como uma missão cristã que dava exclusiva valorização da função biológica da maternidade. Nesse viés, “uma dúzia de colaboradores louvava as mulheres em termos de uma aparente santíssima trindade de mãe, esposa e filha” (Ibidem, p. 132) e “somente alguns se referiram implicitamente ao conceito de mulher como cidadã” (Op. cit., p. 132).

Coube às mulheres, nesse ínterim, a tarefa de serem a “primeira professora do lar”, fato que acabou outorgando a elas certo *status* diante a opinião pública. Acontece, porém, que, mesmo que a educação fosse atravessada por um caráter moralizador, pois, do exercício da “santa maternidade”, e, com ele, a virtude cívica de parir e formar os varões da nova pátria, parte basicamente o poder de mediação cultural onde as mães-professoras ganharam progressivo terreno em favor das primeiras manifestações para as reformas educacionais. Da virtude cívica das mulheres desmistifica-se o dualismo natureza *versus* mulher, conforme apontamos anteriormente, uma vez que, em consonância com a

pesquisadora Constância Lima Duarte, “*ser* era sinônimo de *agir* como mulher, o que deixa implícito que o comportamento feminino dominante não vinha de uma *natureza*, mas da obediência a interesses masculinos, hegemônicos no imaginário social e inoculados nelas desde sempre” (2005, p. 45).

Abre-se, então, um duplo significado para a história cultural e se reforça, nesse período, a ideia de um mundo masculino e feminino, distintos. Nesta ordem, sob a égide do Positivismo, a lógica social era justificada com a crença de que mulheres bem preparadas poderiam educar melhor seus filhos. Nesse processo, torna-se relevante destacar o nome de Nísia Floresta, considerada a primeira feminista brasileira, que já chamava a atenção da sociedade e, sobretudo, das mulheres, sobre os preconceitos existentes no Brasil com relação à educação feminina. A intelectual retornara da Europa, onde viveu entre os anos de 1849 e 1851 (DUARTE, 2005), com ideias avançadas sobre a educação das mulheres. Adepta do Positivismo comtiano, corrente filosófica com a qual manteve contato na França, Nísia “defende a tese de que o processo de uma sociedade depende da educação que é oferecida à mulher, e que só a instrução, aliada à educação moral, daria maior dignidade e faria dela uma melhor esposa e melhor mãe” (Ibidem, p. 33). Não podemos esquecer que o caminho tortuoso do Positivismo impunha às mulheres uma formação moral, para qual havia necessidade de justificar condutas. Nesse contexto, qualquer expressão espontânea por parte delas, passa a ser encarada como violação dos códigos morais. Neste contexto, Andradina, a mulher autônoma, pensante, intelectual e sem tutela de um marido, apresenta, nessa esfera, mudanças concretas de comportamento, forjando uma outra consciência de identidade.

De uma maneira ou de outra, a articulação da história particular de cada uma das mulheres afetou a história da sociedade. E a história de uma delas é objeto tratado a seguir.

1.1. O Sul de Andradina: história e sociedade, um breve panorama

Parece-me perceber que no Rio Grande as mulheres que lutam para angariar os recursos da própria subsistência são olhadas por todas as outras com admiração e certa ternura. E isso basta para me demonstrar a sua cultura.

Júlia Lopes de Almeida

Nesse primeiro subtema, faremos um panorama sobre a formação socioeconômica e cultural das cidades do Rio Grande do Sul, por onde Andradina de Oliveira demarca instigante desafio aos olhares sociais que se voltam para uma nova identidade que surgia em todo o Brasil. Importa, na perspectiva do presente estudo, da participação da formação cultural do Estado na conjuntura nacional e, sobretudo, marcar a singularidade da região localizada no extremo meridional do Brasil.

Conta-nos o historiador Francisco das Neves Alves (1999) que, no primitivo litoral americano do Atlântico, o avanço lusitano em direção às terras do sul estava ligado ao processo de expansão colonial na região do Prata. Dos europeus portugueses havia o interesse na manutenção da Colônia de Sacramento (atual Uruguai) como importante posição de defesa na acirrada disputa pelo território com a Espanha. Para esse fim, foi construído, naquelas terras, no ano de 1737, o forte Jesus-Maria-José, ficando ali uma pequena povoação. Como primeira fortificação militar, a edificação passou a assegurar a lógica defensiva e demarcou a presença portuguesa na região. Enquanto isso, em 1747, o povoado foi elevado à categoria de Vila com o nome de “Vila do Rio Grande de São Pedro”. Estrategicamente, em uma tentativa de demarcar a “lusitanidade” naquele pedaço de chão, braços defensores açorianos desembarcaram, no ano de 1752, no porto de Rio Grande, com a ordem de povoar as terras.⁹ Esta foi uma ação política que assegurou a fundação do “rio-grande-luso-brasileiro” de acordo com a historiografia colonial gaúcha que, conforme escreve a historiadora Vera Lúcia Maciel Barroso, no contexto da cultura brasileira há “marcas importantes da presença açoriana na construção de sua identidade” (2000, p. 126). Na historiografia regional foi dessa forma que alguns historiadores compreenderam a origem da povoação da atual cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul.

Em 1835, em meio à deflagração da Revolução Farroupilha, as vilas de São Francisco de Paula e do Rio Grande de São Pedro foram elevadas à categoria de cidade com denominação – a primeira, de Pelotas, e, a segunda, Rio Grande.¹⁰ Neste último local já estava

⁹ Ainda em 1748, portanto, quatro anos antes, iniciou-se a colonização açoriana em terras sulinas com um grupo de 60 famílias que desembarcaram no Estado de Santa Catarina. Em 1752, os açorianos foram levados deste Estado para substituir os índios dos Sete Povos das Missões, no Rio Grande do Sul, em função do Tratado de Madri. Entretanto, o grupo de portugueses ficou 20 anos espalhados entre o Porto de Dorneles (atual Porto Alegre), e as cidades de Viamão, Rio Grande e Rio Pardo – enquanto aguardava ser levado para as Missões. (FLORES, 2003).

¹⁰ “A elevação se deu através da Lei Provincial n.º 5, de 27 de junho de 1835, decretada pela Assembleia Legislativa Provincial e sancionada pelo Presidente da Província, determinando

estabelecida, desde 1751, uma Câmara Municipal composta por um presidente e oito membros, ligados ao quadro de funcionários públicos. (TORRES, 2012) Completando a organização administrativa, havia, também, um juiz de direito, um juiz municipal, um comandante de guarnição, um promotor público, dois juizes de paz, além dos funcionários da Alfândega – que fora implantada desde 1804 (2012) e garantia a importação de produtos europeus, ingleses e da região platina. O promissor comércio portuário ainda contava com o escoamento de grande parte da produção interna sul-rio-grandense, com produtos da produção pecuária-charqueadora, como o charque, a graxa, os chifres, a carne seca em barris e o couro de bois. A cidade era, pois, segundo Torres (2012), o principal centro de comércio da Capitania. Um dos resultados notórios do aumento da receita obtida pela arrecadação de impostos, licenças e taxas, como excelência do crescimento econômico, foi o avanço demográfico, acompanhado de um aprimoramento da região urbana e da prestação de serviços à população (2012).

Na cidade portuária, nos primórdios do século XIX, viviam pessoas de uma pequena classe social abastada composta por importantes comerciantes, pecuaristas, militares de alta patente, donos de charqueadas e os empregados do trabalho urbano. Ávida na busca de sofisticação dos hábitos, à proporção que crescia a economia e com vínculos diretos com a Europa, a elite importava utensílios e modas que chegavam do outro lado do oceano, notadamente da França. A desfilar curiosidades desse tempo, o botânico francês que viajou pelo Brasil entre 1816 a 1822, Auguste Saint-Hilaire, noticia nos relatórios sobre a *Viagem ao Rio Grande do Sul*, que “negociantes ricos os há em quantidade; o mobiliário das casas e a aparência dos homens demonstram geralmente a abastança” (1974).

Nesta realidade sul-rio-grandense, promoviam-se, também, as atividades culturais a partir do desenvolvimento de uma classe de intelectuais. Algumas famílias ricas enviavam seus filhos para estudar no outro lado do Atlântico, pois de acordo com os padrões europeus, este ato era uma “feição de civilização”. Consumidora de cultura, a privilegiada camada comprava livros e revistas que chegavam da Europa a bordo dos navios, os pacotes, que aportavam na cidade. Essa circunstância fez com que, em diferentes épocas no século XIX, uma série de livrarias abastecesse a cidade com “uma diversificada gama de

que: ‘As Vilas de São Francisco de Paula e Rio Grande ficam elevadas à categoria de cidade, com a denominação, a primeira de Cidade de Pelotas e a segunda de Cidade de Rio Grande’” (ALVES, 1999, p. 29).

livros e revistas, nacionais e estrangeiras, principalmente inglesas, francesas e alemãs; era, também, notável, o interesse por obras de conteúdo literário, histórico e geográfico” (ALVES, 1999, p. 46). Sob esse aspecto e com a finalidade de colocar o livro ao alcance dos amantes de leitura foram criados locais apropriados para as práticas literárias, na cidade de Rio Grande, como a “Sociedade de Cultura” ou o “Gabinete de Leitura” fundado em 1846, que teve vários endereços até se transformar na atual Biblioteca Rio-Grandense.¹¹ O mesmo processo ocorreu na vizinha cidade de Pelotas, onde, em 1875, foi inaugurada a Biblioteca Pública Pelotense.¹² Devemos lembrar que Rio Grande e Pelotas mantinham um importante núcleo comercial entre si e com outros estados, bem como com alguns países estrangeiros. Sendo assim, as cidades transformaram-se em um núcleo exportador/ importador importante, o que “permitiu que o livro fosse encarado como negócio, produto e objeto de compra e venda” (MAGALHÃES, 1993, p. 256).

Durante o último quartel do século XIX, o mercado sulino contou com duas empresas importantes no ramo da indústria editorial: a Livraria Americana¹³ e a Livraria Universal, ambas fundadas em Pelotas. A primeira, inaugurada em 1875, estabeleceu filial na cidade de Porto Alegre no ano de 1879, e, na cidade do Rio Grande, em 1885. (MAGALHÃES, 1993) A segunda livraria, em 1887, também expandiu filial para a cidade vizinha e para a capital. Desenvolvendo ativamente as atividades editoriais, o repertório dos títulos alternava-se entre obras de ciências naturais e matemáticas, físicas e químicas, histórias e literárias, uma vez que os leitores buscavam ampliar seu universo de conhecimento, não havendo, portanto, uma temática dominante para o imaginário dos que praticavam essa ação, conforme aponta Jorge de

¹¹ Segundo Athos Damasceno Ferreira (1975), o Gabinete foi fundado com o intuito de colocar livros ao alcance de pessoas amantes das ciências e das letras. Em 1878, o Gabinete transforma-se na Biblioteca Rio-Grandense. Na atualidade, a biblioteca possui um grande acervo de jornais, além de centenas de milhares de títulos em livros, inclusive obras raras, como alguns romances publicados por Andradina América de Andrada e Oliveira.

¹² Segundo a pesquisadora Jaqueline Rosa da Cunha (2008), a fundação da Biblioteca Pública Pelotense teve iniciativa dos membros da Sociedade Terpsychore, pois “acreditavam que a instrução do povo era a garantia e a base do aperfeiçoamento social” (p. 70). A fundação da biblioteca, em 14 de novembro de 1875, teve como modelo “a Biblioteca Provincial, o Partenon Literário e o Gabinete de Leitura da cidade vizinha, Rio Grande” (Ibidem, p. 70).

¹³ Em conformidade com Laurence Hallewell (1985), a mais importante editora gaúcha da época, a Livraria Americana, protegida pela Constituição Federalista Estadual do Rio Grande do Sul (1891), de cunhositivista, imprimia “toda sorte de livros sem autorização dos editores legítimos e sem pagar direitos autorais” (MORAES, apud HALLEWELL, p. 311); “sua série ‘Biblioteca Econômica’, de baixo preço e formato de bolso, apresentava traduções de Bourget, Alphonse Daudet, Dostoievski, [...] de Kock, Maupassant, Sacher-Masoch, Turgeniev e Zola” (p. 311).

Souza Araújo, a quem devemos o livro *Perfil do leitor colonial* (1999). Segundo o autor, a compreensão sobre os títulos e os leitores setecentistas e oitocentistas e suas leituras pessoais foi possível em virtude dos inventários dos bens de pessoas falecidas, que, naquelas centúrias, incluíam bibliotecas particulares. Em sua perspectiva de análise, acrescenta que “no geral, em termos estatísticos, o leitor brasileiro de Setecentos é amplo e variado [...], mas aberto o suficiente para o entendimento do que se passava na Europa civilizada” (1999, p. 286).

O teatro foi outra atividade cultural presente em Rio Grande de São Pedro.¹⁴ Era uma sociedade frequentada somente por membros privilegiados, tendo em vista os preços inacessíveis para a maioria da população.¹⁵ O destaque nesse segmento vai para o teatro Sete de Setembro,¹⁶ inaugurado em 1832, quando Rio Grande era ainda uma Vila. (HESSEL, 1999) E por ser uma localidade favorecida por um porto marítimo, Rio Grande recebia companhias vindas de outros países da América do Sul e da Europa. Além disso, sendo uma porta de passagem ou de entrada para o Estado e para o Brasil, a cidade possuía vários grupos dramáticos que atendiam Pelotas, Porto Alegre e região. Interessante ressaltar, igualmente, que Pelotas e Rio Grande “saltam na frente de Porto Alegre na construção de ‘teatros modernos’ antes da Revolução Farroupilha” (ANDRIOTTI, 2012, p. 25).

Conforme, Guilhermino César, o Rio Grande do Sul teve não só um “grande número de autores de literatura dramática”, como, também, uma “reiterada atuação na capital como no interior de sociedades dramáticas, desde as formadas por iniciativa individual, até as que viviam na dependência de grêmios recreativos ou clubes dançantes” (1956, p. 259). Do mesmo modo, o autor aponta alguns nomes femininos que “escreveram teatro nas diferentes fases por que esse passou no Rio Grande do Sul” (1956, p. 267), lembrando o nome de Andradina de Oliveira (1964-1935), Ana Aurora do Amaral Lisboa (1860-1951)¹⁷ e Julieta de Melo Monteiro (1855-1928).¹⁸ Bittencourt

¹⁴ Sobre o espaço teatral, arte e cultura na cidade rio-grandina, ver: BITTENCOURT, Ezio da Rocha. *Da rua ao teatro: os prazeres da cidade, sociabilidade & cultura no Brasil Meridional*. Rio Grande: FURG, 2007.

¹⁵ Apenas uma limitada parcela da sociedade podia pagar pelos elevados custos dos espetáculos, tendo em vista que o custo médio do camarote era de 12\$000 (doze mil réis), de uma cadeira, 1\$500 (mil e quinhentos réis) e o valor das galerias custava 1\$000 (mil réis). (NEVES, 1999).

¹⁶ Conta-nos Lothar Hessel (1999) que, em 1845, o teatro recebeu a família real brasileira.

¹⁷ Nascida em 1860, em Rio Pardo, a educadora deixou publicada as obras *Não saber ler* - cena dramática infantil (1916), *Festinhas escolares* - comédia, diálogos e monólogos (1925) e o

(2007), inscreve o nome de Revocata Heloisa de Melo. E Souto-Maior (2001), cita o nome, segundo a autora, da pioneira Maria Ribeiro (1829-1880),¹⁹ que se dedicou exclusivamente ao gênero dramático, bem como Júlia Lopes de Almeida (1862- 1934)²⁰ e Josefina Álvares de Azevedo (1851-?),²¹ entre outras tantas mulheres que, entre fins do século XVIII e início do XX, escreveram para o teatro no Brasil.²²

Mostrando a importância desta arte no interior do estado, a cidade de Pelotas, com o teatro Sete de Abril; Rio Grande, com o Sete de Setembro, e a cidade de Santa Maria, que disputava com Bagé a “honra de ser a quarta do estado em matéria de teatro” (HESSEL, 1999, p. 124), foram palcos de uma generalidade de autores e autoras de peças teatrais; só na cidade de Porto Alegre, segundo Athos Damasceno Ferreira (1975), havia, a partir de 1829, quarenta associações teatrais particulares dessa natureza.

No subtema que segue, daremos ênfase nas relações de sociabilidade de Andradina, sobretudo quanto à sua formação cultural e a vida dinâmica que se manifestou através do seu trabalho como jornalista, escritora e oradora.

1.2. Páginas de um tempo: uma vida em notas

É de luz que precisam as inteligências!
É de caridade que precisam os corações!

Teatro de Dona Aurora do Amaral Lisboa (1931), *A culpa dos pais* [s.d.]. A gaúcha Ana Aurora, “tendo vivido todo o tempo em sua terra natal, desenvolvera toda a sua obra literária fora do principal centro cultural da época, Rio de Janeiro” (SOUTO-MAIOR, 2001, p. 25).

¹⁸Nascida em Rio Grande, em 1855, a poetisa, jornalista e literata publicou *Mário*, drama, em coautoria com Revocata H. de Melo (v.); *Coração de Mãe*, drama, em coautoria com Revocata H. de Melo; *Noivado no céu*, ato em verso (representado em Porto Alegre, RS, em 1899); *O segredo de Marcial*, drama (representado em Rio Grande, RS). (SOUTO-MAIOR, 1996)

¹⁹ Segundo Valéria Andrada Souto-Maior (2001), Maria Ribeiro marca “decisivamente os momentos inaugurais de uma tradição literária feminina no campo da dramaturgia” (p. 25).

²⁰ Ana Aurora do Amaral Lisboa e Julia Lopes de Almeida, “tendo suas ideias alinhadas implícita ou explicitamente às do movimento feminista, então emergentes no país, não hesitaram em usar a linguagem cênica para divulgar e debater ideias e reivindicações sobre a realidade social e, particularmente, sobre a condição da mulher” (SOUTO-MAIOR, 2001, p. 25).

²¹ Segundo Souto-Maior (2001), sem data precisa do seu falecimento, Josefina Álvares de Azevedo, “autora de uma única peça: *O voto feminino*, que se coloca como texto emblemático de luta feminina emergente no país [...] e pode ser encarado como uma poderosa arma política, estrategicamente adequada” (p. 26).

²² Segundo, ainda, Valéria Souto-Maior, “Maria Ribeiro escreveu no início da segunda metade do século, entre 1855-80; Josefina Álvares de Azevedo, no final do século, em 1890; e Júlia Lopes de Almeida, nos primeiros anos do nosso século (só iniciado historicamente em 1914), entre 1908-1912, aproximadamente” (p. 26).

É por mais claridade e por mais piedade
 Que anseia a mulher, a Mártir excelsa,
 Que há vivido a grande vida dos séculos
 Imersa na noite pavorosa da ignorância,
 Na agonia da opressão!

Andradina de Oliveira

O filósofo francês Paul Ricoeur (1968) afirmou que contamos histórias porque, afinal de contas, as vidas humanas precisam e merecem ser contadas. Com efeito, historiar uma vida é, por definição, fazer algo inacabado e em constante processo, porque levamos a cabo dois tempos distintos: o passado, em que, como espaço fechado e concluído, buscamos o testemunho nas memórias de alguém, e o tempo presente, onde juntamos aos acontecimentos históricos os episódios pessoais para narrarem a vida em um tempo exterior e aberto, que é o hoje, e, por isso, em processo.

Por essa via, neste segundo subtema da tese propomos recuperar memórias e fatos da vida de Andradina a partir de uma série de publicações e notas repertoriadas por periódicos dos séculos XIX e XX, como, também, por documentos pessoais que ganham volume nos textos oriundos da história da vida da intelectual formalizada por sua biógrafa Lola de Oliveira, sua filha. O conjunto dessas informações dará ressignificação à vida que, segundo afirmou Ricoeur, merece ser contada.

Começamos com uma nota publicada na seção “Retratos”, do jornal feminino *Corymbo*,²³ que tinha como redatoras as irmãs Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloisa de Mello, onde buscamos destacar o modo como Andradina é apresentada e legitimada em sua atuação literária na sociedade, distinguindo-se, entre as mulheres, como “distinta escritora” e de “espírito moderno, superior”, qualificativos laudatórios destacados pelo colunista em questão, como segue:

Perdão, quando eu digo que vou retratar – devo antes dizer/esboçar que os <<Retratinhos>> não

²³ Com uma relevante contribuição para história da imprensa feminina e sulina, o periódico *Corymbo*, de propriedade das irmãs Revocata Heloisa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, foi publicado na cidade do Rio Grande entre os anos de 1883 a 1943, com alguns intervalos, com periodicidade que variou entre semanal e mensal. Não atualizamos a grafia que se refere ao nome do periódico, permanecendo o nome original ao longo da nossa escrita na tese. Ao longo do nosso trabalho retomaremos, por vezes, informações sobre o periódico, as informações nele contidas e suas importantes redatoras.

passam de esboço imperfeitíssimos e, neste caso, está aquele que ora tento apresentar-vos:

Conhecem pessoalmente a imaginosa autora de *Preludiando*? [sic]

Andradina de Oliveira não pertence ao grupo de senhoras esguias e que parecem fazer parte da família das palmeiras e jeribás, não possui as formas arredondadas tão cobiçadas na mulher, segundo os escritores positivistas.

O colo esquerdo e o pescoço curto imprimem-lhe a primeira vista, uma “pose” que, de fato, a interessante rio-grandense não tem; espírito moderno, superior, liberta-se de todas essas vaidades e pretensões que importam o apanágio das educações caducas e defeituosas, e cativas com a grandeza de um trato franco, sincero, onde sua alma acariciadora e meiga mostra-se tal qual é completamente nua de atavios.

A tez de um moreno jambo muito decantado pelos poetas é trocada pelo colorido que lembra os tons de uma natureza sadia. Boca rasgada como em geral nota-se nos homens de talento, fronte regular emoldurada por frisada cabeleira e uns olhos expressivos, escuros, olhos de artista, cheios de cintilações de gênio e de transporte de ternura e piedade velados pelo sombrio de uns longos cílios, completam a simpática fisionomia, um par de sobrancelhas negras e espcas, o que de ordinário serve para imprimir aos semblantes um cunho de severidade muito impressionável.

Eis pobrementemente esboçado o todo da distinta escritora atualmente entre nós²⁴ [grifos nossos]

O Pincel Ignoto. (CORYMBO, 13 de junho de 1897, p. 2).

Sob um possível pseudônimo, denominado Pincel Ignoto, o autor ou autora responsável pela galeria dos colaboradores e das colaboradoras do referido periódico de Rio Grande tece comentário sobre Andradina referindo-se, em um primeiro momento, aos predicados

²⁴ Todos os textos retirados deste e dos demais periódicos e citados nesta tese, inclusive o *Esgrínio*, tiveram a ortografia atualizada.

físicos que, segundo ele, a intelectual não tem: “formas arredondadas tão cobiçadas na mulher, segundo os escritores positivistas”. Mas, ao mesmo tempo, destaca que a mulher de “espírito moderno, superior, liberta-se de todas essas vaidades e pretensões que importam ao apanágio das educações caducas e defeituosas”. Quanto à “educação caduca e defeituosa” citada, provavelmente se refira às discussões, à época, sobre a educação tradicional feminina com ênfase dada às lidas domésticas, em contraposição ao apoio e incentivo, ao que parece, à instrução letrada, uma vez que o autor do texto ressalta o nome de uma escritora, motivo pelo qual parece merecer o prestígio referido.

O que chama a atenção é a descrição dos detalhes físicos, quando o autor refere-se à “*boca rasgada* como em geral nota-se nos homens de talento” e dos “*olhos expressivos, escuros, olhos de artista*” [grifo nosso]. As qualidades com feições masculinas, tanto que os compara aos “homens de talento”, evidencia o pensamento inconsciente da heterogeneidade cultural da sociedade do tempo. Em outras palavras, mesmo que a forte corrente positivista, comumente adotada também por muitas mulheres, argumentasse até em favor da superioridade moral e da igualdade intelectual delas em relação aos homens, tais predicativos faziam-se úteis somente nas atuações femininas em âmbito doméstico, aplicadas na tarefa de civilizar os homens, pois deles “era o espaço por excelência do poder e do valor” (DUARTE, 2009, p. 1014). Portanto, esta elevação intelectual não alcançava os patamares públicos. Nesse sentido, o texto de o *Corymbo* é um exemplo notório de uma associação simbólica das diferentes culturas, masculina e feminina. “Pincel Ignoto” seria uma mulher?

Partindo da premissa de que Pincel Ignoto teve que justificar a atuação intelectual de Andradina, reproduzindo uma imagem para a sociedade sul-rio-grandense sobre a “mulher de espírito moderno”, tomemos a fotografia²⁵ como outro gênero de reprodução de imagem que, flagrada em um determinado momento histórico-social, revela um tempo que ficou.²⁶ Na foto abaixo, encontramos Andradina e as

²⁵Segundo o historiador Osório Santana Figueiredo (2002), a fotografia chega ao Brasil por volta dos anos 1840. No Rio Grande do Sul, a fotografia aparece com Charles de Forest Fredricks que, de passagem por aquelas paragens, cobrava um cavalo por cada retrato. Contamos o pesquisador que “nas décadas de 1920 e 30, os retratistas apareciam pela campanha a cavalo carregando as incômodas máquinas no lombo do animal. Batiam fotos instantâneas e entregavam na hora [...]. Quando se encomendavam fotos, elas eram de meia dúzia ou uma dúzia de meio ou corpo inteiro, com finalidade afetiva, uma vez que elas eram oferecidas às pessoas mais íntimas, subscritadas com afetuosas mensagens de amizade e carinho” (p. 88- 89).

²⁶ Há um interessante estudo sobre historiar a vida a partir de fotografias, realizado pela pesquisadora Miriam Moreira Leite, que busca, em fotos anônimas, a representação da vida

minúcias da vestimenta feminina que emerge da história: o chapéu, as luvas, o leque, o colar, os longos cabelos presos e o vestido fechado até a gola, conforme observamos:



Figura 1: Foto do livro *Contos de natal*, 1908
(Acervo da Biblioteca Rio-Grandense)

Como personalidade de um determinado tempo e cultura, Andradina projeta, na foto de corpo inteiro, uma postura graciosa e, ao que parece, espontânea, exibindo um vestido elegante e adornos, citados anteriormente, que se sobressaem no conjunto, completando “a

social de famílias paulistas na virada do século. Ver: LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993 (Coleção Texto & Arte).

simpática fisionomia” descrita por Pincel Ignoto. A foto acima é, também, “fonte de cultura histórica” (FIGUEIREDO, 2002, p. 85), uma vez que é um documento que registra “um arquivo incomensurável dos momentos mais representativos da vida e das épocas” (Ibidem, p. 85),²⁷ sendo o mais fiel dos registros.²⁸

Além da imagem ligada à criação de uma identidade artística e da cultura visual que tem expressão na fotografia, projetando uma imagem particular, podemos, de outra forma, instituir uma imagem a partir de memórias que constroem não só a identidade pessoal de Andradina, bem como coletiva, projetando-a em um contexto da sociedade. Trata-se da imagem mediada pela filha Lola, que lança, sob forma de memórias biográficas, um caminho convencional para a coexistência entre a história da vida e a valorização moral da mãe. A despeito desse gênero, a professora Tânia Regina de Oliveira Ramos escreve:

Aquilo que se convencionou chamar de realidade em relação ao passado dificilmente pode ser definido com precisão. Não se pode confundir realidade como uma aderência ao que de fato aconteceu, pois as memórias conferem ao texto narrativo certas garantias de realidade, mas, ao mesmo tempo, imaginação, que lhe dá a possibilidade da invenção, da recriação pela potencialidade da linguagem enquanto fabulação (2009, p. 1028).

Na ordem da ressignificação, ou seja, “da criação pela potencialidade da linguagem enquanto fabulação”, conforme citado, o texto pode ser um operador de análises, “um trabalho de interpretação e, portanto, de imaginação criadora” (LEITE, 1979, p. 25).²⁹ *Minha Mãe!* é

²⁷Sobre “Os retratos como fonte de consulta histórica”, ver FIGUEIREDO, (2002)0.

²⁸Tratamos, aqui, da linguagem fotográfica nos primórdios do século XIX, uma vez que no século XX e, mais precisamente, no século XXI, a fotografia *cria* uma imagem a partir de inúmeros artifícios tecnológicos; imagens muitas vezes inventadas para vender uma realidade igualmente reproduzida. Tais imagens são encontradas em uma grande variedade de revistas que podem ser comumente apreciadas nas bancas de jornais ou na internet.

²⁹Aqui, não tratamos de discutir criticamente o gênero biográfico que pode se localizar entre verdade e ficção, mas, sim, trabalhamos com a ideia de buscar no arquivo fragmentado da biografia escrita por Lola a memória enquanto materialidade. Não tratamos, também, de discutir se a biografia escrita pela filha de Andradina mistura-se ao romance biográfico, dado por procedimentos formais como forma de convencer a autoridade da história relatada. Em relação à crítica e estudos sobre biografias e gêneros comuns, ver: SOUZA (2011); RAGO (2000); LEITE (1979).

a expressão que dá título à biografia publicada no ano de 1958 pela Gráfica Laemmert Limitada – localizada à rua Carlos de Carvalho, no Rio de Janeiro –, produzida por Lola de Oliveira, quando lá vivia. O livro compõe-se de duas partes: a “Primeira Parte” apresenta dois títulos: *Na cidade de Rio Pardo* e *Na escola normal de Porto Alegre*; a “Segunda Parte” é intitulada: *Alguns dados biográficos de Andradina*. No texto que introduz a “Primeira Parte” encontra-se uma espécie de prólogo, com o título *Dois palavras*, em que a expressão introdutória de Lola registra que “este é o segundo livro que escrevo sobre a vida de minha saudosa mãe. [...] o livro que hoje deponho nas mãos dos meus leitores guarda as passagens alegres de sua juventude” (1958, p. 7). Ficamos sabendo, assim, que a escritora já havia lançado, em 1949, *Travessuras* de Andradina, que “encerra uma série de episódios de sua feliz e descuidada infância” (1949, p. 10). Tendo anteriormente, ainda, publicado, sob o rótulo das homenagens, o livro de crônicas/contos *Gente de Agora*, em 1926 e *Safiras* (versos), em 1936, que encontramos, em última página, “a sair brevemente” o romance “Andradina – Diário de Rosa” e “A Doutora”; este publicado em 1939, além de inúmeros poemas dedicados ao amor materno. Com efeito, verificamos que a experiência da escrita foi uma herança que a mãe deixou para a filha e que esta transformou em estatuto de manifestação artística na vida.

Lançado em maio daquele ano, o livro *Minha Mãe!* rendeu homenagens póstumas por ocasião do Dia das Mães. A homenagem estampa a foto e um pequeno texto que expressa a dolorosa perda da mãe, companheira da vida toda de Lola:



Figura 2: Foto do livro *Minha Mãe!*, 1958
(Acervo particular da pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart)

Em “Tu não foste esquecida, ó mãe Idolatrada”, a veneração é expressão utilizada pela escritora que dá tonalidade a praticamente toda a narrativa. Em favor da descrição do colunista Pincel Ignato, do *Corymbo*, Lola descreve a mãe como: “fisicamente a natureza foi pródiga em dons. ANDRADINA DE OLIVEIRA [sic] era de mediana

altura, morena clara, olhos e cabelos negros. Tinha um porte majestoso e elegante, seu gênio era simples, alegre e carinhoso ao extremo” (OLIVEIRA, 1958, p. 99).

Interessante observar o discurso laudatório de Lola em relação à mãe. Tendo em vista a emergência de uma nova elite que constituía a figura materna à luz da missão civilizadora, a abnegação material e o sacrifício pela família eram ideais femininos muito valorizados. Conseqüentemente, a imagem idealizada era alvo da imprensa. Diante desse contexto, fica-nos a pergunta: Por que Lola fez aquele discurso? Será que fez para ovacionar e compactuar com a sociedade machista? Ou, ao contrário, valeu-se desse artifício, usando a mesma linguagem na procura um caminho para inverter os preconceitos que circundavam em torno de mulheres ousadas como era sua mãe? Esse seria um discurso mais justo e assim esperamos!

A “Segunda Parte” de *Minha Mãe!* é igualmente introduzida por uma espécie de prólogo que versa sobre vida e obra de Andradina, sob o título: “Alguns dados biográficos de Andradina de Oliveira”. Texto que apresentamos abaixo como artifício introdutório sobre o tema, o qual será apresentado ao longo deste subtema; lemos:

A escritora Andradina de Oliveira (Andradina América de Andrada e Oliveira) nasceu na cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, em 12 de junho de 1878.³⁰ Eram seus pais, Dr. Carlos Montezuma de Andrade, médico paulista, e D. Joaquina da Silva Pacheco de Andrade, rio-grandense do Sul, natural da cidade de Rio Pardo. [...]

Foi casada com o Tenente Martiniano de Oliveira, e mãe amantíssima de dois filhos: Adalberon, que faleceu em plena adolescência e Lola, a autora deste livro. [...] Desde 1920 até a sua morte em 1935 residiu na capital paulista, a terra de seu pai.

[...] Andradina começou aos cinco anos, os seus estudos primários no colégio dirigido pela escritora gaúcha Luciana de Abreu. Mais tarde fez, com raro brilhantismo, conquistando distinções em todas as matérias, curso na Escola

³⁰ Na verdade, a data de nascimento de Andradina que consta no livro de Registro de Batismo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre, levantado pela historiadora Hilda Flores, é de 12 de junho de 1864. Nota-se um dado comum na época: as mulheres não revelavam sua idade.

Normal de Porto Alegre. [...] Iniciou sua vida literária, quase menina, escrevendo em inúmeros jornais e revistas. Fundou um jornal literário feminino O ESCRINIO que, mais tarde foi transformado em revista ilustrada. [...] No jornalismo a sua atuação foi brilhante e profícua, defendendo os direitos da mulher. [...] foi uma das maiores feministas do Brasil, na sua época. [...]. ANDRADINA DE OLIVEIRA [sic] era, além de prosadora, poetisa, tendo deixado inédito um livro de versos FOLHAS MORTAS [sic]. [...] Como oradora possuía Andradina de Oliveira raros predicados: entusiasmo, linda voz, dicção perfeita. [...] Fisicamente a natureza foi pródiga, em dons [...] (1958, p. 97-100).

As expressões: “amantíssima”, “brilhantismo”, “raros predicados” e “linda voz,” entre outras, dá o tom laudatório do texto. Qual é o significado desse cenário de adjetivações? Em uma das indagações que podemos fazer é que Lola estaria defendendo a mãe da sociedade machista e conservadora? Ideias naturalizadas colocavam as mulheres sempre aquém da cultura, reservada aos homens, e a posição que Andradina ocupava, como escritora e intelectual apresentava um dilema incompatível: prestígio e preconceito! Quanto ao livro, dos demais nove títulos que compõem esta “Segunda Parte”, a página 111 apresenta “Uma opinião sobre o livro *Divórcio?*”, obra publicada por Andradina – assunto que retomaremos em outro momento, e excertos da obra da mãe, alguns, segundo Lola, inéditos.

Tendo em vista o valioso auxílio de Lola, embora exaltando encomiasticamente a mãe, que forneceu dados biográficos resumidamente apresentados acima, tivemos como estratégia de pesquisa extrair outros dados que incluem aspectos biobibliográficos através de jornais e da própria obra literária de Andradina. E, a fim de garantir o máximo de objetividade na pesquisa, buscamos correlatar nossas informações com dados de outros pesquisadores, os quais serviram de subsídios ao nosso trabalho.

Foi-nos possível conhecer um pouco mais sobre a intelectual gaúcha com a leitura da carta³¹ que ela escrevera para a feminista

³¹ Valemo-nos desta carta como importante documento histórico no âmbito sociocultural, político e literário do Rio Grande do Sul e do Brasil. Ainda que o principal mote da tese seja o estudo de gênero, os dados fornecidos pela missiva, o episódio protagonizado pelo avô, valemos como parâmetro analítico, refletindo processos de uma sociedade que se formava política e

portuguesa Ana de Castro Osório,³² vivendo, por ocasião, em São Paulo. Escrita a punho, a missiva de doze páginas³³ onde Andradina narra sobre família, projetos de trabalho, conferências e feminismo. A carta contém, inclusive, a saga da família paterna e nela dados históricos sobre a Guerra Farrapilha. Sobre a família, Andradina conta:

Meu pai, um dos sobrinhos de José Bonifácio de Andrada e Silva,³⁴ o patriarca da nossa independência, era natural de São Paulo, filho do coronel Estevam de Gusmão Bueno de Andrada e Silva. Era médico e estudou medicina em Lisboa. Um (?) 35 homem ilustradíssimo e de grande talento. Morreu muito moço. [...]

Mamãe, uma lindíssima criatura, era filha de portugueses. Vovô era fidalgo de família ilustre. Foi uma das injustas vítimas da Guerra dos Farrapos. Vovô era ilustrado e ia ser padre, quando fugiu para o Brasil e casou-se com vovô que era filha de pais andaluses, nascera em Portugal e viera com três meses de idade para o Brasil. Fora, também, uma beleza! Pachecos, da

culturalmente. As relações lógicas com esta história permitem a compreensão de elementos construtivos da formação intelectual e de identidade dos sujeitos históricos. Segundo a pesquisadora Eliane Vasconcellos (2008), “as cartas redigidas a um destinatário real estão envolvidas em dois aspectos: o documental e o literário. Elas são hodiernamente consideradas como parte da obra de um autor” (p. 381).

³² Ficcionalista, ensaísta e feminista natural de Mangualde, Portugal, nasceu em 1882 e faleceu em Lisboa, em 1935. Colaborou em vários periódicos em Portugal e no Brasil, entre eles o *Corymbo*. Castro Osório foi “mulher dinâmica e muito consciente de seus direitos, fundou a Liga Republicana de Mulheres Portuguesas, que promoveu debates em torno de importantes problemas sociais, como a questão do divórcio e da mãe solteira” (FLORES, 2009, p. 27). A obra *Mulheres portuguesas*, escrita pela portuguesa em 1905, é considerada o primeiro manifesto feminista português. Ao morar no Brasil, a intelectual traz suas experiências de luta e fomenta o movimento no Brasil. Sobre esse momento, guardamos o Capítulo III.

³³ A referida carta foi encontrada por esta pesquisadora no Espólio 12: Coleção Castro Osório (família), depositado na Biblioteca Nacional de Portugal, naquele país. O Espólio é constituído dos seguintes itens: “I Manuscritos”; “II Correspondências”; “III Documentos anexos”; “IV Manuscritos de terceiros” e “V carta de terceiros”. A carta enviada por Andradina estava adicionada ao item “Correspondências”. A pesquisa neste Centro foi realizada pela pesquisadora durante o estágio do seu doutoramento realizado em Lisboa entre setembro de 2013 a abril de 2014, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES.

³⁴ José Bonifácio de Andrada e Silva, nascido em Santos, Brasil, era membro da família aristocrática portuguesa, e figura entre os ilustres da história e da literatura brasileira e portuguesa.

³⁵ Como a carta é escrita à mão, algumas palavras ou letras são ilegíveis, ou de difícil compreensão.

família dos Pachecos era vovô? [sic]. Os papéis de família foram-se todos. Vovô que já estava rico teve a sua casa saqueada e incendiada pelos farrapos³⁶ (Espólio 12: Coleção Castro Osório. Família. Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal).

A fonte revela, então, que Andradina descende, pela linha paterna, da família política aristocrática dos Andradas, e, pelo lado materno, o que acredita ser, da família lusa dos Pachecos, radicada na cidade de Rio Pardo, no interior do Rio Grande do Sul.

A mãe, D. Joaquina Maria Leiria,³⁷ que tinha um casal de filhos,³⁸ Ana e Antônio, do primeiro matrimônio, casa-se num segundo enlace com o médico Carlos Montezuma de Andrada (ROCHA, 2005). Desta união nasce um menino que morre ainda criança³⁹ e a menina

³⁶ Ao se referir sobre o episódio da invasão da casa do avô, Andradina segue alguns parágrafos da carta narrando sobre a fuga da família: “E da cidade de Rio Pardo, onde residia, saiu Porto Alegre fugido, a distância é enorme. A fuga foi cheia de peripécias terríveis. Era noite escuríssima quando entrou no Guaíba. Desencadeou-se uma tempestade tremenda e ele naufragou. Lutando, tragicamente, com as ondas, teve a suprema coragem de vencê-las. Nadaram horas trazendo seguro nos dentes um bauzinho de folha: era a fortuna para os seus quatro filhos. Deu à praia arrastou-se até a casa de uma família farrapa amicíssima, quase moribundo... [sic] suplicou-lhe, em nome da amizade, a piedosa missão de entregar à sua amada esposa e adorados filhos aquele dinheiro... [sic] e morreu como um santo. O dinheiro não foi, porém, entregue... [sic] os ódios políticos, como sempre, eram ferozes. Vovô sofreu [...], mas com uma enorme coragem. O filho mais velho, que era um menino de quatorze anos, teve a vida em risco: já estava num quadrado para ser fuzilado pelo crime de fugir do (ilegível) republicano.

³⁷ O nome da mãe, assim escrito, consta na Certidão de Casamento de Andradina. Porém, segundo Lola de Oliveira (1958), o nome da avó seria *Joaquina da Silva Pacheco de Andrada*. E, segundo, ainda, Santa Inêze Domingues da Rocha (2005), no texto “Andradina de Oliveira: defensora dos direitos da mulher”, o nome seria *Joaquina Pacheco Leiria*. O que concluímos é que o sobrenome *Pacheco* era do pai e Leiria era o sobrenome adquirido do primeiro enlace matrimonial, anterior ao casamento com o médico Montezuma, que lhe acrescenta o sobrenome de *Andrada*. O texto de Santa Inêze D. da Rocha foi lido por Jane Tutikiana em ocasião da sessão dos 70 anos de falecimento de Andradina de Oliveira, realizado na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul- ALFRS, em 19 de junho de 2005, ano da presidência da professora historiadora Hilda Hubner Flores, e, posteriormente, publicado na Revista de Ciências, Artes e Letras – *CAOSÓTICA* – de Porto Alegre.

³⁸ Sobre os irmãos, Andradina narra, na mesma carta: “Ah! Eu tive uma única irmã e chamava-se Ana... [sic] e o filho dela, Osório”. E, em *Minha Mãe!* (1958), Lola escreve sobre Antônio Leiria, o irmão de Andradina que a ajudou na construção de uma escola pública para a ela lecionar.

³⁹ A informação sobre o irmãozinho que morrera consta em “Cruz de pérolas”, livro de crônicas e contos com abastados dados bibliográficos publicados por Andradina em 1908. A respeito do irmão, que se chamava Abraão, ou Abraãozinho, como ela se reporta, narra: “Passado... Foi lá que um irmãozinho tive de cabelos negros e olhos negros também... Era ainda tão pequenina! E embalava-o... embalava-o docemente, cantarolando as baladas de mel

Andradina, que tem seu natalício na cidade de Porto Alegre no dia 12 de junho de 1864,⁴⁰ onde os pais residiam num sobrado da antiga Rua Aurora, esquina da Rua Voluntários da Pátria. Em conformidade com o Registro Histórico *on-line*,⁴¹ a menina fora batizada somente em 11 de maio de 1867, na Paróquia do Rosário daquela cidade, e recebe o nome da avó paterna, América, acrescentado ao nome de batismo que fica oficialmente registrado de: Andradina América de Andrada.⁴²

Em Porto Alegre, a menina Andradina vive os primeiros anos de sua vida e recebe atenção e educação esmerada do pai. É nesse horizonte que o amor e a dedicação, sempre generosos do patriarca, transformam-se em lições para toda a vida da filha. No doce aconchego do lar, as lembranças afetuosas do pai vêm, também, a partir das lições das primeiras letras, caso raro no contexto oitocentista. Fato que lemos na narrativa do livro *Cruz de pérolas* (1908):

Passado... foi lá que tive um pai de quem era ídolo. Amava-me tanto... tanto... O talento dele era para mim... para o meu futuro... como dizia, a trabalhar, a estudar sempre. A minha educação preocupava-o já Nos dias de festas, enchia-me de brinquedos, de flores e doces... dava-me beijos todos os dias, e contava-me histórias interessantes em que havia sempre fadas encantadoras, espalhando o bem por onde as suas varinhas mágicas batessem. Foi ele, o pai adorado que me

com que fora antes acalentada... Um dia vi-o num caixãozinho de cetim azul, cheio de rosas, os olhos parados e tristes... O rostinho emergia lindo... branco, da brancura das duas magnólias beijando-lhes os pesinhos calçados em seda... Depois veio muita gente... homens de preto... e levaram-no... Mamãe chorava muito... muito... e papai chorava tanto quanto mamãe... Depois eu passava os dias a embalar o bercinho vazio e a cantarolar as mesmas baladas para ele... para o irmãozinho que não voltava mais..." (p. 77).

⁴⁰ Segundo a pesquisadora Hilda Agnes Hubner Flores (2009), o registro de nascimento consta no Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre, no Livro 4, L. 4, de Batismo, fl. 132; embora estivéssemos no local, nada conseguimos sobre o documento, uma vez que, segundo a arquivista, o material tinha sido recolhido para restauro. Ficamos coma informação da historiadora.

⁴¹ REGISTRO HISTÓRICO ON-LINE é um projeto da Igreja dos Santos dos Últimos Dias. Ver: BRASIL, Rio Grande do Sul, Registro de Batizados da Igreja Católica entre 1738-1952. Disponível em: <<https://familysearch.org/search>>. Acesso em: 10 jun. 2013. O site foi recomendado pela arquivista da Cúria Metropolitana de Porto Alegre, quando da ausência da certidão de nascimento de Andradina, documento que procurávamos.

⁴² Batizaram Andradina o pai, Carlos Montezuma de Andrada; os avós paternos, Estevam de Gusman Bueno de Andrada e Silva e América Cândida Montezuma de Andrada. A menina tem o seu batistério assinado pelo cônego vigário Vicente Sebastião Wolffenbuttel. (ROCHA, 2005)

ensinou a dizer versos... E sorria, quando eu não entendia a beleza da estrofe, mas sentia dela a alma rir ou chorar na prisão fascinadora e ideal da métrica [sic] (OLIVEIRA, 1908, p. 78).

O pai, que dedica à filha o ensino de poesia, apresenta uma saúde muito frágil, o que o obriga a mudar com a família para a pequena cidade de Montenegro, localizada na região da grande Porto Alegre (ROCHA, 2005), onde continua a exercer a medicina, mas, infelizmente, vem a falecer, como nos informa Santa Inèze Domingues da Rocha:

O Médico dedicado, Dr. Montezuma veio a falecer, nesta cidade, dando-lhe [à filha] verdadeiro exemplo de heroísmo e desprendimento. Na madrugada de sua morte, saíra para atender um paciente em parto difícil e salvou-a. Ao retornar, após um sono reparador, levanta e morre de aneurisma. Andradina assiste à morte do pai que, ao sentar na poltrona, nas últimas palavras dirigidas a Antônio, dá-lhe incumbência de cuidar da educação de sua irmã Andradina [sic] (2005, p. 41).

As afetuosas lembranças deixadas pelo pai são registradas no livro *Cruz de pérolas* (1908), em que Andradina reserva a parte final, que intitula “Passado”, para as crônicas que, revestidas por um acalento poético, narram os momentos vividos junto aos seus entes queridos. Exemplo de uma das narrativas está reservado às lembranças pueris sobre o pai:

Por uma manhã de inverno, em que o sol rompera brilhante, ele, o meu pai querido, morreu... o seu coração generoso, que tivera pena de tantos desgraçados, estalou... Lembro-me tanto, o sangue, em borbotões, ruborizou as alvéolas... ele empalideceu subitamente... sorriu... e suplicou baixinho: - cuidem de minha filha... [sic] (1908, p. 79).

De volta para Porto Alegre com a mãe e os meios-irmãos Antônio e Ana, aos cinco anos de idade Andradina inicia seus estudos

no colégio dirigido pela eminente educadora e escritora porto-alegrense Luciana de Abreu.⁴³

Antônio Leiria, após a morte do padrasto, assume a responsabilidade de cuidar da educação da irmã menor, dotando-a com a mais alta ilustração da época. A pequena estuda piano, canto e “trilha com brilhantismo as letras, pois, desde pequenina, Andradina tinha uma enorme facilidade de escrever. Nascera escritora. Sua vocação para as letras revelara-se aos oito anos quando, fazendo viagem fluvial, traçou a primeira composição” (OLIVEIRA, 1958, p. 63).⁴⁴ Anos mais tarde, a família muda-se para Rio Pardo, cidade dos avós maternos de Andradina. Lá, ela passa parte de sua adolescência e, aos dourados anos da mocidade, 1880, encontra o primeiro amor, sentimento à qual é dado tratamento inspirador na crônica que lemos do livro *Cruz de pérolas*:⁴⁵

A doce impressão em minha alma ardente e juvenil deixada por elegante farda, com botões dourados, corpo airoso e jovem, que foi aquele por quem bateu primeiro o meu coração de modo estranho e poderoso, na ameia de desconhecido

⁴³Luciana Teixeira de Abreu (1847-1880) foi enjeitada no nascimento e colocada na Roda dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia, de Porto Alegre, destino das crianças sem lar daquele tempo e nunca se soube quem eram seus pais. O padrinho e pai adotivo, Gaspar Pereira Viana, assume os cuidados, dando-lhe educação aprimorada nas letras e artes, mesmo em condições muito modestas. A menina cresce revelando vocação para as letras e quando “abriu a Escola Normal do Estado, ela foi a primeira a matricular-se” (OLIVEIRA, 1907, p. 46). Cresceu no mundo das letras e se tornou uma intelectual respeitada no Estado. Inteligência marcante, Luciana de Abreu teve efetiva atuação na eminente Sociedade Partenon Literário, no Rio Grande do Sul. Proferia nos saraus, organizados pela Sociedade, discussões sobre educação e a cultura feminina, sempre procurando exaltar a mulher. Por essa via, a oradora brilhante foi uma das primeiras “a subir em uma tribuna e abordar temas sociais, como ‘A Emancipação da Mulher’ em uma de suas conferências, pronunciada em 1875, no Partenon Literário” (MOTTA, 1993, p. 38). Segundo Andradina de Oliveira (1907), Luciana “queria justiça para o sexo!” (p. 48) e sua “escola pública [...] possuía a maior frequência em todo o Rio Grande do Sul” (MOTTA, 1993, p. 41).

⁴⁴ Algumas informações complementares sobre a biografia escrita por Lola: o livro é composto por um prólogo com o título “Duas palavras”, e dois capítulos, onde a autora repara que: “este é o segundo livro que escrevo sobre a vida de minha saudosa mãe. [...] o livro que hoje deponho nas mãos dos meus leitores guarda as passagens alegres de sua juventude”. Na primeira parte, encontra-se o texto “Na cidade de Rio Pardo”, que se compõe de onze episódios. Lola conta as peripécias juvenis da mãe, reproduzindo diversos ambientes de onde ela retira, das imagens avulsas, os pequenos momentos de existência de Andradina, dando previsíveis significações ao objeto narrado.

⁴⁵As crônicas publicadas nas últimas páginas do livro *Cruz de pérolas* (1908), entre as páginas 77 a 87, são uma inserção no doloroso mundo das perdas na vida de Andradina. A narrativa é comovente e relata com muito sentimento, em pequenos e múltiplos parágrafos, uma e outra morte dos entes queridos que ficaram no “Passado” e “nas sombras tenebrosas do teu abismo insondável ficou a minha alma inteira” (p. 88), como narra a autora.

afeto!... Ah! Como sabia entender a minha alma aquele que muito amei! Ele viera de longe... nascera na formosa Paraíba onde há sertões cadentes, virações balsâmicas, céus bem azuis, lendas encantadoras. [...] E quando lá, na quadra virginal os laranjais se cobriam de flores, [...] das rosas [...] na embriagues do amor e do perfume – fui noiva. Que mundo encantador de ilusões na mente juvenil! Que caudal fecundo de ternura na alma sonhadora!! [...] Era o ente que me podia entender e fazer feliz... e fui... fui venturosa infinitamente... Mas, ventura infinita que durou tão pouco! (1908, p. 81).

Pela informação que consta neste livro de crônicas, em que autora dedica a parte final com textos arraigado de dados biográficos, fica-se sabendo que Andradina casa-se com o oficial do exército brasileiro, natural do Estado da Paraíba, Augusto Martiniano de Oliveira, Alferes do 12º Batalhão de Infantaria de Rio Pardo, como confirma a historiadora Hilda Agnes Hubner Flores (2007). E, em conformidade com os arquivos da Cúria Metropolitana de Porto Alegre,⁴⁶ confirmado pelo Registro Histórico on-line,⁴⁷ o casamento realiza-se a 18 de setembro de 1881, na Matriz de Rio Pardo, e a esposa passa a se chamar Andradina América de Andrada e Oliveira. Desse enlace, nasce o primeiro filho, Adalberon; nascimento que a mãe registra com palavras emotivas no livro *Cruz de pérolas*:

Quando chegou o outono... o outono que tem frutos em Março, estrelas em Abril, rosas e preces em Maio, manhãs azuis e rubros crepúsculos em Junho – nasceu o meu primeiro filho. [...] Que linda criaturinha! Os olhos, das estrelas... ora alegres... ora melancólicos. [...] que saudade amarga da meiguice infinda daqueles olhos lindos! Tão bons e tão leais que eram os olhos do meu filho amado! [sic] (1908, p. 82).

⁴⁶ Livro 6, de Registros de casamentos de Rio Pardo, 1880-1885, fl. 26. Foto, cópia, no ANEXO IX da tese.

⁴⁷ Ver: Rio Grande do Sul, Brazil Marriages, 1730-1955. Disponível em: <<https://familysearch.org/pal:/MM9.1.1/XN5F-WP5>>. Acesso em 10 jun. 2013.

Tendo casado aos 17 anos, Andradina segue seus estudos na Escola Normal de Porto Alegre,⁴⁸ hoje Instituto Flores da Cunha, que era, à época, única escola dedicada à formação de professoras. Entretanto, “em meio de seus estudos, teve, porém, a infelicidade de perder seu marido,⁴⁹ abraçando, por isso, o professorado, depois deles concluídos” (*Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1901*, p. 210).

Fato bastante intrigante em nossas pesquisas foi a descoberta do documento depositado no Arquivo Público do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Trata-se de um Inventário realizado em Pelotas no ano de 1895, no “1º Cartório Órfãos e Ausentes”. Lemos:

Diz Andradina América de Andrada e Oliveira, professora da aula pública do sexo feminino que tendo falecido seu marido, o Alferes Augusto Albanez de Lara no dia 12 de fevereiro de 1888, deixando um filho de nome Adalbernes Albanez de Lara, com oito anos de idade e com quanto não ficasse bens alguns do casal [?],⁵⁰ procedeu nos termos do inventário.⁵¹ [grifos nossos]

Sobre o termo lavrado, cabe-nos fazer algumas considerações: se Andradina casou em 1881, conforme consta na certidão de casamento que nos referimos em outro momento, na data de morte do marido, no ano de 1888, não poderia ter ficado um filho de oito anos, pois seu primeiro filho teria nascido em 1886. Outra questão que se confirma é que o esposo era mesmo Alferes, e do casamento com o militar teria nascido um menino. Porém, quando o Inventário se refere sobre os nomes, tanto do esposo, quanto do filho, nascem divergências com

⁴⁸Sobre sua juventude de estudos na escola Normal, Andradina descreve, anos depois, no seu *Escrínio*: “querido tempo aquele em que eu procurava ilustrar meu espirito! Que saudade tenho de ti, bela Escola Normal, tempo de luz onde tantas rio-grandenses conquistaram um nome e uma posição” [sic] (*ESCRÍNIO*, ano IV, n. V, 15 de março de 1901, p. 3).

⁴⁹ Andradina assim descreve a perda do marido no livro *Cruz de Pérolas* (1908): “E vi partir... [sic] partir para o insondável... [sic] para o maior mistério – o mistério horrído do sepultamento – aquele que me fez tão ditosa esposa... [sic] tão feliz mãe. Manhã quente e abafadora de fevereiro, aquela! [...] Os derradeiros de uma felicidade morta!” (p. 82-83). No que se refere a averbação de morte de Augusto Martiniano de Oliveira, fizemos buscas infrutíferas nos registros históricos on-line, na Cúria Metropolitana de Porto Alegre e no Banco de dados da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Também no encontramos nenhuma informação sobre a morte nos registros das cidades de Rio Pardo, Porto Alegre e Paraíba.

⁵⁰ Por motivo de o Inventário ser escrito a punho, algumas palavras não estão compreensíveis ao entendimento da leitura.

⁵¹O Inventário encontra-se em foto, cópia, no ANEXO IX da tese.

nossas pesquisas. E, para sanar essas dúvidas, procuramos a renomada historiadora rio-grandense, Hilda Agnes Hubner Flores que, acostumada pelo labor de sua profissão a examinar documentos de outrora, levantamos a hipótese de ter, esse termo de inventário, sofrido alguma destas situações esclarecidas pela historiadora.⁵²

Retomemos a narrativa sobre as vivências de Andradina. Dois anos depois da morte do esposo, Andradina estaria a lamentar mais uma perda: “na desesperação inenarrável, foi-me amparo seguro o grande suave carinho daquela mais terna das mães [...], em outra manhã de fevereiro, [...] vi sair, também, o esquife dela coberto de flores” (OLIVEIRA, 1908, p. 83), diz; mais uma vez, a morte, imperdoavelmente, ceifava mais uma preciosidade de sua vida: trata-se daquela “que teve beijos de extremado carinho para mim quando nasci [...]. Ah! Minha pobre irmã” (p. 85).

A morte do pai, do esposo, depois da mãe e, por último da irmã transformaram a vida de Andradina em sentimentos de dor, saudade e lamento, mas, ao mesmo tempo, em que vencia a crise afetiva, os sentimentos despertam-na maior ímpeto à vida. A mãe de Adalberon dedica-se a manter o lar e a educação do filho à custa de seu talento com o exercício do magistério público e particular, pois “não temia o combate árduo da vida, [...] fui altiva, fui denodada” (OLIVEIRA, 1908, p. 84), escreve. Porém, naquela época, vigoravam os antigos preceitos “segundo os quais o ideal seria que a mulher permanecesse com a família e cuidasse apenas dos afazeres domésticos”(KAMITA, 2004, p. 573). Desde então, Andradina sofre preconceitos que produziram amargos dissabores em sua vida e se transformaram no principal estandarte de luta, refletindo no seu discurso, conforme observamos:

Desafiei mesmo a crueldade dos invejosos, a maledicência dos nulos, a pequenez dos egoístas que procuravam ferir a mulher que tinha o arrojo de trabalhar pela inteligência para arrimo dos seus...Nem sequer imaginavam os que me faziam sofrer que eu era assim forte porque sabia ser mãe! (OLIVEIRA, 1908, p. 84).

⁵²A historiadora esclarece que, por vezes, havia, por parte de quem lavrava dados, tabeliões e párcos, muita confusão que resultavam em troca de nomes de contratantes, de testemunhos, etc.; fato que poderia acontecer quando se arrolava certidões de casamento, morte, nascimento e/ou inventário, como é o citado caso de Andradina. FLORES, Hilda Agnes Hubner. Andradina ([mensagem] recebida por <rosacrisstinah@yahoo.com.br> em 6 set 2014).

Andradina declara seu repúdio à sociedade, principalmente aos “egoístas que procuravam ferir a mulher que *tinha o arrojo de trabalhar pela inteligência*” [grifo nosso]. Neste horizonte, seus objetivos convergem para as atividades intelectuais, e, ao abraçar o professorado, ela começa a peregrinação por vários lugares no interior do Rio Grande do Sul. O primeiro deles foi

num povoado chamado João Vieira, muito atrasado ainda, apesar de estar somente a duas horas de vapor de Porto Alegre, sua população compunha-se de modestos sitiantes, pequenos lavradores, e alguns fazendeiros, criadores de gado. [...] Aquela escola que surgia agora fazia parte das aspirações daquele povo tão abandonado dos poderes públicos. Quando os moradores dos arredores souberam da chegada da professora correram todos ao desembarque. As crianças pulavam de contentes; iam aprender a ler! (OLIVEIRA, 1958, p. 80-81).

Nesse lugar, a jovem professora começa a exercer sua profissão graças a “Antônio, seu meio irmão, que conseguiu, sem dificuldade, a criação de uma escola pública [...] e ofereceu a grande saia da frente da sua casa para a instalação” (1958, p. 80). Por se tratar de um “povoado tão abandonado” e sem qualquer estrutura, havia, em João Vieira, muitas pessoas que necessitavam de cuidados médicos. O irmão de Andradina, que sabia do gosto da irmã pela medicina, herdado do pai, que sonhava vê-la médica, providencia “um livro de homeopatia e uma caixa com medicamentos igualmente homeopáticos” (ELEUTÉRIO, 2005, p. 268). O interesse da professora em ajudar os habitantes do lugar, aplicando-lhes cuidados médicos, rendeu a ela o título de “doutora.”⁵³

Já no ano de 1895, no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, encontramos notícias de Andradina na cidade de Pelotas,⁵⁴ lugar de onde escreve inúmeras colaborações para o referido Almanaque, conforme exemplificamos na Coluna “Pensamentos”:

⁵³ Talvez desse tempo, a filha Lola buscava reminiscências para escrever o romance *A Doutora*, que oferece “À memória de minha adorada mãe”, em 1939.

⁵⁴ Em pesquisas nos periódicos pelotenses, não encontramos nenhuma informação sobre Andradina exercer magistério na cidade; porém, como esta era a “profissão de ofício”, possivelmente atuava em aulas ou estabelecimentos particulares, o que fez em quase toda a sua vida.

A castidade é o perfume da alma: a mulher sem pudor é uma flor seca. Só é o teu amigo o que te consola na dor, o que te socorre na adversidade, o que se alegra com a tua prosperidade, o que te aconselha para o bem e o que te repreende quando erras. O amor materno é o único capaz de todos os sacrifícios. As paixões dos homens são como as trovoadas de estio: passam depressa. [...] a calunia é a boba da inveja.

Junto com o exercício do magistério, Andradina começa a exercer sua imaginação criativa que fora, desde cedo, incentivada pelo pai. Da pena, ela faz surgir suas primeiras colaborações nos jornais.

Ao passo que a jovem [...], apesar de tão cruelmente assaltada pelas amarguras da vida, começava a notabilizar-se na carreira oficial, a que se dedicara, fazia também com êxito brilhante a sua estreia literária colaborando desde logo, em prosa e verso, na imprensa rio-grandense e em muitos jornais do Brasil (Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1901, p. 210).

Em Pelotas, ao que parece, a professora encontrou um novo companheiro para a vida,⁵⁵ fato que observamos no texto onde ela discorre sobre um amigo “que te consola na dor, o que te socorre na adversidade, o que se alegra com a tua prosperidade, o que te aconselha para o bem e o que te repreende quando erras”. O felizardo seria Júlio de Oliveira – “artista dramático de grande talento, discípulo de Furtado Coelho,⁵⁶ [...] uma glória rio-grandense” (*Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1901*, p. 211).

⁵⁵Em 14 de setembro de 1895, o jornal pelotense *O Brazil*, anuncia que “o inteligente ator rio-grandense Júlio de Oliveira organizou, para quinta-feira próxima, em benefício das duas inocentes órfãs do professor Camargo, um riquíssimo espetáculo que contará das espirituosas comédias: *O lenço branco*, em três atos e Um dentista e dois clientes. Num dos intervalos será recitada a bonita poesia *A festa da caridade*” (*O Brazil*, p. 1). Muitas outras notícias sobre o ator Júlio de Oliveira são encontradas neste jornal de Pelotas, onde, ao que parece, vivia.

⁵⁶Luís Cândido Cordeiro Pinheiro Furtado Coelho (Lisboa 1831-1900) foi um ator, dramaturgo, compositor, pianista, poeta e empresário português que fez uma movimentada carreira, principalmente no Brasil, obtendo grandes sucessos, mas, também, enfrentando vários fracassos. Foi o pioneiro e o mais destacado defensor da estética realista e um de teatro brasileiro no final do século XIX, período em que esta arte se tornava o mais popular

No ano de 1896, então junto ao esposo e, possivelmente, sob sua influência, Andradina deixa de lado, por algum tempo, a profissão do magistério, e aventura-se como atriz. Em Bagé, faz sua *première* nos palcos e depois sai pelo Estado, onde realiza diversas apresentações. Informação prestada pelo jornal *Taquariense* em outubro daquele ano dá conta de que:

A inteligente professora normalista D. Andradina de Oliveira, que há pouco abandonou o magistério, fez-se atriz e estreou em Bagé há poucos dias. A nova atriz e seu marido Júlio de Oliveira estão contratados pelo ator Nóbrega por uma excursão artística por diversas cidades do Estado (O TAQUARIENSE, apud HESSEL, 1999, p. 88).

O casal movimentava o teatro local atingindo bons resultados e agradando ao público com suas apresentações, acontecimentos acompanhados pelo mesmo jornal, segundo Lothar Hessel, que escreve: “E a 24 daquele mês [*O Taquariense*] conta que os jornais de Bagé tecem encômios à estreia, no teatro, da ex-professora D. Andradina de Oliveira” (1999, p. 88).⁵⁷ De Bagé, os atores partem para a cidade de Pelotas, onde fazem mais algumas apresentações que são noticiadas pelo jornal *Corymbo*, de Rio Grande, em março de 1897; notícia que veremos no próximo recorte de jornal.

Mesmo o casal ocupando-se de um *tour* teatral pelo estado, Pelotas é a cidade de residência fixa, de onde Andradina, ao conciliar a profissão de atriz a de escritora-colaboradora, envia textos para os jornais da região, como, por exemplo, o texto em que ela se refere sobre “A festa do trabalho”, na cidade pelotense. Lemos um trecho: “Sublime festa assisti ontem! Não tinha o esplendor, a pompa, o luxo das festas em que maioria conhecemos. [...] um – Bravo! À Liga Operária Pelotense pela maneira gentil porque festejou a grande data do trabalho” (CORYMBO, 9 de maio de 1897).

Porém, excursionando pelos palcos do Estado, a atriz amplia suas ações no mundo das artes e, concomitantemente, estreia no mundo das letras, na cidade do Rio Grande, onde lança seu primeiro livro. Episódio anunciado pelo jornal *Corymbo*:

entretenimento público e o mercado ainda era dominado pelos autores, atores e empresários portugueses. (HESSEL, 1999)

⁵⁷ Informação apresentada pelo autor em nota de rodapé.

Esta apreciada escritora rio-grandense deve por estes poucos dias achar-se nesta cidade, onde aguardará a apreciação do seu belo livro “Preludiando” [...]. Seu esposo, o talentoso ator Júlio de Oliveira, que pretende organizar nesta cidade alguns agradáveis espetáculos, tendo em Pelotas, promovido um a 21 de abril, que foi bastante aplaudido [sic] (CORYMBO, 2 de março de 1897, p. 2).

Em junho, o jornal divulga oficialmente o lançamento de *Preludiando*, pela Tipografia Trocadero.⁵⁸ O livro foi “aplaudido pela crítica”, como lemos:

Oferecido às escritoras brasileiras, livro que foi recebido com grandes e merecidos elogios pela imprensa do país, e que contém verdadeiros primores. Citaremos, entre outras narrativas esplendidamente escritas: A doida do Rialdo, História do escrínio, Colibri e A cor predileta, deste último conto, disse o distintíssimo escritor paulista dr. Garcia Redondo⁵⁹ (*Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1901*, p. 210).

E recebido calorosamente pela imprensa local:

Acaba, Andradina de Oliveira, de lançar a público o seu primeiro livro, que é filiado a uma escola moderna, pertence a um gênero de literatura grandemente aceito, o que quer dizer que trará a sua gentil autora, flores e lauréis. “Preludiando” é indiscutivelmente um livrou encantador. Parabéns às letras nacionais [sic] (Corymbo, ano XIV, n. 74, 13 de julho de 1897).

⁵⁸ “AU TROCADERO. Papelaria, tipografia, encadernação e pautação. Fábrica de livros em branco. Artigos de fantasia e miudezas. REIS, FORTE & COMP. Rua Marechal Floriano, n. 88. Telefone, 188”. Anúncio veiculado no jornal *Corymbo*, em 1896, jornal que foi impresso pela Trocadero, em 1898, teve que permutar para a vizinha cidade de Pelotas por motivo de incêndio da gráfica (VIEIRA, 1997, p. 73).

⁵⁹ Garcia Redondo, jornalista, crítico e professor da Escola Politécnica de São Paulo, estudou em Coimbra e completou seus estudos no Rio de Janeiro, “conhecido e estimado nas letras brasileiras” (*Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1899*, p. 146).

O escritor e crítico literário paulista Garcia Redondo não poupa elogios pela qualidade do trabalho da escritora e assinala que as páginas “esplendidamente escritas poderiam ser assinadas pelos mestres do gênero, como Catule Mendes e Coelho Neto” (*Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1901*, p. 210).

Sobre o lançamento do livro, escreve a autora Andradina:

Quando em 1897, na hospitaleira cidade de Rio Grande publiquei o meu primeiro livro, (contos), Preludiando, livro sem pretensões, e que foi gentilmente recebido pela crítica, Locadia, a saudosa amiga,⁶⁰ prestou-me inolvidável auxílio, acudindo, espontaneamente, a carregar-se de coloca-lo também na cidade de Bagé, o que prontamente conseguiu graças às simpatias de que gozava [sic] (OLIVEIRA, 1907, p. 58).

E continua,

Quando ainda na mesma querida cidade de Rio Grande, um grupo de distintas senhoras em uma festa artística, tendo por interprete a festejada escritora Revocata de Melo, fez-me entrega de uma linda caneta em ouro, em homenageante estímulo ao meu primeiro trabalho, Leocadia endereçou-me entusiástica missiva que terminava assim: para que eu seja completamente feliz só me falta um ente a meu lado: tu! Por que não vens para Bagé? Aqui todos te estimam! Vem! (Idem, 1907, p. 58 [grifo nosso]).

Inteiramente integrada à sociedade letrada, absorvida pelas artes e “desenvolvendo intensa atividade pública” (NOVAES, 2002, p. 64), a gaúcha Andradina produz literatura e escreve para periódicos da região e do resto do país, tais como *Echo do Sul* (Rio Grande), *Corymbo* (Rio Grande), *Almanaque Estatístico e Literário do Rio Grande do Rio Grande do Sul* (Pelotas), *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (Brasil-Portugal), *A Mensageira* (São Paulo) e *A Violeta*

⁶⁰ Ao biografar Leocadia Grecco no livro *A Mulher rio-grandense – 1ª Série – escritoras mortas* (1907), Andradina se refere à Leocadia como sendo uma das suas melhores amigas.

(Cuiabá)⁶¹ que, por sua vez, noticia que “Madame Andradina é também correspondente da *Folha do Norte*, do Pará e do *Correio do Povo*, de Porto Alegre” (A VIOLETA, apud NADAF, 2014).⁶² Nesses periódicos, a escritora colabora com textos de gêneros variados como crônicas, poemas, biografias, resenhas e pequenos contos, a exemplo de “Sara”, publicado no *Corymbo* no mês de março de 1891; “O beijo e a lágrima”, em julho de 1897, e “História de um escrínio”,⁶³ no mesmo jornal. Ainda, o conto “O Armador”,⁶⁴ publicado na revista *A Mensageira*,⁶⁵ de São Paulo, em agosto de 1898; e textos publicados no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

Integrada à sociedade, Andradina circulava entre a elite intelectual Sul-rio-grandense e tinha, entre os amigos pessoais, um dos mais prestigiados poetas e aplaudido pela crítica e pela imprensa, também colaborador do *Escrínio: Zeferino Brasil*. Sobre a amizade, encontramos um cartão de visitas postal, manuscrito, enviado por Andradina para o “príncipe dos poetas”, como o escritor era conhecido, em 1915.

⁶¹ A *Violeta*, revista-órgão do Grêmio Literário Júlia Lopes de Almeida, que circulou em Cuiabá entre 1916-1959, foi uma ferramenta de expressivo intercâmbio cultural entre as escritoras sul-rio-grandenses, como Andradina de Oliveira, Alzira Freitas Tacques, Stela Brum, Universina Araújo Nunes, entre outras gaúchas que, segundo a historiadora Hilda A. Flores (2009), eram todas acadêmicas ou sócias da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. Para maiores estudos sobre as mulheres gaúchas que publicaram em Mato Grosso, ver: NADAF, 2004.

⁶² O artigo “Discursos Cruzados: letras sul-rio-grandenses na imprensa de Mato Grosso” foi publicado no recente livro *Páginas do passado: ensaios de literatura* (2014); porém, as informações sobre as colaboradoras sul-rio-grandenses na imprensa mato-grossense compõem-se de grande volume, que ultrapassa as informações do artigo publicado. Neste ínterim, a pesquisadora Yasmim Jamil Nadaf gentilmente nos disponibilizou todo o material – dentre os vários artigos, esse que citamos. Além disso, o material enviado contém inúmeras publicações de Andradina e Lola de Oliveira na revista *A Violeta*, material que utilizamos expressivamente nesta tese. Agradecemos imensamente pela valiosa colaboração com o nosso trabalho. Sobre os estudos da revista mato-grossense, ver: NADAF, 1993

⁶³ Conto que publicaria posteriormente no livro *Cruz de Pérolas*, em 1908.

⁶⁴ Conto publicado no livro *Preludiando*, em 1897.

⁶⁵ *A Mensageira*, “Revista literária dedicada à mulher brasileira”, foi uma revista que circulou em São Paulo entre 1897 e 1900, sob direção da poetisa, jornalista e escritora Prisciliana Duarte de Almeida. Sobre a proposta do lançamento da revista, a diretora escreve em “Notas pequenas” que, “[...] Assim pensando, almejamos que, tanto as [mulheres] do Norte, quanto às do Sul venham ligar-se às do centro para que com toda a pujança e brilhantismo seja a nossa revista um atestado vivo da capacidade intelectual das brasileiras” (A MENSAGEIRA, ano I, n. 3, 15 de novembro de 1897, p. 45). Sobre o conto “O Armador”, Andradina dedica à Julia Lopes de Almeida e Adalina Lopes Vieira (A MENSAGEIRA, ano, n. 21, 15 de agosto de 1898).

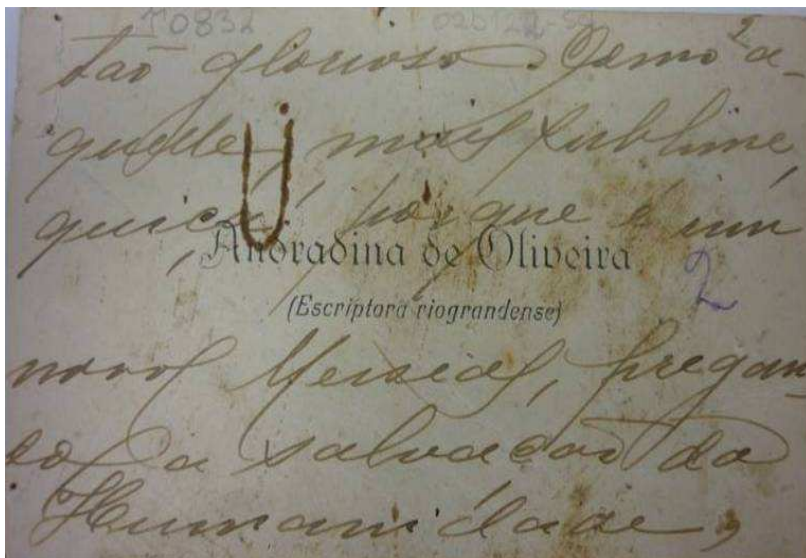


Figura 3: Foto do cartão de visitas, manuscrito
(Acervo da Coleção Julio Petersen-JPE, da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS)

A partir da publicação do primeiro livro, a intelectual inicia um percurso no mundo das letras, mas um trabalho paralelo às artes teatrais. Sua *première* nos palcos gaúchos foi registrada pela imprensa local:

Quarta-feira teve lugar no nosso teatro o espetáculo anunciado em benefício do simpático ator rio-grandense Júlio de Oliveira [grifo nosso], que cedeu generosamente 20%, de sua festa em favor da Biblioteca Rio-Grandense.

Subiu à cena pela primeira vez o bonito drama “A cruz de mármore” que agradou geralmente, e a espirituosa comédia “A costureira” a qual provocou gostosas gargalhadas. [...] No desempenho do drama e comédia encarregaram-se além de Júlio de Oliveira e sua digníssima esposa, os Srs. Arthidor e Figurelli. [...] Andradina de Oliveira esteve realmente inspirada. Podemos dizer que esta foi sua noite mais feliz. [...] Também no intervalo [...] a escritora D. Andradina recitou uma inspiradora poesia, saudando seu esposo como artista [...] sendo esta

cena aplaudida com entusiasmo pela plateia (Corymbo, 1 de agosto de 1897).

Chama-nos atenção, em um primeiro momento, a menção da nota sobre o espetáculo ter sido realizado em “benefício de Júlio de Oliveira”, detalhe que o jornal não fornece, o que será esclarecido posteriormente.

Depois de lançar o livro, Andradina permanece pouco tempo na cidade do Rio Grande, quando teria aceitado o convite da amiga Leocadia Grecco, que a escrevera, como citamos em recorte anterior: “por que não vens para Bagé? Aqui todos te estimam!”. Em dezembro de 1897, temos notícia do casal Oliveira em Bagé, fornecido pelo jornal local *O Comércio*.⁶⁶

O Sr. Júlio de Oliveira e sua esposa D. Andradina de Oliveira realizam hoje no “28 de Setembro” um atraente espetáculo em que irão à cena o drama “Noivado no céu”, comédia “Amor por Annexins” e cena da cruz do drama “Deus e a natureza”. Além disso, recitará [...] D. Andradina, a inspirada poesia – “A liberdade” (*O Comércio*, ano IV, n. 798, 4 de dezembro de 1897, p. 1).

Durante o mês de dezembro, *O Comércio* apresenta-se repleto de notícias sobre os espetáculos promovidos pelo casal. O programa teatral estendia-se entre gêneros da comédia a espetáculo dramático, sendo as peças sempre intercaladas com recital de poesias, lidas por um ou outro.

A 19 de dezembro de 1897, o mesmo jornal publica uma novidade sobre as atividades exercidas pela intelectual na cidade: trata-se do “*Escrínio*. Sob este significativo título deve aparecer, a 1º de janeiro próximo, nesta cidade, um jornal literário, instrutivo e noticioso redigido pela distinta escritora D. Andradina de Oliveira” (*COMÉRCIO*, 19 de dezembro de 1897, p. 2). Aproximam-se os últimos dias do ano e *O Comércio* retifica a data de lançamento do jornal, informando ao leitor que “a proprietária e redatora do *Escrínio*, jornal que deve aparecer nesta cidade no dia 2 de janeiro próximo, previne que para inscrição de assinaturas e anúncios, devem os interessados dirigir-se a sua residência, à Rua Coronel Caetano, entre Três de Fevereiro e General Sampaio” (*COMÉRCIO*, 29 de dezembro de 1897, p. 2).

⁶⁶ Atualizamos ortografia, anteriormente escrita “O Commércio”.

Aos 34 anos de idade, a professora, escritora, atriz e teatróloga torna-se jornalista. Como proprietária e redatora, Andradina de Oliveira lança o semanário *Escrínio* nos primeiros dias do novo ano de 1898, no município de Bagé.⁶⁷

O *Escrínio* “aparece como verdadeiro propagandista da instrução” (ESCRÍNIO, 2 de janeiro de 1898, p. 1).⁶⁸ Trata-se de uma folha voltada às atividades literárias femininas no Sul, dirigida à divulgação de escritoras e dos manuscritos que ora permaneciam guardados pela falta de espaço e incentivo para publicação.

Mas não só de instrução, literatura e recreio limitavam-se as publicações do jornal *Escrínio*, pois a mulher culta e independente que trabalhava para seu próprio sustento, ao que parece, tinha como objetivo polir costumes sociais acerca dos deveres e dos direitos das mulheres. Fazendo ecoar a voz da sua altiva razão, assim pronunciava o jornal: “Deixemos falar os espíritos retrógrados! Deixemos falar os ignorantes que proclamam a decantada trilogia da mulher – filha, esposa e mãe. Dizem eles: a mulher só deve ser isto e para isto, basta-lhe saber lavar e cozinhar” (ESCRÍNIO, 2 de janeiro de 1898).⁶⁹

A nota publicada no *Escrínio*, ainda na edição de lançamento, confirma que Andradina fixa residência em Bagé, “onde começa sua carreira de jornalista, pela publicação do presente hebdomadário” (1898, p. 2), e afirma que:

Acaba de passar pelo desgosto de ver o marido acometido de séria enfermidade que o tem, nestes últimos tempos, privado de trabalhar e de colher os merecidos louros da carreira do palco [...], vendo-o desanimado, [Andradina] refaz-se de coragem [...], publica um livro de sua lavra – Preludiando – e com o produto dele acode todas as despesas naturais em tais casos de enfermidade. F. Martins. (ESCRÍNIO, 2 de janeiro de 1898, p. 2).

⁶⁷ No Museu Dom Diogo de Souza encontramos outro periódico, denominado *Escrínio*. Trata-se de um jornal “Esportivo, Literário e Recreativo” lançado no ano de 1932, tendo como redator “Príncipe silêncio”, e, diretor, Fernando Coutinho; não tem, portanto, nenhuma relação com o periódico de Andradina.

⁶⁸ Ao longo do nosso trabalho citaremos o “ano de publicação”, ora em numeração romana, ora em numeração ordinal em conformidade com as próprias edições apresentadas pelo *Escrínio*, que ora faz de uma maneira, ora de outra.

⁶⁹ Sobre o *Escrínio* e sua representatividade pautada na relação entre as letras e a sociedade, reservamos uma análise mais específica no Capítulo II desta tese.

Este recorte esclarece sobre a nota do *Corymbo*, anteriormente, sobre o marido doente. A jornalista, que não poderia viver somente dos proventos de sua folha e despesas com o marido, retorna às atividades do magistério. Fato anunciado pelo jornal *O Comércio*, que publica, em 5 de janeiro de 1898, um longo programa educacional como parte de propaganda da atividade da professora. Assim, sabemos que ela mantém um “Colégio Misto. A Exma. Sra. D. Andradina de Oliveira pede-nos para prevenir ao público que no dia 10 de janeiro do corrente encetará seus trabalhos escolares o Colégio Misto de sua direção, à Rua Coronel Caetano Gonçalves, próximo a Beneficência Portuguesa”.⁷⁰ O mesmo anúncio é publicado no *Escrínio*, em 30 de janeiro de 1898:

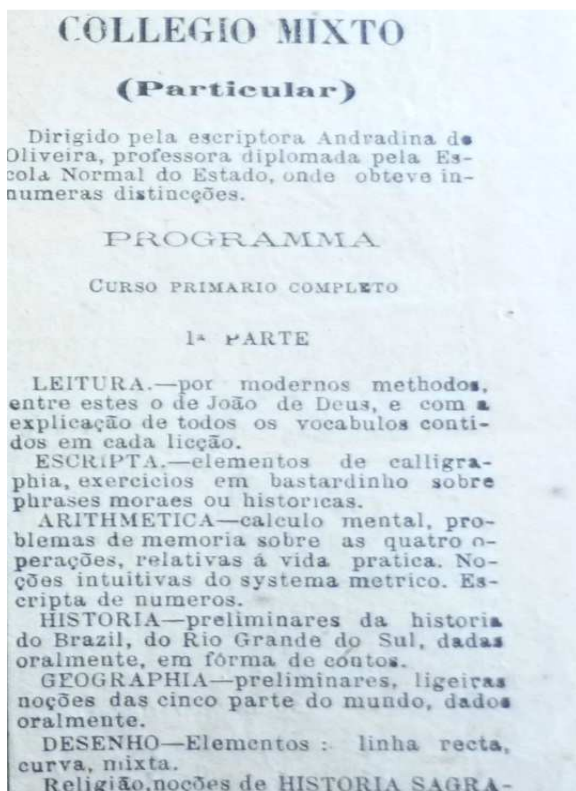


Figura 4: Foto do exemplar do *Escrínio*, ano I, 1898 (Acervo do Museu Dom Diogo de Souza – Bagé)

⁷⁰ A antiga Beneficência Portuguesa de Bagé, hoje, abriga o Museu Dom Diogo de Souza.

A escola que oferece o “Curso primário completo” ao público misto e destaca, no seu programa de formação, estudos que abrangem as áreas de “Literatura”, “Escrita”, “Aritmética”, “História”, “Geografia”, “Desenho” e, guiado pelos princípios cristãos, o ensino de “religião, com noções de História Sagrada”.

Preocupada, talvez, com a proporção “assustadora da terrível enfermidade” (1899) que se alastra pela cidade de Bagé, o tifo, noticiado diariamente pelo jornal *O Comércio*, a jornalista-professora migra para outra cidade do interior do Rio Grande do Sul: Santa Maria. E, demonstrando ser uma mulher determinada, relança, na cidade, o *Escrínio* – em forma de “Revista Literária dedicada à mulher rio-grandense”, com publicação a cada duas vezes por mês.

Em Santa Maria, além de exercer a atividade jornalística, Andradina continua atuando nos palcos. Conforme registra Lothar Hessel (1999), a cidade dispunha do Teatro 13 de Maio, instalado a 27 de janeiro de 1899, que recebeu inúmeros forasteiros coadjuvados por amadores locais, entre eles “Júlio de Oliveira e Andradina de Oliveira que lá fixaram residência no último ano do século. Em 1901 figuraram em espetáculo patrocinado por um Centro Dramático Santa-Mariense” (1999, p. 125).

Motivada, da mesma forma, pelo ideário educacional como elemento de progresso, mais uma vez a professora retoma seu projeto de promover a educação das primeiras letras para as mulheres. Nesse sentido, encontramos, no *Escrínio*, uma propaganda, cujo anúncio trata do “Colégio Andradina (para meninas). Curso primário completo, dirigido pela professora diplomada Andradina de Oliveira [...]. Mensalidade adiantada” (ESCRÍNIO, 15 de março de 1901).

Localizada na região central do Estado do Rio Grande do Sul, a cidade de Santa Maria possuía uma localização geográfica favorável para outro foco do trabalho de Andradina: viagens pelo Rio Grande do Sul. Delas, saíram temáticas que foram objetos de notas e artigos publicados no *Escrínio* durante alguns anos. Cabe lembrar que o relato de viagem foi um gênero bastante apreciado pelo público desde meados do século XIX, pois os leitores encontravam “em geral na trama o perfil biográfico da autora, além da descrição do vivido” (ELEUTÉRIO, 2005, p. 270). Mas, na atualidade, provavelmente “a legitimidade do texto se dá muito mais pelo que é descrito e narrado do que pela autoria” (RAMOS, 2004, p. 944). Dessa forma, a leitura do fragmento abaixo se converte em documento histórico, quando descreve fartamente a geografia, os habitantes e hábitos culturais do lugar no início do século XIX:

Impressões de Viagem – Cruz Alta

O desenvolvimento da hospitaleira Rainha das Missões é notável. Há para mais de cinquenta jovens que se dedicam ao cultivo das letras e é rara a senhorita ou senhora que não saiba admiravelmente música ou não toque perfeitamente piano. [...] Pela minha volta inesperada devido a moléstia em pessoa da família deixei de ouvir e apreciar a muitas das pianistas cruzaltenses. [...]

As lindas paisagens, os mimosos arredores, os edifícios públicos, as ruas extensas, as belas senhoritas, enfim, tudo encanta a risonha cidade de Cruz Alta. [...]

Há algumas excelentes sociedades dramáticas que trabalham no bonito teatro que tem o nome do nosso maior maestro Carlos Gomes. Esta casa recreativa foi construída por uma associação anônima, que teve como figura promotora o s.r. Manoel Alves da Silva. [...] (ESCRÍNIO, 15 de março de 1901, p. 1-4.)

Quanto à imprensa local e as associações culturais, segue o relato:

A imprensa cruz-altense é bastante adiantada. O primeiro jornal, fundado em 1870, denominara-se Cruzaltense. Seguiram-se muitos a partir daquela época: O Missioneiro, O Santelmo, Lira Poética, [...] Monitor Serrano, O Adolescente, A mutuca, [...] O lírio, O Mosquito, O Clarim, [...] Ensaio Literário, Yolita, A Tulipa [...].

Já há bastantes associações naquela generosa cidade. A mais concorrida é o Clube do Comercial, onde se reúnem as famílias na mais agradável camaradagem, esquecendo as rivalidades políticas, que hoje, infelizmente, afastam os seus chefes.

O afamado Grêmio Histórico Literário fez junção com o novel Clube Comercial, pondo à disposição deste à sua escolhida biblioteca, a qual trouxe-lhe

um grande e salutar impulso. (ESCRÍNIO, 15 de março de 1901, p. 1-4.)

Em relação à instrução pública, lemos:

A instrução pública cruz-altense é a das melhores aqui, no nosso querido Estado. Dos professores públicos salienta-se pelo seu brilhante talento [...] e estimado professor, Sr. Luiz Dourado, meu colega de estudos, que deixou um rastro luminoso na saudosa Escola Normal.

O ensino secundário esteve a cargo do inteligentíssimo professor normalista, Sr. Antero de Almeida, que naquela cidade teve um estabelecimento de instrução secundária, denominado “Colégio Cruz Alta”. [...]

Trabalharam no citado estabelecimento além do seu diretor, a sua distinta esposa, D. Ana Eufrosina Borba de Almeida, normalista, e D. Alice Rolim, jovem cachoeirense.

Santa Maria, 15-03-1901

Andradina de Oliveira

(ESCRÍNIO, 15 de março de 1901, p. 1-4.)

A leitura do recorte anterior merece algumas observações: ao mesmo tempo em que Andradina faz uma minuciosa narrativa sobre a cidade de Cruz Alta, dedica-se, também, a observar os vários e pequenos vilarejos por onde passou em suas viagens. Concomitantemente com o propósito de visitar algumas instituições, escolas, gabinetes de leituras, clubes e redações de jornais a fim de fazer propaganda de suas obras e arrecadar assinaturas para o jornal, deparamo-nos muito posteriormente com um trabalho que resultaria na conclusão de todo o levantamento de dados sobre o estado que resultaria em livro, que intitularia *Estado do Rio Grande do Sul*.

Inquieta sempre, a jornalista permanece na cidade de Santa Maria apenas alguns meses, quando então observamos outra mudança: transfere-se para Porto Alegre, capital gaúcha, em meados daquele mesmo ano, 1901. Mais uma vez relança o *Escrínio*, que reaparece, em 12 de junho, e volta a ter o título “Jornal dedicado à mulher rio-grandense”, com publicações semanais.

A capital do estado proporcionava ao casal um espaço cultural mais amplo e, por essa via, além da jornada de atriz, dramaturga e jornalista, Andradina expandia seu trabalho em favor das artes cênicas.

Há notícias no jornal local, *O Independente*, de que Andradina vinha desenvolvendo incessante atividade junto ao teatro. Lemos na Seção “Pelos palcos”:

Realiza-se amanhã, no Teatro São Pedro, o festival artístico organizado pela nossa inteligente patrícia Exma. Sra. Andradina de Oliveira. Consta-nos que para esta festa teatral, há grande animação, sendo bastante lisonjeira a passagem da casa. [...] Feliz êxito, desejamos a promotora da festa (O INDEPENDENTE, 5[?],⁷¹ 24 de novembro de 1901).

Neste tempo ficamos sabendo não só sobre a existência da filha Lola, “uma gentil filhinha de cinco anos de idade, verdadeiro ídolo dos seus extremos pais” (*Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1901*, p. 211),⁷² como, ainda, do mesmo modo, que a pequena teria herdado o gosto pela arte dramática. Lola de Oliveira, no papel de protagonista, estreou a peça *A Boneca de Lucia* no festival cultural promovido pela mãe. Notícia veiculada no jornal *O Independente* que informa o programa do Festival Artístico:

Realizou-se, nesta segunda-feira, no Teatro São Pedro, o Festival Artístico promovido pela nossa inteligente patrícia Exma. Sra. D. Andradina de Oliveira, redatora e proprietária do Escrínio [...] o programa que fora organizado com esmero e gosto, foi executado com toda a proficiência. A segunda parte – *A Boneca de Lucia*, monólogo pela gentil menina Lola de Oliveira, foi bem interpretada. A terceira parte ficou a cargo de um concerto vocal e instrumental. A quarta parte do festival era literária e “nada deixou a desejar”. A quinta parte, outro concerto musical e vocal acompanhado de violino e piano. E completa a

⁷¹ Utilizamos este sinal para identificar a ilegibilidade do número.

⁷² Embora esta informação nos pareça clara sobre a paternidade de Lola, na biografia que ela escreve da mãe, em 1958, a este respeito, lemos: “[Andradina] foi casada com o tenente Augusto Martiniano de Oliveira, e mãe amantíssima de dois filhos: Adalberon, que faleceu em plena adolescência e Lola, a autora deste livro” (p. 99). A autora não menciona o nome do pai como sendo do ator Júlio de Oliveira, deixando parecer que ela seria filha do primeiro marido da mãe. Ao que parece, Lola queria salvaguardar a memória da “mãe idolatrada” das tão severas convenções sociais, pois sozinha e liberal Andradina teria, para a sociedade, o adjetivo de prostituta.

notícia “foi uma bela noitada e que bem gratas recordações deixou no resumido, mas escolhido auditório” (O INDEPENDENTE, 1º de dezembro de 1901).

Andradina desenvolveu suas atividades teatrais fora do principal centro cultural do país, Rio de Janeiro, porém isso não resultou em grande obstáculo para êxito e reconhecimento do seu trabalho, pelo menos no sul do país; fato que constatamos pela quantidade de informações prestadas somente no jornal *O Independente*, que divulgava, quase que diariamente, ao longo do segundo semestre de 1901, notícias sobre o trabalho dela como atriz e promotora de cultura no principal teatro da capital, o Teatro São Pedro.⁷³

Diferentemente de um trabalho voltado, em parte, para a defesa da mulher no exercício jornalístico e literário, o que pontuaremos no próximo sub-tema, a obra teatral de Andradina perpassou por uma variedade de gêneros, mas, ao que sabemos, sem esta preocupação. Da comédia ao drama, entre os anos de 1891 a 1904 ela leva aos palcos as seguintes obras: *O sacrifício de Laura* (drama) que, embora escrito na infância, foi retomado em 1891; *Você me conhece?* (comédia),⁷⁴ em 1899; *Antônio Conselheiro* (drama histórico),⁷⁵ *Viúva e virgem* (drama)⁷⁶ e *Berço vazio* (drama), estas duas últimas produzidas no ano de 1902, e publicadas na revista *A Crise* (OLIVEIRA, 1958), além das inúmeras peças publicadas nos recortes dos jornais supracitados. Pelo seu trabalho no teatro, a intelectual é reconhecida como dramaturga por um número de pesquisadores e historiadores.⁷⁷

⁷³O Teatro São Pedro foi inaugurado em 27 de junho de 1858. Tornando-se um polo artístico e social do país, durante mais de cento e cinquenta anos de existência, este teatro recebeu e recebe, em seus camarotes, galerias e palco, personalidades artísticas e políticas importantes do país e fora dele. O TSP conta, ainda, na atualidade, com uma programação artística e cultural extensa. Ver história e programação disponível em <http://www.teatrosapetro.com.br/tsp/historia>.

⁷⁴ Segundo Andradina, a comédia foi “representada com sucesso na cidade de Rio Grande, em 1899” (OLIVEIRA, 1908, p. 90).

⁷⁵ “Drama histórico apresentado em nove quadros, ornado de música escrita pelo notável maestro brasileiro Assis Pacheco e representado com ruidoso sucesso, três vezes, em Porto Alegre, em 1902” (OLIVEIRA, 1908, p. 90).

⁷⁶ Drama em três atos. (OLIVEIRA, 1908, p. 90)

⁷⁷ Américo Lopes Vieira (1911); Guilhermino Cesar (1956); Ari Martins (1978); Raimundo Menezes (1978); Lothar Hessel (1999); Valéria Andrade Souto-Maior (1996); Schuma Schumaker (2000); Afrânio Coutinho e J. Galante de Souza (2001) e Nelly Novaes Coelho (2001).

Tempos depois do êxito como autora de *Preludiando* (1897), a escritora lança *Pensamentos* (para cartões postais),⁷⁸ no ano de 1904.

No que se refere à literatura cênica e à dramaturgia no Rio Grande do Sul, aponta o pesquisador Ezio da Rocha Bittencourt, no livro *Da rua ao teatro: os prazeres de uma cidade*,⁷⁹ de 2007, que:

Durante o século XIX muitos foram os amantes da literatura seduzidos pela dramaturgia. Todavia, raros foram os dramas e as comédias impressos, o que gerou por anos uma ideia injusta de que as letras cênicas pouco se desenvolveram no Rio Grande do Sul. Se muitas dessas peças se perderam no tempo, os periódicos da época e os prospectos dos teatros revelam inúmeros títulos e autores.

Por iniciativa do rio-grandino Apolinário Porto Alegre, funda-se, em 1868, na capital da Província, o Parthenon Literário [...]. A sociedade promovia saraus literários e espetáculos teatrais, incentivando, entre seus associados, o cultivo das letras cênicas e estimulando o teatro amador. Sua ação rapidamente irradiou-se pelas principais cidades do Rio Grande do Sul, estimulando o aparecimento de sociedades dramáticas, autores e atores regionais (2007, p. 137-138).

Segundo, ainda, o autor, inúmeros são os destaques dados às casas de espetáculos rio-grandenses pelos jornais da época. Os espetáculos realizavam-se perante avultada concorrência do elevado

⁷⁸ Gênero muito em voga na época, assim como as narrativas de viagem.

⁷⁹ Embora seja a mais completa obra que encontramos sobre o teatro e a vida cultural na cidade do Rio Grande, não constatamos, nesse trabalho, nenhum vestígio sobre o teatro realizado por Andradina. Ao mesmo, na Biblioteca Rio-Grandense há um vasto material sobre os teatros locais. Entre o material, analisamos o seguinte: teatro Sete de Setembro, entre 1832 a 1884; Anfiteatro Albano Pereira ou Politeama, entre 1876 a 1940, sendo que, neste, encontramos referências sobre a Companhia Dramática de Furtado Coelho, onde vimos agregado, em outro momento da tese, o nome de Júlio de Oliveira; Sociedade União Operária, entre 1906 a 1940; Cine Teatro Carlos Gomes, entre 1936 a 1941; Cine Avenida, entre 1929 e 1940. Pesquisamos, também, outros materiais, como o da Liga Monárquica, Clube Recreativo Operário, Cine Teatro Ideal e Rancho Carnavalesco, entre 1918 a 1939; e “Espaços teatrais desconhecidos”, assim descritos, entre 1877 e 1939. Havia, também, material sobre atividades em alguns teatros pelotenses como Teatro Sete de Setembro, em que realizamos pesquisas entre 1845 até 1937; e alguns teatros porto-alegrenses em “Palco, salão e picadeiros no século XIX”; no “teatro declamado no século XIX”, entre 1899 e 1939. Mas, infelizmente, em todo o conjunto de material pesquisado não encontramos o nome da atriz e dramaturga Andradina de Oliveira.

número de dramaturgos que nasciam em Rio Grande ou que na cidade residiam. Seus textos eram “encenados pelas companhias artísticas visitantes e, por vezes, incorporados aos repertórios de suas *tournées*” (2007, p. 142). Nesta perspectiva, os espaços teatrais constituíram-se em lugar privilegiado para o texto cênico, “todavia, raros foram impressos” (Idem, p. 142) ou publicados. Provavelmente entre alguns dos trabalhos que se perderam no tempo estão os da dramaturga Andradina de Oliveira.

Dentre todas as artes, Andradina foi inexecedível na arte de ser mãe. O filho mais velho, Adalberon, segue o seu próprio caminho e abraça a mesma carreira do pai militar,

onde esperava conquistar a posição que fosse de nós duas, eu e a irmã, o forte esteio [...] ficávamos a rezar pela felicidade dele e a trabalhar... a trabalhar para ajuda-lo a realizar o santo ideal... Era como se ele tivesse duas mães para amá-lo... para velar-lhe a saúde... e pensar no seu futuro... E vivíamos ambas embaladas num sonho dulcíssimo! O pobrezinho também sonhava... sonhos de uma felicidade tranquila num futuro tranquilo... o futuro mentiu-nos... mentiu-nos... (OLIVEIRA, 1908, p. 86).

Sim, “mas o futuro mentiu-nos”, diz a autora, pois enquanto a mãe estruturava sua vida profissional, a vida reservava-lhe mais uma injustificável perda: o filho volta para casa gravemente doente e as “duas mães”, Andradina e Lola, permanecem em longas noites de vigília:

Ele... o nosso amor... ele... o nosso enlevo... ele... a nossa esperança... ele a nossa alegria... ele... o sol do nosso viver... [...]. E tinha sempre, quase sempre, o sorriso franco e bom nos lábios [...]. E passava os dias, resignado e meigo, entregue à música e a leitura... Mas aquela doença maldita, sinistra e trágica a destruir-lhe impiedosa, os caros laços da vida [...]. E eu insensata! A temer que ele se percebesse do termo fatal e no maior dos suplícios a sufocar a explosão da dor!... A pensar que diminuía a agonia dele (Idem, p. 87).

O jovem falece em 21 de agosto de 1906,⁸⁰ aos 20 anos de idade, com tuberculose. A mãe reporta os últimos momentos ao lado do leito do filho, na crônica “A última noite de outono”. Lemos:

A orquestração da tempestade é cada vez mais lúgubre, assombrosamente lúgubre...
E neste silêncio hórrido e cruciante... e nessa noite de vigília atroz... vigília que vem vindo a quase três centenas de noites... noites de uma lonjura despedaçadora, onde o meu coração de mãe vai se desfazendo em lágrimas... como em sangue vão se desmanchando os pulmões dele... do filho infinitamente amado... nesse silêncio medonhamente dolorido... e nessa vigília medonhamente trágica ...(Op. cit., p. 67).

Após a morte, a mãe fecha-se em luto – nesse “silêncio medonhamente dolorido” – para suas atividades no teatro e no jornalismo por um período de três anos; porém, tendo ela a profissão de escritora como ofício e necessidade de manter o sustento da família, lança, no ano de 1907, *A mulher rio-grandense – I série: escritoras mortas*, pela Livraria Americana. Livro que contém relevante expressão para a literatura feminina.⁸¹ Na ocasião, Andradina oferece a obra à Lola, e, no prefácio que escreve, ficamos sabendo que:

À minha filha Lola

A ti, minha adorada Lola, minha doce amiga, companheira inseparável do meu atroz infortúnio, dedico este trabalho singelo feito, quase todo, junto ao leito do teu amado irmão, o nosso querido Adalberon, naquelas horas abençoadas em que o pobrezinho repousava [...]. Esta obra foi ainda por ele estimulada; por ele que tanto sabia admirar e venerar a Mulher! (1907).

Nesse mesmo período, emerge, sob o ângulo afetivo da mãe, o da mulher escritora e lança mais dois livros na capital da província:

⁸⁰Certidão de óbito (que não traz a data de nascimento, só a idade que tinha quando faleceu): Arquivo da Cúria metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, L. 17 de Óbitos da Paróquia de Rio Pardo, p. 73 e 74. Foto, cópia do documento no ANEXO IX da tese.

⁸¹Assunto que deixamos para o próximo subtema.

Contos de Natal: às crianças rio-grandenses – “que lhes guardem no relicário da recordação o nome humilde da escritora magoada, que a morte do mais amado dos filhos prateia” e *Cruz de pérolas*, livro que dedica à “santa memória de Adalberon,⁸² o mais carinhoso e adorado dos filhos”.

O retorno ao trabalho no jornalismo é representado pelo relançamento do *Escrínio*, em 16 de setembro de 1909, transformado em “Revista Ilustrada”. No cabeçalho, além do nome da diretora Andradina, é acrescentado o nome da secretária, Lola de Oliveira.

Mesmo com residência fixa na cidade de Porto Alegre, Andradina continua em excursões pelo interior do Estado, com o claro propósito de recolher informações para o livro *O Rio Grande do Sul*, conforme informa na seção “Viajando” do *Escrínio*, como lemos:

Viajando

VI - em Santa Cruz

Ao tomarmos o trem na margem do Taquari, não contávamos ficar tantos dias nesta cidade encantadora de Santa Cruz. [...] Acarretando a necessidade de tudo ver e estudar, as chuvas impertinentes [...] o grande e fatigante trabalho de recolher dados e informações para o nosso livro – O Rio Grande do Sul – [...] aqui nos retiveram mais tempo do que devíamos ficar. [...] Tivemos ensejo, nesta permanência, de conhecer sobejamente, o desenvolvimento extraordinário deste povo modesto. [...] visitamos todos os seus edifícios públicos, as igrejas, as fábricas, os colégios, o comércio e muitos dos lares poéticos e cuidados das carinhosas famílias quer brasileiras, quer teuto-brasileiras⁸³ [...]. O Povo de Santa Cruz veio ao nosso encontro, na cativante espontaneidade de todos os dados que desejássemos. Antes de publicarmos O Rio Grande do Sul, ainda pelas colunas do *Escrínio*,

⁸²Anos mais tarde, a irmã, Lola, crescida e escritora, também lança um livro dedicado “à santa memória do meu irmão”. Trata-se do livro *Ametistas* (versos), com seis edições, que tem um soneto com o nome do irmão Adalberon. Lançado em Ribeirão Preto, Tipografia Guimaraes, 1922, 1923, 1924; Tipografia Paulista, 1924; 1925. (FLORES, 2009, p. 726)

⁸³São considerados teuto-brasileiros os imigrantes alemães que, nascidos nos países germânicos, são radicados permanente ou temporariamente no Brasil.

teremos ocasião de algo dizer sobre os nossos bondosos auxiliares e sobre as impressões gratíssimas recebidas nesta terra progressiva e culta.

Andradina, Santa Cruz, 26 de fevereiro de 1910 (ESCRÍNIO, março, de 1910, p. 122).

A excursão pelo interior do Rio Grande do Sul continua a acontecer durante todo o ano de 1910. Sob os títulos: *Registrando, Através do Rio Grande, Indústria e Comércio* e *Viajando*, encontramos, em várias edições da revista, narrativas que são verdadeiras anotações sobre o registro dos fatos das viagens. Exemplificamos com a seguinte nota:

15 de fevereiro:

A bordo do expresso Taquari que ia repleto de passageiros [...] o céu que desde cedo mostrava cáustico, anunciava um dia luminoso e tórrido [...]. No dia 16, manhã fresquinha, saímos em propaganda do Escrínio e a faina de colher dados e informações para O Rio Grande do Sul, livro que estamos escrevendo com intuito de publicar até fins do ano corrente. (ESCRÍNIO, 26 de fevereiro de 1910, p. 97-99).

Adiante, da cidade de Cachoeira, elas partem para

Santa Maria

Apesar de implicar com a terrível poeira das ruas, revolucionadas com o calçamento que vai embelezá-las, devo aqui assinar, por muita gratidão, que a risonha Cachoeira foi um ponto excelente para minha saúde já longe alterada (ESCRÍNIO, 2 de abril de 1910, p. 157-158).

Ao que parece, essas viagens foram feitas apenas pela mãe e pela filha, o que nos leva a observar que há a existência de um hiato que não deixou pistas sobre o paradeiro de Júlio de Oliveira na vida das duas mulheres. Sabemos que o ator, que tinha saúde frágil, despedira-se da carreira de atriz, mas não dos palcos. A última notícia sobre ele é uma

nota no jornal rio-grandino *Echo do Sul*, em julho de 1910, quando a coluna “Teatro e Artistas” menciona que:

Está em vias de organização em Porto Alegre a Escola Dramática Rio Grandense, cujo fim é propagar e literatura dramática nacional [...]. A comissão vai convidar para diretor da cena e ensaiador o ex-ator rio-grandense Júlio de Oliveira. [...] A inauguração pública da Escola Dramática realizar-se-á na noite de 20 de setembro com uma sessão festiva na presença das principais autoridades e associações coirmãs (ECHO DO SUL, 12 de julho de 1910, p. 2).

Depois desta notícia, nada mais foi mencionado sobre Júlio de Oliveira. Teria morrido?⁸⁴ Houve separação entre o casal? Nada sabemos, igualmente, a propósito do trabalho dele no teatro.

25 de junho de 1910 é a última data de publicação do jornal *Escrínio* que encontramos em nossas pesquisas, assunto minuciosamente retomado no Capítulo 2 desta tese. Ao que parece, a jornalista abre mão dessa atividade e retorna para o interior do Rio Grande do Sul definitivamente, onde se dedica a pesquisas, conferências, divulgação e venda dos seus livros. Em novembro de 1910, o *Echo do Sul* noticia que,

D. Andradina de Oliveira

Em viagem pelo Estado está na cidade colecionando dados para a sua obra de inestimável valor para o Rio Grande do Sul, a inteligente escritora rio-grandense D. Andradina de Oliveira. Em todas as localidades que percorreu D. Andradina tem sido acolhida com todo o carinho, dando a ela mostras de vivíssima gratidão pelo interesse que tem consagrado à sua nova produção que será mais uma faceta brilhante do seu talento, que brilhará mais fulgurantemente nas letras gaúchas. [...]. A talentosa escritora deu-nos prazer de sua amável visita, fazendo-se acompanhar de sua

⁸⁴Buscas infrutíferas foram feitas no de Registro histórico on-line. Disponível em: <<http://www.familysearch.org/>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

Ao examinarmos o anúncio acima, encontramos uma mulher culta que desafia qualquer pesquisador do seu tempo, haja vista a quantidade de informações e o conhecimento do Estado. No recorte, salienta-se de um conjunto de elementos da cultura local que torna plausível a vasta bagagem cultural da escritora, presentificado em uma compilação de dados que

compreende o volumoso livro a geografia e a história do Estado, desenvolvimento agrícola, fabril e pastoril, vasto estudo sobre o comércio e a indústria [...] artes e letras, flora e fauna, viação e transporte, usos e costumes do povo, movimentos de importação e exportação, aspectos pitorescos, belezas naturais e melhoramentos (ESCRINIO, 5 de fevereiro, de 1910)

Entretanto, se a intenção de Andradina fosse publicar a obra ao final do ano de 1910, conforme informa o recorte do jornal, ao que parece, isso não aconteceu. Sendo assim, em 1912, ao lançar o *Divórcio?*, encontramos, na lista das obras “inéditas”, como costumava fazer ao final da publicação, a referência ao livro *O Rio Grande do Sul*. A obra em questão não foi localizada, mas foi publicada em excertos no *Escrínio* e, quem sabe, publicada, também, em algum almanaque. Quanto ao *Divórcio?*, a avançada condição intelectual da escritora encarrega-se de examinar as doutrinas moralistas que são, segundo a autora, responsáveis pela infelicidade dos cônjuges em casamentos arranjados. Engajada na luta pela separação oficial, ela levantaria definitivamente a bandeira do feminismo.⁸⁵

A partir do ano de 1913, deparamo-nos, por meio das notícias vindas dos jornais, com uma odisseia das duas integrantes da família Oliveira, particularmente no que se refere à inserção dessas duas mulheres como partícipes da história intelectual brasileira. Sobre a parceria, a pesquisadora Hilda Agnes Hubner Flores (2009) relata que “ambas escreveram livros e viajaram juntas em uma turnê cultural, pelo país e pelo estrangeiro – Andradina fazendo conferências e divulgando sua obra, enquanto a filha, a gestar seu livro de estreia, dedicava-se ao ensino de desenho e pintura, atividades tipicamente femininas” (p. 706).

⁸⁵Obra e assunto que retomaremos no próximo subtema.

Em outubro daquele ano, 1913, encontramos a feminista hospedada no Hotel Brasil,⁸⁶ em Pelotas, e é desta cidade que sai a carta com destino a São Paulo ao encontro da portuguesa, feminista republicana, Ana de Casto Osório, que se encontrava no Brasil, conforme mencionamos em outro momento. Tratando-se de um gênero comum à geração dessas mulheres, a carta era um meio e um vínculo concreto entre escritoras que manejavam ideias feministas difundidas nos vários cantos do mundo. Uma dessas ideias está sacramentada nas palavras escritas de Andradina de Oliveira, como exemplificamos na primeira das doze laudas da carta:

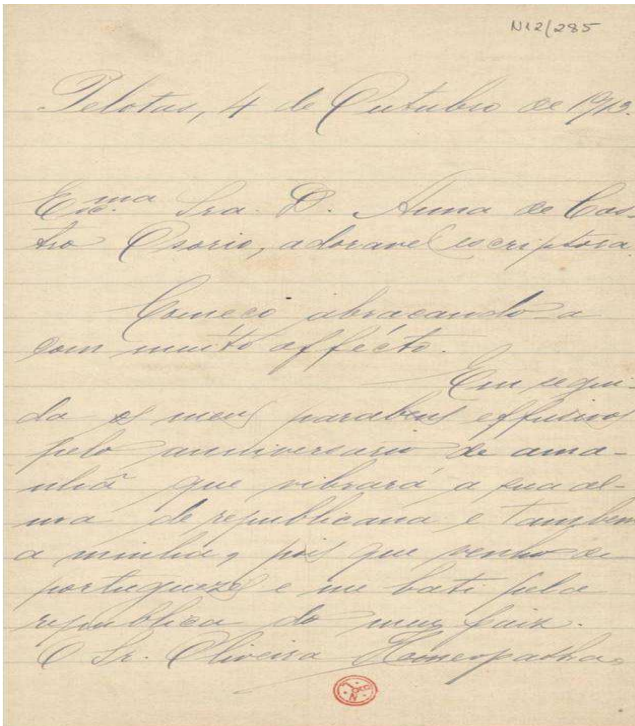


Figura 6: Foto da primeira lauda da carta
(Espólio12: Coleção Castro Osório. Família – Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal)

⁸⁶“Hotel Brasil, o mais central da cidade – só para famílias –, banho a qualquer hora e cavalos à disposição dos Srs. hóspedes. Del Grande & Irmão, Praça da República, junto ao teatro de Pelotas” (*Almanaque Popular Brasileiro, para o ano de 1903*, p. VI).

Na missiva, foi possível saber que, em abril daquele ano de 1913, Andradina e Lola estiveram em visita ao Uruguai, onde a mãe realizou duas conferências, conforme lemos nos dois curtos parágrafos:

Em abril assisti, na cidade de Melo, ao centenário de Artigas, festas importantíssimas. [...]. Em nome da intelectualidade brasileira fiz-lhe uma entusiástica saudação que causou verdadeiro delírio no patriótico e cultíssimo povo uruguaio, tendo sido aplaudida por mais de 30 mil pessoas, coberta de rosas abraçada indistintamente. [...] Naquela cidade realizei duas conferências com [?]87 extraordinária, sendo preciso as autoridades impedirem a entrada pois não havia mais espaço senão o do pequeno estrado de onde iria falar (1913).

Embora Andradina mencione, na carta, que, “em começo do ano próximo [1914], pretendo estar no Rio de Janeiro, onde vou fixar residência e fundar um grande jornal feminista”, parece-nos que a viagem foi adiada, pois, em agosto de 1914, Andradina e Lola estão a trabalhar em Pelotas: Lola, assumindo a carreira artística, dedica-se à pintura e a vender quadros; e Andradina a realizar conferências remuneradas e organizar eventos culturais, conforme notícia o *Corymbo* naquele mês:

Andradina e Lola de Oliveira.

Mais uma festa literária realizou em Pelotas a conhecida escritora gaúcha Andradina de Oliveira. O tema escolhido para sua interessante conferência foi “O Mar”, assunto vivamente sugestivo.

Nessa mesma noite, Lola de Oliveira, filha da conferencista, uma gentil cultora da Arte, fez atraente exposição de trabalhos de pintura, apresentando telas encantadoras. Foram a adquiridos alguns destes quadros. Parabéns (CORYMBO, apud FLORES, 2009, p. 71).

⁸⁷Por motivo de a carta ser escrita a punho, algumas palavras e/ou letras não são legíveis ou de claro entendimento.

Ainda na mesma carta, Andradina menciona que:

Presentemente, estou em excursão pelo meu Estado, recolhendo dados para um livro futuro. Em dois anos tenho percorrido a minha opulentíssima terra. Breve, isto é, até dezembro, pretendo estar na Argentina e República Oriental, de que percorrerei as principais cidades com o fim de guardar em outro livro, as minhas impressões e a venda das minhas obras, custeio as minhas viagens. Acompanha-me a minha única e gentil filhinha, Lola, um anjo de bondade e uma menina inteligentíssima.

De acordo com o que Andradina escreve que “em breve, isto é, até dezembro pretendo estar na Argentina e República Oriental”, de fato a excursão se concretiza. A partir de Porto Alegre, as duas desceram de navio até a cidade de Rio Grande, fato registrado pelo jornal *Corymbo*, como informa a pesquisadora Hilda A. Hubner Flores (2007) e, depois, “seguiram por navegação costeira, permanecendo em Montevidéu e Buenos Aires entre os anos de 1915 e 1917” (2007, p. 17); viagens que foram destaque em notas nos jornais brasileiros e que registraremos posteriormente.

Em julho de 1917, o rio-grandino *Corymbo* publica notícias das gaúchas em Corumbá, Mato Grosso do Sul:

Esta nossa ilustrada patrcia conhecidíssima escritora rio-grandense, acaba de escrever-nos de Corumbá, longa e afetuosa missiva, acompanhada de uma expressiva fotografia⁸⁸ e de belos postais com vistas dessa natureza esplêndida que há percorrido em sua viagem pelo Paraguai, norte de Argentina, Alto do Paraná, etc.

A nossa infatigável e distinta colega está gratamente impressionada por acolhimento que tem recebido desse povo cheio de cultura e progresso, por onde tem demorado [...] bem como a sua gentil filha Lola de Oliveira, que tem exposto algumas das suas telas, cópias do natural sendo muito festejada.

⁸⁸ A fotografia citada na nota, infelizmente não foi publicada pelo jornal.

Andradina de Oliveira ainda se demora em Corumbá, pretende seguir depois para São Paulo, promete ao Corymbo alguns trabalhos sobre sua viagem (CORYMBO, 30 de julho de 1917, p. 3).

Embora o jornal anuncie que “Andradina se demora em Corumbá, pretende seguir depois para São Paulo”, deparamo-nos com mais mudança no roteiro. Em dezembro daquele ano, mãe e filha vão até o Estado de Mato Grosso onde, passando por São Luís de Cáceres – hoje, Cáceres –, estabelecem-se na capital Cuiabá. O percurso é anunciado em 15 de dezembro na revista feminina mato-grossense *A Violeta*, que toma a incumbência de apresentar a conferencista ao público cuiabano:

Cuiabá terá a ventura de hospedar a ilustre escritora e conferencista Mme. Andradina de Oliveira (e a filha) que há algum tempo vêm fazendo uma tournée literária por diversos estados do Brasil.

Depois de uma estadia em Corumbá onde a imprensa teceu-lhes lisonjeiros elogios, esteve em São Luís de Cáceres e agora teve a súbita gentileza de nos comunicar que visitará Cuiabá proximoamente tenho seguido pelo Nioac.⁸⁹

A Violeta apresenta-a ao nosso público, certa de que a ilustre escritora muito o satisfará (A VIOLETA, apud FLORES, 2009, p. 716).

Na capital, Andradina recebe atenção esmerada da redação de *A Violeta*, que faz referências à “escritora notável” e “possuidora de um talento invejável é também dotada de um nobre coração”, ao mesmo tempo, promovendo uma relação sublime entre trabalho e moralidade, conforme lemos no recorte:

MADAME ANDRADINA⁹⁰ DE ANDRADA E OLIVEIRA

⁸⁹Fica a dúvida: “Nioac” é o nome do navio que as conduzirá, uma cidade ou um rio?

⁹⁰*Madame, Mademoiselle* eram pronomes de tratamento notórios de distinção dados para personalidades que se destacavam no meio social e artístico, “dentro do francesismo cultural generalizado no país desde o século XIX” (FLORES, 2009, p. 716), nota de rodapé.

Cuiabá hospeda desde alguns dias a distinta escritora rio-grandense madame Andradina de Andrada e Oliveira, e sua filha mademoiselle Lola de Andrada e Oliveira.

Madame Andradina, além de escritora notável é também romancista e ultimamente tem feito inúmeras conferências, e muitas delas no seio do nosso Estado.

Possuidora de um talento invejável é também dotada de um nobre coração. Revelou-se extremamente bondosa, em Corumbá, fazendo dádiva da metade do resultado de suas conferências ao Hospital de Caridade.

Dentre as suas inúmeras obras salienta-se o livro de contos Cruz de pérolas, que foi premiado com medalha de ouro na Exposição Nacional de 1908.

[...] Cuiabá orgulha-se de tê-la em seu seio, augura-lhe uma longa permanência no nosso meio e esta revista, humilde admiradora de madame Andradina envia-lhe um ramalhete de frescas violetas (A VIOLETA, 30 dezembro 1917, p. 12).

E, de fato, como aponta a nota, elas tiveram longa permanência em Cuiabá. Entre 1917 e 1919, integram-se à vida sociocultural da cidade que as acolheu com respeito e admiração pelos hábitos artísticos que tinham. Deles, veio, também, o fruto da sobrevivência. Andradina, que movimentava a sociedade literária, contribuía assiduamente na revista *A Violeta* com poemas, contos e artigos,⁹¹ como “O São Nicolau” (25 dezembro de 1917) e “Gina” (22 de fevereiro de 1918), ambos extraídos do livro *Contos de Natal* (1908); as crônicas “A dor” (8 de fevereiro de 1918) e “O Juramento” (23 de março de 1918), do *Cruz de pérolas* (1908); os sonetos “Que é ser feliz?” (24 de janeiro de 1918) e “Coragem!” (30 de abril de 1918). E, ao mesmo tempo, divulgava e comercializava seus livros, além de proferir várias palestras remuneradas no Cine Parisiense, conforme aponta a revista. *A Violeta* dava-lhe total respaldo e divulgava os programas e alguns sumários das conferências – “pois já é bem certo que Madame Andradina tem conquistado simpatia e admiração não só pelo trato fino como pela

⁹¹ Todo o trabalho de mapeamento conferido às publicações de Andradina e Lola de Oliveira na revista mato-grossense *A Violeta* – tal como os poemas publicados nesta tese oriundos da revista – deve-se ao minucioso estudo da pesquisadora Yasmim Nadaf, que também inventaria a temática das poesias publicadas por Lola, repassadas cordialmente para somar às nossas pesquisas.

ilustração do seu espírito” (A VIOLETA, 2 de março de 1918, p. 11) – com destaque para os títulos: “O Mar” (Ibidem, p. 11), possivelmente a mesma proferida no evento cultural em 1914, em Pelotas; “A mulher não é inferior ao homem” (A VIOLETA, 15 de junho de 1918, p. 9-10); e “Pátria e Bilac” (A VIOLETA, 24 de setembro de 1919, p. 9-10).⁹² No que se refere à conferência proferida em junho, lemos, em nota:

Simpática foi à festa literária que Madame Andradina dedicou ao Grêmio Júlia Lopes.

Às oito horas, acompanhada pela comissão do Grêmio Julia Lopes, [...], dirigiu-se a ilustre conferencista ao Cine Parisiense, onde a esperavam grande número de famílias e cavalheiros da nossa elite. [...] Madame Andradina, ocupando a tribuna, disse então o tema “A mulher não é inferior ao homem” dissertando por muito tempo com provas bem fundadas sobre a inteligência da mulher [...] Citou grande número de escritoras europeias, brasileiras e de outras nações da América. [...] Cumprimentando Madame Andradina, A Violeta faz votos que ela seja sempre triunfante nessa campanha em que se empenha em favor da mulher (A VIOLETA, 15 jun. 1918, p. 9-10).

Andradina, “acompanhada pela comissão do Grêmio Julia Lopes”, – grupo relevante para a intelectualidade feminina de Cuiabá, com objetivo de fomentar a cultura a partir das atividades sociais, educativas e políticas, encontrou nas companheiras uma esfera concreta para sua participação na luta por uma sociedade mais justa, que ia muito além das ações de sua pena, pois a intelectual procurava sustentar o progresso de algumas conquistas a partir dos seus próprios atos.

A palestrante, que, por sua vez, corresponde à atenção dada pelo Grupo e revista, retribui a visita à redação da revista, que é parte da agremiação:

Estiveram nesta redação em longa e agradável palestra Madame Andradina, a inteligente escritora que Cuiabá hospeda e sua distintíssima

⁹²Conforme nos referimos em outro momento, todo o material referente à revista A Violeta sobre as escritoras rio-grandenses foi-nos gentilmente enviado pela pesquisadora Yasmin Nadaf.

filha, a senhorita Lola de Oliveira. Madame Andradina veio agradecer à cronista e a noticiarista de *A Violeta* as referências que lhe foram feitas a respeito de sua primeira conferência. Nada nos devia agradecer a ilustre patricia [...] (*A VIOLETA*, 2 de março de 1918, p. 10).

Na continuação da nota, a revista reporta o roteiro da turnê cultural a qual a conferencista fizera anteriormente nos países do Prata:

E como estrangeira visitante do Paraguai, Argentina, Uruguai, recebeu Madame Andradina, da parte dos habitantes dessas repúblicas inequívocas provas do verdadeiro apreço que dão à mulher de verdadeira cultura [...] se nos dão licença deixa-nos que faça transparecer nas páginas da nossa humilde revista coisas que consta no seu álbum a respeito destas viagens (*Ibidem*, p. 10).

Ficamos sabendo, então, que, de Buenos Aires, onde devem ter tomado o pacote pelo Rio Paraná, depois o Rio Paraguai, subindo até a República do Paraguai, Andradina exerceu sua oratória. Sobre a passagem pelas cidades de Villarrica e Asunción, *A Violeta* destaca:

Vimos as notícias as mais entusiásticas a respeito da distinta patricia [Andradina], as quais a oferta que lhe fizeram os alunos do Colégio Nacional e Escola Normal dum riquíssima e volumosa obra em cujas margens os jovens paraguaios deixaram lindos versos e preciosos pensamentos. As inúmeras famílias que acompanharam à gare, como [se] vê pelos álbuns de viagem, ofertaram-lhe ramalhetes com largas fitas em tanta quantidade que o carro em que viaja chegou a Assunção repleto de rosas, cravos e orquídeas (2 de março de 1918, p. 10).

Segundo, ainda, a revista feminina mato-grossense, em 1918, mãe e filha seguiram de Villarrica para Assunção de carro, mas não antes de Andradina ser mais uma vez ovacionada, conforme lemos em *A VIOLETA*:

O festejado poeta paraguaio Eduardo Galindo, declamou os versos de sua palavra que por acharmos belos transcrevemos [sic]:

Adios! Doña Andradina, nobre madre
De um ensueño de luz e libertad
Em vuestro pecho, tan serenos, se abre
Um sol de soberana humanidade

Adios! Jamas se olvidara vustro nombre
Em este suelo hermoso de mi terra...
Adios, la reine de inmortal renombre
Cujó recurrido el corazón encierra!

Doña Andradina acepta de la lira!
De esta ardorosa juventude, el canto
De admiración, que os brinda y que os admira
Y qui al daros el Adios, virdes su llanto!(2 de março de 1918, p. 10).

Quanto ao roteiro da viagem, segundo Lola de Oliveira, “ANDRADINA DE OLIVEIRA [sic] [...] viajou pelas Repúblicas Argentinas, Uruguai e Paraguai, realizando uma série de conferências, algumas delas em espanhol, idioma que falava corretamente” (OLIVEIRA, 1958, p. 98).

Mas, enquanto a mãe era aclamada na carreira já consolidada no Brasil e, ao que se viu, em alguns países vizinhos, a filha, Lola, já se dedicava às artes em tela desde 1914. Em Cuiabá, “a distinta senhoria Lola de Oliveira, dileta filha de Mme. Andradina” teve boa aceitação de sua arte, expondo quadros, além de exercer a atividade de professora de pintura e retratista em tela, conforme informa *A Violeta*: “A distinta senhorita [...] que se dedica a arte da pintura, dará aulas em sua residência à Rua 13 de junho, nº 8, de desenho e pintura, mediante preços convencionais. Aceitará também a gentil Srt^a encomendas de retratos a *crayon*, tamanho natural” (apud FLORES, 2009, p. 717). Andradina teve uma filha também dedicada às letras. A jovem inicia-se na literatura e tem algumas poesias publicadas na revista mato-grossense. A respeito de Lola, a pesquisadora Hilda A. H. Flores, que escreve uma pequena biografia, anota que “é certo que superou a obra da mãe, ao deixar a espantosa produção de 36 obras arroladas – entre

livros de poesia, romance, contos, crônicas e peças de teatro –além de uma dezena ou uma dúzia de inéditos” (2009, p. 725).⁹³

Em outubro de 1919, mãe e filha dão adeus à Cuiabá e descem com o pacote Itaqui para Corumbá com destino a São Paulo. *A Violeta* escreve as últimas palavras de adeus:

VIAJANTES

A ilustre conferencista que esteve em nosso meio quase dois anos, leva, segundo nos disse, grande número de apontamentos para o livro que pretende publicar sobre Mato Grosso. Agradecendo-lhe penhorada, o cartão de despedida que dirigiu a nossa redação, desejamos-lhes feliz viagem e farta messes de louro nos trabalhos que vai encetar (A VIOLETA, 15 de outubro de 1919, p. 11).

Nos anos subsequentes, as viagens estendem-se pelo Estado de São Paulo, materializadas sempre em novas narrativas saídas da pena de Lola, que publica, em 1927, *Jaú-mirim* (viagens),⁹⁴ embora o texto tenha um olhar fabulatório, uma vez que a narração se dá a bordo de uma aeronave, como nos conta Maria de Lourdes Eleutério:

seus apontamentos nos permitem uma interessante visão dessas cidades [interior de São Paulo] na década de 20, convertendo-se em documento histórico. [...] descreve o ambiente artístico, enunciando nomes conhecidos da pintura e da música que nasceram, viveram ou produziram obras nas localidades visitadas (ELEUTÉRIO, 2005, p. 269).

⁹³Sobre a obra de Lola de Oliveira, ver também: ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: CONTEXTO, 2008, p. 276-273; e TUBINO, Nina Maria Harres. Lola de Oliveira. In: *50 anos de Literatura: perfil das patronas*. Porto Alegre: IEL, 1993, p. 92-95.

⁹⁴Infelizmente, não encontramos, em nossas pesquisas, os dois primeiros títulos, mas outras obras produzidas pela autora, como *Esmeralda* (1924); *Saudades do Pampa* (1936); *Estrela da Tarde* (1936); *A doutora* (1939) e *Balões de Espuma* (1953), este último, manuscrito. Todos foram encontrados na Biblioteca na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre; um exemplar de cada, na Coleção do Acervo de Júlio Petersen - JPE. Também encontramos edições na Biblioteca Rio-Grandense: *Gente de agora* (1926); *A Doutora* (1939); *Safiras* (1936); todos na Sala Silva Paes, onde se localizam as obras raras.

Sobre a temática das viagens, Lola ainda publica, em 1941, *Minhas viagens ao norte do Brasil* e, como se esperava, narra a turnê cultural que fizera com a mãe, acrescentando outros itinerários: Espírito Santo, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro. Sobre a temática, Lola escreve, em *Minha Mãe!*, 1958, que:

ANDRADINA DE OLIVEIRA, deixando o Rio Grande do Sul, viajou pelas Repúblicas Argentinas, Uruguai e Paraguai, realizando uma série de conferências, algumas delas em espanhol, idioma que falava corretamente. Excursionando também pelos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo. Esteve no Alto Paraná, visitando as Cataratas de Iguazu e as Sete Quedas ou Guaira [sic] (1958, p. 98).

Na terra natal da família Andrada, estado de São Paulo, último itinerário e local em que as duas fixam residência, fica registrada uma vida cotidiana igualmente muito ocupada. Andradina e Lola percorrem os pequenos núcleos citadinos, à época, como Sorocaba, Piracicaba, Olímpia, Mococa, São José do Rio Pardo e Mogi Mirim, onde visitam gabinetes de leitura, teatros e escolas (ELEUTÉRIO, 2005), tal como sempre fizeram nas cidades por onde passaram. De São Paulo, Andradina e Lola continuavam a enviar colaborações para o rio-grandino *Corymbo* e para *A Violeta*, em Cuiabá, mantendo contato regular. (FLORES, 2009)

Residindo em São Paulo, reconhecida e respeitada nos meios culturais pela participação ativa a favor da ação feminista, Andradina foi convidada a dar uma palestra em Uberabinha, hoje Uberlândia, em Minas Gerais. Segundo Kátia da Costa Bezerra (2009), havia, na localidade, uma geração de jovens influenciada pela feminista Antonieta Vilela Marques,⁹⁵ mulher culta que marcou presença na esfera pública

⁹⁵Nascida em 29 de julho de 1891 na fazenda Pirapitinga do Mato Dentro, município de Canápolis, Triângulo Mineiro, e falecida em 8 de fevereiro de 1930, aos 39 anos de idade, Antonieta Vilela Marques era mulher culta, estudada e avançada para o seu tempo. Acompanhava todos os movimentos no Brasil e no mundo, em constantes viagens pelo Rio de Janeiro e São Paulo, com a numerosa família de treze irmãos. Escreveu ensaios, peças teatrais, entre elas a comédia *O mundo feminino*, que foi publicada no jornal *A Tribuna*, periódico com que a intelectual sempre colaborava. Politizada, ela atuou em comícios pela Aliança Liberal contra os escândalos de corrupção e arbitrariedade do governo central. Por sua consciência, pela marcha progressista, também promovia ações beneficentes em favor dos menos

defendendo a luta pela emancipação feminina. Naquele município situado ao norte do Triângulo Mineiro, “um grupo de moças da sociedade de Uberabinha fundou o Grêmio Recreativo e Literário Feminino, que tinha, como um dos seus objetivos, ‘defender os direitos da mulher’” (BEZERRA, 2009, p. 126). Em 1923 ou 1925, o que não nos ficou claro, Andradina palestra no Cinema Central, proferindo sobre o tema “A mulher não é inferior ao homem”, fato registrado pelo jornal *A Tribuna*. Sobre esse evento, escreve Bezerra:

O jornal *A Tribuna* registrou o fato de modo pífio, reporta-se à admiração do público, não pelo teor do tema defendido pela palestrante [...], mas porque ela se dirigiu à plateia de improviso, sem precisar ler uma linha sequer. Contudo, neste episódio, o que importa verdadeiramente não é o aparente descaso do jornal da cidade, mas o interesse que o conteúdo – polêmico e questionador – da conferência despertou. Este é, sem dúvida, um dado que evidencia a existência de um público sintonizado com ideias novas e revolucionárias (Ibidem, p. 126).

Sempre em movimento, em Mogi Mirim, Andradina não poderia deixar de visitar Ibrantina Cardona (1868-1956), que colaborou com o *Escrínio* desde sua primeira edição, em 1898.⁹⁶ Ibrantina, casada com o jornalista e poeta de família portuguesa, nascido em Pelotas, (RS), Francisco Cardona, de onde vem o sobrenome de casada (MUZART, 2004), morou com a família em solos gaúchos, enquanto solteira, e, depois, em Nossa Senhora do Desterro, Florianópolis. Nesta, a então Ibrantina de Oliveira, junto com a irmã, era assídua colaboradora dos jornais *Crepúsculo*, *A Palavra* e *Polianteia* (2004).⁹⁷

Mãe e filha, em um primeiro momento, fixaram residência em Jaú e, depois, transferem-se para Ribeirão Preto. (TUBINO, apud FLORES, 2009) Lola inicia oficialmente sua vida de escritora, quando publica, em 1922, o livro *Ametistas*, que, segundo a pesquisadora Nina Maria Harres Tubino, atingiu o sucesso de “seis edições” (1993, p. 95),

favorecidos pelo sistema, colaborando com a Santa Casa, o Asilo São Vicente e a Caixa Escolar, instituições assistencialistas em Uberabinha. (BEZERRA, 2009)

⁹⁶ Sobre as colaborações de Ibrantina Cardona no *Escrínio*, ver Anexo II: *Colaboradoras do Escrínio - 1ª Fase (1898)*, e Anexo VI, “*Colaboradoras do Escrínio - 5ª Fase (1909-1910)*.”

⁹⁷ Não temos a informação de que Andradina e Ibrantina tenham se conhecido pessoalmente no Rio Grande do Sul.

sendo a segunda prefaciada pela inspiradora e incentivadora mãe, que escreve sobre a “alma de artista da adorada companheira de arte e de saudade” da filha poetisa:

Minha filha [...], vai sozinha com as tuas Ametistas! Elas têm um brilho doce e triste e não ofuscarão o lampear entontecedor das estrofes peregrinas dos lapidadores da rima. As tuas ametistas são singelas como a tua grande alma de artista. Vai, minha adorada companheira de Arte e de saudade, sozinha com teus versos! Se tua estrada os espinhos te ferirem os pés mimosos, lembra-te que tens o peito de tua mãe para repousares a tua fronte sonhadora e haurires novas forças para a luta.

Andradina de Andrada Oliveira
(AMETISTAS, apud FLORES, 2009, p. 719)

“A imagem de uma mãe reclinada sobre uma escrivadinha, absorta a esboçar tramas e a compor personagens” (ELEUTÉRIO, 2005, p. 273), deve ter sido a fonte em que a filha tenha bebido dos mesmos ideais da mãe. A partir de *Ametistas*, Lola teve uma série de publicações bem-sucedidas e não só ajudou no sustento das duas com seu talento, como, também, utilizou algumas de suas obras para militar pelo feminismo, certamente sob influência direta da progenitora. É o caso do livro *Gente de agora* (1926). Os títulos de suas crônicas – “Sexo forte” (p. 15); “A mulher e a cozinha” (p. 50); “A mulher e o voto” (p. 78); “A mulher ignorante” (p. 83); “As trabalhadoras” (p. 119); “Opressão e liberdade” (p. 125) e “Ser mulher” (p. 132), versam, em tom de sarcasmo, acerca do pensamento dos homens sobre o papel da mulher na então sociedade moderna; exemplificamos:

- Que diz meu colega, sobre o voto feminino? A mulher deve votar?
 - Isso de mulheres deputadas, senadoras, ministras, presidentes não tem jeito. Depois elas não possuem caráter para as traquinagens políticas... haviam de querer tudo em ordem, direito, fiscalizado, e isso seria uma desgraça para nós homens [...]
- As mulheres na política viriam fazer uma verdadeira revolução. Deitariam abaixo, [...] as

nossas velhas maneiras de governar. Seria uma calamidade! E depois, quem é que cuidaria das panelas e das mamadeiras? Não! Decididamente, não dou parecer favorável a projetos concedendo voto às mulheres. Elas que se contentem em governar a casa, os criados, os filhos e, às vezes, os maridos também[...] (OLIVEIRA, 1926, p. 78-79).

Ao que parece, Lola não militou somente nos livros, pois “se tornaria ativista do feminino: em São Paulo fez parte de uma entidade que buscava conquistas então reivindicadas como direitos da mulher – a União das Classes Feministas do Brasil” (FLORES, 2009, p. 720). Além disso, segundo informação veiculada em 1935, no jornal *Corymbo*, ela teria sido presa em Minas Gerais por ocasião da Revolução de São Paulo.⁹⁸ Não conseguimos levantar maiores detalhes sobre o envolvimento de Lola na Revolução.

Para concluir, podemos dizer que Andradina América de Andrada e Oliveira percorreu uma porção da América Meridional organizando eventos culturais, divulgando a produção literária, de escrita feminina, promovendo debates sobre a educação das mulheres e realizando conferências pelas causas feministas. Essas ações expressaram mudanças no comportamento social das mulheres e, por isso, merecem ser apreendidas em termos de construção de uma nova identidade nacional, pois Andradina desafiou os valores impostos às mulheres e rompeu o cerco institucional em vários momentos da história. O arrojo contestador impresso na sua forma de pensar, falar e

⁹⁸Conhecida como Revolução Constitucionalista ou, ainda, Guerra Paulista, o movimento armado ocorrido ente julho a outubro de 1932 tinha o objetivo de derrubar o então governo provisório de Getúlio Vargas e a promulgação de uma nova Constituição para o país. Para entender o contexto da Revolução: São Paulo, no século XX, era um Estado rico e centralizador do poder econômico do país, enriquecido pela cultura de café, e tinha como articulador político o Estado de Minas Gerais, grande produtor de leite. Para contento dos Estados mais ricos, o então presidente da República Campos Sales criou o que ficou conhecido como a política “café com leite”, que era um revezamento do poder: ora o Brasil era governado por um político paulista, ora por um mineiro. Assim foi até que, em 1929, o presidente Washington Luís, que tinha o dever de nomear como seu sucessor um mineiro, preferiu apoiar outro paulista, rompendo com a sucessão do poder e, conseqüentemente, com apolítica café com leite”. Minas, por sua vez, rompe com a bancada paulista; junto com o partido Democrático, resolve apoiar a candidatura da “Aliança Liberal”, que tinha como candidato o gaúcho Getúlio Vargas. A revolta intensa e violenta convocava, por meio de cartazes espalhados pela cidade, a população em geral e as mulheres, em particular, como enfermeiras. Para maiores detalhes da Revolução, ver: CALDEIRA, Jorge. *Viagem pela História do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

escrever revela o desejo ousado de tornar realidade uma sociedade mais justa e igualitária entre homens e mulheres.

Em consonância com esta reflexão, Andradina foi ousada também, quando, enfrentando e superando preconceitos e dificuldades por uma série de circunstâncias, prepara sua própria filha para falar de um lugar mais privilegiado do que o seu, marcando o pioneirismo libertador da tradicional educação patriarcal burguesa. Rompendo esse círculo vicioso, as duas gerações que caminharam lado a lado são representadas por duas mulheres que foram a própria expansão da consciência que pregavam e foram elas um *locus* legítimo do discurso heroicamente vivido, intimamente protegido uma pela outra que, mesmo impossível de dissociá-las, seguiram seus destinos.

A partir dessas questões, trataremos, no próximo subtema, da imprensa no cenário sociocultural rio-grandense, no que se refere ao alcance da produção intelectual feminina, objetivando alinhar uma introdução sobre a vinculação do *Escrínio*, que será tema para o Capítulo 2.

1.3. Literatura, imprensa e periodismo: uma relação mútua, justificativas

A união da imprensa com a literatura está fortemente vinculada ao papel de progresso cultural, cidadão ou provincial, no Rio Grande do Sul. De acordo com essa tendência, os jornais que circulavam, especialmente nas cidades de Rio Grande, desde 1832, e Pelotas, 1851 (ALVES, 1999), guardavam, através da seção dos “Folhetins”,⁹⁹ um espaço para publicar literatura. Entretanto, preenchidos com traduções de romances de relevantes autores estrangeiros e brasileiros, “não ocorrendo maiores oportunidades para os poetas e prosadores da conjuntura local ou regional” (ALVES, 2005, p. 12), ao pé de página onde eram publicados, por vezes desapareciam do jornal por conta da disponibilidade de lugar.

⁹⁹ Cabe considerar que o mesmo rodapé que dividia o espaço com a publicação de “ficção em fatias” – fossem traduções de romances estrangeiros, fossem as produções nacionais –, dava lugar, também, à matéria variada que versava sobre as trivialidades humanas. Havia uma seção voltada às *variedades* antes de elas chegarem especificamente ao folhetim e antes deste chegar aos jornais brasileiros que datam de 23 de maio de 1836, quando o jornalista Justiniano José da Rocha lança o jornal *O Chronista*, onde anuncia, sob o título Frances *Fouilleton*, um espaço que logo se tornaria a seção preferida de muitos leitores. O folhetim é produto da história da imprensa e, como tal, garantiu uma forma válida de “intercâmbios textuais”, o que permitiu (ou) avalizou a convergência entre jornalismo e literatura, produtos da bagagem sociocultural do país. (BULHÕES, 2006)

Por conta do progresso civilizatório, a imprensa foi muito útil para os objetivos de ilustração da província rio-grandense, que queria estar mais próximo da Europa. Ilustrar-se significava estar em dia com as leituras dos últimos romances publicados em Paris, saídos nas páginas das folhas rio-grandenses. Surge, então, um jornalismo essencialmente vinculado à literatura que, resultado de um fenômeno que acontecia na Corte (SODRE, 1966), se proliferou pelas Províncias do Brasil – e a de Rio Grande não foi diferente. Assim, sob o subtítulo “Literário, histórico e biográfico”, apresenta-se a primeira e mais importante folha literária na cidade de Rio Grande e Pelotas: a *Arcádia*.¹⁰⁰ Tendo circulado entre 1867 e meados de 1870, as três primeiras séries da publicação foram editadas na primeira cidade e a quarta e última séries, na segunda, para onde se transferiu seu proprietário, o português Antônio Joaquim Dias.¹⁰¹ A folha desenvolveu suas atividades como órgão do Grêmio Literário Rio-Grandense.¹⁰² (BAUMGARTEN, 1982)

Em conformidade com os estudos de Athos Damasceno Ferreira, que publica *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*, em 1975, são mais de setenta os jornais literários que circularam somente nesta cidade. Neles, colaboraram mais de vinte mulheres, a saber: Luciana de Abreu, Théa (Dorothea) Alrutz, Narcisa Amália, Maia Amália Vaz de Carvalho, Maria José Coelho, Amália Figueiroa, Alma Fuerte, Amália Iracema, Maria Luiza Leal, Ana Aurora do Amaral Lisboa, Carlota do Amaral Lisboa, Revocata de Melo, Rita Barém de Melo, Julieta de Melo Monteiro, Ada Negri, Delfina Queima, Joana Rasmussen, Lídia A. da Silva, Zulmira da Silveira, Amélia A. de Souza e Yolanda Trebi.

Os órgãos literários criados pelos intelectuais, ainda no final do século XIX, contavam com um grande número de Associações, dividindo-se entre abolicionistas, republicanos, carnavalescos, literários e artísticos. (CUNHA, 2008) Tanto em Rio Grande, quanto em Pelotas, as associações de cunho literário “eram criadas para sustentar os interesses dos intelectuais e adquiriram, assim como as editoras, a função de instituição, dentro do sistema literário, pois regulavam a leitura e definiam os temas mais apropriados para serem lidos e

¹⁰⁰Sobre a vida literária e as folhas literárias na Província de São Pedro, ver, mais especificamente, o Segundo Capítulo da Tese, no subtema 2.2.

¹⁰¹Em conformidade com Guilhermino César (1956), o português fundou ainda o *Jornal do Comércio* e o *Correio Mercantil*, em Pelotas, e foi um dos incentivadores da criação da Biblioteca Pública Pelotense, campanha feita a partir dos seus periódicos.

¹⁰²Sobre a Arcádia, ver BAUMGARTEN, 1982.

discutidos pelo público” (p. 69). Já as associações de cunho político “eram mantidas pelos jornais que circulavam na cidade e pelos saraus literários e dramáticos apresentados em prol da causa que defendiam” (Idem, p. 69).

Como se vê, no Rio Grande do Sul, na década de sessenta do século XIX, os periódicos literários “tiveram fundamental importância para o enriquecimento cultural da Província, tendo em vista o alto custo dos livros, eles serviram para popularizar a leitura e para a divulgação da incipiente literatura local e regional” (ALVES, 2005, p. 11). Quando abordamos, contudo, sobre a incipiente literatura local e regional, focamos, principalmente, na literatura produzida pelas mulheres. Sabemos que elas recorreram aos jornais literários, não só para divulgar suas letras, como, da mesma forma, tiveram esta e nesta atividade jornalística seu produto de trabalho. O pesquisador Pedro Maia Soares menciona que “romantismo adolescente, poesia de circunstância, parnasianismo escolar, textos sentimentais [...] enchem as páginas de jornaizinhos literários dirigidos por mulheres, que se proliferam pelo Rio Grande inteiro” (1980, p. 145).¹⁰³

A convivência social entre as mulheres, promovida pelo ambiente da imprensa, evidenciava uma rede de sustentação e uma forma de funcionamento da atividade literária exercida por elas. A literatura era um gesto da própria amizade, ou seja, aquelas que desejavam se fazer ouvir estabeleciam relações entre si, entre grupos letrados, imprensa e instituições, que, por essa via e de forma indireta, eram o apoio que buscavam para a divulgação de suas obras, e para o reconhecimento de sua literatura. Nesta direção, não raro encontramos muitos livros com dedicatórias e qualificativos elogiosos aos amigos e amigas. Observamos:

¹⁰³ Maior atenção aos jornais femininos surgidos no Rio Grande do Sul foi dada, especificamente, no Capítulo II desta tese, em sub-tema intitulado *Surge a imprensa feminina no Rio Grande do Sul*.

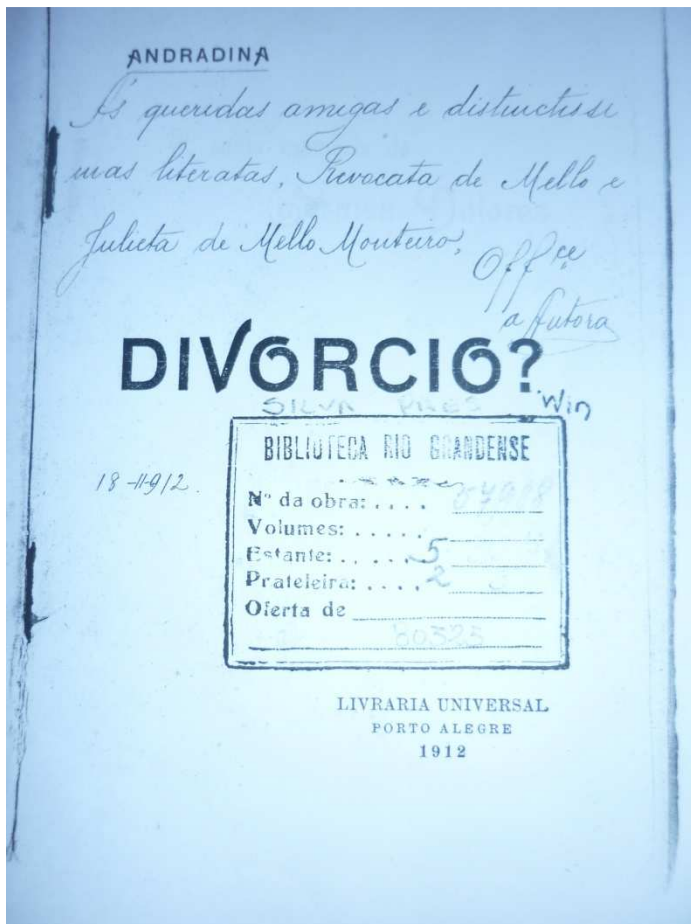


Figura 7: Foto do livro *Divórcio?*, 1912, de Andradina de Oliveira (Acervo da Biblioteca Rio-Grandense)

Além dessas rubricas que serviam, também, para referenciar seus nomes enquanto escritoras, outra forma de reforçar esse “vínculo de amizade” e delas com as letras eram as poesias e pequenas notas elogiosas que trocavam entre si, como, por exemplo, as que Andradina publicava no *Escrínio*, quando mencionava suas colaboradoras, publicava fotos acompanhados de pequenos e encomiásticos textos.

A produção literária das mulheres no Estado teve relevantemente o apoio da imprensa local, notadamente o *Corymbo* e o *Escrínio*, que procuravam divulgar e incentivar o universo das letras, ora

resgatados dos diários íntimos, ora das escrivatinhas fixadas no canto qualquer de um quarto. Nesta conjuntura, não se pode negar a relevância da imprensa sobre o papel intelectual das mulheres rio-grandenses.

Completando esse quadro, Pedro Maia Soares escreve que “há outro aspecto que é preciso sublinhar nesta afloração de mulheres escritoras: elas não estão isoladas umas das outras, mas, pelo contrário, formam uma espécie de rede feminina que abrange o estado inteiro e mantém vínculos com os outros centros do país” (1980, p. 145); o que constatamos, anteriormente, com o *tour* cultural realizado por Andradina. O autor reconhece que um dos pontos dessa rede foi o *Escrínio* e, o outro, o *Corymbo*.

Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes (1988) e Míriam Steffen Vieira (1997) realizaram um levantamento sobre as escritoras que atuaram no Rio Grande do Sul; embora a primeira trate especificamente sobre as mulheres no Estado do Rio de Janeiro, ambas realizaram seus trabalhos a partir do estudo de periódicos.

Com base nas reflexões feitas nesse conciso subtema, procedemos, a seguir, com a narrativa sobre o processo de atuação literária de Andradina de Oliveira no que diz respeito às suas ideias sobre os embates conservadores da sociedade, e de que maneira foram debatidas em sua obra, propondo, também, algumas considerações.

1.4. (Re)escrevendo a vida: outras tramas...outros dramas

*A força da literatura age em terrenos insuspeitos,
como nas guerras.*

Norman Mailer

Abrimos o primeiro subtema desta tese, *O Sul de Andradina: história e sociedade, um breve panorama*, com uma historização sobre as atividades culturais desenvolvidas na região sul do Brasil, particularmente nas cidades de Rio Grande e Pelotas. Ao fornecer dados sobre o desenvolvimento sociocultural daqueles pequenos, mas relevantes núcleos sociais, à época, tivemos intenção de demonstrar a organização social em que a intelectual se formou e a partir de onde estabeleceu o caminho da literatura para ampliação do espaço por ela conquistado. Por acreditarmos que o legado temático de sua literatura propõe questões que não se limitam ao seu núcleo cultural, ao contrário, ocupam um cenário sociocultural mais amplo, abordaremos sua produção escrita desde os primeiros registros, dando ênfase nas obras A

mulher rio-grandense, O Perdão e Divórcio?, uma vez que elas aludem às perspectivas de mudanças sociais, pois “estas e muitas outras questões se impõem quando passamos a refletir sobre o binômio ‘mulher e literatura’” (DUARTE, 1994, p. 7).

No segundo subtema, *Páginas de um tempo: uma vida em notas*, procuramos sustentar que Andradina rompeu o confinamento cultural ao qual estavam fadadas a maioria das mulheres do seu tempo. Sendo assim, as páginas dos jornais, “seja enquanto processo de produção, seja enquanto análise de publicações [...] devido às articulações sociais, econômicas e culturais que estão implícitas” (BUITONI, 1986, p. 4), permitem-nos não só compreender o alcance de sua produção intelectual, como, igualmente, o significado da emancipação feminina a partir das relações que a constituem, sobretudo, seu universo literário e, nele, a militância feminista ao seu modo.

Aos poucos estamos procurando responder a pergunta de como Andradina de Oliveira participou de maneira efetiva na história cultural das mulheres, porquanto foi exatamente movida por essa ideia que ela usou como ferramenta sua literatura e seu *Escrínio*. No jornal, ainda encontramos escritos e escritoras cujos nomes alargam os horizontes da literatura sul-rio-grandense, em particular, e da literatura brasileira, de modo geral. Por essa via, consideramos oportuno avaliar o alcance que teve sua obra, intrinsecamente ligada à revisão do sujeito feminino na história e, nesta, a tradição literária feminina ignorada pela crítica tradicional.

Mãe, professora, jornalista, oradora, feminista, leitora e escritora (poetisa, contista, dramaturga, biógrafa, ficcionista); todas elas em um só nome de mulher: Andradina América de Andrada e Oliveira. Da variedade de suas experiências de vida surge uma literatura voltada para discussões vitais sobre questões relativas às mulheres.

Pela acentuada expressão que ocupa Andradina no diálogo entre literatura *versus* gênero e identidade, a intelectual ocupou uma posição de relevo em trabalhos realizados por algumas pesquisadoras, cujos nomes assinalamos: dissertação de mestrado de Lúcia Henriques Maia (2010), a tese de doutorado de Salete Rosa Pezzi dos Santos (2007), os estudos do professor Ricardo Araújo Barberena (2013), todos são trabalhos que incidem sobre o romance *O Perdão* e os mecanismos diversos de sua representação. Apontamos, ainda, os estudos de Terezinha Schmidt (2010) e Yasmim Jamil Nadaf (2014), bem como os demais pesquisadores – entre os nomes de Pedro Maia Soares (1980), Hilda Agnes Hubner Flores (2009) e Santa Inêze da Rocha (2005), os quais contribuíram sobremaneira no levantamento de dados sobre a vida

e a obra de Andradina. Além disso, vale destacar a pesquisadora Míriam Steffen Vieira (1997) que, ao dissertar sobre a atuação literária no Rio Grande do Sul, corrobora a importância de Andradina naquela sociedade.

Já a significativa participação nas artes da dramaturgia garantiu à Andradina referência nas obras dos críticos literários Lothar Hessel e de Guilhermino César (1999). Na Letras, Andradina é referenciada por Nelly Rezende Carvalho (1935), Antônio Carlos Machado (1952) e Arthur Ferreira Filho (1997). E, da mesma forma, os dicionaristas Schuma Schumacher (2000), Raimundo Menezes (1978), Nelly Novaes Coelho (2002), Afrânio Coutinho/J. Galante de Souza (2001), Ari Martins (1978), Américo Lopes de Oliveira (1981), Pedro Villas-Boas (1974), Hilda A. H. Flores (1999) e J. F. Velho Sobrinho (1937). Por último, mas não menos importante, citamos Zahidé Lupinacci Muzart (2004), que reuniu um relevante número de mulheres escritoras esquecidas e aprisionadas geográfica e temporalmente no cenário oitocentista da nossa literatura. Na compilação de Muzart, que resultou em três volumes, assenta, nos segundo e terceiro volumes,¹⁰⁴ o nome de Andradina de Oliveira, reescrevendo-a na história intelectual das mulheres brasileiras.

A partir do que discorreremos sobre a vida de Andradina neste capítulo até aqui no que se refere às atividades profissionais, torna-se possível compreender que, desde muito cedo, ela se interessa pelas questões de gênero. Decorre daí que suas ações nos deixam um legado, pois sua preocupação em oferecer uma educação de qualidade para moças e seu empreendimento em conferências públicas que versavam sobre questões femininas são atuações que têm um mote em comum: o feminismo. Todo esse conjunto justifica seu papel e sua função porque a intelectual tinha consciência da sua atuação na sociedade. Entretanto, é preciso entender que Andradina de Oliveira tornou-se adepta aos movimentos sociais pela tenacidade do seu trabalho, e não pela militância direta na política, se é que podemos pensar nessa forma.

Todavia, é no mundo das letras, particularmente na literatura, que a feminista demonstra posicionar-se criticamente. Isto significa dizer que ela imaginava, à sua maneira, a igualdade de direitos entre

¹⁰⁴ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Lola de Oliveira. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*, v. III. Florianópolis: Mulheres, 2009, p. 705-736. Mesmo que o texto trate sobre a filha, explica a historiadora que “ao estudar-lhe a vida e a obra, percebe-se que é difícil fazê-lo separadamente da mãe” (p. 705), motivo pelo qual o texto apresenta relevantes informações sobre a escritora Andradina, quase uma continuidade do texto publicado no volume II.

homens e mulheres. Na incursão à literatura, seu espírito combatente questionava ora implícita, ora explicitamente, a condição feminina; essas ideias estão subordinadas concomitantemente aos livros *O Perdão* e o *Divórcio?*. Cabe ressaltar que sua literatura ganhou espaço e apreço no meio intelectual de sua época. Um exemplo desse caráter são, notadamente, os comentários feitos pelos críticos literários publicados nos jornais. Enfim, sua literatura está inserida em uma história maior, isto é, um espaço onde se questiona o porquê as mulheres escritoras não constam nas antologias da literatura canônica brasileira. Conseqüentemente, “estes textos escritos por mulheres interessam, repetimos, por nos permitir chegar a novas conclusões sobre a tradição literária feminina” (DUARTE, 1994, p. 6).

A produção literária de Andradina versa em torno de uma abundância de gêneros dos quais se sobressaem contos, memórias, pensamentos, romances, biografias, crônicas, contos infantis, poemas e textos teatrais. Neste quadro e na extensa e expressiva produção cultural, destacamos os seguintes livros: *Preludiando*, no ano de 1897; *Pensamentos* (para cartões postais), em 1904; *A Mulher Riograndense*, em 1907; *Contos de Natal* (às crianças rio-grandenses) e *Cruz de pérolas*,¹⁰⁵ ambos lançados em 1908; *O Perdão*, em 1910 e *Divórcio?*, em 1912, sem contar com o número expressivo de crônicas, contos, poemas e artigos que são produtos publicados na sua extensa colaboração em jornais, almanaques e revistas.

Como estratégia de divulgação de sua produção, Andradina costumava noticiar, nas páginas finais de cada obra lançada, os títulos “inéditos” ou “a aparecer brevemente”, conforme encontramos: *O Rio Grande do Sul*; *O grande amor* (romance); *A crucificada* (romance); *Contos infantis*; *Das minhas memórias*; *Livro da Saudade* (páginas íntimas); *Crônicas femininas*; *Poucos versos*; *Dramas*; *Babel de uma alma*; *A condenada* (romance realista); *Judith* (romance realista); *Meu filho* (poema de dor, em prosa); *Fantasia*; *Impressões*; *A outra* (romance); *Novos pensamentos para postais*; *Folhas mortas* (poesias); *14 de julho*; *O dia e os dias*; *Uma xícara de café* e *À margem do Guaíba*¹⁰⁶ (poesias). E, no que diz respeito à produção na área da

¹⁰⁵ O livro recebeu medalha de ouro na Exposição Nacional de 1808 e é dedicado ao filho Adalberon, morto em 1906.

¹⁰⁶ Guaíba é um grande lago (ou rio) localizado na cidade de Porto Alegre, capital gaúcha, e está ligado à história cultural do Estado, uma vez que, em suas águas, chegaram os primeiros imigrantes açorianos naquele Estado. O lago, hoje, faz parte do desenvolvimento econômico da região e do Brasil, além de sustentar um rico ecossistema e ser um ponto de referência turística na cidade.

dramaturgia, já referenciada neste capítulo, quando pontuamos a atuação da dramaturga nos palcos rio-grandenses.

Lola de Oliveira, ao lançar seu livro *Safiras*, em São Paulo, em 1936, soma ao conjunto da obra da mãe o livro *O Abismo*, proclamando, em última página, que “a sair brevemente um grande romance nacionalista, internacionalista, ilustrado, dedicado aos paranaenses, argentinos e cuja ação se desenrola no Alto Paraná, na antiga Vila e Cataratas de Iguaçu”. Obra póstuma, já que Andradina falecera um ano antes.

No que se refere às nossas pesquisas à procura das obras lançadas pela escritora, constatamos que, infelizmente, grande parte se perdeu no tempo. Apesar desta constatação, no quadro a seguir pode ser observado o resultado de títulos que levantamos nesta busca, sendo que estão sistematicamente resumidas as Instituições que guardam a fonte documental do pouco material que encontramos:

MATERIA L DATA	LOCAL/ACER VO DISPONÍVEL	TÍTULO DA OBRA	DESCRIÇÕES/OBSERV AÇÕES
Livro - 1907	BRG ¹⁰⁷	<i>A mulher rio- grandense: escritoras mortas. 1ª série.</i>	Porto Alegre - Livraria Americana - 1907. 1 vol. Br. Obs.: Na contracapa encontramos uma dedicação da autora: “à ilustrada e gentil Redação do <i>Corymbo</i> , em sinal de grande afeto e gratidão - oferece autora - 1908”.
Livro- 1907	Biblioteca PUCRS ¹⁰⁸	<i>A mulher rio- grandense: escritoras mortas. 1ª série.</i>	Obs.: 1 exemplar - Coleção de Acervos Especiais –JPE
Livro - 1908	BRG	<i>Contos de Natal</i>	Porto Alegre - Livraria Americana - 1908. 1 vol. Br. Obs.: Na contracapa: “A Biblioteca Rio-Grandense

¹⁰⁷Onde aparecer essa sigla, mencionamos a Biblioteca Rio-Grandense.

¹⁰⁸ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

MATERIA L DATA	LOCAL/ACER VO DISPONÍVEL	TÍTULO DA OBRA	DESCRIÇÕES/OBSERV AÇÕES
Livro – 1908	BRG	<i>Cruz de pérolas</i>	oferecimento da autora - 1910” Porto Alegre - Livraria Americana - 1908. 1 vol. Br. Obs.: Contracapa: “A Biblioteca Rio-Grandense lembrança da Autora”
Livro- 1908	Biblioteca PUCRS	<i>Cruz de pérolas</i>	Obs.: 2 exemplares - Coleção de Acervos Especiais - JPE.
Livro- 1910	Biblioteca Pública Pelotense	<i>O Perdão</i>	Obs.: Encontrado no acervo da antiga Biblioteca do Clube Caixeiral (agora é parte desta Biblioteca Pelotense).
Livro-1910	Biblioteca PUCRS	<i>O Perdão</i>	Obs.: 1 exemplar - Coleção de Acervos Especiais - JPE.
Livro - 1912	BRG	<i>Divórcio?</i>	Porto Alegre - Livraria Universal - 1912. 1 vol. Br. Obs.: Contracapa: “Aos queridos amigos e distintíssimas literatas, Revocata de Melo e Julieta de Mello Monteiro. Oferece a autora”
Livro - 1912	Biblioteca PUCRS	<i>Divórcio?</i>	Obs.: 1 exemplar - Coleção de Acervos Especiais - JPE.
Cartão Postal [manuscrito] 1915	Biblioteca PUCRS		Obs.: um cartão postal enviado por Andradina para o “Príncipe dos poetas do, Zeferino Brasil”. Coleção JPE

Com respeito, ainda, sobre as estratégias da escritora para a divulgação de seus livros,¹⁰⁹ além do apoio que buscava no seletivo grupo letrado, quando da distribuição das obras entre amigas e instituições, conforme mencionamos no sub-tema anterior (1.3) e da utilização das páginas finais dos livros lançados para anunciar título “inéditos” e “a aparecer brevemente”, a que também já aludimos, a escritora igualmente utilizou como ferramenta para a divulgação dos seus trabalhos as páginas do seu jornal, *Escrínio*. Nele encontramos, por exemplo, na coluna “Livros e Autores” (20 de novembro de 1909, p. 124), a publicação da carta da também escritora Francisca Isidora,¹¹⁰ de Pernambuco, agradecendo o “presente recebido no último pacote”. Trata-se do livro *Cruz de Pérolas*. Em outra data, em destaque o anúncio do *Contos de natal* (12 de fevereiro de 1910), “a sair pela Livraria Americana”. E, em data posterior, a seção “Registrando” (30 de abril de 1910, p. 216) divulga o livro *O Perdão*, que “sairá brevemente dos prelos da acreditada Livraria Americana”.

Quando pensamos sobre questões sociais de ordem cultural no Brasil, pensamos logo na literatura produzida e, sobretudo, na literatura produzida pelas mulheres. É sabido que, desde o século XIX, elas produziram literatura e participaram do sistema literário do país, mas foi uma literatura que surgiu à contramão do discurso oficial e, por isso, foi construída a partir das relações do universo feminino. Isso significa dizer que as companheiras de letras buscavam apoio entre si, formando uma espécie de “caixa de ressonância” (SOARES, 1980, p. 146) para suas ações. E, levando em conta essas ações junto à sociedade, deixa margem para tratarmos da literatura escrita pelas mulheres como ferramenta libertária, isto é, com ela, as ela transpunham o espaço doméstico para circularem no ambiente público. Nesta direção, lê-se, em Zahidé Muzart:

As mulheres que escreviam ou simplesmente desejavam ser somente escritoras eram feministas. Só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente (2003, p. 267).

¹⁰⁹Na Biblioteca Rio-Grandense, embora conste no catálogo geral volumes de *Preludiando* (1897) e *O perdão* (1910), estes livros não foram encontrados no acervo.

¹¹⁰Sobre Francisca Isidora, ver o anexo VI - Colaboradoras do *Escrínio* - 5ª Fase (1909-1910).

Era, pois, a literatura escrita pelas mulheres um reflexo das mudanças históricas, porque significava, de um lado, um movimento que se materializava no âmbito de um “feminismo incipiente”, conforme cita Muzart e, de outro, representava uma ruptura do domínio cultural masculino. Era o momento de elas escreverem suas próprias histórias e contrariar “a imagem das mulheres construídas nos textos literários assinados pelos homens” (DUARTE, 1994, p. 5).

E é justamente movida pelas mudanças históricas que a Crítica Literária Feminista propõe estender discussões sobre a literatura produzida pelas mulheres, quando avalia as produções, reavalia conceitos e normas estéticas constituídas pelo parâmetro da crítica tradicional. Considerando esse trabalho, afirma Campello:

Constituída sobre dois eixos essenciais – o da recuperação e o da revisão – a Crítica Literária Feminista, a partir dos anos sessenta do século XX, toma impulso no âmbito acadêmico no Brasil. A consequência mais importante de um trabalho intenso por parte de pesquisadoras e pesquisadores é a visibilidade conferida a escritoras e suas obras, do passado e do presente. A (re)descoberta e a (re)avaliação da produção literária de autoria feminina vêm fortemente calcadas em novos paradigmas de análise, bem como em conceitos alargados de sujeito, de literatura e de história, fato que oportuniza a leitoras e leitores o conhecimento tanto de textos atuais como daqueles que foram sufocados por grossas camadas de poeira acumuladas pelo tempo¹¹¹ (2007 [grifo nosso]).

É nesse sentido que nosso estudo está voltado para a questão de gênero, isto é, consideramos a produção literária de Andradina dentro do contexto histórico, cultural e social em que suas narrativas se desenvolveram, uma vez que o diálogo entre sujeito, literatura e história é formulado a partir do conceito de “interseccionalidade que abrange uma perspectiva científica de abordagem que foca os pontos de cruzamento entre diferentes hierarquias de poder na sociedade baseada

¹¹¹O pequeno recorte faz parte do texto publicado na orelha do livro *Memórias de Marta* (1889), de Júlia Lopes de Almeida, que foi relançado pela Editora Mulheres. Ver: ALMEIDA, Júlia Lopes. *Memórias de Marta*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

em gênero, [...], classe, raça, etc.” (EDFELDT, [s.d], p. 30). Desse modo, o distanciamento da produção da obra nos permite, paradoxalmente, aproximá-la e estabelecer vínculos com a contemporaneidade sob perspectivas diversas, como, por exemplo, a de concluir que a literatura de autoria feminina não mais necessitasse ser especificada como “literatura feminina”, bastando citar apenas “literatura” (KAMITA, 2005). E, ao estabelecer esse caminho, a questão de gênero dentro de uma análise específica da literatura produzida pelas mulheres e por ser uma literatura desautorizada, ponto de discrepância nos estudos literários, queremos contribuir para a revisão e uma nova ordem no mundo das letras no nosso país.

Dentre a produção de Andradina, propusemos analisar três dos livros publicados pela autora, por considerar que melhor ilustram as ideias que queremos apresentar. São eles: *A mulher rio-grandense*, *O Perdão* e *Divórcio?*, concomitantemente. Acreditamos que não só o percurso cronológico aponta o caminho de como a intelectual elege e ordena seu modo de ver o mundo, como o legado temático habitado significativamente por suas ações no cenário feminista.

Começamos com a ideia de que, já em sua época, Andradina preocupava-se em valorizar as mulheres e inscrevê-las na história cultural, assinalando o vácuo deixado especificamente pelas letras rio-grandenses sobre a produção das gaúchas escritoras – ainda naquele tempo. Essa expressão se concretiza quando lança à publicidade, *A mulher rio-grandense – 1 Série: Escritoras Mortas*. A produção recebe notas explicativas da autora:

De há muito venho afagando a ideia que ora procuro pôr em prática, a de escrever algo sobre as filhas do Rio Grande do Sul. [...] Em nosso país muito pouco se tem escrito sobre as mulheres que – não são poucas – têm saído da linha vulgar. [...] Sei que este [trabalho] que ora trago ao público, e os outros que surgirão em breve, longe estão de serem trabalhos perfeitos. [...]. Não ignoro as lacunas que existem nesta obra e peço instantemente, a todos que dela se perceberem e tiverem interesse pelo assunto que nos comuniquem, a fim de serem preenchidas em edição futura [sic] (1907, p. 8).

O projeto de Andradina consistia em dar visibilidade às mulheres literatas que saíam “da linha vulgar”, isto é, a autora atesta

louvores, naturalmente, ao avanço da literatura escrita por mulheres. Ao mesmo tempo, ela tinha consciência de que sua mobilização para organizar informações sobre as literatas significava reunir uma fonte documental há seu tempo, diga-se, ainda hoje, tarefa difícil de realizar. Evoca, então, a união da sociedade, “se tiverem interesse pelo assunto”, e de suas leitoras, grande parte também escritoras, para se manifestarem na defesa da relevante atividade exercida por elas e, com isso, dar vazão ao lugar delas na historiografia literária.

Com respeito à obra *A mulher riograndense*,¹¹² trata-se de uma antologia que deveria constar com mais quatro títulos: *Escritoras e artistas contemporâneas*; *Cientistas e amadoras da arte*; *Anjos de caridade* e *Tipos de beleza*, mas, conforme documentamos, somente a primeira série foi publicada. No conjunto, cada um desses momentos está em consonância com as etapas percorridas pelo movimento da construção da identidade intelectual feminina. Encontra-se, na contracapa, uma dedicatória para a filha, o que nos permite entender o porquê há, entre as fotos das escritoras mortas, a fotografia de Lola ainda criança. E, por fim, ao dar sua contribuição para compor a lista de nomes de escritoras gaúchas esquecidas em um passado não muito remoto, como barômetro do progresso feminino nas letras riograndenses, aos 43 anos de idade Andradina estampa sua foto na capa, parecendo mediar a imagem do novo modelo da mulher intelectualmente livre. Compondo esse juízo, estampa, em letras vermelhas, o título “A mulher riograndense”. Observamos:

¹¹²Preferimos manter a grafia “riograndense”, que seria grafada, na atualidade, “rio-grandense”.

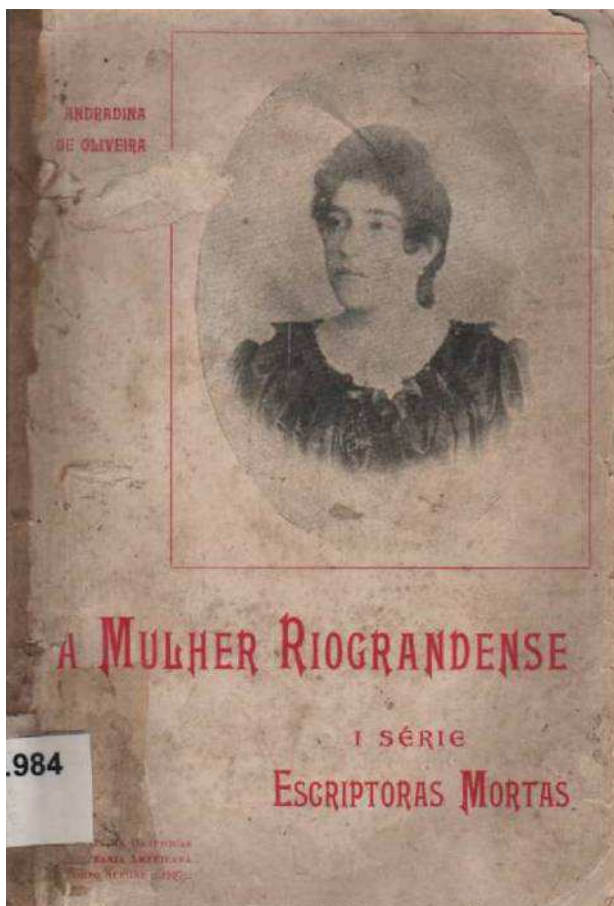


Figura 8: Capa original – foto do livro
(Acervo da Biblioteca Rio-Grandense)

Assim, a publicação consta de sessenta e cinco páginas com treze nomes de escritoras mortas, como bem diz o título, e, nessa conformidade, apresenta os seguintes nomes: Delfina da Cunha; Maria Josefa Barreto; Ana Eufrosina Euridice Barandas; Revocata dos Passos Figueroa e Melo; Rita Barém de Melo; Amalia Figueroa; Clarinda dos Passos Siqueira; Maria Helena da Câmara Andrade Pinto; Luciana de Abreu; Maria Benedita de Bormann (Délia) [sic]; Leocadia Grecco; Luiza Cavalcante Filha e Alayde Ulrich. Justificando as presenças destas mulheres na literatura, Andradiana compõe pequenos textos biobibliográficos, acompanhados de fotografias, mas de forma muito

concisa, motivo pelo qual registra preocupação quando escreve: “sobre muitas das figuras desta galeria são deficientes dados que estampo; é que me não foi possível obtê-las mais completos” (1907, p. 8).

Quanto ao aspecto biobibliográfico, diz respeito ao modo como a autora apresenta cada literata. Nele, justifica o feminino na literatura a partir dos qualificativos da condição de mulher, isto é, guardando nestes um “derivativo para as mágoas íntimas, espírito, inteligência e sentimento” (OLIVEIRA, 1907, p. 52). Vejamos um exemplo:

Maria Benedita de Bormann (Delia).

Na constelação rutila das escritoras de Rio Grande do Sul, brilha, com o raro fulgor dum astro de primeira grandeza, o nome de Maria Benedita Camara de Bormann, mais conhecida no mundo literário sob o pseudônimo de Delia. [sic.] [...] Aos 25 de novembro de 1853, nasceu em Porto Alegre, esta formosa e notabilíssima intelectual [...]. Desde muito moça, distingue-se no meio social que frequentava, pelos singulares dotes do seu espírito brilhante e culto, verdadeira inteligência de artista, realçada por todas as prendas que pode trazer uma educação esmerada. [...] O espírito torturado pelas desventuras da existência, a alma [...], o coração repleto de sonhos e ideais que foi dilacerado pelos espinhos agudos da realidade [...] voltam-se com frequência para os horizontes literários (1907, p. 51-52).

Daí provém, quem sabe, uma literatura vinculada à forma de “expansão aos sufocados sentimentos femininos que poderiam revelar-se pelos meios literários” (ALMEIDA, 1998, p. 33).

Sobre *A mulher rio-grandense*, acrescentamos que a informação valorativa interpretada por Andradina propicia, aos olhos do presente, uma forma de estabelecermos vínculos com o passado e entender o lugar onde produziu sua literatura, na medida em que sua narrativa é composta por conexões sociopolíticas, valores culturais, situações econômicas, e o grupo social representado; enfim, nos trouxe, o lugar que nos falava e para quem escrevia. Por essa via, sua literatura está ligada intrinsecamente ao sentido que ilustra o crítico literário Antônio Candido:

A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (CANDIDO, 2002, p. 74).

Nessa vertente da Crítica Literária, a Crítica Feminista ocupa-se em revisitar inúmeras obras produzidas pelas mulheres, principalmente os romances como forma privilegiada de entender a evolução concreta de duas realidades: tanto a instauração de um discurso feminista a partir de narrativas intrincadas com a realidade vivida, quanto, sob essa perspectiva, a mútua interdependência do conjunto que compõe a criação. Obras, muitas das quais merecem ocupar o lugar valorativo na literatura nacional, pois, afinal, “só supondo que algumas mulheres escrevessem, será que sua produção literária foi sempre tão inferior à dos escritores contemporâneos que justificasse sua não inclusão” [nas antologias literárias]? (1994, p. 6), pergunta a professora Constância Lima Duarte.

Pensar na literatura produzida por Andradina requer trilhar, mesmo que de forma concisa, o caminho das escritoras pioneiras na produção de literatura no Rio Grande do Sul. Nesse ínterim, é pertinente registrar os nomes de: Maria Clemência da Silveira Sampaio (1789-1862), Delfina Benigna da Cunha (1791-1857) e Ana Eurídice Eufrosina de Barandas (1806-?), escreveram obras cuja relevância se dá na relação sociocultural da literatura que produziram, fornecendo um valioso painel para o subtema proposto.

A primeira poetisa recita versos patrióticos em evento na então Vila do Rio Grande de São Pedro, em 1822, por ocasião da aclamação do novo imperador do Brasil, D. Pedro I. E por razão “do caráter político de que se revestem” (MOREIRA, 2003, p. 14), seus *Versos heroicos* tiveram publicação em 1823, patrocinados pela Imprensa Nacional. A essa importância, soma-se o fato de que, numa pequena povoação às margens da Lagoa dos Patos, situada longe do centro do país, um texto de autoria feminista tenha marcado presença num momento histórico importante no Brasil; “num vazio cultural da época, publicar um livro era uma ato de heroísmo” (1996, p. 29), diz Zahidé Muzart.

Já a poetisa Delfina da Cunha publicou, em prelos sul-riograndenses, na tipografia de Fonseca & Cia, em Porto Alegre, em 1834

(CESAR, 1956), suas *Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses*. Cega, fica órfã de pai e mãe, e desprovida de recursos para subsistência. Parte para o Rio de Janeiro, em 1826, onde coloca sua poesia a serviço do Império, “tendo com isso conquistado uma pensão do governo” (MUZART, 1996, p. 30).

O gênero narrativo ganha ilustração no nome da porto-alegrense Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, quando o volume *O Ramallete ou flores escolhidas no jardim da imaginação*, publicado em 1845, inclui o texto com o sugestivo título “Diálogos”, que discute a participação das mulheres no mundo político. O texto vem ao encontro de um agitado debate político no sul por conta da Revolução Farroupilha.

Voltemos a Andradina. Em 1910, chega ao público o primeiro romance publicado pela escritora, “escrito de um só folego, começado a 13 de maio e terminado a 13 de junho de 1909”, conforme escreve a autora em nota introdutória, intitulada *Dois Palavras*. Trata-se de um romance publicado, primeiramente, em suplemento no *Escrínio*, nos folhetins, desde setembro de 1909e, como tal, conta uma história seriada.

Para bem examinarmos o quanto a representação do feminismo foi um campo estratégico no exercício da ficção de Andradina é preciso lançar um olhar sobre o discurso singular da obra *O Perdão*, o romance precursor da literatura social urbana rio-grandense, escrita por uma mulher.¹¹³

O livro conta com a foto da autora na capa e, com efeito, perguntamos: seria mais uma vez a imagem do feminino, simbolicamente associada na apologia acerca das suas ideias? Observamos a capa:

¹¹³Sobre a literatura produzida no Rio Grande do Sul e, especificamente, produzida na cidade de Rio Grande, cabe destacar os nomes dos professores pesquisadores, Artur Emilio Alarcon Vaz e Mauro Nicola Póvoas, que mantêm, na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, o projeto de pesquisa “O sistema literário rio-grandino no século XIX: estudos sobre a sua formação e consolidação”. Disponível em <<http://www.fontes.furg.br/>>. Acesso em: 12 jul 2015. E sobre a produção das letras femininas, especificamente, Julieta de Melo Monteiro, ver MINASE, Maria Christina: <http://www.fontes.furg.br/images/stories/enlaces%20chris.pdf> Acesso em: 12 jul. 2015.

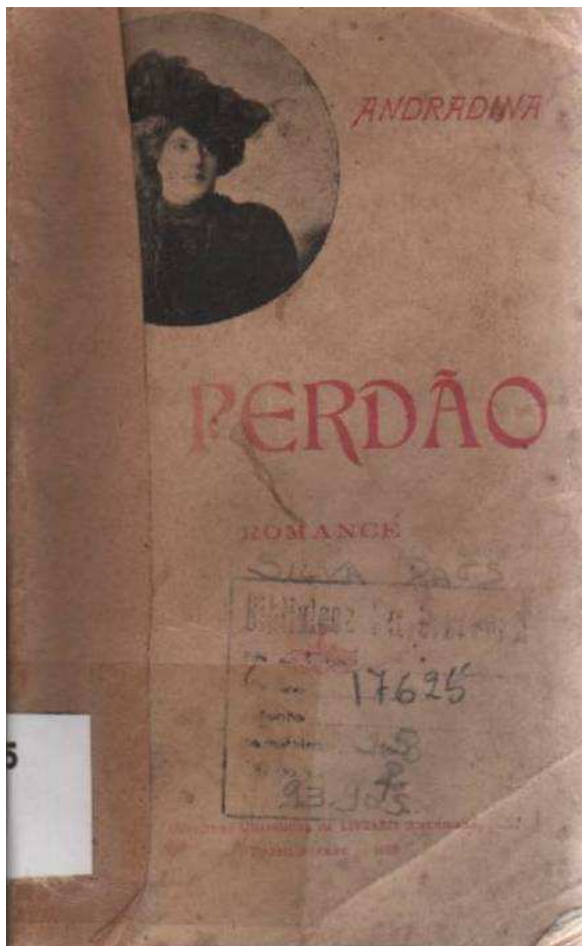


Figura 9: Capa original – foto do livro
 (Acervo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Coleção Cervos Especiais – JPE)

Em letras garrafais vermelhas, a capa estampa o primeiro nome da autora, sem o sobrenome, e o título se avoluma no centro. Deve ser observado que, por motivo de uma fita adesiva larga que molda o canto esquerdo do livro, talvez devido à restauração, o artigo “O”, que acompanha o substantivo “Perdão”, do título, está oculto.

Depois dos trabalhos os quais tiveram o livro *O Perdão*,¹¹⁴ como estudo, resta-nos pouco para falar sobre o referido romance; queremos, no entanto, sublinhar uma ideia: o Brasil republicano do início do século XX testemunha muitas mudanças no cenário social. Neste período, a mentalidade burguesa moderna viria proporcionar algumas transformações sociais, dotadas de novos valores culturais, no que se refere às teorias sobre a valorização dos indivíduos – baseada no pensamento Positivista.¹¹⁵ Porém, tal valorização não seria necessariamente sinônimo de progresso, uma vez que, na prática, a promoção das mulheres como força provedora do princípio da ordem moral da sociedade acabava por conter feições conservadoras, acentuando ainda mais a exploração de um sexo sobre o outro. Acontece que a autonomia feminina dava-se na esfera privada, no âmbito do lar, sob vigilância e controle masculino. Essa ambiguidade acaba por relativizar os espaços de representação e os sentimentos femininos esbarram na força incontrolável de sua natureza. Assim, tão inábil e tão astuta, tão abnegada e tão altruísta, tão individualista e tão subserviente, as mulheres caminharam para um estopim “trazendo uma carga de culpa e confusão na introdução de novos papéis” (LEITE, 1984, p. 26).

Nossa atenção, nesse âmbito, recai no item *personagens* de *O Perdão*, em que centralizamos o foco nas três irmãs: Estela, Lúcia e Celeste. Sob a égide da efervescência dos ideais positivistas fortemente consolidados no sul,¹¹⁶ procuramos compreender a representação que

¹¹⁴ Quando tratarmos especificamente sobre citações da narrativa, a identificação do romance será feita apenas pelo número de páginas. Pontuamos, também, que o trabalho foi realizado a partir da leitura da reedição de *O perdão*, de 2010.

¹¹⁵ Advogando sobre a concepção das diferenças biológicas entre os sexos e, como tal, atribuindo diferenças funcionais entre os pares, sustentando diferentes tipos de educação para homens e mulheres, o “Pensamento Positivista” – corrente filosófica da época – defendia a missão moral para as mulheres como educadora da sociedade e, por isso, concordava com a permanência delas nos lares. (SAFFIOTI, apud SILVA, 1999, p. 217) Concorria, ainda, com esse princípio, o liberalismo clássico e o liberalismo cientificista, este com ideias um pouco mais avançadas sobre a situação feminina.

¹¹⁶ Sobre a consolidação do pensamento positivista e sua influência na sociedade e na educação do Estado do Rio Grande do Sul, ver: TAMBARA, Elomar. *Positivismo e Educação - A educação no Rio Grande do Sul sob o Castilhismo*. Pelotas: UFPel, 1995. A consolidação dos princípios positivistas no Rio Grande do Sul deve-se a Júlio Prates de Castilho, que foi “presidente”, a tempo, do estado por dois mandatos e foi o principal autor da Constituição de Estadual de 1891, fortemente amparada nos ideais positivistas do filósofo francês Auguste Comte. Por esse viés, o castilhismo se firmou como corrente política e teve voz ativa por cerca de quarenta anos no Rio Grande do Sul. Júlio de Castilhos era membro do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e foi substituído por Borges de Medeiros, que seguiu firmemente os mesmos ideais. Depois Getúlio Vargas, o gaúcho presidente do Brasil, tentou implementar o

cada uma delas tem dentro do cenário patriarcal-burguês, sobre o qual incide a intervenção muito sutil da autora, que se utiliza de “interditos” para o singular tratamento que enceta sua índole combativa. Neste viés, surge a forma privilegiada da palavra da autora, que tem, na narrativa, um “complexo e sutil *jogo de vozes*” (TACCA, 1983, p. 17).

O Perdão narra uma história que se insere no contexto das transformações da *Belle Époque*¹¹⁷ no início do século XX, tendo como cenário a cidade de Porto Alegre, marcada pelos signos da modernidade: bondes, cafés, praças, confeitarias e o Teatro São Pedro, assim como suas “rotinas da coletivização” (BARBERENA, 2013, p. 91). Neste cenário, encontramos a família do patriarca, o dominador Leonardo de Souza, um fazendeiro bem-sucedido: a esposa, Paula, “de família honestíssima, porém pobre. [...] Sedenta por brilhar na sociedade, [...] aceita-o como marido” (2010, p. 49); três belas filhas – Estela, Lúcia, Celeste –; os agregados e muitos criados, entre eles escravos alforriados. Esta é a formação da composição típica da família da elite que mora em uma das ruas mais elegantes da cidade, em mansão localizada à beira do Guaíba. Compõe o cenário da típica família burguesa rural, que vive no centro civilizacional da cidade, em um ambiente doméstico predominantemente europeizado: móveis austríacos, “guardanapos de linho alvíssimos com [...] monograma bordado” (2010, p. 41), cortinas, toalhas e roupas confeccionadas na França, utensílios, cristais e, claro, etiqueta inseparável do requinte. Os cômodos dividiam-se em biblioteca musical, “a mais completa da mais escolhida que havia em Porto Alegre” (2010, p. 46), alcovas espaçosas, luxuosas salas de visitas e, completando o ambiente, o grande jardim com “bosque de bambus” (2010, p. 72) ao fundo.

O enredo percorre os espaços das múltiplas “capas culturais”,¹¹⁸ gêneses da formação identitária do Rio Grande do Sul, âmbito onde ainda a estrutura opressora colonial tenta manter valores e privilégios.

castilhismo em nível nacional no Estado Novo (1937-1945). Na cidade de Porto Alegre há, até nossos dias, seguidores do positivismo, tendo um templo localizado na Avenida João Pessoa, n. 1051, no Centro Histórico de Porto Alegre, com atividade semanal. Disponível em: <<http://positivismors.blogspot.com.br/2010/11/julio-prates-de-castilhos-e-o.html>>. Acesso em: ago. 2014.

¹¹⁷Sobre o período, ver NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Traduzido por Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹¹⁸ “Podemos entender por ‘capa cultural’ uma cultura que apresenta vários elementos culturais mais ou menos articulados. Desta forma, a cultura local não é analisada de acordo com a região geocultural, mas, sim, de acordo com a herança cultural recebida. Dentro desta perspectiva, podemos verificar que o Rio Grande do Sul recebeu cinco capas culturais: a cultura portuguesa, a cultura italiana, a cultura alemã, a índia e a cultura negra” (BELLOMO, 1996, p. 32).

Parte daí, ao gosto naturalista, a preocupação da autora que, notadamente, marca a presença dos sujeitos minoritários e lança um olhar crítico sobre “a oposição binária descrita entre as classes que ocupam os pontos extremos da escala social naquele momento histórico” (MAIA, 2010, p. 49). Entre a presença dos sujeitos minoritários, por sua vez, os empregados, os agregados da casa, os pequenos comerciantes, os trabalhadores imigrantes da Europa, em que se destaca o sujeito feminino e sua representação, que tem particular atenção da autora.

Ao estabelecer um olhar etnográfico fortemente amparado no regionalismo, Andradina traz à baila traços regionais marcados pela cor local. Os costumes e os dialetos retratam um contexto definido pelas suas especificidades, de forma especial na utilização das expressões e dos falares do gaúcho – que adornam os diálogos tanto dos personagens, quanto as intervenções da narradora, transformando o vocabulário em sinonímia local. São exemplo as palavras: “chimarrão” (bebida típica), “pala” (espécie da indumentária), “pagos” (terra natal), “pampas” (campos vastos e vegetação típica), “Chimarrita/Tirana/Boi Barroso” (músicas da cultura/folclores), e as expressões: “pagos” (2010, p. 35), “terra natal” (querência); “cambuiada” (2010, p. 60), (grupo, corja); “pinóia” (2010, p. 80), (coisa sem valor); “sustância” (2010, p. 82), (fartura); expressões que constam entre o vasto repertório. Ilustramos a “performance narrativa” na fala do personagem Leonardo de Souza, abaixo:

- Era uma chinoca linda a Luiza! Trouxe de canto chorado toda a rapaziada da Serra, naqueles tempos. Era uma trigueira vermelha, de boca rasgada com bonitos dentes claros. Tinha uns olhos que pareciam jabuticabas, de tão pretos! Duas tranças pesadas que luziam como penas de bambu, e bem feita, e ancuda, uns seios grandes, um corpanzil que vendia saúde e uma alma cheia de virtude. O Malaquias saiu tal qual a mãe [...]. Abençoada a hora que entreguei a fazenda ao Malaquias. O gado está soberbo! Ele pôs em prática a melhora das pastagens [...]. Encanta ver a invernada coalhada de vacas, de úberes que quase arrastam; bois fortes, de couro que brilha que nem cetim (2010, p. 38).

O recorte ressalta aos olhos uma identidade regional predominante situada na voz de um gauchismo rural; seja na descrição dos costumes e das lidas campeiras, seja na descrição da mulher do campo, a “chinoca”,¹¹⁹ que tem a beleza comparada à natureza, tais como “olhos de jabuticaba”, “trigueira vermelha”, “pernas de bambu” – as escolhas lexicais dão o tom. São, notadamente, características que, se não fosse a clandestinidade da historiográfica oficial, afinariam o romance aos “textos que se filiam ao projeto estético-ideológico da literatura de viés regionalista e cuja matriz, ancorada na preservação do cenário rural e seus valores, constitui veio dominante na literatura sul-rio-grandense” (SCHMIDT, 2010, p. 9). Ao mesmo tempo, fica bastante evidente que a autora “salienta, paradoxalmente, o desenvolvimento de uma modernidade no bojo de um espaço urbano” (BARBERENA, 2013, p. 89), o que significa dizer que coexiste um projeto estético associado aos valores em formação, uma vez que abre espaço para uma reflexão sobre as tensões sociais e as novas identidades, sobretudo, uma nova identidade feminina.

O Perdão narra uma história simples, mas só aparentemente, pois coabita um escrutinador olhar sobre as convenções do desejo oculto. As três irmãs são objetos da questão: Estela. “Era a primogênita. Herdara a plástica soberba da mãe, a *estrutura senhoril*, os *cabelos negros e bastos* [...]. A *boca, cravo umedecido* [...]. *De resto um temperamento nervoso, impressionante*” (2010, p. 41 [grifo nosso]); Lucia. “*Educada a seu modo, é mais amiga do lar do que da rua*” [...] [grifo nosso]. Celeste. É uma ingênua menina que *vive a estudar, a ler*, a tocar os seus instrumentos, a fazer versos, a pintar seus quadros [...]. É *uma criatura bem diferente das outras! Parece que nem é da terra! É uma santinha*”(2010, p. 88-89 [grifo nosso]). O jogo de vozes por detrás do fato narrado e o caudal conhecimento e apreciações sobre cada uma das mulheres corroboram, notadamente, para a construção da imagem das mulheres. A primeira construção arraigada pela efígie patriarcalista recai na tônica das palavras: “*estrutura senhoril*”, “*mais amiga do lar*” e “*santinha*”. A segunda é acrescida, concomitantemente, pelos sentidos lexicais das expressões “*temperamento nervoso*”, “*educada a seu*

¹¹⁹Chama-nos a atenção a imagem da “chinoca” que é descrita a partir de comparativos com elementos da natureza. Nesse sentido, a interface mulher do campo (chinoca) *versus* natureza parece fazer parte dos signos da identidade cultural sulina, o que nos remete, incondicionalmente, ao mesmo processo feito por José de Alencar com a índia tabajara, *Iracema*, na obra de mesmo nome, publicada em 1865. “A índia dos lábios de mel”, descrita a partir dos elementos da natureza, é o mito fundacional brasileiro na esteira da Independência política em relação a Portugal.

modo” e “vive a estudar, a ler [...] uma criatura bem diferente das outras”. Ao mesmo tempo, esses termos denotam arestas de um avaliação crítica; mesmo não destoando do consenso geral, a narradora salienta um terreno de suposições.

Em face da descrição física de Estela, “cabelos negros e bastos [...]”. A boca, cravo umedecido”, a narrativa dá lugar a um corpo erotizado (XAVIER, 2007)¹²⁰ e projeta marcações importantes sobre as disposições que antecipam, por assim dizer, uma conduta afastada de um padrão socialmente aceito, isto é, traços sedutores e não angelicais denunciam a imagem desviante de conduta e criam um espaço simbolicamente próprio. Neste contexto, a conversa que Estela tem com a mãe, Paula, sobre o casamento, funciona como coenunciador das ações as quais se ocuparão posteriormente os capítulos vindouros. Lemos:

- Oh! Então não vais experimentar teu vestido de noiva?!...

- Ah! Sim!! Mas, olha, sinto-me como nos outros dias, nem mais nem menos.

- Diz-me uma coisa, minha filha. Amas muito o Jorge? Tenho-te feito tantas vezes esta pergunta e tu sempre respondes com risos e beijo. [...]

- Escuta, Estela – disse Paula, segurando-lhe as fidalgas mãozinhas. Queres apaixonadamente teu noivo?...

- Apaixonadamente? Como apaixonadamente?... [...]

- Tu casaste com amor por amor com o papai? - Perguntou, bruscamente séria, Estela, cravando nos olhos de Paula os seus enigmáticos olhos verdes.

- Tu duvidas?

¹²⁰Dada a importância que o “corpo” tem hoje para as teorias feministas, Elódia Xavier (2007) desenvolve seus estudos acerca das representações do corpo feminino ao longo da história da humanidade. Levando em conta alguns teóricos como Elizabeth Grosz, Julia Kristeva, Nancy Chodorow e Arthur W. Frank, a autora analisa a importância do corpo na organização social a partir das posições ideológicas e representações científicas e filosóficas dentro de um conjunto de regras em função das quais ele está sempre em processo. Por essa via, Elódia provoca reflexões sobre a representação do corpo dentro das narrativas de autoria feminina produzidas do século XX até a atualidade. Considerando as várias representações e as situações que o corpo feminino ocupa, são significativas de representação as seguintes conjurações: corpo invisível, corpo subalterno, corpo indisciplinado, corpo envelhecido, corpo imobilizado, corpo refletido, corpo violento, corpo erotizado e corpo liberado. (p. 26)

- Eu era paupérrima! - Disse em voz baixa - meus pais velhos e doentes... Tinha um medo horrível de ficar desamparada se eles morressem... [...]

- Estela, assim como sem amor não pode haver felicidade no casamento, também sem conforto não há enlace possível. Depois teu pai era um rapaz bonito, atraente e de grande coração [...] presentei mesmo que viria a amá-lo até mais que o outro... E para que te ocultar coisa alguma? Desejei riqueza... quis aparecer na sociedade. [...]

- Gosto de Jorge! Dentre os rapazes que me disputam ele foi o único que me estimou sinceramente. [...] Jorge é rico. [...] sabes, já tenho vinte anos, quero ter um lar, porque só dentro dele somos verdadeiramente rainhas!- terminou irônica e sedutora [sic](2010,p. 65-67 [grifo nosso]).

No início do diálogo, a narrativa denota um tom melancólico sobre o casamento e os ideais intactos do sistema, mas revela, por outro lado, certa “negação do imperativo patriarcal” (FELIX, 2007, p. 52), quando permite que Estela penetre em um lugar inefável e transgressor, conforme observamos na sua fala: “sabes que já tenho vinte anos, quero ter um lar, porque só dentro dele somos verdadeiramente rainhas”, que se confirma no discurso crítico da própria narradora, que completa: “[Paula] termina irônica e sedutora”. “O fato é que os posicionamentos que residem na ótica narrativa não deixam dúvidas sobre o alinhamento entre a narradora e a personagem” (SCHMIDT, 2010, p. 22).

Já casada com Jorge e mãe de dois filhos, seduzida pelo estilo Don Juan de Armando, sobrinho carioca do marido, Estela torna-se prisioneira da paixão avassaladora. A partir daí a destituição da família aristocrática de Leonardo de Souza é o centro da narrativa e o adultério feminino torna-se um elemento sintomático da demarcação dos limites e “da queda do indivíduo duplamente assujeitado: às leis da carne que é fraca, e as pressões do meio, [...] colocando-a num caminho sem volta e sem opção” (SCHMIDT, 2010, p. 16). Nesta ordem cultural, o “corpo feminino” útil, dócil, controlado pelo código moral da sociedade, abre-se ao desconhecido e fica à mercê do imprevisito. Estela traz em si o processo dramático em que as dúvidas transformam-se em um exaustivo e doloroso processo de autoconhecimento, ocupando as páginas finais do romance que culmina no suicídio da moça. Sobre esse feito, a professora Rita Terezinha Schmidt faz uma análise introdutória na reedição do romance, em 2010, conclui que o suicídio é “como uma

denúncia de leis que decretam a ilegitimidade da mulher que rompe com o contrato social da indissolubilidade do casamento” (2010, p. 22). O casamento institucionalizado naquela centúria, frequentemente se assentava em dramas e tragédias familiares, uma vez que muitas vezes o conflito residia entre “a aliança e o desejo, pois, quanto mais cerradas as estratégias matrimoniais para assegurar a coesão familiar, tanto mais canalizavam ou sufocavam o desejo” (ALVES, 2002, p. 9).

A mulher do século XIX era tida como uma eterna doente branca, pálida, trêmula, fraca e de natureza sensível que se traduzia em comportamento dócil, moral, frágil e maternal. Qualquer conduta fora desse padrão era transformada em patologia. Como transformar esses papéis? O “temperamento nervoso” de Estela é resultado e indício de contestação intrínseca de mudança. A madona transforma-se em amante, insolente e imoral, mas morre por não saber lidar com a relação entre a natureza, o desejo e o moral, a tradição do meio. *O Perdão* anuncia os sinais de rompimento, marcando a tensão entre os dois mundos antagônicos.

Mesmo retomando temas recorrentes, como o adultério, em romances do seu tempo, a exemplos de *Lutas do Coração* (1898), de Inês Sabino, e *A Falência* (1901), de Júlia Lopes de Almeida, Andradina, cronologicamente situada um pouco mais adiante, ocupa-se com as mudanças pelas quais a sociedade passava. Por essa via, apresenta a personagem Estela como um símbolo dessas transformações. Mostrar simbolicamente a passagem que era atravessada de uma ordem para uma desordem, isto é, de um limite inflexível para um ato transgressor de ações individuais, denota uma consciência significativa da romancista, uma vez que “Estela torna-se uma vítima do código da moralidade burguesa” (SCHMIDT, 2010, p. 18). Eis a questão da aliança entre a autora e seu romance, pois, dois anos mais tarde, Andradina escreveria o romance tese *Divórcio?*, livro que põe a nu, por excelência, a luta engajada na questão absolutamente relevante para as mulheres.

Tratamos, agora, das duas outras irmãs, Celeste e Lúcia. Não deve passar despercebido ao leitor a preocupação da narradora em descrever o comportamento de cada uma delas. Observamos:

Celeste foi sentar-se junto a uma das portas abertas para o jardim e aspirava ao casto aroma dos jasmineiros. Os seus olhos sombriamente azuis, fitavam a serenidade do firmamento. Tremulo suspiro desprendeuse-lhe do seio velado

pela carícia da nívea blusa. Porque era no íntimo tão triste, interrogava-se, experimentando uma grande necessidade de chorar ali mesmo. [...] Devia se considerar feliz, muito feliz! Que lhe faltava? Riqueza, afeição, juventude, beleza, inteligência... tudo! tudo tinha! E vivia sempre pesarosa, sempre recolhida consigo mesma, a mediar coisas. Tinha pressentimentos de mágoas futuras naquele presente faustoso. Por que não? A vida é feita de riscos e dores (2010, p. 54-55 [grifo nosso]).

Por mais inocente que possa parecer o romance, evidentemente um drama passional, quando a narrativa apresenta cenas comuns e intrigas amorosas, observa-se que relativiza comportamentos da nova geração republicana, conferindo-lhes conflitos internos. No trecho acima, por exemplo, a autora justapõe uma descrição material, com o propósito de descrever o palco onde Celeste volta-se para si, evocativa. Examinemos o desenrolar da narrativa: “Porque era no íntimo tão triste, interrogava-se, experimentando uma grande necessidade de chorar ali mesmo. [...] Devia se considerar feliz, muito feliz! Que lhe faltava? Riqueza, afeição, juventude, beleza, inteligência... tudo! tudo tinha!!” (2010, p. 54) O apanhado psicológico da cena apresenta o estado mental da personagem, acrescentando-lhe pureza e virtude, contudo, envolta em um conflito: “E vivia sempre pesarosa, sempre recolhida consigo mesma, a mediar coisas [...] tinha pressentimentos de mágoas futuras naquele presente faustoso. Por que não? A vida é feita de riscos e dores. [...] Ah! Bem ditosos os que partiram cedo!” (2010, p. 54). A ausência de sentidos, a melancolia e a tristeza presentes compõem o drama da existência da mocinha, o que insinua um devir sem final feliz, porque Celeste morre quando descobre a fuga de Estela com Armando, homem por quem curtia uma paixão não correspondida.

Lúcia é outra margem mediada pela narradora que questiona as situações estáticas das mulheres na esfera da geração positivista. Mesmo mantendo a posição que a mulher tem responsabilidades pátrias, e, por isso, reconhece a família como núcleo moral da sociedade, a autora questiona o papel dessas mulheres quando reconhece que há necessidade de se reavaliar a educação e a verdadeira contribuição delas na sociedade, por via de uma profissão fora do lar, ideias que ficam claras nas edições do seu *Escrevão*, como veremos no Capítulo 2.

A meiga Lúcia é a personagem que representa o quadro da tradição do modelo familiar. Em um primeiro momento, a moça bem

comportada, de espírito piedoso, caridoso e virtuoso, alimenta “as identificações do corpo social com valores muito caros à classe dominante da *Belle Époque*” (SCHMIDT, 2010, p. 23). Excelente intérprete, a musicista vivia a cantarolar, nas reuniões de família, encantando a todos com seus belos dotes. Agindo pela força do estereótipo moral da caridade, a autora apela para o jogo da personificação do bem, quando narra o episódio em que Lúcia abre as portas do jardim da mansão para alimentar os pobres, como fazia costumeiramente. Cena verbalizada na narrativa abaixo:

- Lúcia, os teus pobres já estão aí! Gritou tia Zina do jardim.

- Já vou ter com eles! – e a moça, chegou à janela, pegando na gravatinha de renda da blusa cor-de-rosa o broche de coral.

- Ô Tico, leva aqueles coitados lá para o bosque dos Bambus! A sia Lúcia já lhes vai dar de comer.
[...]

Lúcia entrou na varanda:

- Titia, não vens me ajudar na distribuição do cozido dos pobres?

- Vou, minha filha, vou.

- Tens uns niquezinhos para eles maninha?
[pergunta para Celeste]

- Tenho, Lúcia.

- Contaste quantos são?

- Conteí. Vinte.

[...]

- Vamos titia, “dar de comer a quem tem fome”(2010, p. 61-62; 69)

Levando em conta a margem minuciosa da narrativa sobre o perfil de Estela, Celeste e Lúcia, lugar onde encontramos reflexões e generalizações, encetamos nossa análise na noção de que a obra não reside exclusivamente nos recursos técnicos e informais, mas fora deles, ou seja, a forma de pensar de Andradina esteve intrinsecamente ligada à sua forma de escrever, pois suas abordagens imprimem um conjunto de interpretações que “partem da perspectiva do sujeito e de sua narrativa com sequência de sentidos” (KOFES, 2001, p. 24). Em outras palavras, sem *happy end*, o romance de Andradina narra o “inenarrável” e dissemina inúmeras perspectivas de interpretações.

Por se tratar de uma obra cara aos Estudos Feministas, sendo o livro “um espaço literário onde as dores e os conflitos emocionais enfrentados pelas mulheres raramente protagonistas pudessem ser ouvidas” (MAIA, 2010, p. 84), e

a par da abordagem pouco usual de dilemas emocionais femininos em *O Perdão*, a narradora inova, tanto ao justapor uma visão psicológica ao papel identificado da mulher perante a comunidade a que pertence, mostrando as dificuldades e obstáculos pertinentes à constituição de uma individualidade própria, quando ao utilizar a moldura do urbano [...] vale-se do olhar do outro [...] deixando claro o lugar de onde ela fala. Este lugar é do sujeito subalterno que sabe que terá poucas chances de ser ouvido, mas mesmo assim cria sua arte na esperança de que um dia o seja (Ibidem, 2010, p. 85).

Após cem anos decorridos da publicação de *O Perdão*, pela Livraria Americana, houve o lançamento de uma edição comemorativa, contando com a organização e introdução da professora Rita Terezinha Schmidt¹²¹; Vejamos a capa da reedição.

¹²¹ No que se refere a publicação, a fixação de textos e notas de Rosane Saint-Denis Salomani e Anselmo Peres Alós; a coordenação editorial da professora Dr.^a Zahidé Lupinacci Muzart; os projetos gráficos e editoração de Rita Matta e a capa de Gracco Bonetti, obtendo apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, e publicado pela Editora Mulheres, de Florianópolis, Estado de Santa Catarina.

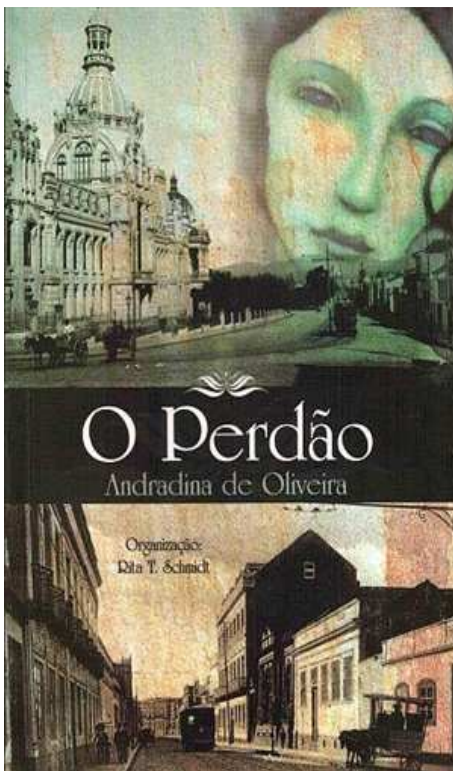


Figura 10: Capa da última edição de *O Perdão*
(Fonte: BONETTI, 2010. In: OLIVEIRA, 2010)¹²²

Quando estamos a estudar algo historicamente situado em um tempo e em um determinado contexto, estamos a estudá-lo dentro das relações de movimento e de mudanças. O núcleo da representação histórica, no recorte escolhido para o sub-tema da tese, propõe entender e estender os entrelaços entre o passado, o presente e os anos por vir a partir das posições ocupadas pelas mulheres dentro e fora dos textos literários. Com esse propósito, partimos da consciência de ser/fazer feminismo de Andradina na análise lúcida que fez no romance *O perdão*. Nele, a autora diagnostica questões imbricadas na organização da sociedade que eram fundamentais para a representação política e

¹²²Capa da edição comemorativa lançada pela Editora Mulheres que ilustra a reportagem Porto Alegre da Belle Époque, de autoria de Amanda Zampieri. Disponível em: <http://ocafe.com.br/literatura/andradina-de-oliveira-e-a-porto-alegre-da-belle-epoque/>. Acesso em: 8 mai. 2015.

cultural do corpo feminino, este “a grande vítima dos abusos e opressores preconceitos sociais” (1910, p. 27), segundo a própria autora. Combativa, a romancista segue cáustica a diagnosticar a ideia de que as identidades não são fixas e, por essa via, lança o romance *Divórcio?*.

A lei do casamento civil, promulgada pelo então governo provisório, em 1890, trouxe novas esperanças para as feministas, porque “ao mesmo tempo em que começavam aparecer na imprensa as notícias sobre a obrigatoriedade do casamento civil, tem início também as manifestações sobre a possibilidade da implantação do ‘divórcio vincular’ – a possibilidade de um novo casamento” (SENNA, 2002, p. 67). Entretanto, mesmo com a separação legal entre a Igreja e Estado, levado em conta pela Constituição de 1891, o catolicismo se opôs firmemente à legalização do divórcio.

Neste cenário, poucas feministas tomaram o tema como questão maior no quadro de suas preocupações, porque o desquite, “a separação do leito, mesa e habitação”, possível em determinadas circunstâncias, já era uma solução satisfatória para algumas das mulheres. (HAHNER, 2003) Poucas, mas nem todas estavam satisfeitas com a norma. No começo do século XX, feministas como Mirtes de Campos,¹²³ a primeira a exercer a advocacia no Brasil; Inês Sabino, educada na Europa; Emília Moncorvo (ou Carmem Dolores) e Francisca Clotilde foram mulheres que defenderam publicamente a legalização do divórcio, apoiando as ideias de emancipação feminina em favor da moralidade social. Aliada ao grupo, Andradina coloca o divórcio como temática relevante no seu trabalho e luta firmemente pela sua legalização. Formadora de opiniões, publica o livro *Divórcio?*, Vejamos a capa original:

¹²³ No dia 22 de setembro de 1907, “mereceu atenção da referida folha rio-grandina [o *Diário do RioGrande*] a carta que a Exma. Sra. Dr.^a Mirtes de Campos, bacharel em direito e propugnadora do divórcio, endereça ao último dos escritores católicos; a bacharel foi responsável pela defesa da lei do divórcio do Instituto dos Advogados no Rio de Janeiro” (SENNA, 2002, p. 79).

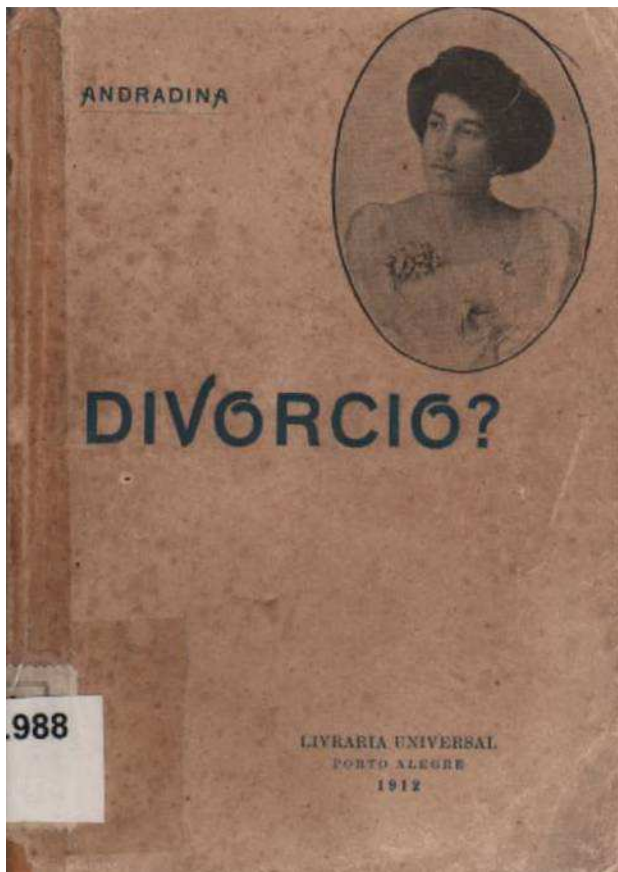


Figura 10: Capa original – foto do livro
(Acervo da Biblioteca Rio-Grandense)

Outra imagem histórica, a fotografia simbolicamente representa um vestígio do legado que vem em auxílio da memória. Sem fugir do *design* dos livros publicados anteriormente, ele contém a foto da autora, ao lado, seu primeiro nome e o título em letras garrafais no centro.

De uma forma direta, o romance *Divórcio?*, é a porta aberta de/para uma inflamada literatura feminina/feminista¹²⁴ que condena a

¹²⁴Ambos os termos importam nas conceituações trabalhadas aqui; isto é, tanto “a ‘literatura feminina’ escrita por mulheres, quanto a ‘literatura feminista’ produzida por mulheres que daria à sua escrita uma expressão e um ponto de vista feminista numa construção de uma subjetividade que se coloca em conflito com as exigências sociais e culturais” (SCHMIDT,

sociedade que “em tudo se macula e em tudo se enxerga o vício, a imoralidade”, (2007, p. 30) e onde “a mulher é sempre condenada!” (2007, p. 30),¹²⁵ desabafa Andradina. O romance questiona o casamento como questão intrínseca da organização social e, diretamente, na acepção dos limites e efeitos do seu caráter de indissolubilidade que, segundo a autora, eram consequências imorais e desastrosas para as relações humanas.

Em estilo epistolar, o romance é narrado pelas várias histórias, as quais são desenvolvidas em vinte e cinco cartas, cujos remetentes e destinatários são múltiplos.¹²⁶ Surgem, então, vários personagens narradores, homens e mulheres, denunciando os graves problemas de convivência conjugal, tais como infidelidade, maus tratos, difamação e abandono, todos os infortúnios efeitos de casamentos mal sucedidos. Por essa via, os matrimônios indissolúveis de natureza sacramental e calcados na materialidade e bens são a condição da sustentação dos depoimentos dramáticos. Como um lado épico da verdade, a autora anuncia que seu livro é um *livre à clef* (2007, p. 27), isto é, as personagens remetem a pessoas reais, as quais a autora deu nomes fictícios, embora as identidades tornam-se transparentes, pois, segundo ela, não há um “que não tenha sido copiado *d’après nature*” (2007, p. 27) – da realidade.

A literatura de Andradina refletia a atmosfera dominante de consolidação do Estado Nacional Republicado, este, associado às transformações decorrentes da multipolarização dos interesses sociais, amplamente difundidos em toda a sociedade brasileira. Dentro deste cenário, o divórcio era alvo de algumas das feministas, uma vez que, no final do século XIX, a secularização do casamento permitia a separação física dos corpos em casos específicos, mas continha, ainda, o ranço sacramental que se estendia pelo século XX. Em pauta estava o desquite que determinava a indissolubilidade do vínculo matrimonial, mas sem

Rita T. *Sob a ótica da mulher*. Artexto, n. 7. Rio Grande: FURG, 1996, p.141-163 [Entrevista cedida à Eliane Campello].

¹²⁵ Quando tratarmos especificamente sobre citações da narrativa de o *Divórcio?*, a identificação do romance será feita apenas pelo número de páginas.

¹²⁶ Segundo a pesquisadora Eliane Vasconcellos (2008), as cartas que contam com um surgimento milenar “já se manifestavam entre os povos antigos [...]. Com um tom íntimo e/ou confessional, as missivas eram sigilosas e continham, muitas vezes, o timbre de um anel como referência de caráter privado, típico da Idade Média. Na sua evolução, as cartas tornaram-se documentos e objetos de estudos, inclusive com manuais relativos às regras para sua composição, como é o caso do *Manual do namorado*, publicado em 1897 por Figueiredo Pimenta, no Brasil” (p. 377). Vasconcellos completa o artigo *Intimidade das confidências*, escrevendo que “podemos ter cartas dirigidas a um destinatário real ou a um destinatário fictício” (p. 377).

permissão de os cônjuges contraírem novas núpcias. Sobre a criação ficcional de Andradina neste cenário, lê-se, em Hilda Flores:

Inserida na campanha que em 1912 tramitava no Congresso Nacional, em um mês Andradina escreve a obra reivindicatória *Divórcio?*, um libelo à sociedade de seu tempo, aferrada a preconceitos estereotipados de opressão masculina, em detrimento da mulher, a menos preparada, considerada a parte fraca, destinada a permanecer no lar e aí educar os filhos nos valores morais e religiosos implantados, de maneira a fazer repetir, nas gerações subsequentes, o papel de dependência e inferioridade femininas (2010, p. 15-16).

O romance trata de relacionar texto e contexto dentro do significativo conjunto de interesses que circulavam pela imprensa, diga-se, órgão com relevante papel na formação da opinião pública na cidade do Rio Grande.¹²⁷

No *Divórcio?*, Andradina reafirma sua intenção de valer-se da literatura para chamar atenção da sociedade sobre a questão de casamentos malsucedidos e a problematização em seu entorno, porque sobre o divórcio havia, certamente, uma questão de interesse unânime para as leitoras: as severas pressões sociais sobre a mulher separada. Mantendo a intenção de se ocupar com o divórcio no sentido pleno, ou seja, a permissão de novos casamentos entre os pares, o romance foi uma ferramenta de luta para o feminismo de atuação de Andradina de Oliveira.

Comprometido com essa luta, o romance está explicitamente associado ao movimento e a escritora registra, na primeira página, uma nota cuja composição vem a ser muito mais do que uma dedicatória, mas um reconhecimento público “àquele espírito superior que teve revoltas santas para todas as justiças” (2007, p. 25). Trata-se da referência feita à Emilia Moncorvo Bandeira de Melo, ou Carmen Dolores,¹²⁸ *A grande evangelizadora*, título em que Andradina reafirma

¹²⁷ Sobre as questões/discussões do divórcio nos jornais rio-grandinos, ver: SENNA, Adriana Kivanski de. *O Casamento e o divórcio nos jornais rio-grandinos* (1889-1914). Rio Grande: FURG, 2002.

¹²⁸ Com reconhecido talento como escritora, contista, cronista, dramaturga e colunista do periódico *O País*, a intelectual também foi grande batalhadora na luta pela educação e pela luta da implantação do divórcio no Brasil, conforme já referenciamos. Contemporâneas nas lutas,

seu árduo compromisso com as lutas pela valorização da mulher, declarando que: “eu, sofredora campeã do Feminismo, aqui, neste espaço pujante do Brasil, que é o Rio Grande do Sul, a minha terra! [...] tenho ao menos o mérito da sinceridade de uma alma bem irmã da sua” (2007, p. 25).

Quanto à composição da narrativa, segue-se à introdução uma espécie de prólogo – com uma carta aberta à sociedade – em que a autora faz um chamamento *Às mulheres e aos homens do meu país* (2007, p. 27). O tom vocativo expõe e sustenta um conjunto de argumentos sobre o divórcio como “uma questão de urgente atualidade brasileira”. Abaixo, procuramos reunir sucintamente alguns elementos do texto: mesmo sendo uma citação longa, consideramos imperiosos para avaliar a dimensão da luta travada por Andradina:

Quando se ergue essa questão, eles, os antídívorcistas, saltam em arreganhos de ofendidos melindres, numa cômica bancarota da lógica e empurram para a frente os velhos chavões da dissolução da família, da situação dos filhos, da depravação dos costumes, dos motivos religiosos.

[...]

Dissolução da família? - Ela está de fato dissolvida desse que o adultério, seja do homem, seja da mulher, nela penetrou.

[...]

Situação dos filhos? [...] Não é ela, pior vendo os pais desaparecer o sentimento de mútuo respeito, assistindo a inevitáveis e degradantes cenas que, diariamente, surge entre esposos moralmente divorciados?

[...]

Depravação de costumes? - Estará ela a espera do divórcio para surgir? Não! É um produto imediato desse indecente desquite sancionado pela legislação vigente [...] o qual conduz ao concubinato, ao meretrício.

[...]

Motivos religiosos? - Esses são mais sérios. [...] O casamento é contrato ou casamento? Na primeira hipótese, todo o contrato supõe um possível

distrato. Na segunda, a Igreja ergue-se do seu formalismo para decretar a indissolubilidade! [...] Condenar a mulher e o homem, já divorciado, e que experimentem um novo afeto, a passar a vida sem gozar a aventura de se unirem legalmente, publicamente, moralmente ao ente querido, não é um monstruoso crime, cometido em nome da mais sublime das religiões – a religião do Amor e do Perdão??! [...] Não rasga o padre, muitas vezes, a batina e não vai construir à face da sociedade o seu ninho de amor??

[...]

Também o positivismo, a religião das humanidades, criada pela mentalidade superior de Comte, condena a mulher à viuvez perpétua. Dirão que também ao companheiro; mas o positivista, como o padre, é também homem, e tem o direito de amar e, como aquele, pode ter instantes de envelo e esquecimento até.

[...]

Ora, diga-me. O viúvo [...] pode lá se conservar numa viuvez eterna, sentindo necessidade de compensação, num amor puro [...] Por que não poderá ele construir um segundo lar?

[...]

Aqueles que como eu, acreditem firmemente na realidade do progresso moral, na evolução humana, não porão mesma dúvida em admitir que o divórcio seja um estado transitório e que, com o aperfeiçoamento das espécies, daqui a uns tantos séculos terá, talvez, desaparecido a sua necessidade (2007, p. 27-33).

Consciente da luta contra a “moralidade simulada e conservadora da sociedade”, a carta logo adverte: “Abri-o sem medo: é um livro moral” (2007, p. 27). Reitera, nas linhas seguintes, que o livro é “moral porque é sincero [...] moral porque o vivifica um intenso e nobre ideal; moral porque é puro, oriundo de uma das nossas mais dolorosas necessidades sociais...”. Ciente da difícil cruzada, pois poucas vozes tiveram a coragem de desvelar suas razões pela luta do divórcio e consciente da forma ousada de apresentar suas ideias, a autora diz: “atiro-o, inteiramente, à publicidade” (2007, p. 27).

A carta introdutória é a voz que constitui a realidade da narrativa romanesca. Nela, a autora desabafa: “uma esperança nutro,

animadora: os que meditadamente percorrem as cartas que ali vão, dessa leitura sairão menos infensos ao divórcio” (2007, p. 27).

A partir dessa introdução, entra um narrador, uma narradora, outra e mais outro cujos nomes são Georgina, Alexandre, Rosália, Lucia, Consuelo, Sylvia, Dinah, Amália, Velúnia, Armando e tanto mais. As cartas numeradas, até o número vinte e cinco, são fragmentos e impressões de pessoas que falam de si e de suas dores. Cartas que formam um conjunto memorial de agravos em dramas que não são exclusivos de um personagem, mas vários os “que se submetem a cristãmente aos infernos dos casamentos *mal assortis*”¹²⁹ (2007, p. 29).

Os textos-cartas que compõem uma síntese de temas recorrentes são precedidos por epígrafes escritas por personalidades não fictícias, como Carmen Dolores, Balzac, Coelho Neto, João do Rio, Tolstoi, entre alguns nomes ilustres que são encarregados de um pré-texto, como um ponto de apoio ao texto que segue. Tomamos, como exemplo, a carta de número dezoito:

O mais maravilhoso dos livros é o do amor.
Goethe

O amor é um grande sol. E ele é que faz famosa a natureza.
Coelho Neto

A alma tem uma alma que é o amor. Por isso a luz e a alma se parecem,
Porque a luz tem calor e a alma tem amor.

Emílio Castelar

Seguimos com o exemplo da missiva de número dezoito, que é a resposta de Velúnia para a amiga Branca, quando narra a experiência de um novo afeto. Lemos: “Eu estou ligada a Eurico à face da natureza e, portanto, à face de Deus [...]. Chamamo-lo o Amor e ele sorri. O caso é que me fez olvidar aquele passado de vergonha em que, ao lado de um marido infame, eu nada valia” (2007, p. 119). Nota-se o tom poético existente no discurso: “Qual lindo pássaro alvissareiro entrou-me em casa, a cantar a tua ternura, de envolta mesmo com os aromas do jasmineiro e laranjais floridos e das rosas que, numa orgia casta, se

¹²⁹*Mal assortis*- em que os cônjuges não combinam e não se entendem.

multiplicam e seduzem, lá pelo jardim, onde as borboletas e os colibris com elas se inebriam” (2007, p. 118).

Conquanto em algumas das cartas a romancista pontue graves problemas de desigualdades sociais nos domínios civis, econômicos e das convenções conjugais, em outras, ela traça um quadro comparativo entre a educação dos meninos e das meninas, que seria, para a autora, a raiz de todos os problemas. É o exemplo da carta de número vinte e dois: “A mulher é uma criatura desgraçada? Em minha opinião, muito desgraçada, desde o berço! [...] O homenzinho vai, desde logo, se arvorando em protetor: a mulherzinha vai se encolhendo na sua posição protegida. A mãe inconsciente, ignorante, acentua a distinção” (2007, p. 137).

Júlia Lopes de Almeida ganha um registro especial no romance, pois como um recurso “de verdade autorizada”, isto é, uma escrita fora da ficção, a autora registra uma epígrafe assinada pela colega que dividia consigo, em *A Mensageira*, revista publicada em São Paulo, a luta pela formação de uma consciência social sobre os direitos das mulheres. Lemos:

*Aceito o divórcio, o que acho uma necessidade.
O Estado não irá obrigar ninguém a se divorciar,
Como não obriga ninguém a ser livre pensador.
As famílias católicas continuarão a encerrar
Como eterna e indissolúvel, a união conjugal.*

Júlia Lopes de Almeida

Por fim, o livro traz um texto contendo uma história das interpretações de todas as cartas publicadas, como se fosse a reprodução do eco de todas as vozes em uma única *Súplica*, título da página final. Nesta, uma “persona” apenas identificada como “aquela que muito sofreu” é a voz da enunciação e traz, igualmente, um discurso de testemunho.¹³⁰ Tal discurso é um produto que marca a subalternidade na voz: “Mártir excelsa, que há vivido a grande vida dos séculos imersa na noite da ignorância, na agonia, suprema da opressão!...” (2007, p. 164).

¹³⁰ Etimologicamente, um “testemunho” é alguém que toma parte de um processo ou, nesse contexto, ela toma parte numa linguagem de senso comum, portanto, tal expressão é tomada como sinônimo de “identidade” partilhada pelo mesmo grupo. O conceito de identidade aqui é um conceito posicional, tomado de empréstimo de Stuart Hall (2000), segundo o qual “as identidades são construídas dentro e não fora do discurso; nós precisamos compreendê-la como produzidas em locais históricos específicos” (p.109).

Sobre a relevante atuação nas letras e a contribuição significativa para a formação da opinião pública, Andradina recebe notório reconhecimento do então Deputado Floriano Britto.¹³¹

Câmara dos deputados

Talentosa e eminentíssima Patrícia
Muito e respeitoso saudar.

Só agora acuso, agradecendo penhorado, o recebimento do seu livro propaganda DIVÓRCIO? e do seu curioso romance O PERDÃO. Cujo valor que me devia merecer uma leitura demorada, atenta, explica a demora desse meu tardio, porém efusivo reconhecimento.

Houvesse dez mulheres, com o talento, o preparo estético e o espírito liberal da eminente Patrícia, e a nossa luminosa Cruzada se transformaria, em breve, numa vitória deslumbrante.

Não esmorecemos porem, na refrega que bem merece a causa e é certo o dia do triunfo.

Envio-lhe um exemplar da justificação com que amparei na Câmara a apresentação do projeto.

Beijando-lhe as mãos sou seu humilde patrício e admirador.

Floriano Britto.

12 de outubro de 1912 (OLIVEIRA, 1958, p. 112).

A despeito de ter sido “considerado como um dos clássicos da literatura do gênero, no que desnuda valores doutrinário-moralistas próprios da sociedade brasileira de um século atrás” (FLORES, 2007, p.

¹³¹Para defensores do feminismo, o divórcio “pleno”, que permitiria que os pares construíssem uma nova família, era a grande meta a ser alcançada. Na Câmara, o deputado Érico Coelho teve, em 1893, seu projeto rejeitado no Legislativo Federal por 78 contra 35 votos. Da mesma maneira, em 1900, o projeto do senador Martinho Garcez e, em 1908, o de Virgílio de Sá Pereira. Em 1910, chegou a vez do então deputado Floriano Britto receber recusa no Legislativo pelo seu projeto em favor do divórcio pleno. Muitos foram os projetos de lei discutidos no Senado e muitos eram os deputados que estavam contra a legalização do divórcio, mas havia muitos a favor, também, como os “ilustres defensores: Coelho Rodrigues e Accioli, e opositores: Gomes de Castro e Coelho Campos” (SENNA, 2002, p. 72).

18), *Divórcio?* foi reeditado em 2007.¹³² Abaixo, a capa da obra reeditada:

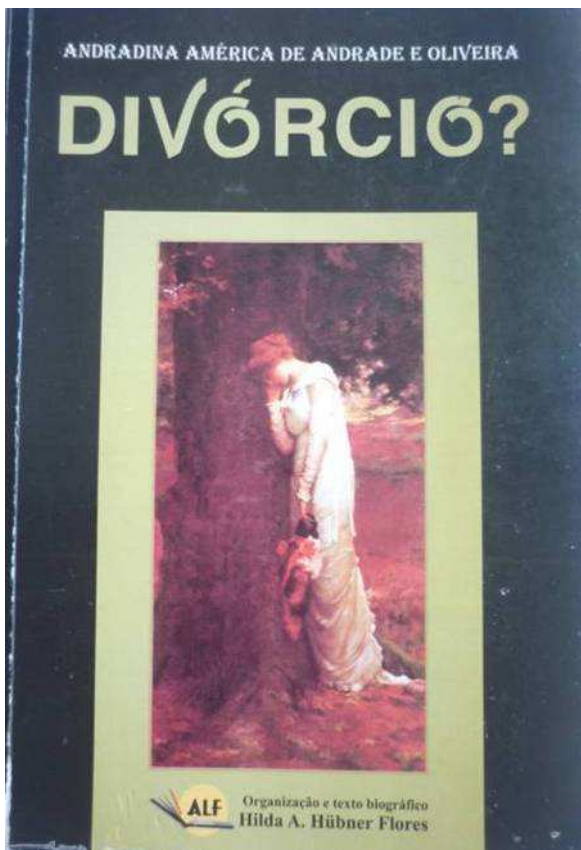


Figura 11: Capa da última edição de *Divórcio?*
(Acervo particular)

Muitas histórias poderiam ser contadas para ilustrar os diversos modos com que um grupo de mulheres definia a si próprias, e sua relação direta ou indireta, consciente ou inconscientemente, com uma elite afinada a moldes de uma educação tradicional. Andradina que

¹³² A reedição se deu através do projeto através do projeto “Memorial Feminino”, da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, instituição onde Andradina foi Patrona da cadeira n. 11, por seu relevo nas letras rio-grandinas. A reedição conta com a organização da historiadora Hilda Agnes Hubner Flores, que presta valiosa contribuição nas pesquisas sobre as mulheres do século XIX, no Rio Grande do Sul.

contou histórias, romanceou, funcionalizou a realidade, tornou a questão do divórcio, por exemplo, uma reflexão indispensável nos primórdios do movimento pela causa no Brasil.

Não podemos deixar, ainda, de escutar a voz da cearense Francisca Clotilde (1862-1935),¹³³ que publicou *A Divorciada* no ano de 1902. Dois romances ancorados em tempos cronológicos diferentes, 1902 e 1912, mas ambos têm relevância indiscutível na representação das ações das mulheres na primeira metade do século XX, na medida em que colocam em pauta a questão da diferença legal entre homens e mulheres. Duas autoras. Duas mulheres. Dois tempos. Duas ideias, uma só luta. Andradina de Oliveira e Francisca Clotilde quebraram o silêncio e estavam entre a minoria feminina que falou publicamente sobre separação. A história narrada em *A Divorciada*¹³⁴ poderia ser uma das histórias contadas nas cartas de *o Divórcio?*. Questões de honra familiar e convenções sociais nas duas obras não colocavam em dúvida o despertar de uma nova consciência. Consciência de uma luta que ganhou pleno reconhecimento somente décadas mais tarde, quando, em 1977, foi finalmente promulgada a lei do divórcio no Brasil.

Para vencer um mundo de homens, construído por homens e para homens, Andradina usou como escudo sua ideias, palavras e suas ações. Andradina América de Andrada e Oliveira é uma brasileira, filha sul-rio-grandense que superou o modo de pensar das mulheres incultas, dependentes e inconscientes do seu tempo. Com efeito, homenageada na capital do Estado do Rio Grande do Sul, com créditos de “conferencista, jornalista, teatróloga, contista, biógrafa e romancista”, teve o seu nome associado a um logradouro público,¹³⁵ denominado “Travessa

¹³³ Chamou-se literariamente Francisca Clotilde a mulher que escreveu e ensinou no Ceará, lugar de ebulção intelectual na política e nas letras da virada do século XIX e XX. O pensamento da intelectual foi registrado em jornais, revistas, panfletos e em livros que publicou ao longo de sua vida, sempre pautada por questões ligadas ao civismo, à pedagogia e à religiosidade. Não obedecendo ao cânone, Francisca Clotilde insurgiu-se discretamente contra a escola realista, em voga no último quartel do século XIX, e se firmou numa escola mais romântica. Assim, ratificou um caminho próprio como mulher das letras e, dessa forma, emergiu sua obra, que conta com a publicação de *Coleção de contos* (1897), *Noções de Aritmética* (1889), *A divorciada* (1902), Os dramas *Fabiola* e *Santa Clotilde* [s.d.] e *Pelo Ceará* (1911). Nas primeiras décadas do século XX, compôs o projeto literário educativo na imprensa cearense, na revista *A Estrela*, que circulou por vários estados do Brasil, reuniu muitos colaboradores e admiradores.

¹³⁴ Dada a importância para os estudos de gênero, Dada a importância para os Estudos de Gênero, *A Divorciada* também teve uma segunda edição, acrescida de estudos críticos de Otacílio Colares, Ângela Barros Leal e Nádia Batella Gotlib, pela Editora Terra Bárbara, em 1996

¹³⁵ A rua fica localizada na atual Travessa “A”, no Jardim das Bandeiras, na capital gaúcha.

Andradina de Oliveira”, no bairro Agronomia.¹³⁶ Do projeto de Lei,¹³⁷ que culminou no referido ato legislativo, extrai-se:

Conferencista brilhante, realizou várias conferências, dedicando-se a inúmeros problemas sociais, culturais e notadamente de interesse das mulheres. [...] O trabalho dessa ilustre mulher muito significa a cultura de nossa terra e de nossa gente; por essa razão, entendemos de homenageá-la, denominando uma via pública com seu nome, a fim de que a posterioridade conheça a história de nossa cidade e de nossa cultura, principalmente no campo feminino.

Sala de Sessões, 19 de maio de 1981.

A maneira com que Andradina de Oliveira, Francisca Clotilde, Carmem Dolores, Júlia Lopes de Almeida, Ibrantina Cardona e tantas outras mulheres, feministas, escritoras, professoras, relacionavam-se entre si, partilhando ideias e ideais, será objeto de reflexão do próximo capítulo, que pontuará as formas mais incisivas da formação de opinião, articuladas a partir da redação do *Escrínio*.

¹³⁶ Foto disponível no Anexo IX da tese.

¹³⁷ Lei municipal n. 4.399, de 21/7/1981. Embora no “Parágrafo único” do referido Projeto de Lei conste que “As placas denominativas conterão, abaixo do nome, os [...] dizeres: Ilustre conferencista, Romancista e Biógrafa”, em visita ao local, constatamos a inexistência da placa identificatória da via pública. O encontro do logradouro foi possível, primeiro, pelo sistema de navegação do carro, GPS, e, depois, confirmado em conversa com alguns moradores do lugar. Foto, cópia no Anexo IX da tese.

CAPÍTULO 2. *ESCRÍNIO*, A IMPRENSA FEMINISTA NO CENÁRIO RIO-GRANDENSE

A mulher intelectual para deixar alguma coisa que fique, é preciso ter plena liberdade de espírito e de ação.

Inês Sabino

A imprensa periódica produzida por mulheres no Brasil parece estar no vazio, pois encontramos alguns poucos parágrafos sobre os jornais femininos ou mulheres jornalistas, publicados nos manuais da História da Imprensa, que reserva quase absolutamente um jornalismo de autoria masculina. Imaginamos que tal história não percebeu a onda revolucionária que atingiu a palavra feminina, impressa ainda no século XIX, centúria especial para a história geral da imprensa¹³⁸e, particularmente, para a história das mulheres.

Neste capítulo, consideramos a história do periódico feminino *Escrínio*, publicado no Rio Grande do Sul, com lançamento no final do século XIX. A partir das edições recuperadas, percorremos sua trajetória com intenção de averiguar sua atuação como substrato para a consolidação de uma rede de comunicação entre mulheres intelectuais em espaços e contextos distintos. Com efeito, cabe salientar que o *Escrínio* é parte do conjunto da produção intelectual de Andradina de Oliveira e nosso estudo entende que a diretora do jornal é, concomitantemente, objeto e fonte indispensável nesse processo.

Resgatar a história do seu periódico é procurar entender, porém, a vinculação da jornalista com o pensamento feminista e apreender como suas ideias dialogaram com comunidades amplas no seio de uma sociedade essencialmente conservadora. Neste contexto, tomamos o jornal como fonte primária de pesquisa e buscamos destacar a

¹³⁸Tratamos, aqui, das várias fases perpassadas pela história da imprensa no Brasil; desde o surgimento das gráficas em modestas instalações no início daquele século, lembrando, inclusive, antes da chegada da Imprensa oficial em 1808, até a implantação das várias oficinas e tipografias que se espalharam pela Bahia, Recife Pará, Minas Gerais, Pernambuco, Fortaleza, Rio Grande do Sul, entre outros estados, a partir do ano de 1821. Ao final do século, a circulação e a multiplicação de pequenos jornais, geralmente de cunho político, deu-se a partir do advento de dois grandes acontecimentos: a instauração da República e o fim do sistema escravagista no país. Para o estudo da história da Imprensa no Brasil, ver: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966; HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 1985; MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

substancialidade de significados de sua história em relação ao “mundo feminino” e à história das mulheres.

Para esse fim, organizamos este capítulo em cinco subtemas nos quais, a partir de uma abordagem sobre a imprensa definida pelo sexo, acrescenta-se um conciso contorno a propósito do jornalismo feminino produzido no Brasil. Logo após, centramo-nos na conjuntura entre imprensa, literatura e sociedade, trazendo à baila o surgimento do periodismo nascido nos pampas e, particularmente, a origem da imprensa feminina na região, tendo como pano de fundo a Província de São Pedro, o Rio Grande do Sul. Posteriormente, detemo-nos, especialmente, na análise do jornal *Escrínio*.

2.1. Em revista: imprensa, sociedade e mulheres

Dentro do patrimônio da história tradicional, temos poucas referências sobre a atividade das mulheres na imprensa, mesmo que tenha sido publicado um relevante número de periódicos femininos em todo o território brasileiro, ainda no século XIX.

O silêncio vem sendo rompido pouco a pouco por pesquisadoras¹³⁹ que recuperam títulos e analisaram a representação da mulher na imprensa brasileira, a partir de teses e de dissertações, e apresentam o resultado dos trabalhos em congressos e revistas especializadas. A atividade deste grupo está intrinsecamente ligada à recuperação de jornais que estão distribuídos em acervos particulares, preservados por colecionadores ou em hemerotecas, museus, bibliotecas e arquivos públicos que guardam, muitas vezes, precariamente o material que é extremamente perecível e fadado ao desaparecimento total da história. Por esse motivo, lamentavelmente se soma ao trabalho uma grande dificuldade de localizarmos exemplares, uma vez que muitas das edições, ou já se encontram inacessíveis pela má conservação, ou ainda estão perdidas por falta de catalogação em algum centro.

Neste primeiro subtema, trataremos da temática mais geral: imprensa e sociedade. Sendo assim, referimo-nos um contexto que permita dar uma visão sobre o surgimento das mulheres escritoras, bem como da imprensa feminina no Brasil. Concomitantemente, buscamos

¹³⁹ Referimo-nos à Dulcília Helena Schroeder Buitoni, Maria Thereza Caiuby Crescente Bernardes, Leonora De Luca, Zahidé Lupinacci Muzart, Constância Lima Duarte, Joana Maria Pedro, Yasmin Jamil Nadaf, Míriam Steffen Vieira, Maria Batista Bicalho, entre os nomes relevantes.

um aporte teórico para o respaldo do conceito de “imprensa feminina” e “imprensa feminista”, para o entendimento do ambiente de que trataremos nesse texto.

Acerca da imprensa definida pelo sexo, a pesquisadora June E. Hahner, que publicou *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*, analisa periódicos femininos como veículos de divulgação de ideias feministas e libertárias. A partir dessa perspectiva, a autora refere-se aos periódicos, ora como “imprensa feminina”, ora, ainda, como “imprensa feminista”. Do mesmo modo, em outro estudo de sua autoria, que resultou na publicação do livro *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil: 1850-1940*, quando pesquisa as camadas populares urbanas da Primeira República e o ativismo feminista nelas, a autora utiliza predominantemente o termo “imprensa feminista”.

Já Dulcília Schroeder Buitoni, com o sugestivo livro *Imprensa feminina*, em conformidade com o título, utiliza o termo quando estuda os periódicos publicados por mulheres. Entretanto, a autora considera que o primeiro periódico brasileiro “dedicado às senhoras brasileiras” seja escrito por homens e “pode ter sido publicado no Rio de Janeiro em 1827, denominado *Espelho Diamantino*”. Da mesma forma, segundo a autora, outro jornal foi publicado em Recife, em 1831, intitulado *O Espelho das Brasileiras*. Quanto à imprensa escrita por mulheres, Buitoni também nos oferece outro estudo, que foi publicado sob o título de *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*, onde observa que há duas direções bem definidas quanto ao papel dessa imprensa na sociedade brasileira: uma imprensa tradicional, que se ocupava em engrandecer as virtudes domésticas, e outra que ela chama de progressista. Por conta disso, Buitoni observa que quando “falamos das publicações femininas mais gerais que, embora defendessem alguns direitos para as mulheres, não podem ser caracterizadas como feministas; seus objetivos principais não eram políticos” (1981, p. 30).

Enquanto a imprensa de interesse geral era destinada às pessoas de ambos os sexos no século XIX, a imprensa produzida por mulheres – e tendo em vista o público feminino – acabou por conter “um conceito definitivamente sexuado: o sexo do seu público faz parte de sua natureza”, afirma Buitoni (1986, p. 7). A etiqueta acabou por se definir da seguinte forma: “imprensa feminina é aquela dirigida e pensada por mulheres. A feminista, embora se dirija ao mesmo público, se distingue pelo fato de defender causas” (p. 16). Por conseguinte, tudo parecia

caber nas páginas dos periódicos, versos ou até mesmo discussões sobre mulheres na política.

Por essa via, podemos pensar no jornal não só como lugar em que se publicava alguma coisa, mas, também, aquilo que se publicava. Ao dar ambiente para a generalidade de conteúdos, como, por exemplo, romances, as folhas proporcionaram condições para o desenvolvimento intelectual de um grupo de mulheres letradas, dando espaço para que surgissem escritoras como a catarinense Ana Luísa de Azevedo Castro (1823-1869), a baiana Inês Sabino (1853-1911), a carioca Júlia Lopes de Almeida (1861-1934), a cearense Francisca Clotilde (1862-1935) e a gaúcha Andradina de Oliveira (1864-1935),¹⁴⁰ entre outros relevantes nomes que tiveram seus romances publicados primeiramente em folhetins – no rodapé dos jornais – e depois em livros. Ressaltamos que, reconhecidas no seu tempo, as escritoras tiveram respaldo tanto pela crítica, quanto pelo público, na notoriedade que encontramos em vários jornais da época.

Se a imprensa feminina tem um conceito sexuado pelas temáticas que apresentava, então se impõe dizer que, de fato, essa imprensa é um *locus* propício para se verificar a ligação das escritoras com a crítica social que faziam, filtrando os estereótipos sobre a literatura “amena” que produziam. Seus romances colocavam em pauta temas polêmicos, cada um no seu tempo, problematizavam questões sociais relacionados às mulheres, tais como o adultério e a transgressão gerados pela cultura do casamento por conveniência, em que são exemplos *O Perdão* (1910), de Andradina de Oliveira, e *A Falência* (1901), de Julia Lopes de Almeida. E, ao mesmo tempo, *D. Narcisa de Villar* (1859), de Ana Luísa de Azevedo Castro, que, escrito sob pseudônimo de “indígena do Ipiranga”, critica a falta de liberdade da mulher em relação à escolha do marido, além de ressaltar o racismo em relação ao índio na história romântica dos amores proibidos. Há, ainda, *Lutas do coração* (1898), de Inês Sabino, que faz uma análise acerca das relações amorosas que são incapazes de se ajustar às normas rígidas da sociedade moralista.

Na sua complexidade, os romances são a interligação entre a literatura e a produção de ideias no nível simbólico e prático, isto é, “no espelho da imprensa feminina as imagens e as verdades são muitas”

¹⁴⁰ Contemplamos nesse recorte, especificamente, romances pela autoria na ordem dos nomes citados no texto: *D. Narcisa de Vilar* (1859); *Lutas do Coração* (1898); *A Falência* (1901); *Divorciada* (1902) e *O Perdão* (1910). Mencionamos, aqui, apenas uma obra de cada uma das escritoras, como exemplificação de suas obras.

(BUITONI, 1986, p. 7), pois refletem retratos miméticos da sociedade. A literatura exercida pelas mulheres e veiculada pela imprensa é, por excelência, um estudo da literatura vinculada ao forte cunho feminista.

A respeito do surgimento da imprensa feminina brasileira, se tomamos como ponto de partida os jornais dirigidos e redigidos somente por mulheres, e direcionados ao público feminino, tradicionalmente o aparecimento do *Jornal das Senhoras*,¹⁴¹ que foi lançado em 1852, na cidade do Rio de Janeiro, pela argentina Joana Paula Manso, é considerado o fato inaugural de ação das mulheres na área do jornalismo. Devemos destacar que, mesmo que esse periódico tenha nascido no berço de uma imprensa geral, voltada para uma questão exaustivamente pedagógica e afinada com uma “estética da utilidade”, a redatora do *Jornal das Senhoras* primava essencialmente pelas causas feministas, o que levou a dirigir-se ao público masculino com o intento de conseguir apoio para suas campanhas pela igualdade de direitos.

Após a publicação desse primeiro periódico, seguiu-se, no século XIX, no Brasil, um leque de jornais e revistas escritos por mulheres, os quais serviram como verdadeiros libelos em favor da emancipação feminina. Parte destas publicações floresceu no eixo Rio/São Paulo, propiciada pelo processo de urbanização e pelo ambiente cidadão. Entre os variados títulos publicados na centúria, destacamos: o *Bello Sexo*, autointitulado “Periódico Religioso, de Instrução e Recreio, Noticioso e Crítico moderado”, que surge no Rio de Janeiro, em 1862, tendo como redatora Júlia de Albuquerque Sandy de Aguiar; *O Domingo*, fundado em 1873, por Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco e, neste mesmo ano, surge o *Sexo Feminino*, “Semanário Literário, Recreativo e Noticioso”, publicado em Minas Gerais, por Francisca Senhorinha da Mota Diniz, mas se transfere para o Rio em 1875, e, em 1876, tem suas edições suspensas. Nesta cidade, Senhorinha também dirige o *Primavera*, em 1880, e *A Voz da Verdade*, em 1885. Em 1889, funda o *Quinze de Novembro do Sexo Feminino*. O *Eco das Damas* surge no Rio de Janeiro em 1879, fundado por Amélia Carolina da Silva Couto e é suspenso no ano seguinte para retornar suas edições em 1885. *A Família* é fundado em São Paulo, no ano de 1888, sob

¹⁴¹Publicado no Rio de Janeiro, o jornal era impresso pela Tipografia Parisiense, na Nova Rua do Ouvidor, n. 20, e com o subtítulo “Modas, literatura, belas artes, teatro e crítica”. Após seis meses de publicação, Noronha deixa a direção do jornal a cargo de Violante Atabalipa Ximenes e Veloso, que manteve a circulação do *Jornal das Senhoras* até 1853, quando transfere a direção para Gervásia Nunésia Pires dos Santos. O periódico, que circulava aos domingos, teve sua duração entre 1º de janeiro de 1852 a 30 de dezembro de 1855. (BERNARDES, 1988)

direção de Josefina Álvares de Azevedo que, um ano mais tarde, também se transfere para o Rio de Janeiro. (BERNARDES, 1988) Por uma organização cronológica, citamos a revista *A Mensageira*, que surge em 1897, na cidade de São Paulo, editada por Prisciliana Duarte de Almeida. Importante ressaltar, também, a publicação do jornal *A Mulher*, editado em Nova Iorque, ainda no ano de 1881, por Maria Augusta Generosa Estrela e Josefa A. F. M. de Oliveira, duas estudantes brasileiras que tiveram que deixar o Brasil para estudar medicina, pois ainda não era permitido que mulheres ingressassem em um curso superior no Brasil. (HAHNER, 1981)

Com o desenvolvimento dos centros urbanos, o que possibilitou uma sociabilidade crescente entre as famílias abastadas que promoviam reuniões, saraus e bailes, a imprensa escrita pelas mulheres teve, num primeiro momento, uma função de “estética da utilidade”, como citamos anteriormente; ou seja, enquanto símbolo da moral doméstica, as mulheres tinham que ostentar habilidades a fim de promover bons casamentos para o progresso das famílias e, afinada com essa estética, a imprensa aparece com publicações dirigidas às senhoritas casadouras e às senhoras de família.

Guardando as devidas proporções, uma vez que os periódicos também eram espaços de socialização entre escritoras e leitoras, além de publicar manuais de conduta doméstica, esses jornais procuravam atender ao gosto do público feminino, seu alvo. Em razão disso, as folhas também imprimiam um caráter jornalístico, acentuando um teor informativo e corroborando nos diversos assuntos sociais. Indo mais além, alguns periódicos apresentavam seções variadas, a exemplo dos títulos: “Letras e Artes”, “Registrando”, “Novidades”, e ofereciam espaço para publicações de mulheres que se arriscassem à pena. Aventurando-se no exercício das letras, as leitoras/colaboradoras enviavam para as redações alguns “rascunhos literários”, tais como memórias, impressões de viagens e poemas encomiásticos, gêneros muito apreciados na época oitocentista.

Tanto a literatura quanto a história têm dívidas com o jornalismo, porque a imprensa não só emprestou suas páginas para o nascimento da literatura nacional – e, nela, a literatura escrita por mulheres, que, infelizmente, ainda não é reconhecida pelo cânone, como também foi testemunha dos primeiros passos do movimento feminista mundial e da história sociopolítica do Brasil, transformando-se em um

fenômeno de comunicação social.¹⁴² Por conta disso, somos um grande número de pesquisadoras que busca a história contida nas páginas dos periódicos “mudando as tradicionais perspectivas da história da literatura, ao tornar visíveis outros modos de ler e de fazer circular a literatura e a cultura” (BARBOSA, 2007, p. 24), principalmente no que compete à história das mulheres. Em verdade, torna-se difícil definir a construção histórica-social e, neste espaço, o lugar das mulheres no século XIX e XX, sem transitar pelas páginas do jornalismo. A respeito disso, o pesquisador Mauro Póvoas afirma que:

Os periódicos são fontes referenciais para pesquisas de vários tipos, sobretudo por documentar o passado por meio de textos - literários ou não -, de publicidade ou de retratos que evocam, em seu conjunto, de imediato o quadro histórico em que se pretende transitar (2005, p. 12).

E, segundo o historiador Francisco das Neves Alves,

A análise da imprensa vem se construindo num elemento cada vez mais importante para o empreendimento de uma reconstrução histórica, uma vez que ela, através de uma investigação crítica, transmite as práticas políticas, econômicas, sociais e ideológicas de diversos setores de uma determinada sociedade, em várias épocas (2005, p. 105).

Em linhas gerais, o periodismo funciona como um arquivo público e “são fontes referenciais para pesquisas de vários tipos”, conforme aponta Póvoas (2005); e, ao mesmo tempo, afirma Alves: o periodismo “vem se construindo num elemento cada vez mais importante para o preenchimento de uma construção histórica” (2005). Não faltam historiadores que ressaltam a dependência da literatura e da história em relação aos jornais, como e igualmente Nelson Werneck Sodré, quando assevera que “por muitas razões, fáceis de referir e de

¹⁴²Na virada do século XIX para o século XX, a modernidade acenava para as transformações operadas pelo jornalismo, que passa pela transição da “pequena imprensa para a grande imprensa”, isto é, a expressão que anunciou a passagem de uma imprensa de estrutura simples de empreendimento pessoal, para uma imprensa de cunho empresarial capitalista, que refletiu no plano de produção e circulação dos jornais. (BULHÕES, 2007)

demonstrar, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento das sociedades capitalistas” (1966, p. 1), e Jeffrey D. Needel, ao escrever que “a participação dos literatos na cultura da *belle époque* ocorria principalmente no jornalismo em expansão e nas revistas elegantes, típicas *fin-se-sècle*” (1993, p. 229).

A partir do tema mais geral sobre a imprensa, sobretudo escrita por mulheres, voltaremos a abordar a temática, delineando o Rio Grande do Sul.

2.2. A imprensa Sul-rio-grandense

Neste subtema, trataremos de um contexto mais específico, o rio-grandense, objetivando dar uma visão sobre o início da imprensa no sul, e, nele, compreender um espaço que possibilitou o surgimento e a participação das mulheres no jornalismo no estado, principalmente o jornalismo produzido por Andradina de Oliveira.

A imprensa no Rio Grande do Sul nasceu sob a marca da revolução, especialmente com a aproximação da Revolução Farroupilha, resolvendo querelas partidárias. O movimento acirrado que se vivia na então Província de São Pedro favoreceu o surgimento de muitos periódicos, muitos dos quais tiveram breve duração (ALVES, 1999). Em um processo de ação e reação, folhas afinadas com ideários revolucionários serviam aos bastidores da intelectualidade política para defender ideias de um ou outro partido e/ou dos partidos comuns. As atividades jornalísticas apoiavam-se em disputas partidárias, constando, quase sempre, em matérias opinativas e polêmicas. Mesmo sendo a lógica partidária a veia dominante na imprensa do Estado, “os gaúchos deram nesse período excelente testemunho de si mesmos. Fizeram a vigília das armas, mas não olvidaram o cultivo do espírito [...] escreveram versos, fizeram jornalismo, cultivaram a história episódica e narrativa” (1956, p. 70), como afirma o crítico Guilhermino Cesar.

Em favor desse contexto, as paixões políticas começaram a ser retratadas oficialmente na Província de Porto Alegre, quando, sob os auspícios do governo provincial, surge, em junho de 1827, o *Diário de Porto Alegre*, “por força de necessidades militares” (SODRÉ, 1966, p. 121), impresso na Tipografia Rio-Grandense.¹⁴³ Além de o jornal

¹⁴³ A Tipografia Rio-Grandense foi a segunda tipografia a ser instalada na província naquele ano, pois consta que o comandante do Exército do Sul, Felisberto Caldeira Brant Ponte (Marquês de Barbacena), conseguiu um prelo para imprimir os boletins, as ordens do dia e correspondências do seu comando, por conta da campanha contra os platinos. (FORTES, 2000)

publicar as notícias oficiais da política, publicava, também, o movimento do porto, correspondências e anúncios. Conforme aponta o historiador Gabriel Borges Fortes, o periódico “constava de uma só folha, impresso em ambas as faces” (2000, p. 47). A importância desse jornal para o nosso estudo está no fato de ter sido oficialmente o primeiro jornal gaúcho a ser publicado naquele estado.

Com a proximidade da Revolução Farroupilha, aparece, na capital, uma série de jornais de caráter partidário, dentre os quais destacamos: *Constitucional Rio-Grandense* que, tendo como responsável Vicente Ferreira Gomes, é criado em julho de 1828 para substituir o *Diário de Porto Alegre*. Um ano depois, é lançado *O Amigo do Homem e da Pátria*, com direção do jornalista português Lourenço de Castro Junior, que abre sua primeira página com o título “Liberdade o Direito primo, do homem o bem supremo”, sendo este o primeiro jornal a difundir os ideais democráticos, conforme Fortes (2000). Depois, *O Vigilante*, que tinha como redator José Apolinário Pereira de Moraes; era um jornal liberal que circulou durante o ano de 1830 e, no mesmo ano, aderiu ao grupo do liberalismo o jornal *Sentinela da Liberdade*. No final de 1832, a capital apresenta o *Recompilador Liberal*, filiado ao partido farroupilha. Da mesma época e ordem estão os combatentes *Belona Irada contra os sectários do momo* e *A Idade de Ouro*; ambos tiveram na redação Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, um nome que registra a vanguarda participação direta das mulheres na política. Sobre o primeiro jornal, trataremos posteriormente. Ainda, entre 1834 e 1835, aparece *O Republicano*, que, como consta o nome, era um pregador de ideais republicanos. Havia, também, *O Pobre*, periódico defensor do governo e o *Eco Porto-alegrense*, a primeira folha a circular três vezes por semana. Segundo Carlos Alexandre Baumgarten (1982), “até o ano de 1840, aparece uma série de jornais envolvidos com uma ou outra causa das partes que lutavam pelo poder da Província” (1982, p. 25).¹⁴⁴ Nesse contexto, a imprensa se apresentava como uma “explosão da palavra pública”, consoante Baumgarten, numa forma de organizar grupos em nível nacional, reservado a ela um papel de destaque no processo de construção de uma consciência política e cultural no Estado e no Brasil.

¹⁴⁴ A respeito dos jornais citados no texto e uma listagem dos periódicos editados em Porto Alegre, ver: ALVES (1999); BAUMGARTEN (2005); FORTES (2000); FERREIRA (1975).

Ao lado da imprensa partidária, contudo, havia espaço para as manifestações dos “homens das letras”,¹⁴⁵ isto é, os jornais não ficavam estanques ao círculo político e davam, também, espaço para escritores que tinham na sua atividade literária o reconhecimento social. Dessa forma, junto com a política, as associações públicas-culturais, ou, ainda, os negociantes, profissionais liberais, escravagistas, abolicionistas, proprietários rurais, etc. faziam parte de um mesmo contexto, porém com interesses diversos, e utilizavam os jornais para os negócios. Equivale dizer que a imprensa também sustentava publicações com características específicas do mundo dos negócios, enfim, publicações ao sabor das circunstâncias de um cotidiano comum, marcado pelo aumento da população e da vida urbana sul-rio-grandense.

A urbanização permitiu que a imprensa logo se proliferasse em direção ao interior do estado, como exemplo da cidade do Rio Grande. A então pequena Vila, que teve importante desenvolvimento socioeconômico, destacou-se pela quantidade do número de periódicos que circulava ainda na primeira metade do século XIX (MAGALHÃES, 1993). Foi primeira localidade do interior gaúcho a possuir jornais, sendo, bem posterior, seguida por Pelotas, segundo nos aponta Francisco das Neves Alves (1999).

O Noticiador, que surge em 1832, representa o primeiro passo da imprensa ainda na *Vilado Rio Grande*. Em conformidade com o cabeçalho, o jornal teve seu primeiro número impresso em 3 de janeiro daquele ano e circulou às segundas e quintas-feiras. O “Proprietário, redator e editor, Francisco Xavier Ferreira”,¹⁴⁶ foi um intelectual atuante na cidade e defendeu abertamente os farroupilhas e as ideias liberais a partir do jornal que era impresso em tipografia própria. Detentor da “maior biblioteca do século XIX na cidade do Rio Grande” (ARAÚJO,

¹⁴⁵ “Homens das letras” ou “Mulheres das letras” são expressões referidas para identificar escritores e escritoras no século XIX, sendo utilizadas, neste texto, para os homens e mulheres que exerciam atividades abertas às letras, como escritores, professores, livreiros, advogados, pessoas que gozavam de prestígio na sociedade por suas atividades intelectuais. Naqueles tempos, os letrados estavam à disposição dos periódicos onde escreviam artigos e literatura, procurando chamar a atenção do pequeno público de leitores. As expressões já são referidas por algumas pesquisadoras, como Maria T. C. Crescenti Bernardes (1989).

¹⁴⁶ “Chico da botica” era o apelido dado a Francisco X. Ferreira, por ser proprietário de uma Botica. Ele era um homem com considerada cultura para os padrões da época. Ingressou na carreira política, sendo eleito na Primeira Junta Provisória do Rio Grande do Sul, em 1822, e, também, delegado rio-grandense junto ao Regente D. Pedro. Membro da Câmara Municipal Rio-Grandina, foi deputado na Assembleia Geral e presidente da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional. Mas, por suas posições políticas e a aproximação com os futuros revolucionários, envolvido nos acontecimentos iniciais da Revolução, foi preso e pereceu no cárcere do Rio de Janeiro, aonde veio a falecer. (ALVES, 1999, p. 63)

1999, p. 290), junto com sua esposa, Ana Joaquina Ferreira, o intelectual exercia uma importante função social, uma vez que o “Jornal político, literário e comercial” era considerado por ele como “veículo mais pronto para se derramarem as luzes e propagar-se a instrução”, como verificamos nesta sua manifestação:

Quando à custa de alguns sacrifícios e despesas, mandamos vir a nossa imprensa, só tivemos em vista espalhar instrução que, sem liberdade de escrever, é sempre escassa; e quando tomamos sobre nós a redação desta folha, consultamos antecipadamente o nosso préstimo e, apesar de o julgarmos pequeno, para o ministério de escrito público e insuficiente para influir na opinião geral, contudo, nós confirmamos na pureza de nossas intenções e na benignidade de nossos leitores (O NOTICIADOR, 26 de junho, 1832).

Cabe destacar que, para o editor, saía das páginas do jornal o importante dever do “escrito público”,¹⁴⁷ reafirmando a função social do “homem das letras”.

Em contrapartida, compatível com a necessidade do momento, a temática que todos os periódicos conheciam era mesmo a da política e, em Rio Grande, não foi diferente, pois o aspecto duradouramente revolucionário foi um elemento importante das facções políticas e explica a explosão de periódicos na cidade. São exemplos os seguintes jornais: *O Observador* (1832); *O Liberal Rio-Grandense* (1835); *O Mercantil do Rio Grande* (1835); *O Conciliador* (1840) e *A Voz da verdade* (1841) – alguns periódicos de cunho partidário editados na cidade.¹⁴⁸

¹⁴⁷ Como no século XIX os jornalistas ainda não tinham profissão reconhecida, o que viria a acontecer só no século posterior, os letrados estavam envolvidos em múltiplas atividades, ou seja, eram cronistas, críticos, escritores, redatores e até donos de jornais. A expressão “escritor público”, similar à expressão “homens das letras”, era reconhecida como uma importante função social ao exercício dos homens e mulheres das letras como “propagadores e propagadoras de instrução”. (NEVES, 1999)

¹⁴⁸ Como suporte do estudo referido, que foi realizado ainda no Mestrado, foi utilizado o *corpus* coletado a partir de dois projetos. O primeiro, *Literatura, jornal e cultura*: autores pelotenses –1851/1889, que teve a coordenação do professor Rildo Cosson, então da UFPel; e o segundo projeto trata do *Dicionário de Autores de Rio Grande no século XIX*, coordenado pelo professor Dr. Artur Emilio Vaz, da FURG – assim como o *corpus* disponível na Biblioteca Rio-Grandense, na cidade do Rio Grande.

Embora o periodismo na província de São Pedro no século XIX tenha sido guiado pela lógica partidária, a imprensa também se constituiu como um meio de divulgação da produção das letras, atraindo escritores e escritoras de todo o estado. Sobre isso, Carlos Alexandre Baumgarten observa que:

Sabe-se que o grande número de periódicos literários, notadamente a partir da segunda metade do século, teve efetiva influência na produção literária do Estado e na sua consequente divulgação. Os primeiros autores rio-grandenses recorriam aos órgãos da imprensa devido às grandes dificuldades que encontravam para a publicação e difusão de suas obras, fato esse que justifica importante papel desempenhado pelo jornal na literatura gaúcha da segunda metade do século XIX (BAUMGARTEN, 1980, p. 12).

Nesta forma, a imprensa rio-grandina, ainda em 1830, já abria espaço para o imaginário feminino, quando os jornais aderiram seções para a publicação de poesias, crônicas e entretenimento, contribuindo para atuações das mulheres no mundo das letras. Além disso, como “representantes de outros gêneros, num processo de diversificação” (ALVES, 1999, p. 103), os periódicos primavam pelo “desejo de fazer-se próximo ao leitor” (ARAÚJO, 1999, p. 466), estimulando o acesso à leitura dos seus diferentes leitores, homens e mulheres letrados. Por essa via, são exemplos *O Pompeiro*,¹⁴⁹ “Folha noticiosa, comercial e literária”, publicado na cidade de Arroio Grande, em 1897; o jornal *Rainha da Moda*,¹⁵⁰ “jornal mensal de modas para senhoras e crianças”; o *Progresso Literário e Arauto das Letras*, em Pelotas.

Para termos uma noção sobre a forma com que as mulheres passaram a ocupar o difícil espaço no periodismo do século XIX, é preciso, agora, lançar rapidamente um olhar sobre a maneira de se pensar sobre a “divisão natural” entre os papéis femininos e masculinos naquela centúria que criava, por excelência, o pensamento da superioridade de um sexo sobre o outro.

¹⁴⁹ O presente jornal foi encontrado durante nossas pesquisas no acervo da Biblioteca Rio-Grandense, à edição do ano II, n. 44, de 23 de dezembro de 1897, assim como os últimos jornais citados.

¹⁵⁰ Sobre esse jornal, encontramos um anúncio/propaganda veiculada no jornal *A Fronteira*, “Folha Republicana de Alegrete”, ano X, n. 858, 30 de março de 1905.

Em conformidade com estudos antropológicos¹⁵¹ sobre a diferença da formação da cultura masculina e feminina, a história da humanidade revela um caráter cultural sexuado, vinculado ao mundo masculino. Significa dizer que as mulheres ficavam obrigadas a exercer funções relativas “ao caráter específico da alma feminina [...] Como imediata consequência, resulta depender qualquer atividade [...] de uma íntima ligação com sua personalidade, dado que a mulher jamais abdica do ‘eu’ e de sua própria essência sentimental” (SIMMEL, apud BICALHO, 1988, p. 49); portanto, em razão do caráter unitário, privado à sua pureza, ingenuidade e o predomínio do elemento afetivo, traduzindo-se numa cultura subjetiva para a mulher que “padecia dos efeitos não profissionais” (DE LUCA, 1999, p. 91), privando-as à esfera do lar. Por outro lado, os homens tinham herdado o predomínio efetivo da razão e da ordem do pensamento; assim, o campo da cultura objetiva dava-lhes consequente compatibilidade para o campo profissional, inclusive o do jornalismo. Nessa ordem, relegava-se o acesso da mulher ao mercado de trabalho.¹⁵²

Sob essa ótica, procuramos sistematizar o material que encontramos em alguns periódicos rio-grandenses que represente a subjetividade expressa pelo mundo das letras femininas, isto é, o espaço que representou a égide para a sua afirmação e, conseqüentemente, o espaço de atuação na luta pelos seus interesses.

Sigamos, então, com a imprensa na cidade do Rio Grande.¹⁵³ *O Propagador da Indústria Rio-Grandense*, publicado em 30 de janeiro de

¹⁵¹ Cf. VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

¹⁵² No século XIX era de opinião geral e de alguns pensadores, como Michelet e Rousseau, que os homens tinham herdado o predomínio efetivo da razão e, por isso, os varões reconheciam sua ascendência natural sobre as mulheres, esposas, filhas, etc. Criaram-se, então, razões específicas para e sobre o potencial feminino cujo saber se dava apenas impulsionado pela intuição, potencializando, portanto, o predomínio de uma cultura subjetiva. Contra esse pensamento, insurgiram as primeiras vozes feministas na Europa e nos Estados Unidos. Mas, paradoxalmente, o elemento afetivo inato às mulheres estaria naturalmente atrelado à sua influência sobre a humanidade, elevando os papéis significativos de esposa e de mãe, tornando-as símbolo da moral doméstica e social. Por conta disso, a “natureza feminina” contribuiu para o processo de valorização das mulheres na formulação de uma identidade própria. Sobre “cultura objetiva e cultura subjetiva”, ver VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

¹⁵³ Será acentuada, ao longo do trabalho, uma insistência da expressão “na cidade do Rio Grande”, devido ao grande número de dúvidas e confusões que alguns leitores, geralmente não gaúchos, fazem entre a cidade e o estado Rio Grande do Sul. Portanto, é importante esclarecer que Rio Grande é uma importante cidade situada no estado do Rio Grande do Sul, assim como São Paulo é uma relevante cidade localizada no estado de São Paulo e Rio de Janeiro é uma importante cidade localizada no Estado do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, é muito comum, entre os escritores gaúchos, a menção de “Rio Grande”, quando querem se referir ao Estado do

1833, tinha o objetivo de promover o desenvolvimento econômico da província e estava ligado à “Sociedade Promotora da Indústria”. O edital de lançamento afirmava que o jornal não se dedicaria diretamente aos assuntos políticos, mas diversificaria suas edições colocando, inclusive, “alguns objetos de literatura”, proposta em destaque no seu prospecto, que cita: “Serão [...] excluídos todos os objetos políticos e [...], sobretudo, a polêmica dos partidos e personalidades. Terão, todavia, lugar nas colunas [...] alguns objetos de literatura e algumas doutrinas próprias para a conservação e aperfeiçoamento da moral” (1833, p. 1).

Na cidade de Rio Grande, a vida social se intensificava e as duas atividades, imprensa e literatura, confundiam-se. Reuniam-se, então, narrativas que emergiam do cotidiano, como é o caso da anexação em alguns jornais, do folhetim, como o título “Assuntos diversos”.¹⁵⁴ Rastreado os folhetins-variedades, percebemos que a ambiguidade dava o *tom*, deixando que o acontecimento imprimisse a cor que lhe coubesse o texto. Misturando, portanto, os costumes e os comportamentos – juízos pessoais, moralizantes, enfim – em suposta tensão narrativa, a notícia se perdia em meio à “linguagem retorcida [...] dramática e ornamental” (DIMAS, 1983, p. 7). Era uma linguagem própria, era um jogo verbal e o texto estava no jornal, mas não era notícia e logo se via o traço da composição imaginativa; traço bem representado no exemplo da crônica na coluna “A Semana”, do Jornal *A Grinalda*,¹⁵⁵ “Periódico Literário, Crítico e Recreativo, de onde lemos um pequeno trecho:

Caríssimas leitoras

Tra...lá...lá...lá...lá...lá...tló...tri...li...li, etc.

Perdão minhas benévolas leitoras se não vos saudei com o devido respeito: sim, quero dizer, isto é, com consideração: porque ainda parece que viajo pelo espaço [...] apreciando lá de cima as

Rio Grande do Sul, como é o exemplo do romance *O Perdão*, de Andradina de Oliveira, quando o personagem Leonardo se refere ao Estado, dizendo: “-Sou bem capaz, tio. O Rio Grande é uma boa terra. Este povo é esplêndido de amabilidade. Nunca vi outro mais hospitaleiro” (OLIVEIRA, 1910, p. 105).

¹⁵⁴ Para se evitar alguma confusão quanto aos folhetins, convém apontar dois modos particulares de produção: o “folhetim-romance” e o “folhetim variedades”. (BENDER, 1993) Cabe, então, considerar que, num primeiro momento, o mesmo rodapé dividia o espaço com a publicação de ficção – que se dava em capítulos diários e a matéria variava, versando sobre a trivialidade humana.

¹⁵⁵ Esse jornal pertence ao *corpus* coletado a partir de dois projetos da Universidade Federal de Rio Grande, ainda no Mestrado, em conformidade com a nota citada no rodapé 15.

grandes folias carnavalescas: trago a cabeça em entusiástica dança, e só estou a ouvir a dança do Zé Pereira.

Abençoado fandango!!!¹⁵⁶

Vamos passar a vista pelos rápidos festejos carnavalescos, que tenho na minha carteira, e mencionarei o que houver de melhor, cá para mim! [...]

Todos os amantes da pandega lá se acharam mascarados com mais ou menos gosto e luxo. Cleópatra, Cupidos não faltaram com seus respectivos adornos. [...] O último baile, o mais cheio de entusiasmo e de numerosa concorrência; e nele deram-se vários episódios, inevitáveis em certos corações. [...] Distinguir mascarados , quando atualmente a sociedade é em sua maior parte composta delas, é tarefa bastante difícil, por isso não maçarei a paciência das minhas leitoras com uma longa descrição que lhes seria enfadonha e sem interesse (A Grinalda, 26 de fevereiro de 1871, p. 10 [grifos nossos]).¹⁵⁷

Esse jornal não é escrito ou editado por mulheres e, ao que se sabe, também não possui mulheres no seu grupo de redação. Entretanto, constatamos que o ilustre desconhecido que não assina o texto e, portanto, a autoria recaia sobre o próprio editor, dirige-se especialmente ao público feminino quando escreve: “Caríssimas leitoras” e “minhas leitoras”.

Ao que sabemos, não há especificamente um estudo sobre as mulheres leitoras no Rio Grande do Sul, mas “Rio Grande parece ter sido de fato uma cidade onde se lia muito [...]. Pela documentação

¹⁵⁶Designação regional popularmente dada às festas, bailes, com danças típicas do Sul.

¹⁵⁷ Sobre os bailes de carnaval na cidade do Rio Grande, o historiador Ezio da Rocha Bittencourt descreve: “o hotel Novo Arnaldo (atual Grande Hotel), adjacente ao Sete de Setembro, anunciava, no Carnaval de 1872, que, a Tenda do Deus Momo contava com *toilette* especial (certamente muito utilizado, visto o teatro não possuir serviços sanitários), ‘pátio com caramanchões pitorescos para o descanso ao ar livre, e apetitosas galinha ao molho pardo, ensopada, assada e a boa canja. Após a meia noite, às mulheres eram oferecidos doces e vinhos, além da entrada livre no baile. Em noites de baile, o botequim do teatro disponibilizava comidas frias e, igualmente, a canja de galinha, atendendo, inclusive, nos camarotes. [...] A frequência aos bailes de máscaras do Sete diminuiu paulatinamente, frente à concorrência dos oferecidos no amplo salão do Anfiteatro Albano Pereira, construído em 1876. Já sob a denominação de Politeama Rio-Grandense e em nova construção, tornaram-se famosos seus populares bailes de carnaval, que contavam com a presença maciça das sociedades carnavalescas locais.” (BITTENCOURT, 2007, p. 192-193)

disponível, é seguramente a que mais se distingue no número de variedades dos livros, com exceção das cidades mineiras” (ARAÚJO, 1999, p. 288).¹⁵⁸ Sabemos, também, que “no interior dos sobrados, a organização de saraus era frequente” (MAGALHÃES, 1993, p. 263) e, nestas festas, o culto da literatura era uma forte manifestação cultural prestada, principalmente, pelas moças que recitavam poemas e versos, portanto, mulheres leitoras.

Pelotas, de onde saiu o Patrono da Imprensa brasileira Hipólito José da Costa,¹⁵⁹ só teve o lançamento do seu primeiro periódico em 1851 (MAGALHÃES, 1993). É depois de encerrado o ciclo da Revolução Farroupilha que a cidade apresenta, em 7 de novembro daquele ano, *O Pelotense*, de propriedade de Cândido Augusto de Mello. (1993) Embora o movimento periodístico na cidade tenha iniciado com desvantagem cronológica considerável, se comparado com a vizinha cidade do Rio Grande, tal fato foi atribuído ao ambiente rural das charqueadas – compondo um núcleo urbano tardio, segundo Magalhães. O jornalismo na cidade, contudo, em muito pouco tempo multiplicou o número de jornais “equiparando-se com a imprensa da própria capital” (p. 245). *O Pelotense*, periódico “Comercial e Político e de Notícias”, com edições às terças, quintas e sábados,¹⁶⁰ assegurava colunas de informação e entretenimento em colunas como “Literatura”, onde encontramos, em 22 de março de 1853, a crônica: “A escolha de uma boa esposa”, assinada por A.J.C.S.J.:¹⁶¹

Um dos negócios mais importantes para o bem estar e felicidade do homem, é a boa e acertada escolha d’aquela que vai contribuir para perpétua companhia de sua vida. Portanto nada há mais importante, e digo de meditação.

[...] Enfim com quem casarei? Com moça? Poderá não ser me conveniente. Com viúva? Que há de

¹⁵⁸ Jorge de Souza Araújo (1999) faz um estudo do “Perfil do leitor colonial”, a partir do levantamento dos inventários de bens que incluíam as bibliotecas particulares no período colonial. Neste estudo, o autor apresenta suas pesquisas realizadas na cidade de Rio Grande, onde o identifica a maior biblioteca do século XIX, a de Ana Joaquina Ferreira e o esposo Francisco Xavier Ferreira, nomes já citados anteriormente neste capítulo.

¹⁵⁹ Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, nascido na Colônia de Sacramento, viveu dos três aos dezoito anos de idade na estância dos pais, dentro dos limites de Pelotas.

¹⁶⁰ O periódico encontra-se disponível na Biblioteca Rio-Grandense.

¹⁶¹ Era comum, na época, no exercício de escritor, os homens públicos não assinarem seus textos e/ou, quando não anônimos, acobertavam-se atrás de pseudônimos ou apenas iniciais dos nomes. O mesmo acontecia com algumas mulheres escritoras que, muitas vezes, não queriam ou não podiam assinar seus textos.

aturar modo senhoril? [...] Com rica? Não há coisa mais insuportável! *Com pobre? Essa não me pode ajudar.* [...]

Não é de certo assim que devemos discursar, pois que assim fala bem mostra, que tem mais tendência para o celibato [...] *que seja pia, pudica* [...] ou boa. E quem achar uma neste caso, não despreze o conselho, ponha-a a bom recado, e bem diga a sua sorte.

No fragmento da crônica citada está intrinsecamente representada a estrutura sociocultural oitocentista em relação ao casamento, em cujo ápice encontrava-se o homem. A julgar que ao destino da mulher estava associado o matrimônio e, neste, o paradigma ideal de felicidade e realização, tradicionalmente a honra feminina estava relacionada à honra familiar, tal como acentua o cronista quando escreve que a futura esposa “seja pia, pudica”. Por essa via, considerava, também, o vínculo econômico entre o casal, tendo a questão de bens (um dote, provavelmente), *o sine qua non* do casamento,¹⁶² quando assinala “com pobre? Essa não me pode ajudar”. Essas questões corroboram a relação da família patriarcal, “cuja integração pelo casamento na elite tradicional era essencial para garantir a continuidade de sua preponderância” (NAZZARI, 2001, p. 109).

Seguiu-se ao primeiro jornal pelotense, *O Noticiador* (1854), a revista *Araribá* (1857); *O Brado do Sul* (1858); *O Diário de Pelotas* (1868); *Jornal do Comércio* (1870); *Correio Mercantil* (1875); *Onze de Junho* (1877); *O Cabrion* (1879); *A Discussão* (1881); *A Ventarola* (1887); *A Pena* (1884), *O Brasil* (1895),¹⁶³ entre uma lista extensa de jornais, sendo que muitos tiveram circulação simultânea.¹⁶⁴ Outro divulgador da literatura na cidade de Pelotas foi o periódico *Álbum Literário*, que se instituía enquanto um “Periódico de Recreio e Instrução”, de propriedade de Virgílio Rodrigues de Azevedo.

A partir da segunda metade do século XIX, emerge uma imprensa literária que inspira a vida intelectual da província. Em 3 de agosto de 1856, surge em Porto Alegre *O Guaíba*,¹⁶⁵ periódico que circulou entre os anos de 1856 a 1858. Dirigiam o periódico Carlos

¹⁶²Sobre o pacto matrimonial, sua evolução e mudanças, Ver NAZZARI(2001).

¹⁶³ Este jornal foi encontrado na Biblioteca Pública Pelotense, pela doutoranda.

¹⁶⁴ Esse *corpus* é parte dos dois projetos da FURG, citados no rodapé de número 15; e outros jornais disponíveis na Biblioteca Rio-Grandense, na cidade de Rio Grande.

¹⁶⁵ “Guaíba” é o nome dado a um estuário que banha a cidade de Porto Alegre, confundido por muitas pessoas, ainda hoje, como um rio.

Jansen e João Vespúcio de Abreu e Silva. (MAGALHÃES, 1993). Trata-se de uma significação histórica na literatura sul-rio-grandense, uma vez que foi a primeira folha a se dedicar à área literária nos pampas gaúchos. (BAUMGARTEN, 1982). No entanto, o periódico não se limitou às atividades literárias; ao contrário, abordou diversos assuntos como educação, belas artes, história geral e particular, biografias, linguística e filosofia. (Ibidem, 1982) Conforme comentamos anteriormente sobre os preceitos literários na condição de instrução, num fragmento do seu programa lê-se:

A leitura, eis a única fonte donde dimanam todos os prazeres do espírito, sem ela não pode haver instrução, ainda que se tenha aprendido alguma coisa, porém materialmente, como costumam a maior parte dos jovens que pensam que o saber consiste em decorar lições e repeti-las, palavras por palavras, desprezando a leitura, acessório indispensável ao estudo (FERREIRA, 1975, p. 19).

O jornal contava com nomes como Felix da Cunha, Zeferino Vieira Rodrigues, João Pedro Freire Barem Junior e Bernardo Joaquim da Silva Guimarães – o um grupo de intelectuais reconhecido e unido em volta de ideias comuns. Guilhermino Cesar, em sua *História da Literatura do Rio Grande do Sul* (1956), acrescenta que “a literatura rio-grandense começou a tomar forma definida, pois a contar daí nossos poetas e escritores apareceram unidos por ideias e aspirações comuns [...] além de marcar fundamentalmente sua época” (CESAR, apud FERREIRA, 1975, p. 17). O jornal contava, ainda, com significativa figura feminina que surgia, oficialmente, no cenário das letras, como o nome de Rita Barém de Melo (1840-1868), “publicando poesias saudosas e românticas” (FLORES, 2000, p. 170).

Depois de *O Guaíba*, deu-se início a uma série de folhas literárias de importante atuação na vida cultural da Província. Destacamos os mais importantes títulos editados em Porto Alegre: *Álbum de domingo* (1860); *Atualidade* (1867); *Revista Partenon Literário* (1869); *Murmúrios do Guaíba* (1870); *Álbum da semana* (1872); *Ensaios literários* (1875); *Álbum de domingo* (1878) e *Revista*

culto às letras (1880). Esses títulos participaram da imensa lista de periódicos literários e de outras de menor importância.¹⁶⁶

Na cidade do Rio Grande, surgia um jornal literário dedicado exclusivamente à literatura e que viria a dar “grande impulso ao movimento literário na Província” (BAUMGARTEN, 1982, p. 25). Tratava-se de *Arcádia*, que, publicado em 1867 e circulou até meados de 1870 (Ibidem, 1982). O semanário desenvolveu grande parte de suas atividades como órgão do Grêmio Literário Rio-Grandense e, segundo Baumgarten, o jornal foi um dos inspiradores do movimento da Sociedade do Partenon Literário que viria a culminar em uma das mais importantes publicações literárias do Rio Grande do Sul, a *Revista Partenon Literário*, pois os principais colaboradores da *Arcádia* seriam, posteriormente, personagens fomentadores desta revista. Já *Arcádia*, com um número considerável de colaboradores, tinha, no seu quadro, as escritoras Rita Barém de Melo (1840-1868) e, como vimos, já era atuante no jornal *O Guaíba*, de Porto Alegre.

Do movimento literário na Província de São Pedro que favoreceu a imprensa do Estado, uma vez que os escritores eram também jornalistas e colaboradores, nascia, então, a *Revista Partenon Literário*, em março de 1869. A revista, órgão oficial da Sociedade como grupo que surgira dez meses antes, teria como colaboradores muitos dos sócios, conforme se lê em Athos Damasceno Ferreira na *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*:

Havia setenta e oito nomes de colaboradores, entre os quais oito senhoras, o que prova que também mulheres, numa significativa antecipação aos resultados que se colheriam da campanha de emancipação feminina, francamente apoiada pela agremiação, tiveram acesso não só aos quadros da entidade como às colunas de seu órgão oficial (1975, p. 58 [grifo nosso]).

Das senhoras colaboradoras na Revista que foram mencionadas pelo autor destacamos os nomes pela ordem citada: Amália Figueiroa (1845-1887), Luciana de Abreu (1847-1880), Revocata de Melo (1858-

¹⁶⁶Ver a listagem completa em: FERREIRA, Damasceno Athos. *Imprensa Literária de Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1975; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul 1868-1880*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982; MAGALHAES, Mário Osório. *Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: EDUFPEL, 1993.

1945), Maria José Coelho (?), Avelina Barém(?), Maria Luíza Leal (?), Amélia A. de Souza (?) e Zulmira da Silveira (?).¹⁶⁷ Porém, podemos contar com o número de nove senhoras, uma vez que o autor cita Candida Isolina de Abreu, como nome masculino, “Candido”.¹⁶⁸ A *Revista Partenon Literário* (1869) tem fundamental importância na história literária do Sul, uma vez que é a partir dela que “se estabeleceram os vários caminhos que seriam seguidos pela literatura do Rio Grande do Sul” (BAUMGARTEN, 1982, p. 27).

A presença de escritoras nas folhas literárias escritas por homens chama a atenção para as muitas mulheres intelectuais que acompanharam a efervescência cultural no estado. Dos versos à crítica, essa imprensa presenciou o ingresso da atividade feminina que, numa etapa subsequente, impulsionaria o processo de mudança cultural e social do país.

É bom lembrar que os jornais eram instrumentos principais de trocas de ideias entre as mulheres alfabetizadas sendo que, em 1872, 11,5% das mulheres (brancas?) no país sabiam ler e escrever. (HAHNER, 2003, p. 75) Embora pareça uma proporção muito pequena, essas mulheres concentravam-se com vigor às novas ideias de emancipação e tornavam-se multiplicadoras na forma de firmar e ampliar suas posições, por meio da palavra escrita.

Cabe destacar os vários nomes femininos que contavam com presença constante nos jornais sul-rio-grandenses. São eles Rita Barém de Melo, nos jornais *O Guaíba*, *Revista Partenon Literário* e no *Atualidade* (1867); Clarinda da Costa Silveira, na *Arcádia* e no *Partenon Literário*; Luciana de Abreu, Amália dos Passos Figueiroa, Maria José Coelho, Avelina Barém, Maria Luiza Leal, Candida Isolina de Abreu, Amális A. de Souza e Revocata de Melo, todas colaboradoras na *Revista Partenon Literário*; Carolina Von Koseritz, no *Jornal do Comércio*; Maria Benedita Bormann, na *Gazeta da Tarde*, *O Sorriso*, *A Notícia* e o *Paiz*; Cândida de Oliveira Fortes Brandão, no *Correio do Povo*, *Jornal do Comércio* e no *Corymbo*; Ana Aurora do Amaral Lisboa, na *Revista Culto às Letras*. Ana Cesar colaborou no *Correio da Manhã*, *O Camaquã*, *Corymbo*, *A Noite*, *A Pátria*; Ibrantina Cardona colaborou no *Corymbo*; Matilde Ulrich Filha, no *Corymbo*; Luíza Cavalcanti Filha, no *Corymbo* e na *Tribuna Feminina*; Ana Saldanha Lisboa colaborou em *O Estímulo*; Francisca Marcant Gomes, no *Diário*

¹⁶⁷ As cinco últimas escritoras são mencionadas só nominalmente porque não foi encontrada nenhuma informação sobre nascimento e morte.

¹⁶⁸ O crédito primeiro desta observação recai para Mirian Steffen Vieira (1997).

Popular, Opinião Pública Clímax; e, finalizando a lista, na impossibilidade de citar todas, Mariana Coelho, Revocata H. Melo, Julieta de Melo Monteiro, Mathilde Ulrich de Almeida, Cândida de Abreu Pereira, entre outras, todas colaboradoras de o *Escrínio*.¹⁶⁹ Parte desse grupo foi também responsável pela fundação de seus próprios jornais, o que veremos no seguimento deste capítulo.

A situação política rio-grandense viria a ser um grande mediador da imprensa que surgiria naquelas terras. Entretanto, a agitação política também abriria espaço para um leque de atividades jornalísticas em que a literatura encontraria um campo fértil. Neste palco germinaria a presença das primeiras intelectuais gaúchas e nasceria especificamente a imprensa feminina no Estado, mote do subtema a seguir.

2.3. Surge a imprensa feminina no Rio Grande do Sul

Se concebermos como imprensa feminina aquela que é produzida por mulheres e que tem como alvo o público feminino, uma das precursoras desse jornalismo no Rio Grande do Sul, particularmente na cidade do Rio Grande, foi Julieta de Melo Monteiro (1855-1928).¹⁷⁰ Como “Proprietária e Redatora”, aos 23 anos de idade, ela publica, em 1878, o “jornalzinho” *Violeta*,¹⁷¹ um “Periódico Literário, Crítico e Instrutivo” (VIOLETA, 1878). Ao que pudemos constatar em nossas pesquisas, o jornal variava muito suas publicações, mas geralmente era publicado aos domingos. Nele, a jovem jornalista acompanha os movimentos culturais, artísticos e literários, não só da cidade e região, como também dos grandes centros do país. Prova disto a redatora

¹⁶⁹ Esta lista é um pequeno fragmento do extenso trabalho organizado em três antologias, sob a organização da pesquisadora Dr.^a Zahidé Lupinacci Muzart. Cf. MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2. ed. v. I. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000; MUZART, Zahidé Lupinacci (org). _____. Apresentação de Nádya Battella Gotlib. *Escritoras brasileiras do século XIX*. v. II. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004; MUZART, Zahidé Lupinacci (org). _____. Apresentação de Simone Pereira Schmidt. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres; CNPq, 2009. E Hilda Agnes Hubner Flores, em: FLORES, Hilda Agnes Hubner. *Dicionário de Mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989.

¹⁷⁰ Segundo informações repassadas por Hilda Flores, Julieta de Melo Monteiro nasceu na cidade do Rio Grande em 21 de outubro de 1855. Segundo a historiadora, data e local de nascimento estão erroneamente sendo publicados. Créditos de pesquisa de Maria Christina Minasi Pereira (2006).

¹⁷¹ A expressão “jornalzinho” era pela redatora toda vez em que escrevia sobre sua folha. As edições analisadas pela doutoranda, encontradas na Biblioteca Rio-Grandense.

apresenta na edição de 11 de agosto daquele ano, uma lista de jornais que foram recebidos pela redação, conforme lemos:

O Besouro, *O Domingo* e *Iracema*, da Corte; *Gazeta*, de Campinas; *Gazeta*, de Sorocaba; *Imprensa Itauana*, de Itu; *Diário de Campos*, de Campos; *A Sentinela*, de São Paulo; *O Século*, de Maceió; *Mosaico Ouro Pretano*, de Ouro Preto; *Gazeta de Lorena*, de Lorena; *Gazeta Rio Clarence*, de Rio Claro; *Espírito Santanense*, de Vitória; *Caixeiro*, de Porto Alegre; *Diabretes e Lusitano*, de Rio Grande; *Santa Cruz*, de Uruguaiana; *Cruzeiro do Sul*, de Bagé; *Cruz Altense*, de Cruz Alta. *Permutaremos* (VIOLETA, 11 de agosto de 1878, p. 1 [grifo nosso]).

Podemos observar que a extensa lista de periódicos recebidos pela redação, constituiu-se como um modo de divulgação do jornalismo entre a rio-grandina e os jornalistas de outros estados, o que se retifica quando a redatora responde aos colegas: “permutaremos”. Nesta mesma edição a redatora transcreve comentários elogiosos de outras redações que ressaltam a importância da folha publicada no Rio Grande do Sul:

A Violeta – mais uma brasileira aparece ao frontispício de uma folha, como redatora e proprietária D. Julieta de Melo Monteiro, fundou no Rio Grande do Sul uma Tipografia e nela publica um mimoso jornal literário, intitulado Violeta.

Fomos obsequiados com alguns números, e agradecemos tão interessante oferta (VIOLETA, 11 de agosto de 1878, p. 1).

Entre as atividades exercidas pelo jornal, observamos o seu vínculo com a literatura exercida pelas mulheres e, neste contexto, a propaganda favorecia a jornalista que tinha tipografia própria, localizada à Rua Francisco Marques, n.º 60, onde publicava *Violeta*, o que parece ter facilitado a publicação do livro *Prelúdios*, de sua autoria. Sobre esse evento a redatora-escritora esclarece no jornal que:

Com este título vai brevemente entrar no prelo um livro de versos da proprietária deste *jornalzinho*;

será o mesmo livro precedido de um juízo crítico de um dos primeiro literatos da nossa terra. Assina-se nesta Tipografia, preço de cada volume 2\$000 réis (VIOLETA, 11 de agosto, p. 2 [grifo nosso]).

Por conta de sua inserção nas atividades literárias, o jornal¹⁷² apresenta um campo vasto de publicações de diversos gêneros literários, tais como romance seriado – folhetins – como exemplo de *O Botão de rosas*, assinado por “Americana”¹⁷³ (VIOLETA, 14 de abril, de 1878, p. 1); a Seção “Rosas Literárias”, que apresenta poesias e “textos narrativos”, conforme classificação da própria redatora (VIOLETA, 18 de agosto de 1878, p. 2), e outras várias publicações direcionadas às letras femininas.

Observamos, porém, que o jornal vinha a público não só para propagar ilustração, mas, também, na forma de cooperar para o progresso social da educação feminina, quando alude sobre a problemática instrução das mulheres, conforme lemos na publicação do texto “A educação das mulheres”, abaixo:

Eis esta uma das principais senão a primeira das bases de nossa felicidade [...]. Não somos do número daquelas pessoas que julgam a mulher apenas apta para o serviço doméstico [...]. Em nossa opinião, existe um meio termo. [...] Não estamos habilitados a aconselhar as mães de família, especialmente neste ponto, visto a nossa pouca idade, os nenhum conhecimentos que temos, enfim, o não ser mãe (VIOLETA, 20 de abril, de 1879, ano II, p. 2).

Novamente vamos notar a reivindicação veiculada neste periódico a respeito dos direitos femininos, o que demonstra ideias bastante novas para a época, se considerarmos que o jornal foi publicado ainda em meados do século XIX, conforme lemos:

¹⁷² Sobre o jornal *Violeta*, um material expressivo foi encontrado pela doutoranda na Biblioteca Rio-Grandense, especificamente no Arquivo Abellard Barreto - caixa 34, “Doc 17”. Trata-se das edições de Violeta entre o ano de 1878 a 1879.

¹⁷³ Esse pseudônimo era utilizado pela escritora Revocata dos Passos Figueiroa e Melo, mãe das futuras redadoras do *Corymbo*, e, que, muitas vezes, foi colaboradora no periódico editado pelas filhas, até falecer, em setembro de 1887. Supomos, então, que essa escritora do folhetim seja Revocata-mãe.

A mulher e seus direitos

A mulher que por meio dos estudos e das letras busca ilustração, a ciência, o douro pomo da sabedoria [...] e desterrando a ignorância é mais digna de louvores e de admiração que o homem [...]. É errôneo pensar e até dizer que a mulher dada às letras falta aos deveres domésticos. [...] Deixem-nos, pois hastear nosso estandarte. Soltarmos o grito não de rebelião, nem de revolta anarquistas, mas sim de apelo ao tempo de Minerva, à luta em prol dos nossos direitos.
 Revocata M. de Melo¹⁷⁴
 (VIOLETA, 1 de junho de 1879)

Aspirações bastante renovadoras para o “jornalzinho”, conforme identifica a própria redatora, que foi pioneiro nas ideias e na atividade exercida por uma mulher em um centro afastado da Corte. O conceito “da mulher que por meio dos estudos e das letras busca ilustração, a ciência e o douro pomo da sabedoria” (VIOLETA, 1879), conforme citação acima, é, sem dúvida, um combate na afirmação negativa sobre a inferioridade das mulheres em relação aos homens.

Na edição de 6 de abril de 1879, a redatora esclarece que “após uma interrupção de dez meses, motivado ao princípio por desgostos de família¹⁷⁵ e mais tarde por motivos particulares, aparece hoje de novo a singela *Violeta* a implorar a proteção do público ilustrado” (1879, p. 1). Encontramos a publicação deste jornal até a data de 20 de julho de 1879.

A temática sobre os direitos sociais das mulheres foi uma constante em outro jornal fundado posteriormente por Julieta de Melo Monteiro em conjunto com a irmã, Revocata Heloisa de Melo, chamado *Corymbo*.¹⁷⁶ O jornal, que circulou entre 1883 a 1945, com alguns poucos intervalos, (VIEIRA, 1997) merece relevância na história da imprensa e, quiçá, da imprensa feminina mundial se considerarmos a efemeridade da publicação de periódicos no Brasil (SODRÉ, 1966) e, sobretudo, de periódicos femininos.

¹⁷⁴ Acreditamos haver um erro gráfico do nome da autora do texto, onde se trocou a letra H por M, uma vez que, provavelmente, trata-se de Revocata Heloisa de Melo, irmã de Julieta e com quem, mais tarde, em 1883, fundaria o *Corymbo*. Ao mesmo, observamos também não se tratar da mãe da jornalista que tinha o mesmo nome da filha, a escritora Revocata dos Passos Figueiroa e Melo.

¹⁷⁵ Provavelmente por “desgosto de família”, a redatora se refira à morte da tia Amália dos Passos Figueiroa, irmã de sua mãe, Revocata Figueiroa de Melo.

¹⁷⁶ Ver o estudo sobre o periódico em: VIEIRA (1997); e PÓVOAS (2005).

Ao que constatamos, o jornal recebia diversas colaborações de um número relevante de contribuintes oriundas de vários estados do Brasil e do exterior. Quanto às publicações, de acordo com edições as quais analisamos, encontramos assuntos como a educação, o voto, a profissionalização feminina e o divórcio. Por meio desta última temática, fica evidente que o jornal legitima seu direito e seu dever de divulgar e publicar fatos de interesse público, conforme lemos no texto que segue:

Divórcio

Á convite do ilustre e estimável vigário desta paróquia reuniu-se na Igreja Matriz, domingo passado, um grande número de senhoras com o fim de assinarem um protesto dirigido ao Senado Federal contra o projeto da Lei do divórcio absoluto!

Neste mesmo dia foram dirigidos telegramas ao Presidente do Senado, Presidente da Câmara dos Deputados e Senadores Dr. Ramiro Barcellos e Padre Alberto Gonçalves, Dr. Pinto Rocha e redação “absoluto”, assinados pelas distintas e simpáticas Exmas. Sras. Baronesa de Santa Martha, Maria Luiza Viana e Mara Pinto Chaves, dignas conterrâneas comissionadas pelas senhoras rio-grandenses, para representa-las na referida causa [sic] (CORYIMBO, 26 de julho de 1896, p. 2).

O assunto em pauta referia-se ao Projeto de Lei sobre as mudanças na legislação matrimonial, como legitimar o “divórcio absoluto”. Por conta dessas mudanças, evidentemente, a sociedade patriarcal conservadora, apoiada pela “igreja a reger e regar todos os aspectos do viver humano” (QUEIROZ, 2014), ergue-se em protestos e ações que se davam pelas “distintas e simpáticas senhoras”, em consoantes com o que lemos acima.

Quanto às atividades literárias, o periódico contava com a publicação de crônicas, artigos de crítica literária, contos, poesias e romances, que vinham na coluna destinada aos folhetins, como é o exemplo do romance *A seduzida*, de Inês Sabino, publicado em 3 de dezembro de 1893.

O jornal *A Violeta*, publicado na cidade gaúcha de Arroio Grande, em 1897, apresenta-se, ao que percebemos, quase estritamente

sob o viés da literatura. Periódico dirigido por Betriz P. de Andrade e Cecília P. Caldas, anuncia “colaboradores diversos”, mas sem nomeá-los. A folha publica, em 6 de junho de 1897, uma série de poemas. Essa edição foi a única encontrada na Biblioteca Rio-Grandense.

Porém, se concebermos que a imprensa feminina é uma atividade “exercida especificamente por mulheres que fundaram e dirigiram os jornais” (BUTONI, 1986, p. 9), então a Província de São Pedro foi cenário para um dos primeiros jornais escrito por uma mulher, se não o primeiro, em conformidade com os estudos de Zahidé Muzart, que afirma:

Maria Josefa [...] foi uma feminista *avant la lettre*, tendo fundado um jornal, com o estranho título de *Belona Irada contra os Sectários do Momo*. [...] Seu estilo de poetar prendeu-se ao arcadismo e, em sua poesia, também se colocou, conservadoramente, ao serviço do Império (1996, p. 154).

O *Belona Irada contra os sectários do Momo* foi lançado em Porto Alegre, ainda em 1833, e, sobre esse evento, acrescenta a historiadora Hilda Flores:

Engajada na política nacional foi a primeira mulher a fazer jornalismo, em seu próprio jornal, que batizou com o estranho nome de *Belona Irada contra os secretários do Momo*. Este jornal circulou [...] desde novembro de 1833 [...]. Como a maioria dos jornais do período farroupilha, o semanário *Belona*, literário e de tendência caramuru, era de formato reduzido e teve apenas três meses de duração (1989, p. 76).

Segundo Muzart (1996), Maria Josefa Barreto Pereira Pinto¹⁷⁷ (1786-?)¹⁷⁸ teria o mérito, então, de ter sido a primeira jornalista

¹⁷⁷Segundo Andradina de Oliveira, Maria Josefa Barreto “era admirável repentista. Recitou, uma vez, em sarau dramático, acusando ruidoso sucesso, uma belíssima poesia improvisada, a qual foi seguida de um desafio em versos, também improvisados, com outro inteligente poeta. No Almanaque de 1867, do Dr. Cesar Marques, são feitas a esta poetisa rio-grandense elogios referenciais [...]. Escreveu *Elogios dramáticos* e grande número de poesias que nunca foram publicadas. [...] O nome desta filha do Rio Grande figura no volumoso Dicionário do Dr. Sacramento Blake” (OLIVEIRA, 1907, p. 23).

brasileira e o seu *Belona*,¹⁷⁹ como era conhecido, o primeiro jornal escrito por uma mulher no Brasil. Pela situação intelectual da Província de São Pedro, com a aproximação da Revolução, *Belona* tinha características de sua época, com forte identidade política. Impetuosamente contra Bento Gonçalves¹⁸⁰ e seus revolucionários, Maria Josefa, “que não se deixa contagiar pela exasperação romântica com que os farrapos lutavam contra o poder central” (CESAR, 1956, p. 86), colocava seu jornal a serviço do Império. “O coração de poetisa *endurecido pelas causas partidárias* atacava os farroupilhas com sátiras incisivas, cheias de erudição e poesia, em que se atiravam ao ridículo os pretensiosos políticos daquele tempo” (TEIXEIRA, apud FLORES, 1989, p. 76 [grifo nosso]).

Já na *História da Literatura do Rio Grande do Sul* (1956), quando Guilhermino Cesar faz menção sobre a produção literária do ciclo farroupilha e, neste, o surgimento dos primeiros poetas no Estado, afirma que, naqueles tempos, “a imaturidade literária [...] é evidente” (1956, p. 71), pois foram os poetas “testemunhas de um estado de inquietação literária coincidente com a ordem política” (1956, p. 89). Talvez, por esse viés, o autor ressalte, entre os nomes de Delfina Benigna da Cunha, Ana Eurídice Eufrosina de Barandas e Clarinda da Costa Siqueira, o nome de Maria Josefa, a quem chamaria a atenção como:

*um coração feminino que pouco fala de amor [...].
Ela se coloca a serviço do Império, contra os*

¹⁷⁸ De acordo com a historiadora Hilda Flores, Maria Josefa, a jornalista, que não deve ser confundida com Maria Josefa Fontoura “expulsa de Porto Alegre, em 1830, para cortar a ponte de informações e contatos que ela e outras mulheres estabeleceram entre as famílias farroupilhas da capital” (FLORES, 1989, p. 73), teria nascido como Maria Engrácia, passado a “Maria Josefa nas certidões de batismo dos filhos em documentação posterior” (Ibidem, p. 74). Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, ou, literariamente, Maria Josefa Barreto, não teria seu registro de batismo encontrado, “mas como data provável, pode-se estabelecer o biênio 1786/88” (FLORES, Op.Cit., p.74).

¹⁷⁹ Zahidé Muzrt acrescenta que o jornal seria defensor do partido Caramuru e teve sua publicação encerrada no ano seguinte e, mais tarde, a jornalista fundou o periódico *Idade d'Ouro* que, assim como *Belona*, foi partidário dos Caramurus. Para a pesquisadora, “o jornal se alia aos Caramurus, mas, apesar disso, era combativo e polêmico. O artigo da primeira página, que seria o editorial do jornal, embora sem assinatura, leva aos leitores as ideias de dois editores, que muito provavelmente seriam os únicos trabalhadores do periódico [...]. O artigo é resposta a ataques da imprensa e, pela linguagem de tom virulento, poderia ter sido escrito pela polêmica Maria Josefa” (MUZART, 2003, p. 228).

¹⁸⁰ Militar líder da Revolução Farroupilha, lutava pela independência da Província do Rio Grande do Sul. O militar era líder e parte do grupo dos revolucionários “revoltosos”, conhecidos como “Farrapos”.

rebeldes de Bento Gonçalves [...]. *No seu jornal, que trazia o estranho título de Belona Irada contra os sectários de Momo*, e ainda na *Idade de Ouro*, redigido por ela e por Manuel dos Passos Figueiroa, *essa brava mulher sempre quis competir com os homens* (1956, p. 86 [grifos nossos]).

A citação acima merece algumas observações: uma poetisa que tinha como criação literária sonetos encomiásticos a serviços patrióticos, com clara oposição política e ideológica, pouco foi lembrada pelos estudiosos e pelos críticos. Por conta disso, possivelmente, ela foi notada pelo autor como uma poetisa com “um coração feminino que pouco fala de amor”. Estaria ele referindo-se à poesia ligada “de algum modo, às causas e consequências da insurreição farroupilha” (Ibidem, p. 89), isto é, com uma conotação exclusivamente política em detrimento aos reflexos sentimentais? Pois “tudo, nela, está longe de anunciar doçura ou visão subjetiva” (p. 86), diz. Da mesma forma e a seu tempo, parece estar intrincada alguma concepção conservadora quanto ao comportamento da mulher, uma vez que conclui o pensamento escrevendo sobre a atividade jornalística de Josefa, quando escreve que “essa brava mulher sempre quis competir com os homens”. O estilo de poetar de Maria Josefa comparava-se à poética encomiástica de Delfina da Cunha, que parece ter tido mais sorte.

Em ações simultâneas, Maria Josefa também funda e colabora, juntamente com o jornalista Manuel dos Passos Figueiroa,¹⁸¹ o jornal *Idade d'Ouro* (1833):¹⁸² “jornal político, agrícola e miscelâneo”, publicado às segundas e quintas-feiras, partidário do governo imperial e, como o outro, ligado às inquietações da ordem política. Primando pelo excesso verbal e o tom polêmico, o artigo da página inicial moveu a pena inflexível contra a causa farroupilha:

¹⁸¹ Manuel dos Passos Figueiroa era pai de Amália dos Passos Figueiroa e Revocata Figueiroa de Melo. Essa última, que também era poetisa, era mãe das conhecidas jornalistas Revocata de Melo e Julieta de Melo Monteiro.

¹⁸² Este jornal foi publicado na cidade de Porto Alegre, na Tipografia de Fonseca e Cia., localizada à rua de Bragança, nº58. Tais informações constam no cabeçalho do único número que se encontra no acervo da Biblioteca de Pelotas. Segundo Zahidê Muzart, o *Idade d'Ouro* apareceu em 1833 e foi partidário, tal como *Belona*, dos Caramurus. Este jornal foi publicado, pelo menos, até o número 32, segundo Abeillard Barreto, e dele não existe senão o número 31, pertencente ao Museu da Biblioteca Pública de Pelotas.

Quanto é desgraçado o Brasil, a quem esta corja de pedantes atesta querer endireitar! Ora bravos os Solons e os Licurgos que nos querem dar Lei! Malados aproveitais-vos da época e temei o Pan! Pan que já vos prognosticou a invicta BELLONA (IDADE D'OURO, 1834, p. 123).

O *Bellona* que deu origem ao substantivo “Belona” é um curioso registro que trata de uma personagem da mitologia romana que foi a deusa da guerra. Com seus empreendimentos bélicos, ela preparava o carro para o deus Marte ir para o combate. Provavelmente, Maria Josefa tinha no seu “Belona” o jornalismo como carro de combate.

Nos últimos anos, a investigação sobre periódicos femininos no Rio Grande do Sul assinalou um considerável número de títulos, como nos aponta, por exemplo, Pedro Maia Soares, um dos pesquisadores, que, entre as folhas “cuja referência é digna de crédito” (1980, p. 145), além de *Violeta* (1878), destaca os seguintes títulos: *Saudade* (1880), em Jaguarão, de Maria Amália F. C; *A Grinalda* (1896), em Porto Alegre, de Maria da Cunha; *A Violeta* (1897), em Arroio Grande, de Beatriz P. de Andrade e Cecília P. Caldas; *O Orvalho* (1898), em Livramento, de Alaíde Ulrich e Matilde Ulrich Filha; *Violeta* (1902), em Santa Maria, de Romilda Filizzola; *A Pena* (1909), também em Santa Maria, de Regina Lobato. Contamos, também, com as pesquisas da historiadora Hilda Agnes Hubner Flores (2000), que soma os seguintes jornais: *O Incentivo* (1906), fundado na cidade de Rio Pardo, pela tipógrafa Arlinda Gonçalves de Silva Prunes com codireção de Natércia Cunha Veloso, que também dirige *Rosicler* (1909), e *O Recôndido* (1015), dirigido por Antonieta Lisboa Saldanha, igualmente da cidade de Rio Pardo. A pesquisadora acrescenta a revista *Atenéia*, da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul (1949), com a cofundação de Aurora Nunes Wagner e “com a atuação mais conhecida, houve Andradina de Oliveira [...] com o semanário *Escrínio*” (FLORES, 2000, p. 177). Citamos, além disso, o jornal *Corymbo*, das irmãs Revocata Heloisa de Melo e Julieta de Mello Monteiro, redatoras-proprietárias, com publicação extensa entre 1883 e 1943. Somando-se aos títulos mencionados, por fim, há o jornal político *Belona Irada contra os secretários do Momo*, que antecede a publicação de todos os jornais e foi publicado na cidade de Porto Alegre, em 1833, por Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, jornal que já citamos anteriormente.

Como podemos observar, somente no estado do Rio Grande do Sul contamos com publicação de quatorze periódicos. Entretanto, apesar

desse quadro, não encontramos nenhuma referência sobre os jornais editados por mulheres em Athos Damasceno Ferreira na *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX* (1975). Para o autor, a publicação da revista mensal *Partenon Literário* (1869) “foi [...] a de mais demora ressonância entre nós” (1975, p. 63), e, quanto às mulheres, o autor apenas se refere ao nome das “oito senhoras” (ibidem, p. 58) que fizeram parte do corpo de colaboradores da revista, como já nos referimos. Lembremos que o jornal *Corymbo* teve não só sua publicação durante sessenta anos, como “propiciou o reconhecimento literário e a inserção dos escritores nas diversas possibilidades de atuação literária” (VIEIRA, 1997, p. 97). Cabe notar, também, que *A história da imprensa no Brasil*, publicada em 1966, obra considerada como um dos mais completos estudos sobre a imprensa brasileira, limita-se a comentar sobre o episódio do surgimento de dois dos periódicos editados por mulheres, como observamos no texto abaixo, quando, ao traçar um particular das circunstâncias históricas, o autor Nelson Werneck Sodré escreve:

Até mesmo em relação à mulher: a baiana Violante Ataliba Ximenes de Bivar e Valesco lança, então, o *Jornal das Senhoras*, em 1852, e que durou três anos, após o que lançou *O Domingo*, que circulou até 1875, quando faleceu Violante [...] A imprensa, como todo o conjunto de cultura, refere as transformações da época (1966, p. 214).

Visto que *A história da imprensa no Brasil* foi lançado mais de um século depois do anúncio sobre o surgimento da imprensa feminina, de certo muito haveria de se contar sobre os periódicos escritos pelas mulheres ao logo dos transcorridos cem anos.

Por fim, Marlyse Meyer, na obra *Folhetim: uma história* (2005), que nos oferece, na Segunda Parte, “O folhetim no Brasil”, o subtítulo: “Jornais femininos”, mergulha no produto impresso dos rodapés dos periódicos onde se encontram os folhetins e, neles, o gênero romance. Mas, como o foco de sua pesquisa não tratava especificamente dos jornais e/ou romances femininos, a autora logo adverte que “folheando rapidamente essa imprensa” (2005, p. 299), a feminina, dava

conta de apenas três periódicos femininos de fundação.¹⁸³ Moviada, então, pelo interesse em analisar uma anatomia do gênero romanesco através das primeiras contribuições folhetinescas, o estudo concentra-se em temas e situações, tanto com relação à qualidade dos romances, quanto seus efeitos sobre o leitor, segundo análise final de Antônio Candido, que assina a *Nota Prévia* da obra. A autora, porém, não se refere de modo particular aos folhetins femininos. Entretanto, atenta às atividades da escrita feminina, escreve que “novelas e folhetins ocupam sistematicamente o espaço consagrado do rodapé, em traduções feitas ‘por senhoras’ ou em produto nacional, muitas vezes de autoria das mesmas senhoras” (2005, p. 299).

A presença de romances nos folhetins sustenta a definição de que a imprensa feminina é um campo que merece e necessita ser explorado por sua estreita ligação com a literatura nos séculos XIX e XX. O que ilustra essa relação são, por exemplo, os romances publicados por escritoras como Andradina de Oliveira, Ana Luíza de Azevedo Castro, Inês Sabino, Julia Lopes de Almeida e tantas outras escritoras, como já destacamos anteriormente.

Veículo por excelência de conhecimento, as coleções de jornais e revistas organizadas, redigidas e editadas pelas mulheres representam a memória viva das letras femininas dos séculos de outrora e são testemunhas da participação das mulheres na história político-social do Brasil. Em outras palavras, os acervos desvelam não só a incontestável existência da atividade intelectual feminina; são, da mesma forma, fruto das indagações das mulheres a respeito de sua condição na sociedade.

Rio Grande, Jaguarão, Arroio Grande, Livramento, Santa Maria e Rio Pardo foram cidades no interior do estado do Rio Grande do Sul que promoveram, absolutamente, um grande diálogo entre as mulheres e a sociedade. No seu tempo e do seu modo, as jornalistas vêm acenar para a profunda transformação dos papéis femininos ao longo da história das mulheres no mundo. Diálogos e modos desta transformação serão foco das análises nas páginas do *Escrínio*, a seguir.

2.4. Fases e faces: o perfil de um periódico chamado *Escrínio*

Domingo apareceu o primeiro número do *Escrínio*, pequeno jornal literário e noticioso,

¹⁸³ Tomamos aqui a expressão “periódicos de fundação” como os primeiros jornais editados por mulheres. O primeiro jornal analisado por Meyer foi *O Jornal das Senhoras*, ao qual deu maior ênfase de análise; depois, *O Belo Sexo* e, por último, *O Sexo Feminino*.

habilmente redigido pela talentosa escritora D. Andradina de Oliveira, que bem lançado programa deixou [...] os elevados fins que presidiram ao aparecimento do *Escrínio* e a orientação que deve segui-lo.

Agradecidos pela visita, desejamos ao *novo coleguinha* um berço cheio de rosas no regaço *das gentis bageenses a quem mais diretamente é dedicado* (O COMÉRCIO, Bagé, 4 de janeiro de 1898 [grifo nosso]).

Esta nota, publicada no jornal *O Comércio – órgão de interesses locais* –, que circulava na cidade de Bagé, sobre o lançamento do jornal *Escrínio* na cidade do interior do Rio Grande do Sul, chama-nos a atenção em decorrência da maneira como esse outro órgão da imprensa local evidencia e divulga o aparecimento do “novo coleguinha”, conforme citação, quando o redator enuncia-o como um “pequeno jornal literário e noticioso [...] das gentis bageenses a quem mais diretamente é dedicado” (1898). A primeira impressão é de que se trata de uma pequena folha literária dedicada ao entretenimento das senhoras. Nota-se que a expressão “novo coleguinha” é pejorativa por se tratar certamente de um jornal escrito por uma mulher.

Surge, então, o “*Escrínio - Hebdomadário, Literário, Instrutivo e Noticioso, publicação semanal, proprietária e redatora... Andradina de Oliveira. Ano I, Rio Grande, Bagé, 2 de janeiro de 1898*”. Embora o periódico tenha sido lançado nesta data de janeiro, ao longo da história de suas publicações, Andradina sempre se refere ao jornal como se ele tivesse sido lançado em 1º de janeiro, mas reconhecemos o início das atividades no dia 2, em conformidade com a impressão do primeiro número:

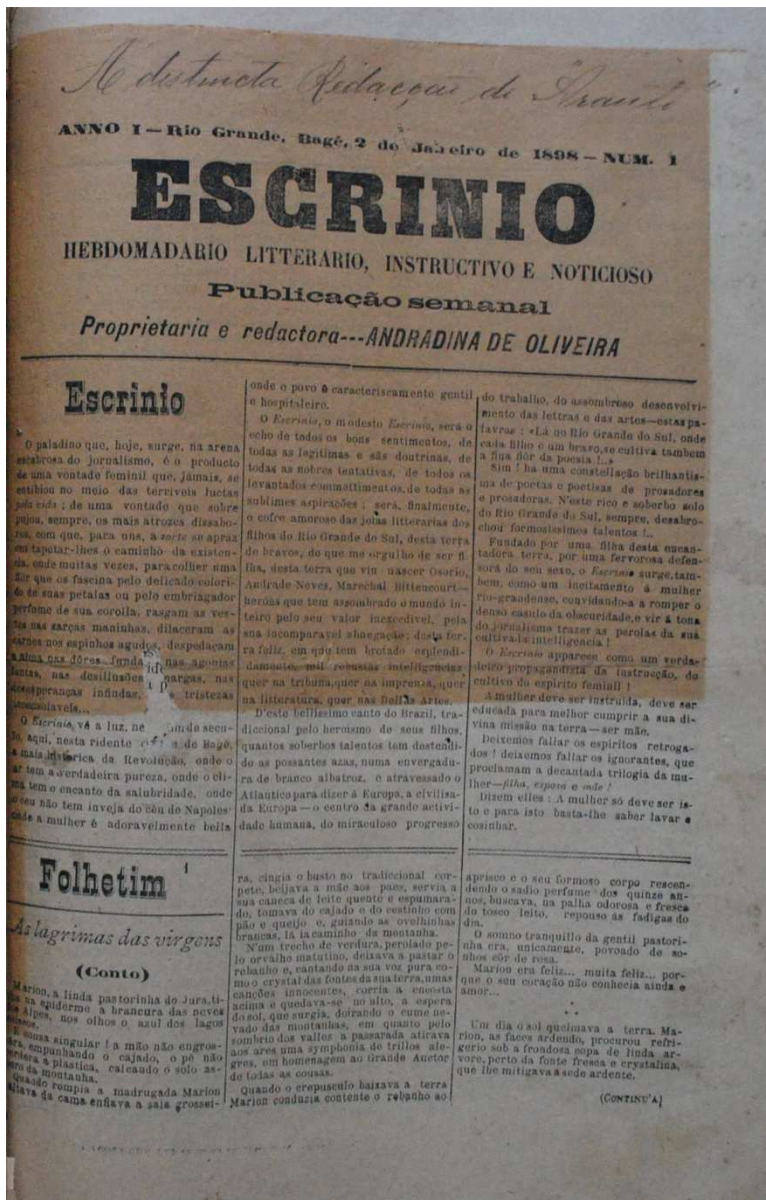


Figura 13: Foto da capa do jornal *Escrínio*, ano I, 1898 (Acervo da Biblioteca Rio-Grandense)

Impresso em formato in-fólio¹⁸⁴ e contando, portanto, com quatro páginas, à primeira vista o jornal¹⁸⁵ apresenta algumas seções como “Folhetins”, uma “Seção poética”, “Charadas”, “Noticiário”, noções sobre puericultura e, em última página, um espaço publicitário. Este se ocupa de duas colunas distintas: uma com a seção “Anúncios” e a outra com a seção denominada “Pelo Comércio”, que conta com pequenos textos onde a jornalista agradece os presentes recebidos dos comerciários locais, ao mesmo tempo fazendo *merchandising*. O jornal conta, ainda, com uma menção sobre assinaturas, contudo, sem informar os valores e os detalhes, como mensalidades – anual ou semestral –, a forma de pagamento e assinantes locais e fora da cidade, etc.

Durante nossas pesquisas, levantamos a hipótese de que o *Escrínio* poderia ter tido o lançamento simultâneo entre as cidades de Bagé e de Rio Grande, pois no cabeçalho do jornal consta a inscrição “Rio Grande, Bagé”. Para isso, verificamos se ele teria sido impresso, também, em alguma tipográfica da cidade portuária; o que não se confirmou. Entretanto, a simultaneidade poderia ser admitida pela própria redatora, quando, em data posterior, relança o *Escrínio* em Porto Alegre em junho de 1901, esclarecendo que “nasceu sob o esplendoroso céu da histórica Bagé [...], passando pela generosa e hospitaleira cidade do Rio Grande” (1901, p. 2). Ao mesmo tempo, observamos que, na época, era comum os jornais apresentarem no seu cabeçalho o nome do Estado e mais o nome da cidade da publicação. A partir disso fica a questão: Andradina se referia ao Estado do Rio Grande do Sul? Ou à cidade do Rio Grande? Fato que, em edição de 23 de janeiro, o cabeçalho do *Escrínio* apresenta a descrição: “Rio Grande do Sul, Bagé”.

Constatamos que os periódicos publicados nos séculos XIX e XX, em grande parte, descrevem nos distintos cabeçalhos informações básicas de identificação, tais como título, número, data, tipografia, local de publicação, etc. Observamos, todavia, que o próprio cabeçalho contém informações que servem de estratégia para identificar, em muitos casos, a posição política assumida pelo órgão e/ou o público a que esse se dirige. Geralmente, essa espécie de identificação ideológica era destinada aos jornais que se aventuravam pelas disputas partidárias, trazendo-a explícitas no seu título, como exemplo do jornal

¹⁸⁴ “In-fólio”: formato de um livro em que cada folha de impressão é apenas dobrada em duas, dando, portanto, quatro páginas, com uma altura média entre 35 e 50.

¹⁸⁵ Segundo o escritor e jornalista Gabriel Pereira B. Fortes (2000), o que se designa jornal, tecnicamente, aplica-se só ao diário; quanto às demais publicações, são periódicos ou revistas.

Constitucional Rio-Grandense. Já *O Imparcial*, em conformidade com o nome, abstinha-se de tomar parte de um ou outro partido político. Outros jornais tornavam pública sua neutralidade, como é o exemplo implícito no nome de *O Imparcial* e, outros, ainda, queriam amofinar qualquer um dos lados, como *O Amolador*.¹⁸⁶

Produzir um jornal é reproduzir uma imagem e disseminar informações e ideias, sejam elas explícitas ou implícitas. Ideias e juízos efetivam-se a partir de diferentes mecanismos de comunicação e, como observamos, estão embutidas nos títulos e na especificação do público a que o jornal quer atingir. Neste conjunto, os jornais publicados por mulheres são majoritariamente subordinados diretamente à sua identidade, isto é, à mulher e aos assuntos que qualificam o público feminino.

Quanto ao *Escrínio*, não encontramos no cabeçalho nenhuma informação explícita sobre o público a que o periódico se propunha atingir, isso é, “Senhoras”, “Mulheres”, “Sexo Feminino”, “Belo Sexo”. Não estão presentes no subtítulo as palavras: “Recreativo”, “Religioso” ou “Belas Artes”, que poderiam ser objetos compreendidos como matérias voltadas ao mundo feminino. Estão excluídos no interior do jornal assuntos pertinentes às senhoras, tais como moda, receitas culinárias e comportamento. Está, também, ausente, uma seção voltada para o lançamento de livros para as senhoras.¹⁸⁷ Considerando esse conjunto, foi possível levantar uma primeira hipótese: o periódico talvez não servisse de ferramenta para alimentar o limitado mundo do lar, compactuando com as prendas peculiares ao sexo feminino e as cenas da vida doméstica, o que seria incoerente com a própria condição de Andradina que, segundo seu exercício, começava a questionar o espaço reservado às mulheres na sociedade.

Assim sendo, uma leitura mais atenta desta primeira publicação corrobora a intenção de Andradina transformar seu periódico em uma ferramenta de promoção e valorização das mulheres e ajuda-las a saírem

¹⁸⁶Os jornais citados acima, *Constitucional Rio-Grandense*, *O imparcial* e *O Amolador*, fazem parte do *corpus* dos dois projetos trabalhados ainda no mestrado, conforme citamos anteriormente: O primeiro, *Literatura, jornal e cultura*: autores pelotenses - 1851/1889, que teve a coordenação do Professor Rildo Cosson, então da UFPEL; e o segundo projeto trata-se do *Dicionário de Autores de Rio Grande no século XIX*, coordenado pelo professor Artur Emilio Vaz, da FURG.

¹⁸⁷ Confinadas quase sempre ao âmbito doméstico, as mulheres letradas, que dispunham de tempo e de dinheiro, continham em suas cestas de costuras não só receitas de doces, mas, também, literatura. Romances ideais para o consumo de “senhoras e de senhoritas de família” eram aqueles que continham histórias com fundo moral, com o objetivo de elevar e estimular as condutas honradas. (De LUCA, 1999)

do círculo familiar, ultrapassando a esfera privada para a pública. Este fato fica muito claro no longo prospecto de lançamento, na página 1, onde retiramos o excerto, que, posteriormente, terá outras análises:

Fundado por uma filha desta encantadora terra, por fervorosa defensora do seu sexo, o *Escrínio* surge, também como um incitamento á mulher rio-grandense, convidando-a a romper o denso casulo da obscuridade, e vir á tona do jornalismo trazer as perolas da sua cultivada inteligência! (*ESCRÍNIO*, 2 de janeiro de 1891).

Na linha de raciocínio do pequeno texto que vem acima, torna-se patente que, no primeiro plano, a intenção de Andradina estaria voltada a num ótica feminista, pois já neste primeiro mês de publicação, a temática feminista também parece ganhar espaço de representação no jornal. A nota abaixo transcrita parece-nos bastante elucidativa sobre o aspecto que desejamos ressaltar:

A Mulher

O número de hoje – o último desse mês – como o último de todos os outros meses, será consagrado à *mulher*, tornando-se um número especial, pelo que pedimos aos nossos colaboradores e das pessoas que quiseram nos honrar com a gentil colaboração, *sobre tão delicado tema, enviaremos com antecedência os originais* (*ESCRÍNIO*, ano I, n. 3(5),¹⁸⁸ 30 de janeiro de 1898, p. 2 [grifo nosso]).

O jornal não abreviou a participação dos seus colaboradores e colaboradoras na defesa de seus pontos de vista em relação à temática feminina; entretanto, o prático e o convencional andavam juntos e os textos estavam à guisa de avaliação. Sobre isso a jornalista escreve em nota: “pedimos aos nossos colaboradores e as pessoas que nos quiserem honrar com a gentil colaboração sobre tão delicado tema, enviaremos com antecedência os originais” (*Ibidem*, p. 2).

Quanto à manutenção financeira do periódico, em um primeiro momento deve-se aos próprios recursos da proprietária com o auxílio dos anunciantes comerciais e de um número de assinantes já presentes

¹⁸⁸Nesta publicação, deve ter havido um erro de impressão, uma vez que conta como número do jornal o número 3, sendo que, na verdade, é o número 5.

na primeira publicação, conforme lemos em nota assinada por F. Martins: “ a sua nova carreira de jornalista do presente hebdomadário, que já conta com número de assinantes [...] cujo lucro reverterá aos benefícios de suas primeiras despesas” (ESCRÍNIO, 2 de janeiro de 1898, p. 2). E, em um segundo momento, as colaboradoras, que apenas em número de duas nesta edição,¹⁸⁹ juntar-se-ão à extensa lista em edições posteriores.

Quanto às assinaturas, ao que parece a própria redatora, Andradina, fazia o papel de agente comercial, como quando se refere às “distintas famílias bageenses que cercaram de gentilezas a modesta redatora do *Escrínio*, quando lhe foi solicitar as simpáticas assinaturas” (ESCRÍNIO, 9 de janeiro de 1898, p. 2). O trabalho incessante para angariar assinantes que serviriam, certamente, para a manutenção e circulação do periódico contava, ainda, com propagandas diárias no jornal, conforme o exemplo publicado com o título “Aviso”, onde a redatora escreve que “as pessoas que desejarem tomar assinaturas deste hebdomadário, queiram dirigir-se ao escritório desta redação, Rua General Caetano Gonçalves, próximo a Beneficência Portuguesa”(ESCRÍNIO, 2de janeiro de 1898, p. 3). O endereço fornecido corresponde à residência da diretora do jornal, ao qual já nos referimos no primeiro capítulo desta tese.

No que se refere à divulgação do *Escrínio*, a diretora contava com propaganda no jornal local, *O Comércio*, e com permutas realizadas com outros órgãos da imprensa, de acordo com menção no próprio *Escrínio*, onde a nota publicada sob o título “Os colegas” anuncia que: “recebemos vários jornais que permutaremos com suma satisfação” (ESCRÍNIO, 2 de janeiro de 1898, p. 3).

Nesta primeira publicação, o *Escrínio* não dispõe de informações a respeito da tipografia responsável por sua impressão, entretanto, a partir de algumas notas publicadas no jornal *O Comércio*, permitimo-nos afirmar que se deu na tipografia deste referido jornal, no qual lemos: “Deixou de ser impresso nas oficinas de *O Comércio*, o periódico *Escrínio*, de propriedade da Exma. Senhora D. Andradina de Oliveira, cuja conta com esta tipografia ficou pendente de saldo” (O COMÉRCIO, 9 de março de 1898). E três dias depois, *O Comércio* publica:

¹⁸⁹ As duas colaboradoras são Leocadia Grecco e Lucy, esta, com provável pseudônimo; ambas devidamente catalogadas no Anexo II- 1ª Fase.

D. Andradina de Oliveira

Cumprimos com o gratíssimo dever de declarar que a Exma. Sr.^a D. Andradina de Oliveira, digna redatora e proprietária do *Escrínio* nada deve a esta tipografia tendo seu débito de 45\$000 pago 30\$000 de uma vez e 15\$000 de outra.

Esta declaração nós fazemos em abono do bom conceito em que temos aquela Exma. Senhora e apreço que dedicamos ao *Escrínio* [...]

Só nos resta agradecer a Exma. D. Andradina de Oliveira a correção com que precedeu para com a empresa de *O Comércio* e a preferência que, entre todas outras tipografias, concedeu a esta para inaugurar o seu apreciável jornal – *Escrínio*. (O COMÉRCIO, de 12 de março de 1898).

No século XIX, os editores “dispensavam as salas de redação: o sujeito que queria lançar um jornal, escrevia-o em casa, mandava-o por um capanga a uma oficina para que o imprimissem” (BICALHO, 1988, p. 87). Esta observação é bastante pertinente, pois observamos que a proprietária do *Escrínio* mantinha na residência o escritório de redação onde, certamente, fazia ela mesma o trabalho de agente do seu negócio.

Outro fato que nos faz voltar à questão sobre a possibilidade de uma publicação simultânea é o seguinte: se o *Escrínio* deixa de ser impresso pela tipografia do jornal *O Comércio* no mês de março, como encontramos publicações do periódico de Andradina de número 15 em 10 de abril? Esta edição confirma que o periódico continuou a ser publicado em outra tipografia que poderia, igualmente, ser da cidade de Bagé, já que o cabeçalho continua com a informação: “Ano I. Rio Grande do Sul. Bagé, 10 de abril de 1898, N° 15” [sic] (1898). Outro fato importante é o aspecto da diagramação do jornal, ou seja, das diferentes formas com que os elementos gráficos são apresentados em suas páginas, diferenciados das edições anteriores, como, por exemplo, a distribuição dos assuntos em quatro colunas e não em três. Mas, embora não exista uma confirmação clara sobre a tipografia responsável, encontramos, na Seção “Aviso”, página 4, daquela data, a seguinte nota: “Roga-se as pessoas que desejarem tomar assinaturas deste semanário, o obséquio de dirigirem-se à Livraria POPULAR [sic], onde se atenderá, também, a qualquer reclamação relativa ao jornal” (1898).

Para compor a história do periódico e formar seu perfil, criamos um quadro para “Cronologia do Periódico *Escrínio*” e outro para “Colaboradoras do *Escrínio*”, disponíveis no Anexo I o primeiro quadro

e nos Anexos II, III, IV, V e VI o segundo. Ambos abrangem as edições que encontramos entre os anos 1898 e 1910. Para compor o primeiro quadro, subdividimos as publicações nas seguintes fases:

FASE	NOME	PUBLICAÇÃO	DIREÇÃO E LOCAL DE PUBLICAÇÃO
1ª Fase	Jornal Hebdomadário, Literário, Instrutivo e Noticioso	Semanal. Ano I, 1898	Andradina de Oliveira Bagé
2ª Fase	Revista Literária - Dedicada à Mulher Rio-Grandense	Quinzenal. Ano IV, 1901	Andradina de Oliveira Santa Maria
3ª Fase	Jornal Dedicado à Mulher Rio-Grandense	Semanal. Ano IV, 1901	Andradina de Oliveira Porto Alegre
4ª Fase	Jornal Literário, Artístico e Noticioso - Dedicado à Mulher Rio-Grandense	Semanal. Ano VI, 1903	Andradina de Oliveira Porto Alegre
5ª Fase	Revista Semanal Ilustrada	Semanal. Ano X, 1909- 1910	Andradina de Oliveira Lola de Oliveira (secretária) Porto Alegre

Para organizar o grupo das “Colaboradoras do *Escrínio*” e o registro de suas publicações, compomos o que supomos ser um índice remissivo, uma vez que estão identificados o ano, o número e a data de publicação no jornal, acompanhados do gênero, título e página referente ao texto de cada uma delas. Para esse fim, abaixo estão sintetizados os cinco anexos que constam ao final da tese:

Colaboradoras do <i>Escrínio</i>		
Fase	Ano	Publicação e Local
1ª	1898	Jornal publicado em Bagé
2ª	1901	Revista publicada em Santa Maria
3ª	1901	Jornal publicado em Porto Alegre
4ª	1903	Jornal publicado em Porto Alegre
5ª	1909-1910	Revista publicada em Porto Alegre

Como podemos observar na síntese dos dois quadros acima, o *Escrínio* teve algumas mudanças durante o período de sua existência. Ora como jornal, ora como revista, ele teve variações no tamanho, na forma, na periodicidade, mensalidade, na divisão das Seções, nos assuntos e na diagramação, bem como em seus recursos.

Para a realização desta pesquisa foi imprescindível reunir um *corpus* do *Escrínio* que oferecesse condições sustentáveis para uma análise das transformações histórico-sociais nele contidas. A validade desse estudo está nas páginas do século que atravessou barreiras do tempo para trazer aos nossos dias a compreensão da formação da consciência feminina que, no conjunto, ocorria longe dos grandes centros. Incluída neste conjunto está “a escritora Andradina de Oliveira, de importante atuação regional no final do século XIX: em 1898, começa a editar em Bagé, RS, o jornal semanal *Escrínio*”, completa Leonora De Luca (1999, p. 147).¹⁹⁰ Na busca concreta desta memória, cabe mencionar os lugares de busca¹⁹¹ do *corpus*, como forma de explicar como compomos a história do periódico, dispostos no quadro abaixo:

¹⁹⁰ Nesta citação, a autora cita “O ESCRÍNIO” com o artigo que definiria como título do periódico, nome que retificamos na citação.

¹⁹¹ Referimo-nos que houve, também, buscas infrutíferas em alguns acervos, bibliotecas e Instituições: no Estado do Rio Grande do Sul: Biblioteca Pública Pelotas; Arquivo Público Municipal (Bagé); Arquivo Histórico Municipal (Santa Maria); Biblioteca Pública Municipal Henrique Bastide (Santa Maria). Ambas as instituições, contactamos por telefone e e-mail: Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (Porto Alegre). Por motivo de a instituição encontrar-se provisoriamente num ambiente da Casa Mario Quintana, grande parte do material não estava disponível para pesquisas; Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa (Porto Alegre), onde havia material do periódico, mas não tivemos acesso por ter sido recolhido para restauração; Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul-ALFRS (Porto Alegre); Memorial do Legislativo da Assembleia do Rio Grande do Sul (Porto Alegre); Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (Porto Alegre); Arquivo Histórico Moysés Vellinho (Porto Alegre); Casa de Cultura Mario Quintana (Porto Alegre); Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas – Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Sul - CORAG (Porto Alegre); Acervo particular do historiador Julio Petersen, já falecido, que se encontra depositado na Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS (Porto Alegre). No Estado de São Paulo, a Hemeroteca do Arquivo Público, consulta on-line; a Hemeroteca da Biblioteca Mário de Andrade, consulta on-line. Em Portugal, Biblioteca Nacional de Portugal e Hemeroteca de Lisboa. Esta última Instituição encontrava-se temporariamente fechada. Dessa forma, realizamos pesquisa on-line na Hemeroteca Digital.

EDIÇÃO	DATA	LOCALIZAÇÃO
Ano I - Nº 1, Rio Grande/Bagé	2 de janeiro de 1898	
Ano I - Nº 2, Rio Grande/Bagé	9 de janeiro de 1898	
Ano I - Nº 15, Rio Grande/Bagé	10 de abril de 1898	Biblioteca Rio-Grandense, Rio Grande
Ano IV - Nº 1, Porto Alegre	12 de junho de 1901	
Ano IV - Nº 3, Porto Alegre	30 de junho de 1901	
Ano I - Nº 1, Rio Grande/Bagé	1ª de janeiro de 1898 ¹⁹²	Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro
Ano I - Nº 1, Rio Grande/ Bagé	23 de janeiro de 1898	
Ano I - Nº 5, ¹⁹³ Rio Grande/ Bagé	30 de janeiro de 1898	Museu Dom Diogo de Souza, Bagé
Ano X - Nº 1, Porto Alegre	16 de setembro de 1909	
Ano X - Nº 2, Porto Alegre	23 de setembro de 1909	
Ano X - Nº 4, Porto Alegre	9 de outubro de 1909	
Ano X - Nº 10, Porto Alegre	20 de novembro de 1909	Acervo da pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart, Florianópolis
Ano X - Nº 11, Porto Alegre	27 de novembro de 1909	
Ano X - Nº 14, Porto Alegre	18 de dezembro de 1909	
Ano X - Nº 15, Porto Alegre	25 de dezembro de 1909	
Ano XI - Nº 11, Porto Alegre	12 de março de 1910	
Ano XI - Nº 14, Porto Alegre	2 de abril de 1910	

¹⁹² Cabe, aqui, uma relevante informação. Ao realizar pesquisas *on-line* no Catálogo de Periódicos Raros, da Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, deparamo-nos com o *Escrínio* de edição de número 1, mas com data de 1º de janeiro, o que nos fez requerer o envio do material para uma melhor análise; entretanto, ao examinarmos o material que nos fora enviado, ratificamos que o periódico é o mesmo que já havíamos encontrado na Biblioteca Rio-Grandense, mas com a data de publicação de 2 de janeiro, e não de 1º. Concluímos haver uma informação equivocada no site da Biblioteca Nacional.

¹⁹³ Neta edição deve ter havido erro de impressão, uma vez que o número do jornal conta como número 3, mas, na verdade, trata-se da edição de número 5.

Alegre	16 de abril de 1910	
Ano XI - Nº 16, Porto Alegre	23 de abril de 1910	
Alegre	30 de abril de 1910	
Ano XI - Nº 17, Porto Alegre	28 de maio de 1910	
Ano XI - Nº 18, Porto Alegre	18 de junho de 1910	
Ano XI - Nº 22, Porto Alegre		
Ano XI - Nº 25, Porto Alegre		
Ano X - Nº 5, Porto Alegre	16 de outubro de 1909	
Ano XI - Nº 6, Porto Alegre	5 de fevereiro de 1910	
Ano XI - Nº 7, Porto Alegre	12 de fevereiro de 1910	
Ano XI - Nº 9, Porto Alegre	26 de fevereiro de 1910	Acervo particular da historiadora Hilda A. Hubner
Ano XI - Nº 16, Porto Alegre	16 de abril de 1910	
Ano XI - Nº 20, Porto Alegre	14 de maio de 1910	Flores, Porto Alegre
Ano XI - Nº 21, Porto Alegre	21 de maio de 1910	
Ano XI - Nº 26, Porto Alegre	25 de junho de 1910	
Ano IV - Nº IV, Santa Maria	28 de fevereiro de 1901	Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul,
Ano IV - Nº V, Santa Maria, 1901	15 de março de 1901	
Ano VI - Nº 36, Porto Alegre	20 de dezembro de 1903	Porto Alegre

Se contarmos com a existência de 12 anos de publicação do *Escrínio*, estes trinta e três números acima dispostos no quadro (com exceção da repetição do número 1 com a data de 1º de janeiro, que foi erroneamente publicado no site da Biblioteca Nacional, e não existe) não representam a maioria absoluta do conjunto, mas a existência dessas edições representa a coragem de uma intelectual que, ainda no século XIX, cria um espaço público para as mulheres divulgarem suas letras e ideias em uma provinciana cidade do interior do Brasil. Este momento é especialmente relevante para a história das letras femininas e do feminismo no Rio Grande do Sul.

Como jornal, o *Escrínio* nasceu em Bagé e circulou por algum tempo. Tempo que, infelizmente, não confirmamos, porquanto só temos as edições do mês de janeiro e uma de abril de 1898. Entretanto, lemos, no segundo exemplar, uma informação breve que pode nos dar um indicativo sobre o período de publicação do periódico na cidade:

Agradecimento:

às ilustres famílias e distintíssimos cavalheiros que, por falta absoluta de tempo, não nos foi possível ir solicitar-lhes as importantes assinaturas, e que tiveram a gentileza de nos pedir para considera-los [...], levando a sua generosidade e simpatia ao ponto de *quererem efetuar, adiantado, o pagamento de suas assinaturas, por espaço de dois anos* (ESCRÍNIO, ano I, n. 1, 9 de janeiro de 1898, p. 4 [grifo nosso]).

Ao mesmo tempo em que a nota se refira ao “pagamento por espaço de dois anos”, ela não confirma absolutamente que a publicação do jornal se prolongaria por todo esse tempo exclusivamente na cidade de Bagé, uma vez que os assinantes poderiam ser de cidades e estados distintos aos da origem do jornal. Em outras palavras, o periódico poderia peregrinar por cidades e estados diferentes, contendo os mesmos assinantes. Ao mesmo tempo, tornamos a repetir a nota publicada por Andradina no *Escrínio* de 12 de junho de 1901, em Porto Alegre, onde escreve que ele “nasceu sob o esplendoroso céu da histórica Bagé [...], passando pela generosa e hospitaleira cidade do Rio Grande” (1901, p. 2). Pensamos, então, que a partir do seu aparecimento em Bagé, no início do ano de 1898, o periódico poderia ter, em algum período do ano de 1900, “passado pela generosa e hospitaleira cidade do Rio Grande” (1901), já que, no início de 1901, ela publicá-lo-ia em Santa Maria. Não dispomos, todavia, de elementos suficientes para confirmar tal fato.

Enquanto jornal, impresso em formato in-folio – quatro páginas – e tamanho 33X23 cm, o *Escrínio* teve periodicidade semanal nas suas primeiras publicações, ou no que classificamos como *1ª Fase*, quando publicado na cidade de Bagé. Neste período, o índice geral de matérias estava dividido em três colunas por páginas e continha seções com títulos como: “Folhetim”; “Seção Poética”; “Poesias”; “Noticiário”; “Charadas”; “Aviso”; “Expediente”; “Pelo Comércio”; “Anúncios”; “Movimento Literário”; “Retratinhos”; “Revista da Imprensa”; “Imprensa”; “Parabéns”; “Humorismo”; “Logogrifos”; “Anedotas”;

“Pensamentos” e “Gentilezas”. Apenas o exemplar de número 15 apresenta a distribuição das matérias em quatro colunas, fato provável da troca de tipografia, consoante mencionamos anteriormente.

Muitas das seções acima são consagradas a uma “constelação [...] de poetas e poetisas, de prosadores e prosadoras neste rico e consagrado solo do Rio Grande do Sul, que sempre desabrochou formosíssimos talentos”, como escreve Andradina (ESCRÍNIO, ano I, n. I, 2 de janeiro de 1898, p. 1). Além das publicações literárias, a seção “Movimento Literário” compreende conteúdos sobre as escritoras e seus respectivos trabalhos, como lemos: “as inspiradas poetisas rio-grandenses, *Julietta de M. Monteiro* e *Ibrantina Cardona*, acabam de enriquecer a literatura nacional com mais dois produtos belíssimos das suas férteis mentalidade” (ESCRÍNIO, 9 de janeiro de 1898, p. 2).

Quanto ao índice geral das matérias publicadas, ainda no que classificamos de *1ª Fase*, citamos: “Escrínio”; “As mães”; “Diário de uma filha”; “Ano Novo”; “Vem de Canudos”; “Jesus”; “Causas úteis”; “A lágrima da estrela”; “Alma de poeta”; “Pêsames”; “Tenor Job”,¹⁹⁴ “O aplauso das senhoras”; “Manifestação”; “A mulher”; “A liberdade triunfa”; “Uma heroína”; “Vencendo” e “O feminismo”. Neste aspecto, verificamos, entre a variedade dos assuntos, os temas sociais e mais especificamente assuntos que abrangem a condição da mulher. Estes e os demais conteúdos terão atenção especial no próximo subtítulo deste capítulo da tese.

No início do século XX, o *Escrínio* transfere-se para a cidade de Santa Maria e é relançado como *revista*,¹⁹⁵ período que classificamos como *2ª Fase*. Não sabemos, entretanto, quando exatamente se iniciou a publicação na cidade.

Acompanhado de transformações, o periódico apresenta variações na forma, nos textos e na diagramação das páginas. Dulcília S. Buitoni esclarece que, enquanto revista,

não existe só essa diferença material: geralmente, o conteúdo é tratado de modo diverso. No passado, o termo revista relacionava-se mais com

¹⁹⁴ Eufrásio Jobé o nome de um conhecido tenor da cidade do Rio Grande, anunciado, algumas vezes, pelo *Escrínio*.

¹⁹⁵ Segundo Dulcília Schroeder Buitoni, “a palavra inglesa *magazine*, derivada da francesa *magasin*, de mesma origem árabe de *armazém*, designava as publicações de conteúdos diversificados, correspondendo ao que se chamava de *revista*, em português. Mesmo assim, os primeiros periódicos femininos brasileiros tinham o nome de jornal, apesar de serem revistas. Alguns, como o *Novellista Brasileiro* ou *Armazém de Novellas Escolhidas* (1851), conservam o termo *armazém* no título e realmente traziam mercadorias variadas.” (1896, p. 17)

o conteúdo do que com o formato, pois, na prática, era difícil distingui-la do jornal pelo aspecto visual. Ambos eram muito semelhantes, graficamente. Considerava-se revista uma publicação que, mesmo tendo aparência de jornal, apresentasse maior variedade de conteúdo (1986, p. 17).

Escrínio: revista literária dedicada à mulher rio-grandense [sic]. A primeira impressão que temos do material analisado é a de que, de fato, é muito parecido com a forma de jornal publicada anteriormente. Impresso em formato in-quarto, contendo, portanto, oito páginas, com tamanho 20X14 cm, o *Escrínio* é publicado duas vezes por mês. O aspecto de revista é dado, à primeira vista, pela apresentação de uma capa¹⁹⁶ contendo desenhos geométricos, circulares, motivos florais, borboleta e outros adornos, marcando o canto superior esquerdo, conforme verificamos no exemplar abaixo:

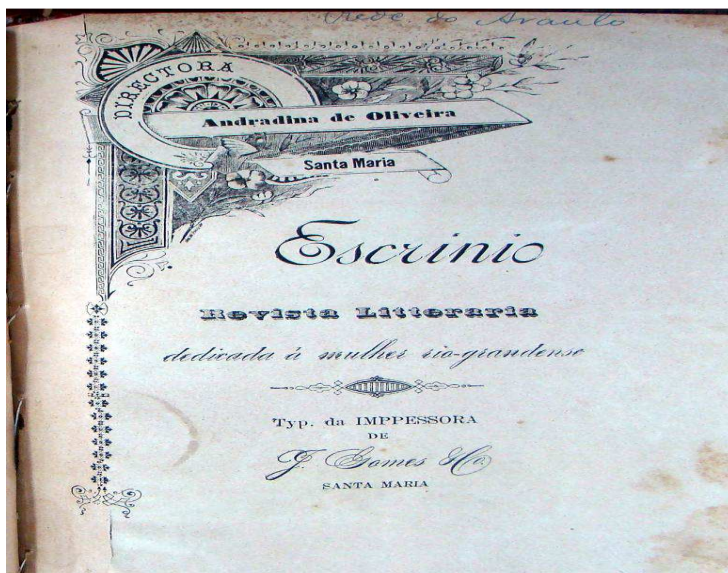


Figura 14: Foto da capa da Revista *Escrínio*, ano IV, 1901 (Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul)

¹⁹⁶ Lê-se, em Leonora De Luca, que era muito comum, à época, as revistas ser protegidas com capa e/ou sobrecapa. (1999)

Na figura acima, o nome da “Diretora, Andradina de Oliveira” aparece em relevo, associado aos detalhes das gravuras. O nome do periódico ganha destaque, centralizado na capa, e logo abaixo dele há o subtítulo “Revista Literária” em letras menores, mas em caixa alta e negrito; e, associado a ele, observamos o subtítulo que indica o público a que a revista se destina: “à mulher rio-grandense”. A capa conta, ainda, com uma vinheta em forma de desenho para separar o nome da tipografia, que é apresentado por letras com efeito tipográfico. Esse criterioso conjunto de motivos, com variados efeitos, compõe um aspecto visual elegante da revista. No interior, encontra-se um cabeçalho com dados sobre a publicação, tais como Ano, Data – acompanhados somente do nome da cidade e não mais do Estado – Número, a referência sobre os valores das assinaturas e os demais dados já contidos na capa.

A menção sobre a tipografia responsável pela impressão é anunciada pela revista, quando a capa estampa a “tipografia da impressora de J. Gomes & Comp.”.¹⁹⁷ Nesta fase, o preço das assinaturas é anunciado no cabeçalho, onde é esclarecido que o “pagamento adiantado”¹⁹⁸ é no valor de 5\$000 (cinco mil réis) por trimestre e o exemplar avulso é de 1\$500 (mil e quinhentos réis). Para termos uma noção sobre o custo da revista, traçamos um comparativo com valores de periódicos coetâneos ao *Escrínio*, como, por exemplo, *O Lyrio*, *Revista Mensal* publicada em 1903, pela redatora-chefe Amélia de Freitas Beviláqua, no Recife, com assinaturas trimestrais no valor de 2\$000 (dois mil réis) e, semestral, 4\$000 (quatro mil réis); o *Corymbo*, entre os anos de 1896 e 1913 foi anunciado pelo preço de 1\$000 (um mil réis) mensais e por 3\$000 ao trimestre para assinantes fora da cidade e, anual, no valor de 12\$000 (doze mil réis), segundo nos informa Míriam Steffen Vieira (1997); e *A Mensageira*, revista quinzenal publicada por Prisciliana Duarte de Almeida, em São Paulo, era oferecida pelo mesmo valor anual do que o *Corymbo* (Ibidem, p. 73). Indo mais além, comparamos as assinaturas desses quatro periódicos da imprensa feminina, com o jornal *Letras e Artes*, da imprensa geral, masculina, publicado em Porto Alegre. Consagrado à tarefa de agregar escritores e artistas em geral, a folha, publicada em 1º de fevereiro de

¹⁹⁷ “A Impressora. J. Gomes & Comp. Oficina de tipografia, encadernação e cartonagem. Livraria, papelaria e objetos para escritório” (propaganda no *Escrínio*).

¹⁹⁸ Segundo Maria Fernanda Baptista Bicalho (1988), a *Gazeta do Rio de Janeiro* foi o primeiro órgão oficial no Brasil, publicado em 10 de setembro de 1808, inaugurando o sistema de assinaturas pagas antecipadamente e “esforçou-se pela regularidade na entrega dos exemplares destinados aos assinantes e à venda avulsa” (p. 82).

1899, apresentava dezesseis páginas, tinha como redator Eugênio Console e tabelava-se nos seguintes valores: ano, 20\$000 (vinte mil réis); semestre, 12\$000 (doze mil réis) e ano para assinaturas fora do Estado, 24\$000 (vinte e quatro mil réis); semestre fora do Estado 15\$000 (quinze mil réis). (FERREIRA, 1975)

Como *Revista Literária dedicada à mulher rio-grandense* [sic] publicada em Santa Maria, em 1901, o *Escrínio* apresenta uma nova composição gráfica em que dispõe de duas colunas distribuindo assuntos variados sem seções fixas. Dulcília Buitoni esclarece que, naquele tempo, o perfil de revista era dado pela “maior variedade de conteúdo, principalmente ficção, poesia, relatos de viagens” (1986, p. 17). Conforme a representação apontada pela especialista, observamos que o grupo de textos publicados no *Escrínio* em 15 de março daquele ano, como “O piano de Alice”; “A partida”; “A luta”; “Impressões de viagem”; “O mar”; “Bela”, etc. está reservado ao entretenimento. E o grupo de títulos como “Notas feminis”; “Brasileiras ilustres”, etc., escritos em prosa, à área da crítica. Ambos os grupos sistematizam o *Escrínio* como um “propugnador pelos nobilíssimos direitos relativos a emancipação intelectual da mulher rio-grandense” [sic] (ESCRÍNIO, ano IV, n. 5, 15 de março de 1901, p. 8). Além do entretenimento e do esclarecimento, a revista apresenta uma parte informativa – “Expediente” – e não faltam, também, estampados na capa final, frente e verso, as propagandas comerciais.

Difícil identificar o período exato que duraram as publicações do periódico na cidade de Santa Maria, entretanto, quando Andradina o relança em Porto Alegre, em junho de 1901, escreve que “viveu ultimamente *quase dois anos* na poética cidade de Santa Maria, onde se agita uma população honesta, trabalhadora e progressista que a acolheu com sincera estima” (ESCRÍNIO, 12 de junho de 1901, p. 2 [grifo nosso]). Por essa via, pensamos que o *Escrínio* deve ter sido publicado naquela “poética cidade” entre meados de 1899 e início de 1901.

Então, a 12 de junho de 1901, reaparece o *Escrínio: jornal dedicado à mulher rio-grandense, ano IV, nº 1, publicação semanal* [sic], em Porto Alegre, capital gaúcha; mais uma vez transformado em jornal. Com esse título, que classificamos como 3ª Fase, o jornal começa a aprimorar o seu visual. Conservando uma espécie de capa, o que parece ser um tipo de edição especial de lançamento, na parte superior traz um cabeçalho contendo todos dados de informações pertinentes à publicação, como ano, data, cidade de publicação, endereço da redação, valor das assinaturas e, ao centro da página, a

gravura de Luciana de Abreu, acompanhada da inscrição “Homenagem do *Escrínio*”, conforme observamos no exemplar abaixo:

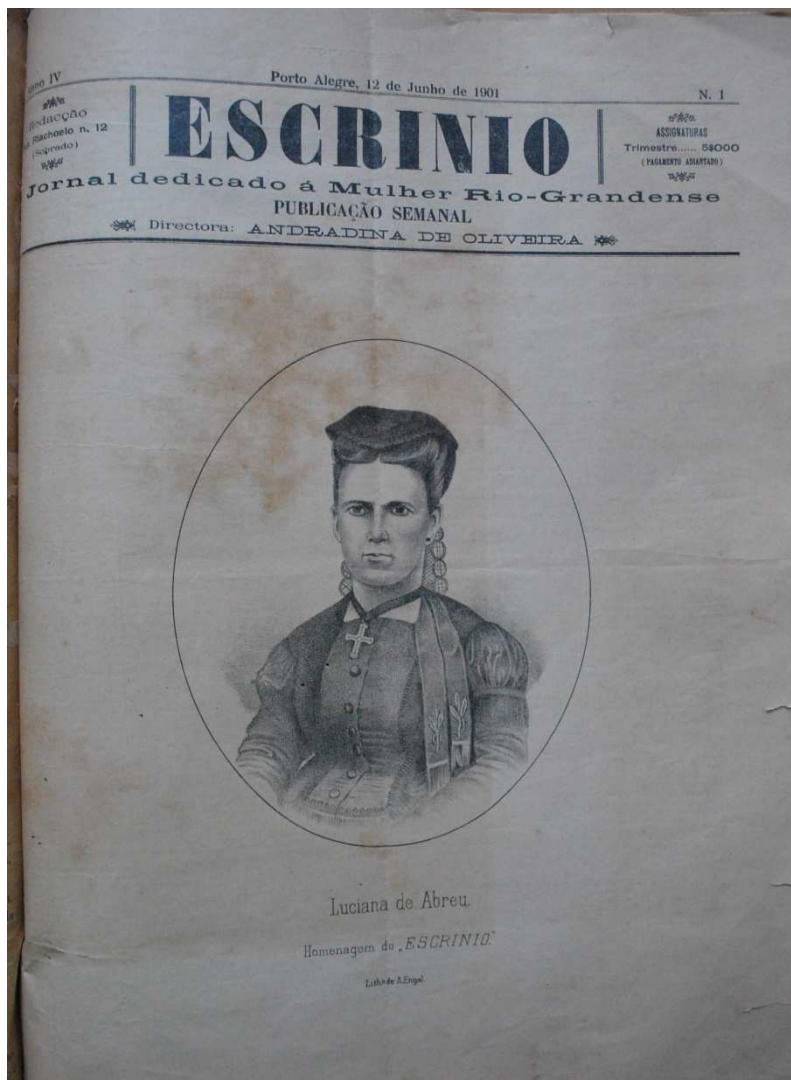


Figura 15: Foto da capa do jornal *Escrínio*, ano IV, 1901 (Acervo da Biblioteca Rio-Grandense)

Luciana de Abreu (1847-1880) inaugura a seção “Galeria Rio-Grandense”, onde, a cada nova edição, um novo nome feminino de relevância do mundo das letras e artes em geral é prestigiado. Toda a página dois e mais a primeira coluna da página três estão reservadas ao longo texto bibliográfico e laudatório sobre a homenageada do dia, assinado por Andradina de Oliveira.

Novamente com quatro páginas e tamanho 47 x 33 cm, o jornal estampa, no cabeçalho, os valores das assinaturas que continuam com a modalidade “pagamento adiantado” e o mesmo valor enquanto revista publicada em Santa Maria, ou seja, 5\$000 (cinco mil réis) por trimestre, mas sem mencionar o valor do exemplar avulso. A redação do jornal encontra-se à “Rua Riachuelo (sobrado)”, onde também é a residência particular da diretora.

Contando com um formato diferenciado, o jornal ocupa-se de cinco estreitas colunas com letras menores, o que envolve um componente maior de espaço para as informações veiculadas, pois “a maioria dos jornais diários circulava com poucas páginas” (BUITONI, 1981, p. 48). Formato que podemos observar no exemplar que segue:

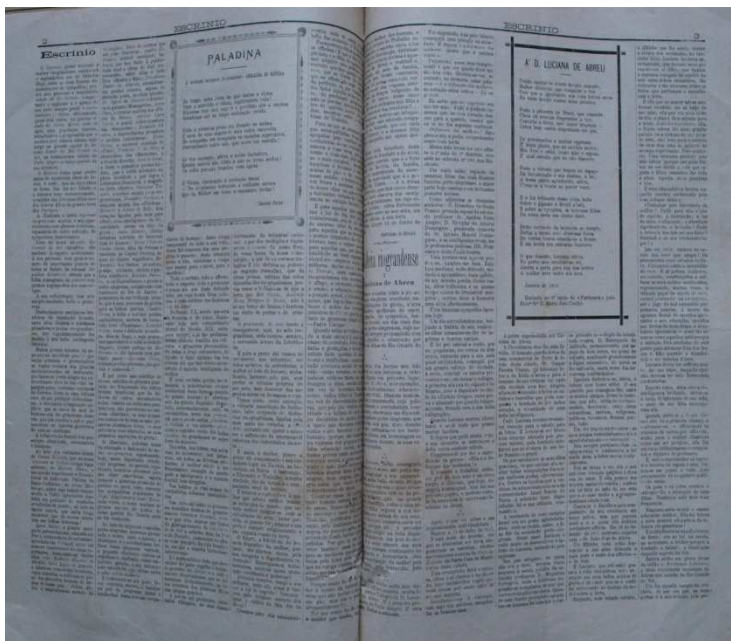


Figura 16: Foto do jornal *Escrínio*, ano IV, 1901 (Acervo da Biblioteca Rio-Grandense)

No edital de lançamento que se ocupa das cinco colunas da página dois e a metade da coluna da página três, Andradina expõe uma longa introdução, onde contabiliza a história do jornal até o presente momento, destacando as seguintes questões: cidades por onde ele foi publicado – “Bagé, Rio Grande e Santa Maria” –; os “distintíssimos escritores brasileiros de reputação firmada”; a “colaboração feminina que tem sido sempre muito abundante, encantadora e luminosa” – cita grande número de nomes de escritoras, entre os quais Inês Sabino, Julia Lopes de Almeida, Prisciliana Duarte de Almeida, Honorina Torres – dos quais trataremos adiante –; o “acolhimento que encontrou fora do Estado [...] a permuta com grande numeroso número de importantes jornais de todos os Estados da colossal República Brasileira” – demonstrando que o jornal não tratava de publicações efêmeras e locais –; e os “muitos jovens talentos da esperançosa mocidade gaúcha” (ESCRÍNIO, 12 de junho de 1901, p. 2).

O prospecto assinala, ainda, o perfil e o intuito educativo que permeiam a unidade de pensamento das publicações do periódico, quando destaca que o “*Escrínio*: paladino tenaz da educação e da instrução da mulher rio-grandense continuará a seu posto, firme, convicto e sincero a trabalhar em prol do progresso a moral e intelectual desta mimosa companheira do homem” (ESCRÍNIO, 12 de junho 1901, p. 2). E conclui o pensamento com uma perspectiva bastante clássica na época, quando escreve que a mulher “pouco a pouco irá conquistando o seu verdadeiro lugar na família, na sociedade, na Pátria” (ESCRÍNIO, 12 de junho, de 1901, p 2).

“Ao lado da imprensa masculina porto-alegrense, imprensa elevada e nobre [...] o pequeno *Escrínio* coloca-se orgulhoso e desfralda, como verdadeiro gaúcho, o seu imaculado estandarte cuja divisa santa é ela: *pela mulher*”[sic] (ESCRÍNIO, 12 de junho de 1901). Com essa nota, Andradina, a seu tempo, evidencia a diferença entre a imprensa geral, masculina, e a imprensa feminina, que “mais do que a imprensa em geral, está estreitamente ligada ao contexto histórico” (BUITONI, 1986, p. 24).

Segundo a diretora do jornal, o *Escrínio* encontrou “acolhimento e simpatia dos seus colegas”, e com “muito prazer e inteiramente grata, continua a transcrever as frases com que os ilustres colegas da imprensa receberam a nossa folha em sua nova fase”, como exemplo do jornal da *Ordem*, de Jaguarão:

Escrínio -

A inteligente escritora rio-grandense Exma. Sr^a Andradina de Oliveira fez reaparecer em Porto Alegre o seu periódico consagrado a defesa do sexo do sexo feminino, cujo título nos serve de epígrafe [...] como sempre, o 'Escrínio' contém artigos que muito depõem em favor dos créditos já conquistados no mundo literário pela nossa inteligente patrícia (ESCRÍNIO, ano IV, n. 3, 30 de junho de 1901, p. 4).

Não há, nesta nova edição, seções fixas, com exceção de "Expediente", com teor informativo. Novo está na sua forma de distribuir os assuntos que, também, aparecem bastante variados, conforme observamos nos títulos: "Gentilezas", "Saudades e lágrimas" – seção de textos laudatórios de pêsames –, "Noticiário artístico e literário", "Notícias diversas", etc. e artigos sobre o feminismo, como os títulos "Feminismo", "A mulher e a sua educação", etc.; textos que concluem a unidade de pensamento do jornal, que é "dedicado à mulher rio-grandense".

Tempo em que ele continua a ser publicado em Porto Alegre e, ao que sabemos, é o lugar onde se encerram definitivamente suas publicações. Entretanto, encontramos um hiato na história do *Escrínio*, motivo pelo qual passamos para o ano VI.

O *Escrínio* entra num novo ciclo, ao qual denominamos de 4^o Fase. Com o título *Jornal literário, artístico e noticioso – dedicado à mulher rio-grandense, Porto Alegre, 20 de dezembro de 1903*, o periódico segue o mesmo padrão de formato do Ano IV, ou seja, cinco colunas estreitas e quatro folhas, embora não numeradas. Novamente impresso em formato in-fólio, mas em tamanho 47 x 33 cm, o jornal apresenta um cabeçalho com o valor das assinaturas e, ainda, na mesma modalidade de "pagamento adiantado", que varia entre 4\$000 (quatro mil réis) o semestre para assinaturas na cidade e "Para fora", o valor de 10\$000 (dez mil réis) o semestre. O endereço da redação do jornal, neste ano, aplica-se à Praça da Alfândega, n. 10 (sobrado).

A forma de distribuição dos assuntos também continua a ser a mesma, isto é, sem seção fixa. Os poucos títulos publicados são assuntos que tomam grande parte das colunas, como é o caso do texto: "Em prol de nossa causa", que contém duas cartas publicadas na íntegra: uma assinada "pelo jovem inspirado escritor rio-grandense" e a outra, assinada pela "patrícia que se oculta sob o delicado pseudônimo de Juracy" (ESCRÍNIO, ano VI, n. 36, 1903, p. 1). No que se refere à

publicação de cartas, além de enfocarem questões determinadas, quais sejam elas, igualmente prestam um determinado serviço e definem o prestígio dos leitores ao jornal, fornecendo “credibilidade à revista” (BUITONI, 1986, p. 21).

Além das últimas páginas, frente e verso, que são tomadas de anúncios, “que devem ser combinados com a própria diretora”, há, ao final da página 2, um interessante espaço ocupado pelo título “Indicador profissional”. Este, torna-se grande na sua relevância, quando justifica a bandeira levantada por Andradina de “romper com o denso casulo da obscuridade” (1901), parte de suas próprias experiências de emancipação pelo trabalho, quando argumenta que “do trabalho que vem o pão, de que vem a alegria, de que vem a virtude, de que vem a paz!... Luz, Amor e Trabalho: que seja este o lema de vossa bandeira imaculada!” (OLIVEIRA, 1912, p. 164). O “indicador profissional” conta com a propaganda de duas escolas dirigidas por mulheres e uma outra de bordados, também dirigida por uma mulher.

Nísia Floresta (1810-1885) é o segundo nome que o *Esgrínio* publica na Série “Escritoras brasileiras” cujo objetivo, certamente, era de recuperar, preservar e divulgar o patrimônio cultural das letras femininas; preocupação visível pela escritora Andradina de Oliveira, que publicaria, em 1907, o primeiro livro da Série “As mulheres rio-grandenses”. Entretanto, o longo texto, que versa sobre a mulher culta que viveu na Itália e em Paris, lugares onde teve versos traduzidos e “freqüentava- lhe a casa os eruditos Victor Hugo e Augusto Comte, Alexandre Dumas, pai” (1907), foi assinado pela conhecida feminista Inês Sabino, frequentadora assídua nas páginas do *Esgrínio*.

Atenta e preocupada em divulgar e incentivar, principalmente, as letras femininas, Andradina promove o “Concurso Literário, em cartões postais”, gênero muito apreciado na época. Escreve: “abrimos hoje o *concurso literário* em prosa e verso que constará de pequenas produções [...] assinadas com um pseudônimo, vindo, ao mesmo tempo, em carta separada com nome do autor ou autora. [...] todos os *cartões-postais* serão publicados” (ESCRÍNIO, 20 de dezembro de 1903, p. 1), em destaque no exemplar abaixo:



Figura 17: Foto do jornal *Escrínio*, ano VI, 1903 (Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul)

No mesmo número, o jornal apresenta, na página 2, a coluna “Teatro” com um comentário sobre a peça “Os enfeitados”, da “excelente companhia luso-brasileira do escritor [...] português Antônio Ennes” (1903, p. 2), no teatro Polytheama. Porta-voz do movimento que delineava a figura feminina como “rainha do lar”, a jornalista lamenta que o teatro não tivesse lotado “de exímias famílias para apreciarem [...] *um vasto repertório de salutares lições de moral, de exemplos fecundos para as mulheres* que, muitas vezes tombando no erro, julgam-se reabilitadas, repelindo do seio o que mais amamos na vida – o filho” (1903, p. 2 [grifo nosso]).

Mais uma vez, opera-se um grande hiato na história do *Escrínio* e passamos, então, para o ano X; porém, entre 1906 a 1909, de fato, o jornal teve suspensa suas publicações. Em 16 de setembro de 1909, entretanto, o periódico volta a ser publicado: “Reaparecimento do *Escrínio* após três anos de luto e mágoa para sua diretora e secretária, surge, hoje, o *Escrínio*, em revista ilustrada transformado” (1909, p. 2). Andradina guarda luto pela morte do filho mais velho, Adalberon, falecido em 1906, conforme já mencionamos.

Escrínio - Revista semanal ilustrada, ano X, n. I, Porto Alegre, Rio Grande do Sul - Brasil, 16 de setembro de 1909.¹⁹⁹ Diretora:

¹⁹⁹ Recapitulando: na contagem dos anos de existência do *Escrínio*, a contar com o lançamento, em 1898, ano I, é preciso mencionar que, segundo a redatora, sua publicação esteve parada pelos três longos anos (entre 1906 a 1908); a data de 16 de setembro de 1909 está

Andradina de Oliveira; Secretária: Lola de Oliveira. A filha de Andradina assume, prematuramente, com apenas 13 anos de idade, o cargo de secretária do periódico como “colaboradora artística” com desenhos e aquarela.

Classificamos como 5ª Fase e última este período de existência do *Escrínio*, que abarca os anos entre 1909 e 1910; última porque o periódico mantém-se na categoria de revista, sem qualquer alteração, até o último número, o qual recuperamos, que conta com a data de 25 de junho de 1910. O periódico apresenta, naquele momento, o formato em quatro páginas com tamanho 21 x 28 cm.

Em 1909, a *Revista semanal ilustrada Escríno* entrava para a “democratização da imprensa feminina”, conforme lemos em Dulcília Buitoni (1981), pois, no século XX, a imagem, o público e os editoriais fizeram sucesso nas revistas ilustradas, fazendo parte do marco na história do periodismo brasileiro. Segundo a autora, especialmente a década de 1900 assistiu ao crescimento e popularidade das revistas ilustradas:

A capital da República [Rio de Janeiro] estava ficando cada vez mais cosmopolitana [...]. Já havia público para as revistas mundanas, ricas e luxuosas, favorecidas pelo desenvolvimento das artes gráficas, apresentavam belas ilustrações e até fotografias. Aliás, o novo século marca o início da utilização da fotografia na imprensa brasileira. [...]. É a fase de crescimento das revistas ilustradas. [...] os literatos passavam a concentrar-se nas revistas ilustradas, deixando um pouco os jornais que vão acrescentar um caráter mais “jornalístico” propriamente dito (Ibidem, p. 33-34).

A mesma atmosfera de efervescência cultural vivida pela capital da República, ambientada pelos teatros, saraus, associações culturais e bailes, cenários onde circulavam as revistas, pairava também, na província/Estado do Rio Grande. As cidades do interior situadas no caminho das rotas do mar e das grandes extensões de rios, como Rio Grande, Pelotas, Jaguarão e Porto Alegre, não só foram portas de

no seu ano X (e não no ano IX) porque, certamente no primeiro semestre do ano de 1906, ele deve ter tido circulação relativa ao ano IX, uma vez que o filho Adalberon faleceu em agosto deste ano e Andradina deve ter parado de trabalhar nesse período.

entrada de cultura no Brasil, como foram elas mesmas sinônimos de agenciamento cultural. Em outras palavras, afastadas do resto do país pelas precárias estradas e dependendo do correio a cavalo, a população abastecia-se da cultura que chegava dos países platinos e europeus – companhias de teatro, ópera, revistas, jornais, livros, etc. Este cenário da *Belle Époque* gaúcha foi elemento fundamental no romance *O Perdão* (1910), de Andradina de Oliveira:

- E que surpresa quando cheguei. Porto Alegre é uma belíssima cidade! Um foco intelectual com todas estas escolas superiores e ginásios equiparados. A indústria e o comércio me surpreenderam. Há extraordinária vida aqui, tio. [...] Os usos e costumes são os de centros adiantados. A cultura da mulher é bastante apurada. As artes são aqui acolhidas com imenso carinho. Há gosto pela música e pela pintura (1910, p. 105).

Neste panorama circulava a *Revista* em um novo padrão, pois se tratava, então, de uma “revista ilustrada”. As ilustrações no *Escrínio* aparecem sob forma de fotos que expõem tanto famílias e personalidades homenageadas, masculinas²⁰⁰ e femininas,²⁰¹ quanto

²⁰⁰Quanto às personalidades masculinas, o *Escrínio* conta com os nomes de J. Estácio de Azevedo (jornalista e escritor da *Folha do Norte*; Arnaldo Damasceno Vieira (poeta sul-rio-grandense); Zeferino Brasil (poeta sul-rio-grandense); Edmundo de Amicis (“glorioso escritor italiano”); Mario de Aragão (“festejado poeta rio-grandense”); Dr. Carlos Barbosa Gonçalves (“ilustre presidente do Estado do Rio Grande do Sul”); Jean Pierre Henri Duplan (“professor da cátedra de pedagogia da extinta Escola Normal de Porto Alegre); Josué Carducci (“o notável poeta e filósofo italiano do século passado”); Dr. Pinto da Rocha (“jornalista, orador, poeta e dramaturgo, o primor dos literatos rio-grandenses”); quadro de formandos de medicina de Porto Alegre (“a mocidade acadêmica”); Salvador Parasole (“italiano radicado no Brasil, professor de pintura”); Virgílio Calegari (“laureado artista fotógrafo à pouco condecorado pelo governo italiano” [sic]); Affonso Silva (“pintor e cenógrafo rio-grandense”); Murilo Furtado (“notável maestro rio-grandense”); grupo de *futebollers* da “Sociedade Ginástica de Santa Cruz”; Almirante Alexandre de Alencar (“ilustre rio-grandense e Ministro da Marinha, reorganizador da Armada nacional”); General Manoel Luiz Osório (“herói gaúcho”); Dr. Miltom Cruz (“estimado juiz distrital de Bagé”); José Muller (“o guarda livros do importante estabelecimento José Muller & irmão, de Cachoeira” [sic]); Inácio C. Cardoso (“conceituado escritor e médico homeopata”).

²⁰¹Quanto às personalidades femininas, o *Escrínio* cita: Duqueza de Palmella (artista plástica portuguesa); Delfina da Cunha (poetisa sul-rio-grandense); Stella Paródi (cantora soprano brasileira “conquistando sucesso na Europa”); Luciana de Abreu (“a grande feminista”); Revocata dos Passos Figueiroa e Melo (“inspirada cultora das letras rio-grandenses”); as irmãs Julieta de Melo Monteiro e Revocata H. de Melo (“duas gloriosas poetisas, prosadoras e jornalistas do Rio Grande do Sul”); Corina Coaracy, Visconti Coaracy e Vivaldo Coaracy (pai,

retratos do cenário sul-rio-grandense, tal como as praças, as ruas e arquitetura que ilustram aspectos da modernidade²⁰² e representam a égide das transformações socioculturais do tempo.

No quesito “novo padrão”, referimo-nos às transformações sofridas a partir das edições publicadas em 1909. A começar quando, na 2ª Fase, publicada na cidade de Santa Maria, em 1901, com edição protegida por uma capa, na fase atual compunha-se da mesma estética.

Arranjada por traços geométricos que compõem uma espécie de moldura, a capa inteira é preenchida por uma variedade de desenhos voltados, no seu conjunto, às artes em geral: livros, tinteiro e pena, paleta de cores para pintura e instrumentos musicais agregados a uma coluna, que parece uma manifestação da arquitetura agrega, tendo no seu topo um busto feminino, conforme visualizamos abaixo:

mãe e filho- “ilustres poetas brasileiros”); Séverine (“a grande oradora francesa”); Maria Luiza Duclos (brasileira em visita à França); D. Olga Schonwald (fotógrafa da cidade de Santa Cruz, que colabora com fotografias para o *Escrínio*); Edwigs de Sá Pereira (colaboradora pernambucana); Olinta Braga (“notável cantora rio-grandense”); Francisca Izidora (“ilustre escritora pernambucana”); Izar Macedo (“esperançosa pianista de 10 anos”); Lúcia Barcellos (“dedicadíssima bandolinista”); Olga Fontoura (“talentosa violinista”); Inez Sabino (“festejada literata fluminense”); Georgina Moxgruel (“nossa colaboradora poetisa e prosadora”); Camila Ferreira Fontoura (musicista); Maria Clara da Cunha Santos.

²⁰² Entre as fotografias, o jornal destaca: panorama de Porto Alegre (parte Norte); o Palácio Provisório (“construído pelo distinto engenheiro francês Jullo Nectoux”); “Fim da Rua 7 de Setembro e parte da Quinze de Novembro”; o hipódromo do bairro Menino Deus, em Porto Alegre (bairro que existe até os dias atuais); pessoas saindo da missa dominical; Irineu Silva (fotografando para o *Escrínio*); a capela Menino Deus (igreja que dá nome ao bairro); Hospital Militar (“antiga Casa de Saúde Bela Vista”); vista parcial de Porto Alegre; manifestação realizada em Santa Cruz do Sul, quando da visita do “Estadista naquelas terras” (foto tirada pela colaboradora Olga Schonwald); *Damenschiensclub* (clube de senhoras de Santa Cruz); trecho da rua Pantaleão Telles, de Porto Alegre; Igreja N. Senhora da Conceição (Cachoeira); “Estação da Estrada de Ferro” (Cachoeira); Instituto Técnico Profissional de Porto Alegre; Igreja Matriz de Santa Maria; Ponto do Rio Pardiniho, Santa Cruz; Município de Santa Cruz; “Trilha de arroz da importante empresa agrícola Eurípedes e Cia.”; a família do “estimado Coronel Fidelia de Carvalho Prates”, da sociedade cachoeirense.

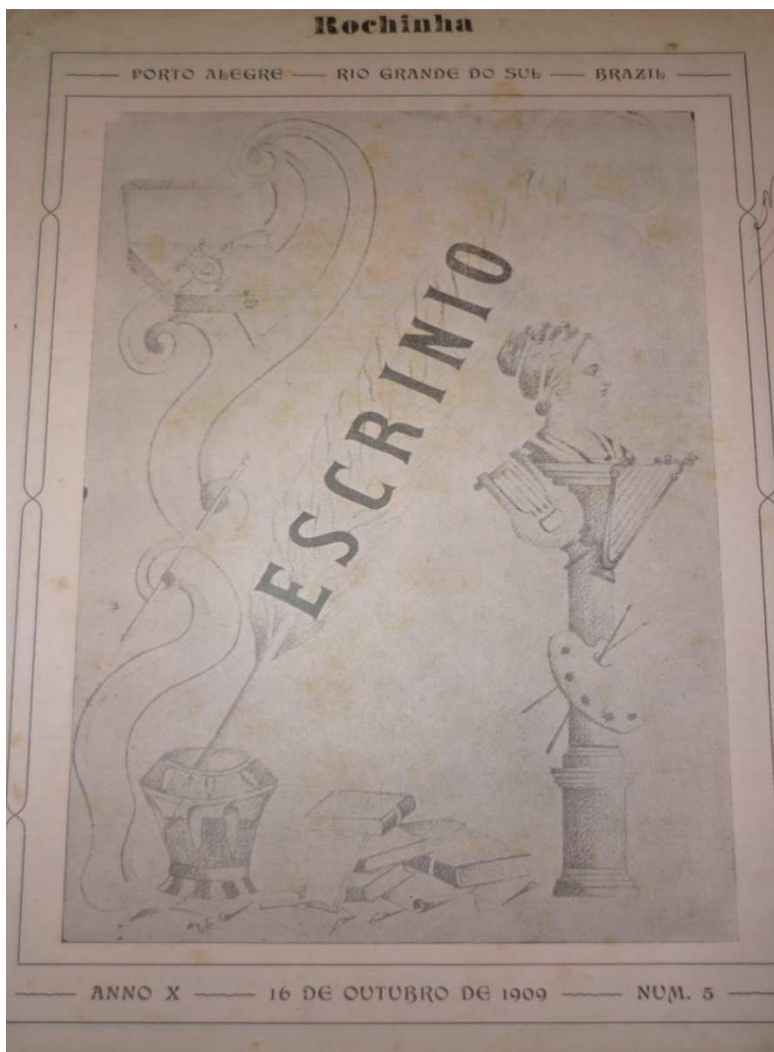


Figura 18: Foto da capa da Revista *Escrínio*, ano X, 1909
(Acervo particular da historiadora Hilda Agnes Hubner Flores - Porto Alegre)

A mulher e a importância das artes na sua formação ocupam, visivelmente, lugar de honra neste texto, sem palavras, da capa. Segundo nota do jornal, “a capa com que aparece o *Escrínio* é concepção e desenho da nossa dedicada companheira de trabalhos, Lola de Oliveira” (1909, p. 10).

Entretanto, a jornalista avisa, em nota, que, nas próximas edições, a capa sofrerá “uma transformação”, pois passará a ter fotografias com “vistas” da cidade de Porto Alegre, o que verificamos em uma das edições, a seguir:

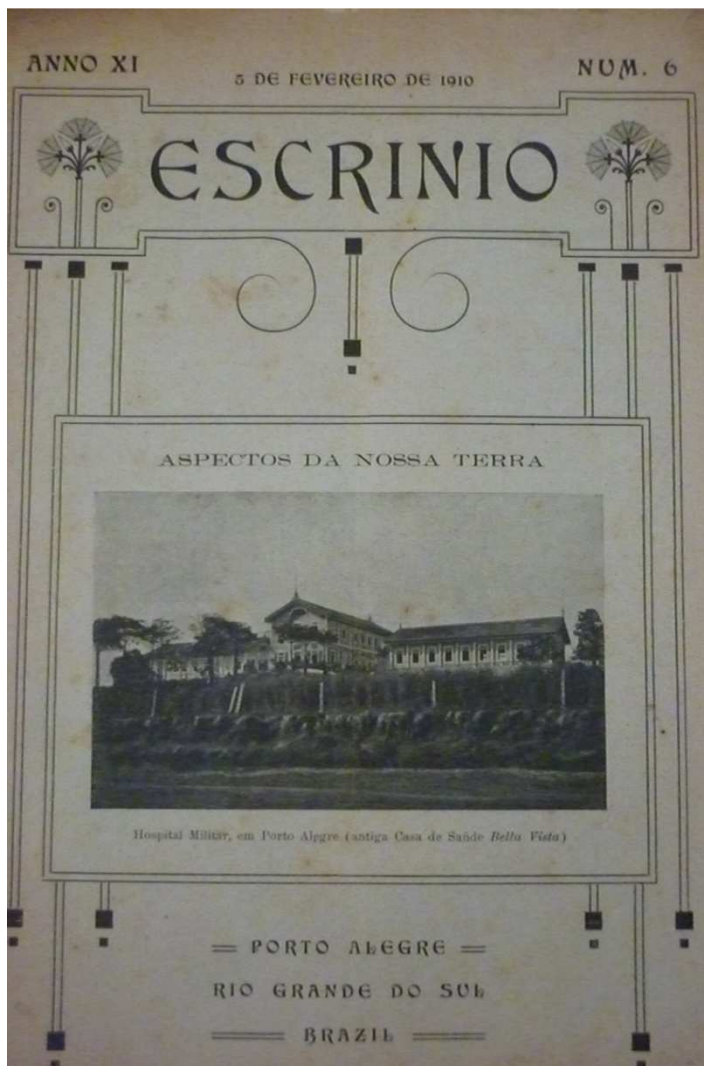


Figura 19: Foto da capa da Revista *Escrínio*, ano XI, 1909
(Acervo particular da historiadora Hilda Agnes Hubner Flores, Porto Alegre)

A capa, que é composta por fotos sob o título “Aspectos de nossa terra”, é destaque a partir de 20 de novembro de 1909 e se estende, ainda, na publicação de 26 de fevereiro de 1910. Depois, a configuração artística sofre alteração na publicação de 12 de março e, embora passe a apresentar a mesma disposição gráfica, no lugar da foto há um pequeno quadrado central com uma flor no seu interior. A partir desta data, com exceção da publicação do dia 28 de maio, que apresenta a foto de três mulheres, o padrão sem foto segue até o último exemplar que recuperamos. Exemplificamos o último padrão artístico com a capa do dia 21 de maio:

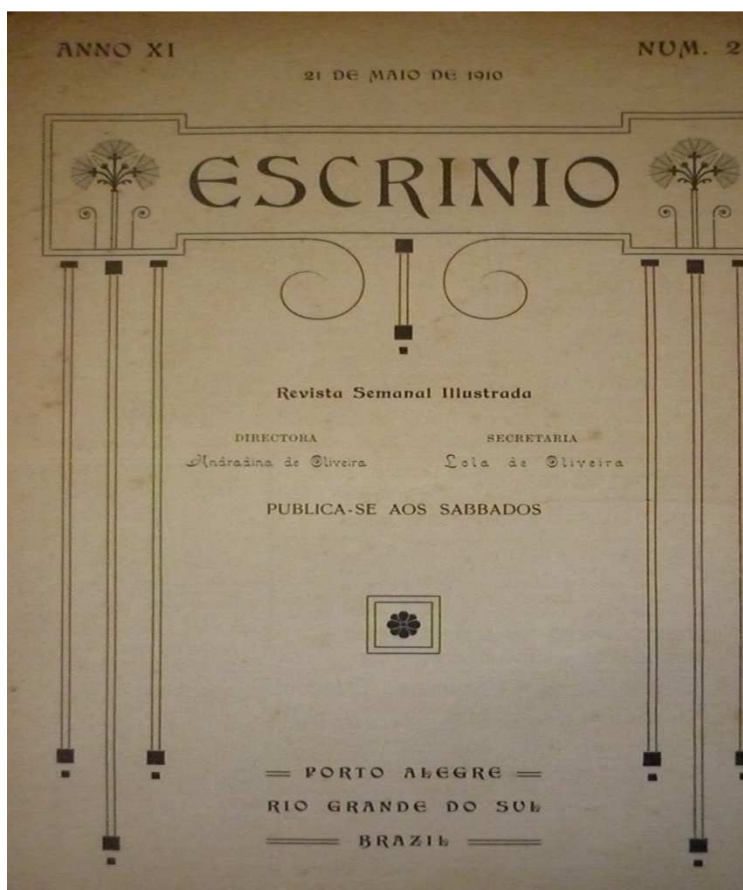


Figura 20: Foto da capa da Revista *Escrínio*, ano XI, 1910 (Acervo particular da historiadora Hilda Agnes Hubner Flores, Porto Alegre)

Impressa na Livraria Americana,²⁰³ localizada à Rua dos Andradas, n. 363, nesta fase, a *Revista* teve publicações às quintas-feiras e, depois, aos sábados, e se tabelava nos seguintes valores: Assinaturas na capital – ano 20\$000 (vinte mil réis); semestre 10\$000 (dez mil réis); trimestre 5\$000 (cinco mil réis); número avulso \$500 (quinhentos réis). Assinaturas “para fora” – ano 23\$000 (vinte e três mil réis); semestre 12\$000 (doze mil réis); trimestre 7\$000 (sete mil réis) e número avulso 1\$000 (mil réis).

Havendo necessidade de sempre ampliar o quadro de assinaturas, a redatora envia a domicílio, de pessoas certamente pertencentes à elite cultural, alguns exemplares gratuitos da revista, fato que representam o caráter empreendedor de Andradina; estratégias que identificamos em nota na publicação de 23 de setembro de 1909: “AVISO – às pessoas a quem enviamos pela primeira vez nossa revista e que não quiserem assiná-la, solicitamos o obséquio de a devolverem à redação sem inutilizar o exemplar” (1909, p. 27). Da mesma forma, Andradina agradece em nota, no jornal, o “delicado auxílio” das pessoas que a ajudam na cobrança das assinaturas do *Escrínio* em “diversas localidades do interior do Estado” (1909).

Ao mesmo tempo e compactuando para o sustento comercial e abertura de mercado, havia uma espécie de contratos em que a diretora da revista enviava listas para angariar assinaturas. Sobre isso, lemos a nota do mesmo dia 23 de setembro, página 27:

Listas e assinaturas:

Tem tudo a mais lisonjeira aceitação as listas enviadas às distintíssimas senhoras e digníssimos cavalheiros, com o fim de, entre amigas e amigos, algumas assinaturas conseguirem para o *Escrínio*. Muitas listas tem nos chegados cobertas inteiramente de nomes simpáticos.

Também muitas tem sido as assinaturas tomadas na redação da nossa revista, o que prova, exuberantemente, o franco acolhimento que teve ela no seu primeiro número (1909, p. 27).

²⁰³ Conforme mencionamos no Capítulo I desta tese, a Livraria Americana foi uma empresa importante no ramo de indústria editorial no Rio Grande do Sul. Inaugurada na cidade de Pelotas, em 1875, abre filial em Porto Alegre no ano de 1879 e outra na cidade do Rio Grande, em 1885.

Tais estratégias enfatizam um empreendedorismo eficaz, uma vez que o periódico angariou um grande número de assinaturas durante sua existência em Porto Alegre, onde a circulação da *Revista* funcionava basicamente à base das assinaturas. Quanto à distribuição, o jornal tinha algumas modalidades, como entregas a domicílio, vendas na Livraria Americana e no “elegante Café América” e, ainda, distribuição na redação à Rua Avaí, nº 105, com endereço provisório, segundo nota da diretora.

Nesta fase, a *Revista Escriínio* não tinha número fixo de páginas, mas se ocupava de espaços fixos quando se referia às colunas “Letras e Artes”, “Registrando” e “Letras e Autores”. Por outro lado, também continha uma variabilidade textual, apresentando alguns artigos e conteúdos sem indicação de autoria, fazendo com que a responsabilidade editorial recaísse sobre a própria redatora, Andradina.

Especialmente neste período de publicações do periódico, foram muito frequentes artigos vinculados ao terreno feminista. Desdobrando-se em uma conscientização progressiva sobre os direitos civis elementares para as mulheres, Andradina, tendo o jornal como órgão formador de opiniões, publicava textos que eram enfatizados por meio de títulos como “A mulher norte-americana”, “Heroísmo feminino”, “Escritoras francesas”, “A grande oradora francesa”, etc. E, com pequenas notas, ela informava suas leitoras sobre as conquistas femininas em várias áreas no mundo, como lemos:

Alice Macffer foi a primeira doutora rio-grandense formada pela Faculdade de medicina de Porto Alegre (ESCRÍNIO, 09 de outubro de 1909, p. 40).

O magistério público é quase todo exercido no Rio Grande do Sul por mulheres (Ibidem, p. 53).

A mais antiga das professoraras particulares do Rio Grande do Sul é a venerada velhinha D. Emilia Ribeiro que com quase 89 anos, ainda leciona caligrafia no colégio Cecília Pasquier (Op. it., p. 53).

Sairão este ano da faculdade de Agronomia de Buenos Aires, diplomadas com o título de engenheiros agrônomos, as senhoritas Célia Silva Lynch e Amália Vicentini. Comentando a notícia

diz *La Verdad*, importante revista portenha: “assim se inicia um novo rumo para as atividades femininas na mais nobre das carreiras, a que nos ensina a fazer produzir a mãe terra. Amanhã o espírito intuitivo da mulher fará da terra um paraíso” (ESCRÍNIO, 16 de outubro de 1909, p. 59).

A legislação japonesa confere à mulher, para todos os efeitos, capacidade jurídica. Ela pode comprar, vender, trocar, ser empregada pública ou comercial, ter casa e propriedade em seu nome, et. (ESCRÍNIO, 23 de setembro de 1909, p. 18).

Uma lei japonesa de 1899 confere às mulheres a faculdade de eleitoras e elegíveis, permitindo-lhes desta sorte, não só interessarem-se pelos assuntos nacionais, mas até discutir e influir neles [sic] (Ibidem, p. 18).

O jornalismo está brilhantemente representado no Japão por mulheres eruditas (Op. cit., p. 19).

Com estas pequenas notícias, subentende-se que Andradina tinha o “intuito consciente de dialogar com comunidades mais amplas” (De LUCA, 1999, p. 155).

É 1910, 5^o Fase e último ano de publicação e, como no ano anterior, o *Escrínio* continua a ser impresso nas “oficinas gráficas da Livraria Americana” e Lola de Oliveira permanece como secretária do jornal, onde fica no cargo até a última edição da qual temos conhecimento.

As seções fixas continuam ocupando poucos espaços nas páginas. Nelas encontramos os títulos: “Letras e Artes”, “Expediente”, “Escrínio”, “Nossos colaboradores” e aparece a “Seção Doméstica”, com receitas de bolos, tortas e cremes. Na Seção “Registrando” há uma variada gama de informações, tais como: “Biblioteca Rio-Grandense”, “Falecimentos”, “Visitas”, “Colegas”, “Felicitações”, “Instituto de Belas artes”, “Exposições”, “Carnaval”, “Festas”, entre outros registros. Os maiores espaços ocupam-se de assuntos diversos que dão ênfase às conquistas femininas no Brasil e fora dele – de que trataremos posteriormente – e cultura, como cartas de colaboradoras que estão fora do país. Os espaços dividem-se, ainda, com a literatura, isto é, um grande número de poemas, contos e crônicas. Este último gênero tem

publicações frequentes sob o título “A Esmo”.²⁰⁴ Os conteúdos do periódico diversificam-se e abrangem textos e nomes de personalidades públicas e políticas na seção “Homenagem do Escriínio” e “Rio-Grandenses ilustres”, onde estampa, por exemplo, a foto do General Manoel Luiz Osório e Almirante Alexandre de Alencar.

Na Seção “Expediente”, a diretora avisa, em nota, que “o *Escriínio*, revista ilustrada, literária, artística, científica, educativa e noticiosa será publicado aos sábados” (1910). Informa, além disso, que a correspondência enviada para o jornal deverá ser dirigida, agora, para a Rua General Bento Gonçalves, nº 55. Observamos, na mesma seção, uma pequena alteração no valor das assinaturas “para fora”, que se tabela no valor de 13\$000 (treze mil réis) o semestre, embora continue na categoria “pagamento adiantado”.

À época, os fotógrafos do *Escriínio* eram os “talentosos” P. Barbosa e Irineu Silva, D. Olga Schonwald, Lunara, Jacinto Ferrari, Carlos Ferrari, Rafael Ferrari, Virgílio Calegari, Mário de Freitas Maia, Severino Leoneti, os quais ilustravam as colunas “Aspectos de nossa terra”, “Os nossos Colaboradores”, “Documento histórico”, “Homenagem do Escriínio”, “Rio-Grandenses Ilustres” – ilustrações com nomes e detalhes em nota de rodapé números 77, 78 e 79 – e as demais páginas ilustradas da *Revista*; fotos expostas no anexo XI desta tese.

As colunas citadas são produtos da consciência cultural da redatora do jornal. Às colunas, soma-se “Artes e Artistas”, que denota a atenção dada aos assuntos de natureza da cultura em geral, como é o exemplo da capa do *Escriínio* de 28 de maio de 1910, conforme exemplar abaixo:

²⁰⁴Essa Seção ficava a cargo de Vivaldi Coaracy, que assinava as crônicas como “V.Cy”. Herdou gênero e título da mãe, Corina Coaracy, que as assinava como “CCy” em várias colaborações nos periódicos do Rio de Janeiro.



Figura 21: Foto da capa da Revista *Escrínio*, ano XI, 1910
(Acervo particular da pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart, Florianópolis)

Devemos frisar, porém, que as artes são muito bem pronunciadas a partir das vocações femininas. O *Escrínio* constrói referência às mulheres no que diz respeito à inteligência como cultivo mais elevado do progresso; progresso que é incentivado ainda em jovens talentos, como é o exemplo da pequena menina Izar Macedo, “gentil e esperanças pianista de 10 anos” (1910), jovem artista que ilustra a capa acima.

Da mesma forma, a Coluna “Artes e Artistas” comportava artigos sobre literatura, divulgação de obras e respectivas autorias, além de crítica literária. Sobre esta última, a publicação em 23 de setembro de 1909 menciona que:

Na amplitude vastíssima de nossa pátria, erguem-se, de Estado para Estado altas barreiras que vão concorrendo aos poucos para a formação das literaturas regionais localizadas em pequeno âmbito chegamos ao resultado – triste de constatar – de serem mais conhecidos no Brasil escritores estrangeiros do que outros filhos e, às vezes, de mais méritos do que eles. Isso se abrimos exceção para os nomes feitos no Rio de Janeiro que exerce sobre os meios literários provincianos uma verdadeira tirania. (1909, p. 19).

A nota ilustra com clareza que o órgão privilegia a defesa das letras brasileiras e, em especial, as “literaturas regionais”. Estas e outras noções de progresso são agregadas à *Revista* como elementos de propaganda cultural devotada à educação. Para tanto, Andradina trata de organizar constantemente concursos como incentivo do espírito artístico; é o caso da publicação de 12 de fevereiro de 1910, em que consta o concurso de “Fotografias de paisagens” (ESCRÍNIO, ano XI, n. 7, 12 de fevereiro de 1910, p. 80), conforme mostra o exemplar:

Concursos do *Escrevino*

Acompanhando as revistas e magazines modernos, o *Escrevino* vai iniciar uma série de concursos em que possam tomar parte todos os seus leitores. Versarão sobre assumptos os mais variados: haverá concursos literários, musicais, photographicos, de desenho, etc. e outros accessíveis a quem não tenha conhecimentos artisticos e para resolver os quaes apenas se necessite afilamento e bom senso.

A partir do presente numero, será de quando em quando aberto um concurso, com prazo variavel para as respostas que deverão obedecer ás condições expostas na mesma occasião.

Hoje iniciamos o

1.º Concurso - PHOTOGRAPHIA DE PAIZAGEM

Tendo a photographia, graças aos progressos realitzados que deixam larga margem á iniciativa e bom gosto do operador, assumido fóros de verdadeira arte, o *Escrevino* consagra-lhe-á varios dos seus concursos, differindo pelo assumpto.

O presente concurso obedecerá ás seguintes condições:

- 1.º — Só tomarão parte amadores residentes no Rio Grande do Sul;
- 2.º — Assumpo: Paisagem de pontos pittorescos das arredores de Porto Alegre. Os amadores que residam no interior, podem concorrer com vistas de outros pontos do Estado;
- 3.º — Cada concorrente enviará num envelope duas provas da photographia que deverá ser de formato 9 x 12 ou 12 x 18. — uma em papel de imagem apparente (citrato, albumina, colódium, etc.) e outra em papel de imagem latente (brometo ou chloreto de prata) — acompanhadas unicamente pelo fôsser que reconhecamos a publicar hoje, e do qual o concorrente presenteará os direitos, menos o numero que será posto por nos. Em envelope separado, fechado, virá o nome e residência do concorrente, tendo no exterior do envelope apenas o pseudonymo ou divisa adoptado. Estes envelopes só serão abertos após o julgamento.
- 4.º — As provas devem vir colladas em cartão, sem dizer algum. Nós as marcemos com o mesmo numero que inscrevermos no fôsser e os julgadores apenas conhecerão esse numero.
- 5.º — O prazo para a apresentação de trabalhos a concurso termina, improvavelmente, a 31 de Marco p. l. ao meio dia.
- 6.º — O jury será composto de profissionais competentes e amadores *hors concours*, e dará o seu parecer sobre o valor artistico-photographico do trabalho apresentado.
- 7.º — Todas as provas enviadas ficarão pertencendo á redacção do *Escrevino*.

Ao amator que tiver apresentado o trabalho classificado em 1.º lugar, caberá um objecto de arte, que será opportunamente exposto na rua dos Andradas. Os trabalhos classificados em 1.º, 2.º e 3.º lugar serão publicados no *Escrevino*, com os retratos dos seus auctores.

Concursos do "ESCRIVINO" 1.º — Photographia de Paizagem

BONUS DE INSCRIPÇÃO

Pseudonymo ou divisa

Local onde foi tirada a photographia e data

No proximo numero do "Escrevino" publicaremos os nomes dos membros do jury deste concurso

Figura 22: Foto da Revista *Escrevino*, ano XI, 1910
(Acervo particular da historiadora Hilda Agnes Hybner Flores, Porto Alegre)

Estes concursos têm cada um sua especialidade, como o da campanha dos “cartões postais”, mencionada anteriormente, e talvez sejam igualmente frutos de algum modismo do momento, mas fazem parte dos conteúdos diversificados oferecidos pela revista. Por conta dessas questões, o *Escrevino* estava atento aos assuntos mais variados, segundo lemos, detalhadamente, em informação fornecida pelo próprio periódico:

Acompanhando magazines e revistas modernos, o *Escrevino* vai iniciar uma série de concursos em que possam tomar parte todos os seus leitores. Versam sobre os assuntos dos mais variados: haverá concursos literários, musicais fotográficos, de desenho, etc; e outros accessíveis a quem não

tenha conhecimentos artísticos [...]. A partir do primeiro número será aberto de quando em quando um concurso (12 de fevereiro de 1910, p. 80).

“O sucesso das ilustradas”, título utilizado por Buitoni (1986), alinhava-se às muitas fórmulas de estimular suas leitoras, entre as quais as campanhas de concursos que tinham como alvo professoras, escritoras ou mães de família que se arriscassem a usar tinteiro e papel.

Outro aspecto da revista era o “jornalismo de serviço” (BUITONI, 1986). O periódico publicava programas de espetáculos, teatros, óperas e prestava serviços “à vida cotidiana do leitor” (1986, p. 20). Sob este rótulo, encontramos, na publicação do dia 16 de abril de 1910, informações sobre a rede da “Viação Férrea do Rio Grande do Sul”:

<p>100 Alegrete cheg. 2 30 101 Alegrete part. 2 30 102 Alegrete cheg. 2 30 103 Alegrete part. 2 30 104 Alegrete cheg. 2 30 105 Alegrete part. 2 30 106 Alegrete cheg. 2 30 107 Alegrete part. 2 30 108 Alegrete cheg. 2 30 109 Alegrete part. 2 30 110 Alegrete cheg. 2 30</p>	<p>111 Alegrete cheg. 2 30 112 Alegrete part. 2 30 113 Alegrete cheg. 2 30 114 Alegrete part. 2 30 115 Alegrete cheg. 2 30 116 Alegrete part. 2 30 117 Alegrete cheg. 2 30 118 Alegrete part. 2 30 119 Alegrete cheg. 2 30 120 Alegrete part. 2 30</p>	<p>121 Alegrete cheg. 2 30 122 Alegrete part. 2 30 123 Alegrete cheg. 2 30 124 Alegrete part. 2 30 125 Alegrete cheg. 2 30 126 Alegrete part. 2 30 127 Alegrete cheg. 2 30 128 Alegrete part. 2 30 129 Alegrete cheg. 2 30 130 Alegrete part. 2 30</p>	<p>131 Alegrete cheg. 2 30 132 Alegrete part. 2 30 133 Alegrete cheg. 2 30 134 Alegrete part. 2 30 135 Alegrete cheg. 2 30 136 Alegrete part. 2 30 137 Alegrete cheg. 2 30 138 Alegrete part. 2 30 139 Alegrete cheg. 2 30 140 Alegrete part. 2 30</p>	<p>141 Alegrete cheg. 2 30 142 Alegrete part. 2 30 143 Alegrete cheg. 2 30 144 Alegrete part. 2 30 145 Alegrete cheg. 2 30 146 Alegrete part. 2 30 147 Alegrete cheg. 2 30 148 Alegrete part. 2 30 149 Alegrete cheg. 2 30 150 Alegrete part. 2 30</p>	<p>151 Alegrete cheg. 2 30 152 Alegrete part. 2 30 153 Alegrete cheg. 2 30 154 Alegrete part. 2 30 155 Alegrete cheg. 2 30 156 Alegrete part. 2 30 157 Alegrete cheg. 2 30 158 Alegrete part. 2 30 159 Alegrete cheg. 2 30 160 Alegrete part. 2 30</p>
--	--	--	--	--	--

RAMAL DE SANTA CRUZ - De Couto a Sta. Cruz e vice-versa					
It.	ESTAÇÕES	N 12	It.	ESTAÇÕES	N 11
161	Santa Cruz	part. 7 30	162	Santa Cruz	part. 7 30
163	Santa Cruz	cheg. 8 30	164	Santa Cruz	cheg. 8 30

CACEQUY A LIVRAMENTO E VICE-VERSA					
It.	ESTAÇÕES	N 13	It.	ESTAÇÕES	N 14
165	Cacequy	part. 7 30	166	Cacequy	part. 7 30
167	Cacequy	cheg. 8 30	168	Cacequy	cheg. 8 30

PASSO FUNDO AO URUGUAY E VICE-VERSA					
It.	ESTAÇÕES	N 16	It.	ESTAÇÕES	N 15
169	Passo Fundo	part. 7 00	170	Passo Fundo	part. 7 00
171	Passo Fundo	cheg. 8 00	172	Passo Fundo	cheg. 8 00

Os trens 2.º e 1.º, entre Passo Fundo e Cacequy, saem a partir da abertura de tráfego nos trens.

OBSERVAÇÕES

A distancia em kilometros nas linhas de Couto a Santa Cruz, Cacequy a Livramento, Passo Fundo ao Uruguay e Bago a Beira Mar é contada a partir de Santa Maria.

RAMAL DA COSTA DO MAR — De Maritima a Beira Mar e vice-versa															
It.	ESTAÇÕES	A	C	E	G	S	I	K	It.	ESTAÇÕES	B	D	T	M	J
173	Maritima	part.	7 30	7 30	7 30	7 30	7 30	7 30	174	Beira Mar	part.	7 30	7 30	7 30	7 30
175	Beira Mar	cheg.	8 30	8 30	8 30	8 30	8 30	8 30	176	Beira Mar	cheg.	8 30	8 30	8 30	8 30

Nota. - Depois de aberta a estação de Beira Mar saem os seguintes trens: I - todos os dias, inclusive domingos e dias feriados; D - todos os dias, inclusive domingos e dias feriados; N - só nos domingos e dias feriados.

Figura 23: Foto da Revista *Escrínio*, ano XI, 1910 (Acervo particular da historiadora Hilda Agnes Hubner Flores, Porto Alegre)

Informações e serviços que se repetem em vários números e que nos dão a noção sobre a grande malha de rede de trens que servia o estado do Rio Grande do Sul no século XX.

Por acreditar no progresso feminino a partir da educação e do trabalho e utilizar o jornal como ferramenta para alcançar esse objetivo, Andradina não tinha do que se queixar, pois, no período em que publicou seu *Escrínio* em Porto Alegre, a intelectual tinha apoio de um grande número de colaboradores literários, os quais subdividia em “Escritoras” e “Escritores”. Nomes de feministas conhecidas, como Julia Lopes de Almeida, de São Paulo; Francisca Clotilde, do Ceará; Maria Clara da Cunha Santos e Madame Chrysanthème, ambas do Rio de Janeiro; Delminda Silveira, de Santa Catarina e, ainda, a educadora Mariana Coelho e a cronista Cândida Brandão eram constantes nas páginas do jornal, salientando o cunho ativista pela educação e causas feministas empenhadas no jornal.

Das publicações do ano de 1910 às quais tivemos acesso, todas apresentavam os nomes dos colaboradores e colaboradoras literários nas páginas finais, onde constava, ainda, os nomes dos “Colaboradores artísticos”, dentre os quais destacamos o nome da filha de Andradina, Lola de Oliveira (desenho e aquarela), que, além de secretária da mãe, foi responsável pela ilustração, “profissão de pintora, que exerceu por algum tempo” (FLORES, 2007, p. 12). Na foto abaixo, o *Escrínio* destaca os “distintos colaboradores”, conforme edição de 26 de fevereiro de 1910:

EXPEDIENTE

O Escrivão, revista ilustrada, literaria, artistica, scientificas, educative e politicas, sera publicado em substituição.

Atenção. A nossa revista não tem numero fixo de paginas. Depende do mais ou menos numero de artigos de abstracção materia, data do mais reservecos. Antes reservecos para facilitar o fatureo da mesma, sera o proprio desagravavel das interrupções.

ASSIGNATURAS

NA CAPITAL

Anno 90\$000
Semestre 45\$000
Trimestre 25\$000
Numero avulso 2\$000

PARA FORA

Anno 120\$000
Semestre 60\$000
Numero avulso 15\$000

Pagamento Adiantado

Correspondencia. Toda correspondencia para o "Escrivão" deve ser dirigida para a rua dos ANDRADES N. 283.

Anuncios. As condições de annuncios deverão ser combinadas com a propria directora.

Toda collaboração enviada ao "Escrivão" não será restituída, embora não seja julgada em condições de ser publicada.

COLLABORADORES LITERARIOS

ESCRITORAS		ESCRITORES	
Rebecca H. de Medis, Rio Grande do Sul		Alta Vaktov, Ceará	
Folosa de Melo Monteiro, "		Francisco Grottillo, Rio Grande do Norte	
Mathilde Ulrich de Almeida, "		Anna Lima, Maranhão	
Camilla Portes Brandão, "		Mariana Luz, Bahia	
Camilla de Azevedo Pereira, "		Ritellina Ferreira, Chile	
Martha Nogueira, "		Melosa, Portugal	
Maria José Ouinto Carneiro, "			
Helenora Torres Correia, "		Vivaldo Casaroy, Rio Grande do Sul	
Josanna Esmacosen scovita, "		Calixto Junior, "	
Delmiro Silveira, Santa Catharina		Zefirino Brazil, "	
Mariana Coelho, Paraná		Victor Silva, "	
Georgina Moutgnol, "		Dr. Essequiel D'abata, "	
Theodora Cardoso, S. Paulo		Salvo Maranhães, "	
Anna Fyffuso, "		Idelfonso Gomes, "	
Pepesiliana Duarte de Almeida, "		Major João Manoel de Campos Souza, "	
Efêria Gonzari Carreiro, Minas Geraes		Achylla Porto Alegre, "	
Ignes Sobino, Rio de Janeiro		Ignacio C. Cardoso, "	
Maria Clara da Cunha Santos, "		Dr. Euryblado Dutra Villa, "	
Arren Pires, "		Mario d'Artagnão, "	
Amelia Borelloquia, "		Paula Riles, "	
Rosalia Sandoval, "		Gaspar do Bem, "	
Adelina Lopes Vieira, "		Le Tenente Jader de Carvalho, "	
Leocadia de Jesus, Goyaz		Major Miguel Pereira, "	
Anna Liza dos Guimarães Polcoto, "		Aspirante Irineo Silva, "	
Luzia de Oliveira, Bahia		Dr. Milton Cruz, "	
Dra. Maria Augusta Meira de Vasconcelos, Pernambuco		Arnaldo Barros Cassal, "	
Freira, "		Arnaldo Duplessis-Silveira, "	
Francisco Leitôra, Pernambuco		Horacio Nunes, Santa Catharina	
Edvige de Sá Pereira, "		Dario Vellozo, "	
Luiza Cunha Ramalho, Paraná		Pereira da Silva, "	
Adalgisa Duarte Ribeiro, Bahia		Dr. Sylvio de Almeida, S. Paulo	
Santina Boteguari, "		Dr. Garcia Reston, "	
Anna B. Nogueira, Ceará		Norival de Lemos, Rio de Janeiro	
Falla de Vasconcelos, "		Dr. Americo dos Santos, "	
Anna Fock, "		Arnaldo Damasceno Vieira, Mato Grosso	
Olga Alencor, "		J. Eustachio de Azevedo, Pará	
Chiqueta de Nyass, Pernambuco		Oliveira Góes, "	
Adilla de Luna Freire, Republica do Uruguay		Casiano Monegal, "	

COLLABORADORES ARTISTICOS

Vicente Carrasco (pintura)	Raphael Ferrari (photographia)
Octaviano Furtado (pintura)	Mario de Freitas Maia (photographia)
Luizinho Ferrari (pintura)	Tenente Polydoro Barbosa (photographia)
Afonso Silva (pintura)	Aspirante Irineo Silva (photographia)
Herculano Houmensemer (desenho e aquarella)	Renovado Polimann (photographia)
Luiz de Oliveira (desenho e aquarella)	Theodoro Neumann (photographia)
Henrico Nogueira (desenho), Rio de Janeiro	R. Seilk (photographia)
Rp. (pseudonymo) — desenho)	Olga Schönewald (photographia)
Zol (photographia)	Fredrico Hillmbusch (phototipia)
Louisa (photographia)	Saverio Lomenti (phototipia)
Vinício Guimari (photographia)	Muello Furtado (musica)
Jacinto Ferraz (photographia)	Josino Lima (musica)
Casino Ferraz (photographia)	Professor Antonio Fernandes Vieira (musica)

Figura 24: Foto da Revista *Escrivão*, ano XI, 1910
(Acervo particular da historiadora Hilda Agnes Hubner Flores, Porto Alegre)

Entre os colaboradores masculinos, estão presentes 21 nomes do Rio Grande do Sul e os demais se distribuem entre Santa Catharina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Pará, Pernambuco e Uruguai.

Além da categoria “Colaboradores”, o caráter de empreendimento literário no *Escrínio* evidencia-se por vincular o periódico com intelectuais de diversas regiões do país. Por essa via, nomes como Matilde Ulrich de Almeida, de Cruz Alta; Prisciliana Duarte de Almeida, de São Paulo e Revocata Heloísa de Melo, de Rio Grande são alguns nomes que estavam em contato com o periódico na categoria “Correspondentes”, de acordo com o que verificamos na publicação de 16 de abril de 1910:



Figura 25: Foto da Revista *Escrínio*, ano XI, 1910
 (Acervo particular da historiadora Hilda Agnes Hubner Flores)

Muitas dessas colaborações e correspondentes ocorriam por laços de amizade entre as escritoras-jornalistas como uma forma de apoio mútuo. Dessa forma, por exemplo, as irmãs Julieta de Melo Monteiro e Revocada H. de Melo, tanto colaboravam no *Escrínio*, quanto Andradina enviava colaborações para o *Corymbo*. Da mesma maneira acontecia com Prisciliana Duarte de Almeida, que cooperava no periódico de Andradina; esta, por sua vez, colaborava na revista *A Mensageira*. Tornava-se visível, nesse âmbito, a recíproca troca que se estabelecia entre os próprios periódicos, o que evidenciamos em diversas mensagens publicadas no *Escrínio* sobre permutas, que se davam, às vezes, informalmente, como é o caso que destacamos na nota escrita a punho pela redatora:



Figura 26: Foto da Revista *Escrínio*, ano X, 1909
(Acervo particular da historiadora Hilda Agnes Hubner Flores, Porto Alegre)

A frase “até agora não tivemos a honra permuta da *Federação*” justifica a cooperação quase “obrigatória” entre os pares. As permutas equivaliam-se à propaganda das escritoras e da literatura que produziam, uma vez que eram nos jornais que elas publicavam, enquanto, no Brasil, ainda não havia um comércio e uma indústria editorial propriamente dita. Assim sendo, os jornais e as revistas assumiriam uma notória importância na posição que ocupavam, permitindo que fossem eles

mesmos encarados como negócio, como é o exemplo da permuta do rio-grandense *Corymbo*, levado à redação da revista mato-grossense *A Violeta*, quando Andradina naquele estado esteve:

O CORYMBO

Grande é a nossa satisfação de ter em nossa mesa de trabalho o periódico quinzenal O Corymbo, números 145 e 146, que se publica no Rio Grande do Sul.

Neste último tivemos a grata satisfação de ler uma bondosa referência sobre esta revista.

O ilustre órgão tem como redatoras as nossas inteligentes e ilustradas patricias Revocata H. de Melo e Julieta H. de Melo Monteiro, da qual publicamos hoje um primoroso artigo.

Esta gentileza devemos-la a sempre estimada e lembrada escritora dona Andradina de Oliveira que não poupou esforços para fazer conhecida A Violeta.

Esperando viver sempre envolta neste fraternal amplexo esta revista vai levar os agradecimentos da nossa Redação (*A VIOLETA*, 19 de março de 1920, p. 11).

Quanto aos colaboradores da *Revista Escriínio*, a redatora não podia se queixar, pois, nesta fase, seu periódico contava com o número de 87, sendo 41 escritoras e três “colaboradoras artísticas” (fotógrafa, desenhista), além de 43 escritores somados aos colaboradores artísticos.

A informação aliada ao serviço e à educação contava, igualmente, com a publicação de cartas, muito embora elas não fizessem parte de uma estratégia doutrinária, isto é, não serviram ao plano pedagógico com prioridade para os conselhos sentimentais e práticos. As cartas que se apresentavam sempre, ou quase sempre em forma de crônicas, eram enviadas pelas colaboradoras-correspondentes de outros países. Estes textos eram dotados de informações sobre a cultura geral e curiosidades que elucidavam o universo dos países estrangeiros. Vistas sob esse enfoque, as cartas assumem uma conotação ideológica do jornal, uma vez que a expansão dos horizontes geográficos atende à erudição, isto é, educar a partir da informação.

Aliada à educação e à informação cultural estão duas colunas publicadas com regularidade no *Escriínio*: uma trata sobre “Escritoras

brasileiras” e a outra “Escritores brasileiros”. Ambas estão constituídas de fotos e acompanhadas de um pequeno texto que versa sobre obras e publicações da referida autoria. Lembramos que, desde 1903, na 4ª Fase, quando publicado em Porto Alegre, o periódico já publicava a série “Escritoras Brasileiras”.²⁰⁵

Quanto aos colaboradores masculinos, eles sempre estiveram presentes não só na 1ª Fase, como até o último exemplar de que temos notícia. Ao longo da existência do jornal encontramos nomes de poetas e prosadores conhecidos e com relevância para a literatura rio-grandense e nacional, tais como F. Martins, Pedro Antônio de Miranda, João Mendonça, Ferdinando Martino, Jader de Carvalho, Cipriano Porto Alegre, Henri Pery,²⁰⁶ João de Deus, Horácio Nunes, José Américo dos Santos, Garcia Redondo, Tobias Barreto, J. Estácio de Azevedo, Arnaldo Damasceno Vieira, Zeferino Brasil, Edmundo de Amicis, Carlos Barbosa Gonçalves, Pinto da Rocha, Virgílio Calegari, Afonso Silva, Murilo Furtado, Miltom Cruz, José Muller e Inácio C. Cardoso, Luiz Delfino, Dário Velaza, Eduardo Carmilo, Dr. Nísio Cerqueira, Armando Duplessis Silveira, Clemence Royer, Leopoldo Luganes, Elzio de Carvalho, Joaquim Nabuco, Catul Mendes e Henri de Almeras.²⁰⁷

Ao longo da publicação do *Escrínio*, há também, um número de textos assinados por pseudônimos, como: Lucy, que assina contos e poemas; F. M., charadas e logogrifos; J.B.I., textos encomiásticos à mulher; C. Reis, artigos; Pierrot, poesias; K.C.T., contos; Juracy, cartas; V. Cy. (identificamos como sendo o escritor Vivaldo Coaracy), crônicas, artigos e poemas; Dr. OX, “notas de ciência” e F. Cardona, artigos, muitos nomes dos quais são, possivelmente, mulheres.

No que se refere às mulheres enquanto grupo de colaboradoras, é notável a abrangência geográfica alcançada pelo *Escrínio* e sua redatora. Nomes como Adelina Lopes Vieira, de São Paulo; Carmen Dolores, do Rio de Janeiro; Leodegária Jesus, de Goiás; Revocata Heloísa de Melo, de Rio Grande; Francisca Izidora, de Pernambuco; Delminda Silveira, de Florianópolis e Modesta,²⁰⁸ de Portugal, são exemplos que compreendem sistematicamente o entrelaçamento entre as

²⁰⁵ No Anexo Nos anexos VIII desta tese, reproduzimos, em um índice onomástico, todas as “Escritoras brasileiras” publicadas pelo *Escrínio*.

²⁰⁶ Conforme Andradina, Peryé “um brilhante articulista de *O Comércio*”, de Bagé. (*ESCRÍNIO*, 9 de janeiro de 1898, p. 2).

²⁰⁷ Possivelmente, dentre alguns destes nomes masculinos se esconda alguma escritora sob pseudônimo.

²⁰⁸ Conforme o *Dicionário de escritoras portuguesas* (2009), Modesta pode ser o pseudônimo de Mafalda Mouzinho de Albuquerque, “ficcionista e poetisa nascida em 1874 e falecida em 1952” (p. 177).

mais variadas procedências do pensamento intelectual feminino contido nas páginas do periódico.

Tomando por base a história do *Escrínio* contada por ele mesmo, a partir da relevante atuação e incessante atividade jornalística exercida por Andradina de Oliveira, autenticamos não só a existência desta atividade exercida pelas mulheres nos longínquos cantos do Brasil, como, também, testemunhamos a abertura de um espaço público com vínculo entre ideias (ideologias) e letras (literatura) que entrelaçava as mulheres do Estado do Rio Grande do Sul com o Brasil e o mundo.

Embora a existência do *Escrínio* seja, comprovadamente, um marco na história do jornalismo gaúcho e, especialmente, bageense, nenhuma menção sobre sua atividade foi publicada no jornal *Correio do Sul de Bagé*, quando, em 1946, é publicada uma edição especial em homenagem ao “glorioso centenário” da cidade. Compondo um extenso artigo sobre a história do município e, nele, dados históricos sobre o jornalismo exercido, o autor extrai dos “apontamentos Históricos e Estatísticos de Bagé, publicado em 1911 por Jorge Reis” a informação de que “o primeiro jornal publicado na cidade foi o *Aurora de Bagé* em 10 de setembro de 1861” (1911). E, citando até o nome do vigésimo oitavo jornal, não faz nenhuma referência sobre o *Escrínio*, finalizando: “certo é, porém, que o número inclui os jornais de pequeno porte, formato e tiragem semanal e bimestral, que monta a nada menos de 280” (Carta. Espólio 12: Coleção Castro Osório. Família – Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal).

A partir da recuperação do periódico que nasceu na cidade de Bagé, passando por Rio Grande, Santa Maria e finalizando suas publicações em Porto Alegre no ano de 1910, ratificamos em nossas pesquisas que foi publicado no período de 12 anos, portanto, entre 1898 e 1910,²⁰⁹ com uma interrupção das atividades entre o segundo semestre do ano de 1906 até o primeiro semestre do ano de 1910. O período que durou a publicação do jornal é confirmado por Andradina na carta que escreve para a portuguesa Ana de Castro Osório, enviada a Portugal: “sim, minha colega querida, [...] sou a escritora rio-grandense que mais há lutado e trabalhado. Durante 12 anos mantive um jornal feminista [...]

²⁰⁹ Sobre a duração das publicações do *Escrínio*, retificamos a informação de Américo Lopes de Oliveira (1981) sobre o periódico ser um periódico de São Paulo (a não ser que Andradina o tenha publicado naquela capital, fato que não confirmamos em nossas pesquisas); E a publicação de Schuma Schumacher (2000), que aponta o término do periódico em 1911. E, por último, apontamos, também, que a informação sobre o jornal *Escrínio* ter pertencido às irmãs Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloísa de Melo, conforme citado em Mary Del Priore (1997).

fui profeta na minha terra” (Carta. Espólio 12: Coleção Castro Osório. Família – Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal).

Com base nas considerações apresentadas acima sobre os conteúdos e as diversas formas de publicação do *Escrínio*, evidenciaremos, de forma particular, como Andradina notabiliza relações com o movimento feminista no Brasil e no mundo. Com esse propósito daremos ênfase na interação interpretativa de textos no periódico a partir da organização de ideias veiculadas pela redatora do jornal.

2.5. *Escrínio*: páginas abertas

Graças à determinação, disposição e inteligência no desempenho das muitas funções ao longo de uma vasta experiência de vida, Andradina traz à baila uma literatura voltada para questões sob a ótica das relações de gênero, tais como a desigualdade de direitos, supremacia masculina, submissão feminina, etc.; temáticas pleiteadas nas obras sobre as quais discorreremos no primeiro capítulo da tese (1.4). Partindo das mesmas experiências e com o mesmo olhar, a intelectual elege a imprensa e lança o *Escrínio* como expressão corrente e coloca em evidência a condição feminina e o papel da mulher no século XX. É preciso considerar, porém, os limites do contexto histórico-social onde a intelectual viveu e publicou seu periódico. É neste cenário que contextualizaremos o presente subtema.

O feminismo a seu modo, assim começa o *Escrínio*:

O paladino que, hoje, surge na arena escabrosa do jornalismo, é o produto de uma vontade feminil que, jamais se entibiu no meio das terríveis lutas pela vida; [...] O *Escrínio* vê a luz nova de um século. [...] O *Escrínio*, o modesto *Escrínio*, será o eco de todos os bons sentimentos, de todas as legítimas e sãs doutrinas, de todas as nobres tentativas, de todos os levantados cometimentos, de todas as sublimes aspirações (ESCRÍNIO, ano I, n. 1, 1898, p. 1).²¹⁰

As primeiras palavras publicadas no edital de lançamento, em 2 de janeiro de 1898, anunciam uma observação sintomática: “a arena

²¹⁰A partir desta citação, todas as demais que se fizerem do periódico *Escrínio* serão apenas identificadas pelo ano, número, data e página.

escabrosa do jornalismo é um produto de uma vontade feminil”. O século XX nasceu acompanhado de muitas mudanças, como se previa, e “O *Escrínio* vê a luz nova de um século” vindouro, ainda em 1898. Novos governos e novos pensamentos transformavam, pouco a pouco, os recursos da comunicação no Brasil. Vapores vindos da Europa, dos vizinhos sul-americanos e do centro de produção dos movimentos culturais da época – o Rio – espalhavam no mercado novas folhas que surgiam semanalmente. Política e entretenimento arrecadavam a atenção dos poucos leitores. Este era o contexto em que surgia um periódico feminino na longínqua província do extremo sul do Brasil, como “um produto de uma vontade feminil” (1898).

Com todo movimento cultural que alcançou a sociedade, à época, a mulher começava a ter uma vivência significativa fora dos lares. Cafés, teatros, reuniões, comércio, novas avenidas, praças e jardins faziam parte da construção do urbano; integravam mudanças ocorridas na sociedade brasileira e, sobretudo, faziam parte de uma imagem simbólica sobre os novos significados das relações humanas. Neste cenário, a imagem dá lugar à força da natureza inconformada das mulheres com o estado de coisas. Cientes das “terríveis lutas pela vida” (1898), como cita o edital, a jornalista estava ciente de que abriria fissuras nos discursos normatizadores que colocavam as mulheres em um único lugar: na “esfera santa do lar” (1898).

“O *Escrínio* [...] será eco de todos os bons sentimentos, de todas as sãs doutrinas, de todas as nobres tentativas” (Idem). Palavras que podem ser lidas com um tom político. Observa-se um caminho para se rever a própria socialização da mulher. “O “sexo frágil” quer ter voz, profissão e desejo e, para esse fim, todos “os bons sentimentos” serão motivos para “todas as nobres tentativas” (Idem) de construir, efetivamente, um outro sujeito social.

Entretanto, a intelectual não era uma revolucionária, mas era uma progressista. Valorizava a intimidade do lar, a missão de esposa e mestra, de mãe generosa; porém, propagava a igualdade entre os cônjuges, ideia comum das feministas do tempo. No entender de Andradina, para que a mulher desempenhasse com louvor sua missão, era preciso colocá-la em posição de igualdade em relação ao homem, mas isso só seria conquistado através da educação, ideias apregoadas antecipadamente por Nísia Floresta. Parte daí o discurso de Andradina votado à emancipação intelectual da mulher, quando expressa sua esperança no poder da educação como força promotora do campo de ação fora dos lares. Este objetivo tornou-se alvo incansável nas

publicações do *Escrínio*, que estabelecia grande diálogo com suas leitoras/colaboradoras.

No entanto, para o avanço desses conceitos era indispensável corrigir os vícios do passado e polir hábitos rançosos sobre a educação feminina, embasada em moldes tradicionais. A educação moderna valorizava a virtude, a capacidade intelectual, a cultura, tudo em defesa da formação moral das mulheres, cuja responsabilidade recaía nas obrigações com o bem estar da família. Mas corrigir os ranços do passado significava mudar os discursos daqueles que as oprimiam:

Felizmente, ao século das luzes, o homem, o nosso consórcio nos prazeres e nas dores, despindo aquele carrancismo estúpido dos nossos antepassados, vai nos fazendo justiça e reconhecendo em nós a mesma capacidade intelectual, que, até bem pouco, era considerada seu exclusivo privilégio (Ibidem, p. 2).

“Felizmente ao século das luzes” – XIX – ergue-se a civilização e o progresso não somente nas sociedades europeias. Os últimos eventos, como abolição e independência política, integraram o Brasil no patamar das grandes nações soberanas. E vindouros os novos ideais de igualdade e liberdade que se alastraram por toda a Europa, chegam ao Brasil batendo à porta do século XX, “despindo aquele carrancismo estúpido dos nossos antepassados” (1898). Pronuncia-se o aprimoramento das relações humanas influenciado pelos ideais de liberdade que “vai-nos fazendo justiça” (Idem), abrindo espaço para o campo fértil do mais sagrado direito dos indivíduos: a igualdade. É tempo de civilizar-se!

Porém, era difícil romper o imaginário social que criava um conjunto de valores materialistas e práticos da chamada “civilização”. Nela eram alicerçados valores positivistas que ampararam a esmagadora afirmação que “o homem deve sustentar a mulher a fim de que ela possa preencher convenientemente seu santo destino social – Catecismo positivista” (apud FLORES, 1994, p. 146). À guisa de uma ação moralizadora, esta máxima permeou os discursos que foram reproduzidos no *Escrínio*, que, ora alicerçava esse pragmatismo, mantendo uma função pedagógica, ora mantinha uma força pensante de um movimento de mudança. O recorte abaixo expressa muito bem esta dualidade:

A mulher deve ser instruída, deve ser educada para melhor cumprir a sua divina missão na terra – ser mãe.

Deixemos falar os espíritos retrógrados! Deixemos falar os ignorantes que proclamam a decantada trilogia da mulher- filha, esposa e mãe. Dizem eles: a mulher é só e deve ser isto e para isto, basta-lhe saber lavar e cozinhar (2 de janeiro de 1898, p. 1).

Progresso e Civilização não andavam obrigatoriamente de braços dados e, por isso mesmo, consagrando indispensável papel do afã organizatório que associava as mulheres ao sacro exercício da maternidade, a feminista não as vincula exclusivamente ao lar; ao contrário, procura neutralizar o discurso dos pensadores moralistas, quando conclui que: “deixemos falar os ignorantes que proclamam a decantada trilogia da mulher – filha, esposa e mãe” (Idem).

Desse ponto de vista, a instrução da mulher passa a ser uma ordem vital, devendo ser esta ordem o contingente progressista para as mudanças sociais, mesmo que a missão cívica feminina limite-se ao bem próprio da família e da pátria, como escreve:

Estes tempos estão próximos; sente-se fremir na sombra um grande movimento preparatório. A mulher empenha-se ardentemente na conquista da sua liberdade e tem como auxiliares a seu lado homens de espírito superior de ideias avançadas. Estes compreendem a necessidade urgente de erguer socialmente a mulher à mesma altura do homem, sob pena de entrevar a marcha evolutriz da Humanidade (25 de junho de 1910, p. 297).

Andradina é uma voz inconformada com padrões impostos pela cultura acerca do corpo feminino e os problemas da exploração de um sexo sobre o outro que para ela precisavam ser superados: “a mulher empenha-se ardentemente na conquista da sua liberdade” (1901), diz. Discurso minado por interesses individuais que parece tomar outros contornos:

No século XX, século que será da Ciência e do Amor, iluminado todo pelo extraordinário farol do século XIX, ruirá para sempre, a já tão profundamente abalada bastilha dos ridículos e

grosseiros preconceitos, do tenaz e cruel carrancismo, do injusto e fatal egoísmo das leis sociais em que tem vivido encarcerado o espírito inteligente da mulher. É uma verdade, porém, incontestada o notabilismo intelectual dessa formosa metade do gênero humano (12 junho de 1901, p. 2).

O século da “ciência e do Amor” parecia firmar o elemento afetivo nas novas formas de relacionamento marital, baseado no companheirismo. E, por essa razão, destoando do senso comum, Andradina entendia que, nestas novas relações, a participação da mulher deveria ser aprimorada para o bem de toda a família, o que significa dizer que a atuação feminina ultrapassava a esfera do lar e passava para a esfera pública, conquista efetiva para as mulheres nesse período de transformação social. Escreve:

A mulher precisa ir além do fogão, além da tesoura, além do tanque em que lava a roupa da família. [...] Não há inconvenientes algum para a boa direção do lar, como julgam muitos, passar a mulher do fogão à secretaria. [...]. sim! Ele compreende [o marido], afinal que a mulher pode, com vantagem, auxiliá-lo nas lutas pela vida, *trabalhar*, seja em que for a seu lado (2 de janeiro de 1898, p. 2).

Mas, para a reformadora Andradina, a participação das mulheres na sociedade começava na relação delas com a educação e a instrução, mote fortemente amparado nas atividades de publicista, durante todo o período de publicação do periódico *Escrínio*, nome que, com este propósito, foi traduzido por “um cofre de inteligência, um cofre das produções belíssimas” (Ibidem, p. 2). O discurso da feminista partia de suas próprias experiências, uma vez que a instrução lhe garantiu sustento e notabilidade.

Como já sabemos, ocupando muitas tribunas, a intelectual proferiu muitos discursos sobre a condição das mulheres na sociedade. Em uma de suas palestras, ela percorre um distântíssimo passado para reconstruir a história da humanidade e, nesta, procurou fazer um caminho antropológico da cultura hierárquica dos gêneros, o que resultou em uma publicação no *Escrínio* com o título “A mulher através dos tempos”. A publicação foi dividida em três partes: a primeira, a

mulher “na antiguidade”; a segunda, a mulher “da Idade Média” e a terceira, a mulher “na época moderna”. A primeira parte foi publicada nas edições de 23 e 30 de abril, a segunda em 14 de maio e a terceira e última em 25 de junho; todas fizeram parte das edições do jornal no ano de 1910. Porém, em nota de rodapé, nessa última publicação, a oradora informa que a conferência foi realizada no Teatro São Pedro, em Porto Alegre, no dia 30 de junho de 1906. Ilustramos alguns excertos da publicação/conferência uma vez relevantes a respeito do diálogo que Andradina estabelece com o mundo e consigo mesma.

A mulher através dos tempos – Na Antiguidade

Desde o berço da espécie humana que a mulher vive sujeita ao homem, em degradante servidão, pois até lhe tem sido negado o direito de elevar-se, intelectualmente à altura do seu companheiro, ou para servir-me de uma expressão crua, mas infelizmente verdadeira, do seu senhor.

(...)

Eis-nos nos prodromos da idade quaternária, período geológico, em que acaba de surgir sobre a crosta mal resfriada [...], o homem. Não era, por certo, animal superior, o rei da criação; mas um símio aperfeiçoado apenas. [...]. Tudo, porém, tende a comprovar que nessa época o homem animal pouco mais adiantado que os demais, logo abusando da inferioridade da força física da companheira que lhe dera a natureza, ha tivesse reduzido à triste posição de serva em que a manteve durante tanto e dilatados anos.

A espécie humana evoluía.

O homem abandonou as cavernas. [...] Evoluindo a raça, porém, não parece que a sorte da mulher tenha melhorado muito.

(...)

Estamos no regime do patriarcado. Lendo o *Gênesis*, podemos avaliar a sociedade de então: a mulher era vendida, trocada por ovelhas. Conforme o trabalho que era capaz de executar, tal era o seu valor. [...] Começa, porém, a se formar nacionalidades. O homem passa a ser agricultor, edifica as cidades. E aqui e ali vemos sua companheira se salientar. É Semiramis, a

formosa rainha dos Assírios que fez erguer os maravilhosos jardins de Babilônia. [...]

A Grécia fez do amor e da beleza os dois polos sobre o que girou toda a sua civilização. E compreendeis o amor sem a mulher? [...] As formosas lendas de heróis são todas ornadas de vultos mulheris: Leda, [...] Sirinx, Psiqué, Penélope, Europa, Danae, Djanira e milhares de outras. [...]. Si, porém, já se não negava à mulher a sua intelectualidade, nem se lhe cerceavam os meios de cultivá-la, política e socialmente continuava ela a ser a escrava (ESCRÍNIO, 18 de junho, 1910, p. 194-196).

A mulher através dos tempos – Na Idade Média

Nesse período, os países estavam repartidos entre *grandes senhores*, feudatários que eram soberanos absolutos [...]; deles dependia inteiramente o poder real.

(...)

Na primeira época até as cruzadas, mais dolorosa se patenteia ao nosso olhar a situação da mulher, encerrada nos solares se era nobre, escrava do senhor feudal e do marido se, para a maior desgraça, se era plebe. [...] Si era nobre, faziam-na corar vergonhosas e ultrajantes instituições, filhas do ciúme ofensivo e bárbaro. Si era plebeia, pior ainda, estava submetida ao pavoroso direito do senhor, que a entregava ao castelão antes de possuí-la o esposo.

A alma que nos revolta diante de fatos tão tristes que nos custa a crer tivesse lugar em pleno cristianismo.

[...]

Após a última cruzada, pelos fins do século XVIII, [...] começa a situação da mulher a passar por sensíveis modificações. [...] Já não pesam sobre ela, pois pavorosos vexames a que me referi. [...]

Indagando das causas que originaram esse abrandamento [...] verificamos que são diversas, salientando-se em primeiro lugar o culto da Virgem Maria. [...] É durante as cruzadas, nestas longas guerras longe da pátria, longe do lar, [...]

nos lugares mesmo que viram o desabrochar da doutrina de Cristo, [...] tem origem a devoção da Virgem Mãe. [...] Outra causa ainda está na instituição da cavalaria. Cavalheiro que se prezasse de o ser, só terçava armas invocando os nomes do seu Deus e da sua Dama. [...].

Chegamos ao século XV. [...]. Joana Darc não precisava ser carbonizada para ser eternizada. [...] É obvio insistir sobre a extraordinária conquista que, na afirmação do valor da mulher, é o fato dessa virgem de 19 anos executar o que não conseguiram os mais aguerridos capitães de Carlos VII. [...] Desde ela não se ousa mais discutir se é a mulher um ser incapaz de se igualar a um homem. Apenas continuam a lhe negar os meios de o fazer (ESCRÍNIO, 18 de junho, 1910, p. 230-232).

A mulher através dos tempos – Na época moderna

Eis-nos em pleno período da grande Revolução. É o maior acontecimento que a história humana registra na eterna luta da reivindicação dos direitos postergados. À Mulher coube salientar papel por essa época. A queda da Bastilha, em 14 de julho de 1789, seguiu-se a uma espantosa manifestação das mulheres de Paris que, incorporadas processionalmente, encaminharam-se para Versalhes, onde estava o rei, a pedir pão, e que, de lá foram repelidas pelas tropas a baionetas. [...] A grande virtude a da época era saber morrer, e essa mulheres mostraram que a possuíam tão impavidamente como os homens. [...]

No século XIX, são tantas as mulheres que se distinguem entre os seus contemporâneos, que não me é permitido deter-me sobre a cada uma delas. Limitar-me-ei a citar os nomes das principais, fazendo notar que quase todas se distinguiram no cultivo das artes, e principalmente, das belas letras e também nas ciências. Lembrarei, apenas, em França: Mme. Stael, Mme. Émile Girardin, [...] Mme. Georges, Sarah Bernhardt, [...] Mme. Curie; [...] na Inglaterra: George Elliot, Anna Ratkloff, Jenny Lind [...] Annie Besant e muitas outras.

Ainda em outros países teremos a citar Fernán Caballero, Emilia Pardo Bazán [...] Ada Negri [...] Guiomar Torrezão, Maria Amália Vaz Carvalho, e que sei mais! [...]

No momento atual, por todo o mundo, as mulheres manifestam um extraordinário afã na sua própria exaltação. As artes, as ciências, as profissões liberais, todos os terrenos são por elas cultivados. Está próximo o dia, em que a sociedade civilizada não mais poderá protelar a solução do problema. O feminismo terá vencido, atingido o seu *desideratum*; os direitos da mulher terão sido equiparados aos dos homens (ESCRÍNIO, 18 de junho, de 1910, p. 289-290).²¹¹

O texto acima é uma gênese da história da humanidade que explora não só a história das mulheres, mas delas, dos homens, dos grupos e da sociedade instituída sob a égide do poder, da desigualdade, do preconceito e da dominação do corpo feminino, presente em diferentes tempos. Ao pronunciá-lo em conferência, Andradina propunha contar a história das mulheres para diferentes públicos: jovens, velhos, especialistas, críticos e curiosos, procurando arrastá-los para a reflexão sobre cada indivíduo histórico, porque “é afinal, uma das funções potenciais da história” (DEL PRIORE, 1997, p. 9).

Este discurso é definido por um conjunto de valores os quais demarcam o pensamento de Andradina a propósito das relações tortuosas “da tão propalada civilização” (BICALHO, 1988, p. 26). A feminista permeia problemas que, a seu ver, e historicamente comprovados pelas ideias de sua exposição, partem dos poderes instituídos, tal como o Estado e a Igreja, resultando em uma história de opressão e submissão de indivíduos que não têm direito de reagir diante de poderes instituídos.

Por esse critério, a intelectual analisa o papel da religião como cultura e como lei, por via, os representantes do cristianismo e seu princípio de autoridade. Para o grupo, em constante vigilância do corpo feminino, a mulher associava-se ao elemento da ordem ou da desordem, conforme a finalidade e a necessidade social em distintos períodos. A submissão feminina como regra de comportamento determinava o conceito de honra ou desonra, julgamentos entronizados pela doutrina do “cristianismo a reger e regrar todos os aspectos do viver humano”

²¹¹ A transcrição, especificamente dessa publicação, não foi atualizada.

(QUEIROZ, 2014, p. 30). As constantes ameaças de punição do corpo feminino, já condenado pelo pecado original, representavam uma estratégia perversa de poder sobre as mulheres e, sobre esse recurso normalizador de regras e punições, Andradina manifesta-se indignada quando escreve que “a alma que nos revolta diante de fatos tão tristes que nos custa a crer tivesse lugar pleno no cristianismo”, como cita na conferência (1910).

Creemos que Andradina mantinha um discurso, no seu *Escrínio*, na ofensiva da religião, e, conseqüentemente, da opinião dominante de uma sociedade essencialmente católica. Estava, sim, cáustica sobre os princípios de crença as quais se baseavam na relação de um indivíduo superior ao outro. Mesmo mantendo no jornal um quadro de colaboradoras e leitoras, senhoras de famílias católicas, o conformismo nato do pensamento cristão não exerceu influência sobre ela, pois era feminista acima de tudo. Prova disto foi sua argumentação pública em defesa do direito ao divórcio em casamentos já invalidados pelo recíproco consentimento dos cônjuges,²¹² como vimos anteriormente no Capítulo 1 (1.4) da tese. No livro *Divórcio?* (1912),²¹³ a escritora faz uma crítica mordaz “das cortes religiosas que partem a mais feroz oposição ao divórcio, oposição tenaz, constante, injusta, desumana, despejando-se em toda sorte de razões e sem razões” (1912, p. 29). Lemos:

²¹²A propósito do divórcio a que nos referimos, encontramos, no Arquivo Público Municipal da cidade de Bagé, a “carta expedida a requerimento do doutor Pedro Luiz Osório Filho- da sentença de divórcio perpétuo [...] entre partes, como autora D. Maria Luíza Osório Bordini e o réu seu marido, o mencionado doutor Pedro Luiz Osório Filho. [...] Aos vinte dias do mês de agosto de mil oitocentos e oitenta e quatro, nesta cidade de Porto Alegre, em Câmara Eclesiástica do Bispado, lugar das audiências do Juízo onde se acham presentes o Excelentíssimo e Reverendíssimo Monsenhor Vicente Ferreira da Costa Pinheiro, vigário geral do bispado, bem como o doutor Eugênio Pinto Cardoso, foram juramentados e perguntados às testemunhas oferecidas pela justificante D. Maria Luíza”. Nesta petição há o registro das quatro testemunhas, entre intimações, audiências, bem como o valor total do referido documento, de cento e setenta e dois mil, seiscentos e quarenta reais. A petição conta de quarenta e seis páginas. Segundo, ainda, diz a Carta, a autora pede o divórcio pelo comportamento de abandono, descaso do esposo no trato com o lar. Segundo a secretária do Arquivo, Laura Oliveira, a quem agradeço pela atenção prestada ao meu trabalho de pesquisa naquele centro, essa petição é um das primeiras do Estado do Rio Grande do Sul, senão a primeira.

²¹³OLIVEIRA, Andradina. *Divórcio?*. Porto Alegre: Livraria Universal, 1912. Foi consultada a segunda edição: OLIVEIRA, Andradina de Andrade e. *Divórcio?*FLORES, Hilda (Org.). Porto Alegre: Ediplat / Florianópolis: Mulheres, 2007.

Dissolução da família? – Ela está de fato dissolvida desde que o adultério, seja do homem, seja da mulher, nela penetrou. [...]

Motivos religiosos? – Estes são os mais sérios, mas quem por eles se deixarem dominar, quem for verdadeiramente católico não se divorciará, por certo. Por que teme, pois, o clero o divórcio ao mesmo tempo em que protesta pelos sentimentos altamente católicos da família brasileira? [...] Mas dois seres, que em certa fase da vida acreditaram que o terem as mãos envolvidas na mesma estola era um fato capital para sua existência, não têm o direito de, em outra fase, pensar de modo diverso, julgar aquilo uma mera formalidade? E a Igreja pode fazer isso? Ela é capaz de impedir as apostasias que, diariamente, lhe rareiam as fileiras? [...] Não é isto forçar, desumanamente, a mulher e o homem, que nasceram para o amor, a uma existência de purgatório nas crudelíssimas garras de um celibato sem razão de ser? [...] O padre, infeliz! Não pode conhecer, em toda a sua sublimidade, o inefável encanto de um lar! pode ter instantes de fictícia ventura, simulacros de doçuras íntimas (p. 28-30).

Para a feminista, a legalização do divórcio era um progresso moral na evolução humana e um ideal estado de coisas. Cita: “O divórcio é ainda moral, contra o adultério; é ainda moral, contra a esmagadora situação da mulher; é ainda moral, contra o egoísmo dos venturosos; é ainda moral contra a indiferença dos hipócritas; é ainda moral porque a mulher é que é sempre a condenada pela igreja” (Ibidem, p. 30).

Também não nos leva a crer que haja laços de Andradina com a religião positivista de Comte, pois no discurso sobre a mulher “regeneradora social”, mesmo resguardando a comunhão entre os sexos, ele “condena a mulher a *vivez perpétua*” [sic] (DIVÓRCIO? p. 30). Ainda, segundo a divisão de papéis entre os cônjuges, “continuava a argumentar sobre a superioridade moral das mulheres, igualmente intelectual, mas inferioridade física, e a advogar uma existência puramente doméstica para as mulheres” (HAHNER, 2003, p. 250-251). A feminista criticava ironicamente as ideologias moralistas das duas instituições mais influentes no país: “os casais católicos e positivistas, verdadeiramente felizes, não devem estragar os seus delicados paladares

com um manjar tão amargo” (p. 32). A crítica dava-se também a todo o ridículo da ignorância de manifestação machista, como lemos em “Dois provérbios russos: A tua mulher não é feita de porcelana; podes lhe bater com uma vassoura; Duas mulheres constituem uma assembleia; três, um inferno”, completa a redatora: “a galanteria chegou ali e parou” (16 de abril de 1910, p. 189).

À sombra da história das mulheres, o *Escrínio* continua a publicar os avanços femininos da atualidade. Por essa via, notifica, sob o título “Invenções femininas”, que “é de notar-se que na Inglaterra o feminismo não se limita às manifestações [...], assim [...] ha mais de 500 o número de senhoras que anualmente tiram patente de invenções científicas e industriais” (p. 19). E sobre o Clube Feminino criado há 40 anos na cidade de Nova Iorque, originou inúmeras instituições por 23 países, onde luta constantemente pelo reconhecimento do direito de igualdade. Ainda publica notas sobre a situação social da mulher no teatro, discutida em Berlim. (ESCRÍNIO, 14 de maio de 1910).

Voltemos às conferências. Conforme referenciamos em vários momentos, Andradina percorre incansavelmente um vasto território proferindo muitas palestras, sendo grande parte delas atravessada pela temática de promoção feminina. Preocupada em influenciar a opinião, diversifica seu público-alvo usando estratégias para alcançar cada indivíduo, com o objetivo de provocar reflexões e perpetuá-las por meio da discussão desses assuntos com um maior número possível de pessoas do seu ciclo. Este é um papel fundamental em qualquer ação política. Pelotas, Porto Alegre, Cuiabá, Argentina, Uruguai e Paraguai, cidades e países que assistiram à alusiva palestra “A mulher não é inferior ao homem”, são espaços distintos, onde mesmo compreendendo a complexidade do assunto, a feminista foi capaz de estabelecer diálogos com sociedades tão díspares, mas unívocas no que se refere aos fortes preconceitos sociais sobre as mulheres, propondo inovações de ação.

O *Escrínio* apresenta um discurso socialmente situado no seu tempo, quando procura informar a sociedade brasileira e, particularmente, as mulheres, sobre a situação e participação feminista no mundo. Deste feito, encontramos inúmeras citações e exemplificamos algumas:

Da França:

Madame Séverine é uma extraordinária escritora francesa contemporânea. Jornalista de pulso, prosadora elegantíssima, a mais notável e querida

das oradoras da França Moderna. Os ideais democráticos e generosos encontram nesta notável mulher a mais genial intérprete [sic] (ano X, n. 14, 18 dezembro de 1909, p. 169).

Lemos numa folha parisiense que recentemente, mãos femininas conduziram com graça e segurança um aeroplano. Os capitães de navios terão de ora avante mulheres como concorrentes (ESCRÍNIO, 30 de abril de 1910, p. 213).

Em Buenos Aires:

Há um Conselho nacional de mulheres, onde se discutem todas as questões relativas ao sexo frágil (ESCRÍNIO, 16 de setembro de 1909, p. 11).

Na Rússia:

Em algumas cidades, as mulheres substituem os maridos nos diferentes encargos da vereança, quando eles não podem comparecer às sessões (Ibidem, p. 11).

No Japão:

O Japão é um dos países modernos em que a mulher que resvala na senda da prostituição, tem o direito de se erguer e regenerar, encontrando de novo o acolhimento e o amparo da sociedade (ESCRÍNIO, 23 de setembro de 1909, p. 12).

Na Alemanha: “Uma brasileira aeronauta”

A baronesa d’Ende, irmã do barão e do conde de Niac, obteve ultimamente na Alemanha, um ruidoso sucesso. Pilotando um dirigível de sua propriedade, com a segurança de mão de um verdadeiro profissional, a baronesa elevou-se aos ares em Berlim e, encontrando o vento e o frio, abandonou a capital alemã, indo após nada menos de 15 horas de viagem descer em Praga em meio de numerosos amigos e de toda uma multidão de

populares que acorreram para alcançar a corajosa brasileira (ESCRÍNIO, 30 de abril de 1910).

E sobre o feminismo:

Feminismo Argentino

Há em Bueno Aires mais de 40 doutoras exercendo a medicina, a cirurgia, a arte dentária e a obstetrícia; uma delas era há pouco, presidente da Academia de Medicina. Centenas de estudantes do sexo frágil conquistam nas Faculdades medalhas e diplomas. [...] Com exceção da política, todas as carreiras lhes estão abertas e as mulheres aí não encontram resistência e a animosidade masculina, como sucede em outros países (ESCRÍNIO, 2 de abril de 1910).

O Parlamento Francês

Acaba de votar uma lei que autoriza as mulheres a poderem servir de testemunhas aos atos civis. É um pequeno triunfo para causa de emancipação, mas ainda é bem pouco. Espera-se para breve a votação do eleitorado das mulheres nos tribunais de comércio, da mulher casada poder livremente dispor do seu salário, da abolição da incapacidade ilegal da mulher casada e da abolição do artigo do código penal que absolve o marido assassino da adúltera pega em flagrante delito. As mulheres também desejam obter uma tarifa mínima para as costureiras e outras operárias dos armazéns de moda (ESCRÍNIO, 30 de janeiro de 1898).

Do mesmo modo, enaltecendo a atividade intelectual e advogando em favor da instrução para as mulheres, Andradina defendia, em seu jornal, outra “bandeira imaculada”: a emancipação feminina por vias de trabalho. Não poderia ser diferente, uma vez que, desde muito jovem, ela mesma sempre manteve o sustento da família.

O trabalho remunerado representava não só a igualdade intelectual em relação ao homem, como e igualmente era um elemento de elevação moral, pois pode a mulher “ao lado do homem lutando pelo

pão [...] sem perder as virtudes do seu sexo” (Idem). Sobre esse pensamento, podemos ler:

E para a prova aí, vemos no comércio, nas indústrias em todos os ramos de atividades a mulher ao lado do homem, trabalhando, lutando pelo pão, sem perder as virtudes próprias do seu sexo, sem descuidar dos sagrados encargos de esposa e de mãe. [...]. E assim, a mulher, pouco a pouco irá conquistando o seu verdadeiro lugar na família, na Sociedade, na Pátria. A instrução, a Educação e o Trabalho, soberba trindade, hão de torna-la companheira ideal do homem (ESCRÍNIO, 12 de junho de 1901, p. 1).

Emprego para senhoras:

O dr. Rodolfo Miranda, ministro da Agricultura, autorizou o diretor geral da repartição de Estatística, à vista do que este expôs, [...] a empregar no serviço de recenseamento, senhoras habilitadas nesse mister, de acordo, porém, com as necessidades do serviço e sem que lhe seja, por isso, abonada gratificação superior a 300\$ (ESCRÍNIO, 30 de abril de 1910, p. 213).

No que se refere ao “emprego para as senhoras”, a questão da dura incorporação das mulheres de baixa renda ao mercado de trabalho que as transforma em vítimas é igualmente objeto de análise avaliativa no jornal. Posto que, ao contrário das mulheres da elite brasileira que, por meio da instrução, podiam ingressar em alguma profissão que lhes desse sustento e prestígio, as mulheres das camadas populares obviamente não usufruíam desta mesma possibilidade.

Moradoras do subúrbio, dos cortiços e das favelas as quais se formavam nos morros do Rio de Janeiro, as mães brancas, negras e pobres, labutavam duramente como domésticas, babás, lavadeiras, doceiras e cozinheiras para o sustento dos seus lares. Fora desse trabalho com características domésticas, restava-lhes, somente, oportunidade de empregos no comércio e pequenas indústrias. Estas, com uma jornada de trabalho de até 16 horas diárias e instaladas em lugares insalubres, não tinham qualquer preocupação com suas operárias. Mesmo

trabalhando aos domingos, as mulheres tinham sempre menores remunerações que a dos homens. (HAHNER, 2003)

Para Andradina, essa realidade era um agravo a mais sobre a questão das mulheres. A exploração, os baixos salários e a hostilidade dos poderosos e ricos patrões representavam a brutal desigualdade de direitos. A feminista não se absteve desta realidade, que é denúncia no *Divórcio?*:

Vamos! Prossegui! Entrai pelas fábricas. Vede como a desgraçada sofre ali, naquela multidão miserável, naquele ambiente asfíxiante, atordoante, assassino! É explorada, é espoliada no trabalho! Com suas lágrimas, com o seu suor os capitais se argamassam, crescem e disparam até as nuvens! É moça e tem nas faces o estigma da velhice. O filho que palpita nas entranhas, ela o sabe, será outra presa da fábrica, da fábrica que lhe matou o pai, o irmão, lhe está matando o marido e a ela também!... (1912, p. 165).

Do acontecimento, o capitalismo, ao contexto, as mulheres no mercado de trabalho, assiste-se, com efeito, a duas posições distintas sobre a autonomia e a liberdade do sujeito feminino: o acesso a uma profissão as coloca em posição de autonomia, mas “é a economia, e não o direito, que está na base de emancipação das mulheres” (FRAISSE, 1991, p. 79). É, portanto, lógico que as questões de autonomia feminina continuavam vinculadas na base de uma hierarquia histórica de exploração de um sexo sobre o outro.

A instrução como elemento de realização do indivíduo, voltada para uma profissão digna, era, também, para Andradina, uma questão de igualdade de direitos. É neste sentido que ela situa seu discurso, pois do seu compromisso partia a luta pela condição de igualdade entre os gêneros. Elemento que também esteve presente em *Divórcio?*:

Vinde! Ensinai as leis santas do trabalho! Do trabalho de que vem o pão, de que vem a alegria, de que vem a virtude, de que vem de que vem a paz!...Luz, Amor e Trabalho: que seja este o lema de vossa bandeira imaculada! Onde há sol, onde há trigo, onde há amor, a criatura não soluça, levante e enxerga Deus! (1912, p. 164).

Quando falava em compromisso cívico, ou seja, “amor e trabalho: que seja o lema de nossa bandeira imaculada” implicava sentimento de honra e defesa da pátria. Esse discurso é bastante evidenciado na conferência de Andradina em Cuiabá, Mato Grosso, em 20 de setembro de 1919, que, sob o título “Pátria e Bilac”, lemos em *A Violeta*:

Ainda ressoa agradavelmente soa nossos ouvidos a belíssima conferência que, sobre este patriótico tema, a nossa talentosa patrícia dona Andradina de Oliveira realizou [...], perante numerosa e seleta assistência, no Cine Parisiense. [...] Não cabe nos estreitos limites destas colunas uma reprodução fiel de tudo o que ouvimos, apenas citaremos os principais tópicos dela:

[...]

- Descreve ou define o que é pátria: lar, terra, céu, história, lendas, tradições, relíquias, arte, ciência, língua, etc;

- Diz do estado precário do Brasil ante o monstruoso conflito europeu, com milhões de analfabetos, sem escolas profissionais e de educação moral e cívica;

- Fala do levantamento Hércules de Bilac em prol da portentosa pátria e de sua fé imensa. Relembra os seus serviços prestados a pátria combatendo o analfabetismo, a escravidão, propagando a República, trabalhando pela educação da infância, pelo desenvolvimento físico da raça brasileira e se tornando um dos mais ardorosos arquitetos da literatura portuguesa;

[...]

- Diz da ação do Ministério da Agricultura impulsionando a lavoura, criando escolas agrícolas, fundando colônias nacionais, encaminhando a juventude desvalida para os patronatos agrícolas.

[...]

- Fecha a conferência com um apelo às mães brasileiras para que eduquem esmeradamente seus filhos, para que o caráter nacional não agonize de novo (ESCRÍNIO, 24 de setembro de 1919, p. 9-10).

Neste cenário patriótico, o *Escrínio* exercia seu papel com um intuito propagador das conquistas femininas e que, ao mesmo tempo, procurava incentivar as mulheres na inserção de uma carreira:

Sairão este ano da faculdade de Agronomia de Buenos Aires, diplomadas com o título de engenheiros agrônomos, as senhoritas Célia Silva Lynch e Amália Vicentini. Comentando a notícia diz *La Verdad*, importante revista portenha: “assim se inicia um novo rumo para as atividades femininas na mais nobre das carreiras, a que nos ensina a fazer produzir a mãe terra. Amanhã o espírito intuitivo da mulher fará da terra um paraíso” (ESCRÍNIO, 16 de outubro de 1909, p. 59).

Vai solicitar da Assembleia dos Representantes, uma subvenção para completar, na Europa, os seus estudos, de pintura, a senhorita Ana Rorecke, possuidora de um precioso talento artístico. A delicada pintora expõe, num dos salões da Assembleia, várias das suas telas, executadas em Porto Alegre, onde tem realizado, até esta data, os seus estudos (Ibidem, p. 68).

Madame Lucile Ktzô é uma glória intelectual da România. Terminou em 1903, na Faculdade de letras e Filosofia o seu curso, publicando, como tese para receber o grão licenciamento, o precioso livro intitulado: O problema da ralação entre a Filosofia e a Ciência, com uma análise das soluções dadas a este problema por Kant, Comte e Spencer (ESCRÍNIO, 27 de novembro de 1909, p. 136).

Dra. Antonieta Dias Morpurgo, natural da cidade do Rio Grande e filha do finado ilustre jornalista Antônio Joaquim Dias, [...] formou-se com brilhantismo, em 1889, na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro. É casada com o engenheiro Dr. Eduardo Morpurgo e reside na Capital Federal, onde tem numerosas clientelas (ESCRÍNIO, 09 de outubro de 1909, p. 55).

Pepita Leão é a primeira rio-grandense que obteve o diploma de bacharel em Ciências e letras (Ibidem, p. 55).

Olga Cidade foi a primeira farmacêutica rio-grandense formada pela Faculdade de medicina de Porto Alegre (Op. cit., p. 55).

Entretanto, a feminista sabia que, para realizar seu projeto em favor da emancipação e autonomia feminina, teria que enfrentar a sociedade aferrada de “preconceitos de sexo”. Por isso, além do seu *Escrínio* ser uma ferramenta imbuída de missão civilizatória, era, também, marcado por ferrenhas críticas sobre a sociedade que reconhecia a instrução feminina como relevância para o projeto de missão social e, ao mesmo tempo, discriminava a mulher instruída. Lemos a crítica publicada em 28 de fevereiro de 1901, na seção “Notas feminis”:

O Parlamento da Nova Zelândia mandou expulsar da sala das deliberações da Câmara, as mulheres que eram jornalistas. Com certeza esses impagáveis membros desse impagável parlamento, não são filhos de mulheres (ESCRÍNIO, p. 4).

As ações feministas estiveram sempre presentes na vida de Andradina, que esteve na linha de frente junto com outras feministas do seu tempo. Enquanto a “expressão ‘feminismo’ começou a ser muito usada na primeira década do século XX” (HAHNER, 2003, p. 250), a expressão já ocupava lugar de destaque no sexto número de publicação do *Escrínio* que, em 23 de janeiro de 1898, publicou: “o último deste mês, como o último de todos os outros meses, será consagrado às mulheres” (1898, p. 2). O periódico também trabalhou o tema com os títulos: “A mulher”, “Uma heroína”, “Vencendo”, “A liberdade” e “Feminismo”.

Neste conjunto de ações, “acenando com as novas perspectivas que vão incidir sobre a mulher, incentivando a sua fala e a sua participação no espaço público” (PAIXÃO, 2009, p. 433), o jornal lança-se em prol de uma educação política e a questão da participação das mulheres na vida pública; como podemos ler na nota da edição de 16 de setembro de 1909: “Na Nova Zelândia, as mulheres são eleitas e

tomam parte nas eleições legislativas” (p. 11) e em notas da edição de 12 de fevereiro de 1910, na coluna “Registrando”:

A mulher e a política

Um numeroso grupo de senhoras fluminenses, constituído em comitê, lançou manifesto declarando que a mulher deve interessar-se pela política da pátria.

E como consequência, as organizadoras que já incorporaram crescido número de consórcios, iniciaram ativamente e com entusiasmo a propaganda da candidatura do dr. Ruy Barboza à presidência da república (ESCRÍNIO, p. 84).

Sobre as mulheres na vida política:

As mulheres da Noruega não podem se casar sem primeiro tirar diploma de boa dona de casa, provando assim saber cozinhar, lavar, coser e fiar. Entretanto é conveniente notar-se que neste país onde se exige essa condição que a primeira vista parecerá uma opressão ao sexo, as mulheres têm plena liberdade política. As mulheres podem votar (ESCRÍNIO, p. 290).

O *Escrínio*, que se autointitulava como “um cofre de inteligência [...] um cofre das produções belíssimas”, como percebemos, não se ocupou só das belas letras e artes. Ocupou-se de letras, de artes, mas, também, de política, de ciência, de direitos femininos, de educação, de igualdade entre os gêneros e toda realidade circundante desta temática. Ocupou-se, além disso, de campanhas sobre higiene e saúde, conforme podemos identificar, por exemplo, nos artigos: “Regeneração física” (ESCRÍNIO, p. 168), que versa sobre a importância da alimentação saudável; “A arte de repousar”, sobre a necessidade do sono para o corpo e o intelecto (p. 187-188); e “A inspeção sanitária escolar”, sobre a medida tomada pelas autoridades competentes na prevenção da tuberculose, nas escolas do Rio de Janeiro (p. 16).

Em sintonia com as correntes de pensamento do tempo e se situando nas vertentes de uma “sociedade aperfeiçoada, como

pressuposto lógico para a instauração de um reino de justiça e liberdade” (DE LUCA, 1999, p. 94), o *Escrínio* publica um artigo sobre a “grande romancista social”,²¹⁴ George Sand,²¹⁵ que “escreveu durante quarenta e quatro anos [...] uma literatura que encanta e comove”, conforme citação do *Escrínio*, que completa:

poucos homens têm colaborado tão poderosamente no aperfeiçoamento social, na obra da civilização, como esta divina mulher. [...] espírito altamente analítico, [...] desenvolve os mais altos problemas sociais e produz tipos saliente da comédia humana, mostrando-lhe as virtudes e os vícios.

Que ocupa o primeiro lugar entre os romancistas do seu tempo e uma posição eminente da literatura francesa (ESCRÍNIO, 1910, p. 294).

Seguindo essa corrente que reúne a literatura à teoria social e a relação desta com o desenvolvimento de ideias e o movimento feminista, seria o *Divórcio?* uma proposta acabada desta doutrina?

Fomentando o projeto de “sociedade aperfeiçoada” a que nos referimos no parágrafo anterior e remontando novamente à antiguidade, o *Escrínio* publica “Traços rudimentares de Sociologia”, que versa um longo estudo sobre o comportamento humano. Acompanhando paulatinamente o comportamento de indivíduos de diferentes grupos sociais, étnicos, religiosos e culturais, o estudo identifica o elemento afetivo e humanitário em uma linha evolutiva da humanidade. Vejamos alguns excertos:

²¹⁴ “Roger Picard, conhecido estudioso das manifestações do ‘romance social’, descreve o gênero como um movimento de ideias que se iniciou na França por volta de 1815 a 1820, até mais ou menos 1850, [...] reunindo reformadores sociais que produziram uma literatura de cunho idealista, mas ao mesmo tempo, profundamente marcada pela preocupação social. [...] Picard dedica um capítulo inteiro de seu livro sobre o romantismo social - *Le Romantisme Social* [...] à análise da relação entre este movimento de ideias e o desenvolvimento do feminismo”. (De LUCA, 1999, p. 95).

²¹⁵ George Sand é pseudônimo da francesa Amaine Aurore Lucile Dupin (1804-1876). Aderiu às ideias socialistas de onde partiam suas concepções feministas. Em 1832, estreia como romancista e publica *Indiana*, obra psicológica como protesto de casamentos convencionais que tolhiam a liberdade da mulher. Seus romances idealistas partem da sua participação nos acontecimentos políticos de 1848 (uma revolução de caráter liberal), que inspira a obra *O Charco do diabo*. Sand coloca em prática suas teorias feministas, separa-se do marido e começa a usar somente trajes masculinos. Colabora no jornal *Le Fígaro* e seus romances conquistaram leitores e leitoras da primeira metade do século XIX.

Seja como for, o que é certo e fora de dúvida é que o sentimento se fortifica pela hereditariedade e as condições do meio, cujas manifestações variam como tudo mais que é do domínio do homem e que nasce da consciência humana. Difícil é sem dúvida, a tarefa de apreciar concisamente a influência das instituições e do meio social sobre o caráter do homem e das raças. [...] cada indivíduo nasce com a tara de moral hereditária que lhe é própria, e que forma a base da respectiva natureza individual; mas esse legado não é uma propriedade inalienável, porque a sua conservação depende de certas circunstâncias relativas ao meio correspondente.

(...)

Estes fenômenos são de observação continua, não só entre os diversos grupos étnicos das raças brancas, como de qualquer outra (ESCRÍNIO, 12 de março de 1910, p. 123).

O estudo-texto, assinado por Inácio C. Cardoso, foi publicado entre outubro de 1909 a março de 1910, e até onde podemos levantar foi dividido em dez partes. De modo geral, o autor encontra na natureza humana razões pelas quais “não é preciso nos remontar até as fases primitivas da evolução social, para constatar os traços irrecusáveis do que foi a humanidade e do quanto ela tem progredido em sentimentos humanistas” (Ibidem, p. 123).

À guisa de uma conclusão, o *Escrínio* garantiu, “no meio das terríveis lutas da vida” (1910), um espaço na história das mulheres, emprestando suas páginas na atuação entre o eixo da educação e da cultura “conquistando aplauso e o apreço do seu povo sempre gentil e cavalheiresco” (p. 55). Com isso, recebeu significativo reconhecimento nos estudos feministas, como os que focalizam as pesquisas sobre a história da mulher brasileira na luta pelos seus direitos, realizadas pela professora de História da Universidade do Estado de Nova Iorque, June E. Hahner (2003). A pesquisadora aponta Andradina como uma das mulheres atuantes na história de emancipação do sexo feminino, quando conclui que “Emília Moncorvo [...] e Andradina América Andrada e Oliveira, uma editora de jornal no Rio Grande do Sul, defenderam publicamente a legislação do divórcio e apoiaram suas ideias em nome da família e da moralidade” (2003, p. 253).

Referimo-nos à imprensa feminina como um meio intrinsecamente ligado ao seu contexto social. Quando as mulheres começaram a reivindicar seus direitos, as folhas levantaram bandeiras a serviço das ideias de liberdade e de igualdade entre os sexos com temas de grande interesse do público leitor. Ela marcou o retrato de uma época, desempenhando genuinamente o papel de cúmplice no processo de reformulação dos papéis tradicionais na sociedade, conferindo à mulher um novo significado enquanto indivíduo social. Se as sociedades ocidentais criaram uma nova dimensão para interpretar o gênero, o jornal foi pródigo na representação daquilo que a mulher fez com seu corpo, quando rompe barreiras em torno da construção de suas identidades; assim, “jornais e revistas femininas funcionaram como termômetros de costumes de época. Cada novidade é imediatamente incorporada, desenvolvida e disseminada. A movimentação social mais significativa também vai sendo registrada” (BUITONI, 1986, p. 24).

A palavra escrita representa as várias formas de mediação do poder e ganha ressonância pelo discurso coletivo e/ou individual na representação das mulheres. Baseada nos estudos de gênero à luz das ciências sociais, a imprensa feminina é utilizada no estudo como referência na construção da nova identidade feminina. E essa construção foi, em parte, um produto germinado nas páginas de um periódico Sul-rio-grandense chamado *Esgrímio*, de propriedade da feminista Andradina América de Andrada e Oliveira.

CAPÍTULO 3. PALAVRAS CRUZADAS, TRÂNSITOS ATLÂNTICOS

Portugal! Portugal, meu namorado
 Que estás além... além... do outro lado
 Desse profundo e temeroso mar.
 Aqui do alto da ribeira,
 Desta formosa terra brasileira,
 Vivo a te namorar...

Lola de Oliveira

A partir de uma estada em Portugal com passagem pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa²¹⁶, com acesso a referências bibliográficas publicadas localmente, mais a edição completa do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* à disposição no Centro de Literatura e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL)²¹⁷, bem

²¹⁶ O título deste capítulo foi escolhido a partir do ensaio das professoras Ângela Laguardia e Isabel Lousada: “*Maria Lacerda de Moura e Ana Castro Osório: correspondência em trânsitos Atlânticos e feministas*”, publicado na revista *Navegações*, v. 6. n. 1. Porto Alegre: PUCRS, jan./jun. 2013, p. 99 -104.

²¹⁷ O referido Centro “tem a idade da Democracia em Portugal, e foi criado pelo Professor Jacinto Prado Coelho na sequência da Revolução dos Cravos, mais conhecida por Revolução Democrática do 25 de Abril, com o nome abrangente de Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa das Universidades de Lisboa. Esta Unidade de Investigação em Ciências Literárias nasceu com o ideário de promover pesquisa e conhecimento inovador sobre o universo das literaturas e suas expressões culturais dos países que falam a língua de Camões. Atualmente, o CLEPUL tem mais de 500 investigadores distribuídos por sete grupos de investigação e sete polos que desenvolvem, em interação com uma vasta rede de relações nacionais e internacionais firmadas protocolarmente, pesquisa em diversas áreas das Ciências Literárias e da História da Cultura, desde o Algarve ao Porto, passando pelas Ilhas Atlânticas, nomeadamente a Madeira, desde a Austrália ao Canadá, e mantendo relações privilegiadas com os países lusófonos, em particular com o Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, e Guiné. O CLEPUL é hoje um dos maiores centros de investigação em Portugal e o que possui o maior número de jovens investigadores com projetos e cargos de responsabilidade” (Página oficial do CLEPUL, disponível em <<http://www.clepul.eu/Ptg/ViewSection/1>>. Acesso em: out. 2014). Imperioso destacar que o CLEPUL é enriquecido pelos projetos autônomos de iniciativa individual. Nesse item, tornei-me parceira do núcleo, quando da realização do meu estágio de Doutorado, vinculado ao Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), entre setembro de 2013 a abril de 2014, com o projeto “Escrínio, de Andradina de Oliveira, letras e ideias de um discurso feminista”, sob orientação da professora Dr.^a Vânia Pinheiro Chaves, integrando o Grupo de Investigação 6: Brasil-Portugal: cultura, literaturas e memória. Em se tratando de uma temática muito ampla, procurei conhecer e traçar a trajetória do movimento feminista a partir da fundação do periódico *Escrínio* e recuperar as protagonistas desta história, ampliando a abordagem do movimento que se manifestou a partir de discursos produzidos em periódicos, revistas e romance. Vinculei-me, então, ao CLEPUL, que objetiva resgatar e estudar as fontes culturais, literárias e históricas

como os recursos materiais disponíveis na Biblioteca Nacional de Lisboa, que guarda o espólio da família Castro Osório, além de muito periódicos editados por mulheres portuguesas, tive oportunidade de examinar documentos atravessados por uma consciência cívica no desvelar do feminismo e suas relações luso-brasileiras durante o Império e o início da República brasileira.

O material que entrecruza literatura, história e memória, dentro de uma variedade de gêneros que vão das biografias às recordações, dos ensaios às críticas, das notícias às cartas, constitui-se patrimônio público de relevante dimensão cultural para e entre os dois países. A parceria, que visa à recuperação de fontes culturais, literárias e históricas brasileiras e portuguesas é acrescida por um intercâmbio de saberes, dentro de um rigor científico, que tem como objetivo a promoção profícua da expressão dos movimentos socioculturais tão entrelaçados entre os dois lados do Atlântico.

Nessa direção, as fontes culturais, tais como os livros, os jornais, as cartas, etc. examinadas em Portugal, terão tratamento mais acurado neste último capítulo da tese. A partir do deslocamento da memória, mas com um olhar para os dois lados do oceano, assinalamos uma história cultural de transposição de fronteiras, porque os espaços geopolíticos, mesmo que distintos, não deixaram de ser comuns quando uma única expressão identitária encontrou a mesma condição: o progresso feminino.

Tendo como foco essa relação, buscamos pautar nosso pensamento naquilo que identificamos como “memória palpável”, ou seja, utilizamos como ferramenta principal para o nosso trabalho os jornais editados pelas mulheres dos dois países, por acreditarmos que o Atlântico foi um caminho rumo à ordem das relações humanas, ordem moderada tanto pela literatura, quanto pelo feminismo.

Essas mesmas ferramentas foram utilizadas pelas mulheres. Elas se tornaram proprietárias de jornais, trabalharam em redações e se tornaram jornalistas com o propósito de encontrar um meio público para questionar o modo de pensar dos homens do seu tempo. Concentradas em um projeto que pretendeu alavancar discussões sobre igualdade, política e moral, as “palavras publicadas”, umas mais progressistas, outras menos, encontraram nos jornais, nas revistas e gazetas, a

brasileiras e portuguesas, publicadas em jornais, revistas, antologias e livros, bem como analisar as relações luso-brasileiras, sobretudo na área da historiografia, crítica e criação literária e em textos que constroem a imagem do outro.

ferramenta promotora de uma ação concreta para mudança social. Zahidé Muzart sintetiza esse processo:

Uma das razões para a criação dos periódicos de mulheres no século XIX partiu da necessidade de conquistarem direitos. Em primeiro lugar, o direito à educação; em segundo, o direito à profissão e, bem mais tarde, o direito ao voto. Quando falamos dos periódicos do século XIX, há que se destacar, pois, essas grandes linhas de luta. O direito à educação era, primordialmente, para o casamento, para melhor educar os filhos, mas deveria incluir também o direito de frequentar escolas, daí decorrendo o direito à profissão. E mais para o final do século, inicia-se a luta pelo voto. O sufrágismo foi o mote de luta do feminismo, como todos sabem, e foi também a primeira estratégia formal e ampla para a política das mulheres (2003, p. 226).

Mesmo ainda em plena atmosfera rígida patriarcal do século XIX, um pequeno grupo, provocador e incômodo, ousa refletir sobre os problemas da condição feminina e impor ideias, alcançando um expressivo movimento que resulta em tomada de consciência política no século vindouro, o XX, e é referência no panorama histórico das lutas pelos séculos afora. Esse movimento pode ser visto nas páginas de um anuário além-mar, o *Almanaque Literário Luso-Brasileiro*.

Contemplamos, neste último capítulo, também, a conjuntura entre literatura e sociedade em contextos geopolíticos distintos, mas comuns nos projetos político- sociais. Para tanto, tratamos da relevância que o *Almanaque* teve para a sociedade dos dois lados do Atlântico, situando um contexto e nomes relevantes de mulheres portuguesas e brasileiras em atuação, entre eles Andradina de Oliveira.

Nessa perspectiva, versamos sobre a imprensa exercida pelas mulheres, lá e cá, e o alcance que ela teve no contexto da produção intelectual, política e social feminina. Para finalizar o capítulo, entrelaçamos nomes, ideias e sociedades no âmbito das relações feministas a partir de *A Grande aliança*, um *lôcus* legítimo do diálogo e da consolidação de uma rede de comunicação entre as intelectuais da América e da Europa. Com esse propósito, dividimos o capítulo em três subtemas, dispostos a seguir.

3.1. Notas de um diálogo: o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*

Sabemos que não é fortuita a forte interdependência cultural do Brasil em relação a Portugal, pois “a entrada brasileira no domínio da cultura é assinalada pela vinda da família real, quando a Colônia se torna, circunstancialmente, centro/parte de um império transatlântico” (DUTRA, 2012, p. 122). Significa dizer que “o Brasil, o único em toda a América, teve a vantagem de ter uma Corte, mesmo durante o período colonial [...] com tudo o que a expressão pode significar de cultura e de requinte” (LIMA, 2000, p. 130). Relação que durou praticamente quatro séculos continuou, quer queira, quer não, atrelada à língua, aos costumes e por interseções próprias de interesses comuns até nossos dias.

Neste item, o século XX foi um solo fértil para a composição de diálogos que representou uma reaproximação entre os dois países; porém, desta vez, rompeu-se o estigma do silêncio e foram as mulheres que falaram mais alto, muito mais alto. São delas as vozes que se manifestaram, abundantemente, nos jornais, nos livros, nos anais e nas cartas. Incluem-se, na composição desses diálogos, as escritoras, as jornalistas, as mães e as críticas. Todas tiveram a nítida percepção da relação entre o sujeito e a liberdade; todas beberam dos “dotes de espírito” – literário, artístico e científico – buscando vazão na poesia ou na ficção, que, muito embora fossem textos literários, compostos por uma conotação própria, não ficaram somente na ordem estética e lúdica, mas, e, sobretudo, na produção de ideias e das percepções.

No Capítulo 1 desta tese, apresentamos a transcrição do “retrato” publicado no jornal *Corymbo*, de Rio Grande, em que Andradina de Oliveira é apresentada à sociedade, principalmente, a local e regional. Nele, o autor do texto justifica a atividade literária de Andradina por ocasião da publicação do seu primeiro livro, *Precludiando* (1897). Não por coincidência, neste último capítulo da tese, apresentaremos também um retrato da escritora, mas, com uma publicação em um órgão de informação de uma área muito mais abrangente. Trata-se do então *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*,²¹⁸ que circulou entre o Brasil e Portugal, assunto que retomaremos adiante, e *Para o ano de 1901*, que publica uma pequena biografia de “D. Andradina de Oliveira”, entre as páginas 209 a 211,

²¹⁸Diretor: A. Xavier Cordeiro, 51º ano da Coleção. Lisboa: parceria Antônio Maria Pereira. Livraria Editora, rua Augusta, 50 1 54, Lisboa.

conferindo a legitimidade da intelectual brasileira. Observemos o recorte:



Figura 27: Foto do *Novo Almanaque de Lembranças Luso- Brasileiro*, 1901 (Acervo do CLEPUL- Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

O texto publicado no *Almanaque*,²¹⁹ um órgão com ondulações literárias que “era um verdadeiro fenômeno cultural do século XIX [...] e teve enormes tiragens, chegando a exceder os vinte mil exemplares, acrescidos, às vezes, por reedições” (CHAVES; LOUSADA, 2014, p.

²¹⁹ Ao referenciamos o *Almanaque Literário Luso-brasileiro* ao longo de texto, usaremos abreviaturas, como AL, para *Almanaque Literário* e ALLB, para *Almanaque Literário de Lembranças Luso Brasileiro*.

1)²²⁰, merece singular importância. O motivo é que, além da atividade literária feminina ocupar uma posição marginal no mundo das letras, Andradina era uma escritora que se firmava longe dos grandes centros, como Rio de Janeiro – antiga capital do Império – e São Paulo, cidades onde se concentrava a elite intelectual. Desse modo, a presença da gaúcha nas páginas daquele anuário, sob especial menção de “talentosa escritora brasileira”, não só coloca, particularmente, Andradina no seleto mundo das letras, como, também, contribui para a elevação intelectual das mulheres no Brasil.

Salientamos que a justificativa de “talentosa escritora brasileira” parte da valorização das atividades em diversas áreas das artes às quais a intelectual estava envolvida, atividades que amparam sua atuação na sociedade intelectual. Com esse propósito, o presente texto vem acompanhado de muitos predicados que justificariam a vocação da literata nas artes em geral. Destacamos alguns aspectos sobre estas questões:

D. Andradina de Oliveira

A talentosa escritora brasileira, cujo retrato adorna esta página do nosso anuário, descende pela linha materna da antiga família *Pacheco*, de procedência portuguesa, e que figura honrosamente na história do nosso país, e pela linha paterna, da ilustre família *Andrada*, de S. Paulo Brasil. [sic]

[...]

Em 1897, publicou seu primeiro livro - *Preludiando*, contos oferecidos às escritoras brasileiras, livro que foi recebido com grandes e merecidos elogios pela imprensa do país. E que contém verdadeiros primores. [...]. Foi tal o êxito do auspicioso livro que, dentro de 15 dias, se esgotou a edição no Rio Grande do Sul.

[...]

Fisicamente a ilustre escritora (não somos nós que o dizemos: di-lo eloquentemente o seu retrato) é nova e formosa.

²²⁰ A presente resenha foi gentilmente cedida para este trabalho, estando no prelo com futura publicação na Revista de Escritoras Ibéricas (Revista científica de la UNED). Disponível em: <<http://revistas.uned.es/index.php/REI/issue/archive>>.

Virtuose distinta, a nossa biografada não só é pianista de merecimento, mas canta com primor, auxiliada pelos recursos de sua belíssima voz, e é ainda notável amadora da arte dramática, tantas e tão variadas são as aptidões da sua organização de *elite!*

D. Andradina d'Oliveira tem prontos, mas ainda inéditos, os seguintes trabalhos literários: *Marina*, romance; *Impressões*, fantasias; *Antônio Conselheiro*, *Viúva e Virgem*, e *Sacrifício de Laura*, dramas; *Você me conhece?* Comédia; *Versos tristes*; e tem em preparo outro volume, *Miniaturas rio-grandenses* (p. 209-211).

Além de tecer homenagens à escritora, ressaltando méritos artísticos e, desta forma, atualizando os movimentos literários no Brasil, o texto referencia, também, a origem familiar luso de Andradina como descendência de prestígio. Outro elemento que chama a atenção é quando discorre sobre as atividades extraliterárias, porque não só apresenta Andradina como jornalista, como e, da mesma forma, destaca sua atuação ligada às questões sociais, sobretudo no que se refere às feministas. É o caso que observamos no seguimento da leitura da biografia:

Em 1898, fundou D. Andradina de Oliveira o – *Escrínio*, jornal literário onde colaboram muitas escritoras brasileiras, e que se tornou um denotado defensor da *mulher*. [sic] Nesta cruzada se há salientado a intrépida jornalista, tendo sustentado na imprensa, com inquebrável vigor, acesas polêmicas (1901).

E continua:

Moralmente é uma entidade altamente simpática. Dotada de caráter franco enérgico, trabalhadora incansável, temperamento nervoso e em extremo sensível, alma apaixonada por tudo o que é belo e nobre, a talentosa escritora, a quem no mundo tem cabido largo quinhão de dissabores, contrariedades e desgosto, nunca se deixou vencer pela adversidade, lutando corajosamente, e triunfando sempre (1901).

A partir de então, o autor²²¹ justifica a atuação de Andradina na imprensa, destacando que o *Escrínio* é “um jornal literário onde colaboram muitas escritoras brasileiras”. Por outro lado, a mesma justificativa dissimula o ambiente cultural masculino, quando declara que ela é “dotada de caráter franco e energético, [...] tem um temperamento nervoso”. Altamente comprometido com o etnocentrismo, recorre às distorções psicológicas rugosas para lembrar sobre o comportamento das mulheres que, de alguma forma, transgrediam o código de moralidade burguesa pautada nas questões de família e pátria.

Para concluir o texto bibliográfico, as considerações que endossam o empreendimento literário da intelectual nos seus “variados talentos” dão ênfase para várias interpretações no que diz respeito aos olhares sobre as atividades das mulheres fora do lar, no caso específico, sobre Andradina na imprensa e sobre o seu trabalho nesta atividade, quando escreve: “sobre variados assuntos de literatura, polêmicas e propaganda feminista” (1901). Lemos:

Se a esta dezena de volumes, juntarmos os inúmeros artigos publicados na imprensa jornalística sobre variados assuntos de literatura, polêmica e propaganda feminista, crônicas e folhetins humorísticos, poesias dispersas e ainda as fadigas do professorado, e os *hors d'oeuvre* do seu diletantismo artístico, poderemos formar tal ou qual ideia da ânsia do trabalho, variada talentosa e corajosa iniciativa da jovem e gentil escritora (1901).

Observa-se que o autor procurou um caminho de comunhão entre a imagem criada por um “diletantismo artístico” – que se ocupa de uma atividade por prazer – e, por essa via, formou tal ou qual ideia sobre as questões extraliterárias da “corajosa jovem”.

Quanto ao *Escrínio*, na seção “Publicações Recebidas” do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, para o ano de 1902*, lemos:

²²¹ Como o texto não tem assinatura, a autoria recai sobre o autor-diretor. No caso desta publicação, em 1901, é o autor Antônio Xavier de Souza Cordeiro.

Escrínio - Revista Literária dedicada à mulher rio-grandense - Diretora *Andradina de Oliveira*. [sic] Santa Maria.

A talentosa escritora D. Andradina de Oliveira iniciou em 1898, na cidade de Bagé, a publicação do “Escrínio” - que, depois de um período de involuntária interrupção, reaparece agora na cidade de Santa Maria, propondo-se prosseguir, cheia de fé e de coragem, na sua propaganda feminista.

Ninguém mais competente para este empreendimento de que a ilustre diretora do “Escrínio”, cuja pena elegante e enérgica tem salientado com brilhantismo nas pugnas da imprensa, e em prol de seus ideais (p. LXXIX).²²²

No que se refere ao *Almanaque*, um aspecto importante que convém ressaltar é que ele legitima a presença das mulheres a partir de um empreendimento educacional. Por essa via, elas estão quase que unanimemente vinculadas à literatura. Trata-se, portanto, da associação da figura feminina à educação e à ilustração, motivos pelos quais eram mote no anuário que pretendia disponibilizar o conhecimento para todo o “gênero humano”, conforme observamos no “Prólogo” escrito pelo então autor Alexandre Magno de Castilho:

E quando bons frutos, digo, não me hão de taxar de vangloriosos, pois só me refiro a virtude que neles há de abrir o apetite para os estudos. [...] Não é pelo lado da eloquência que esta minha obra pretende recomendar-se; é tão somente pelo da geral utilidade e recreio para todas as classes [...]. Num limitado número de páginas se acha aqui matéria que desenvolvida está formando riquíssimas bibliotecas, que nem todos têm a sua disposição. [...], Assim se consegue (por excelência o sei) derramar pelos operários e plebes, [...] de pátrias da ciência, [...] um pouquinho de instrução (*Almanaque de Lembranças para 1852*).

²²²Propaganda que havia sido que havia sido vinculada, também, no *Almanaque* do ano anterior, ou seja, na edição *para o ano de 1901*.

Paradoxalmente, o *AL* deixa entrever a profissionalização das mulheres, quando abre suas páginas para as letras femininas, enaltecendo, quer queira, quer não, a atividade como escritoras. Quando lemos, no recorte acima, que “num limitado número de páginas se acha aqui matérias que desenvolvida estão formando riquíssimas bibliotecas”, pressupomos a inclusão das mulheres nesse discurso, isto é, pronuncia-se um movimento cultural onde elas estão incluídas.

Sobre este fato, enaltecendo as letras femininas, o anuário divulga algumas obras de autoras brasileiras, na seção “Publicações Recebidas”, onde lemos, por exemplo, “Julia Lopes de Almeida – *A viúva Simões* – Lisboa – *Livraria de Antônio Maria Pereira*- Editor”.²²³

Todos os dias a literatura brasileira vai enriquecendo as suas já opulentas galerias com novas preciosidades.

O movimento literário é importante na florescente república, e entre a grande multiplicidade de livros, que constantemente aparecem, muitos há de incontestável merecimento. Está neste caso o romance *A Viúva Simões*, que, em verdade, revela da parte da sua ilustre autora, muito talento, muita observação, e preciosos dotes de escritoras (*Novo ALLB para o ano de 1899*, p. LXI).

“Prisciliana Duarte de Almeida – *Sombras* (versos) – Prefácio de Conde de Afonso Celso – São Paulo, 1906”:

Num elegantíssimo volume, a Sr.^a D. Prisciliana Duarte de Almeida, inspirada poetisa brasileira, as suas mais bela poesias, muitas das quais até agora inéditas, outras que nadavam dispersas por vários jornais e revistas literárias. Louvável resolução esta da ilustre escritora, porque os seus versos puros, espontâneos e impregnados de sentimentos bem mereciam consagração do livro que as perpetuará, impondo-as à admiração dos apreciadores das belas letras (*Novo ALLB para o ano de 1908*, p. XLVII).

²²³“Livraria de Antônio Maria Pereira, casa fundada em 1848 - premiada com medalha de ouro na Exposição Industrial Portuguesa, de 1897 [...] Lisboa, Rua Augusta, 52, 54” (*Novo ALLB para o ano de 1899*, p. XXXV), onde também era editado o Almanaque. Antônio Maria Pereira era diretor do anuário e faleceu prematuramente, em 1899.

E *Lutas do Coração*, de “Inês Sabino – *Lutas do coração* – com prefácio de Alberto Pimentel – Rio de Janeiro – Jacinto Ribeiro dos Santos, livreiro-Editor”:

Os excelentes artigos que têm sido publicados no nosso anuário, devidos à pena desta distinta colaboradora, e outros que temos visto publicados em jornais brasileiros, bem como alguns trechos que conhecemos de seus livros em vias de publicação, *Mulheres ilustres do Brasil*, e *Genesis espiritual*, já a tinha revelado como escritora de notável merecimento (*Novo ALLB para o ano de 1899*, p. LXIII).

E, ainda, “Ibrantina Cardona – com prefácio de Carlos Ferreira – São Paulo, 1897”:

Já não era para nós desconhecido o nome da talentosa poetisa, que, por mais uma vez, tem tido a amabilidade de colaborar com este anuário fazendo publicar nele algumas das suas formosas produções (*Novo ALLB para o ano de 1899*, p. LXIII).

A cultura que incide desse processo inclui, igualmente, a promoção do sujeito feminino elencado pelas diferenças de gênero. Os nomes, colaboradores e colaboradoras, apresentados nas páginas iniciais do *AL*, é dado a partir de uma identificação específica dos gêneros, portanto, “a separação feita entre ‘Senhoras’ e ‘Autores’ aponta uma clara misoginia em que existe um real afastamento com delimitação bem definida de poderes entre o universo masculino e o feminino” (LOUSADA, 2012, p. 5).

Mas, de qualquer modo, a presença feminina representa visibilidade cultural para as intelectuais que buscam sua afirmação. Assim, o *Almanaque* torna-se um território da literatura escrita por mulheres, fazendo circular seus textos, obras e trabalhos. E, se a literatura funciona como reflexo das relações culturais, o anuário foi, certamente, uma ferramenta para o processo de formação da literatura escrita pelas mulheres, instituindo, assim, mais uma vitória do penoso processo social sobre a identidade cultural feminina.

No âmbito dessa relação, o vínculo da literatura de expressão feminina com o *AL* representou, naquele momento, que algumas

mulheres se tornaram geradoras de uma nova condição, tanto no campo intelectual, quanto no campo sociocultural. Nesse sentido, “o *Almanaque de Lembranças* se transforma, assim, em objeto e sujeito dessa empreitada política cultural” (DUTRA, 2012, p. 124). E é exatamente nesta direção que situamos a inserção das colaboradoras²²⁴ no anuário, porque quando tratamos sobre colaborações femininas,²²⁵ tratamos da eleição do autor-editor e aquilo que julgava interessar aos leitores. Sobre isso, escreve a pesquisadora Vânia Pinheiro Chaves :

[...] os editores do *Almanaque* – homens de elevada cultura e sólida reputação – nele exerciam inúmeras funções: selecionavam as informações, os textos e autores que iam figurar nas suas páginas, redigiam inúmeros textos, alguns dos quais introdutórios, onde teciam comentários sobre o próprio almanaque, faziam agradecimentos e registros fúnebres, respondiam aos leitores na correspondência, dando-lhes conselhos, elogiando ou criticando os seus escritos (2014, p. 2).

Parte daí – escolhas, comentários, recortes, biografias – a inserção crítica dos “homens de elevada cultura”, ou seja, “os editores do *Almanaque*” que exerciam a atividade crítica e, tal sua dimensão, procuravam organizar e manter um espaço institucionalizado.

²²⁴ Sobre este item, destacamos a relevância de dois projetos desenvolvidos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, através do Centro de Literatura e Culturas Lusófonas e Europeias - CLEPUL, entre suas várias áreas e polos: Estudos do Grupo de Investigação 6 - Brasil-Portugal: Cultura, Literatura e Memória - sob coordenação da professora Vânia Pinheiro Chaves: “As Senhoras do *Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro*” e “O Rio Grande do Sul no *Almanaque Luso-brasileiro*”. Reiteramos, ainda, outro contributo valioso, sob o foco “mulheres colaboradoras”, ou seja, o evento: “Escritoras brasileiras publicadas em Portugal”, realizado em março de 2014, no âmbito das comemorações do Ano Brasil / Portugal, pela Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), com o apoio da Embaixada do Brasil em Portugal, do CLEPUL (Universidade de Lisboa), da CESNOVA (Universidade Nova de Lisboa) e do Mestrado em Estudos Brasileiros (FLUL-ICS). A mostra contou com a coordenação das professoras Isabel Lousada e Gina Rafael, e pontuou as edições portuguesas de cerca de 70 escritoras brasileiras existentes na coleção da BNP, representativas da produção da escrita feminina brasileira do século XVIII até o presente. Ao mesmo tempo, saliento que o conjunto de informação sobre o anuário, utilizadas nas páginas desta tese, tem, em grande grau, o aporte das pesquisas já realizadas pelo CLEPUL e das investigadoras que fazem parte deste Centro.

²²⁵ Não tratarei de citar aqui o nome das várias colaboradoras brasileiras que encontrei no *Almanaque* porque, em um primeiro momento, meu objeto de interesse trata das publicações de Andradina e colaboradoras que, contemporâneas, também publicaram no *Escrínio* e, em um segundo momento, há projetos em andamento especificamente sobre o tema.

Frente às publicações pautadas neste princípio, continuamos a falar sobre a publicação no *Almanaque, para o ano de 1901*, o mesmo que contém a bibliografia de Andradina. Neste, entre as páginas 273 e 276, encontra-se publicada outra biografia. Trata-se de *D. Ibrantina Cardona*, nome que dá título ao texto e é assinado por “Dona A. O. (Brasil)”. Leva-nos a crer que é de autoria de Andradina de Oliveira, por dois motivos: o primeiro, pelo vínculo pessoal²²⁶ e profissional que Andradina mantinha com Ibrantina, sendo esta colaboradora do *Escrínio*,²²⁷ e o segundo motivo é que a assinatura “A. O” é tal como Andradina de Oliveira assinava muitos dos textos que escrevia para seu *Escrínio* nos seus primeiros anos de circulação, como, por exemplo, o texto “Manifestação”, assinado por “A. O”, publicado no *Escrínio* em 23 de janeiro de 1898.

Recuamos para a publicação do *Almanaque, para o ano de 1900*, data em que se encontra o soneto “A hora do crepúsculo”, situado na página 238, assinado por “D. Andradina de Oliveira (Brasil)”, em homenagem à mãe. Assim como Andradina, várias outras mulheres aparecem nas páginas do anuário partilhando a mesma categoria de texto, ou seja, quase todas as publicações femininas referiam-se à poesia. O gênero foi traço predominante da atividade literária exercida por mulheres no conjunto das publicações deste órgão. Dado o número vultoso destas composições, somente no século XIX o assunto foi objeto de pesquisa do CLEPUL, quando a investigadora Maria Manuela Lourenço teve por finalidade examinar *A poesia feminina no século XIX no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Sua investigação foi organizada nas seguintes temáticas: poesia confessional, poesia reflexiva e poesia de circunstância. A pesquisa resultou na publicação do referido título sob forma de um ensaio na revista *Navegações* (2011).

Segundo, ainda, esta investigadora, as poesias de circunstância, que se originam por ocasião de acontecimentos pessoais relevantes, tais como casamentos, morte, aniversários, etc.,

assumem uma feição panegírica ou encomiástica, louvando-se as virtudes físicas e/ou morais da pessoa a quem é dedicada a composição. [...] Sendo a morte uma circunstância da vida, muitos são os textos em que ela surge, conferindo-lhes,

²²⁶ Lembramos o Capítulo I da tese, onde comentamos sobre a visita que Andradina e Lola fizeram a Ibrantina, quando estavam a viver em São Paulo.

²²⁷ Ver anexo II da Tese: Colaboradoras do *Escrínio* - Primeira Fase - 1898.

neste caso, um pendor elegíaco (LOURENÇO, 2011, p. 201).

Este é o caso do referido soneto de Andradina, conforme observamos:

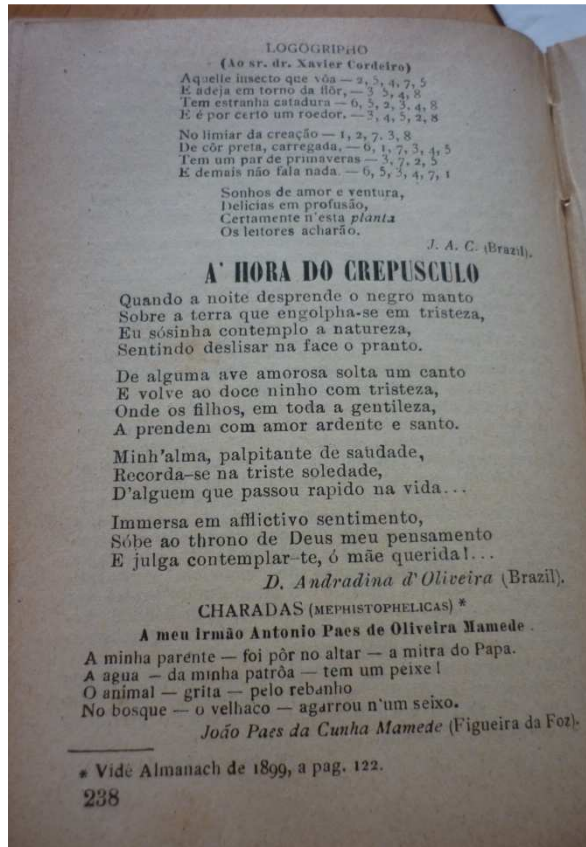


Figura 28: Foto do *Novo Almanaque de Lembranças Luso- Brasileiro*, 1900 (Acervo do CLEPUL - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

“Minha alma, palpitando de saudade, recorda-se na triste saudade, de alguém que passou rápido na vida”, conforme citado acima, são versos, dedicados à saudade da mãe, já falecida, expressam manifestações das emoções que muitas das mulheres registravam em diários íntimos. Esses sentimentos abstratos que envolveram a poesia

em temas como amor, o afeto e a saudade, conferiam sublimação ao sofrimento e, por isso, eram tratados poeticamente.

Mas, podemos pensar que as “mulheres tiveram que conciliar valores em conflito [sentimentos, tristezas] e inventar novas configurações de sentido para poderem criar a si próprias um lugar que antes não existia” (HIGONNET, 1991, p. 323). Conforme tendência das produções femininas no *Almanaque*, podemos entender a forma pela qual se mantém a ordem da relação entre os homens e as mulheres, pois o masculino e o feminino ocupam posições desiguais quando representam o lugar onde o sujeito está e de onde ele fala ou pode falar. Assim, a poesia situa-se no limiar das pequenas causas femininas que giram em torno das reverberações de ordem contemplativa, concluindo-se em uma poesia confessional e reflexiva; porém, a escrita é sempre uma representação do sujeito que busca seu eco. Sobre as mulheres no *Almanaque*, retomaremos adiante.

A importância do *Almanaque de Lembranças* está relevantemente associada à representação da abertura intelectual ao mundo lusófono, pois ele atravessou o Atlântico, assim como os portugueses, “em direção às colônias da África e às ilhas integrantes do império português, mas é no Brasil, como veremos, aonde pretendiam, de fato, chegar” (DUTRA, 2009, p. 118) com seu desígnio civilizatório; propósito que permaneceu durante um período de 84 anos ininterruptos.

Mas o que é e do que trata o *Almanaque*? Pequeno, no formato de bolso, mas recheado de variedades de cunho instrutivo, educativo e recreativo, unindo erudição e, algumas vezes, ignorância, aspectos provenientes do seu tempo, ao longo da sua existência os livrinhos variaram no seu conteúdo “que se foi alargando e diversificando”(CHAVES, 2014, p. 4) e no seu número de páginas, que variou entre 352, do primeiro volume, às vezes excedendo as quinhentas (Ibidem, 1914). Com publicações em preto e branco, as edições tinham capas charmosas e coloridas, como exemplificamos em dois dos volumes abaixo:

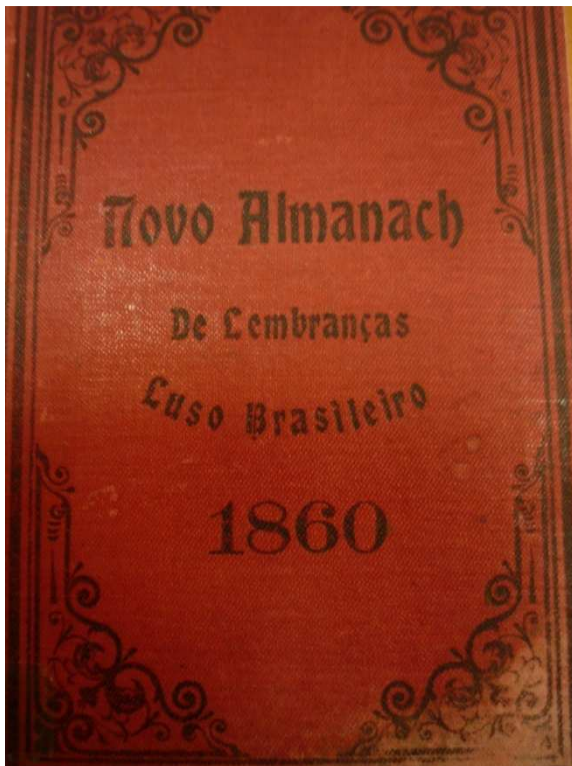


Figura 29: Foto da capa do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, de 1860
(Acervo do CLEPUL- Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

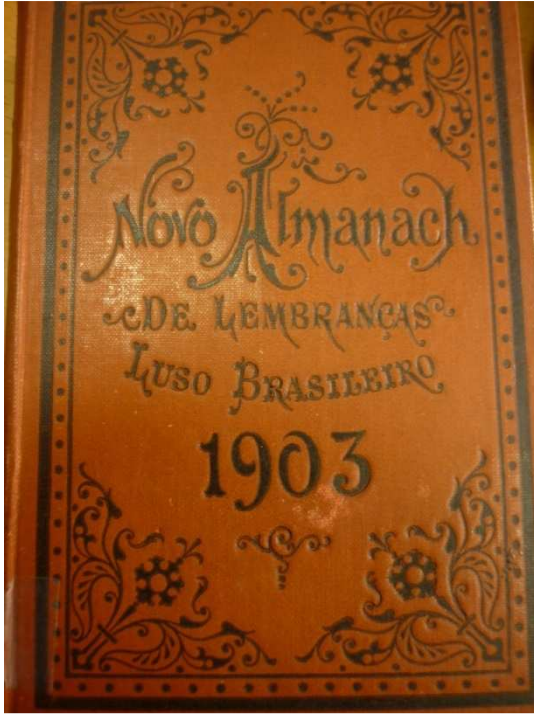


Figura 30: Foto da capa do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1903

(Acervo do CLEPUL- Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

“Enriquecido de muitos materiais de utilidade pública e adornado de gravuras” (*Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1931*), as quais acompanhavam biografias, ou pequenos textos, ou, ainda, algum curto comentário, dependendo da especificação do assunto, sustentava a posição sobre “uma produção de conhecimentos muito variados”, mas tinha, também, muitas curiosidades, como ilustramos abaixo:

1 - A foto do “trecho sul, da cidade de São José, do Estado de Santa Catarina, publicada no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1931*, na página 138.

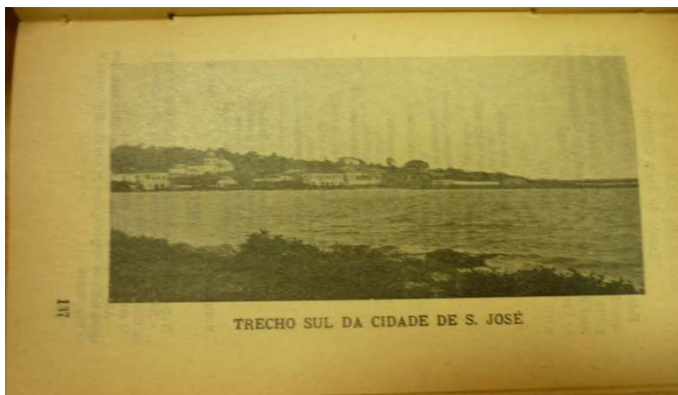


Figura 31: *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1931
(Acervo do CLEPUL - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

2 - A gravura que acompanha o texto intitulado “Autoridade paterna”, relacionado à educação e à qualidade moral, que regeu por séculos a sociedade patriarcalista, no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1855*, na página 16:

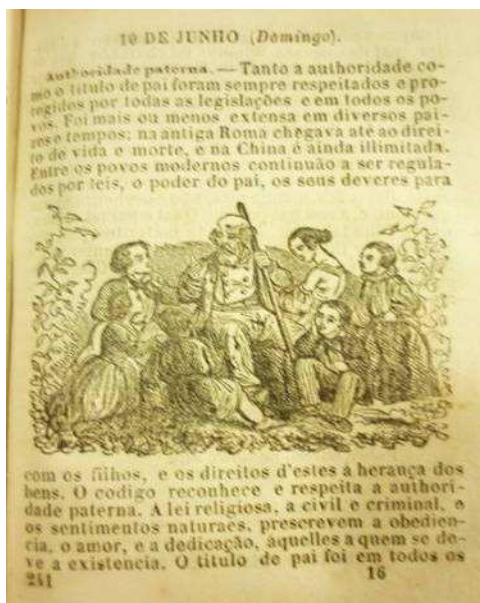


Figura 32: *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1855
(Acervo do CLEPUL - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Paralelamente abriam-se o discurso sobre a importância da educação para a modernização da sociedade e, no entanto, contrariando as expectativas feministas, a valorização das mulheres ainda estava marcada pela delimitação e sob vigília do pai ou do marido nos lares, argumentação acima ilustrada pela publicação do artigo. O que se observa é que apesar de todas as imagens divulgadas, de fragilidade, submissão e desqualificação, em conformidade com o artigo que cita: “O código reconhece e respeita a autoridade paterna”, negando às mulheres o acesso à cidadania, é o mesmo lugar por excelência de construção de uma nova identidade, haja vista a importância de enaltecer as qualidades femininas dentro e fora dos lares. Apesar dos entraves, foram essas mesmas páginas do *Almanaque* que simbolizaram para as mulheres alguns avanços, que se deixaram transparecer nos seus escritos e publicações.

3 - Sobre as peripécias femininas pelo mundo, lemos que “as mulheres e automobilismo: o primeiro automóvel foi recebido com desconfiança na França, quase com terror, mas essa ideia passou [...] em França foi a Duquesa D’Uzá quem damos o retrato, a primeira senhora que obteve o diploma de *chauffeur*”. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1906*, página 169:



Figura 33: *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1906 (Acervo do CLEPUL - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Passatempos, ditados populares, anedotas, textos em prosa e em versos misturavam-se às publicações das “Variedades”, seção que, por si mesma, dava a noção do quanto eram variados os seus tópicos, tais como: “Anedotas e chistes”, “Artes e artistas”, “Contos e apólogos – fábulas - e lendas”, “Educação e ensino”, “Epigramas e sátiras”, “Miscelânea”, “Pensamentos, máximas e conceitos”, “Moral e religião”, “Ciências naturais”, “Homens e damas ilustres”, “História”. Estes, por conseguinte, estão entre os mais variados títulos, os quais foram alavancados pelas investigadoras Vânia Chaves e Isabel Lousada,²²⁸ quando do recorte de estudo dos onze primeiros volumes da coletânea que alicerçou o trabalho sobre a presença das mulheres no anuário.²²⁹

Segundo o texto referido, as colaborações femininas no *Almanaque* surgem dois anos depois da masculina, isto é, em 1854. Mas é em 1855 que aparece um índice com a denominação “Autores que cujos nomes honrarão as páginas do presente *Almanaque*: Im^{as}. Exm^{as}. Sr^{as}”, contando com o número de seis colaboradoras. Depois dessa edição, absolutamente todas as demais, mesmo dividindo o mesmo espaço com os colegas das letras, cabiam às mulheres, ou seja, nas páginas primeiras do *Almanaque* estabelecia-se um índice para “Senhoras”, que se distinguia de um índice de “Autores” para os homens, conforme já mencionamos. Essa perspectiva, também “revela um aspecto curioso e elucidativo do pensamento do tempo” (Ibidem, 2014, p. 5). Quanto à presença das mulheres no *Almanaque*, lemos:

O levantamento feito pelo Grupo de Investigação 6 do CLEPUL permite afirmar que a colaboração feminina totaliza mais de 4000 escritos, provenientes de todo o universo lusófono. Numerosa e significativa, essa produção espalha-se pelos três conjuntos em que subdividimos o almanaque: textos em prosa, composições poéticas e passatempos. Assim sendo, a participação feminina comprova não apenas a difusão da leitura do *Almanaque* nesse universo,

²²⁸ Cabe destacar o relevante, sistemático e permanente apoio que teve o meu trabalho, ao longo da minha permanência em Lisboa, da professora doutora Isabel Maria da Cruz Lousada, uma das mais importantes especialistas portuguesas em questão do estudo de gêneros, que atua como investigadora da FSCH, da CESNOVA) – Centro de Estudos de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e colaboradora do GI 6 do CLEPUL.

²²⁹ Deste trabalho realizado Deste trabalho realizado pelas investigadoras do CLEPUL resultou o texto: *O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. Das “Senhoras” e seu editor.*

mas também a aquisição pela mulher de saberes e capacidades que, na época, elas raramente podiam exibir e que nem sempre lhes são reconhecidos (2014, p. 5).

Este recorte é bastante elucidativo na análise a que nos propomos, pois a “aquisição pela mulher de saberes e a capacidade que, na época, elas raramente podiam exibir” provoca inquietações na ordem socialmente instaurada e fundamentalmente diferente para ambos os sexos, desencadeando uma série de reações sociais, culturais e políticas, motivos constantes dos movimentos feministas.

Sob o título de *Almanaque de Lembranças*, nascido em Paris, em 1850, editado para o ano de 1851, país em que é impresso até o ano de 1853, ele passa a ser editado em Lisboa, impresso em variadas tipografias. Ao longo de sua história perpassa, além do título inicial, por mais dois, a saber: em 1855, *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, quando seu produtor/diretor decide fazer uma publicação para Portugal e outra para o Brasil, e, em 1872, ano em que passa a ser intitulado *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*,²³⁰ posicionando-se “com firmeza na defesa das ligações, da história e da cultura comum de Portugal e Brasil” (CHAVES, 2011, p. 189), mas, ao mesmo tempo, para a pesquisadora Eliana de Freitas Dutra, esse posicionamento tinha um propósito a mais, pois

o *Almanaque* afirmava, desde seu primeiro número, em 1851, sua condição apolítica e se recusava a posicionar-se diante das causas da pátria e de tratar dos eventos da atualidade política. Seus escritos, porém, eram escritos politizados à sua maneira, uma vez que manipulavam um material simbólico – a autoridade da antiga potência metropolitana – e exploravam o campo da história e das ligações em comum entre as duas nações de maneira a sustentar uma estratégia de domínio cultural (2005, p. 126).

Partindo deste princípio, ou seja, “escritos politizados à sua maneira”, o projeto editorial foi iniciado pela família Castilho;

²³⁰Utilizaremos as nomenclaturas *AL*, para *Almanaque de Lembranças*; *ALLB*, para *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e *Novo ALLB*, notadamente, para *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

primeiramente, pelo tio, Alexandre Magno de Castilho, sucedido, depois de sua morte, pelo sobrinho de mesmo nome, que teve como principal colaborador um nome relevante do romantismo Português, Antônio Xavier Cordeiro. Este, por sua vez, sucedeu o sobrinho Castilho, sendo que, mais tarde, sua família ocuparia as próximas gerações do *AL* até o 82º ano da coleção, em 1932, última publicação, quando aparece como diretor Armando de Lima Pereira.

Atribuindo ou não um projeto civilizatório, o anuário simbolizava, porém, um novo lugar de contato entre as duas distintas culturas, servindo de oportunidade para o Brasil civilizar-se. Nesse sentido, no movimento pendular de distanciamentos²³¹ e aproximações entre Brasil e Portugal (VAZ, 2005), a elite erudita brasileira manifestava-se convicta do projeto de “nivelar culturalmente” o Brasil à Europa, tirando o país do seu ostracismo cultural.

Se o Brasil queria civilizar-se, o *AL* alavancava uma incontestável importância, “fato de os intelectuais dos dois lados do Atlântico terem percebido os benefícios e, em particular, a possibilidade de atingir um vasto público” (CHAVES, 2011, p. 188), inclusive feminino, que lia e colaborava no anuário. “É de mencionar também que elas se ligam a localidades as mais diversas, o que revela, por outro lado, a difusão da leitura da coletânea por todo esse vastíssimo território” (p. 191).

Se, por um lado, o *AL* contribui para o desenvolvimento cultural no projeto de civilização, por outro lado, ele serve de estratégia através das quais as mulheres procuravam conferir legitimidade à sua literatura, como elemento de distinção social. A produção feminina na coletânea, portanto, ganhou cada vez mais força, “sendo as décadas de 80 e 90 do século XIX aquelas em que apreço um maior número de produção de autoria feminina, o que, em parte, se explica pelo fato de nos anos de 1886, 1887, 1889, 1890 terem sido publicados também volumes complementares” (Ibidem, p. 189).

Politizando à sua maneira e a partir das portas de uma nova centúria que se abria para a modernidade, *para o ano de 1904, o Novo*

²³¹Após a Independência do Brasil em relação a Portugal, em 1822, a ex-colônia é atravessada por muitos movimentos políticos, tal como problemas diplomáticos e grupos radicais ligados à promoção de total desligamento, sentimento também dotado entre muitos brasileiros e imigrantes portugueses em relação à pátria adotiva. Sobre problemas relacionados a esta temática, ver: VAZ, Artur Emilio Alarcon. *A lírica de imigrantes portugueses no Brasil meridional (1832-1922)*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada, Literatura, História e Memória Cultural). Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. UFMG, Minas Gerais, 2005.

ALLB dá esse tom em relação às mulheres. Do aproveitamento do carácter feminista, “debaixo do ponto de vista político, porque isto é questão social da mais alta importância” (p. 25), o anuário assinala as transformações no contexto social pelas quais passaram as mulheres, veiculadas ao valor da obra intelectual que produziam. Transcrevemos a seguir parte do texto das páginas 25 e 26, que apresentamos abaixo:



Figura 34: *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1904 (Acervo do CLEPUL - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Sob o título *Literatura feminina*, lemos:

Sejam quais forem as ideias de cada um relativamente à emancipação da mulher, [...] o que já hoje ninguém discute é a perfeita igualdade dos dois sexos debaixo do ponto de vista intelectual. O preconceito antigo de que a mulher é, na humanidade, um ser inferior está completamente posto de parte e hoje lhes são franqueadas todas as escolas e todos os meios de educação literária e científica.

Na literatura de todos os países são muitos os nomes femininos que se contam entre os dos escritores mais ilustres, nas diferentes especialidades jornalismo, no drama, no romance, etc. (*Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1904, p. 25).

Da mesma forma, *para o ano de 1908*, um texto assinado pela lisboeta Olga da Silveira impunha e defende a bandeira do feminismo, pois, segundo a autora, “parte-se da ideia errada que a mulher que defenda a sua causa, que trate desse problema social [...] deve ser uma desequilibrada” (1908, p. 362), defendendo-o como movimento primordial para a reforma social em nome da manutenção e o bem-estar da família. Porém, mesmo que este foco tenha sido seu argumento mais forte para a educação das mulheres, a autora faz uma severa crítica sobre a permanente margem cuja marca dada à mulher é sempre de inferioridade, conforme lemos no texto:

O ser *feminista*, em Portugal, é uma coisa que aterra e afugenta os homens da nossa sociedade. [...] Ora só a *bás-bleu*, escrevinhadora sem ilustração – que nada lê nem nada sabe, vos dá esse tipo característico em todas as sociedades em todos os *meios*. Eu, por mim, falo-vos com o coração nas mãos: – se desejo a mulher ilustrada, a mulher habilitada a empreender a luta pela vida, é por ter certeza matemática que, nestas circunstâncias, a mulher será muito melhor mãe e muito melhor esposa. A mulher só necessita emancipar-se da sua ignorância para se colocar no mesmo nível do homem e tornar-lhe suave a existência.
[...]

Em pleno século XX temos que pôr de parte, por ridículo o dito de [...] Schopenhauer: – *a mulher tem cabelos compridos, porque e ideias pequenas.* [...]

De fato, a verdade é esta: se uma mulher publica um livro, a crítica pouca importância lhe liga [...] mas... se tiver, há logo espíritos mesquinhos para dizerem que, na sombra, algum escritor em voga passou revisão às provas tipográficas. Se a mulher expõe um quadro, se esse quadro é belo, se faz sucesso... lá vem a má língua indigna segregar: – foi o professor que deu cor, luz e realce... (1908, p. 362).

Em síntese, a autora constata: “devemos confessar esta triste realidade: nosso meio é muito acanhado, para não dizer, muito pequeno” (1908, p. 362- 368).

A partir do elenco das colaboradoras do *Almanaque*, listadas pelo trabalho das investigadoras do CLEPUL, foi-nos oportuno notar que alguns dos nomes desta relação, dispostos em edições e datas distintas de publicação do anuário, contavam com a presença de colaboradoras muito conhecidas do *Escrínio*. Assim, como não poderia deixar de ser, direcionamos um estudo específico, quando definimos um recorte temporal entre 1898 a 1910, duração da publicação do periódico gaúcho, pensando buscar o entrelaço de um momento cultural.

Começamos com 1898, primeiro ano de publicação, no Brasil, do *Escrínio*. O *Novo ALLB* publica uma carta-poema intitulada “Colegas”, entre as páginas 38 e 39, de Damasceno Vieira, este com publicações constantes no *AL* para as “Exm^{as}. Sr^{as}. D. D. Revocata Heloisa de Melo e Julieta de Melo Monteiro”. Nesta mesma coletânea consta, igualmente, o nome da catarinense Delminda Silveira, que publica o poema *Porque sou triste* na página 94, oferecido “À amiga R.”.

Para o ano de 1899, o *Novo ALLB* publica a biografia de “Mucio Teixeira, natural do Rio Grande do Sul, este ilustre poeta brasileiro”, nas páginas 241 e 242, assinado pela carioca, radicada em São Paulo, Ibrantina Cardona. No mesmo anuário encontramos o texto *Lendas pernambucanas*, entre as páginas 91 a 95, assinado por Inês Sabino, oferecido “À Exm^a amiga D. Claudina Cordeiro”.

Para o ano de 1904 consta, na página LVIII, o discurso proferido por

D. Mariana Coelho, na sessão magna da regularização em 7 de abril de 1902, em Curitiba, [...] o discurso da nossa ilustrada colaboradora, começa por um preito de homenagem à memória do Marques de Saisseval, que diz ter sido o fundador da maçonaria das senhoras em França (1904).

A publicação conta, ainda, com uma “Carta aberta às leitoras e colaboradoras deste anuário”, da *Liga promotora dos trabalhos femininos*, de Inês Sabino, na página 265; texto que retomaremos posteriormente. No mesmo número, encontra-se o texto *O Amor e a literatura*, da portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho, entre as páginas 357 e 358 e *O canto de Canon*, poema da pernambucana Francisca Izidora, publicado na página 62.

Referimo-nos agora à publicação do *Novo ALLB para o ano 1906*, que publica uma biografia de “D. Amelia de Alencar, [...] goza já de um nome muito apreciado nas letras brasileiras. É sobrinha de José de Alencar e como ele natural do Ceará, onde fundou *O Astro*, interessante jornal em que tem publicado brilhantes artigos sob o pseudônimo Cleópatra de Nice”; texto assinado por Inês Sabino²³² entre as páginas 177 e 178. Também de Sabino, *Direitos femininos*, texto entre as páginas 140 e 141.

Ultrapassando fronteiras geográficas e culturais, a presença, no *AL*, dos nomes das intelectuais Andradina de Oliveira, Delminda Silveira, Julieta e Revocata de Melo, Inês Sabino, Mariana Coelho, entre as demais, não só ratifica que mulheres produziam literatura e, por essa via, participaram da criação literária brasileira, como cada uma delas, com muito labor, às custas do exercício da escrita, rompeu o *status quo* do conservadorismo, assinalando uma mudança social que se iniciava.

Por outro lado, mesmo com a presença maciça de colaborações femininas no anuário, comprovando que suas produções eram proclamadas pelo público, lamentavelmente nenhum dos nomes das escritoras entrou para a lista da literatura canônica, ou seja, nenhuma delas tem o nome grafado na historiografia literária brasileira. Sobre este fato comenta a investigadora Vânia Pinheiro Chaves:

A maior parte das escritoras que nele colaboraram não tenha passado à História, algumas foram conhecidas na época e em certos casos merecem

²³² Quanto à Amalia de Alencar, não encontramos colaborações no *Escrínio*.

os aplausos dos seus contemporâneos. Elas são, portanto, uma parte importante no universo cultural lusófono (2011, p. 192).

Para as literatas, o “universo cultural lusófono”, de modo contundente, estabelecia-se a partir da relação articulada com o *Almanaque*, que passou a representar um vínculo para o progresso das letras, projeto tomado, da mesma forma, pelo *Escrínio* e muitos outros jornais femininos. Não obstante, as mesmas intelectuais utilizaram os mesmos jornais para travarem um diálogo muito mais abrangente. Isso significa dizer que, cada vez mais inseridas nas esferas públicas, as mulheres tiveram nesses veículos um espaço amplo para dialogar com a sociedade em defesa da cidadania.

3.2. Jornalismo feminino luso-brasileiro: mulher, mulheres, o lugar comum

Adentramos nesse subtema na publicação dos jornais femininos portugueses, que, atravessados por um caráter ideológico, estabelecem alianças com os jornais publicados no Brasil, na promoção de discussões, em larga escala, sobre a situação das mulheres na sociedade. Com esse propósito, reunimos um pequeno *corpus* que nos permite sacramentar o caráter crítico, amplamente difundido entre os dois países.

O exercício da escrita feminina saiu do nível privado e, apesar de todo o preconceito, passou a ter visibilidade no espaço público. Divulgando o resultado dos seus próprios trabalhos, poesias, contos e romances, as mulheres desejavam ser vistas com qualidades intelectuais iguais ao sexo oposto. Porém, para as mais progressistas, só o exercício literário não bastava; paralelamente, ambicionavam ser pensadoras, oradoras e críticas, elevando suas vozes para além da natureza geral das mulheres.

Compreender a tomada de consciência significa compreender que um projeto individual, no caso, a publicação de um jornal, tenha se tornado coletivo, alcançado um grande número de pessoas. E compreender o coletivo significa, necessariamente, compreender os contextos sócios, históricos e políticos em que os projetos estavam inseridos. Um projeto individual, feminino e sua relação com o meio precede os estudos sobre a mulher como sujeito histórico, para lembrar Michelle Perrot (1991) e Mary Del Priore (1997). Nesta conjuntura, de certo, a proeminência cronológica da tomada de consciência a partir do projeto individual que representou os primeiros passos do feminismo

brasileiro tem, certamente, o nome de *Nísia Floresta: a primeira feminista no Brasil*. (DUARTE, 2005)

Partimos, então, para os projetos coletivos em que o encadeamento de ideias se desdobrou em discussão mais ampla, no âmbito das relações feministas, notadamente entrelaçadas entre Brasil e Portugal. Relações que, por vezes, estenderam-se por meio de jornais, cartas, pela literatura e, também, pelos contatos pessoais. Notadamente, a aliança luso-brasileira deu-se fortemente amparada pelo nome relevante da lisboeta Ana de Castro Osório, formando uma rede de apoio das ações feministas, lá e cá.

Rodrigues, autor do livro *Mágico folhetim: literatura e jornalismo em Portugal*, quando escreve que

os jornais têm sido considerados por todas as nações como meios mais apurados não só para difundir, como para aperfeiçoar os conhecimentos humanos. As artes e as ciências que diariamente dão passos, ficariam totalmente interceptados na sua carreira sem o socorro dos jornais; é por eles que as relações literárias se aumentam e as descobertas se facilitam: é por eles que a moral dos povos se aperfeiçoa e que as virtudes sociais cobram energia: eles apuram o gosto e formam a elegância da linguagem. (1998, p. 108 [grifos nossos]).

Segundo o autor, o período de afirmação da imprensa em Portugal deu-se entre os anos de 1836 a 1840, mas haveria de passar ainda algum tempo até que as mulheres assumissem, naquele país, as redações dos jornais. Enquanto esse momento não acontecia, *O Correio das Modas*, lançado em Lisboa em 1807, “parece ter sido a primeira folha especialmente dedicada às mulheres, quinzenário com extratextos cujo cinco números e 80 páginas vêm colocados, desde a introdução, sob dois termos que o século reabilita a celebra: Luxo e Modas” (1807, p. 160). Depois, “*O periódico sem política, dedicado às senhoras portuguesas*, como traz em subtítulo, conta de um prospecto e sete números saídos em Lisboa, Ano II (1822)” (1807 p. 161), escreve o autor.

Sabemos, no entanto, que as mulheres – tanto em Portugal, quanto no Brasil – passaram de uma posição à outra: do silêncio às ideias; da ausência à presença; do singular ao plural. Buscaram um modo novo e a imprensa combativa, feita de concórdia e discórdia, saía

da realidade dos outros para tratar da sua própria; a imprensa tratou da sua realidade e da realidade das mulheres no mundo. De fato, foram os jornais considerados “por todas as nações como meios mais apurados não só para difundir, como para aperfeiçoar o conhecimento humano” (RODRIGUES, 1998, p. 108) ainda os são, como escreve Ernesto Rodrigues.

As palavras das mulheres portuguesas cristalizaram-se na publicação dos seus próprios jornais, os quais foram muitos. Citamos alguns dos títulos por ordem cronológica e local de publicação: *A Voz Feminina*, publicado em Lisboa, em 1868 e seu coetâneo *Ilustração Feminina*; a Revista *Sociedade Futura*, de Lisboa, em 1902, e *A Madrugada*, também de Lisboa, publicado em 1911. Não faltaram, da mesma forma, os jornais editados por homens: *Jornal das Damas*, publicado no Porto, em 1894, e a *Folha de Beja*, em Beja, publicado em 1912.

A seguir, nos deteremos na publicação de cada jornal, porém não na mesma ordem citada: selecionamos um pequeno *corpus* que nos permita reunir textos atravessados pelo caráter ideológico,²³³ avaliativo e crítico em relação à condição das mulheres, de forma a consubstanciar uma rede de “palavras cruzadas”, no sentido em que damos ao capítulo da tese.

A retórica do discurso colonial/pós-colonial estava intrinsecamente ligada à existência de um “Brasil-Luso” que não deixara de existir mesmo com a independência proclamada, pois sabemos que ela não significou a ruptura entre os dois países. Ao contrário, o Brasil continuou recebendo portugueses num fluxo migratório que se acentuou no final do século XIX e primeiros anos do século XX, principalmente nas regiões sulinas, como Santa Catarina e Rio Grande do Sul. (VAZ, 2005) Imigração que trouxe a cultura lusa, tal como sua dimensão, na literatura, nos costumes, etc., raízes de muitas das nossas famílias.

Como se nota, à sombra de um “Brasil-Luso” construiu-se um discurso histórico de hierarquia, que parece também permear as relações

²³³ Para corroborar o objetivo que nos interessa nessa tese, Dulcília Buitoni (1981) esclarece alguns critérios avaliativos que subdividem “grandes categorias jornalísticas”, em conformidade com o tipo de matéria veiculada: jornalismo informativo, interpretativo e opinativo, porém, acrescenta a pesquisadora que essa divisão é contestada por alguns críticos, uma vez que é comum muitos dos textos se enquadrarem em mais de uma categoria. O jornalismo informativo concentra-se nas notícias, geralmente sem avaliação; o interpretativo “é uma expansão do fato original: contém entrevistas, [...] opiniões de especialistas, etc.; o opinativo demonstra uma posição seja do jornal (no editorial) ou do jornalista (coluna, crítica, comentários, crônicas, etc.)” (1981, p. 2). Nosso trabalho apoia-se nesta última categoria, ou seja, no jornalismo opinativo.

feministas como uma “prática de civilidade”. Representando essa afirmação, seguem-se palavras de Ana Castro Osório em um dos seus discursos no Brasil:

É principalmente a vós, senhoras brasileiras e portuguesas, que me dirijo, porque é das mulheres da nossa raça que desejo falar-vos neste momento púnico da nossa história em que dois povos saídos do mesmo berço longínquo da raça se encontram fraternizando numa alvorada de esperança para um grande futuro social e civilizador.

[...]

A mulher brasileira necessita de ser também, como é, profundamente nacionalista, porque a ela a natureza confiou o papel de fixadora da imigração que vem chamar à vida a imensidade desta terra que generosamente foi dada ao orgulho da nossa raça.

À mulher portuguesa coube o papel de defensora e guarda das qualidades da raça. É ela que cultiva a terra na ausência do homem, é ela que mantém com energia a dignidade da família [...]. Às mulheres brasileiras cabe o papel de fixadoras e continuadoras dessas qualidades, estando-lhes reservado o papel de companheira dos homens que hão de fazer a penetração intensa do solo para que o Brasil seja a verdadeira terra prometida da humanidade de amanhã (OSÓRIO, [s.d], p. 37 e 58).

Esse pequeno excerto, retirado de um dos discursos da feminista portuguesa, abre um campo de intersecções.

A Voz Feminina: jornal semanal, científico, literário e noticioso, de Lisboa, é composto por quatro páginas, tendo como redatores Guilherme T. Wood e Francisca Wood.²³⁴ O jornal, cujo título implica o caráter do seu comprometimento, é “exclusivamente colaborado por senhoras”, mas passa a se chamar sugestivamente de *O Progresso* no seu segundo ano de circulação. Sugestivamente porque, a partir da análise que fizemos em um grande número das suas edições, todos, sem exceção, versam sobre os progressos femininos, sendo que os textos são sempre acrescidos de indagações críticas. Exemplificamos:

²³⁴ Não temos referências sobre a feminista.

Bem vindo seja ano novo de 1868, bem vindo sejam a este pitoresco e lindo Portugal [...]. Mas nós as mulheres, quero dizer as Exm^{as} senhoras, que fazemos [...] encurtar vestidos, alongar vestidos, nesgar vestidos, [...] Não há para nós outra carreira? Estes jovens tão instruídos, tão ilustrados, tão estudiosos de quem tanto admiramos os bigodes negros e reluzentes, que pensarão de nós? [...] Não queríamos por mais tempo ser, o que até agora temos sido - bonecas! (Lisboa, ano I, n. I, 5 de janeiro de 1868, p. 1-2).

Mais uma vez a imprensa dá ênfase à educação moderna como progresso dos anos vindouros. No seu quarto número, o jornal muda o subtítulo para *jornal semanal, dedicado à ilustração das senhoras*, sugerindo às mulheres novas conquistas, enquanto zombava dos velhos conceitos sociais: “não queríamos por mais tempo ser, o que até agora temos sido: bonecas!”, cita o recorte. Quanto à *Voz Feminina*, lembramo-nos do jornal de mesmo nome que foi lançado em Diamantina, Estado de Minas Gerais, no Brasil, em 1900, aliado à campanha pelo sufrágio feminino. (BUTONI, 1981)

A *Sociedade Futura*,²³⁵ *Revista quinzenal de educação Literatura e ciência*, de Lisboa, dirigida por Ana de Castro Osório e Olga Morais Sarmiento,²³⁶ teve suas publicações iniciadas em 1º de maio de 1902, contendo sete folhas. Entretanto, a partir do número oitavo, quando a *Revista* fica, somente, sob direção de Olga Sarmiento, passa a conter quatro laudas, apresentando, desde seu primeiro número, colaborações femininas e também masculinas.

Ao eleger as mulheres como o alvo dos seus discursos, as redatoras calcavam na ideia de educação feminina, porém voltada para a manutenção da harmonia dos lares, deixando transparecer que a

²³⁵ Muitos dos periódicos femininos estavam associados à criação de uma associação de mesmo nome, no caso, este, associado à Sociedade Futura, que primava por ações pela melhoria da educação e dos direitos civis das mulheres. Segundo a investigadora Isabel Lousada (2010), a Revista teve edições entre 1902 a 1904.

²³⁶ Segundo o *Dicionário de Escritoras Portuguesas* (2009), Maria Olga de Moraes Sarmiento da Silveira nasceu em 1881, natural de Setúbal, Portugal, e faleceu em 1948. Poetisa, ensaísta e oradora, fez conferências em diversos países da Europa e América do Sul. Diretora durante muitos anos da Sociedade Futura, publicou vários livros, entre os quais: *O Problema feminista*, em 1905. A feminista é presença constante no Almanaque. Sobre Ana de Castro Osório, ver nota de rodapé 33 do Capítulo I da tese.

emancipação moral voltava-se necessariamente para o desempenho do papel de mãe educadora.

Em razão disso, para Castro Osório, que assina o texto “A mulher de há trinta anos e a mulher de hoje”, a mulher do século XX, como base primordial na educação dos filhos, deveria renunciar aos vícios do passado que favorecia a ociosidade e vaidade com finalidade única de ornamento social. A redatora denunciava que tais favorecimentos, alimentados, também, pelo excesso da literatura romântica, “exageradas de todas as escolas”, muito em voga no século XIX, deveriam ser permutados pela ciência, isto é, pelo conhecimento, em benefício de uma verdadeira instrução que favorecesse o papel profético feminino. Em outras palavras, seu discurso vai ser utilizado como instrumento normatizador do comportamento, recolocando a mulher no ambiente que lhe é socialmente atribuído: o lar. Lemos o trecho:

A MULHER DE HÁ TRINTA ANOS E AMULHER DE HOJE

A época do romantismo agudo avulta a nossa olhos a turba desgrenhada das jovens que recitavam piano com os olhos em alvo, que dormiam de colete para adelgarem a cinta, defumavam o rosto para obterem a palidez interessante que a moda proclamava, numa eterna vida de romance. [...] Essas eram as exageradas de todas as escolas, as desvairadas de todos os tempos; mas ao lado delas, as sãs, as ajuizadas, que liam os mesmo livros e conheciam as mesmas poesias não se deixavam levar em excessos de romantismo piegas. [...]. Isso no tempo em que a mulher não tinha, como a de hoje, em cada canto uma professora de primeiras letras, em a educação por essas províncias fora um luxo. [...], quer dizer que a mulher, há trinta ou quarenta anos, conhecia e compreendia os escritores do seu país. [...] Como poderão sair, de crianças educadas assim, as mulheres que a sociedade reclama, fortes nas consciências dos seus deveres, que ai lado do homem seja companheiras e amigas, auxilio e guia nas horas negras da vida, iniciadora e educadoras dos filhos [...] (1º de maio de 1902, p. 6).

Em 15 de novembro de 1902, n. 13, a *Revista* traz, na capa, o título “Nossa Galeria”, com proposta de destacar suas colaboradoras e pessoas ilustres da sociedade, entre as quais se encontra a foto de “D. Mafalda Mousinho De Albuquerque” ou “Modesta”,²³⁷ colaboradora também do *Escrínio*, como anunciamos em outro momento. A proposta prorroga-se para o segundo ano, quando apresenta capa e contracapa com o título “Revista D’arte”. Neste novo formato, passam a ser 32 as páginas preenchidas com muitas ilustrações em preto e branco, e, no final da edição, há a publicação de um folhetim. As fotografias das colaboradoras e não colaboradoras, portuguesas e estrangeiras, são acompanhadas de pequenas biografias, textos laudatórios, poemas e excertos de livros, como é exemplo a edição n. 25, de 1º de julho de 1903, que traz a escritora Maria Amália Vaz Carvalho, também colaboradora do *Escrínio*. Em 1º de maio de 1903, a *Sociedade Futura* anuncia que termina o ano de publicações e passa a sair mensalmente com um número de 16 páginas e “em ótimo papel”.

No início do século XX, tanto no Brasil quanto em Portugal, temos uma imprensa muito frequentada por mulheres, ou melhor, a força de uma imprensa produzida exclusivamente por mulheres. Nela, o clima que predominava no ambiente jornalístico em todos os lugares era o da orientação educacional mais moderna para as mulheres.

Como se sabe, a imprensa feminina não era privilégio só dos grandes centros no Brasil e, curiosamente, Laguna, município localizado no Estado de Santa Catarina, produziu um “órgão Literário, Noticioso e Comercial: dedicado ao belo sexo”, intitulado *O Jasmim*. Tal como se sabe, a designação de flores promovia os jornais escritos por mulheres, uma vez que “seus nomes já caracterizavam sua destinação” (BUITONI, 1981, p. 14). O fato curioso é que o periódico *O Jasmim* não era editado por mulheres, mas inteiramente produzido por homens. Pelo menos nas três publicações que examinamos, nem mesmo há vestígios de colaborações femininas. Seus redatores, F. F. de Oliveira, M. Matos e o gerente, Virgílio José da Silva, dão-nos a razão da orientação do seu jornal, dedicado ao belo sexo. Reproduzimos parte do edital de lançamento:

²³⁷ Quanto às publicações de “Modesta” no *Escrínio*, ver anexo VI.

O Jasmim

Acompanhado da resplandecente luz da aurora,
surge, hoje, um novo periódico cujo título serve
de epígrafe a estas toscas linhas.

É mais um auxiliar da luta, é mais um defensor!

[...]

Dedicamos, pois o nosso modesto trabalho às
senhoritas lagunenses, certo de que elas nos
ajudarão nesta árdua missão.

Venceremos?

O futuro nos dirá

Bougary (O JASMIM, 9 de junho de 1901).

Embora sendo um jornal feminino, mas não muito feminista, ao que parece, ele manteve o ambiente que predominava na imprensa partidária aos assuntos feministas, publicando “A mulher do século XX”. Como vemos, o assunto-chave é o mesmo do jornal português *A Sociedade Futura*, onde Ana de Castro Osório versou sobre a “mulher de hoje”. Assim se expressa *O Jasmim*:

A Mulher do século XX

Lemos com prazer em um jornal do Rio, algures
sobre as preocupações apropriadas às mulheres.

[...]

Temos a esperança de ver a mulher possuidora do
seu congênito lugar entre a sua espécie.

E por que não?

Não é, por ventura, a mulher o varão forte do lar,
quando adoece um filhinho?

[...]

Esperemos, portanto, que este ideal torne-se uma
realidade.

Veremos, então, uma mulher encostada em uma
secretária comercial, escriturando um livro;
colocando uma barbearia, executando um corte de
cabelo com a elegância que lhe é comum;
dominando uma tribuna a pregar a moral, hoje,
pelos homens é desconhecida.

A modéstia é para o mérito o mesmo que o
sombreado numa pintura dá-lhe força e realce (O
JASMIM., 13 de agosto de 1901, p. 1).

Nota-se que, embora o autor chame atenção para posição central que a mulher ocupa na família, há “o varão forte do lar”, indo ao encontro do senso comum em defesa da casa, valorização da maternidade, etc.; a partir desta elaboração, ele exalta inteiramente outro significado para o papel feminino, “e por que não?” pergunta, postulando outro espaço e, desta forma, questionando uma identidade construída exclusivamente sob o domínio restrito da família. (BICALHO, 1988)

No que se refere ao jornal, outra questão que nos chama a atenção é a presença abundante de autores que assinam os textos com nomes os quais nos parecem ser pseudônimos, como, por exemplo, “Pintassilgo”, “Novato”, “Bougary” e “Marlozinho”. O texto anteriormente transcrito não tem autoria.

Voltamos, em 1894, a Portugal, e encontramos outro periódico definido pelo sexo masculino. Trata-se de uma publicação na cidade do Porto, com o título *Jornal das Damas*, que contém textos assinados somente por homens. Lançado em 1º de janeiro daquele ano, quinzenal, dirigido por Paulo Moura e José Femino, tendo como editor José da Costa Valbom, o jornal tem, no seu perfil, o chavão do “eterno feminsmo” (BUIIONI, 1981), ou seja, a tríade “sublime – mulher, esposa e mãe” como posição central da instituição familiar. Dulcília Buitoni descreve que esse pensamento mantém-se como um mito “que tenta mobilizar, no tempo, as virtudes ‘clássicas’ da mulher” (1981, p. 4); e, por essa via, “procura qualidades quase abstratas: maternidade, beleza, suavidade, doçura e outras, num tempo que é histórico” (Idem, p. 4), completa. O edital de lançamento do *Jornal das Damas* revela-nos esse pensamento:

Lancemos um olhar ao passado [...] - o que vemos? Um olhar de mãe que nos abençoa. No presente? Vemos um sorriso de esposa que nos prende em um laço de afetos. [...] Olhemos o futuro: - Vemos a felicidade realizada na carícia de uma criança [...] onde vai florir a nossa mocidade. [...] A mulher - o eterno ideal - a eterna poesia é o elo que prende a família em um círculo de venturas (p. 1).

O jornal visa a um discurso calcado em duas temáticas tradicionais: mulher e família, ambas relacionadas ao conservadorismo tradicional, o que se materializa, indubitavelmente, à referência do

público para o qual o jornal quer chamar atenção: “não surpreenderá o honestíssimo burguês da cidade [...] a aparição de mais um jornal dedicado às damas”, conforme cita o recorte.

Sem querer adentrar ao campo das generalizações, logramos, todavia, fazer a separação do pensamento feminino do masculino, em referência aos padrões de comportamento das mulheres, o que se torna evidente quando, aliás, voltamos ainda mais no tempo e analisamos um jornal definido pelo sexo feminino, em 1868. Trata-se de *Ilustração Feminina, semanário de ilustração e recreio*, publicado em Lisboa. Por ser uma folha de “recreio”, mantém laços com seções de “Moda”, contendo noções sobre o “Império elegante”; “Crônica Teatral”, sobre os movimentos do teatro na cidade e “Folhetins”, com a literatura dos “grandes mestres”. O periódico contém, entretanto, textos com teor feminista, como é o exemplo de “A mulher”, que versa sobre a promoção intelectual feminina. Reproduzimos um pequeno trecho desse pensamento:

Os falsos preconceitos antropológicos que lhe negavam a capacidade intelectual desapareceram e as opiniões controversas que ainda hoje se levantam não tardam a aniquilar-se por falta de argumentos e confundidas pela justiça e pela verdade. [...] Por que é que sendo a História a luz da vida não projeta nesta questão de alta importância sociológica mais que as trevas e amalgama da inquietude? (p. 2).

Restava um sentimento de inquietude? De certo, pois em consonância com o pensamento antropológico, a sociedade de cunho machista encontrou na própria natureza humana uma lógica sobre a inferioridade física e intelectual feminina, que favorecia a afirmação hierárquica masculina. Em função do “cérebro diminuto”, as mulheres ficaram por longo tempo na história numa espécie de invólucro *in natura* sem nenhuma chance de metamorfosear-se.

A Madrugada - folha mensal, propriedade da liga republicana das mulheres portuguesas, lançado em 31 de agosto de 1911, em substituição da *Revista A Mulher e a Criança*, era órgão oficial da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas - LRMP-, criada em 1908. A folha tinha, entre os nomes femininos das secretárias, editoras e

administradoras, a tesoureira-diretora Maria Veleda,²³⁸ importante feminista, educadora e escritora portuguesa e, como sócia, Ana de Castro Osório.

A vida cívica e política de Portugal esteve intensivamente vinculada à capacidade reivindicativa das mulheres que se reuniam em agremiações, associações e jornais, meios os quais já eram também utilizados pelas lutas feministas. Debateram, escreveram, polemizaram, criticaram, lideraram, confrontaram. Elas estavam nas ruas, nas escolas, nas reuniões, nas redações e nos comícios. A “Associação de propaganda feminista (1911-1918)”; “I Congresso do Livre Pensamento” (1908); plebiscito de a “Tribuna Feminina” (1908). Tudo abarcava republicanismo, feminismo e mulher.

Em 1909, no Congresso do Partido Republicano Português (PRP), Ana de Castro Osório apresenta a liga ao partido e declara apoio à luta pela derrubada da Monarquia. (ESTEVES, 2008)²³⁹ Assim sendo, a Associação teve intensa participação durante os dois últimos anos antes da instauração da República, fato que aconteceu em 5 de outubro de 1910,²⁴⁰ quando se deu “a Proclamação [...], com designação do Governo Provisório presidido por Teófilo Braga” (Ibidem, p. 11). Além

²³⁸ Educadora, “entre 1889 e 1905, Maria Veleda trabalhou como professora do ensino primário. [...] Simultaneamente, desenvolveu grande atividade literária na imprensa regionalista, feminina e feminista. [...] Em 1902, publicou a coleção “Biblioteca Infantil - Contos cor-de-rosa”, em fascículos, com o objetivo de distrair e formar o espírito das crianças. [...] No mesmo ano publicou o opúsculo “Emancipação Feminina”, que resume alguns textos publicados na imprensa. As ideias-chaves do seu discurso feminista giram em torno da necessidade e urgência de as mulheres se empenharem na promoção da sua educação, a fim de se prepararem para o exercício de uma profissão digna. [...] Insurge-se contra o preconceito social das supostas diferenças sexuais que justificam o domínio do Homem sobre a Mulher. [...] Na sua perspectiva, era necessário mudar as mentalidades, os costumes, as atitudes e os valores sociais para alcançar os ideais de justiça e de igualdade entre os sexos. (MONTEIRO, 2004, p. 26-31). Em 1909, “Maria Veleda foi julgada e condenada por abuso de liberdade de imprensa” (ESTEVES, 2008, p. 10), quando publica o artigo “Carta de uma dama franquista” (MONTEIRO, 2004).

²³⁹ O título *Mulheres e republicanismo (1908-1928)*, de autoria de João Esteves, é o 5º livrinho, em formato de bolso, da Coleção Fio de Ariana, lançado pelo projeto da Comissão para a Cidadania e Igualdade de gênero. “A coleção tem como objectivo contribuir para essa aproximação através da divulgação da investigação realizada no âmbito dos Estudos sobre gênero e dos Estudos sobre as mulheres” (ESTEVES, 2008, p. 8).

²⁴⁰ Adelaide Cabete, médica, utilizou sua profissão como instrumento de militância (LOUSADA, 2010); Carolina Beatriz Ângelo, também médica, foi autora do primeiro voto feminino em Portugal, nas eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, em 1911 (Ibidem, 2010), permissão concedida por se tratar de uma viúva e mãe, sendo considerada chefe de família. (SOUZA, 2006) Ambas as mulheres são nomes importantes na história do feminismo português e da luta pela instauração da República, evento que as propiciou confeccionar as bandeiras verdes e vermelhas, portuguesa, utilizadas na Rotunda, durante a Revolução de 5 de outubro. (ESTEVES, 2008)

disso, a Liga atuou diretamente em questões humanitárias e nas ações ligadas às lutas feministas, tal como o divórcio e o sufrágio. Segundo João Esteves, “parece consensual que houve envolvimento histórico das mulheres no triunfo e defesa do regime republicano, mediante intervenção, individual ou colectiva, a partir de 1908” (p. 23).

As quatro páginas eram voltadas particularmente às questões feministas no seu extenso repertório de reivindicações, sem falar na assiduidade dos relatórios de “Expediente da liga”, onde constavam os gastos e movimentos do grupo e o “balanço do mês” referente às despesas do jornal. Mas não faltavam publicações literárias, tanto de literatura nacional, quanto estrangeira. Da mesma forma, há um número fixo de seções que são distribuídas entre os seguintes títulos: “Ecos do estrangeiro”, em que se publicam notícias sobre os movimentos feministas e suas manifestações, conquistas, etc. em países como os Estados Unidos, Alemanha, África, entre outros; a seção de “Cartas”, oriundas de diversos países, inclusive do Brasil; e a seção “Correio do Brasil”, que apresenta cartas periódicas de Ana de Castro Osório enviadas dos trópicos. Por enquanto, lemos, no edital de lançamento, as palavras da redação, destacando o projeto da publicação da folha:

Substituindo a *Revista A Mulher e a Criança*, iniciamos hoje a *Madrugada*, [...] no propósito de que a Liga possua um órgão no alcance de todas as bolsas e que possa publicara-se, mais tarde, duas ou quatro vezes por semana. [...] Não descuidaremos da questão sufragista mas subordiná-la-emos à propaganda mais necessária e mais urgente que nos serve de ponto de partida, convencida, como estamos, de que o primeiro inimigo da emancipação feminina é o [ilegível] de reacionarismo que avassala a mulher, representa um serio óbice na conquista dos seus direitos. [...] *Trabalharemos, pois pela libertação progressiva de nossas irmãs*, e teremos cumprido o nosso dever de mulher e de humanista. A redação (31 de agosto de 1911, p. 1 [grifo nosso]).²⁴¹

²⁴¹ Em 1910, ocorreram alguns desentendimentos entre as mulheres republicanas e as feministas, em relação às questões administrativas da Liga. Surgiram, então, duas facções: uma mais conservadora, liderada por Ana de Castro Osório, e outra mais revolucionária, liderada por Maria Veleda, “demasiadamente vermelha”. A primeira demitiu-se da direção e, também, da revista *A Mulher e a Criança*, órgão oficial da Liga. Maria Veleda foi eleita para os dois cargos e, mais radical, reforçou a propaganda anticlerical em razão da libertação da consciência. (MONTEIRO, 2004)

De acordo com as redatoras, estimular a participação feminina na sociedade significava, antes de tudo, gerar transformações no “reacionarismo que atravessa a mulher”, ou seja, na realidade da ignorância em que elas estavam inseridas. Com esse propósito, *A Madrugada* anunciava o “Grupo das treze”,²⁴² que era uma comissão da Liga destinada especialmente a combater a ignorância, a superstição e a “submissão espiritual das mulheres aos preconceitos sociais que a igreja sancionou e ajudou a perpetuar” (MONTEIRO, 2004, p. 49). O grupo que primava “pela libertação progressiva de nossas irmãs”, conforme anuncia, não se descuidava da questão sufragista: “subordiná-la-emos à propaganda mais necessária e mais urgente”, afirma.

A queda da Monarquia e a instauração da República em Portugal, em 1910, propiciaram um clima que favoreceu a luta das mulheres em favor das reformas pelos direitos cívico-políticos. O debate em torno de suas reivindicações impulsionou a criação de organizações oficiais, como a “LRMP”, a “Comissão de Propaganda Feminista” e a “Associações de Propaganda Feministas”, advogando insistentemente pela concessão do sufrágio feminino. Enquanto muitas ações são tomadas, tais como a proposta que a Liga envia ao governo Provisório – pedindo concessão para o voto da mulher letrada, administradora, diplomada e escritora –, a realização de debates frequentes nos congressos e as diversas propostas elaboradas pelo Senado, *A Madrugada* serve como meio de expressão dessas iniciativas, deflagrando o processo reivindicatório de modo bastante crítico, que as redatoras chamam de

Cabo tormentoso:

Há não sei que poder ignoto nestas duas palavras “sufrágio Feminino” para rude e fortemente impressionarem os tímpanos de muitas pessoas inteligentes. E cultas mesmo.

Em vão procuramos o sésamo dissipador de tão fundo mistério na confusa psicologia dessas, mais ou menos facetadas e brilhantes teorias com que atualmente os antisufragistas dispõem, na mais

²⁴²Sob responsabilidade de Maria Veleda, o “Grupo das Treze tinha como lema frases constituídas por treze palavras, como, por exemplo: iluminar as almas e libertar as consciências” (MONTEIRO, 2004, p. 49).

quimérica ilusão, abalar os fundamentos destas reivindicações das mulheres (p. 1).

“O tormento” acompanhou as mulheres portuguesas por um longo e sinuoso caminho até que chegasse “a plena cidadania” (SOUZA, 2006), o que aconteceu somente em 15 de novembro de 1976, quando o Decreto-Lei nº 621 – A/74, consagrou “os mesmos direitos políticos para homens e mulheres” (2006, p. 53). E se seguem todos os tons das matérias publicadas no órgão que sempre aponta uma unidade de pensamento:

A Mulher

É vulgar – é até matéria corrente – ouvir dizer que a mulher não está educada para poder desempenhar cabalmente cargos de responsabilidade, lugares de importância, que não está devidamente educada para distinguir o caminho social que deverá seguir etc. etc. quando é certo ser à mulher que a sociedade deve uma grande parte – senão a maior – do seu desenvolvimento; [...]

Ora, se é a mulher que cabe o elevado e respeitável preceito de conduzir os primeiros passos do homem, os quais são, sem dúvida, os de mais alto valor, encaminhando-o pela estrada da virtude não terá a mulher competência para desempenhar os tais encargos de que a sociedade quer excluí-las??

Isabel Fry (p. 2).

Na edição de 31 de outubro, n. 3, as redatoras lançam mão da significação moral e sociológica da campanha feminista e sufragista; assim se expressam:

REIVINDICAÇÕES SOCIAIS:

As reivindicações das mulheres em todo o mundo, constituindo um sublime protesto dos mais justos, naturais e humanos. [...] A mulher tem desempenhado um importantíssimo e muito eficaz papel. Honrando a memória de [...] J. Butler, Guimar Torresão, etc., e defendendo a justiça,

trabalham inúmeras mulheres de todo os países. [...] *Os adversários do feminismo (os anti) continuam arquitetando barreiras limitativas da atividade feminina*, continuam condenando – em nome da moral e da poesia (!) – a mulher política e a mulher intelectual, a mulher culta, a mulher moderna. [...] *O feminismo, tal qual se nos apresenta hoje, em todos os países é uma das mais belas e impressionantes reivindicações sociais que se tem produzido na humanidade – porque é um movimento de emancipação e de intensa cultura, obedecendo a dois grandes princípios fundamentais e orientadores; são eles: (1º) Direito ao sufrágio político, como base de todas as demais reivindicações feministas, como meio poderoso para as transformações em factos, em leis.*

(2º) Direito à vida universitária, para que a mulher possa tornar-se apta a exercer a sua atividade em todos os domínios do pensamento e em todas as profissões;

O atual movimento feminista-sufragista [...] é um fenômeno sociológico muito bem organizado, metódico, reflectivo [...] possuindo sólidos alicerces nas associações internacionais, como o “Conselho Internacional das Mulheres” (Washington) e a “Aliança Internacional Sufragista das Mulheres” (Roterdã). [...] *Chegou a vez das irmãs portuguesas: cumprindo um dever de solidariedade vão, conforme sabemos, estreitar as relações com as irmãs estrangeiras que confraternizam na luta da mesma e sublime causa*(p. 1-2 [grifos nossos]).

A *Madrugada* não se restringiu somente a ser um jornal ligado ao órgão oficial da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas – LRMP –, ou uma bandeira do sufrágio feminino, ou, ainda, uma ferramenta de reivindicação na luta pela igualdade cívica e política entre os sexos, em Portugal. Ao contrário, o caloroso debate em torno do feminismo já ganhara uma ampla repercussão mundial e a folha representava o eco das “reivindicações das mulheres em todo o mundo”, defendendo “um sublime protesto dos mais justos, naturais e humanos”. Pensando assim, o jornal constituía-se num órgão de militância, sustentando que o “feminismo é um movimento de emancipação e de

intensa cultura”, enquanto censurava que os “adversários do feminismo, os (ante), continuam arquitetando barreiras limitativas da atividade feminina”; vemos numa pequena nota o escárnio sobre esse pensamento:

Por que será?

Por que será – dizia um jornalista sem assunto – que todas as feministas são feias?

Este processo de combater está já tão cediço e revela tanta falta de originalidade que dá vontade de perguntar: – “Por que será que todos os antifeministas são tão idiotas?” (30 de novembro de 1912, p. 1).

Ana de Castro Osório torna-se correspondente de *A Madrugada* remetendo matérias do Brasil, onde fixa residência, em São Paulo, quando acompanha o marido, que exerce a função de cônsul entre os anos 1911 a 1914. No Brasil, a sufragista estabelece vínculos com as intelectuais de vários Estados e elo com o movimento feminista brasileiro.

Durante a permanência da feminista nos trópicos, *A Madrugada* publica cartas que ela envia para a redação, tendo como destinatária o nome de Maria Veleda, diretora do jornal, na seção “Correio do Brasil”, que surge a partir de 1912. Todas as missivas são sempre muito longas, ocupando até três colunas do jornal. Seus conteúdos versam, por vezes, a saudade de Portugal,²⁴³ impressões do Brasil, viagens e “incentivos à propaganda que todas juntas começamos”, como escreve Castro Osório em carta publicada em 31 de maio. Vejamos um pequeno trecho:

Minha cara Maria Veleda

Pede-me você que mande para A Madrugada, órgão atual da nossa Liga, algumas linhas sugestivas da minha impressão... de exílio.

[...] Escrevo na mesinha atulhada com os últimos jornais da semana, cheia de livros e de papeis.

[...] E porque não ver a melancolia, a tristeza vaga

²⁴³Ao contrário das cartas de caráter confidencial, íntimo e confessional, mesmo que envolvem um autor (signatário) e um leitor (destinatário), “no momento em que é publicada, a carta adquire um novo status: [...] este testemunho da esfera do privado passa a ser olhado por todos e a crítica pode agora opinar sobre as informações quer ali aparecem representadas” (VASCONCELLOS, 2008, p. 381).

e dolorida a que nós tão sentimentalmente chamamos de saudade, o grande fundo étnico deste grande povo, que mal irrompe agora a sua infância e já se impõe ao mundo caracteres definidos, com fisionomia própria [...] *É certo que o Brasil foi uma obra admirável do gênio português.* [...] Mas, não foi para falar de paisagem [...] *que pensei em escrever para A Madrugada, para o jornal onde nossas consocias poderão encontrar alguma indicação ou algum incentivo à propaganda que todas juntas começamos e da qual eu não desistirei.*
19-4-1912 (p. 1-2 [grifos nossos]).

O tom informal da carta revela proximidade com um texto que mais parece uma crônica; começa com uma particularização: “pede-me você que mande [...] algumas linhas sugestivas da minha impressão”; depois, em uma linha progressiva do relato, a narradora cria uma espécie de cenário onde destaca, no espaço privado, uma imagem de si, quem sabe, com intenção de produzir uma imagem positiva para suas leitoras: “escrevo na mesinha atulhada com os últimos jornais da semana, cheia de livros e de papéis”. Perpassa por muitas descrições complementares e, por fim, a proximidade com as ideias e o posicionamento que remete à ótica feminista: “Mas, não foi para falar de paisagem [...] que pensei em escrever para *A Madrugada*, para o jornal onde nossas consocias poderão encontrar alguma indicação ou algum incentivo à propaganda que todas juntas começamos e da qual eu não desistirei” (1912, ano I, n. 10, p. 1-2).

A respeito dos elos, outra ferramenta que representou o trânsito entre o atlântico foi a permuta de jornais entre Brasil e Portugal, indicativo do vínculo e da articulação de uma elite intelectual que atuava muito além de sua própria fronteira. Sobre esse viés, *A Madrugada* destaca, em 30 de setembro de 1912, já no seu segundo ano de circulação, uma matéria veiculada no jornal *O Farol*, de Juiz de Fora, (MG), a par de sobreviventes masculinos serem maior do que sobreviventes femininos, no naufrágio do navio Titanic. Reproduzimos uma parte da matéria:

HEROICIDADE DO SEXO FORTE

Do nosso colega *O Farol*, que se publica em Juiz de Fora, Minas, Brasil, recortamos o seguinte:

“Os bons primos John Bull e Jonathan trocaram amargas recriminações a propósito do *Titanic*, a embarcação, a companhia, a tripulação eram inglesas; os mais ricos passageiros eram americanos. [...] O governo americano nomeou uma comissão de inquérito, que fez comparecer à sua presença como acusados súditos britânicos. [...]. Mesmo em família, esses incidentes são penosos.

Apesar do regulamento e apesar do princípio de cavalaria que ordenam salvar as mulheres e as crianças primeiro, verificou-se em definitiva que 315 homens foram recolhidos vivos, enquanto 103 mulheres e 53 crianças pereceram. O segundo oficial a bordo, que não compartilhou a sorte do comandante, confessou que afastava dos barcos as simples criadas de quarto. Quase todas as mulheres e todas as crianças das primeiras classes foram salvas; a metade das mulheres e das crianças das terceiras classes foi sacrificada. [...] Dizem os antifeministas que as mulheres, desde que sejam consideradas iguais aos homens, perderam todo o direito de serem protegidas, e talvez houvesse, no caso sujeito, quem se abalasse a argumentar com esta necessidade, só própria de espírito fraco e inculto: – como se a mulher, de fato deixasse de ser escrava [...]. Não há de se vangloriar o heroísmo e a abnegação dos anglo-saxônicos. [...] Heróis! *O Farol* diz bem; “diante da morte os heróis são raros” (p. 3).

No âmbito das articulações foi também que, em 31 de maio de 1913, *A Madrugada* publica, na seção “Cartas”, o texto de Virginia de Castro e Almeida (1874-1945),²⁴⁴ da *Folha do Norte* - Belém-Pará-jornal com que Andradina de Oliveira colabora, conforme já comentamos. O texto levanta um caloroso debate em torno do direito do voto para as mulheres:

²⁴⁴Contemporânea de Andradina de Oliveira, Virginia de Castro foi ficcionista, tradutora e ensaísta portuguesa. Em 1907, a escritora lança *Fada tentadora*, *Em pleno azul* e *Céu aberto*, todas as publicações no mesmo ano. Tendo uma vasta produção literária, ela escreve até o ano de sua morte, em 1945, lançando *Capital bendito*: coisas que eu penso e *Histórias de sua gente*. (FLORES, 2009)

CARTAS

Temos lutado muito e temos alcançado importantes vitórias. Em meados de cinquenta anos conseguimos para as mulheres uma instrução secundária e superior que faz honra à nossa terra; somos professoras ilustradas, médicas, diretoras de fábricas. Exercemos profissões liberais, ocupamo-nos na indústria e no comércio, defendemo-nos contra a injustiça da desigualdade dos salários por meio de um movimento sindical feminino perfeitamente organizado e que abrange mais de 60.000 mil membros, figuramos nas comissões da Assistência Pública que temos impulsionado de um modo maravilhoso, [...] temos livre disposição dos nossos salários, temos do casamento a separação de bens como regime legal, temos uma personalidade jurídica perfeitamente distinta do marido, no entanto há 500.00 mulheres proprietárias e contribuintes, há 5 milhões de mulheres que as condições da vida obrigam a ocupar-se de trabalho fora de casa, por amor de todas estas é absolutamente necessário e justo que a mulher alcance o direito de voto... que há de alcançá-lo, é uma questão de tempo (p. 1).

No Brasil, como sabemos, os primeiros anos da nova República foram sacudidos pelas ações feministas em uma crescente luta pelo progresso dos direitos de ordem política e civil, o que mostra o pequeno histórico do texto acima. Para tanto, foram os jornais o púlpito para a ampla repercussão dessas querelas, pois reinava, ainda, “no Brasil, como em todo lugar, uma visão sentimental do lar e da mãe era cara ao coração dos oradores antisufragistas” (HAHNER, 2003, p. 168).

É imperioso citar que essa ebulição formou-se no século XIX e teve a relevante intervenção da voz de Josefina Álvares de Azevedo (1851-?),²⁴⁵ uma das primeiras mulheres a lutar abertamente em defesa

²⁴⁵Segundo a pesquisadora Valéria Andrade Souto-Maior, Josefina Álvares de Azevedo foi “das primeiras e mais fortes vozes femininas pronunciadas no Brasil do século XIX” (2001, p. 41). Com relação aos dados pessoais de Josefina, a pesquisadora afirma que há divergências tanto em relação ao seu nascimento, quanto à sua filiação, mas que a maior probabilidade seria a de que ela tivesse nascido em Recife, Pernambuco. “Por outro lado, a informação relativa aos vínculos fraternos entre Josefina Álvares de Azevedo e o renomado poeta, embora perfeitamente admissível, é contestada. [...] Diretora e redatora, entre 1889 e 1897-8, de um dos mais combativos e ousados jornais feministas, [...] *A Família*” (Op. Cit., ibidem, p. 41-42).

dos direitos políticos femininos. Sendo assim, a feminista conclamou a militância feminina, através do seu jornal *A Família*, fundado em 1889, primeiro na cidade de São Paulo e, depois, Rio de Janeiro, na tentativa de organizar um grupo para maior atuação na esfera pública. Bradou Josefina: “Avante mulheres de todo o país”,

o periódico *A Família*, como órgão defensor de sexo feminino, inicia, em todo o âmbito do país, uma subscrição de senhoras as quais solicitam dos poderes competentes que lhes sejam outorgados os direitos e regalias de ordem política e civil a que podem legitimamente aspirar.

[...]

Não é possível que ante uma manifestação imponente de uma fração respeitável da sociedade brasileira o governo permaneça na imobilidade e apatia (A FAMÍLIA, ano II, n. 81, 30 de outubro de 1890, apud BICALHO, 1988).

E segue mais adiante...

Empregai um pouco de energia – aparecerei, falai, requirei, agitai-vos enfim. Vede o que se passa na Suécia, na Noruega, na Dinamarca, na Suíça, na Alemanha, na Austrália, na Áustria, nos Estados Unidos da América, por toda a parte as mulheres não têm medo de se agitarem e gozam de direitos que nós não possuímos.

[...]

Causa pasmo que não vos agiteis sem cessar. Causa pasmo que tenhais consentido decorrerem longos meses e anos sem protestar contra a inércia dos legisladores.

[...]

Pois bem senhoras, uni-vos, agrupai-vos, e manifestai que é grande o vosso número.

[...]

Mulheres brasileiras, mãos à obra! (A FAMÍLIA, 2 de janeiro de 1892, apud BICALHO, 1988, p. 198-199).

A nação experimentava mudanças importantes depois da República proclamada em 1889. A primeira ação do governo provisório, que era chefiado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, foi reunir um

congresso constituinte para estabelecer discussões políticas que regularizariam as novas leis do país. O voto feminino tinha o esteio de alguns congressistas, porém, argumentos que se pautavam na incapacidade intelectual feminina e o catecismo comtiano invocados por alguns convenceram a grande maioria do congresso. Em razão disso, a primeira constituição republicana do país ignorou o direito de voto às mulheres, frustrando as expectativas das defensoras do sufrágio.

Frustradas, porém esperançosas, as feministas redobram seus esforços em uma militância efetiva no primeiro decênio do século XX. Efetiva porque ações concretas foram tomadas em um movimento organizado por mulheres que surgiu em 1910, quando a baiana professora e jornalista Leolinda de Figueiredo funda o Partido Feminino Republicano. Como a questão do sufrágio feminino não tinha mais sido discutida desde 1891, ela teria a missão de levar a discussão para dentro do Congresso. Entre outras questões, o partido advogava em prol das mulheres concorrerem a cargos do serviço público, restritos aos homens.

No Congresso, dentre os pareceres daqueles que interpretavam a Constituição, os argumentos contra o sufrágio ainda estavam calcados em questões morais, mas sem justificativa jurídica que se sustentasse, uma vez que se pautavam nos mesmos argumentos utilizados no final do século XIX, isto é, a incapacidade mental das mulheres. E quando as argumentações arrolavam-se como aspectos jurídicos, os congressistas alegavam que a mulher casada ou solteira era dependente do marido ou pai e, portanto, não estava apta para exercer um voto consciente, e, desta forma, restringiam a questão do sufrágio apenas numa razão moral valorativa. Tais argumentos foram mantidos, incansavelmente, em todos os debates do Congresso, obrigando as sufragistas a buscar apoio junto a juristas de renome, como o deputado Juvenal Lamartine, do Rio Grande do Norte, um dos maiores aliados do sufrágio feminino dentro do Congresso brasileiro.

Discussões desta natureza eram fomentadas por duas instituições nevrálgicas, Estado e Igreja, que insistiam em atribuir um ônus moral na conduta das mulheres, restringindo-as ao ambiente doméstico. Porta-voz conflitante sobre a atuação do clericalismo, *A Madrugada* vê na Ordem o “maior inimigo da emancipação feminina” e assim se expressa:

A MULHER E OS DOUTORES DA IGREJA

A mulher tem sido em todos os tempos a arma de que o clericalismo se serve para dominar as

consciências e lança-las em um oceano de trevas e de horror. Escravizada pela igreja, a Mulher [sic] tem sido sempre para ela um objeto de escárnio e de desprezo, tem por ela sido tratada como a última das criaturas sobre a superfície da terra. [...]

Pois, devido à sua ignorância, à sua estúpida sujeição, à sua miserável passividade, a mulher, – a eterna réproba condenada pelos Doutores da Igreja – continua arrastando seus vestidos no pó dos templos e escutando a voz dos falsos oráculos [...]

Para sua edificação, vamos dizer-lhes a opinião formulada por Santo Agostinho, S. Boaventura, etc.; à cerca da mulher.

Ouçam S. Cipriano: “A mulher é o isco envenenado de que se serve o demônio para se apoderar das almas do homem”.

Agora lhes apresento S. Jerônimo, cuja inventiva, como vão vê, é bastante fértil: “A mulher – diz ele – é a porta do demônio, caminho da iniquidade, dardo do escorpião, espécie, entre todas e a mais perigosa”. Saborearam?

Pois vão ouvir melhor. Quem fala é Santo Antônio: “Maldita aquela que me impediu de nascer no paraíso terrestre. Cabeça do crime, arma do diabo, – quando virdes uma mulher, não é um ser humano que tendes a sua frente, não é um animal feroz, mas é o diabo em pessoa”.

Poderíamos ainda citar, minha senhoras, S. Gregório, S. João de Damas, S. Bernardo, etc., etc. Todos têm para a mulher *amabilidades* semelhantes. [...]

No passado e no presente, a mulher é *coisa* da Igreja. Entregam-lhe a pura e ela restitui a pervertida. [...]

Como nós nunca nos cansaremos de combater a igreja e de apontá-la como o maior inimigo da emancipação feminina, que o mesmo é a emancipação da sociedade (anônimo) (30 de setembro de 1912, p. 3).

A leitura desse texto merece algumas considerações: de fato, a mulher sempre ocupou importante papel na história da Igreja que, em

conformidade com sua necessidade, “tenta muitas vezes ajustar suas proposições às condições reais apresentadas pelas diferentes situações históricas” (NUNES, 1997, p. 483). Sob vigilância e controle do clérigo, as mulheres tinham seus destinos traçados desde o nascimento a partir de dois véus: da primeira comunhão e do matrimônio. (GIORGIO, 1991) Ser mulher cristã significava: ser perfeita, reclusa, recatada, obediente, intocada, inferior, sem paixões, sem desejos e sem escolhas. Ser mãe significava: ser exclusivamente geradora, fiel, dedicada, religiosa, orientadora e submissa. Nestes perfis, ficou instituída a verdade operada pela unificação do comportamento feminino, calcada pelos contornos religiosos da moral. *A Madrugada* combatia rigorosamente essa cultura gerada pelos “doutores da igreja”, pois suas redatoras acreditavam que a dominação das mulheres era “devido à sua ignorância à sua estúpida sujeição, à sua miserável passividade”. Em 1911, há a separação oficial entre a Igreja e o Estado.

Para *A Madrugada*, esse drama temporal fundado pela disciplina da submissão havia acabado. Era hora de combater “a voz dos falsos oráculos”, como citou o recorte. Por essa via, suas páginas eram povoadas de notícias sobre a movimentação feminista, manifestações e conquistas, como, por exemplo, a nota que circulou na seção “Ecos do Estrangeiro” sobre o voto feminino: “Um verdadeiro triunfo internacional a concessão do voto parlamentar a mulheres na Califórnia, que é o mais vasto e importante dos seis estados americanos, onde o sufrágio feminino já é uma realidade” (30 de novembro de 1911, p. 2).

Enquanto isso, *A Madrugada* dá cabo de notícias sobre a fundadora da Liga, Ana C. Osório, que, depois de ficar um ano e meio em São Paulo, chega a Lisboa para ficar dois ou três meses. (28 de fevereiro de 1913); porém, sem demora, anuncia que “partiu para São Paulo, a bordo do *Alanza*, no dia 12 do corrente, esta querida e sócia amiga” (31 de maio de 1913, p. 1).

A partir das considerações acima, o próximo subtema privilegia a natureza da ação e do pensamento de uma das maiores defensoras do feminismo português e tenaz do intercâmbio entre as mulheres brasileiras e portuguesas: Ana de Castro Osório. A feminista promoveu indubitavelmente laços relevantes entre os dois países rumo à construção sólida do pensamento crítico em defesa do direito moderno pela igualdade social. Sendo assim, *A Grande aliança* é um importante documento para o estudo da política sociocultural entre brasileiras e portuguesas.

3.3. A Grande aliança

Sabemos que Portugal e Brasil são espaços que se sobrepõem na história²⁴⁶; uma história que pode ser associada igualmente à luta das mulheres; mulheres que ultrapassaram limites espaciais; espaciais porque, tanto as portuguesas, quanto as brasileiras compartilharam ideias necessárias para alcançar a igualdade entre homens e mulheres.

Nesse contexto, entrecruza-se com o Brasil o nome da portuguesa Ana de Castro Osório (1872-1935), feminista atuante, admirada e muito conhecida nos trópicos. Frequentadora assídua nos periódicos brasileiros, muitas das suas colaborações são encontradas no *Corymbo*.

A história particular de Ana de Castro Osório não pode ser separada da vida política de Portugal; ao contrário, sabemos que a escritora feminista é parte da história social portuguesa e está diretamente associada a uma corrente de pensamento que alterou a forma de viver das mulheres do seu país. É consensual entrelaçar seu nome à revista *Sociedade Futura* (1902); ao “Grupo Português de Estudos Feministas” (1907); à “Liga Republicana das Mulheres Portuguesas” (1908); aos congressos do “Partido Republicano Português” (1909); à “Associação de Propagandas Feministas” (1911) e ao momento de efervescência da política portuguesa: a revolução de 5 de outubro de 1910, quando da instauração da República; enfim, um nome ligado à formação do pensamento político feminino.

A intervenção política educativa realizada pelas mulheres, ocorrida antes e depois de instituída a República em Portugal,²⁴⁷ até mesmo durante o Governo Provisório (1910-1911), conta com nomes de Ana C. Osório, Adelaide Cabete e Maria Veleda, entre outras tantas.

²⁴⁶ O título deste sub-tema refere-se ao título do livro publicado por Ana de Castro Osório.

²⁴⁷ Ao contrário do Brasil, a República Portuguesa só foi implantada depois de um sangrento processo revolucionário, que Maria Veleda chama de “Vermelho Estandarte da Revolução” no texto “Cinco de Outubro”, publicado n’A *Madrugada* em 15 de outubro de 1912: “Vão decorridos dois anos do glorioso dia em que um punhado de heróis, dando sua vida em holocausto da liberdade, desfraldou sobre esta linda cidade branca e luminosa, o vermelho estandarte da revolução. [...] Cada tiro de canhão, cada descarga de fuzilaria tinha em nosso coração um eco doloroso. [...] Viveram-se como um sono essas horas trágicas da revolução. E sonhando nos julgávamos ainda, quando ouvimos os primeiros gritos de vitória. [...] E esse velo exemplo de grandeza moral, que o povo Português dava ao mundo, correspondeu o primeiro governo da república [...] A ele se deve, leis dum grande alcance social, como o Divórcio, da Família, da proteção à infância e da Separação. E se os ministros do governo provisório tivessem sido reeleitos, como bom senso e a experiência colhida aconselhavam, cremos bem que a política teria acertado. Infelizmente, porém, tão não sucedeu. [...] A antiga solidariedade que os tinha unido [...] caiu no esquecimento” (ano II, n. 15).

Elas estavam presentes nas redações dos jornais, lojas maçônicas, associações feministas e nas ruas, de forma a promover a consciência política, sobretudo feminina, em prol da democracia do país. Sobre essas mulheres, escreve o pesquisador João Esteves:

Em todas houve forte componente republicano feminista e maçônica, abarcando diversos publicanismos e feminismos, e, enquanto organizações que pugnavam pela emancipação das mulheres partilharam a luta contra a segregação motivada por determinismos de sexo ou gênero e reivindicaram a igualdade de direitos. O voto, o direito à instrução, ao trabalho e à determinação dos bens, o combate à prostituição e à mediocridade infantil, constituíram temas comuns dos discursos (2008, p. 27).

Da capacidade reivindicativa das feministas resultaram esperanças no favorecimento das causas emancipatórias, uma vez que, com a mudança do regime político, elas estavam convencidas de que garantiriam direitos antes negados pela Monarquia. É dentro deste espírito que Ana C. Osório escreve para a revista *A Mulher e a Criança*:

A República encontrou nas mulheres as mais frementes propagandistas. [...]. Nós, as mulheres que formamos a Liga, temos responsabilidades para o futuro, responsabilidades que não devemos nem queremos alijar. [...] Nós queremos e devemos servir a República, não servindo homens, mas servindo ideias. [...] Demos-lhes todo o nosso trabalho e todo o nosso apoio, pensando em reconhecimento que, sem ela, nós, as mulheres, nada poderíamos avançar nem progredir socialmente. [...] (OSÓRIO, apud ESTEVES, 2008, p. 72-73).

E “pensando em reconhecimento” e progresso, e afirmando ser mais feminista do que republicana, depois de instituída a República, Castro Osório continuou a liderar as mulheres, promovendo sessões com correligionários – deputados, senadores –, e mantendo audiências com o Presidente do Governo Provisório para discutir a revisão do Código Civil, enfim, tudo precisava ser revisto para o triunfo definitivo da República e, nela, das mulheres.

A intervenção cívica de Ana C. Osório estava intimamente ligada ao propósito pedagógico de “socializar o mundo”, segundo suas palavras. Para ela, a educação e o trabalho, assim como pensava Andradina, eram caminhos indispensáveis para a afirmação social das mulheres. Nestes termos, sua ação estendeu-se em obras de cunho pedagógico, muitas das quais ligadas à literatura, inclusive infantil. Sobre as obras, lemos uma crítica de um contemporâneo seu:

Para ser publicado logo que chegar a Lisboa tem um romance que já foi terminado no Brasil e que assim devia ser, pois sua ação decorre em grande parte no nosso país. Esse romance tem por título: *“Mundo novo” e sua tese puramente feminina é bastante nova e interessante*”.

Questões sociais:

Sob o ponto de vista da propaganda social tem D. Castro Osório uma vasta obra, destacando-se *apenas nos volumes publicados, sem falar das conferências, relatórios, colaborações em jornais que representam uma atividade enorme*. A lista das obras publicadas em volume é “As mulheres portuguesas” (instrução e educação); “Crianças e mulheres”; “Mulher no casamento e no divórcio”; “As mulheres na agricultura, nas indústrias regionais e na administração municipal” e “Em tempo de guerra”²⁴⁸ (ESPÓLIO 12 - Coleção Castro Osório [grifos nossos]).

Como sabemos, Ana C. Osório viveu em São Paulo entre os anos de 1911 a 1914, em companhia dos dois filhos pequenos²⁴⁹ e do

²⁴⁸O referido texto pertence ao Espólio de Ana de Castro Osório, depositado no acervo da Biblioteca Nacional de Portugal. – Espólio 12, Coleção Castro Osório (Família), “IV Manuscritos de Terceiros”, página 42. Infelizmente se trata apenas de um recorte de jornal, impossibilitando a identificação do mesmo, sua procedência, assim como a autoria do texto, mas há indícios de que seja um jornal do Rio Grande do Sul e, o autor, gaúcho.

²⁴⁹Um dos ilustres filhos, José Osório de Oliveira, passou dos 11 aos 14 anos no Brasil, com os pais, e se tornou, posteriormente, crítico, cronista e ensaísta, autor da primeira História da Literatura Portuguesa, em 1926. (SOUZA, 2014) Anos mais tarde, assim como a mãe, José Osório faz algumas conferências pelo Brasil, mas voltadas aos assuntos literários. Em entrevista cedida para um jornal brasileiro (mais uma vez o referido documento que consta no espólio 12 é somente um recorte de jornal sem qualquer identificação), ele fala sobre as conferências realizadas em São Paulo e Minas Gerais sob o título “A verdadeira literatura portuguesa”. Ao mesmo tempo, uma de suas vindas ao Brasil – acreditamos que teria sido por volta de 1923 a 1926 – teve o propósito de “recolher dados sobre a literatura brasileira, pois futuramente escreveria um livro sobre esta”; segundo a pesquisadora Raquel dos Santos

esposo, Paulino de Oliveira,²⁵⁰ que exercia função de cônsul no Brasil. Sabemos, do mesmo modo, que, mesmo distante da terra natal, ela não deixou de dar seu testemunho interveniente das causas feministas portuguesas, escrevendo regularmente cartas para *A Madrugada*. Todavia, não faltou trabalho no Brasil, também. Além da “Melancolia e saudade” de Portugal, uma “mesinha atulhada com os últimos jornais da semana, cheia de livros e de papéis” comprova muito trabalho cotidiano ligado à produção da palavra; palavra essa voltada ao cunho pedagógico, o que se confirma nas próprias palavras de Castro Osório: “era necessário que viesse, e vim, para continuar a obra de simpatia e de ligação moral, que tem sido o sonho da minha vida!” (OSÓRIO, [s.d.], p. 16). Nesse sentido, provavelmente, o romance “*Mundo novo e sua tese puramente feminina*”, terminado no Brasil, estava entre os rabiscos de sua mesinha, “sem falar das conferências, relatórios, colaborações em jornais” que se juntam à realização de atividades exercidas no Brasil. Acrescentam-se as viagens e os contatos com as feministas do país.

Em uma destas viagens, notadamente em 1923, Castro Osório visita o Estado do Rio Grande do Sul, onde, na cidade do Rio Grande, encontra-se com as irmãs Revocata de Melo e Julieta de Mello Monteiro. Ao que parece, as intelectuais já tinham um elo de contato, porque tanto a portuguesa e sua conterrânea, Maria Amália Vaz de Carvalho eram assíduas colaboradoras do *Corymbo*; esta última também do *Escrínio*, em 1901,²⁵¹ enquanto as rio-grandinas eram presença certa nas páginas de *A Madrugada*, segundo notícia do próprio jornal de Rio Grande, que publica um texto de Revocata “cujo retrato em miniatura fulge na primeira página da *Madrugada*” (CORYMBO, apud VIEIRA, 1997) – isso ainda em 1896. O encontro favorece ainda mais interação entre os dois países, vindo a se concretizar posteriormente, tanto pela permuta de periódicos, por exemplo, do *Corymbo* com *A Semeadora*, de

Madanelo Souza, “quando ele pensava em literatura brasileira, pensava a partir da própria infância passada no Brasil” (2014). O segundo Filho, João de Castro, moço ainda, dirigia a Empresa Lusitânia, editora, junto com a mãe.

²⁵⁰ Membro do Partido Republicano português, depois de instaurada a República, o poeta Paulino colaborou em Portugal, com o Ministro da Justiça Afonso Costa na elaboração da Lei do Divórcio. Incentivador da vida intelectual de Ana C. Osório, durante o tempo em que morou no Brasil, Paulino mantinha contato com um dos mais renomados intelectuais do país, Silvío Romero. Fato que identificamos na carta do brasileiro ao cônsul: “Meu caro Sr. Paulino de Oliveira. Envio-lhe: 1º, prefácio do livro do Tito Lívio, acompanhado; 2º, o índice, 3º, as folhas impressas do livro. [...] Excursado é a inda repetir-lhe que fico, com maior prazer, sempre às ordens de V. Exª. e de sua Exmª. senhora esposa, a quem respeitosamente envio cumprimentos”, datada de 2 de setembro de 1912. (Espólio 12: Coleção Castro Osório, Família. Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal)

²⁵¹ Ver anexo IV - 3ª Fase, 1901.

Lisboa, (VIEIRA, 1997), dirigido por Castro Osório, quanto pela parceria nas publicações literárias. Sobre essa união intelectual luso-brasileira, fala-nos Castro Osório: “Tanto em Portugal, como no Brasil, a mulher afirma-se em nomes tão gloriosos que o citá-los em detalhe seria tarefa para querer largo tempo e muita erudição” (OSÓRIO, [s.d.], p. 17).

A política de intercâmbio também estava alicerçada nas relações das boas amizades construídas através do respeito e admiração, o que podemos observar em algumas cartas trocadas entre os pares, como é o exemplo da missiva escrita por Júlia Lopes de Almeida para Ana de Castro Osório, em 22 de outubro de 1912,²⁵² que assim se expressa:

Minha boa e querida amiga.

O meu desejo quando li o seu adorável e consolador artigo no “Portugal Moderno”²⁵³ foi correr à central, apagar do medo que ela me inspira e vir ao seu querido Minho apertá-la de encontro ao coração. Dirá à minha boa D. Ana não podendo vir a São Paulo porque não me telegrafou ao menos [...].

Que me diz de sua viagem? Irá mesmo em Dezembro? *Ah, minha boa amiga*, como eu gostaria de ir também. [...]. Meu marido e meus filhos pedem aporá mandar-lhes em seu nome cumprimentos afetuosos [...] bem como a seu querido filho [José Osório], que espero ver em breve de passagem para o lindo Portugal. [...]

Abraço ternamente a minha boa Ana.

[...] e desculpe a esta selvagem ter levado tanto tempo antes de lhe mandar nesta carta. *O seu mais doce sincero obrigada.*

Toda sua

Julia (Espólio 12: Coleção Castro Osório, Família. Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal [grifos nossos]).

²⁵² Ou dia 12, data ilegível na missiva escrita a punho.

²⁵³ *Portugal Moderno* era um jornal publicado no Rio de Janeiro à época; entretanto, não temos maior informação sobre o periódico; encontramos apenas uma foto disponível no site <<https://br.images.search.yahoo.com/search/images>>. Acesso em 10 jun. 2014.

A mesma relação observa-se na carta escrita por Andradina de Oliveira para Castro Osório em 4 de outubro de 1913:

Começo abraçando-a com muito afeto.

Em seguida os meus parabéns afetivos pelo aniversário de amanhã que vibrará a *sua alma de republicana e também a minha*, pois que venho de portugueses e me bati pela república do meu país [...] *Minha colega querida*, em Viagem ao Rio, no fim deste ano, irei a São Paulo, abraçá-la. [...]

Sua entusiástica irmã.

Andradina de Oliveira (Espólio 12: Coleção Castro Osório, Família. Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal [grifos nossos]).

Por vezes, o tratamento afetivo partilhado entre as escritoras, com demonstrações carinhosas de expressões como: “começo abraçando-a com muito afeto”; “minha colega amiga”; “toda sua” misturava-se ao tratamento profissional, ligado à atividade intelectual, com declarações como: “sua entusiástica irmã” e “seu adorável e consolador artigo”. Essas formas de tratamento elogiosos com tributos bastante valorativos eram frequentemente utilizadas entre as escritoras e, especificamente, por Andradina, conforme podemos observar na análise de sua obra.²⁵⁴ Com essa atitude quase maternal e protetora, às vezes “forjada” e “exageradíssima”, “torna-se evidente haver outra coisa atrás das palavras” (MUZART, 1990, p. 65). A fórmula latente estabelece uma nítida intenção de reafirmar o trabalho de um grupo intelectual que estava e sempre esteve à margem das “grandes obras” e dos grandes e “ilustres pensadores da literatura”. Do ponto de vista dessa relação afetiva do grupo das letradas, muitas vezes, expressavam-se por homenagens, como é o exemplo da poesia de Lola de Oliveira para Prisciliana Duarte de Almeida:

Amizade

É no teu coração

²⁵⁴ Cabe ressaltar, aqui, o estudo realizado por Míriam Steffen Vieira (1997) em relação à forma de apresentação qualitativa prestada por Andradina na avaliação da atividade das colegas literatas.

Tão cheio de afeição
 Querida
 Amiga
 Que a minha alma dorida
 Hoje se abriga.
 É bem junto de ti
 Que eu esqueço
 E espaireço
 As torturas
 E grandes amarguras
 Que sofri.
 [...]
 E a tua amizade
 Que minha alma se alenta
 E suaviza uma grande saudade
 Que tanto me atormenta
 (OLIVEIRA, 1934, p. 105).

No que diz respeito à obra de Castro Osório direcionada ao público infantil, evidentemente se trata de um trabalho que reúne elementos de cunho didático e moralizador, assim como a obra de Andradina de Oliveira para as crianças em *Contos de Natal*, por exemplo. Alguns dos livros de Ana de C. Osório foram adotados tanto nas escolas portuguesas, quanto brasileiras, como os livros *Nossos amigos*, aprovado para ser utilizado nas escolas primárias de São Paulo e Minas Gerais, e *Lendo e aprendendo*, que “constitui uma grande novidade pedagógica”, aprovado nas escolas de São Paulo e Portugal, bem como a série *Viagens aventurosas de Felício e Felizarda*, narrativa em que a escritora procura “desenvolver o gosto geográfico nas crianças”, tendo o *Segundo Episódio* “Uma viagem ao Brasil destinado aos pequenos leitores das duas nações”. Todas essas informações são fornecidas por um crítico literário à época, conforme referenciamos em outro momento e, ao que parece, atribui à obra um valor especificamente pedagógico. Assim ele assinala:

Obras de literatura infantil:

Formam coleções para as crianças 18 volumes que começou a publicar em 1897: [...] A maior parte destes volumes, todos ilustrados [...] são contos colhidos pela tradição popular portuguesa e brasileira [...]. Toda a mocidade portuguesa tem sido criada a ler estes livros que são muito

conhecidos, também no Brasil, especialmente no Rio, São Paulo e Minas. [...] Segundo este esplêndido filão é a nova série de artigos de luxo, de pequenos contos tradicionais [...], coloridos, que as crianças rio-grandenses, já conhecem pelo amoroso cuidado da ilustre. [...].

Livros didáticos;

Esta é uma modalidade interessante de vida literária de A. C. O, pois ela influi bastante na educação cívica e prática do povo português e brasileiro. “Em minha pátria distribuo nos primeiros ares de 1907, em todas as escolas oficiais, ainda hoje é lido com o interesse em Portugal e no Brasil.” [...] Acaba de publicar o primeiro volume da série “Viagens aventurosas de Felício e Felizarda. [...] O primeiro episódio “Ao Polo Norte”; [...] se segundo “Uma viagem ao Brasil – São Paulo e Rio” está no prelo e é ansiosamente esperado por todos os pequenos leitores [...]

Esperamos que sua viagem ao Rio Grande do Sul, uma terceira viagem, apareça que diga a todos os pequenos brasileiros e portugueses o que é este nosso belo Estado (Espólio 12: Coleção Castro Osório, Família. Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal).

O exposto sugere que as obras de literatura infantil e livros didáticos apresentam um percurso marcado pela ativa participação de Castro Osório na vida educacional brasileira. *Lendo e aprendendo*, por exemplo, foi editado no Brasil em 1913, pela “Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira”. Segundo a investigadora portuguesa, Maria José Lago dos Remédios, “dois manuais de cariz educativo adoptados no Brasil – *Uma lição de história* e o outro *Lendo e aprendendo* – [...] propõem uma alteração na sociedade através da educação cívica das crianças e até das próprias mulheres” (2013, p. 3); e faz outras observações:

Estamos perante duas obras que têm em comum o facto de se tratarem de produtos literários de uso pedagógico, alvo de aprovação do poder institucional brasileiro de âmbito estadual. [...]

estes manuais tem como destinatário um público escolar geograficamente distinto, [...] o que significa que alguns dos seus textos não sejam utilizados como recursos pedagógicos, por professores de outros Estados brasileiros. Apesar de diferentes, do ponto de vista estrutural, em ambos há a recuperação de uma história tradicional, justificando-se o discurso do presente num passado glorioso (Ibidem, p. 4).

De forma significativa, a investigadora observa ainda que se “por um lado um percurso de vida marcado pela causa feminista, nele se inscrevendo a sua obra literária, e que se estende ao Brasil, [...], por outro lado, que, apesar de qualquer classificação implicar opções, se negligencia a natureza feminista” (Ibidem, p. 3), dois manuais, entretanto,

a formação cívica marca uma presença constante, de uma forma explícita ou mais disseminada, nestes dois manuais, vinculando-se através dela um novo posicionamento da mulher, familiar e social, e ela constitui um dos elementos do nó figurativo da representação que as feministas têm da educação. A intensidade da valorização da educação/instrução é idêntica em ambos os manuais e a mulher, que em muitos deles assume o papel de mãe, educa aqueles com quem priva, em especial os filhos, desmistificando preconceitos sociais e superstições religiosas (Op. cit., p. 7).

Sem rodeios, Castro Osório professa suas aspirações: “esse sonho é a aliança firme e segura das duas Pátrias irmãs, é o predomínio da raça comum, [...] é a ressurreição duma fé e duma energia coletiva, tão grande que importa ao mundo respeito pelo que fomos, criando uma nova era de lusitanismo a engrandecer a história” (OSÓRIO, [s.d], p. 18). Podemos pensar em um “olhar hierárquico eurocêntrico” próprio do colonizador sobre o colonizado, isto é, de Portugal para o Brasil? Esta realidade se insere no sistema de inter-relações de raça, de etnia, estética e cultural distinto, no processo de construção dos elos e conexões entre tão diferentes públicos, acerca do contingente feminino.

Castro Osório volta para Portugal em 1914, depois do falecimento do esposo no Brasil,²⁵⁵ em 14 de março. Porém, mesmo com a possível mudança estrutural na família, a intelectual não deixou de trabalhar incansavelmente pelos ideais de sua luta; ideais que foram, como observamos, igualmente direcionados à educação das crianças, pois, segundo suas palavras, as crianças “hão de ser amanhã os grandes realizadores do nosso sonho fraternal” (OSÓRIO, [s.d.], p. 18).

Entretanto, o elo entre Portugal e Brasil, ou melhor, entre Ana de Castro Osório, brasileiras e brasileiros e/ou portugueses que viviam nos trópicos, estende-se não só aos interesses da política educativa, mas, nomeadamente, aos interesses culturais, econômicos e políticos de todas as circunstâncias; é o que observamos em duas missivas enviadas²⁵⁶ da cidade de Rio Grande, pelo português Belmiro Pegas, segundo *Corymbo*, amigo de Castro Osório, para a intelectual em Lisboa, em 10 de outubro de 1918. Lemos o resumo da primeira carta:

Ilustre patrícia, saudações.

Envio junto com a carta 10 números (dois de cada) do jornal *O Tempo*, em que foram transcritos os admiráveis artigos de V. Ex^a. Em que, tão cheios de verdade justiça foram avidamente lidos. O proprietário [...] insiste que mande mais artigos (Espólio 12: Coleção Castro Osório, Família. Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal).

Já na segunda epístola, que começa com: “saudações afetuosas”, Belmiro descreve um passeio feito na Ilha dos Marinheiros,²⁵⁷ onde ficou entusiasmando com um grande número de estabelecimentos comerciais com nomes e títulos portugueses. Escreve, ainda, que “D. Revocata de Melo e D. Julieta de Melo Monteiro e Manoel José de Morais, enviam-lhes muitas lembranças” (Espólio 12:

²⁵⁵Paulino de Oliveira, depois de um ataque de albumina, falece, no Brasil, em 14 de março de 1914, antes de gozar da licença para se tratar em Portugal. (LOUSADA, 2013, p. 101)

²⁵⁶Identificamos que são duas cartas com períodos distintos de envio, mas, muito aproximados. As duas missivas, todavia, estavam armazenadas juntas e na mesma pasta do referido assunto: cartas.

²⁵⁷A “Ilha dos Marinheiros” é a maior ilha da Lagoa dos Patos (maior laguna do Brasil), no Rio Grande do Sul. A ilha é considerada patrimônio cultural da cidade do Rio Grande pela preservação de valores da cultura portuguesa.

Coleção Castro Osório, Família. Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal).

É neste contexto que se insere outra carta enviada do Brasil para Castro Osório. Trata-se da missiva da “amiga Luíza”, que escreve de Presidente Prudente, um município do interior de São Paulo. Neste registro, Luíza desculpa-se pela demora de resposta da carta e agradece pelo envio dos livros como presente aos dois filhos. O livro é *Aventuras aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil* e diz que “os meninos emprestaram aos professores”.²⁵⁸ Diz, também, que, “infelizmente, tem vindo cada remessa de alemães daqueles de Sol de Maio Alto Paraná... gente absolutamente sem ideia de lavoura, pelo contrário, são profissionalistas de grandes cidades, nunca tiveram um machado e uma foice nas mãos; queria Deus que não aconteça como no Alto Panamá. Vamos ver o que dá nisto”. Despede-se com “saudosos abraços da amiga certa Luíza” (Espólio 12: Coleção Castro Osório, Família. Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal).

Neste cenário, chega ao Brasil Bertha Maria Julia Lutz,²⁵⁹ que se tornaria a mentora da campanha sufragista feminina brasileira. Depois de alguns anos a estudar na Europa e acompanhar a campanha sufragista na Inglaterra, Bertha volta, presta concurso e, depois de uma enorme repercussão pela nomeação de uma mulher a um cargo público, assume a função de secretária do Museu Nacional. (HAHNER, 2003) Nesse ínterim, ela funda, em 1919, a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, substituída, em 1922, pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – FBPF. Com pretensão de acirrar a campanha pelo sufrágio, as militantes da Federação não só marcam presença no Congresso na intenção de pressionar os congressistas, como organizam o Primeiro Congresso da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, em 1922. Pela experiência e contatos que Bertha tinha fora do Brasil, o movimento começa a chamar a atenção da elite intelectual dentro e fora do país, conforme a pesquisadora June E. Hahner escreve:

²⁵⁸ Fala, também, do marido que está trabalhando na estrada de ferro que irá ao Panamá onde “os homens ficaram a explorar as barrancas de rio Pirapozinho e Paranapanema, entrando em território Panamenho”. Fala de uma casa que compraram há quatro anos, com um “quintalzinho”, onde procuram plantar frutos, pois há lá somente mamão em abundância.

²⁵⁹ Bertha Lutz, filha do pai suíço-brasileiro Adolfo Lutz, um pioneiro da medicina no Brasil, e da mãe Anny Fower, ex-enfermeira voluntária no Havai, passa grande parte dos seus estudos na Europa, onde se gradua em Ciências pela Universidade de Sorbonne, Paris, e, no Brasil, Bertha diploma-se em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro, tornando-se uma das maiores responsáveis pela campanha sufragista da mulher brasileira.

A cobertura da imprensa das ações brasileiras na cena sufragista internacional fornecia publicidade adicional. Bertha Lutz, que sempre foi responsável por uma especial atenção da imprensa no exterior, continuou a manter estreitas ligações com o movimento internacional e a participar de conferências femininas que eram promovidas por outros países (2003, p. 307).

Mobilizando um número cada vez maior de mulheres, a FBPF mantém um programa de rádio com intuito de fomentar a união das sufragistas, sempre convocadas a participar mais ativamente dos fóruns e discussões das sessões do Congresso. O movimento tinha sob vigilância os apurados olhos de Bertha Lutz e uma de suas maiores parceiras, Carmem Portinho, a engenheira civil que compunha “o pequeno grupo de profissionais que integravam o movimento” (Idem, p. 310). Pequeno grupo, mas grande na força expressiva, “as sufragistas brasileiras, nos mesmos moldes dos contatos internacionais, criam, no Brasil, uma rede nacional de intercâmbio com o intuito de divulgar e expandir suas ideias” (p. 310).

Em 1922, Ana de Castro Osório retorna ao Brasil para celebrar “com os seus patrícios” o I Centenário da Independência. E, por um período de oito meses que permanece no país, a intelectual realiza diversas conferências pelos estados brasileiros, como Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. (REMÉDIOS, 2013) De São Paulo temos notícia de que o Centro Republicano Português realiza, em 8 de março de 1923, no Teatro Municipal, a conferência proferida por Ana C. Osório com o título: “A aproximação Luso-Brasileira”. Sobre o evento, reproduzimos abaixo o convite:

Exmo. Temos a honra de lhe comunicar que a notável escritora portuguesa a Exma. D. Ana de Castro Osório quis assinar a sua passagem por São Paulo, proporcionando aos seus numerosos admiradores uma hora elevada de prazer espiritual; e, assim, resolveu realizar, no próximo dia 8 pelas 20 ½ horas no Teatro Municipal, uma conferência pública, dedicada aos seus amigos, Portugal e Brasil que o tema tratado será a aproximação luso-brasileira. É ocioso enaltecer os méritos literários da distinta escritora e conferencista [...].

A Comissão: Dr. José Augusto Magalhães (cônsul de Português); João Domingues Tavares (presidente do Centro) (Espólio 12: Coleção Castro Osório, Família. Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal).

As várias conferências realizadas pela feminista portuguesa no Brasil foram reunidas no livro *A Grande aliança*, que publica logo que retorna a Portugal. O elucidativo título alude à “Grande Aliança dos povos lusitanos, [...] que impõe pela tradição do passado e vive o maior sonho do futuro” ([s.d], p. 36). Nestes termos, a autora observa ainda que:

Este milagre o vemos realizado no Rio Grande do Sul, um dos Estados mais lusitanos tradicionalistas, apesar das suas migrações germânicas. Esse milagre o vemos no Paraná, onde a cultura e a literatura se impõem numa acentuada imposição luso-brasileira.²⁶⁰ [...] Tratemos, meus senhores, todos unidos no mesmo pensamento pela maior grandeza do Brasil e de Portugal! E vivendo um sonho coletivo, cada um de nós, em si próprio, a maior acção pelo engrandecimento das nossas duas Pátrias! (Ibidem, p. 36).

Sob um amplo painel de discursos laudatórios compilados em seis capítulos, Castro Osório proclama sua grande esperança na mulher que, para ela, estava vinculada a mais importante missão patriótica, pois “não pode haver uma grande nação se não houver nas mulheres este sentimento que as faz as guardas e fiadoras das qualidades e tradições da raça; mas nas mulheres de Portugal e do Brasil ele é tão exaltado que é difícil encontrar outros povos que se comparem” (p. 39). Com relação a essa argumentação, expressa Maria José Lago dos Remédios:

Jugo que se inscreve no forte vínculo existente entre o movimento brasileiro e o português e

²⁶⁰Embora Castro Osório não se refira a um nome específico desta “acentuada imposição luso-brasileira”, acreditamos que se trate de Mariana Coelho, a portuguesa que imigrou para o Brasil, onde se instalou em Curitiba, Paraná, e, ainda muito jovem, “participou de maneira efetiva na sociedade paranaense através do seu trabalho como educadora, escritora e defensora dos direitos da mulher” (KAMITA, 2005, p. 15). Sobre a portuguesa, ver a pesquisa realizada pela pesquisadora Dr.^a Rosana Kamita (2005).

expressa o envolvimento pessoal de Ana de Castro Osório na construção de uma causa que concebe como duplamente comum, tratando-se de mulheres com a mesma herança histórica (2013, p. 3).

Com o objetivo de preservar o patrimônio cultural, *A Grande aliança*, “além de ser um documento importante para os estudos da vida política, econômica e social [...] tem também o valor de ser um precioso indicativo de que o intercâmbio luso-brasileiro, tendo já grandes protagonistas do passado” (VALE, [s.d], p. 10), foi reeditado pelo Instituto Piaget, de Portugal, por ocasião do 125º aniversário de nascimento da intelectual.

Vendido no Rio Grande do Sul, através da redação do *Corymbo*, *A Grande aliança* foi uma ação afirmativa no processo de bens culturais entre as duas pátrias e, sobretudo, do projeto de união das mulheres. O livro, que conta com a coletânea das conferências, é distribuído em seis títulos, sendo o segundo “A Mulher de Portugal e do Brasil”, considerado relevante para o nosso trabalho, que reúne questões que evidenciam as relações estabelecidas entre as intelectuais feministas. Destacamos alguns pontos do livro de Castro Osório:

A história especial da mulher brasileira e portuguesa está ainda por fazer, destacando-se apenas como padrões que muito alto se erguem, a marcar os factos mais gloriosos, alguns nomes que são pontos de referência a que todos se apegam quando se querem referir as qualidades femininas da raça (p. 39).

[...]

E se muitos são os nomes femininos que, em Portugal, se distinguem, não menos são os que no Brasil representam uma honra para a nossa raça. Desde a grande mulher que foi Nísia Floresta Augusta, a primeira mulher que na América escreveu sobre os direitos femininos – foi, pois brasileira a primeira feminista do Novo Mundo – até a grande romancista, que é Julia Lopes de Almeida, quantas mulheres a ilustrar esta Pátria! (p. 49).

[...]

Desde o Rio Grande ao Amazonas, de polo a polo deste imenso país, quanta mulher que se impõe

pelo seu talento, que trabalha e vence na luta intelectual, quantas vezes mais dolorosa e cruel do que outras!... (p. 49).

Dedicando um interesse especial aos nomes das mulheres que, como afirma, ilustram a Pátria brasileira, “isto sem falar na literatura verdadeiramente feminina”, Castro Osório destaca “sem pretender dar uma lista completa de valores mentais da mulher brasileira [...], não seria possível esquecer os nomes ilustres”

de romancistas como Albertina Berta cuja prosa nervosa e perturbante é toda sensibilidade reveladora; como Andradina de Oliveira, a rio-grandense de tão alto valor; Crisantême, a incansável psicóloga da alma feminina de certos meios modernos; Maria Lacerda de Moura, a distinta mineira que deixa voar o coração e o talento atrás do sonho duma sociedade perfeita; poetisas Zilah Monteiro, a interessante jornalista carioca, Walkiria Neves, moça, a viver o sonho de ventura; Gilka Machado e tantas outras!... ([s.d]).

Propagandista do feminismo no Brasil, a oradora-autora descreve a organização do movimento como uma ação “de um belo exemplo cívico” fortalecido pela ação das mulheres:

Neste momento em que vem de se realizar, no Rio de Janeiro, o primeiro congresso feminino [Congresso Brasileiro pelo Progresso Feminino – 1922], que tem por finalidade estudar o levantamento e progresso moral da mulher, tendo como delegada Norte-Americana e representantes da Argentina e de todas as repúblicas da América do Sul, é de justiça lembrar do nome de Bertha Lutz, a serena e persistente propagandista que votou a sua bonita mocidade ao trabalho e à causa feminina! ([s.d], p. 49).

“Além destes, quantos nomes a inscrever no livro de ouro da moderna atividade intelectual feminina do Brasil?!”, pergunta Castro Osório e responde, na colaboração de seus próprios argumentos,

publicistas, educadoras, propagandistas, oradores polemistas como Margarida Lopes, Mariana Coelho (que bem podemos literariamente considerar brasileira), Ana César, Carlinda Amorim, Júlia Costa, Prisciliana Duarte de Almeida, Ana Aurora, Maria Amélia Daltro Santos e outras cujos nomes não me é possível dar em todo o seu conjunto brilhantíssimo.

Não devemos também esquecer sociólogas como a Dr.^a Mirtes Campos, a primeira senhora que se formou advogada no Brasil. [...] e propositadamente destacados dois nomes que devemos evocar neste momento, pelo que de nobremente belo representam: são os de D. Revocata e D. Julieta de Melo.

[...]

Pedagogas, médicas, advogadas, publicistas, filantropas, sociólogas, grandes agricultoras, comerciantes, industriais, e lista de nomes seria tão grande que não caberia no rápido correr destas páginas ([s.d], p. 49-50).

E, para finalizar seu longo discurso, destaca o seguinte:

Esperamos com toda confiança, que o movimento feminino que está pronunciado no Brasil, [...], resulte o máximo progresso deste país [...] se a mulher o quiser, continuando a vencer a luta em que se empenhou pelo progresso e levantamento moral ([s.d], p. 50).

Sobre o “primeiro congresso feminino” apontado por Castro Osório, trata-se do evento organizado pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – FBPF – que promoveu ligações do movimento brasileiro com os movimentos internacionais, tendo repercussão na imprensa nacional e internacional. Da história deste evento resulta a participação de Bertha Lutz no IX Congresso da Aliança Sufragista Feminina Internacional, em 1923, em Roma, e como delegada no Congresso Interamericano, de 1925, em Washington. Nos anos de 20 e 30, a FBPF se ramificou formando outros grupos de apoio e chegando a congregar 12 associações por todo o Brasil, como a Associação de Funcionárias, a Associação de Mulheres Universitárias e a Associação

de Professoras, entre outras, conforme nos aponta a pesquisadora June E. Hahner (2003).

No que se refere à luta pelo sufrágio, em 1927, no Brasil, Juvenal Lamartine, então candidato à governança do Rio Grande do Norte, garantiu mudanças no Código Eleitoral no seu estado, tornando as mulheres deste estado as primeiras brasileiras exercerem o direito de voto no Brasil. No resultado do pleito, a candidata Alzira Teixeira Soriano é eleita como prefeita. Como consequência do que foi considerada uma primeira vitória, as sufragistas intensificaram a luta: massificaram a presença nas sessões da Câmara, distribuíram panfletos, espalharam folhetos informativos sobre países que já permitiam o voto feminino, organizaram um abaixo-assinado, com duas mil mulheres politicamente ativas, exigindo a aprovação da emenda do voto, enfim. E, paralelamente, Bertha Lutz e Maria Amália Bastos, primeira secretária da FBPF, sobrevoam o Rio de Janeiro bombardeando a cidade com um enorme número de panfletos que convocavam a união da população em defesa dos direitos das mulheres (HAHNER, 2003); em suma, as sufragistas mantinham extrema pressão sobre a classe política.

Quando, em 1930, Getúlio Vargas assume o poder como novo presidente, a estrutura política do país é alterada e o governo promete, publicamente, reexaminar as práticas políticas, incluindo uma reforma no Código Eleitoral. O pragmático presidente provou desejar ouvir as minorias negligenciadas, tais como a classe operária e a população pobre, mas o projeto das feministas parecia ser indiferente. Novamente a FBPF serviria para dar ampla ressonância ao movimento, quando organiza o II Congresso Internacional no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1931. Com representantes do movimento de quinze estados do Brasil e de oito países estrangeiros (HAHNER, 2003), o movimento alcançou o grau de reconhecimento de luta que desejavam, pois, enfim, o direito ao voto foi assegurado às mulheres em nível nacional com o novo Código Eleitoral em 24 de fevereiro de 1932, pelo Decreto nº 21.076, confirmado pela Constituição de 1934.

O Brasil tornou-se o quarto país do ocidente a garantir o sufrágio feminino, atrás de Canadá, Estados Unidos e Equador. Carlota Pereira de Queiróz, educadora e diplomada em medicina, foi a primeira mulher a conquistar uma vaga no Congresso brasileiro, confirmada nas eleições de 1933, enquanto Bertha Lutz conquista a suplência. Foram também eleitas deputadas estaduais em Minas Gerais, São Paulo, Sergipe, Amazonas, Bahia e Alagoas. (ALVES, 1981)

Curiosamente, Andradina de Oliveira, que lutou fervorosamente na campanha pela legalização do divórcio no Brasil, ao que sabemos,

não teve engajamento no movimento pelo sufrágio. O fato nos leva a pensar que cada feminista, a seu modo, tinha concepções próprias sobre mudanças da sociedade e sobre a mudança das condições das mulheres no seu contexto. Retomemos algumas observações sobre a publicação de *A Grande aliança*.

Em 1925, duas cartas reforçam e legitimam a ligação entre os “trânsitos Atlânticos” em que é possível testemunhar as relações “que deixam um rastro de sugestões para pesquisas que queiram desvendar bastidores e camarins das tão pouco conhecidas relações culturais luso-brasileiras” (LAJOLO, 2000, p. 3-4), principalmente no âmbito do comércio livreiro. Ana de Castro Osório, “ligada ao meio editorial pela sua Empresa Lusitânia” (Ibidem, p. 1), escreve para o fundador da Companhia Gráfico-Editora, Monteiro Lobato, o próprio. A data é 11 de abril, e a missiva com três laudas, escrita à máquina, serve à signatária para formular propostas de negócios e intercâmbios entre as duas empresas. Dentre as informações contidas, destacamos:

11 de abril de 1925

Exmº. Senhor
Monteiro Lobato
São Paulo

Em primeiro lugar participo a V. Exª que a nossa casa editora vai entrar em nova fase de progresso, ficando a sua direção exclusivamente a meu cargo e a do meu filho João de Castro, desejando nos ligarmos mais intimamente as boas relações que já pessoalmente tempos com V. Exª e a sua casa.

A venda dos livros brasileiros tende a espalhar-se aqui, [...] e nós teremos a maior satisfação em promover essa aproximação que só valor dará à literatura da língua portuguesa em conjunto.

Pessoalmente venho perguntar-lhe se deseja ser editor dum romance que tenho pronto a ir para a tipografia e que me parece poderá interessá-lo. O título é “Novo Mundo” e a sua ação decorre quase toda no Brasil, Rio e São Paulo, devendo levar umas 300 páginas de texto. Querendo V. Exª. editá-lo cedo-lhe a primeira edição. [...] Aproveito a ocasião para perguntar se desejaria adquirir o direito à publicação dos meus livros da coleção “Viagens aventurosas de Feliciano e Felizarda” de

que o 2º volume, como V. Ex^a. sabe, uma viagem ao Brasil e o 3º que tenho feito, e não publicado ainda, nova viagem ao Rio, Estados do Sul e São Paulo. [...]

Tenho também em estoque alguns exemplares do livro aí muito conhecido “Vivendo e aprendendo” e “Uma lição da História” assim como uma edição de 3.000 exemplares do livro de 1^{as} leituras escolares “O livrinho Encantador” que me parece ainda podia ser vendido com agrado nas escolas. Aqui, nas edições para as nossas escolas é dos que mais vende.

Junto em exemplar ao da “Grande Aliança” que tomo a liberdade de enviar-lhe pelo correio.

[...] perguntando-lhe se deseja adquirir alguns exemplares para mandar juntamente os oferecidos aos jornais e poder fazer-se ao mesmo tempo a propaganda. Este livro vende-se aqui a 15\$00 (quinze escudos) [...].

Aproveito a ocasião para dizer-lhe que meu filho José Osório de Oliveira que V. Ex^a. aí conheceu, está publicando um livro sobre literatura brasileira, com prefácio de Malheiro Dias, em que se refere à valiosa obra literária de V. Ex^a.

Aguardo com maior interesse a resposta de V. Ex^a. e sou com a maior consideração.

De V. Ex^a.

Cog^a. Mt^o. Att^a. Obr^a. (Espólio 12: Coleção Castro Osório, Família. Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal).

A carta com sua significativa relevância sobre as atividades ligadas à literatura e seus trâmites editoriais não encontra, por ocasião da pequena e objetiva carta-resposta do brasileiro, respaldo aos interesses profissionais. Segundo Marisa Lajolo, “as posições de Monteiro Lobato em face de Portugal são complexas” (2000, p. 4), sendo uma das questões o fato de que, no ano de 1924, “Portugal vende ao Brasil 118.839 quilos de livros e compra 2.737” (HALLEWELL, apud LAJOLO, 2000, p. 4). Nesse contexto, acrescenta Lajolo que “também [...], incluía-se assinatura de uma convenção sobre a propriedade literária entre Brasil e Portugal, que, regulamentada em 1924, isentava de imposto a importação de livros portugueses, golpe letal para a nascente indústria brasileira do livro” (Op. cit., p. 3). É nessa

conjuntura político-econômica que responde Lobato em papel timbrado à Castro Osório:

Cia. Graphico – Editora Monteiro Lobato
(Escritório central Praça da Sé, 34-1º andar. (“M”
Sociedade Anônima)

São Paulo, 14 de maio de 1925

Exma. Sra. D. Ana Osório.

Em mãos sua carta de 11 de abril, cujo teor fico ciente, fazendo votos pela prosperidade de sua empresa.

Nossa companhia editora está neste momento fora do mercado, ocupada apenas em imprimir obras já em domínio público, dramalhões, bacamartes de Esrich, Ponsin, Dumas, etc. únicas coisas que o Brasil lê. Como desejamos formar um grande fundo dessa mercadoria, reservamos este ano para isso e de acordo com esse programa não estamos examinando nenhum negocio verdadeiramente editorial, a não ser no ramo jurídico e o didático. Por essa razão creio que não podemos fazer nenhum dos negócios que a Sra. propõe, sendo que eles não estão na alçada da empresa, que é apenas editora, não mantendo nenhuma livraria [...]. Quanto à venda de obras brasileiras em Portugal, isso é cousa em que nem se sonha, não só por causa do câmbio, como porque a mentalidade dos dois países cada vez mais se antagoniza, e um não entende o outro. Baste lhe dizer que a nossa casa, com a produção já de um milhão de volumes por ano, e com cerca de 500 edições de sua propriedade, nunca vendeu um só livro em Portugal – e nem procura fazê-lo, porque é tempo perdido. As tentativas que fizemos foram desastre completo. [...]

E disponha deste seu
Crdº e Adm.

Monteiro Lobato (Espólio 12: Coleção Castro Osório, Família. Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal).

Mesmo Ana de Castro Osório estando definitivamente em Lisboa, pois não retorna mais ao Brasil, não perde contato; ao contrário, evidenciamos que mantinha intensa correspondência com as amigas brasileiras e/ou com as pessoas com as quais tinha ideias em comum, como é o caso da carta que recebera de Maria Lacerda Moura, de São Paulo:

São Paulo, janeiro de 1926

Minha querida amiga.

Saudações muito afetuosas.

Minha revista, era uma vez... por dificuldades econômicas.

Quanto ao movimento feminista, retirei-me logo. Não é nada disso que meu espírito irrequieto e atormentado deseja. Uma desilusão não diria, mas uma experiência mais fecunda me veio de fato desse movimento. Retirei-me e creio que para sempre: trabalho sozinha, publico meus livros assumindo, corajosamente, a responsabilidade dos meus ideais e individualismo...

Isolei-me da sociedade: trabalho nas minhas aulas de professora particular (independente, portanto) leio e escrevo.

Cada vez restringindo mais o círculo já muito limitado das minhas relações.

Não recebi seu livro *A Grande aliança*, os correios desta terra são verdadeiras instituições... Por favor, registre-me o que me fizer o obséquio de mandar.

[...] Não recebi, também, *O direito de mãe* que muito me interessa, nem as novelas.

Ir a Lisboa? Não sei. As minhas condições econômicas não me permitem [...]

Estou com dois livros para publicar *Religião do amor e da Beleza* e *A Mulher e a Maçonaria*, talvez sejam impressos este ano...

Soube hoje de uma edição em castelhano saída na Argentina, de *A Mulher é uma degenerada*. Não acha curioso que a autora o ignorasse? Disseram-me que todos os mostradores expõem grande

quantidade de exemplares nas livrarias. Pessoa que veio de lá ficou admirada.

Beijo-a com afeto

Maria Lacerda de Moura (Espólio 12: Coleção Castro Osório, Família. Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal).

Conforme Miriam Leite (1984), Maria Lacerda de Moura (1887-1945) foi uma das poucas feministas que conectaram o movimento sindical e operário ao mundo das elites do país, como comenta Margareth Rago (apud LOUSADA, 2013), porque acreditava que deveriam fazer parte da luta as mulheres de todas as classes, principalmente as trabalhadoras desfavorecidas. Entretanto, esta é a mesma causa que a faz se retirar do movimento e se afastar de Bertha Lutz, com quem participou na criação da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, em 1918, no Rio, uma vez que, desiludida, acreditava que a luta pelo direito ao sufrágio estava ligada apenas à elite. Por conta disso, professa: “retirei-me e creio que para sempre”. Professora convicta, acreditava que a educação era a força libertária para a mulher e daí parte sua ligação com Ana C. Osório, que era colaboradora da revista *Renascença*, fundada pela brasileira em 1923, mas que sucumbiu por motivos financeiros, como Maria Lacerda comenta na carta. Na mesma, ela anota com pesar sobre o não recebimento dos livros, entre eles *A Grande aliança*, que representa o esforço da união “e revela a importância da amizade, e das informações que trocavam sobre os livros e os interesses comuns, como a expressão ‘querida amiga’ corrobora” (LOUSADA, 2013, p. 102).

Ao mesmo tempo, Castro Osório procurava contornar os fatos divergentes dentro do movimento feminista e garantir notícias do Brasil e das pessoas que integravam o movimento. Com esse propósito, assegurava receber os jornais mandados pelas amigas. Esta era uma das finalidades da carta-resposta de Bertha Lutz:

Serra de Boaiuva, 14 de janeiro de 1930

Querida amiga,

D. Ana de Castro Osório

Com muita satisfação li sua missiva e a sua página. Está excelente e de fato representa um

grande triunfo para a mulher de aquém e de além mar. Farei como diz.

Estou passando três semanas ao repouso, em um lugar selvagem e lindo de S. Paulo meu estado natal. Escrevendo-lhe, lembro-me das horas encantadas que passei em sua companhia. No seu lindo apartamento na encantadora Lisboa. Logo que regressar ao Rio, em fins do mês, solicitarei a Luania Amália vossa ativa a secretária [...] que me remeta semanalmente a página que ela edita no *Pais*. Poderão permutar as notícias.

Temos apenas uma sede, modesta, mas útil à Avenida Rio Branco, 111 sala 608. [...] Se quiser remeter sua página à Amália que lhe remeterá a vossa. Espero notícias suas muito em breve [...]

Aceite um forte abraço apertado da sua amiga Bertha.

Do feminismo à literatura, essa com uma dose de cunho libertário, partiam os contatos de Castro Osório com escritoras que fomentavam o movimento pelo progresso feminino. Este era o caso da carta que Castro Osório recebera, em 1930, de Julia Lopes de Almeida, quando a brasileira morava em Paris, onde permanecera de 1924 até 1933 (SHARPE, 2004), por conta da educação da filha Margarida. Ao que parece, a missiva trata de uma carta-resposta. Destacamos o seguinte trecho:

Paris, 19 de maio de 1930

Minha boa amiga

Recebi na sua linda carta uma doce alegria ao meu coração de amiga e ao meu sentimento de escritora. Obrigada por tudo. Pergunta-me se eu já comecei a fazer a propaganda do meu livro? A verdade é que sou muito desajeitada para isso, tanto no Brasil como em Portugal fico acomodada de oferecer um dos meus trabalhos [...] É uma timidez ridícula, mas é verdade. Em todo o caso à vista do bom aconselhamento que a minha amiga depende ao meu romancelzinho, vou enviá-lo a escritora Maria de Eça. Para Lisboa só enviarei por enquanto à minha amiga Maria H. Taleiro e a

Manoel Pinto, meu amigo e professor da cadeira de estudos brasileiros.

Lamento que a sua saúde continue má. [...] E a sua linda netinha? Também eu tenho uma agora comigo, uma flor desabrochada em Moçambique, e que por doença da mãe, minha filha Lucia, veio estar uns meses em nossa casa. [...]

Meu marido e filhas enviam-lhe um abraço [...]

Toda a amizade do mundo sua

Julia (Espólio 12: Coleção Castro Osório, Família. Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal).

A velha lógica política dominante entre as escritoras, de servir umas às outras na divulgação das obras, não deixa de ser o vínculo entre boas amigas; fato que, talvez, se encontre na própria expressão de Júlia L. de Almeida: “ao meu coração de amiga e ao meu sentimento de escritora. Obrigada por tudo”. Ao que parece a literatura foi o vínculo que unia as amigas mais do que o feminismo. Antes de publicar o seu “romancezinho”, expressão de grande modéstia de uma das escritoras mais conhecidas em países da América do Sul e da Europa, em virtude “de uma timidez ridícula” a escritora aproveita “o bom aconselhamento” da amiga que a orientara a pedir uma apreciação da obra.

Curiosamente, na carta, datada de 1930, Júlia Lopes de Almeida fala da presença da netinha que “desabrochada em Moçambique e por doença da mãe vem passar uns meses com ela. Fato está que apenas poucos anos depois, isto é, em 1934, Júlia Lopes de Almeida vem a falecer oito dias depois de chegar da África, aonde fora buscar a mais nova de suas filhas que lá adoecera” (SHARPE, p. 196). Outra questão que nos chama atenção é a notícia dada pela remetente, quando escreve que “lamento que a sua saúde continue má” e, ao que parece, a moléstia agrava-se, porque Castro Osório também falece poucos anos depois.

Sob as redes das amizades, as epístolas permitem acompanhar o início das experiências femininas de luta desde o início do século XX, com base em apoio mútuo dentro do Brasil e fora dele. As cartas são documentos profícuos que nos permitem compreender os valores de uma sociedade que se transformava e, nela, a necessidade de as mulheres procurarem se conhecer e se compreender; acerca desse propósito, incluímos a carta enviada de Andradina para Castro Osório, em 1910: “O senhor Oliveira, homeopata e nosso patricio, em amável missiva, disse-me que havia falado da escritora gaúcha (com muito bom

sangue português nas veias) [...] a notável autora de *As Mulheres Portuguesas* e que esta manifestara desejo de conhecer aquela” (1910).

Ao longo desse sub-tema procuramos ressaltar que o feminismo do século XX, no Brasil, contou com a participação de Bertha Lutz, Júlia Lopes de Almeida, Maria Lacerda de Moura, Ana de Castro Osório, Carlota Pereira de Queirós, Carmem Portinho e o relevante nome de Andradina de Oliveira, entre outros. Cada uma dessas mulheres, com expressividade e ideologia próprias, manteve liderança e respeitabilidade, fato que

quando vemos Júlia Lopes de Almeida e Bertha Lutz sentadas lado a lado, em 1922, naquele que pode ser considerado como o primeiro congresso feminista realizado no Brasil, sabemos que a continuidade entre uma e outra se faz mais no plano simbólico do que num processo de efetiva identidade entre as concepções teórico-práticas de uma e de outra a respeito de lugar da mulher na sociedade contemporânea (De LUCA, 1999, p. 81).

O caminho trilhado por todas essas mulheres permite concluir o quão suas experiências são significativas para todas nós. Elas acreditavam que suas lutas não seriam sepultadas no tempo, mas que se perpetuariam em seres universais que somos, nós mulheres, no eterno diálogo com a sociedade, pois

o debate acerca da história das mulheres continua na ordem do dia, imposto pela consciência crescente do importante papel que o contingente feminino tem nas profundas transformações econômicas, sociais, políticas e culturais que marcaram em todos os níveis a evolução da humanidade (FARIA, 2008, p. 279).

Grande e relevante parte das conquistas femininas, ao longo da história das mulheres, mostrou-se como produto gerado no mundo das letras. Primeiro, vieram as narrativas de viagens e poemas laudatórios; depois, os romances, que encarnavam aparentemente uma superficialidade da vida burguesa, passaram a produzir projetos emancipatórios, como, por exemplo, o livro *Divórcio?*, de Andradina de Oliveira. Concomitantemente, as páginas do gênero passam a ocupar um

lugar político, travestido de palavra transgressora, isto é, o feminismo mais explícito ancora-se num jornalismo definido pelo sexo.

Na conclusão das histórias ímpares de feministas que contribuíram pretensamente para a valorização universal das mulheres, finalmente, em março de 1935, o *Corymbo* publica: “Inferioridade intelectual da mulher - excertos” – em primeira página, texto enviado por Ana de Castro Osório, de Lisboa. E, em maio deste mesmo ano, o mesmo jornal, com pesar, noticia o seu falecimento:

Da funda sensação foi-nos a nota divulgada pela imprensa, sobre a passagem para regiões de Além, desse astro de largo brilho de largas projeções que deixou indelével o nome ANNA DE CASTRO OSÓRIO. [...] [sic]

Escritora, mestra e conferencista, levantou aplausos de auditórios onde irradiava a fina flor da aristocracia da arte e da cultura.

[...]

Conhecemo-la quando aqui estive em 1923. Honrou-nos por vezes com sua cativante visita.

[...]

O Corymbo vai ao voo do pensamento levar rosas do Brasil ao leito dessa gloriosa lusitana. [...]

Podemos dizer que, no Brasil, a voz significativa, via expressão da palavra oral e/ou escrita, recai na mediação transgressora da gaúcha Andradina. Porém, também o lado transgressor do destino regista, ironicamente, algumas páginas incompletas e inacabadas desta voz que, subitamente, se calou. Chegam aos jornais rio-grandinos notícias sobre a feminista. A primeira é vinculada ao jornal *Echo do Sul*, em 1º de dezembro de 1933, página 2, que anuncia:²⁶¹

= D. Andradina de Oliveira =

= o seu suposto falecimento em São Paulo =

Conforme há dias dissemos, foi encontrada em S. Paulo uma ossada que se supunha da escritora rio-grandense Andradina de Oliveira, que, há anos

²⁶¹A informação me foi enviada por e-mail pelo professor Dr. Artur Emílio Alarcon Vaz, a quem agradeço imensamente pela constante atenção prestada ao meu trabalho. VAZ, Artur Emílio Alarcon. Andradina. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <rosacristinah@yahoo.com.br> em 19 de novembro de 2014.

dirigiu em Porto Alegre o *Escrínio*, retirando-se depois para a Capital da República.

Verificou-se, mais tarde, que a ossada era de outra pessoa.

A propósito, o Diário Popular daquela capital publicou a seguinte notícia:

"Há cerca de um mês, mais ou menos, entre S. Caetano e o bairro de S. João Climaco, um popular encontrou, num terreno pertencente a um particular uma ossada, que ainda conservava restos de vestes."

Logo que se verificou o encontro da ossada, julgou-se que se tratasse dos despojos de d. Andradina de Oliveira, que viera do Rio de Janeiro, há alguns anos, aqui ficando demente.

[...]

Andradina de Oliveira continua recolhida num asilo da Capital.

A segunda notícia é publicada no *Corymbo*, um ano depois, em 1934. O jornal publica notícia enviada de Porto Alegre, para a coluna "Ecos Feminis", assinada por Matilde de Almeida:

Já lá se vão 30 anos do tempo em que uma revista feminina, de regular formato, contando brilhante número de colaboradores, circulava cercada de muita simpatia, nos lares cultos do Estado.

Esta revista era o *Escrínio*.

Redigia-o uma descendente dos Andrada, cuja voz com igual sonância da voz dos seus antepassados, ergueu bem alto o alvissareiro grito em prol da emancipação da Mulher.

[...]

Depois desapareceu o *Escrínio* e, com ele, a sua ilustre combatente.

Afastou-se sutil. Para onde fora, ninguém soube.

Notícias circulavam vagas. Desencontradas umas, contristadoras outras, mas sempre vagas.

Há pouco, como que sacudindo do pó do esquecimento, dela surgiram notícias. Quem nos-las deu? Um desolado registro da imprensa sob epígrafe lúgubre, macabra.

Em seguida outro registro desfez o engano.

Mas onde a protagonista da sensacional notícia, envolta das cores mais tristes de um achado fúnebre, repercutido ao longe, não nos informaram detalhes.

Constou num manicômio e foi só.

E aí está o fim de uma inteligência feminina que, promissora, alçou voo com as asas da pouca sorte.

[...]

Não era Andradina de Oliveira, a infeliz mulher vitimada nas matas de São Paulo. Não era.

Morta, ainda a todos interessavam a ossada... Viva que permaneça no ostracismo das sombras até que se lhe apague de toda a razão e a luz dos olhos (CORYMBO, abril de 1934, p. 1-2, apud CAMPELLO, 2004, p. 995-1021).

A partir desses dois registros, outras questões são alvo de curiosidades sobre o paradeiro da mãe de Lola. Formulamos algumas hipóteses: dos três anos que Andradina teria padecido com a insanidade, temos a informação de que teria ficado aos cuidados da filha Lola (FLORES, 2004), porém aparecem notícias de que estaria recolhida em um manicômio ou asilo. Disso, teríamos uma dúvida: a palavra "asilo", à época, poderia significar um lugar onde se cuidava de doentes mentais? Ou a filha Lola, ao contrário, teria abandonado a mãe, fato que achamos pouco provável; o mais plausível seria que, por dificuldades financeiras, Lola teria colocado a mãe em uma instituição onde lhe teriam sido prestados os devidos cuidados.

Enfim, o fato é que se aproximaram os momentos finais de Andradina, principiado pelo quadro de insanidade mental, e a morte chega em 19 de junho de 1935, quando é sepultada no Cemitério de São Paulo. Em maio de 1935, o *Corymbo*, que havia publicado a nota de falecimento de Ana de Castro Osório, publica, em novembro do mesmo ano, o falecimento de Andradina de Oliveira. Acaba-se aqui “Uma vida em notas”:

Há bastantes meses que a notícia do passamento da conhecida escritora rio-grandense Andradina de Oliveira, corria pela imprensa do país. Era, porém a mesma tão cercada de contradições, que nunca quisemos dar-lhe curso, em nossas colunas. Agora que temos sobre nossa mesa de trabalho, a expressão da triste verdade, firmada por sua digna

filha, a escritora e poetisa Lola de Oliveira, a trazemos aos nossos leitores.

Andradina residia em São Paulo, onde faleceu entregue a tempos a esta parte, a sofrimentos físicos (e não psíquicos) tendo se lhe alterado as faculdades mentais sob dolorosas impressões da prisão de sua filha Lola, em Minas. [...]

Os jornais de São Paulo dão-na como nascida na capital. Ela, porém, disse-nos mais de uma vez ser rio-grandense.

Exerceu o magistério e fez-se ouvir em conferências em muitas localidades. Pugnou com ardor pelo Feminismo.

Espírito culto, formoso talento, e, coração ajustado ao sentir que é como que a flor que vive na estufa, mas guarda um encanto particular e um perfume incomparável.

Lutou muito, tendo tido sombras na vida, em que conheceu o travo da dor. Todo o espírito fora de craveira do banal é sofredor, porque encara as causas do mundo, com a visão da alam, e não com os olhos do positivismo rude.

Que o Rio Grande, tão altivo e nobre, saiba avaliar de seu legado intelectual;

Muitas flores descansem sobre sua pedra tumular.

E vão nossos profundos sentires à digna herdeira de seu nome e de sua glória (Revocata de Melo, [s.d], novembro de 1935, p. 1).

Nos apontamentos finais da tese, cujo título propõe o mote: “*Escrínio*, Andradina de Oliveira e sociedade(s): páginas de um gênero, entrelaços de um legado feminista”, na pretensão de colaborar com o Estudo de Gênero, a ideia que fundamenta o trabalho é sobre uma narrativa que envolve realidades concretamente sentidas pelo sujeito histórico. Entra, nesse cenário, necessariamente atrelado às representações socialmente constituídas no contexto, o *Escrínio*, quenarra e legitima a existência da vida sociopolítica do país. E, na busca de transformar a própria realidade, conciliando o papel de mãe, professora, escritora, dramaturga, a cidadã engajada, Andradina América de Andrada e Oliveira, entra na narrativa e intervém nos conflitos vividos por ela e por outras tantas mulheres. Com o intuito de transformar atitudes, crenças, comportamentos e valores, o jornal foi não só lugar de contestação, como com ele e através dele suas ideias ecoam

e perambulam por diferentes cidades, espaços e sociedades. A partir desta luta, a história é redigida por várias mulheres, as quais constroem lugares e papéis imaginários, quem sabe, mas que intervêm de forma pública e notória na história social-política da sociedade de ontem e de hoje.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E OUTRAS CONCLUSÕES: ÚLTIMAS PÁGINAS

À guisa de conclusão do trabalho que teve como principais objetivos o Estudo de Gênero e a Crítica Feminista, farei algumas considerações a par do levantamento de dados sobre Andradina de Oliveira e a análise do *Escrínio*, que foi seu suporte contestatário em tempos muito difíceis para a intelectualidade feminina.

Um primeiro procedimento adotado, no Capítulo 1, foi construir um panorama sobre a formação político-social da virada do século - XIX e XX - da sociedade Sul-rio-grandense, a fim de observar o lugar social de Andradina, desde os primeiros anos de vida, em que buscamos a conexão entre o pessoal e o político na reconstrução do percurso que a intelectual trilhou para ocupar os espaços bem demarcados pelos homens na sociedade vigente: o público e o literário.

Para tanto, o que nos surpreendeu, num primeiro momento, foi o fato de Andradina acentuar que teve nos homens o incentivo de sua formação intelectual, primeiramente a figura do pai, como afirma: “o talento dele era para mim...para o meu futuro...como dizia, a trabalhar e a estudar sempre. A minha educação preocupava-o” (OLIVEIRA, 1908, p.78). A expressão “estudar sempre” significa dizer que a proposta do patriarca não tratava de uma educação tradicional, à época, que preparava as mulheres para o matrimônio, haja vista que desejava ver a filha médica, tal como a profissão dele. Depois da morte do pai, o irmão assume sua educação com o propósito de continuar a mesma formação e, posteriormente, a figura do marido. Ficamos sabendo que Andradina fica viúva e ao encontrar um novo amor, ator de teatro, passa a influenciá-la nas artes dramáticas. Fica óbvia a ênfase dada, pela própria intelectual, sobre essa família privilegiada, com raros homens, se pensar no comportamento masculino da cultura vigente. Cabe-nos questionar, o porquê ela aponta contribuições marcantes da sua formação aos homens e não às mulheres, o que se confirma, por exemplo, na voz silenciada da mãe, que pouco ou quase nada é dito: seria um contraponto do discurso de uma feminista que procurava apresentar o mundo das mulheres em outra perspectiva? Ou seria uma ironia sutil na representação da ausência materna na formação intelectual das mulheres? Talvez seu discurso represente a própria ambiguidade de sua atuação na sociedade, haja vista que, no início de sua obra, observamos que ora ela trazia um discurso nacionalista, compactuando com a educação voltada à formação dos filhos, oras empreendia um discurso propulsor, almejando

uma educação voltada para uma transformação cultural e social mais libertária.

Dada a imagem construída anteriormente, houve a necessidade de abrir espaço para entender acerca da atuação de Andradina na sociedade e avaliara eficiência dos seus propósitos, a partir do quadro da vida pessoal da escritora. Neste, a vida volta-se para o outro, esquecendo-se de si, parece ter sido o mote norteador do seu caminho. Retomemos um marco inicial de sua carreira nas Letras, através do periódico *Corymbo* que acompanha e registra o primeiro livro publicado pela escritora, *Preludiando*, na cidade de Rio Grande. Por muitos anos, o intenso movimento e dinamismo na carreira da intelectual foi seguida por jornais, como os supracitados no subtema 1.2, do Capítulo 1, tantas foram as notas regularmente publicadas que foi possível inventariar grande parte do trabalho dela na América do Sul, só pela imprensa.

Com intensa atividade profissional, a intelectual ocupa-se, em um primeiro momento com o professorado, rememorando o tipo privilegiado de formação que teve, a então professora revelou-se mestra eficiente, uma vez que criou algumas escolas que tinham como público, tanto classes só de mulheres, quanto mistas, que manteve durante muito tempo.

Entretanto, apesar de considerarmos que ela tenha unido a intenção de socializar conhecimentos com o projeto de transformar a educação, tal como podemos acompanhar no programa escolar, a educadora considerava imprescindível que a escola fosse guiada pelos princípios cristãos. Vemos assimilada aí a herança do velho mundo, onde a educação perpassava decisiva pelo cristianismo na formação moral da mulher.

A intensa atividade intelectual ganhou dimensão na expansão das suas ideias, quando Andradina começa a publicar livros com certa frequência e, preocupada em alcançar um número maior de pessoas, ocupa-se com conferências pelo Brasil e fora do país. Nelas, a intelectual advoga questões feministas, como autonomia das mulheres a partir da educação e do trabalho, ações vivenciadas no seu próprio âmbito pessoal.

Em um primeiro momento, os discursos da conferencista estiveram em conformidade com alguns ideais positivistas de civilidade, conforme lemos na sua fala, quando diz que: “e assim, a mulher pouco a pouco irá conquistando o seu verdadeiro lugar na Família, na Sociedade, na Pátria. A instrução, a educação, o trabalho, soberana trindade, hão de torná-la companheira ideal do homem” (*ESCRÍNIO*, 12 de junho, de 1901, p. 2). Contudo, entra em cena a mulher que entendia que o

trabalho feminino fora do lar não era apenas o prolongamento dos deveres de esposa, pois com o feminismo implícito no discurso, ela reivindicava o princípio de igualdade entre os sexos, conforme lemos na continuação de sua fala: “o preconceito do sexo tende a desaparecer,[...] e teremos a mulher forte, a mulher que saberá melhor resignar-se [...] com as vicissitudes da sorte, lutar pela vida, si preciso for [...]” (ESCRÍNIO, 12 de junho, de 1901, p. 2). Para entender a expressão “lutar pela vida, si preciso for”, basta uma retrospectiva das tensões sofridas por esta mulher solitária que vivia no âmbito de uma sociedade extremamente conservadora, alguns dos conflitos são rememoradas no livro *Crus de pérolas*, quando escreve que: “desafiei mesmo a crueldade dos invejosos, a maledicência dos nulos, a pequenez dos egoístas que procuravam ferir a mulher que tinha o arrojo de trabalhar pela inteligência ...para arrimo dos seus” (OLIVEIRA, 1908, p. 84).

A produção literária de Andradina de Oliveira não é tão extensa, todavia, no subcapítulo “(Re) escrevendo a vida: outras tramas... outros dramas”, lançamos mão de algumas de suas obras literárias relevantes, porém como propulsora de ideias de igualdades sociais, ficaremos como conclusão, com um parecer apenas de o *Divórcio?*: vivendo num tempo em que a educação feminina tinha a autoridade absoluta da igreja, o lançamento do livro *Divórcio?* (1912), não seria exatamente uma obra de cunho didático dentro dos padrões religiosos e conservadores da época. Revelando seu ponto de vista ferrenho sobre casamentos arranjados, assunto do livro, acreditamos ter havido um rompimento com a doutrina e a igreja cristã, porém nada podemos afirmar sobre isso, quando separa a crença da obediência cega. Louvamos a firmeza de suas palavras, projetando nas páginas de o *Divórcio?*, o que décadas depois justifica-se na sua implantação no Brasil. Escreve: “O casamento é contrato ou sacramento?. [...] dois seres que em certa fase da vida acreditavam que terem, as mãos envolvidas na mesma estola era um fato capital para sua existência, não têm o direito de, em outra fase, pensar de modo diverso?” (OLIVEIRA, 2007, p. 29). Afirmando o que chamou de “depravação dos costumes”, a feminista escora sua convicção nas seguintes palavras: “aqueles que, como eu, acreditam firmemente no progresso moral, na evolução humana, não porão em dúvida em admitir que o divórcio [...] é um brado de indignação contra a injusta e esmagadora situação da mulher” (p. 33).

Há nesse episódio, uma grande inovação das ideias e do comportamento de Andradina, que demonstrou firmeza de caráter naquilo que acreditava. Como pensadora, confiava em ações civilizatórias na preservação da família a partir dos ideais nacionalistas,

mas condenava os casamentos infelizes que por força das regras sociais, transformava em vítimas pessoas inocentes. Analisando as fortes palavras fortes do livro, poderíamos pensar que o tom do discurso justifica-se pelas decepções do seu segundo matrimônio? Pois, Júlio de Oliveira tem uma ausência súbita na vida da mãe e da filha Lola. Ficamos com incertezas sobre esse desenlace.

Por essa via, a obra literária da intelectual gaúcha se insere dentro e fora da literatura. Dentro, porque sua escrita construiu uma linguagem própria, revelando uma consciência inquietante. Fora, porque essa consciência inquietante, construída a partir da linguagem, fez-se ouvir na palavra contestatória da mulher que acreditava no seu próprio projeto: a defesa da democracia por direitos iguais entre homens e mulheres.

No Capítulo 2, a atenção recai no cenário da imprensa sulina, desde a criação dos primeiros jornais em solos gaúchos até os primeiros jornais escritos pelas mulheres. Começamos, então, por um cenário mais amplo e depois chegamos ao mote da tese que está representado nos subcapítulos 2.4 e 2.5, que diz respeito à investigação da trajetória histórica do periódico feminino gaúcho *Escrínio*.

Para tanto, coube contextualizar, num primeiro momento, um grupo de jornais e revistas levados à frente por mulheres, a fim de situar e proporcionar uma percepção consistente do nascimento da imprensa feminina brasileira, ressaltando os títulos dos primeiros jornais, assim como o nome de suas redatoras. A par das condições socioculturais que revelaram os primórdios e o desabrochar de uma imprensa e dos reflexos nesta da literatura, a ideia foi examinar o modo como nasceu a uma relação efetiva da mulher e a imprensa no Estado.

Com relação a imprensa produzida pelas mulheres no Rio Grande do Sul foi possível evidenciar intrinsecamente os entrelaços e a promoção intelectual feminina, especialmente nas Letras, e a discussão da situação político social das mulheres, questões imbricadas com o feminismo incipiente. Por essa via, constatou-se um ambiente de aproximação entre os grupos letrados femininos no sul, promovendo um lugar de encontros sobre os mais diversos debates, inclusive literários. Há dados recolhidos durante a pesquisa que permite comprovar que muitas mulheres no Estado produziam e estavam ligadas à Literatura, mas esse tema é assunto, quem sabe, para um próximo trabalho.

E, nesse contexto, o *Escrínio* que se autodenominava como um “um cofre de inteligência [...] um cofre das produções belíssimas”, (1898) foi um relevante veículo de atuação literária feminina no sul e, porque não dizer, no Brasil, servindo como divulgador de obras e de

escritoras. A circulação desse periódico, que surgiu num momento crucial de transformações da sociedade brasileira, foi relevantemente apropriado, dada a necessidade de abrir espaço para as mulheres e, por essa via, permitiu-nos compor uma imagem da articulação ativa das mulheres no sul, que estavam condenadas ao isolamento cultural.

Entretanto, a circulação do *Escrínio* intersecciona-se com questões intrínsecas do pensamento ideológico de sua redatora, Andradina. Seja como for, mesmo sendo um pouco moderada no seu feminismo, a jornalista incorpora-se no discurso feminista, acreditando que estaria naturalmente construindo o processo de modernização do país.

Por outro lado, o periódico foi também um ponto de apoio para a defesa da educação feminina, através da valorização delas na sociedade, enquanto reivindicava um mercado de trabalho e, conseqüentemente, a afirmação profissional. Ao fazer essa reivindicação, a intelectual afirmava outra identidade feminina, diferentemente da visão calcada na atuação delas no seio do lar, como instrumento de moralização social.

Desse modo, podemos compreender que o *Escrínio* foi um suporte de atuação de Andradina e é indiscutível o seu mérito, enquanto discurso e correlações estabelecidas entre os estados de consciência para se conhecer a história das mulheres do cotidiano à época.

Levando em consideração que a tese trata de uma temática muito ampla o último capítulo, intitulado “Palavras cruzadas: trânsitos atlânticos,” procuramos observar as aproximações entre as mulheres situadas em espaços geopolíticos distintos, lugares que não deixavam de ser comuns, quando tratamos sobre a luta feminista por uma sociedade mais igualitária.

A relação entre as portuguesas e as gaúchas não era estranha aos periódicos sulinos, haja vista as diversas publicações permutadas entre jornais dos dois países, notadamente o *Corymbo* e *A Madrugada*, de Lisboa. Essa relação era indício da abrangência da afinidade entre os dois países, tanto na articulação de ideias, como na organização de grupos literários femininos em larga abrangência. Para legitimar estas relações, a escritora e feminista Ana de Castro Osório em viagem ao Brasil, visita a redação de o *Corymbo*, em Rio Grande.

São literários os motivos que ligavam, num primeiro momento do nosso estudo as duas Nações. Esse caráter se evidencia na publicação do *Almanaque de lembranças Luso-Brasileiro*, que circulou entre Brasil e Portugal por mais de oitenta anos. A presença relevante de escritoras brasileiras no anuário, oriunda das mais diversas regiões do país, não só

comprova como identifica a participação de algumas das mulheres atuantes nas Letras, como é o caso da pequena biografia intitulada “D, Andradina de Oliveira”, publicada no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, para o ano de 1901, entre as páginas 209 a 211. Outrossim, várias são as referências encontradas no anuário sobre a intelectual, o que denota o prestígio com que gozava a intelectual à época.

Se a literatura funciona como reflexo das relações culturais, por outro lado, o Atlântico foi um caminho rumo à ordem das relações humanas moderada pelas ideias feministas. Parte daí as opiniões que se desdobraram em discussões amplas entre as mulheres brasileiras e portuguesas. Relações que, por vezes, estenderam-se através dos jornais, cartas e contatos pessoais. Notadamente a aliança luso-brasileira deu-se fortemente amparada pelo nome relevante da lisboeta Ana de Castro Osório, que foi um importante elo no apoio das ações feministas, lá e cá.

Atravessados por um caráter ideológico, os jornais brasileiros e portugueses estabelecem uma grande aliança na promoção de discussões, em larga escala, sobre a situação das mulheres em ambas as sociedades. Nesta direção os periódicos *A Sociedade Futura*, dirigido por Ana de C. Osório e Olga Moraes Sarmiento, outra feminista atuante em Portugal; *A Madrugada - folha mensal, propriedade da liga republicana das mulheres portuguesas*, são dois dos mais variados exemplares que versavam invariavelmente sobre literatura e feminismo.

Podemos afirmar que ao analisar as peculiaridades do *Escrínio* e do *Almanaque de lembranças*, descobrimos muitos pontos de contato entre ambos. Contatos que estabeleciam, nas diversas relações entre as brasileiras e as portuguesas, um reconhecimento recíproco e apoio dos pares femininos de espaços geopolíticos tão distintos.

Para finalizar o conjunto desse estudo, ao fazer uma análise ampla da história do *Escrínio* e sua significação na história cultural rio-grandense e brasileira, eu estaria equivocada se qualificasse o periódico gaúcho como um periódico de prestação de serviço público, tal como informar horários de trens, noções de beleza, indicações de literatura, enfim, coisas que refletiam o cotidiano de suas leitoras, uma vez que, como observamos, a história biográfica de Andradina desautoriza essa conclusão. Todavia, eu estaria igualmente equivocada ao afirmar que o periódico era uma ferramenta de militância na representação de ideias do movimento sufragista, abolicionista, ou movimentos que advogassem alterações radicais no seio das famílias, ou mesmo, que se transformasse em plataforma de luta pelo divórcio – consagrado em tema publicado em livro, no âmbito literário. No entanto, não seria despropósito afirmar

que o *Escrínio* estaria associado à luz do momento das transformações históricas acerca da reordenação do núcleo familiar, quando outorgando um novo sentido para a construção de identidade, o exemplo mais cabal dessa importância esteve, em larga medida, sua corroboração em defesa da instrução feminina e do direito ao trabalho remunerado, ideias as quais Andradina fazia apologia à mulher como força pensante, no seu jornalismo. Não seria despropósito afirmar, da mesma forma que Andradina de Oliveira é uma das sementes da revolução da consciência feminista.

5. FONTES DE CONSULTA

ACADEMIA LITERÁRIA FEMININA DO RIO GRANDE DO SUL. *50 anos de literatura: perfil das patronas*. Porto Alegre: IEL, 1993.

ALMEIDA, Jane Soares de. Imagens de mulher: a imprensa educacional e feminina nas primeiras décadas do século. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 79, n. 191. Instituto Nacional de Estudos e pesquisas Educacionais. Brasília: O Instituto, jan./abr. 1998.

ALMEIDA, Júlia Lopes. *Memórias de Marta*. Pesquisa, organização, cronologia e introdução de Rosane Saint-Denis Salomoni. Florianópolis: Mulheres, 2007.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos, v.44)

ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: FURG, 1999.

_____. Apresentação. In: SENNA, Adriana Kivanski de. *O casamento e o divórcio nos jornais rio-grandinos (1889-1914)*. Rio Grande: FURG, 2002. (Coleção Pensar a História Sul-Rio-grandense, v. 18)

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Imprensa, literatura e história no Rio Grande do Sul: escritores gaúchos*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005. (Coleção Pensar a História Sul-Rio-grandense, v. 29)

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul- 1868-1880*. Porto Alegre: Escola Superior de Tecnologia São Lourenço de Brindes, 1982.

ANDRIOTTI, Décio. Companhias líricas no Rio Grande do Sul: a vinda e sustentação da ópera. In: FLORES, Hilda Agnes Hubner; NEUBERGER, Lotário. *Casas de espetáculo*. Porto Alegre: CIPEL, EDIPLAT, 2012.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial*. Ilhéus: Editus, 1999.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

AVELAR, Lúcia. *Mulheres na elite política brasileira*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer/UNESP, 2001.

BARBERENA, Ricardo Araújo. A identidade sulina na Belle Époque: a cartografia lírica em *O Perdão*, de Andradina de Oliveira. In: CHAVES, Vania Pinheiro (org). *Flagrantes da literatura brasileira da Belle Époque*. Lisboa: Esfera do Caos, 2013. (Coleção Ciências da Cultura)

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BARRADAS, Ana. *Dicionário incompleto de mulheres rebeldes*. Lisboa: Antígona, 1998.

BARROSO, Vera Lucia Maciel. Os açorianos no Rio Grande do Sul. In: NEUBERGER, Lotário (org). *RS no contexto do Brasil*. Porto Alegre: CIPEL, EDIPLAT, 2000.

BARROSO, Vera Lúcia Maciel (org). *Açorianos no Brasil: história, memória, genealogia e historiografia*. Edição comemorativa dos 250 anos de Povoação Açoriana do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST, 2002.

BASSANEZI, Carla Beozzo. *Virando as páginas, revelando as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul, 1868-1880*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.

_____. O Partenon Literário: imprensa e sociedade literária. In: ZILBERMAN, Regina et. al. *O Partenon Literário: poesia e prosa*. Porto Alegre: EST- Instituto Cultural Português, 1980.

BELLOMO, Harry Rodrigues. Capas e regiões culturais do Rio Grande do Sul. In: FLORES, Hilda A. Hubner. *Regionalismo sul-rio-grandense*.

Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996. (Círculo de Pesquisas Literárias-CIPEL)

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem?* Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

BERND, Zilá et. al. (org). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Liberais, 2010.

BEZERRA, Kátia da Costa. Antonieta Vilela Marques. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Mulheres, 2009, p. 119-138.

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL. Espólio Castro Osório. Carta de Maria Lacerda de Moura a Ana de Castro Osório. São Paulo, 1926. N 12/156.

BICALHO, Maria Fernanda Baptista. *O belo sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX*. 269p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

BITTENCOURT, Adalzira. *Dicionário bio-bibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1996.

BITTENCOURT, Ézio. *Da rua ao teatro: os prazeres de uma cidade - sociabilidades & cultura no Brasil Meridional - Panorama da história de Rio Grande Rio Grande*: FURG, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; PEREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed: FGV, 1996, pps 183-192.

BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. (orgs.). *Refazendo nós. Ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Mulheres/ Santa Cruz: EDUNISC, 2003.

BRASIL. Rio Grande do Sul. Registro de batizados Igreja Católica, 1738-1952. Disponível em: <[https://familysearch.org /search](https://familysearch.org/search)>. Acesso em 10 Jun. 2013.

BRASIL, Rio Grande do Sul. Registro de casamentos, 1730-1955. Disponível em: <<https://familysearch.org/pal:MM9.1.1/XN5F-WP5>> Acesso em 10 Jun. 2013.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2005.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de papel*. A representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.

_____. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

CADERNOS AEL. *Mulher, história e feminismo*. AEL, Campinas: UNICAMP; IFCH, Arquivo Edgard Leuenroth, 2º sem. 1995/ 1º sem. 1996.

_____. *Literatura e imprensa no século XIX*. AEL, Campinas, UNICAMP; IFCH, v. 9, n. 16/17, 2002.

CALDEIRA, Jorge. *Viagem pela história do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CAMPELLO, Eliane. Matilde Ulrich de Almeida. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 995-1021.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2002.

_____. O escritor e o público. In: CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de Teoria e História Literária*. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2002.

_____. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Formação da literatura brasileira*. 5. ed. São Paulo: Edusp / Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. 2v.

CARVALHO, Nelly Rezende; KRUG, Guilhermina. *Letras rio-grandenses*. Porto Alegre: Globo, 1935.

CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João (dir); STONE, Maria Emília et. al. (org). *Dicionário no feminino (séculos XIX-XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

CAVALCANTI, Joana. *O jornal como proposta pedagógica*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. Porto Alegre: Globo, 1956.

_____. *A história do Rio Grande do Sul: período colonial*. Porto Alegre:Globo, 1970.

CHAVES, Vânia Pinheiro. Notas para o estudo da presença feminina no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. *Navegações: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*. Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa- CLEPUL. v. 4, n. 2, jul./dez., 2011, p. 187-192.

_____. (org). *Flagrantes da literatura brasileira da Belle Époque*. Lisboa: Esfera do Caos, 2013.

_____. Notas para o estudo da presença feminina no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. *Navegações: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*. Programa de Pós Graduação em letras da PUCRS, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa- CLEPUL. Ensaios. Porto Alegre: EDIPUCRS. v. 4. n. 2, jul./dez., 2011, p. 187-192.

CHAVES, Vânia Pinheiro e LOUSADA, Isabel. “O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. Das «senhoras» e seu editor”. Lisboa: CLEPUL, 2014. (Cópia xerográfica).

COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

CONCEIÇÃO, Flores; DUARTE, Constância Lima; MOREIRA, Zenóbia Collares (orgs.). *Dicionário de escritoras portuguesas: das origens à atualidade*. Florianópolis: Mulheres, 2009.

CORREA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. *Cadernos de Pesquisa*, n. 37. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1981. Disponível em Cadernos de Pesquisa versão ISSN 0100-1574: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n37/n37a01.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

COUTINHO, Afrânio. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras, 2002.

COUTINHO, Afrânio; SOUZA, J. Galante. *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2.ed. São Paulo: Global / Rio de Janeiro: ABL, 2001.

CUNHA, Jaqueline Rosa da. *A literatura de Pelotas (RS) no século XIX: a contribuição para o sistema literário no Rio Grande do Sul*. 181 p. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1944, p. 205-242.

De LUCA, Leonora. O feminismo possível de Julia Lopes de Almeida (1862-1934). *Cadernos Pagu*, v. 12. Campinas: UNICAMP, 1999, p. 275-299.

_____. *A Mensageira: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira*. 267 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999.

DEL PRIORE, Mary, (org); BASSANEZI, Carla (coord). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

DENÓFRIO, Darcy França. Leodegária de Jesus. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres; 2009, p. 67-675.

DIMAS, Antônio. *Tempos eufóricos: análise da revista Kosmos, 1904-1909*. São Paulo: Ática, 1993. (Ensaio; 88)

DOYLE, Plínio. *História de revistas e jornais literários*. v. I. Rio de Janeiro: MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira*. Fortaleza: Expressão, 2005. (Série História e Memória do Jornalismo)

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: primeira feminista do Brasil*. Florianópolis: Mulheres, 2005.

DUTRA, Eliana de Freitas. Laços Fraternos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*: ensaios. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/Lacos_Fraternos.PDF. Acesso em: 10 mar. 2012.

_____. Ana Nogueira Batista. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 515-529.

_____. Palmira Wanderley. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres: 2009, p. 1009-1024.

_____. Ana Facó. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p.745-757.

CORREA, Mariza_____ (org). *Mulheres e literatura no Rio Grande do Norte*. Antologia. Natal: UFRN/CCHL, 1994. (Coleção Humanas Letras)

_____. *Mulheres de Minas: lutas e conquistas*. Belo Horizonte: Conselho Estadual da Mulher de Minas Gerais, Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social de MG, 2008.

_____. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*. v. 17, n. 49, São Paulo, set./dec., 2003.

EDFELDT, Chararina; COUTO, Anabela Galhardo (orgs.). *Mulheres que escrevem, mulheres que leem: repensar a literatura pelo gênero*. Lisboa: 101 Noite, [s.d.].

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: CONTEXTO, 2008.

_____. *Vidas de romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

ERICKSEN, Nestor. *O sesquicentenário da imprensa rio-grandense*. Porto Alegre: Sulina, 1997.

ESPÓLIO 12: Coleção Castro Osório. Família- Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal.

ESTEVES, João. *Mulheres e republicanismo (1908-1928)*. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Gênero. Lisboa, 2008. (Coleção Fio de Ariana, v.5)

EWALD, Ariane P. et. al. Crônicas folhetinescas: subjetividade, modernidade e circulação de notícia. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia Maria Bessone da Costa (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas do poder*. São Paulo: DP & A, 2006, p. 237-258.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 141- 279.

FARIA, Lia Ciomar Macedo de et. al. Os múltiplos olhares de Maria Yedda Linhares: educação, história e política no feminino. In: FARIA,

Yolanda Lôbo Lia (org). *Vozes femininas do Império à República*. Rio de Janeiro: Quartet; FAPERJ, 2008, p. 279-304.

FELIX, Regina R. *Sedução e heroísmo: imaginação de mulher (entre a República das Letras e a Belle Époque 1884-1911)*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: UFRGS, 1975.

FIGUEIREDO, Luciano R. de Almeida; MAGALDI, Ana Maria B. de Mello. Quitandas e quitutes, um estudo sobre rebeldia e transgressão femininas numa sociedade colonial. *Cadernos de Pesquisa*, n. 54. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, agosto de 1985. Disponível em: Cadernos de pesquisa versão ISSN 0100-1574 <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/637.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2013.

FIGUEIREDO, Luciano R. de Almeida. Mulheres nas Minas Gerais. In: DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 141-188.

FIGUEIREDO, Osório Santana. Os retratos como fonte de consulta histórica. In: FLORES, Hilda Hubner (org). *RS: história, cultura, ciências*. Porto Alegre: CIPEL, Evangraf, 2002, p. 85-90.

FERREIRA, Arthur. *Nomes tutelares do ensino rio-grandense*. Porto Alegre: IEL/DAC/SEC, 1997.

FONSECA, Gondim da. *Bibliografia do jornalismo carioca (1808-1908)*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1941.

FLORES, Hilda Agnes Hubner. *Porto Alegre: sociedade, preconceitos e conquistas*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989.

FORTES, Gabriel Pereira Borges. A tipografia no Brasil: visão panorâmica da imprensa do Rio Grande do Sul. In: NEUBERGER, Lotário (org). *RS no contexto do Brasil*. Porto Alegre: CIPEL, EDIPLAT, 2000.

FOUCAULT, Michel. *O governo de Si e dos outros* - aula de 26 de janeiro de 1983. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. Lola de Oliveira. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 2009, p.705-736.

_____. Estancieiras. In: FLORES, Hilda A. Hubner. *Sociedade: preconceitos e conquistas*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989, p. 37-58.

_____. Contribuição feminina. In: NEUBERGER, Lotário (org). *RS no contexto do Brasil*. Porto Alegre: CIPEL, EDIPLAT, 2000.

_____. Ana Aurora do Amaral Lisboa: educadora e política. In: FLORES, Hilda Agnes Hubner (org). *Vidas e costumes: estudos biográficos contextualizados*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1994.

_____. (org). *Divórcio?*. Porto Alegre: Ediplat / Florianópolis: Mulheres, 2007.

_____. *Dicionário de mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.

FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. 7. ed. Porto Alegre: Ediplat, 2003.

_____. Período colonial: açorianos. In: FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. 7. ed. Porto Alegre, 2003, p. 55-56.

FONSECA, Luciana; Rosália Sandoval. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 714-737.

FRAISSE, Geneviève. Da destinação ao destino: história filosófica da diferença entre os sexos. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (org). *História das mulheres no ocidente: o século XIX*. v. 4. Porto: Afrontamentos, 1991, p. 59-95.

FUNCK, Susana Bornéo. Da questão da mulher à questão do gênero. In: _____ (org). *Trocando ideias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: UFSC, 1994.

GIORGIO, Michela de. O modelo católico. In: PERROT, Michelle; FRAISSE, Geneviève (orgs.). *História das mulheres no ocidente: o século XIX*. v. 4. Porto: Afrontamentos, 1991, p. 199-237.

GOTLIB, Nádia. A literatura feita por mulheres no Brasil. *Boletim do GT. A Mulher na Literatura/ANPOLL*, v. 9, p. 139, 2002.

_____. Uma vida roubada: notícias e apontamentos sobre vida e obra de Elisa Lispector. In: ARRUDA, Aline Alves (org) et. al. *A escritora no feminino: aproximações*. Florianópolis: Mulheres, 2011.

HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil (1850-1940)*. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

_____. O trabalho feminino nas camadas populares urbanas. In: HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil (1850-1940)*. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 206-245.

_____. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org e trad). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 1985.

HESSEL, Lothar. *O teatro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

_____. Contribuição feminina. In: NEUBERGER, Lotário (org). *RS no contexto do Brasil*. Porto Alegre: CIPEL, EDIPLAT, 2000.

HIGONNET, Anne. Mulheres e imagens. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (orgs). *História das mulheres no ocidente: o século XIX*. v. 4. Porto: Afrontamentos, 1991, p. 298-323.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Os estudos sobre a mulher e a literatura no Brasil: uma primeira avaliação. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, C. (org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos / São Paulo: FCCH, 1992.

_____. *Ensaístas brasileiras: mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

HORTA, Teresa. *A serpente*. Disponível em: <<http://https://www.facebook.com/teresa.horta.1671?fref=ts>>. Acesso em: 4 mar. 2014.

JOBIM, José Luis (org). *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: J.I.J.S. Fonseca, 1999.

KAMITA, Rosana Cássia. Leontina Licínio Cardoso. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. v. II. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

_____. *Resgates e ressonâncias: Mariana Coelho*. Florianópolis: Mulheres, 2005.

KAPELLI, Anne-Marie. Cenas feministas. Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (org). *História das mulheres no ocidente: o século XIX*. v. 4. Porto: Afrontamentos, 1991, p. 542.

KNIBIEHLER, Yvonne. Corpos e corações. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (org). *História das mulheres no ocidente: o século XIX*. v. 4. Porto: Afrontamentos, 1991, p. 351.

KOFES, Suely. *Uma trajetória em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

LAJOLO, Marisa. Correspondência entre Anna de Castro Osório e Monteiro Lobato. *Revista Convergência Lusíada*. UNICAMP, 2000.

Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/AnnaOsoriodeCastro.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 207-242.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas. São Paulo: UNICAMP, 1992.

LEITE, Dante Moreira. Ficção, biografia e autobiografia. In: _____. *O amor romântico e outros temas*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

LEITE, Míriam Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda Moura*. São Paulo: Ática, 1984.

LEITE, Míriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993. (Coleção Texto & Arte)

LIMA, Oliveira. *Formação histórica da nacionalidade brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks / São Paulo: Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro)

LONTA, Marilda. A escrita de si como prática de uma literatura menor: cartas de Anita Malfatti a Mário de Andrade. *Revista de Estudos Feministas*, UFSC. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/19991>>. Acesso em: 20 out. 2014.

LOPES, Ana Maria Costa. Ousar lutar. Ousar vencer: a imprensa periódica oitocentista como motor de promoção intelectual feminina. *Comunicação & Cultura*, n. 7, Lisboa, 2009, p. 39-48. Disponível em: <http://cc.bond.com.pt/wp-content/uploads/2010/07/07_02_Ana_Maria_Costa_Lopes.pdf>. Acesso em: nov. 2013.

LOURENÇO, Maria Manuela. A poesia feminina do século XIX no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. *Navegações: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*. Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Centro de Literaturas e Culturas

Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - CLEPUL. Ensaios. v. 4, n. 2, Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 199-203, jul./dez., 2011.

LOUSADA, Isabel. *Adelaide Cabete (1867-1935)*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Gênero-Presidência do Conselho de Ministros, 2010. (Coleção Fio de Ariana, v. 6)

LOUSADA, Isabel; CARDOSO, Solange. *Mulheres que dão a cara: as senhoras do Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. RUN: Repertório Universidade Nova, Lisboa. Disponível em: <<http://run.unl.pt/handle/10362/11736>>. Acesso em: out. 2014.

LOUSADA, Isabel; LAGUARDIA, Ângela. Maria Lacerda de Moura e Ana de Castro Osório: correspondências em trânsito atlânticos e feministas. *Navegações: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*. Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – CLEPUL, v. 6, n. 1. Ensaios. Porto Alegre: EIPUC. jan./jun. 2013, p. 99-104, 2013.

LYRA, Helena Cavalcanti de et. al. História de revistas e jornais literários. *Índice da Revista Brasileira*, v. II. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa; Ministério da Cultura, 1995.

MACEDO, Francisco Riopardense de. *Imprensa farroupilha*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro / EDIPUCRS, 1994.

MACHADO, Antônio Carlos. *Coletânea de poetas sul-rio-grandenses*. Rio de Janeiro: Minerva, 1952.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: EDUFPEL, 1993.

MAIA, Lúcia Henriques. *O Perdão, de Andradina de Oliveira: romance urbano na Belle Époque Rio-grandense*. 91 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da informação*, v. 30, n. 1, Brasília, jan/abr. 2001.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempo de República*. São Paulo: EDUSP, 2001.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1978.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1996.

MARTINS, Rocha. *Pequena história da imprensa portuguesa*. Lisboa: Inquérito, 1941.

MELO, José Marques de. *Sociologia da imprensa brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1973.

MENEZES, Raimundo. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

MESQUITA, Letícia Nassar Matos. *A produção literária feminina nos jornais capixabas na segunda metade do século XIX: a revelação de Adelina Lírio*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1999.

MATIAS, Ana Cristina Pinto. O resgate da lírica impressa em O Noticiador. (1832- 1836). In: XII Mostra de Pesquisas do APERS, 2014, Porto Alegre. Anais da XII Mostra de Pesquisas do APERS, 2014.

MATOS, Maria Izilda S. de. *Por uma história da mulher*. Bauru: EDUSC, 2000.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MINASI, Maria Christina Pereira. Julieta de Melo Monteiro e o sistema literário rio-grandino no século XIX. *Enlaces*. Rio Grande n° 3: 43-51, 2006.

MONTEIRO, Charles. A Nova história: novos problemas e novas abordagens. *Ciências & Letras*. Porto Alegre: FAPA, maio de 1997.

MONTEIRO, Natividade. *Maria Veleda (1871-1955)*. Lisboa: Comissão para Igualdade dos Direitos das Mulheres, 2004. (Coleção Fio de Ariana, v. 1)

MOREIRA, Maria Eunice (org). *Uma voz ao sul: os versos de Maria Clemência da Silveira Sampaio*. Florianópolis: Mulheres, 2003.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; De LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MOTTA, Maria Josepha Pisacco. Luciana de Abreu. In: *50 anos de literatura*. Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul: perfil das patronas. Porto Alegre: IEL, 1993, p. 38-42.

MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

_____(org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

_____. Amélia Beviláqua. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 247-287.

_____. Anália Franco. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 616-625.

_____. Delminda Silveira. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 634- 649.

_____. (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Mulheres, 2009.

_____. Ibrantina Cardona. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 429- 463.

_____. Inês Sabino. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 591-615.

_____. Mulheres de faca na bota: escritoras e política no século XIX. VI SEMINÁRIO MULHER E LITERATURA. *Anais*. Rio de Janeiro, 1996, p. 149-162.

_____. Uma espiada na imprensa do século XIX. *Revista Estudos Feministas*. v. 11,n. 1. Florianópolis, jan/jun, 2003, p. 225-232.

_____. Artimanhas nas entrelinhas: leitura do pretexto de escritoras do século XIX. *Travessia*. n. 21, 1990, p. 64-70.

NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

_____. *Páginas do Passado: ensaios de literatura*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2014.

_____. *Sob o signo de uma flor: estudo da revista "A Violeta"*. Publicação do Grêmio Literário Júlia Lopes -1916 a 1950. Rio de Janeiro: 7 Letras, 1993.

NAZZARI, Muriel. *O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil 1600-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NEEDEL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NELLY, Richard. Experiência e representação: o feminino, o latino-americano. In: _____. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 142-155.

NEVES, Lúcia Maria B.P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia Maria B. C. *História e imprensa. Representações culturais e práticas do poder*. Rio de Janeiro: DP&A /FAPERJ, 2006.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, v.8, n. 2, 2000.

NOVAES, Nelly Coelho. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 482-509.

OLIVEIRA, Américo Lopes de. *Dicionário de mulheres célebres*. Porto: Lelo e Irmãos, 1981.

OLIVEIRA, Andradina de Andrade e. *Divórcio?* FLORES, Hilda Agnes Hubner (Org.). Porto Alegre: Ediplat / Florianópolis: Mulheres, 2007.

_____. *A mulher rio-grandense*. I Série: escritoras mortas. Porto Alegre: Livraria Americana, 1907.

_____. *Cruz de pérolas*. Porto Alegre: Livraria Americana, 1908.

_____. *O Perdão*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

_____. Súplica. In: _____. *Divórcio?* Porto Alegre: Ediplat / Florianópolis: Mulheres, 2007.

OLIVEIRA. Carta do Deputado Dr. Floriano Britto. In: _____. *Minha Mãe!* Rio de Janeiro: Laemmert Limitada, 1958, p. 112.

_____. *Cartas para Portugal* (versos). Rio de Janeiro: [s.ed.], 1960.

_____. *Gente de agora*. São Paulo: Typographia Paulista, 1926.

_____. *Minha Mãe!!*. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert Limitada, 1958.

_____. *Safiras*. São Paulo: Rossolilli, 1934.

OSÓRIO, Ana de Castro. *A Grande aliança*. In: VALE, Fernando (org). Lisboa: Instituto Piaget, [s.d.].

_____. A Revolução de 5 de outubro de 1910. In: ESTEVES, João. *Mulheres e republicanismo (1908-1928)*. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Gênero. Lisboa, 2008, p. 70-74. (Coleção Fio de Ariana, v. 1)

PAIXÃO, Sylvia P; Gilka Machado. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Mulheres, 2009, p. 431-446.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: DEL RIORE, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 278-318.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Roberto Leal Ferreira (trad.). São Paulo: UNESP, 1998.

PESAVENTO, Sandra. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (org). *Fronteiras culturais*. Porto Alegre: Atelier Editorial, 2002.

PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

QUIROZ, Júlio. *A mulher na humanidade*. Blumenau: EDIFURB, 2014.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar, a utopia da cidade disciplinar (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAGO, Margareth et. al. *Narrar o passado, representar a história*. Campinas: UNICAMP, 2000.

RAMALHO, Christina (org). *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira; Morley Helena. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 245-246.

_____. Raquel Liberato Meyer. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Mulheres, 2009, p. 1025-1039.

REMÉDIOS, Maria José Lago dos. Ana de Castro Osório e a construção da Grande Aliança entre os povos: dois manuais da escritora portuguesa adotados no Brasil. VII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil, *Anais*. Mato Grosso do Sul, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <:// http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/109_maria_jose.pdf>. Acesso em: 20 out. 2014.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. *A mulher e o espaço público*. n. 18. São Paulo: ANPUH; Marco Zero, ago./set., 1989.

RICOEUR, Paul. *História e verdade*. Rio de Janeiro: Florence, 1968.

ROCHA. Santa Inèze Domingues da. Andradina de Oliveira: Defensora dos direitos da mulher. *Revista de Ciências, Artes e Letras – CAOSÓTICA*, abril/junho, 2005, p. 41-42.

RODRIGUES, Ernesto. *Mágico folhetim: literatura e jornalismo em Portugal*. Lisboa: Notícias, 1998.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/contexto*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.

SABINO, Ignez. *Mulheres illustres do Brazil*. Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro e Editor, 1899.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821*. Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo: Universidade de São Paulo, 1974.

SANTOS, Mirian Cristina dos. *Palestrando em Minas Gerais: a produção periodística de Elisa Lemos e Maria Emilia Lemos*. 260p. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de São João Del-Rei. Minas Gerais, 2010.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. *Representação do feminismo em uma escritura desautorizada: Celeste, de Maria Benedita Câmara Borman e O Perdão, de Andradina América Andrade de Oliveira*. Tese. (Doutorado em Literatura Comparada). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade federal do Rio Grande do Sul, 2007.

SCHUMAKER, Shuma. *Dicionário de mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SCOTT, Joan W. Experiência: tornando-se visível. In: SILVA, Alcione L.da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (org.). *Falas do gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1999, p. 21-55.

SENNA, Adriana Kivanski de. *O Casamento e o divórcio nos jornais rio-grandinos: (1889-1914)*. Rio Grande: Ed: FURG, 2002.

SILVA, Regina Célia Andrade da. Muito além dos estereótipos: Patrícia Bins, uma arqueóloga da alma. In: RAMALHO, Christina (org.). *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

SIMMEL, G. Cultura feminina. In: BICALHO, Maria Fernanda Baptista. *O Belo Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX*. 269p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

SIQUEIRA, Elizabeth Santos; FERREIRA, Luzilá G.et. al. *Um discurso feminino possível*. Pioneiras da imprensa em Pernambuco (1830-1910). Recife: UFPE, 1995.

Só dez por cento é mentira: vida e obra de Manoel de Barros. Produção de Artesanato Eletrônico. Coprodução Vite Produções. Direção Pedro Cesar, 2008. 1 vídeo (4: 58 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QZLC8wNVtfs>>. Acesso em: 10 set. 2014.

SOARES, Pedro Maia. Feminismo no Rio Grande do Sul: primeiros apontamentos 1835-1945. In: BRUSCHINI, Maria Cristina A; ROSEMBERG, Fúlvia (org.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: FCC/DPE; Brasiliense, 1980.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 1996.

_____. *O florete e a máscara: Josefina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 2001.

SOUZA, Acízelo de. *Teoria da Literatura*. 8. ed. São Paulo: Ática, [s.d].

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

SOUZA, J. Galante. *O teatro no Brasil: subsídios para uma biobibliografia do Teatro no Brasil*. Tomo II. Rio de Janeiro: INL, 1960.

SOUZA, Raquel dos Santos Madanelo. José Osório e a moderna poesia brasileira. SEMINÁRIO: INVESTIGADORES BRASILEIROS ESTAGIANDO EM PORTUGAL – TEMAS E RESULTADOS. Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias – CLEPUL. Lisboa, 21 de janeiro de 2014.

SOUZA, Reynolds de. *A concessão do voto às portuguesas*. Breves apontamentos. Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres. Presidência do Conselho de Ministros. Lisboa, 2006. (Coleção Fio de Ariana, v. 3)

SCHMIDT, Rita Terezinha. Andradina América Andrade de Oliveira. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século*

XIX. Antologia. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul:EDUNISC, 2004, p. 835-859.

_____. (org). *O Perdão*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010, p. 22.

_____. (org). *(Trans)formando identidades*. Porto Alegre: Palotti, 1997.

_____. Julieta de Melo Monteiro. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. v. II. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 306-333.

_____. Para além do dualismo natureza/cultura: ficções do corpo feminino. *Organon*. Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. v. 27, n. 52, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/33480>>. Acesso em: jun 2014.

_____. Sob a ótica da mulher. *Artexto*, n. 7. Rio Grande: FURG, 1996, p.141-163. (Entrevista cedida a Eliane Campello)

SCHUMAHER, Schuma; BRASIL, Érico Vital. (orgs.). *Dicionário de mulheres do Brasil. De 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SHARPE, Peggy. Júlia Lopes de Almeida. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 333-363.

TACCA, Oscar. *As vozes do romance*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

TAMBARA, Elomar. *Positivismo e Educação: a educação no Rio Grande do Sul sob o Castilhismo*. Pelotas: UFPel, 1995.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Tudo é História, 145)

TORRES, Luiz Henrique. Cronologia básica da história da cidade do Rio Grande. *Revista Biblos*, v. 22, n. 2. Rio Grande, 2008. Disponível

em: <[http:// www.seer.furg.br/biblos/article/view/957](http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/957)>. Acesso em: 2 fev. 2012.

TUBINO, Nina Maria Harraes. Lola de Oliveira. In: *50 anos de Literatura*. Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. Perfil das patronas. Porto Alegre: IEL, 1993, p. 92-95.

VAQUINHAS, Irene. *As mulheres no mundo contemporâneo: história comparada*. Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra. Coimbra, 2006. (Coleção Estudos 60)

VALE, Fernando (org). *A grande aliança*. Lisboa: Instituto Piaget, [s.d.].

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VELHO SOBRINHO, J. F. *Dicionário bio-bibliográfico*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1937.

VASCONCELLOS, Áurea Pires. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 738-758.

VASCONCELLOS, Eliane. Madame Chrysantème (Cecília Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos). In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

VASCONCELLOS, Eliane. Carmem Dolores. (Emília Moncorvo Bandeira de Melo). In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 500-534.

VASCONCELLOS. Maria Clara Vilhena da Cunha Santos. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 350-385.

VASCONCELLOS. Intimidade das confidências. *Teresa, Revista de Literatura Brasileira*, v. 8, n. 9, São Paulo, 2008, p.372-389.

VAZ, Artur Emilio Alarcon. *A lírica de imigrantes portugueses no Brasil meridional*. (1832-1922). 252p. Tese (Doutorado em Literatura Comparada, Literatura, História e Memória Cultural). Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. UFMG, Minas Gerais, 2006.

VAZ, Artur Emilio Alarcon; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira. *Literatura em revista (e jornal): periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais*. Belo Horizonte: FALE-UFMG / Rio Grande: FURG, 2006.

VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely. (orgs.). *A mulher brasileira no espaço público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

VIEIRA, Míriam Steffen. *Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo do periódico Corymbo, 1885-1925*. 165p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

XAVIER, Elódia. *Quecorpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

5.1. Periódicos/anuários consultados no Brasil

ÁLBUM LITERÁRIO, Pelotas, 3 de maio de 1875.

ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, para o ano de 1895- v.7. Editores: Carlos Pinto & Cia Sucessores. Oficinas a vapor da Livraria Americana, Rio Grande. 1896 - v.8 / 1897 - v.9 / 1898-v. 10/ 1899-v. 11/ 1900 - v.12 / 1901-v. 13/ 1902 - v. 14 / 1903 - v. 15 / 1904 - v. 16 / 1905 - v. 17 / 1906 - v.18 / 1907 - v. 19 / 1908 - v. 20 / 1909 - v. 25 / 1910 - v. 22 / 1911 - v. 23 / 1912 - v. 24 / 1914 - v. 26 / 1916 - v. 28 / 1927 - v. 29.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, para o ano de 1903. Echenique Irmã e Cia. Livraria Universal, Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande.

AURORA. Órgão Literário, Crítico e Noticioso. Laguna, ano I, n. I, 18 de agosto de 1902.

A AURORA. Periódico Literário e Noticioso. Florianópolis, ano I, n. I, 2 de junho de 1902.

A CASACA. Jornal Crítico e Literário. Florianópolis, ano [s.d.], n. [s.n.], 30 de junho de 1941.

A ÉPOCA. Órgão da Federação das Associações Católicas de Florianópolis, ano IV, n. 47, 22 de agosto de 1914.

A ESPERANÇA. Órgão Literário, Recreativo e Noticioso. Florianópolis, ano I, n. I, 7 de outubro de 1907.

A FRONTEIRA, “FOLHA REPUBLICANA”. Alegrete, ano X, n. 858, 30 de março de 1905.

A MENSAGEIRA. Diretora e Redatora: Prisciliana Duarte de Almeida. São Paulo, ano I, n. 3, 15 de novembro de 1897; ano I, n. 21, 15 de agosto de 1898.

A PALAVRA. Órgão dos Tirocinios. Laguna, ano I, n. I, 23 de setembro de 1906.

A TESOURA, periódico crítico, literário, noticiador. Florianópolis, ano I, n. I, 3 de fevereiro de 1901.

A VIOLETA. Periódico Literário e Noticioso. Florianópolis, 5 de novembro de 1899, ano I, n. I.

A VIOLETA, Mato Grosso. Publicação do Grêmio Júlia Lopes, [s. a.], n. 28, 2 de março de 1918, n. 34, 15 de janeiro; n. 51, 15 de outubro de 1919; [s.a.], n. 57, 24 de setembro de 1919.

A VIOLETA. Redadoras: Beatriz P. de Andrade e Cecília P. Caldas. Arroio Grande, ano I, n. 6, 6 de junho de 1897.

VIOLETA. Proprietária e redatora Julieta de Melo Monteiro. VIOLETA, ano I, n. 60, 24 de março de 1878; VIOLETA, ano I, n. 3, 31 de março de 1878; VIOLETA, ano I, n. 4, 7 de abril de 1878; VIOLETA, ano I, n. 5, 14 de abril de 1878; VIOLETA, ano I, n. 6, 21 de abril de 1878; VIOLETA, ano I, n. 7, 28 de abril de 1878; VIOLETA, ano I, n. 8, 5 de maio de 1878; VIOLETA, ano I, n. 9, 13 de

maio de 1878; VIOLETA, ano I, n. 10, 19 de maio de 1878; VIOLETA, ano I, n. 11, 26 de maio de 1878; VIOLETA, ano I, n. 12, 2 de junho de 1878; VIOLETA, ano I, n. 13, 9 de junho de 1878; VIOLETA, ano I, n. 14, 16 de junho de 1878; VIOLETA, ano I, n. 15, 23 de junho de 1878; VIOLETA, ano I, n. 16, 30 de junho de 1878; VIOLETA, ano I, n. 17, 7 de julho de 1878; VIOLETA, ano I, n. 18, 14 de julho de 1878; VIOLETA, ano I, n. 19, 21 de julho de 1878; VIOLETA, ano I, n. 20, 28 de julho de 1878; VIOLETA, ano I, n. 21, 4 de agosto de 1878; VIOLETA, ano I, n. 22, 11 de agosto de 1878; VIOLETA, ano I, n. 23, 18 de agosto de 1878; VIOLETA, ano I, n. 24, 25 de agosto de 1878; VIOLETA, ano I, n. 25, 1º de setembro de 1878; VIOLETA, ano I, n. 26, 7 de setembro de 1878; VIOLETA, ano I, n. 27, 15 de setembro de 1878; VIOLETA, ano I, n. 28, 22 de setembro de 1878; VIOLETA, ano I, n. 29, 24 de setembro de 1878; VIOLETA, ano I, n. 29, 29 de setembro de 1878; VIOLETA, ano I, n. 30, 6 de outubro de 1878; VIOLETA, ano I, n. 31, 13 de outubro de 1878; VIOLETA, ano I, n. 32, 20 de outubro de 1878; VIOLETA, ano I, n. 33, 27 de outubro de 1878; VIOLETA, ano I, n. 34, 3 de novembro de 1878; VIOLETA, ano I, n. 35, 10 de novembro de 1878; VIOLETA, ano I, n. 36, 17 de novembro de 1878; VIOLETA, ano I, n. 37, 1º de dezembro de 1878; VIOLETA, ano I, n. 38, 8 de dezembro de 1878; VIOLETA, ano I, n. 39, 15 de dezembro de 1878; VIOLETA, ano I, n. 40, 22 de dezembro de 1878; VIOLETA, ano I, n. 41, 29 de dezembro de 1878; VIOLETA, ano II, n. 43, 6 de abril de 1879; VIOLETA, ano II, n. 44, 13 de abril de 1879; VIOLETA, ano II, n. 45, 20 de abril de 1879; VIOLETA, ano II, n. 47, 11 de maio de 1879; VIOLETA, ano II, n. 48, 18 de maio de 1879; VIOLETA, ano II, n.49, 1 de junho de 1879; VIOLETA, ano II, n. 50, 15 de junho de 1879; VIOLETA, ano II, n. 51, 29 de junho de 1879; VIOLETA, ano II, n. 52, 6 de julho de 1879; VIOLETA, ano II, n. 53, 13 de julho de 1879; VIOLETA, ano II, n. 54, 13 de julho de 1879.

CORREIO DO SUL, Bagé, ano XXXI, n. 236, 20 de setembro de 1914; 5 de julho de 1946

CORYMBO. Proprietária e redatoras: Revocata Heloísa de Mello e Julieta de Mello Monteiro. Rio Grande do Sul, ano VII, n. 1, 26 de outubro de 1890; ano VII, n. 2, 15 de março de 1891; ano VII, n. 46, 6 de setembro; ano VIII, n. 68, 14 de fevereiro de 1892; ano VIII, n. 73, 27 de março; ano VIII, n. 80, 16 de maio; ano XI, n. 146, 3 de dezembro de 1893; ano XIII, n. 21, 26 de julho de 1896; ano XIII, n. 22, 2 de agosto; ano XIII, n. 28, 13 de setembro; ano XIV, n. 60, 2 de março de

1897; ano XIV, n. 61, 9 de maio; ano XIV, n. 65, 13 de junho; ano XIV, n. 74, 13 de junho; ano XIV, n. (não publicado), 1º de agosto; ano XIV, n. 74, 29 de agosto; ano XIV, n. 80, 24 de outubro; ano XV, n. 85, 30 de janeiro de 1898; ano XV, n. 100, 1º de outubro; ano XIII, n. 159, 15 de março de 1901; ano (não publicado), n. 77, 30 de janeiro de 1917; ano (não publicado), n. 89, 30 de julho; ano (não publicado), n. 95, 30 de outubro - “Nova fase”; ano (não publicado), n. 401, dia (não publicado), março de 1935; ano (não publicado), n. 402, dia (não publicado) maio; ano (não publicado), dia (não publicado), n. 404 novembro de 1935.

ECHO DO SUL. Rio Grande, [s.a], 12 de julho de 1910; 22 de novembro de 1910.

IDADE D’OURO. Jornal Político, agrícola e miscelâneo. Typografia de Fonseca e Cia. Porto Alegre, [s.d], 1834, n. 31.

JORNAL SOCIAL. Alegrete, Rio Grande do Sul, ano II, n. 2. Gerente: Eduardo Mallmann.

O BRASIL. Editores Moncorvo Irmão & Romeu. Pelotas, 13 de setembro de 1895, ano II, n. 134; ano II, n. 135, 14 de setembro de 1895.

O COMÉRCIO. Órgão dos interesses locais. Rio Grande do Sul, Bagé, ano IV, n. 798, 5 de dezembro de 1897; ano IV, n. 796, 7 de dezembro; ano IV, n. 797, 8 de dezembro; ano IV, n. 800, 10 de dezembro; ano IV, n. 801, 14 de dezembro; ano IV, n. 806, 19 de dezembro; ano IV, n. 813, 20 de dezembro; ano IV, n. 817, 4 de janeiro de 1898; ano IV, n. 818, 5 de janeiro; ano IV, n. 820, 8 de janeiro; ano IV, n. 842, 4 de fevereiro; ano IV, n. 862, 1 de março; ano IV, n. 871, 12 de março de 1898.

O INDEPENDENTE, ano I, n. 23, 5 de maio de 1901; ano I, [s.n], 2 de junho; ano I, [s.n], 24 de novembro de 1901; ano I, n. 53, 1 de dezembro; ano II, [s.n], 13 de junho de 1902; ano II, n. 89, 10 de agosto de 1902.

O JASMIM. Órgão Literário, noticioso e comercial, dedicado ao belo sexo. Laguna, ano I, n. 1, 9 de junho de 1901; n. 6, 13 de agosto; ano II, n. 14, 19 de janeiro de 1902.

O PAMPEIRO. Folha noticiosa, comercial e literária. Arroio Grande – Estado do Rio Grande do Sul, ano II, n. 44, 23 de dezembro de 1897.

O PELOTENSE. Semanário Independente. Estado do Rio Grande do Sul. Proprietários: Mari Ani & Ribeiro. Redator Dermeval Araújo. Pelotas, 22 de junho de 1906, ano I, n. 8.

REVISTA CATARINENSE. Publicação mensal destinada aos interesses de Santa Catarina. Florianópolis, ano I, n. 1, [?], 1900.

VIOLETA. Periódico Literário Crítico e Instructivo. Redatora e Proprietária: Julieta de M. Monteiro. Typografia da Violeta. Rio Grande do Sul, ano I, n. 3, 31 de março de 1878; ano I, n. 4, 7 de abril de 1878; ano I, n. 5, 14 de abril; ano I, n. 6, 21 de abril; ano I, n. 7, 28 de abril; ano I, n. 8, 5 de maio; ano I, n. 9, 13 de maio; ano I, n. 10, 19 de maio; ano I, n. 11, 26 de maio; ano I, n. 12, 2 de junho; ano I, n. 13, 9 de junho; ano I, n. 14, 16 de junho; ano I, n. 15, 23 de junho; ano I, n. 16, 30 de junho; ano I, n. 17, 7 de julho; ano I, n. 18, 14 de julho; ano I, n. 19, 21 de julho; ano I, n. 20, 28 de julho; ano I, n. 21, 4 de agosto; ano I, n. 22, 11 de agosto; ano I, n. 23, 18 de agosto; ano I, n. 24, 25 de agosto; ano I, n. 25, 1º de setembro; ano I, n. 26, 7 de setembro; ano I, n. 27, 15 de setembro; ano I, n. 28, 22 de setembro; ano I, n. 29, 24 de setembro; ano I, n. 29, 29 de setembro; ano I, n. 30, 6 de outubro; ano I, n. 31, 13 de outubro; ano I, n. 32, 20 de outubro de 1878; ano I, n. 33, 27 de outubro; ano I, n. 34, 3 de novembro; ano I, 35, 10 de novembro; ano I, n. 36, 17 de novembro; ano I, n. 37, 1º de dezembro; ano I, n. 38, 8 de dezembro; ano I, n. 39, 15 de dezembro; ano I, n. 40, 22 de dezembro; ano I, n. 41, 29 de dezembro; ano II, n. 43, 6 de abril de 1879; ano II, n. 44, 13 de abril; ano II, n. 45, 20 de abril; ano II, n. 47, 11 de maio; ano II, n. 48, 18 de maio; ano II, n. 49, 1 de junho; ano II, n. 50, 15 de junho; ano II, n. 51, 29 de junho; ano II, n. 52, 6 de julho; ano II, n. 53, 13 de julho; ano II, n. 54, 13 de julho, de 1879.

TAQUARIENSE, [s.a], n. 690, 15 de fevereiro de 1900; [s.a], n. 1722, 28 de outubro de 1920; [s.a], n. 2117, 25 de agosto de 1928; [s.a], n. 2998, 20 de outubro de 1945.

5.2. *Escrínio*: exemplares consultados

ESCRÍNIO, *Hebdomadário Litterário, Insctructivo e Noticioso*. Proprietária e Redatora: Andradina de Oliveira. Ano I, n. 1, Rio Grande, Bagé, 2 de janeiro de 1898.

ESCRÍNIO, *Hebdomadário Litterário, Insctructivo e Noticioso*. Proprietária e Redatora: Andradina de Oliveira. Ano I, n. 2, Rio Grande, Bagé, 9 de janeiro, de 1898.

ESCRÍNIO, *Hebdomadário Litterário, Insctructivo e Noticioso*. Proprietária e Redatora Andradina de Oliveira. Ano I, n. 4, Rio Grande do Sul, Bagé, 23 de janeiro de 1898.

ESCRÍNIO, *Hebdomadário Litterário, Insctructivo e Noticioso*. Proprietária e Redatora: Andradina de Oliveira. Ano I, n. 5, Rio Grande do Sul, Bagé, 30 de janeiro de 1898.

ESCRÍNIO, *Hebdomadário Litterário, Insctructivo e Noticioso*. Proprietária e Redatora: Andradina de Oliveira. Ano I, n. 15. Rio Grande do Sul, Bagé, 10 de abril de 1898.

ESCRÍNIO, *Revista Literária dedicada à mulher rio-grandense*. Diretora: Andradina de Oliveira. Ano IV, n. IV. Santa Maria, 28 de fevereiro de 1901.

ESCRÍNIO, *Revista Literária dedicada à mulher rio-grandense*. Diretora: Andradina de Oliveira. Ano IV, n. V. Santa Maria, 15 de março de 1901.

ESCRÍNIO, *Jornal dedicado à mulher rio-grandense*. Diretora: Andradina de Oliveira. Ano IV, n. I. Porto Alegre, 12 de junho de 1901.

ESCRÍNIO, *Jornal dedicado à mulher rio-grandense*. Diretora: Andradina de Oliveira. Ano IV, n. 3. Porto Alegre, 30 de junho de 1901.

ESCRÍNIO, *Jornal Litterário, Artístico e Noticioso dedicado à mulher rio-grandense*. Diretora: Andradina de Oliveira. Ano IV, n. 36. Porto Alegre, 20 de dezembro de 1903.

ESCRÍNIO, *Revista Semanal Ilustrada*. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano X, n. 1, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 16 de setembro de 1909.

ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano X, n. 2, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 23 de setembro de 1909.

ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano X, n. 4, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 9 de outubro de 1909.

ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano X, n. 5, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 16 de outubro de 1909.

ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano X, n. 10, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 20 de novembro de 1909.

ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano X, n. 11, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 27 de novembro de 1909.

ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano X, n. 15, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 25 de dezembro de 1909.

ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano XI, n. 6, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 5 de fevereiro de 1910.

ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano XI, n. 7, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 12 de fevereiro de 1910.

ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano XI, n. 9, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 26 de fevereiro de 1910.

ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano XI, n. 11, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 12 de março, de 1910.

ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano XI, n. 14, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2 de abril de 1910.

ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano XI, n. 16, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 16 de abril de 1910.

ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano XI, n. 17, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 23 de abril de 1910.

ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano XI, n. 18, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 30 de abril de 1910.

ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano XI, n. 20, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 14 de maio de 1910.

ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano XI, n. 21, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 21 de maio de 1910.

ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano XI, n. 22, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 28 de maio de 1910.

ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano XI, n. 25, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 18 de junho de 1910.

ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano XI, n. 26, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 25 de junho de 1910.

5.3. Periódicos/anuários consultados em Portugal

Almanaque de Lembranças para o ano de 1851; Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1900/ 50º ano da coleção; para o ano de 1901/ 51º ano da coleção; para o ano de 1902/ 52º ano da

coleção; para o ano de 1903/ 53º ano da coleção; para o ano de 1904/54º ano da coleção; para o ano de 1905/ 55º ano da coleção; para o ano de 1906/ 56º ano da coleção; para o ano de 1907/57º ano da coleção; para o ano de 1908/58º ano da coleção; para o ano de 1909/ 59º ano da coleção; para o ano de 1910/60º ano da coleção; para o ano de 1911/ 61º ano da coleção; para o ano de 1912/ 62º ano da coleção; para o ano de 1913/63º ano da coleção; para o ano de 1914/64º ano da coleção; para o ano de 1915/65º ano da coleção; para o ano de 1916/ 66º ano da coleção; para o ano de 1917/67º ano da coleção; para o ano de 1918/ 68º ano da coleção; para o ano de 1919/ 69º ano da coleção; para o ano de 1920/70º ano da coleção; para o ano de 1921/71º ano da coleção; para o ano de 1922/72º ano da coleção; para o ano de 1923/ 73ª; para o ano de 1924/ 74º ano da coleção; para o ano de 1925/ 75º ano da coleção; para o ano de 1926/ 76º ano da coleção; para o ano de 1927/ 77º ano da coleção; para o ano de 1928/ 78º ano da coleção; para o ano de 1929/ 79º ano da coleção; para o ano de 1930/80º ano da coleção; para o ano de 1931/ 81º ano da coleção; para o ano de 1932/ 82ª ano da coleção.

A FOLHA DE BEJA. Literária e Científica. Beja, 28 de novembro de 1912, ano V, n. 65.

A MADRUGADA, folha mensal propriedade da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas. Lisboa, 31 de agosto de 1911, ano I, n. 1; 30 de setembro; n. 2, 31 de outubro, n. 3; 30 de novembro, n. 4; 31 de dezembro, n. 5; 31 de janeiro de 1912, n. 6; 31 de fevereiro, n. 7; 31 de março, n. 8; 30 de abril, n. 9; 32 de maio, n. 10; 30 de junho, n. 11; 31 de julho, n. 12; 31 de agosto, ano II, n.13; 30 de setembro, n. 14; 31 de outubro, n. 15; 30 de novembro, n. 16; 31 de dezembro, n. 17; 31 de janeiro de 1913, n. 18; 28 de fevereiro, n. 19; 30 de abril, n. 21; 31 de maio, n. 22; 30 de junho, n. 23; 31 de julho, n. 24; 31 de agosto, ano III, n. 25; 30 de setembro, n. 26; 31 de outubro, n. 27; 30 de novembro, n. 28; 31 de dezembro, n. 29; 31 de janeiro de 1914, n. 30; 28 de fevereiro, n. 31; 31 de março, n. 32; 30 de abril, n. 33; 31 de agosto, ano IV, n. 35; 31 de dezembro, n. 37; 31 de janeiro de 1915, n. 38; 29 de março, n. 39; 31 de maio, n. 40; 31 de junho, n. 41; 30 de setembro, ano V, n. 42; 12 de dezembro, n. 43; 1º de fevereiro de 1916, n. 44; 1º de abril, n.45; 1º de junho, n.46; 1º de agosto, ano VI, n. 47; 1º de outubro, n. 48; 1º de fevereiro de 1917, n. 50; 1º de abril, n. 51; 1º de junho, n. 52.

A VOZ FEMININA. Jornal semanal, científico, literário e noticioso, Lisboa, 5 de janeiro de 1868, ano I, n. 1; 12 de janeiro, n. 2; 19 de

janeiro, n. 3; 26 janeiro, n. 4; 8 de fevereiro, n. 5; 4 de março, n. 7; 8 de março n. 8; 15 de março n. 9; 15 de março de 1869, n. 51.

ILUSTRAÇÃO FEMININA. Semanário de ilustração e recreio. Lisboa, 17 de agosto de 1868, ano I, n[?].

JORNAL DAS DAMAS, dedicado ao belo sexo. Porto, 1º de janeiro de 1894, ano I, n. 1.

SOCIEDADE FUTURA. Revista quinzenal de educação, literatura e ciência. Lisboa, 1º de maio de 1902, ano I, n. 1; 1º de junho, n. 3; 15 de junho, n. 4; 1º de agosto, n. 6; 1º de setembro, n. 8; 1º de outubro, n. 10; 15 de outubro, n. 11; 1º de novembro, n. 12; 15 de novembro, n. 13; 1º de dezembro, n. 14; 1º de janeiro de 1903, ano II, n. 16; 1º de fevereiro, n. 17 e 18; 1 de maio, n. 23 e 24; 1º de julho, n. 25; 1º de agosto, n. 26; 1º de janeiro de 1904, ano III, n. 27.

6. BIBLIOTECAS E ACERVOS CONSULTADOS

A
<p>Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul - ALFRS, Porto Alegre, RS.</p> <p>Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre, RS.</p> <p>Arquivo da Cúria Metropolitana de Rio Grande, RS.</p> <p>Arquivo Público Municipal de Bagé, RS.</p> <p>Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Velinho, RS.</p> <p>Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, RS.</p> <p>Disponível em:</p> <p><http://web2.santamaria.rs.gov.br/arquivohistorico/sistema_descricao_documental/index.php/>.</p> <p>Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, RS.</p> <p>Arquivo Público do Estado de São Paulo.</p> <p>Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/hemeroteca.php>.</p> <p>Arquivo Público de Rio Grande, RS.</p> <p>Associação Brasileira da Imprensa – ABI, Porto Alegre, RS.</p>
B
<p>Banco de dados da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, RS.</p> <p>Biblioteca Pública Pelotense, Pelotas, RS.</p> <p>Biblioteca Rio-Grandense, Rio Grande, RS.</p> <p>Biblioteca Pública Municipal Dr. Otávio Santos, Bagé, RS.</p> <p>Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Acervo Julio Petersen.</p>
C
<p>Casa de Cultura Mário Quintana, Porto Alegre, RS.</p> <p>Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas – Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Sul – CORAG.</p>
H
<p>Hemeroteca Digital da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, SP.</p> <p>Disponível em:</p> <p><http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/acervos/index.php?p=11787>. Acesso em: 22 jul. 2013.</p> <p>Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil.</p> <p>Disponível em: <http://bndigital.bn.br/>. Acesso em: ago. 2014.</p> <p>Hemeroteca Digital de Lisboa, Portugal.</p> <p>Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>. Acesso em: 20 jan. 2014.</p> <p>Hemeroteca Digital da Biblioteca Pública de Santa Catarina.</p> <p>Disponível em: <http://hemeroteca.biblioteca.sc.gov.br/HEMO.html>. Acesso em: 20 abr. 2014.</p>
I
<p>Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.</p>

Instituto Histórico Patruhense, Santo Antônio da Patrulha, RS.
M
Memorial do Legislativo da Assembleia do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Memorial do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, Porto Alegre, RS. Museu Dom Diogo de Souza, Bagé, RS.
T
Teatro São Pedro, Porto Alegre. Acervo digital. Disponível em: < http://acervo.teatrosaopedro.com.br/ >.

7. ANEXOS

Anexo I: Cronologia do jornal *Escrínio*

Cronologia do jornal <i>Escrínio</i> (1898-1910) ²⁶²	
1ª Fase	
Jornal Hebdomadário, Literário, Instrutivo e Noticioso. Diretora: Andradina de Oliveira	Semanal – Ano I Publicado em Bagé
Nº 1	2 de janeiro de 1898
Nº 2	9 de janeiro de 1898
Nº 4	23 de janeiro de 1898
Nº 5 ²⁶³	30 de janeiro de 1898
Nº 15	10 de abril de 1898
2ª Fase	
Revista Literária Dedicada à Mulher Rio-Grandense. Diretora: Andradina de Oliveira	Quinzenal – Ano IV Publicado em Santa Maria
Nº 4	28 de fevereiro de 1901
Nº 5	15 de março de 1901
3ª Fase	
Jornal Dedicado à Mulher Rio- Grandense. Diretora: Andradina de Oliveira	Semanal – Ano IV Publicado em Porto Alegre

²⁶²Infelizmente, parte da produção do periódico *Escrínio* já está desaparecida. As edições/publicações resgatadas para o estudo da presente tese foram encontradas na Biblioteca Rio-Grandense, em Rio Grande, e no Museu D. Diogo de Souza, em Bagé. Na capital gaúcha encontramos edições no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa e no acervo particular da historiadora Hilda A. Hubner Flores. Em busca on-line, na Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, encontramos somente duas edições, as quais já tínhamos em mãos. Foram, também, realizadas buscas infrutíferas na Biblioteca Pública Municipal de Pelotas, nesta cidade; na Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, que se encontra em instalações provisórias na Casa de Cultura Mário Quintana; no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul; no Memorial do Legislativo, localizado na Assembleia Legislativa do Estado; na Biblioteca da Assembleia Legislativa; na Associação Rio-Grandense de Imprensa - ARI; no Memorial do Rio Grande do Sul; no Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho, todos na capital gaúcha. Em busca on-line, realizamos pesquisas na Hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, assim como em todo o acervo disponível naquela Instituição carioca. Realizamos, ainda, buscas na Biblioteca Nacional de Portugal, uma vez que constatamos que o *Escrínio* chegou naquela terra por meio de uma permuta com o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

²⁶³Nesta publicação, deve ter havido um erro de impressão, uma vez que conta como número do jornal o número 3, sendo que, na verdade, é o número 5.

Nº 1 ²⁶⁴	12 de junho de 1901
Nº 3	30 de Junho de 1901
4ª Fase	
Jornal Literário, Artístico e Noticioso Dedicado à Mulher Rio- Grandense.	Semanal – Ano VI Publicado em Porto Alegre
Diretora: Andradina de Oliveira	
Nº 36	20 de dezembro de 1903 ²⁶⁵
5ª Fase	
Revista Semanal Ilustrada. ²⁶⁶	Semanal – Anos X e XI Publicado em Porto Alegre
Diretora: Andradina de Oliveira	
Secretária: Lola de Oliveira	
Nº 1 ²⁶⁷	16 de setembro de 1909
Nº 2	23 de setembro de 1909
Nº 4 ²⁶⁸	9 de outubro de 1909
Nº 5 ²⁶⁹	16 de outubro de 1909
Nº 10	20 de novembro de 1909
Nº 11	27 de novembro de 1909
Nº 15	25 de dezembro de 1909
Nº 6	5 de fevereiro de 1910
Nº 7	12 de fevereiro de 1910
Nº 9	26 de fevereiro de 1910
Nº 11 ²⁷⁰	12 de março de 1910
Nº 14	2 de abril de 1910
Nº 16	16 de abril de 1910
Nº 17	23 de abril de 1910

²⁶⁴ “O ESCRÍNIO [...] nasceu sob o esplendoroso céu da histórica Bagé [...]. Passou pela generosa e hospitaleira cidade de Rio Grande [...] viveu ultimamente quase dois anos na poética cidade de Santa Maria [...] hoje surge na grande capital do heroico estado do Rio Grande do Sul” (ESCRINIO, página não numerada).

²⁶⁵ Em nota, a diretora avisa que “esta folha deixa de ser publicada no dia 27 para ser a 1º de janeiro”, pois, segundo ela, o jornal completaria nesta data seu “7º ano de existência” (1903, p. 2). Há, aqui, uma pequena ressalva, uma vez que o jornal teve sua primeira publicação em 2 de janeiro de 1898.

²⁶⁶ Reaparece o jornal após três anos sem circulação.

²⁶⁷ “Reaparecimento do ESCRÍNIO”. Em edição de 16 de setembro, “após três anos de luto e mágoa para sua diretora e secretária, surge, hoje, o *Escrínio*, em Revista Ilustrada, transformado. Suspenso no período acerbo em que a mais angustiada das dores [...] o desaparecimento prematuro do ser adorado” (1909, p. 2). Aqui, a jornalista se refere à morte do filho.

²⁶⁸ Em nota, a jornalista avisa que, “por comodidade de impressão, o ESCRÍNIO será publicado aos sábados” (1909, p. 53).

²⁶⁹ Em nota, a jornalista avisa que “do próximo número em diante, a capa do ESCRÍNIO passará por uma transformação, publicando todas as semanas uma nova vista” (1909, p. 65).

²⁷⁰ “Publica-se aos sábados”.

Nº 18	30 de abril de 1910
Nº 20	14 de maio de 1910
Nº 21	21 de maio de 1910
Nº 22	28 de maio de 1910
Nº 25	18 de junho de 1910
Nº 26	25 de junho de 1910

Anexo II: Colaboradoras do jornal *Escrínio* – 1ª Fase, Bagé (1901)

<i>Jornal Hebdomadário, Literário, Instrutivo e noticioso</i>						
Diretora: Andradina de Oliveira						
Publicado em Bagé, RS						
Autoria/Local	Ano	Nº	Dia Mês	Data	Título Página	Gênero
Andradina de Oliveira	I	1	2 jan	1898	Escrínio p. 1-2	Artigo
Andradina de Oliveira	I	2	2 jan	1898	Ano Novo ²⁷¹ p. 4	Prosa
Andradina de Oliveira	I	2	9 jan	1898	Deus p. 1	Prosa
Andradina de Oliveira	I	2	9 jan	1898	Agradecimento p. 2	Artigo
Andradina de Oliveira	I	4 ²⁷²	23 jan	1898	Vem de 'Canudos'- General Telles, p. 1	Artigo
Andradina de Oliveira	I	4	23 jan	1898	Anjos p. 1	Prosa
Andradina de Oliveira	I	4	23 jan	1898	Retratinhos p. 1	Prosa
Andradina de Oliveira	I	4	23 jan	1898	A lágrima da estrela p. 2	Prosa
Andradina de Oliveira	I	15	10 abr	1898	Galeria brasileira: miniaturas ²⁷³ p. 1	Artigo
Andradina de Oliveira	I	15	10 abr	1898	Jesus p. 1-2	Conto
Elvira Gama ²⁷⁴ Rio de Janeiro	I	3	30 jan	1898	O forte somos nós! p. 3	Soneto
Honorina Torres ²⁷⁵ Pelotas	I	2	9 jan	1898	Ilustrada poetisa p. 2	Poesia
Ibrantina	I	3	30 jan	1898	Ao Rio Grande	Soneto

²⁷¹ Este texto a autora assina como A. O.

²⁷² Entre as edições de Nº 3 e Nº 4, deve ter havido um erro de impressão, uma vez que os números das duas edições estão trocados; porém, se, de fato, houve o erro, a edição do dia 16 de janeiro deixou de ser publicada, pois a publicação do dia 30 de janeiro deveria contar com a edição Nº 5.

²⁷³ Este texto a autora assina como A. O.

²⁷⁴ Não encontramos referências sobre o nome em questão.

²⁷⁵ A poetisa Honorina Torres foi professora em Pelotas, no Rio Grande do Sul, sendo que, na atualidade, acolhe seu nome em uma Escola Pública Municipal.

Cardona ²⁷⁶ São Paulo					do Sul p. 2	
Leocadia Grecco ²⁷⁷ Bagé	I	1	2 jan	1898	As mães: o primeiro filho p. 2-3	Artigo
Leocadia Grecco Bagé	I	1	30 jan	1898	A mulher p. 2	Artigo
Lucy ²⁷⁸ / [?]	I	1	2 jan	1898	Diário de uma filha: minha mãe p. 4	Prosa
Lucy/[?]	I	4	23 jan	1898	Diário de uma filha - A hora do anoitecer p. 2	Prosa
Revocata H. de Melo ²⁷⁹ Rio Grande	I	3	30 jan	1898	Pressentimento p. 1	Poesia

²⁷⁶ Nascida Ibrantina Froidevaux de Oliveira em 11 de outubro de 1868, em Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, assumindo o nome do esposo, o português Francisco Cardona, escritor, filho de portugueses, nascido no Rio Grande do Sul, que conhecera em São Paulo. Viveu em várias cidades do país em função do pai, militar. No Rio Grande do Sul, morou em Pelotas e Jaguarão e, depois, em Nossa Senhora do Desterro, hoje a cidade de Florianópolis. Segundo Zahidé L. Muzart, “para os leitores dos velhos jornais da Biblioteca Pública de Florianópolis, o nome Ibrantina é bem conhecido, não como Cardona, seu nome de casada, mas como Ibrantina de Oliveira” (2004, p. 430). Colaboradora de vários jornais, como *A Palavra*, *Polianteia*, *Crepúsculo*, estes de Santa Catarina, e *A Mensageira*, de São Paulo. Poetisa reconhecida pela crítica, foi aplaudida por Zeferino Brasil e Menotti del Picchia. Ibrantina Cardona foi membro da Academia Fluminense de Letras e foi uma mulher “invulgar que dedicou sua vida às letras e deixou uma obra consciente e abundante” (Ibidem, 2004).

²⁷⁷ Leocadia Grecco, biografada por Andradina de Oliveira (ESCRÍNIO, 1907), nasceu em Bagé (?-1901), no Rio Grande do Sul. Casada com Grecco, “um pintor de talento” (1907, p. 56), que a inspirava, possuía uma instrução privilegiada: falava cinco línguas e estava a par do movimento literário europeu da sua época. A jovem exercia função de guarda-livros da fábrica do seu pai e adorava escrever poemas (Ibidem, 1907). Segundo Andradina, Leocadia, sua melhor amiga, foi sua primeira colaboradora no *Escrínio* e, nele, começou a carreira literária. (Idem, Ibidem, 1907)

²⁷⁸ Acreditamos que o nome seja um pseudônimo; também não consta o lugar de origem do texto.

²⁷⁹ Filha da intelectual Revocata dos Passos Figueiroa e Melo, seguindo os passos da mãe, junto com a irmã Julieta de Melo Monteiro, foi fundadora do jornal *Corymbo* que, editado na cidade do Rio Grande, circulou entre os anos de 1844 a 1944, no país e fora dele, notadamente em Portugal, onde permutava com a revista literária *A Semeadora*. (VIEIRA, 1997) Revocata Heloisa de Melo foi poetisa, cronista, contista e jornalista, trabalho que desenvolveu sempre ao lado da irmã, Julieta. A partir do seu jornal, contribuiu sobremaneira para a elevação intelectual das mulheres, principalmente no Rio Grande do Sul. Revocata (1858- 1945) também era colaboradora dos jornais *A Madrugada*, *Escrínio*, *Almanaque Estatístico e Literário do Rio Grande do Sul* e *La Pátria Ilustrada*, que era publicado em Buenos Aires. (Ibidem, 1997) Os seus primeiros versos foram publicados em 1879, na *Grinalda*.

Anexo III: Colaboradoras da Revista *Escrínio* – 2ª Fase, Santa Maria (1901)

<i>Revista Literária dedicada à mulher rio-grandense</i>						
Diretora: Andradina de Oliveira						
Publicado em Santa Maria, RS						
Autoria/Local	Ano	Nº	Dia Mês	Data	Título Página	Gênero
Andradina de Oliveira Santa Maria	IV	4	28 fev	1901	O piano de Alice p. 5-6	Conto
Andradina de Oliveira Santa Maria	IV	5	15 mar	1901	Impressões de vigem p. 1-3	Artigo
Andradina de Oliveira Santa Maria	IV	5	15 mar	1901	Alaide de Lara Ulrich p. 8	Artigo
Inês Sabino ²⁸⁰ Rio de Janeiro	IV	5	15 mar	1901	Brasileiras ilustres p. 4-6	Artigo
Julieta de Melo Monteiro ²⁸¹ Rio Grande	IV	4	28 fev	1901	Sogras e madrastas p. 1	Prosa

²⁸⁰ Inês Sabino nasceu em Salvador, Bahia, em 1853, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1911. Começa seus estudos em Pernambuco, onde o pai, médico, o Dr. Sabino Olegário Ludgero Pinho atuava, mas é enviada para a Inglaterra a fim de aperfeiçoar seus estudos. Como poetisa, começa por lançar, em 1887, *Aves Libertas*, com engajamento às causas abolicionistas. Depois, seguiram-se as publicações de *Rosas pálidas* e *Impressões*, no mesmo ano. Mais tarde, lança, em 1891, *Contos e lapidações*. Tal como indica, é um livro que contém contos, crônicas e poesias. E muitos outros livros vieram. Na ficção, escreve *Lutas do coração*, em que examina a situação da mulher à luz da contribuição na sociedade, em 1898. Seu nome, porém, deve ser registrado pela atuação em prol dos direitos das mulheres, quando, em *Mulheres Ilustres do Brasil*, escreve biografias de muitas mulheres brasileiras, entre patriotas, de caráter cívico, e mulheres atuantes nas letras, editado em 1899, que deve ter inspirado Andradina a lançar *A mulher rio-grandense*, do mesmo gênero; é uma obra relevante para nós, pesquisadoras. Casada com o comerciante português Francisco de Oliveira e mãe de uma filha, os deveres domésticos não foram desculpas para a intelectual abrilhantar sua carreira com inúmeras publicações e, ainda, colaborar em diversos periódicos, entre os quais, o *Escrínio*. (MUZART, 1999, p. 591-615)

²⁸¹ Segundo Maria Christina Pereira Minasi (2006), o natalício de Julieta deu-se na cidade de Rio Grande, em 21 de outubro de 1855 e morte também nesta cidade, em 1928. Irmã de Revocata Heloisa de Melo, a jovem foi poetisa, professora e redatora, junto com a irmã, do *Corymbo*. Casada com “o jornalista Francisco Guilherme Pinto Monteiro, que morreu cedo, deixando um vazio preenchido precariamente pelo amor ao trabalho” (SCHMIDT, 2004, p. 306), sua vida foi marcada por perdas: da mãe, do esposo e do irmão, Romeu, que transformou sua vida em dor e saudade. “Com a irmã manteve uma relação afetiva e intelectual à beira da veneração” (Ibidem, p. 306).

Anexo IV: Colaboradoras do jornal *Escrínio* – 3ª Fase, Porto Alegre (1901)

<i>Jornal dedicado à mulher rio-grandense</i>						
Diretora: Andradina de Oliveira						
Publicado em Porto Alegre, RS						
Autoria/Local	Ano	Nº	Dia Mês	Data	Título Página	Gênero
Andradina de Oliveira Porto Alegre	IV	1	12 jun	1901	Escrínio p 2-3	Artigo
Andradina de Oliveira Porto Alegre	IV	1	12 jun	1901	Galeria Rio- Grandense p. 3 -4	Artigo
Andradina de Oliveira Porto Alegre	IV	3	30 jun ²⁸²	1901	Galeria Rio- Grandense p. 1	Artigo
Andradina de Oliveira Porto Alegre	IV	3	30 jun	1901	O armador p. 2-3	Conto ²⁸³
Anália Franco ²⁸⁴ São Paulo	IV	3	20 jun	1901	A mulher e sua educação p. 1-2	Artigo
Cândida Fortes ²⁸⁵	IV	1	12	1901	Paladina ²⁸⁶	Artigo

²⁸² Em nota, na página 4, a editora informa que o jornal deixa de “aparecer as quartas” e, a partir desta data, passará a ser publicado aos domingos.

²⁸³ A autora oferece este conto “às irmãs Júia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira” (1901).

²⁸⁴ Anália Franco nasceu em 1853, em São Paulo, e faleceu em 1919, de gripe espanhola, moléstia que vitimou muitas pessoas à época. Seus primeiros estudos foram realizados em Resende, sob orientação de sua mãe, a professora Teresa Emília de Jesus, natural de Pernambuco. Completa seus estudos na Capital, onde se forma na Escola Normal. Exímia Educadora, faz desta profissão sua vocação, sendo mestra toda a vida. Preocupava-se com a educação, principalmente, com a instrução feminina e, como religiosa, a doutrina espírita regeu suas atividades, empenhou-se na criação de creches e escolas para crianças abandonadas e moças sem lares, com ações em um amplo campo social. Ao mesmo tempo em que viaja pela Europa para aperfeiçoar seus métodos pedagógicos, colabora para as revistas e jornais femininos como o *Escrínio*, *A mensageira*, *A Família* e *Ode das Damas*, e, em 1898, inicia a publicação da revista *Álbum das Meninas*, dedicada à educação das jovens brasileiras, e *A Voz Maternal*, fundada em 1903. Casada em 1906, com Francisco Antônio Bastos, com quem funda vários asilos, creches e escolas. Como não poderia deixar de ser, a literatura exercida por Anália estava sempre ligada à educação; escreve *A filha do artista*. (MUZART, 1999, p. 616-625).

²⁸⁵ Não consta o local de envio do texto. A autora, que assina o nome de solteira, Cândida (de Oliveira) Fortes, depois que casa, passa a assinar Cândida F. Brandão, ou Cândida Brandão; caso que encontramos no *Escrínio* em 11 de abril de 1910, no anexo VI – 5ª Fase da tese. Cândida de Oliveira Fortes (1862- 1922) nasceu na cidade de Cachoeira do Sul, no Rio Grande do Sul. Colaborou como contista e poetisa em vários jornais, como *O Comércio*, *Corymbo*, *Escrínio*, *Grinalda*, *Jornal do Comércio*, *A Pátria* e *A tribuna*. (SCHMIDT, 2004)

Amélia Rodrigues ²⁸⁷ Bahia	IV	3	jun 30	1901	p. 2 O vagabundo	Soneto
Maria Amália Vaz de Carvalho ²⁸⁸	IV	3	jun 30	1901	p. 2 Feminismo	Artigo
Prisciliana Duarte de Almeida ²⁸⁹	IV	3	jun 30	1901	p. 2 Gonçalves Dias	Poesia
Maria José Coelho ²⁹⁰	IV	1	jun 12	1901	p. 3 AD. Luciana de Abreu	Poesia ²⁹¹

Oradora, educadora e poetisa, “destacou-se pelo entusiasmo contagiante do seu espírito cívico e foi porta-voz de conceitos de ordem, liberdade e cidadania” (Ibidem, p. 144).

²⁸⁶ Oferecido à “brilhante escritora rio-grandense” [Andradina].

²⁸⁷ Não consta o local de envio do texto. Amélia [Augusta] Rodrigues [do Sacramento]. A intelectual nasceu na freguesia Oliveira de Campinhos, no município de Santo Amaro, Bahia. (ALVES, 2004) Professora, conferencista e escritora, poetisa e ficcionista, colaborou nos periódicos *Echo Santamarense*, *O Monitor*. Em 1883, edita seu primeiro livro, *Filenilda*, composto por um único poema. (Ibidem, 2004) Militante pela educação e instrução para os mais pobres, estreita laços com as instituições católicas, os salesianos e os beneditinos, uma vez que se ocupa com a multiplicação de abrigos para os pobres. Em 1919, funda a revista *Luz de Maria*. Na sua obra, a intelectual “procura caminhar entre os ataques da intelectualidade masculina e os requisitos da igreja” (Idem, Ibidem, p. 82).

²⁸⁸ Não consta o local de envio do texto. Maria Amália Vaz de Carvalho, natural do Porto, Portugal (1847-1921), era popular escritora portuguesa, defensora da emancipação feminina. Poetisa, ficcionista, crítica literária, deixou uma “vastíssima bibliografia na qual abordou quase todos os gêneros literários” (FLORES, 2009, p. 190). Pertenceu à Academia de Ciências de Lisboa, em 1912, e publicou uma obra didática aprovada pelo Conselho Superior de Instrução Pública de Portugal, sendo utilizada nas escolas públicas do seu país. “Assinou parte de sua obra com o pseudônimo de Valentina de Lucena” (Ibidem, p. 190). Maria Amália foi constante colaboradora de alguns jornais no Brasil, entre eles o *Escrinio*.

²⁸⁹ Não consta o local de envio do texto. Prisciliana Duarte de Almeida (1867- [s.d]) nasceu na cidade de Pouso Alegre, (MG). Poetisa e jornalista, “na cidade natal lançou o jornalzinho *O Colibri*, escrito a mão, onde aparecem seus primeiros versos” (VASCONCELLOS, 2004, p. 407). Colaborou com diversos periódicos na imprensa: *Almanaque Brasileiro Garnier*, *A Estação*, *Rua do Ouvidor*, *A Semana*, *Tribuna Liberal*, *A Família*, *O Lutador*, e fundou a relevante revista *A Mensageira* (1897-1899).

²⁹⁰ Não consta o local de envio do texto. Não encontramos referências sobre o nome em questão.

Anexo V: Colaboradoras do jornal *Escrínio* – 4ª Fase, Porto Alegre (1903)

<i>Jornal Literário, Artístico e Noticioso: Dedicado à mulher rio-grandense</i>						
Diretora: Andradina de Oliveira						
Publicado em Porto Alegre, RS						
Autoria/Local	Ano	Nº	Dia Mês	Data	Título Página	Gênero
Juracy ²⁹²	VI	36	20 dez	1903	Carta p. 1	Carta
Inês Sabino	VI	36	20 dez	1903	Escritoras brasileiras p. 1	Artigo

²⁹² Segundo a diretora do jornal, a autoria do texto “se oculta sob o delicado pseudônimo de Juracy”.

Anexo VI: Colaboradoras da Revista *Escrínio* – 5ª Fase, Porto Alegre (1909-1910)

<i>Revista Semanal Ilustrada</i> Diretora: Andradina de Oliveira Secretária: Lola de Oliveira Publicado em Porto Alegre, RS						
Autoria/ Local	Ano	Nº	Dia Mês	Data	Título Página	Gênero
Adelina Lopes Vieira ²⁹³ São Paulo	XI	9	26 fev	1910	A lancha negra p. 103	Soneto
Adelina A. Lopes Vieira São Paulo	XI	11	12 mar	1910	Não volta p. 126	Soneto
Adelina Lopes Vieira São Paulo	XI	14	2 abr	1910	A jornada p. 160	Soneto
Ana Lins dos Guimarães Peixoto ²⁹⁴ Goiás	X	2	23 set	1909	O Cancro p 23-24	Conto
Anália Franco São Paulo	X	10	20 nov	1909	Os pais das crianças sem proteção ²⁹⁵ p. 125-127	Artigo
Andradina de Oliveira	XI	6	5 fev	1910	Prece p. 66	Poema
Andradina de Oliveira	XI	9	26 fev	1910	Viajando p. 97-99	Impressões de Viagem
Andradina de	XI	11	12	1910	Viajando	Impressões

²⁹³ Nome de casada de Adelina Amélia Lopes, portuguesa nascida em Lisboa, Portugal, em 1850, é irmã de Júlia Lopes de Almeida. Filha do médico Valentim José da Silva Lopes, Visconde de São Valentim, vem com a família para o Brasil ainda menina, onde, na juventude, casa com Antônio Arnaldo Vieira da Costa, diretor de uma grande escola em Friburgo, Rio de Janeiro. Formou-se professora pela Escola Normal do Rio de Janeiro, e foi professora na Escola onde seu esposo era diretor. Poetisa, edita em Portugal, onde viajara em 1878, o livro *Margaridas*, gênero que exerceu e publicou durante cinco anos na *Gazeta de Campinas*. Foi colaboradora em muitos periódicos, entre os quais destacamos: *A renascença*, *O Tempo*, *A Semana*, *Revista Brasileira*, *A Mensageira*, *Eco das Damas*, *Almanaque de Teatro*, *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e *Almanaque das Senhoras*, de Lisboa, assim como no *Escrínio*. Em 1900, publica *Destinos*, um livro com 35 contos.

²⁹⁴ Não encontramos referência sobre o nome citado.

²⁹⁵ O texto pertence à série “Continua”.

Oliveira			mar			p. 122	de Viagem
Andradina de Oliveira	XI	14	2 abr	1910		Viajando p. 157-159	Impressões de Viagem
Andradina de Oliveira	XI	17	23 abr	1910		A mulher através dos tempos - Na antiguidade p. 194-196	Artigo
Andradina de Oliveira	XI	18	30 abr	1910		A mulher através dos tempos p. 205-207	Artigo
Andradina de Oliveira	XI	11	14 mai	1910		A mulher através dos tempos - Na Idade Média p. 230-232	Artigo
Andradina de Oliveira	XI	26	25 jun	1910		A mulher através dos tempos - Na Época Moderna p. 297-299	Artigo
Andradina de Oliveira	X	2	23 set	1909		A duquesa de Palmella p. 2	Artigo
Andradina de Oliveira	X	4	9 out	1909		Morrer assim p. 45-46	Artigo
Andradina de Oliveira	X	5	16 out	1909		Heroísmo feminino p.58-59	Artigo
Andradina de Oliveira	X	10	20 nov	1909		Professor Duplan p. 118	Artigo
Andradina de Oliveira	X	10	20 nov	1909		Escritores brasileiros p. 120-122	Artigo
Andradina de Oliveira	XI	14	18 dez	1910		Rio Branco	Artigo

Cândida F. Brandão ²⁹⁶	XI	14	11 abr	1910	Hino às férias p. 160	Hino
Carmem Dolores ²⁹⁷ Rio de Janeiro	XI	11	12 mar	1910	Coisas que sucedem p. 129-130	Conto
Corina Coaraci ²⁹⁸ Rio de Janeiro	X	10	20 nov	1909	Conselho p. 123	Prosa
Corina Coaraci Rio de Janeiro	X	11	27 nov	1909	Josué Carducci p. 130-131	Artigo
Chrysanthème ²⁹⁹	XI	9	26 fev	1910	A dor de uma rosa p. 106-107	Conto
Delminda	XI	18	30	1910	Rosas de	Conto

²⁹⁶Cândida (de Oliveira) Fortes, nome de solteira; Cândida Fortes Brandão ou Cândida F. Brandão, nome de casada. Ver nota de rodapé 4 do anexo IV - 3ª Fase.

²⁹⁷ Segundo Eliane Vasconcellos, Carmem Dolores, cujo nome literário seria Emília Moncorvo de Melo, teria nascido em 1852, no Rio de Janeiro (ou, conforme Luiz Correia de Melo, em São Paulo) e falecido em 1910 (ou 1911, conforme registram Brito Broca e Raimundo de Meneses). Casada com Jerônimo Bandeira de Melo, teve uma filha, a também escritora Cecília Bandeira, literariamente conhecida como Mme. Chrysanthème. Poetisa, contista, dramaturga, romancista e crítica literária, teve seu primeiro livro de publicado em 1897: *Gradações* (contos), depois, *Almas complexas* e o livro de crônicas *Ao esvoaçar das ideias* (1910), onde reuniu sete crônicas sobre o divórcio, diz Eliane Vasconcellos. Como romancista, escreveu *A luta*, que primeiro foi publicado em folhetins no *Jornal do Comércio*, em 1911. Colaborou em vários periódicos sob pseudônimos: Júlio de Castro, Mário Vilar e Célia Márcia. Nas crônicas para os jornais escreveu com a assinatura de Carmem Dolores. São os jornais: *Correio da Manhã*, *Tribuna*, *O País*, *Étoile Du Sud*, que estão entre os mais importantes do país. Quanto ao envolvimento feminista, “era de meias-medidas” (1999, p. 501), pois não lutou pela formação de novos padrões de comportamento para as mulheres, mas lutou a favor do divórcio e, como Andradina, não lutou pelo sufrágio.

²⁹⁸ Este texto, assim como outros que aparecem no jornal, foi uma homenagem do filho Vivaldo Coaracy, colaborador do *Escrínio*, para a mãe, que falecera em março de 1892. Vivaldo de Vivaldi Coaracy, ou Vivaldo Coaracy, como assina, fixou residência em Porto Alegre, em 1905, depois da morte prematura primeiro da mãe e, depois, do pai, ambos no mesmo ano. Em Porto Alegre, ele trabalhou como professor e foi colaborador na imprensa local, inclusive no *Escrínio*, onde escrevia crônicas sob o título “A esmo”, gênero e título herdados da mãe, que as publicava nos jornais cariocas, sob o pseudônimo “C.CY” (*ESCRÍNIO*, ano X, 20 novembro de 1909).

²⁹⁹ Cecília Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos, Rio de Janeiro (1879-1948), tirou seu pseudônimo do nome da personagem e do título de Pierre Loti, publicado em 1887, sobre o Japão, e que inspirou a Ópera Madame Butterfly, de Giacomo Puccini. Assinava ora como Madame/Mme. Chrysanthème, ora, simplesmente, Chrysanthème. “Sua preocupação em defender os direitos da mulher não deixava passar em branco nada que dissesse respeito a este tema” (VASCONCELLOS, 2004, p. 532). Colaborou em diversos periódicos do país, entre os quais *O País*, o *Correio Paulistano*, *Diário de Notícias*, *Mundo Literário*, *Ilustração Brasileira*, *A Imprensa* e *Gazeta de Notícias*. Foi uma das fundadoras da revista *A Única*, onde procura defender a literatura feminina. (VASCONCELLOS, 2004)

Silveira ³⁰⁰ Florianópolis			abr		amor p. 214-215	
Delminda Silveira Florianópolis	XI	20	14 mai	1910	Mãe p. 238	Soneto
Delminda Silveira Florianópolis	X	2	23 set	1909	Carinho p. 26	Soneto
Delminda Silveira Florianópolis	X	11	27 nov	1909	As duas noivas p. 134-135	Conto
Delminda Silveira Florianópolis	X	14	18 dez	1909	Folha de trevo p. 170	Soneto
Edwiges de Sá Pereira ³⁰¹	XI	16	16 abr	1910	Retratos p. 183	Conto
Edwiges de Sá Pereira	XI	17	23 abr	1910	O lenço azul p. 179-198	Conto
Francisca Izidora ³⁰²	X	10	20	1909	Cruz de	Crítica

³⁰⁰ Segundo Zahidé Muzart (1999), Delminda Silveira de Souza nasceu em 1854, na cidade de Nossa Senhora do Desterro, hoje, capital de Santa Catarina, Florianópolis. Filha de uma família tradicional teve, em casa, professores particulares com os quais se aperfeiçoou em francês, português e latim. Solteira, dedicou sua vida à carreira do magistério, que exerceu até idade avançada. Escritora, ela publica poemas e crônicas nos jornais de Desterro, sendo algumas colaborações assinadas por Brasília Silva. Publica, igualmente, em *A Mensageira*, *São Paulo*, *Corymbo* e no *Escrínio*. Seu primeiro livro publicado tem como título *Lises e mártiros*, com poemas, crônicas e pequenos contos, em 1908. Já *Cancioneiro*, publicado em 1914, é um trabalho de caráter cívico, contendo hinos, poesias comemorativas, etc.; obra que, por decreto do então Governador do Estado, Coronel Vidal Ramos, é adotado pelas escolas. Mesmo muito religiosa e conservadora, primava pela importância da educação das mulheres, fazendo crítica ao destino da mulher aliado ao casamento. Ainda de acordo com Muzart, Delminda parece ter tido uma amizade, o que chamaremos hoje de virtual, pois troca apenas cartas com as irmãs editoras do *Corymbo*, Julieta e Revocata de Melo e, ao que parece, as três amigas nunca se encontraram pessoalmente. A escritora catarinense entra para a Academia de Letras Catarinense aos 77 anos. Morre no ano 1932.

³⁰¹ Conforme Andradina de Oliveira (1910), Edwiges de Sá Pereira é “notável e festejada prosadora e poetisa pernambucana, cuja apreciada colaboração tem ultimamente ornado as páginas do *Escrínio*” (*ESCRINIO*, 30 de abril de 1910, ano XI, n. 18, p. 206). Edwiges era também uma das redatoras da revista mensal *O Lyrio*, publicada em Recife, em 1903, junto com Maria Augusta Freire, Belmira Villarim, Adalgisa Duarte Ribeiro e Luiza Ramalho. A Revista tinha como redatora-chefe Amelia de Freitas Bevilacqua.

³⁰² Segundo Luzilá Ferreira (1999), Francisca Izidora Gonçalves da Rocha nasceu num engenho, em Jaboatão, localidade próxima de Recife, em 1855. Foi uma mulher que se destacou como conferencista, professora e tradutora e, na literatura, foi poetisa e romancista. Ainda criança publica um jornalzinho que circulou entre os familiares e amigos, de nome *A Vontade*. Mas, adultos, ela e o irmão mantiveram um jornal que circulou por nove anos, *A Vitória*, periódico em que ela mantinha uma coluna com crônicas, diz Luzilá. Além desse, ela escrevia resenhas literárias para os jornais em que colaborou pelo Brasil, entre eles, o *Escrínio*. Francisca Izidora exerce o magistério até sua morte, quando, em 1918, falece em Vitória.

Pernambuco				nov		Pérolas p. 124	Literária
Francisca Izidora Pernambuco	XI	20	14 mai	1910		A mantilha preta p. 233- 234	Conto
Francisca Izidora Pernambuco	XI	22	28 mai	1910		A folha da malva rosa p. 260	Poema
Inês Sabino	XI	22	28 mai	1910		In extremis p. 259-260	Conto
Júlia Lopes de Almeida ³⁰³ São Paulo	XI	20	14 mai	1910		Os morangos p. 237-238	Conto Literatura Infantil
Júlia Lopes de Almeida São Paulo	XI	14	2 abr	1910		No meu atelier p. 166-168	Prosa
Leodegária de Jesus ³⁰⁴	X	4	9 out	1909		Professora p. 1	Soneto

³⁰³ Em conformidade com Peggy Sharpe (2004), Júlia Lopes de Almeida nasceu no Rio de Janeiro, em 1861, fruto de uma família de imigrantes portugueses. O pai, médico, Dr. Silveira Lopes, e a mãe, concertista, Antônia Adelina do Amaral Pereira, mantinham um “prestigioso Colégio de Humanidades” na cidade, onde Júlia e a irmã Adelina Lopes, nascida em Portugal, passam sua infância e adolescência, porém entre o Rio e Campinas. Nesta última, Júlia começa a escrever crônicas para a *Gazeta de Campinas*. A família muda para São Paulo, onde ela conhece seu futuro esposo, o português, poeta e político Filinto de Almeida. Deste enlace nascem seis filhos, porém algumas perdas. “Como intelectual desenvolveu uma vasta obra literária em que refletia sobre os interesses locais, nacionais e internacionais” (2004, p. 197). A escritora publicou livros no Brasil e na Europa, notadamente em Portugal e França, países onde morou por conta dos cuidados com a educação da filha Margarida. Em face da extensa obra, citamos apenas alguns títulos: *Contos infantis* (1886), escrito em parceria com a irmã; e *Traços e iluminuras* (1887), ambos publicados em Portugal; o romance *A Família Medeiros*, surgido em folhetins, em 1891, e *A falência*, de 1901, que teve reedição em 2003, pela Editora Mulheres, SC; além de inúmeras colaborações, com poemas, crônicas, ensaios, conferências e crítica literária, publicadas em revistas e jornais pelo Brasil, entre eles, o *Escrínio*. Quanto à luta feminista, se junta a Bertha Lutz, uma das maiores ativistas do Brasil, em prol do sufrágio. Em suas várias viagens pelo Brasil, Júlia esteve também no Rio Grande do Sul. Morre em 1934.

³⁰⁴ Segundo Darcy França Denófrío (2009), Leodegária Brazília de Jesus, ou, literalmente, Leodegária de Jesus, nasceu em 1889, em Caldas Novas, Goiás. Irmã de número dois das três filhas do professor, jornalista e político José Antônio de Jesus, que dirigia uma escola, onde Leodegária fez seus primeiros estudos. Com o pai eleito deputado, a família muda para a cidade de Goiás e ela e a irmã mais velha, Zenóbia, passam a estudar numa escola dirigida por religiosas francesas. Patrona da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG),

Goiás

Lola de Oliveira ³⁰⁵	X	1	16 set	1910	Borboletas	Soneto
Mme. Paulete ³⁰⁶	X	1	16 set	1910	Ecos da Moda	Artigo
Mathilde Ulrich de Almeida ³⁰⁷	XI	25	18 jun	1910	Bigode p. 292 ³⁰⁸	Conto

Leodegária foi a primeira mulher a publicar livros de poemas em Goiás. São eles: *Coroa de lírios*, em 1906, quando tinha 15 anos, e *Orquideas*, publicado em Uberlândia, em 1928, aos 39. Destemida, corajosa e sozinha, teve que assumir e sustentar a família dando aulas, quando o pai morre. Funda e dirige uma escola em Uberabinha, atual Uberlândia. Depois fecha a escola e muda-se com a família para Rio Claro, São Paulo, “a fim de acompanhar a irmã caçula e afilhada, Maria Aurora” (2009, p. 662). Faz outra mudança, agora para Minas Gerais, onde encerra a sua carreira no magistério. Morre em 1978.

³⁰⁵ A gaúcha Lola de Oliveira, a filha e eterna companheira de Andradina América de Andrada e Oliveira, nasceu em 1896, dez anos depois do irmão, mas, curiosamente, depois de muitas pesquisas infrutíferas, não encontramos o lugar de nascimento da caçula. Endossamos as palavras de Hilda Flores sobre Lola quando escreve que “ao estudar-lhe vida e obra percebe-se que é difícil fazê-lo separadamente da mãe” (2009, p. 705), de fato, pois ambas produziram concomitantemente. Depois da morte prematura do jovem irmão, Adalberon, as duas partem para um *tour cultural* que acaba em São Paulo, onde fixam residência. Lola teve uma carreira literária expressiva e chegou a produzir mais livros do que a mãe. Além da dedicação à pintura de telas, ela surge na literatura com o livro de poemas *Ametistas*, em 1922, lançado em Ribeirão Preto, e teve três edições, sendo a segunda prefaciada pela mãe Andradina. Daí para frente, a escritora não para de lançar livros, entre os quais citamos só uma pequena produção: *Esmeraldas* (poesias), em 1924; *Gente de agora* (contos), em 1926; *Jaú Mirim* (diário de viagem), em 1927; *Saudades do pampa* (poesias), em 1930; *Jecada* (contos regionais paulistas); em 1932, e, em homenagem à mãe: *Travessuras de Andradina* (Literatura infantil), em 1950 [?]; *Minha mãe!* (biografia), 1958 e *Férias de Andradina na cidade das hortênsias* (livro infantil) [?]; além de muitos outros que ficaram no prelo. Depois do falecimento da mãe, Lola transfere-se para o Rio de Janeiro, onde trabalha na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais – SBAT, por 20 anos, segundo Hilda Flores, que também informa que, na cidade, a escritora integra muitas instituições culturais ligadas à colônia portuguesa. E para “Portugal dedicou vários dos seus livros e colaborou assiduamente em jornais” (2009, p. 724) do país, além de muitos jornais brasileiros. Lola integrou a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul – ALFRS, patrona da cadeira nº 22. Morre solitária e solteira em 1965.

³⁰⁶ Não encontramos referências sobre o nome ou pseudônimo.

³⁰⁷ Segundo Eliane Campello (2004), Mathilde Ulrich Filha, solteira, assume o nome de Mathilde Ulrich de Almeida, tal como assina o texto, após o casamento com um oficial do exército, o major Pedro Carolino de Almeida. Nascida em 1881, em Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, teve três filhos do enlace matrimonial. Ainda muito jovem, aos dezessete anos, funda, com a ajuda da irmã, Alafide Ulrich, a *Revista Literária Orvalho*, em 1898, que circulou pela cidade por um período de seis anos. Poetisa e cronista, este último gênero publica até os anos 40 do século XX. Mathilde “é também capaz de inovar e até de sublevar pensamentos passadistas e preconceituosos contra a mulher. O conto *O Bigode* [...] parece um exemplo adequado ao que se afirma” (2004, p. 1001). Em suas crônicas, “aborda assuntos de cunho sociopolítico” (Op. Cit., p. 1001). Amiga das redatoras do *Corymbo*, onde mantém a coluna “Ecos Feminis” e do *Escrínio*, é uma colaboradora constante do primeiro, e, do último, encontramos só essa colaboração, embora acreditamos que possa haver outras nos números não

Maranhão							
Maria Luiza Dulcios ³⁰⁹	XI	6	5 fev	1910	Da França p. 67-68	Carta	
Maria Clara da Cunha Santos ³¹⁰ Pelotas	X	2	23 set	1909	A mulher norte-americana p. 20-21	Artigo	
Maria Clara da Cunha Santos Rio de Janeiro	XI	7	12 fev	1910	Carta do Rio p. 77-79	Carta	
Maria Clara da Cunha Santos Rio de Janeiro	XI	21	21 mai	1910	Carta do Rio p. 246-246	Carta	
Maria Clara da Cunha Santos Rio de Janeiro	XI	17	23 abr	1910	A tecedeira p. 196	Poesia	
Maria Clara da Cunha Santos ³¹¹	XI	26	25 jun	1910	Nos Estados Unidos: impressões de viagem p. 302-303	Impressões de Viagem	
Modesta ³¹²	XI	14	18	1910	A Extrema	Conto	

encontrados nesta pesquisa. Mathilde se junta à Andradina na luta pelos direitos de igualdade no trabalho profissional. Segundo Hilda Flores, Mathilde publica o livro de poemas *Avencas* [s.d] e morre em 1953.

³⁰⁸ Texto datado de 1908.

³⁰⁹ Não encontramos referências sobre o nome citado.

³¹⁰ Maria Clara era prima da diretora da revista *A Mensageira*, Prisciliana Duarte de Almeida, e colunista – colaboradora deste periódico, onde mantinha a coluna “Cartas do Rio”. Pelotense, nascida em 1866, portanto, gaúcha de nascimento, envia o texto para o *Escrínio* de Pelotas, onde, de certo, estaria de passagem. Segundo Eliane Vasconcellos (2004), Maria Clara Vilhena da Cunha Santos era filha do magistrado João Vieira da Cunha. Por conta do pai, juiz de direito, viveu em diferentes estados do Brasil, sendo que completa seus estudos em Alfenas, Minas Gerais. Casa-se com o engenheiro abolicionista José Américo dos Santos. Musicista, tinha voz “afinada e bem melodiosa” acompanhada pelo violino que “sabia manejar muito bem”. Nas artes plásticas, destacou-se com trabalho em telas, realizando uma exposição de pintura na Escola Nacional de Belas Artes. Junto com a prima Prisciliana, também funda, em Pouso Alegre, o jornal *O Colibri*, além de colaborar em diversos periódicos pelo Brasil, como o *Escrínio*, *A Estação*, *Rua do Ouvidor*, *A Semana*, *Gazeta de Notícias*, *O País*, *Tribuna Liberal*, *Correio da Tarde* e *A Família*, do Rio (Ibidem, p. 350). Na literatura, ganha destaque com o livro de poemas *Pirilampos* e *Painéis*, contos, “premiada com medalha de prata no certâmen de S. Luiz, e *América e Europa* (impressões de viagens), premiado com medalha de outro na Exposição Nacional” (ESCRÍNIO, 23 de setembro de 1909, ano X, n. 2, p. 25). Este último, prefaciado por Silvio Romero. Morre no Rio, em 1911.

³¹¹ De acordo com informações da redatora do jornal, o texto foi retirado do livro *América e Europa*.

Portugal				dez		unção p. 166	
Prisciliana de Almeida São Paulo	Duarte	XI	16	16 abr	1910	O Azarias p. 190	Conto
Prisciliana de Almeida São Paulo	Duarte	XI	17	23 abr	1910	O Azarias p. 201-202	Conto
Revocata Melo Rio Grande	H. de	X	4	9 out	1909	A educação na família p. 47	Artigo
Severina ³¹³		XI	6	5 fev	1910	Até a morte p. 62- 64	Prosa

No quadro abaixo estão os nomes das colaboradoras que são citadas pelo *Escrínio* à última página na coluna “Colaboradores” ao longo dos números do ano de 1910, 5ª Fase, mas, em detrimento de muitos números não encontrados do jornal, não tivemos acesso a muitas das colaboradoras e seus referidos textos. Alguns desses nomes já são mulheres colaboradoras dos números anteriores.

Nome	Local	Ano
Aurea Pires ³¹⁴	Rio de Janeiro	1910
Anália Franco	São Paulo	1910
Amélia Beviláccqua ³¹⁵	Rio de Janeiro	1910

³¹² Segundo o *Dicionário de Escritoras Portuguesas* (2009), “Modesta” é pseudônimo da escritora portuguesa Mafalda Mousinho de Albuquerque. Ficcionista e poetisa, nascida em 1874 e falecida em 1952, conforme já identificamos em nota de rodapé no Capítulo II da tese. Nome identificado pela própria redatora do jornal, quando, nesta mesma edição, página 173, Andradina escreve em nota sobre a nova colaboradora, Mafalda Mouzinho de Albuquerque.

³¹³ Nome que encontramos em uma só publicação e não identificamos se se trata de pseudônimo ou não.

³¹⁴ Aurea Pires nasceu em Angra dos Reis, RJ, em 1876. Da sua bibliografia, retira-se que morou em diferentes lugares do Brasil, sendo que começa seus estudos em Barbacena, MG, e os termina no Rio de Janeiro, e depois fixa residência em Cruzeiro, São Paulo. (VASCONCELOS, 2004) Queria estudar Farmácia, mas, pela imposição do pai, que não queria a filha numa escola cheia de rapazes, acabou por formar-se no magistério, fundando uma escola junto com a irmã Maria Noêmia. Em 1892, o pai, Trajano Augusto Pires, leva Aurea ao Rio com intenção de apresentá-la à imprensa, no dizer de Eliane Vasconcellos, e foi “bem acolhida” por esta, que publica muitos elogios sobre seus poemas. Seu livro de estreia nesse gênero é *Flocos de neve*, em 1898, e traz prefácio de Inês Sabino. Em 1902, publica *Indiana*, dedicado a Castro Alves. Em 1908, publica *Pétalas*. Em 1922, lança *Entre o mar e a floresta*. Escreveu, igualmente, poemas humorísticos, os quais reuniu no livro *Castanholas*, que publicou sob pseudônimo Zíngara, em 1937. Todos muito elogiados pela imprensa do país. No ano de 1941, muda para o interior do Rio de Janeiro, Rio Bonito e, depois, para Niterói. Aurea morre de tifo em 1949.

Ana Lins dos Guimarães Peixoto ³¹⁶	Goiás	1910
Ana Lima ³¹⁷		1910
Amélia Rodrigues	Bahia	1910
Adalgisa Duarte Ribeiro ³¹⁸	Pernambuco	1910
Ana B. Nogueira ³¹⁹	Ceará	1910
Ana Facó ³²⁰	Ceará	1910
Adília de Luna Freire ³²¹	Ceará	1910

³¹⁵ Amélia Carolina de Freitas Beviláqua nasceu em Jerumenha, PI, em 1863. O sobrenome Beviláqua vem do casamento com o italiano Clóvis Beviláqua, homem culto, detentor de uma “imensa biblioteca”, em Recife, como nos informa Zahidé Muzart (2004). Com o pai desembargador e juiz de Direito, a família faz muitas mudanças. Amélia deixa a terra natal e passa parte de sua infância em São Luiz, MA, iniciando sua educação “à base de palmatória” (2004, p. 247). Mãe de quatro filhas e dedicada ao lar, não interfere que Amélia seja conferencista, poetisa, contista e romancista. Publicando primeiramente em jornais no Recife e depois na *Revista do Brasil*, em São Paulo, sob pseudônimo A.F.B., quando inicia sua literatura lançando um livro de contos, *Alcione*, em 1902, e outros mais vieram: *Angústia*, *Jornada pela vida*, *Silhouettes* e *Açucena* (Ibidem, p. 250). Amélia publica a Revista mensal *O Lyrio*, em 1903 e, em colaboração com o marido, *Sciências e Letras*. Ocupou a Academia Piauiense, sem ter conseguido ingressar na Academia Brasileira de Letras, tentando uma vaga, como nos informa Muzart. Nos romances *Silhouettes*, *Vesta* e *Através da Vida*, este “editado em 1906, a autora traça um painel da vida de uma menina no final do século até a maturidade, submetida à educação patriarcal” (Op. Cit., p. 255). Ainda publica *Alma viva*, que é uma reunião de suas conferências e *A Academia Brasileira de Letras e Amélia de Freitas Beviláqua: documentos históricos literários*, publicado em 1930. Infelizmente, não sabemos com que texto a intelectual colaborou nesta data no *Escrínio*. Morre dois anos depois do marido, sepultada em 1946.

³¹⁶ Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

³¹⁷ Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

³¹⁸ Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

³¹⁹ Ana B. Nogueira nasceu em Icó, interior do Ceará, em 1870. Casou-se aos dezesseis anos com Sabino Batista (poeta paraibano), de onde vem o sobre nome “B” (de Batista). Transferida para Recife, após a morte do esposo, Ana leciona em uma escola para meninas. Em Recife, fundou *O Lyrio* juntamente com Edwiges de Sá Pereira, Úrsula Garcia e Amélia Beviláqua. Publicou poemas, contos e crônicas em diversos periódicos, entre eles *Diário de Pernambuco*, de Recife; *O Rio Negro*, de Manaus, *A Província do Pará*, de Belém; *A Quinzena*, de Fortaleza, entre outros. Depois de aposentada, Ana Nogueira Batista muda-se para Niterói, em 1921, tendo vivido em várias cidades do Brasil. Morre aos noventa anos. (DUSRTE, 2004, p. 515-529)

³²⁰ Conforme nos informa Constância Lima Duarte (1999), Ana Facó nasceu em Beberibe, CE, em 1855, filha de numerosa prole. Teve suas primeiras letras com a professora Maria Carolina Ibiapina e, depois, completou seus estudos na Escola Normal de Fortaleza. Na profissão trabalha nesta escola, “ocupando depois os cargos de inspetora e de professora da classe infantil” (2004, p. 745). Estreou em literatura com o título *Rapto jocoso*, romance que escreveu sob pseudônimo de Nítio-Abá, que foi publicado primeiro em folhetins no *Jornal do Ceará*, em 1907, como nos informa Constância. No mesmo ano surge, igualmente, em folhetins, o romance *Nuvens*. Em *Páginas íntimas*, retrata episódios “familiares e sua tendência ao isolamento que a importância da literatura tinha para ela” (Op. Cit., p. 746). Escreveu, ainda, peças teatrais, como *Cúmulo do galicismo*. Apenas depois de sua morte, em 1922, é que seus romances foram publicados em livros.

Alba Valdez ³²²	Ceará	1910
Anna Lima ³²³	Rio Grande do Norte	1910
Cândida Fortes Brandão	Rio Grande do Sul	1910
Cândida de Abreu Pereira ³²⁴	Rio Grande do Sul	1910
Cleópatra de Nisse ³²⁵	Ceará	1910
Delminda Silveira	Santa Catarina	1910
Elfrida Goulart Carneiro ³²⁶	Minas Gerais	1910
Edwiges de Sá Pereira	Pernambuco	1910
Francisca Izidora	Pernambuco	1910
Francisca Clotilde	Ceará	1910
Georgina Mongruel ³²⁷	Paraná	1910
Honorina Torres Correia	Rio Grande do Sul	1910
Ibrantina Cardona	São Paulo	1910
Inês Sabino	Rio de Janeiro	1910
Julieta de Melo Monteiro	Rio Grande	1910
Joana Rasmussen Schultz ³²⁸	Rio Grande	1910
Julia de Vasconcelos ³²⁹	Ceará	1910
Leodegária de Jesus ³³⁰	Goíás	1910
Luzia de Oliveira ³³¹	Goíás	1910
Luiza Cintra Ramalho ³³²	Pernambuco	1910
Matilde Ulrich de Almeida	Rio Grande do Sul	1910
Marinha Noronha ³³³	Rio Grande do Sul	1910
Mariana Coelho	Paraná	1910
Maria Clara da Cunha Santos ³³⁴	Rio de Janeiro	1910

³²¹ Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

³²² Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

³²³ Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

³²⁴ Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

³²⁵ Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

³²⁶ Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

³²⁷ Georgina Mongruel, segundo o *Escrínio*, “além de dedicadíssima poetisa e prosadora francesa, Mme. Georgina cultiva com mérito a pintura e é uma musicista de superior valor, sendo um dos belos ornamentos da sociedade de Curitiba, onde reside e é altamente estimada” (ano XI, n. 25, 18 de junho de 1910, p. 293).

³²⁸ Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

³²⁹ Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

³³⁰ Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

³³¹ Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

³³² Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

³³³ Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

³³⁴ Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

Mariana Luz ³³⁵	Maranhão	1910
Maria Augusta Meire de Vasconcelos (Dr. ^a) ³³⁶	Bahia	1910
Maria José Olinto Carneiro ³³⁷	Rio Grande do Sul	1910
Olga Alencar ³³⁸	Ceará	1910
Prisciliana Duarte de Almeida	São Paulo	1910
Revocata H. de Melo	Rio Grande	1910
Rodelina Ferreira ³³⁹		1910
Rosalia Sandoval	Rio de Janeiro	1910
Santina Potyguaré	Pernambuco	1910

³³⁵Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

³³⁶Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

³³⁷Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

³³⁸Não encontramos nenhuma referência sobre o nome citado.

³³⁹Ridelina Ferreira é pseudônimo de Camila Riedel, poetisa e professora gaúcha. (De LUCA, 1999) No *Escrínio*, Ridelina aparece com publicações enviadas do Chile, o que nos faz pensar que a escritora deve ter estado naquele país de onde escreveu para o periódico Sul-riograndense.

Anexo VII: Índice onomástico reduzido

Compreende os 67 nomes femininos que colaboraram no *Escrínio*³⁴⁰

A	C	D
Ana Facó Adelina A. Lopes Vieira Adília de Luna Freire Adalgisa Duarte Ribeiro Alba Valdez Amélia Rodrigues Amélia Bevilacqua Ana Lins dos Guimarães Peixoto Ana B. Ribeiro Anália Franco Ana Lima Ana Job Andradina de Oliveira Aurea Pires	Camila Ferreira Fontoura Cândida (de Oliveira) Fortes – nome de solteira Cândida F. (Fortes) Brandão – nome de casada Carmem Dolores – pseudônimo de Emília Moncorvo de Melo Cândida de Abreu Pereira Corina Coaraci Chrysanthème – pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos Cleopatra de Nysse	Delminda Silveira Dr. ^a Maria Augusta Meira de Vasconcelos
E	F	G
Edwiges de Sá Pereira Elfrida Goulart Carneiro Elvira Gama	Francisca Izidora Francisca Clotilde	Georgina Mongravel
H	I	J
Honorina Torres Correia	Ibrantina Cardona Inês Sabino Idalina Laura Pinto	Joana Rasmussen Schultz Júlia Lopes de Almeida Júlia Vasconcelos Julieta de Melo Monteiro Juracy (pseudônimo)

³⁴⁰ Conceituamos a definição “colaborador”, neste trabalho, toda escritora que aparecer nas páginas do *Escrínio*, sendo elas assíduas ou eventuais. Constam, também, nesta lista, todos os nomes que encontramos citados por Andradina de Oliveira no próprio *Escrínio*; nomes que, embora não encontramos nas edições analisadas, possivelmente, estavam nas edições que não tivemos acesso ou não encontramos.

L	M	O
Leocadia Grecco Leodegária de Jesus Lola de Oliveira Lunara (Colaboradora artística: pintura) Lucy (pseudônimo) Luiza de Oliveira Luiza Ferrari Luiza Cintra Carvalho	Mariana Luz Maria Amália Vaz de Carvalho Maria Clara da Cunha Santos Maria José Coelho Mariana Coelho Mariana Luz Maria Luiza Duclos Maria José Olinto Carneiro Marinha Noronha Mathilde Ulrich de Almeida Modesta (pseudônimo de Mafalda Mouzinho de Albuquerque)	Olga Alencar
P	R	S
Prisciliana Duarte de Almeida Priscila Duarte	Revocata Heloisa de Melo Ridelina Ferreira Rosalia Sandoval	Severina (pseudônimo) Santana Potyguaré

Anexo VIII: Apontamentos biográficos de Andradina América de Andrada e Oliveira (1864-1935), diretora do jornal *Escrínio*

1864	Nasce Andradina América de Andrada em Porto Alegre, em 12 de junho. Teve por parte de mãe dois irmãos: Antônio e Ana Leiria. Batizada na Paróquia do Rosário, naquela cidade, Andradina, que recebe o nome de América da avó paterna, tem como pais legítimos o Dr. Carlos Montezuma de Andrade, médico paulista, e D. Joaquina Maria Pacheco (Leiria, do primeiro casamento) de Andrade, natural de Rio Pardo, Rio Grande do Sul. Os pais residiam num sobrado da antiga Rua Aurora, esquina da Rua Voluntários da Pátria.
1865	Andradina vive sua primeira infância em Porto Alegre, onde recebe atenção e educação apurada do pai, que lhe ensina a recitar os primeiros versos poéticos; Por causa da saúde frágil do patriarca, a família muda para a pequena cidade de Montenegro, na região da grande Porto Alegre. Ali vivem algum tempo, até o pai falecer.
1869	De volta a Porto Alegre, a família fica aos cuidados do meio irmão, Antônio, que assume responsabilidade com a educação da pequena Andradina. Aos cinco anos de idade, a menina inicia seus estudos no colégio dirigido pela eminente educadora e escritora porto-alegrense Luciana de Abreu.
1881	A família muda para a cidade de Rio Pardo, interior do Rio Grande do Sul, lugar onde Andradina vive parte de sua adolescência. Na cidade, ela conhece o futuro esposo e, em 18 de setembro, aos 17 anos de idade, casa-se com o militar Augusto Martiniano de Oliveira, natural da Paraíba.
1886	No outono, nasce o primeiro filho, Adalberon.
1888 (?)	Andradina perde o marido. Morre o Alferes do 12º Batalhão de Infantaria de Rio Pardo. A mãe de Adalberon dedica-se a manter o lar e a educação do filho a expensas de seu talento com o exercício do magistério público e particular, profissão que exerce em muitos lugares do interior do Estado por onde passou.
1895	Andradina vive em Pelotas, lugar em que exerce o magistério e onde encontra um novo amor: o ator Júlio de Oliveira. Na cidade, ela começa a colaborar no <i>Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul</i> , de Rio Grande.
1896	Nasce a filha do casal, Lola de Oliveira, em 14 de outubro. Neste ano, junto ao esposo e, possivelmente, sob sua

	<p>influência, Andradina deixa de lado, por algum tempo, a profissão do magistério e aventura-se como atriz. Em Bagé, para onde o casal muda, ela faz sua <i>première</i> nos palcos e depois sai pelo Estado, onde realiza diversas apresentações.</p>
1897	<p>Andradina colabora em alguns jornais da região, como no <i>Corymbo</i>, de Rio Grande, e <i>O Comércio</i>, de Bagé; também escreve peças para o teatro;</p> <p>A 2 de março, o jornal <i>Corymbo</i> anuncia a chegada do casal em Rio Grande;</p> <p>Em 1º de agosto, ela encontra-se ainda na cidade, a fazer teatro em favor do esposo, Júlio de Oliveira, adoentado;</p> <p>Em setembro, o jornal <i>O Comércio</i> de Bagé anuncia que Andradina e o esposo “estarão no Teatro 28 de Setembro a apresentar o drama ‘Noivado no céu’, a comédia ‘Amor por Annexins’ e o drama ‘Deus e a natureza’”.</p> <p>De volta a Rio Grande, Andradina aventura-se nas letras, inicia sua vida literária e lança <i>Preludiando</i>.</p>
1898	<p>O casal fixa residência em Bagé, RS, cidade em que abrem uma “Escola Mista”. A escola, que oferece o “Curso primário completo”, destaca, no seu programa de formação, os estudos que abrangem as áreas de “Literatura, Escrita, Aritmética, História, Geografia, Desenho e, guiado pelos princípios cristãos, o ensino de religião, com noções de História Sagrada”; funciona à Rua General Caetano Gonçalves, próximo à Beneficência Portuguesa, na residência do casal;</p> <p>Aos 34 anos de idade a professora, escritora, atriz e teatróloga torna-se jornalista. Dia 2 de janeiro, a “Proprietária e Redatora Andradina de Oliveira” lança o jornal <i>Escrínio</i>;</p> <p>Em 9 de março, o jornal local <i>O Comércio</i> anuncia o encerramento da publicação do <i>Escrínio</i> em sua tipografia, em Bagé.</p>
1901	<p>Relançamento do <i>Escrínio</i>, que se transforma em <i>Revista literária dedicada à mulher rio-grandense</i>, na cidade de Santa Maria, outro local onde o casal fixa residência, à Rua do Acampamento, nº 36. Neste endereço, Andradina mantém a redação do <i>Escrínio</i> e o “Colégio Andradina (Para meninas), curso primário completo, dirigido pela professora diplomada”;</p> <p>Andradina é colaboradora em vários jornais pelo Brasil, tais como <i>Echo do Sul</i> (Rio Grande), <i>Corymbo</i> (Rio Grande), <i>Almanaque Estatístico e Literário do Rio Grande do Sul</i> (Pelotas), <i>Novo Almanaque de Lembranças Luso-</i></p>

	<i>Brasileiro</i> (Brasil- Portugal), <i>A Mensageira</i> (São Paulo), <i>A Violeta</i> (Cuiabá); <i>Folha do Norte</i> (Pará) e <i>Correio do Povo</i> (Porto Alegre).
1903	Andradina e o esposo mudam-se para Porto Alegre; Na capital gaúcha, o <i>Escrínio</i> é relançado como <i>Jornal dedicado à mulher rio-grandense</i> , em 12 de junho de 1903, dia do natalício da diretora; A redatora do <i>Escrínio</i> fixa residência à Rua Riachuelo, nº 12 (sobrado), onde também mantém a redação do jornal; Na cidade, o casal realiza vários eventos culturais. O jornal porto-alegrense <i>O Independente</i> , divulgava quase que diariamente, ao longo do segundo semestre de 1901, notícias sobre o trabalho dela como atriz e promotora de cultura no principal teatro da capital, Teatro São Pedro. Andradina escreve peças teatrais e atua como atriz, junto com a filha Lola, que estreia nos palcos.
1906	Adalberon, o jovem que seguia a carreira do pai militar, volta para casa doente. Morre em Porto Alegre, de tuberculose, em 21 de agosto, aos 20 anos de idade. Andradina e Lola fecham-se ao luto e a publicação do <i>Escrínio</i> é encerrada. A mãe trabalha em casa, onde prepara trabalhos que lança posteriormente.
1907	Andradina publica <i>A mulher rio-grandense – I série: escritoras mortas</i> .
1908	Publica <i>Contos de natal: às crianças rio-grandenses</i> , “que lhes guardem no relicário da recordação o nome humilde da escritora magoada, com a morte do mais amado dos filhos”; Publica <i>Cruz de pérolas</i> , livro que dedica à “santa memória de Adalberon”.
1909	Retorna ao jornalismo. Relança o <i>Escrínio</i> em 16 de setembro de 1909, transformado em <i>Revista Ilustrada</i> . Mesmo com residência fixa na cidade de Porto Alegre, Andradina começa uma excursão pelo interior do Estado, com a filha, a fim de recolher informações para futuro livro, <i>O Rio Grande do Sul</i> .
1910	Durante todo o ano, a intelectual continua a excursionar pelo interior do Rio Grande do Sul. Sob os títulos: “Registrando”, “Através do Rio Grande”, “Indústria e Comércio” e “Viajando”, ela publica no <i>Escrínio</i> várias narrativas com as anotações sobre as viagens; Publica o romance <i>O Perdão</i> ; 25 de junho de 1910 é a última data de publicação do jornal <i>Escrínio</i> .
1912	Publica o livro <i>Divórcio?</i> . romance em favor da

	campanha sobre a implantação do divórcio pleno no Brasil.
1913	No início do ano, em abril, Andradina e Lola viajam para o Uruguai, onde a mãe realiza duas conferências; Em outubro, retornam ao Brasil. Ela e a filha encontram-se hospedadas no Hotel Brasil, na cidade de Pelotas.
1914	Andradina realizar conferências remuneradas e organizar eventos culturais, em Pelotas e região; Entre as palestras proferidas, estão: “O Mar” e “A mulher não é inferior ao homem”, ministradas em muitas cidades do Brasil e países vizinhos. Andradina faz sua militância em prol da igualdade dos gêneros.
1915e1917	Lola e a mãe viajam novamente para o Uruguai, estendendo-se até a Argentina eo Paraguai. Nestes, percorrem “as principais cidades com o fim de guardar em outro livro, as [...] impressões das viagens” e vender as obras que custeiam as viagens; Andradina também realiza uma série de conferências, algumas delas em espanhol, “idioma que falava corretamente”.
1917	Em julho, as duas mulheres encontram-se em Corumbá, Mato Grosso do Sul; Lola a expor suas telas e Andradina a vender livros e realizar conferências. Em dezembro, as duas mudam para a capital, Cuiabá.
1917 a 1919	Fixam residência na capital, onde se integram à vida sociocultural da cidade. Andradina palestra, vende livros e colabora nos periódicos locais e Lola a expor quadros, além de exercer atividade de professora de pintura e retratista em tela.
1919	Em outubro, elas dão adeus a Cuiabá e descem com destino a São Paulo; Em terra natal dos Andradas, último itinerário e onde fixam residência, fica registrada, por Lola, uma vida cotidiana igualmente muito ocupada. Andradina e Lola percorrem os pequenos núcleos citadinos à época, como Sorocaba, Piracicaba, Olímpia, Mococa, São José do Rio Pardo e Mogi Mirim, onde visitam gabinetes de leitura, teatros e escolas, tal como sempre fizeram nas cidades por onde passaram; Residindo em São Paulo, reconhecida e respeitada nos meios culturais, Andradina continua a ser convidada a dar palestras em clubes e sociedades e continua a colaborar em jornais do Brasil.
1922	Sempre em movimento, em Mogi Mirim, Andradina visita Ibrantina Cardona, sua companheira nas lutas feministas e

	<p>uma das mais antigas colaboradoras do extinto <i>Escrínio</i>. Mãe e filha fixaram residência em Jaú e, depois, se transferiram para Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Nesta cidade, Lola inicia oficialmente sua vida de escritora, quando publica, em 1922, o livro <i>Ametistas</i>.</p>
1923/1925 (?)	<p>Andradina viaja para Uberabinha, hoje Uberlândia, Minas Gerais, onde palestra no Cinema Central.</p>
1935	<p>O jornal <i>Corymbo</i> vincula informação de que Lola teria sido presa em Minas Gerais por ocasião da Revolução de São Paulo de 30 ou de 1932, o que não fica claro. Em função desse evento, segundo o jornal, Andradina teria desenvolvido um quadro de insanidade mental, sendo internada em um asilo;</p> <p>Em novembro, o mesmo jornal confirma a morte de Andradina, que, falecida em 19 de junho, fora sepultada no Cemitério de São Paulo.</p>

Anexo IX: Fotos/registros/documentos – outras leituras

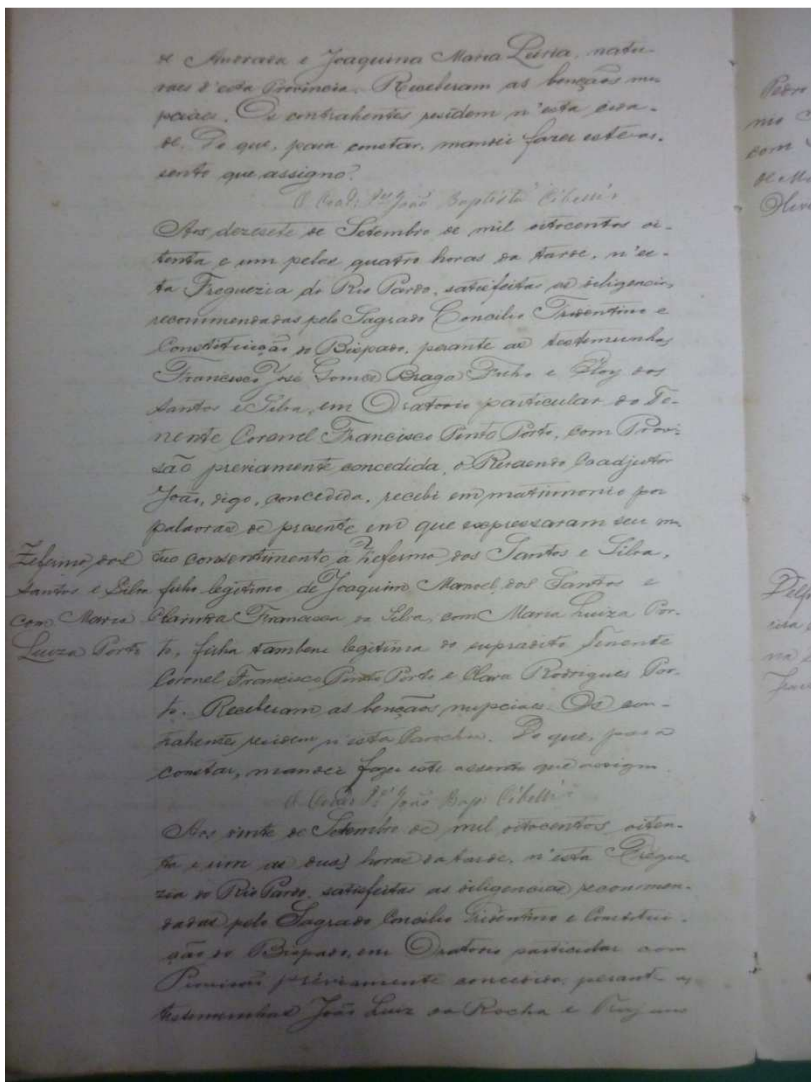


Figura 35: Registro de casamento em Rio Pardo, Livro 6, fl. 26, de Andradina de América de Andrada e Augusto Martiniano de Oliveira (Acervo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre)

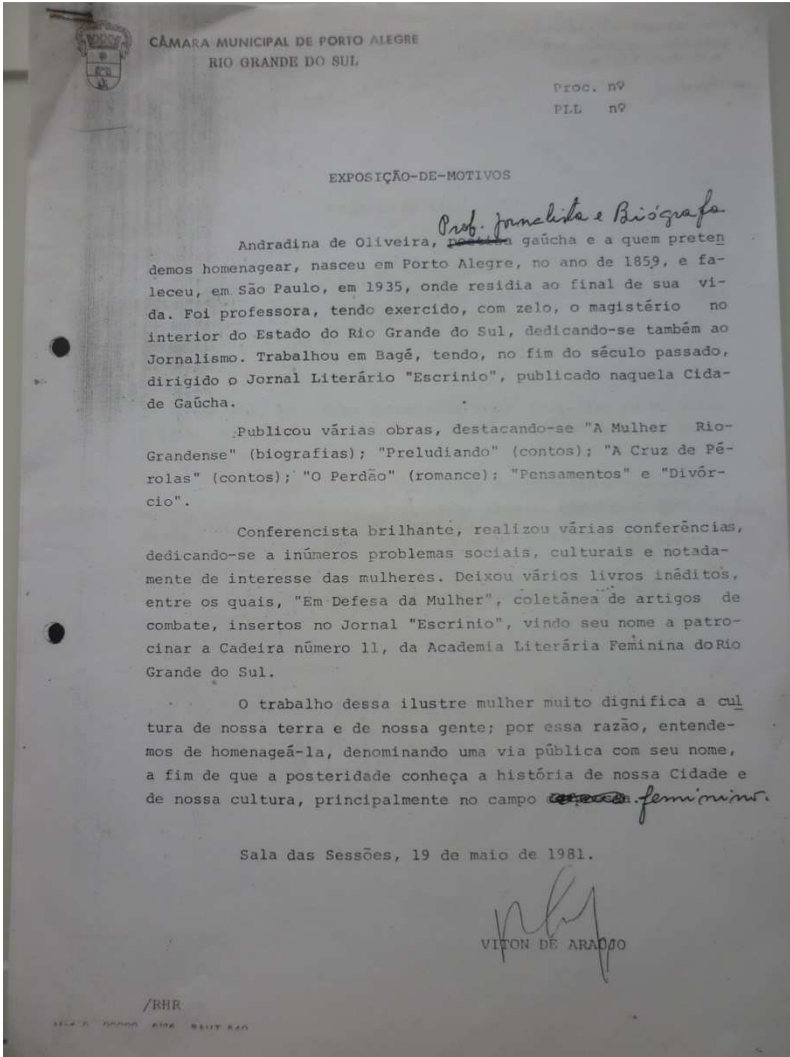


Figura 36: Projeto de Lei da Câmara Municipal de Porto Alegre - Logradouro público com o nome de Andradina de Oliveira [parte 1] (Acervo da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul)

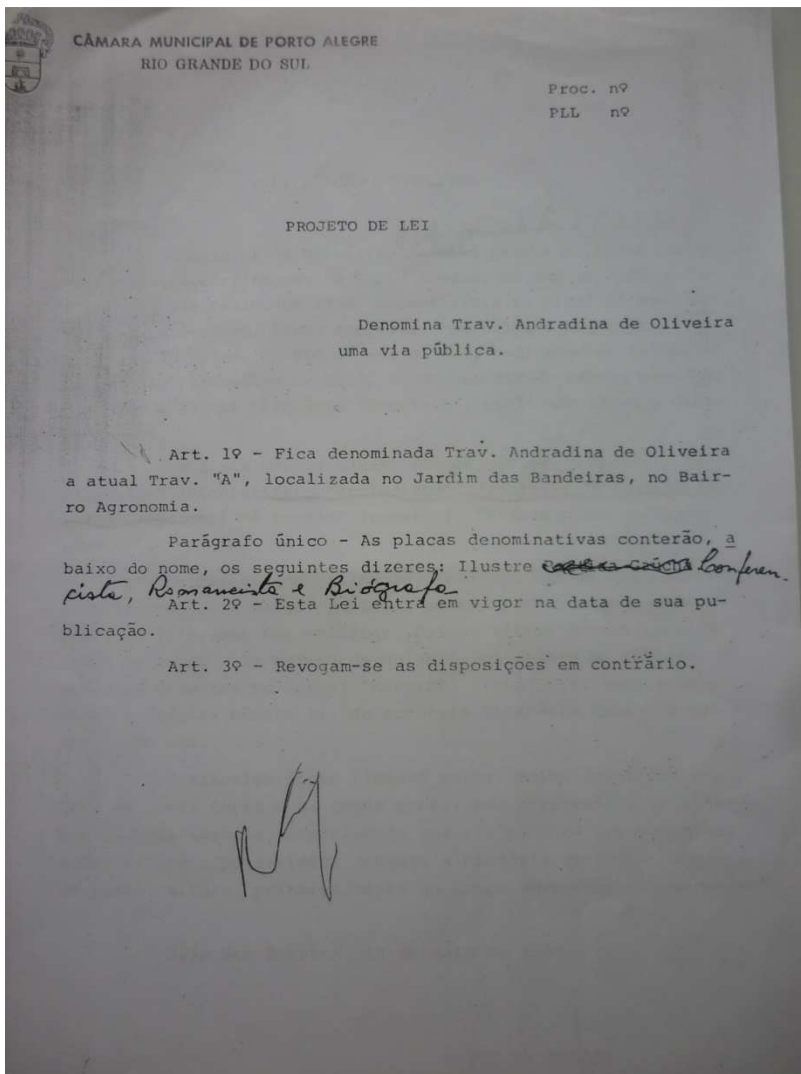


Figura 37: Projeto de Lei da Câmara Municipal de Porto Alegre [parte 2] -
Logradouro público com o nome de Andradina de Oliveira
(Acervo da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul)

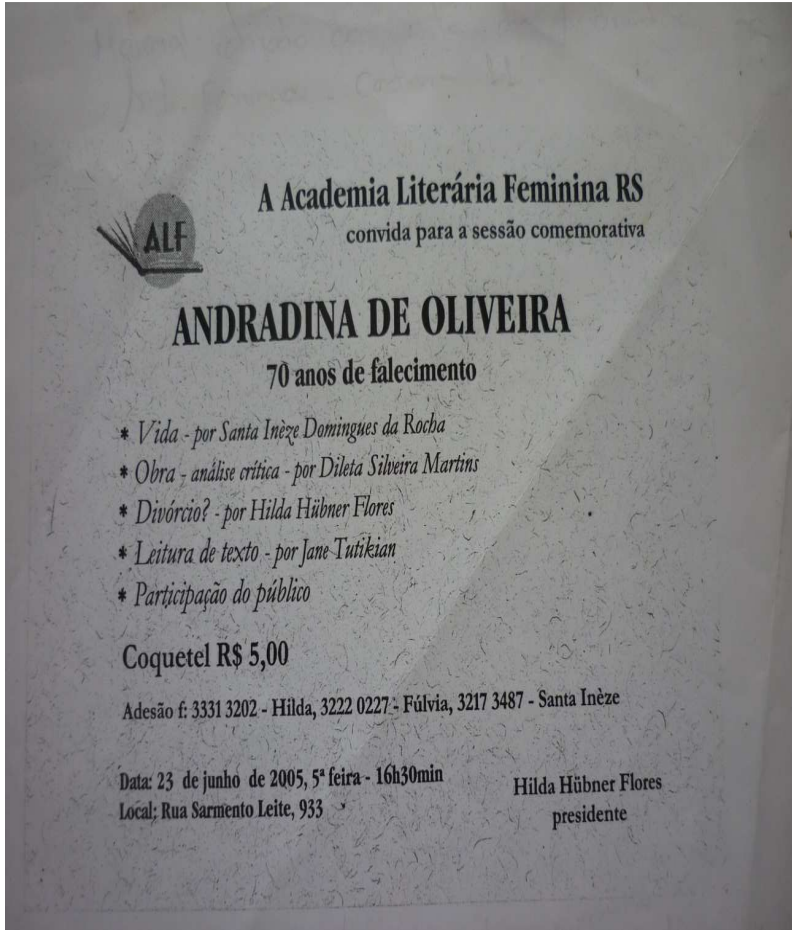


Figura 38: Convite da Sessão comemorativa de Andradina de Oliveira:
70 anos de falecimento
(Acervo da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul)



Figura 39: Foto do Logradouro público, Rua Andradina de Oliveira - Travessa A -, localizado no Jardim das Bandeiras, Porto Alegre (Acervo particular)

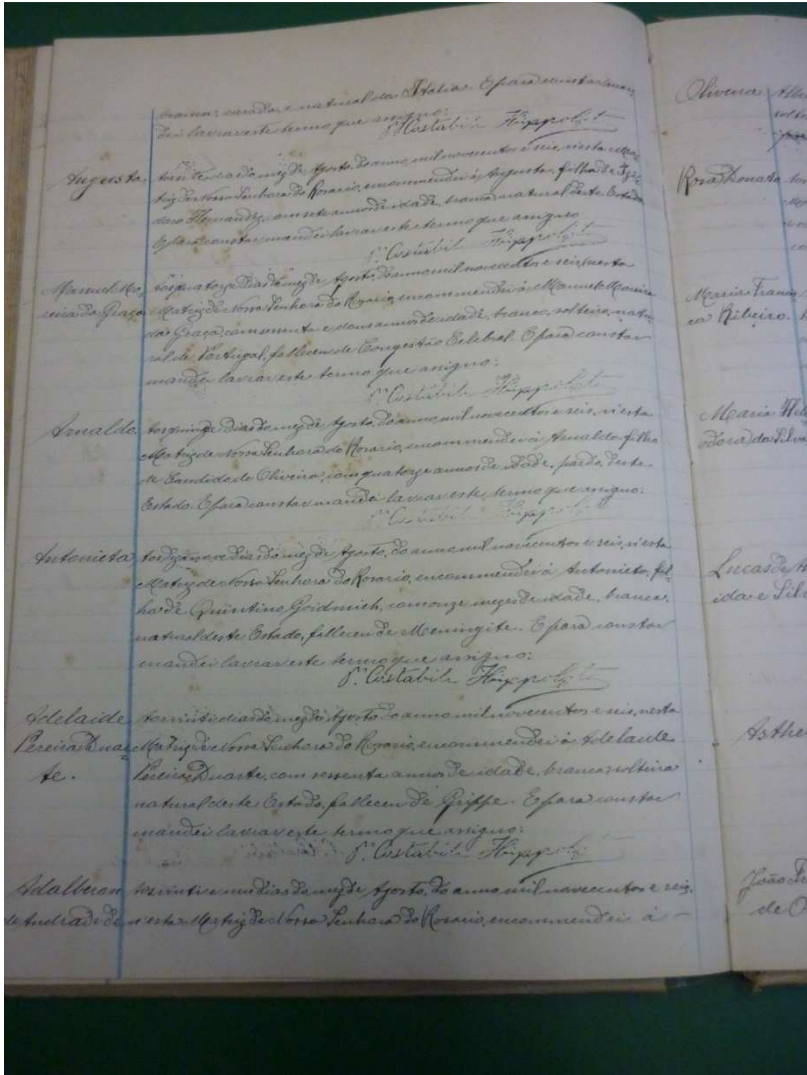


Figura 40: Registro do Livro de Óbitos, L. 17, fl. 73/74, de Adalberto de Andrade “de” Oliveira, falecido em Porto Alegre, em 21 de agosto de 1906, aos 20 anos de idade (Acervo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre)

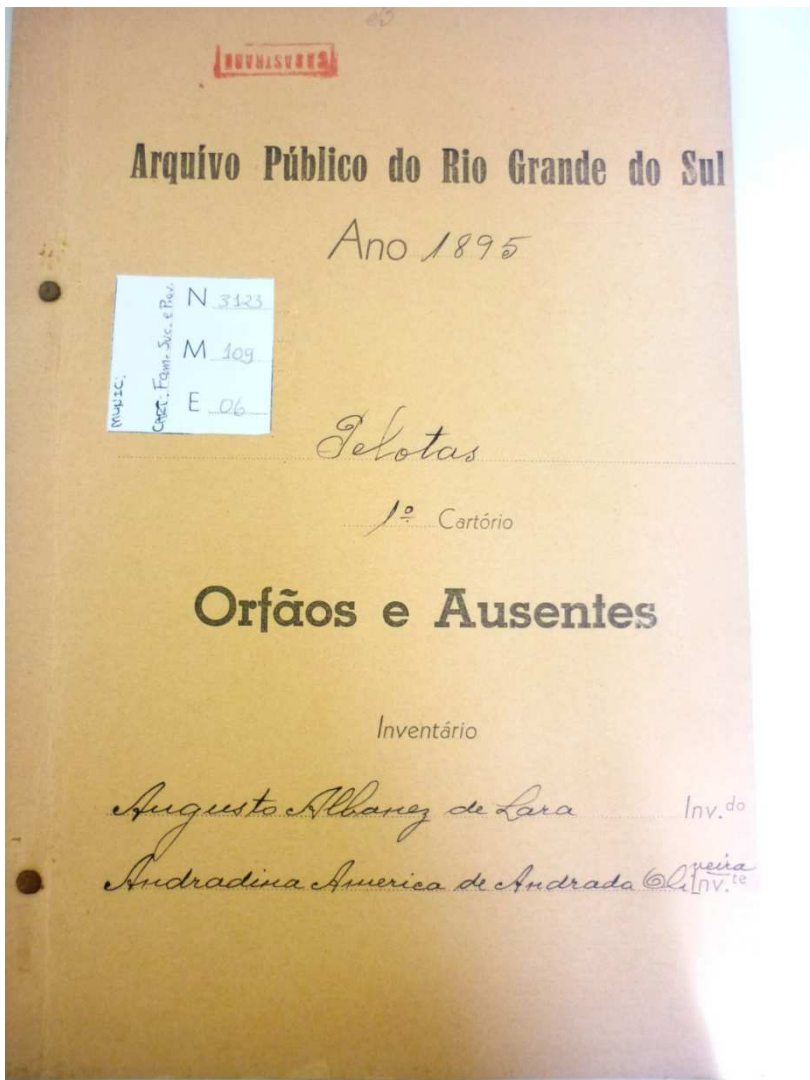


Figura 41: Foto do Inventário de Andradina de Oliveira no 1º Cartório de Órfãos e Ausentes, na cidade de Pelotas, em 1895 [parte 1] (Acervo do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul)

1895

Quinze S'intencional de ciutat de Pilota.

Seu de Museu

Aprovaments

Mou de argent a l'Alfama de Lora	Eduardo
Mou de argent a l'Alfama de Lora	Joaquim

Mou de argent a l'Alfama de Lora 500

La de mol de canya correnta aires en codex de

de mol de canya n'alta a l'Alfama de Lora en

menor de mol de canya a petita aires en

que aires a l'Alfama de Lora que fons aires de

En quinquena aires de l'Alfama de Lora aires.

Figura 42: Inventário [parte 2]

com a ordem a seguir, procedeu nos termos do
 Inventario e publicou, e que

Por ser a. S. q. u.
 R. A. etc. e de que admitit.
 a fazer os respectivos declaracões
 sob o Compromisso legal, e proce.
 quindoe nos termos apor.
 de queijos e de declaracões em
 chiroas.

Nota termos
 P. confirmato
 C. R. M.

Petrol, 5 de Julho de 1893

Andradina N. de S. e Oliveira




Figura 43: Inventário [parte 3]



Figura 45: Foto de Andradina de Oliveira, do livro *A mulher rio-grandense*:
1ª Série – Escritoras mortas, em 1907



Figura 46: Foto de Andradina de Oliveira, do livro *Contos de natal*, em 1908 e de *O Perdão*, em 1910



Figura 47: Foto de Andradina de Oliveira, do livro *Divórcio?*, em 1912



Figura 48: Foto de Andradina de Oliveira, do livro *Divorcio?*, em reedição comemorativa (2007) da proximidade dos cem anos da primeira publicação, em 1912



Figura 49: Foto (xerox) de Andradina de Oliveira, do livro *Safiras*, 1936, de Lola de Oliveira, em homenagem à mãe recentemente falecida



Figura 50: Foto (xerox) de Andradina com a filha, Lola, ainda criança, publicada por Santa Inêze da Rocha, na revista *Caosótica*, 2005



Figura 51: Foto de Lola de Oliveira, do livro *Gente de agora*, de sua autoria, em 1926